

FONTES BIBLIOGRAFICAS  
PARA A PESQUISA DA PRATICA MUSICAL NO  
BRASIL NOS SÉCULOS XVI E XVII

Paulo Augusto Castagna

*Volume II*  
*(documentação)*

Dissertação de Mestrado apresen-  
tada à Escola de Comunicações e  
Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: George Olivier Toni.

## ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

### VOLUME II

#### SEÇÃO I - RELATOS DESCRITIVOS

- 1 PERO VAZ DE CAMINHA - *Carta a D. Manuel, Rei de Portugal, Ilha de Vera Cruz [Bahia Cabralia], 12 de maio de 1500* . . . . . 2
- 2 PILOTO ANÔNIMO PORTUGUÊS - *Navegação do Capitão Pedro Álvares Cabral, [1500 ou pouco depois]* . . . . . 8
- 3 BINOT PAULMYER DE GONNEVILLE - *Relação da viagem do navio l'Espoir de Honfleur, 1503-1505* . . . . . 10
- 4 ANTÔNIO FIGAFETTA - *Relação da navegação e descobrimento da Índia Superior, 1519-1522* . . . . . 12
- 5 PERO LOPES DE SOUSA - *Diário da navegação, 1530-1532* . . . . . 14
- 6 GASPAR DE CARVAJAL - *Relação sobre o descobrimento do rio Amazonas por Francisco de Orellana, [1542]* . . . . . 15
- 7 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa, Bahia, [10? de abril de] 1549* . . . . . 18
- 8 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa, Bahia, 8 de agosto de 1549* . . . . . 19
- 9 MANUEL DA NÓBREGA - *Informação das terras do Brasil [aos padres e irmãos de Coimbra], [Bahia, agosto (?) de 1549]* . . . . . 21
- 10 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa, Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550* . . . . . 23
- 11 PERO DOMENECH - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Lisboa, 27 de janeiro de 1550* . . . . . 25



- 12 JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Bahia, 28 de março de 1550.* . . . . . 27
- 13 PERO CORREIA - *Carta [ao P. João Nunes Barreto], África. [S. Vicente, 20 de junho de 1551].* . . . . . 28
- 14 DIOGO JÁCOME - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. [S. Vicente, junho de 1551].* . . . . . 29
- 15 ANTÔNIO PIRES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Pernambuco, 2 de agosto de 1551.* . . . . . 31
- 16 VICENTE RODRIGUES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Bahia, 17 de maio de 1552.* . . . . . 32
- 17 VICENTE RODRIGUES - *Carta [por comissão do Governador do Brasil Tomé de Sousa ao P. Simão Rodrigues, Lisboa]. [Bahia, maio de 1552].* . . . . . 33
- 18 ANTÔNIO PIRES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Pernambuco, 4 de junho de 1552.* . . . . . 35
- 19 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Bahia, 10 de junho de 1552.* . . . . . 36
- 20 PEDRO FERNANDES SARDINHA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Bahia, julho de 1552].* . . . . . 37
- 21 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Bahia, fins de julho de 1552].* . . . . . 39
- 22 MENINO[S] ORFAO[S] [POR FRANCISCO PIRES] - *Carta ao P. Pero Doménech, Lisboa. Bahia, 5 de agosto de 1552.* . . . . . 40
- 23 FRANCISCO PIRES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Bahia, 7 de agosto de 1552.* . . . . . 45
- 24 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Bahia, fins de agosto de 1552].* . . . . . 46
- 25 VICENTE RODRIGUES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Bahia, 17 de setembro de 1552.* . . . . . 47



- 26 PERO DOMENECH - *Carta ao P. Inácio de Loyola, Roma*. [Lisboa, outubro de 1552]. . . . . 48
- 27 JOÃO DE BARROS - *Ásia. Década primeira*. Lisboa, Germão Galharde, 1552. . . . . 49
- 28 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Simão Rodrigues, Lisboa*. São Vicente, 12 de fevereiro de 1553. . . . . 50
- 28 ANÔNIMO - *Carta aos irmãos de Portugal*. S. Vicente, 10 de março de 1553. . . . . 51
- 30 ANTÔNIO RODRIGUES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra*. São Vicente, 31 de maio de 1553. . . . . 52
- 31 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Lisboa*. São Vicente, 15 de junho de 1553. . . . . 53
- 32 BRÁS LOURENÇO - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra*. Bahia, 30 de julho de 1553. . . . . 55
- 33 PEDRO FERNANDES SARDINHA - *Carta ao Reitor do Colégio de S. Antônio, Lisboa*. Salvador [Bahia], 8 de outubro de 1553. . . . . 56
- 34 BRÁS LOURENÇO - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra*. Espírito Santo, 28 de março de 1554. . . . . 57
- 35 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra*. Porto Seguro, 8 de maio de 1554. . . . . 58
- 36 PERO CORREIA - *Carta [ao P. Brás Lourenço, Espírito Santo]*. São Vicente, 18 de julho de 1554. . . . . 59
- 37 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra*. [Piratininga, 15 de agosto de 1554]. . . . . 60
- 38 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta ao P. Inácio de Loyola, Roma*. São Paulo de Piratininga, [19 de setembro de] 1554. . . . . 61
- 39 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta [ao P. Inácio de Loyola (?)]*. Piratininga, [setembro de] 1554. . . . . 63
- 40 LUÍS DA GRA - *Carta ao P. Inácio de Loyola, Roma*. Bahia, 27 de dezembro de 1554. . . . . 65



- 41 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta ao P. Inácio de Loyola, Roma. São Vicente, [fins de março de] 1555.* . . . . . 66
- 42 DUARTE DA COSTA - *Carta a D. João III, Rei de Portugal. Salvador, 8 de abril de 1555.* . . . . . 68
- 43 AMBRÓSIO PIRES - *Carta ao P. Diego Mirón, Lisboa. Bahia, 6 de junho de 1555.* . . . . . 70
- 44 JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO - *Carta aos padres e irmãos de Coimbra. Porto Seguro, 24 de junho de 1555.* . . . . . 71
- 45 [ANTÔNIO BLASQUES] - *Quadrimestre de janeiro até abril [de 1556]. [Maio de 1556?].* . . . . . 72
- 46 DAMIÃO DE GÓIS - *Crônica do felicíssimo Rei Dom Manuel. Lisboa, Francisco Correa, 1556.* . . . . . 73
- 47 [ANTÔNIO BLASQUES] - *Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557. [Bahia, 19 de janeiro de 1557].* . . . . . 75
- 48 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta [aos padres e irmãos de Portugal (?)]. São Paulo de Piratininga, fim de abril de 1557.* . . . . . 76
- 49 FRANCISCO PIRES - *Carta [ao P. Manuel da Nóbrega, Bahia]. Espírito Santo, [maio de 1557].* . . . . . 79
- 50 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Inácio de Loyola, Roma. [Bahia], 10 de julho de 1557.* . . . . . 80
- 51 HANS STADEN - *Verdadeira história e descrição de uma região de canibais selvagens, nús e ferozes da América, no Novo Mundo. Harpurg, Andres Kolben, 1557.* . . . . . 82
- 52 ANDRÉ THEVET - *As singularidades da França Antártica. Paris, Maurice de la Porte, 1557.* . . . . . 104
- 53 MANUEL DA NÓBREGA - *Carta ao P. Miguel de Torres e a padres e irmãos de Portugal. Bahia, 5 de julho de 1559.* . . . . . 115
- 54 FRANCISCO PIRES - *Carta aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa. [Bahia, 30 (?) de julho de 1559].* . . . . . 117



- 55 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Diego Laynes, Roma. Bahia, 10 de setembro de 1559.* . . . . . 118
- 56 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Diego Laynes, Roma. Bahia, 10 de setembro de 1559.* . . . . . 119
- 57 ANTÔNIO RODRIGUES - *Carta ao P. Manuel da Nóbrega, Aldeia do Espírito Santo. [Paraguacu (Bahia), 28 de setembro de 1559].* . . . . . 120
- 58 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta ao P. Diego Laynes, Roma. São Vicente, 31 de maio de 1560.* . . . . . 121
- 59 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta ao P. Diego Laynes, Roma. São Vicente, 19 de junho de 1560.* . . . . . 122
- 60 JOMO DE MELO - *Carta ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Lisboa. Bahia, 13 de setembro de 1560.* . . . . . 123
- 61 RUI PEREIRA - *Carta aos padres e irmãos de Portugal. [Bahia], 15 de setembro de 1560.* . . . . . 124
- 62 ANTÔNIO PIRES - *Carta aos padres e irmãos de Portugal. [Aldeia de Santiago (Bahia)], 22 de outubro de 1560.* . . . . . 125
- 63 RUI PEREIRA - *Carta aos padres e irmãos de Portugal. Pernambuco, 8 de abril de 1561.* . . . . . 126
- 64 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta ao P. Diego Laynes, Roma. Bahia, [19 de setembro] de 1561.* . . . . . 127
- 65 LEONARDO DO VALE - *Carta por comissão do P. Luís da Grã ao P. Diego Laynes, Roma. Bahia, 23 de setembro de 1561.* . . . . . 131
- 66 LEONARDO DO VALE - *Carta por comissão do P. Luís da Grã aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa. Bahia, 26 de junho de 1562.* . . . . . 133
- 67 LEONARDO DO VALE - *Carta ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Lisboa. Bahia, 12 de maio de 1563.* . . . . . 134
- 68 SEBASTIÃO DE PINA - *Carta ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Lisboa. Bahia, 12 de maio de 1563.* . . . . . 135



- 69 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta [ao P. Diego Mirón, Lisboa].* Bahia, 31 de maio de 1564. . . . . 136
- 70 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta ao P. Diego Mirón, Lisboa.* Bahia, 13 de setembro de 1564. . . . . 138
- 71 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta ao P. Diego Laynes, Roma.* São Vicente, 8 de janeiro de 1565. . . . . 141
- 72 ANTÔNIO BLASQUES - *Carta aos padres e irmãos de Portugal.* Bahia, 8 de maio de 1565. . . . . 143
- 73 QUIRÍCIO CAXA - *Carta ao P. Provincial de Portugal.* Bahia, 13 de julho de 1565. . . . . 145
- 74 JORGE RODRIGUES - *Carta aos padres e irmãos de Portugal.* Ilhéus, 21 de agosto de 1565. . . . . 146
- 75 ANTÔNIO GONÇALVES - *Carta ao P. Diego Mirón, Lisboa.* Porto Seguro, 15 de fevereiro de 1568. . . . . 147
- 76 AMARO GONÇALVES - *Carta ao P. Francisco de Borja, Roma.* Bahia, 16 de janeiro de 1568. . . . . 149
- 77 ANTÔNIO DE SÁ - *Carta ao P. Francisco de Borja, Roma.* [Pernambuco], 3 de julho de 1568. . . . . 150
- 78 INÁCIO DE AZEVEDO - *Visita da Província do Brasil.* [Bahia, julho(?) de 1568]. . . . . 152
- 79 JERÔNIMO OSÓRIO - *Da vida e feitos de El-Rei D. Manoel.* Lisboa, Antônio Gonçalves, 1571. . . . . 153
- 80 PÉRO DE MAGALHÃES GANDAVO - *História da Província Santa Cruz.* c. 1575. . . . . 156
- 81 ANDRÉ THEVET - *A cosmografia universal.* Paris, Guillaume Chaudiere, 1575. . . . . 158
- 82 LUÍS DA FONSECA - *Carta por comissão do P. Provincial Inácio Tolosa ao P. Geral da Companhia de Jesus em Roma.* São Salvador da Bahia, 17 de dezembro de 1577. . . . . 168



- 83 JEAN DE LÉRY - *História de uma viagem feita na Terra do Brasil*.  
La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578. . . . . 170
- 84 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta anual de 1581, ao P. Cláudio Acquaviva*.  
Bahia, 19 de janeiro de 1582. Versão Latina. . . . . 200
- 85 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta anual de 1581, ao P. Cláudio Acquaviva*.  
Bahia, 19 de janeiro de 1582. Versão Portuguesa. . . . . 201
- 86 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta anual de 1583 ao P. Cláudio Acquaviva*.  
Bahia do Salvador, 19 de janeiro de 1584. . . . . 202
- 87 JOSÉ DE ANCHIETA - *Informação do Brasil e de suas  
capitanias*. 1584. . . . . 205
- 88 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta anual de 1584 ou breve relação das coisas  
atinentes aos colégios e residências do Brasil*. Bahia, 27 de  
dezembro de 1584. . . . . 206
- 89 FERNÃO CARDIM - *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de  
seus costumes e cerimônias*. [1584]. . . . . 209
- 90 FERNÃO CARDIM - *Informação da missão do P. Christóvão Gouvêa às  
partes do Brasil ou Narrativa epistolar de uma viagem e missão  
jesuítica*. Colégio da Bahia, 16 de outubro de 1585. . . . . 213
- 91 [JOSÉ DE ANCHIETA ou FERNÃO CARDIM] - *Informação dos colégios e  
casas da Companhia do Brasil e algumas propriedades de terra  
para nosso Padre Geral*. [31 de dezembro de 1585]. . . . . 223
- 92 JOSÉ DE ANCHIETA - *Apontamentos sobre padres da Companhia de  
Jesus*. Após 25 de novembro de 1586. . . . . 225
- 93 GABRIEL SOARES DE SOUSA - *Descrição geográfica da América  
Portuguesa ou Notícia do Brasil ou Tratado descritivo do  
Brasil ou Roteiro geral da costa do Brasil ou Memórias  
histori-cosmográficas da Bahia*. 19 de março de 1587. . . . . 226
- 94 [SILVIO TRAVASSOS] - *Sumário das armadas*. Entre 1587 e 1588. . . . . 236
- 95 [FRANCISCO SOARES] - *Algumas coisas mais notáveis do Brasil e  
alguns costumes dos índios*. [1580]. . . . . 237
- 96 JOSÉ DE ANCHIETA - *Carta ao Capitão Miguel de Azevedo, Espírito  
Santo*. Bahia, 19 de setembro de 1592. . . . . 238



|     |  |     |
|-----|--|-----|
| 97  | [FRANCISCO SOARES] - <i>Algumas coisas mais notáveis do Brasil.</i><br>[Entre 1591 e 1596]. . . . .  | 240 |
| 98  | QUIRÍCIO CAXA - <i>Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta.</i> 1598. . . . .   | 243 |
| 99  | ANÔNIMO - <i>História dos colégios do Brasil.</i> Século XVI. . . . .  | 245 |
| 100 | FERNÃO GUERREIRO - <i>Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus &lt;...&gt; Nos anos de 1602 e 1603.</i> Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605. . . . .   | 248 |
| 101 | [JERÔNIMO RODRIGUES] - <i>Relação da missão dos carijós.</i> 1605-1607. . . . .  | 250 |
| 102 | PERO RODRIGUES - <i>Vida do Padre José de Anchieta.</i> Bahia, 30 de janeiro de 1607. . . . .  | 251 |
| 103 | DIVERSOS - <i>Correspondência de Diogo Botelho.</i> 1602-1608. . . . .   | 254 |
| 104 | PIERRE DU JARRIC - <i>Segunda parte, da história das coisas memoráveis ocorridas tanto nas Índias Orientais quanto em outros países descobertos pelos portugueses, &lt;...&gt; desde a entrada dos jesuítas até o ano de 1600.</i> Bordeau, Simon Millanges, 1610. . . . . | 255 |
| 105 | [JÁCOME MONTEIRO] - <i>Relação da província do Brasil.</i> [1610]. . . . .   | 258 |
| 106 | HENRIQUE GOMES - <i>Carta do P. Provincial ao P. Assistente em Roma, Antônio de Mascarenhas.</i> Bahia, 16 de junho de 1614. . . . .   | 264 |
| 107 | CLAUDE D'ABBEVILLE - <i>História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão.</i> Paris, François Huby, 1614. . . . .   | 267 |
| 108 | [DIOGO DE CAMPOS MORENO] - <i>Jornada do Maranhão.</i> [Em viagem do Maranhão a Lisboa, entre janeiro e março de 1615]. . . . .  | 288 |
| 109 | YVES D'EVREUX - <i>Continuação da história das coisas memoráveis ocorridas no Maranhão nos anos 1613 e 1614, segundo tratado [em sequência ao livro de CLAUDE D'ABBEVILLE].</i> Paris, François Huby, 1615. . . . .  | 290 |
| 110 | FRANÇOIS PYRARD - <i>Viagem de François Pyrard, de Laval.</i> Paris, Samuel Thiboust, 1615. . . . .  | 318 |



- 111 SEBASTIANO BERETTARI - *Vida do Padre José de Anchieta*. Lion, Horácio Cardon, 1617. . . . . 319
- 112 [AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO ou SIMÃO TRAVASSOS] - *Diálogos das grandezas do Brasil*. [Capitania da Paraíba (?), primeiro semestre de] 1618. . . . . 325
- 113 ANTÔNIO DE ARAÚJO - *Catecismo na língua brasílica*. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1618. . . . . 329
- 114 CRISTÓVÃO VALENTE - *Cantigas na língua [tupi] (poemas brasílicos), para os meninos da santa doutrina*. 1618 (ou antes). . . . . 333
- 115 ANTÔNIO DE MATOS - *Informação das ocupações dos padres e irmãos do Rio de Janeiro para o padre assistente de Portugal em Roma*. Rio de Janeiro, março de 1619. . . . . 342
- 116 CAMARISTAS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO - *Carta a El-Rei de Portugal*. São Luís, 9 de dezembro de 1619. . . . . 343
- 117 MANUEL GOMES - *Informação da ilha de São Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará [ao P. Geral Vitelleschi]*. Lisboa, 22 de janeiro de 1621. . . . . 344
- 118 MANUEL DA ILHA - *Narrativa da custódia de S. Antônio do Brasil, ou Relação e número das casas e das doutrinas nela existentes outras coisas dignas de menção*. Convento de Santa Catarina de Carnota de Portugal, 30 de agosto de 1621. . . . . 346
- 119 MANUEL DE ARAÚJO - *Extrato de algumas coisas escritas do Brasil no ano de 1621*. 31 de dezembro de 1621. . . . . 348

## VOLUME III

- 120 [LEONARDO DO VALE] - *Vocabulário da língua brasílica*. 1621. . . . . 350
- 121 [ANÔNIMO] - *Relação da tomada da cidade de São Salvador pela armada holandesa*. Veneza, Antônio Pinelli, 1624. . . . . 354



- 122 BARTOLOMEU GUERREIRO - *Jornada dos vassallos da coroa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador [em 1625]*. Lisboa, Mateus Pinheiro, 1625. . . . . 355
- 123 MANUEL DE MENEZES - *Recuperação da cidade do Salvador*. 1625 ou pouco depois. . . . . 357
- 124 ANTÔNIO VIEIRA - *Carta ánuã do Brasil ao P. Geral da Companhia de Jesus*. Bahia, 30 de setembro de 1626. . . . . 359
- 125 VICENTE DO SALVADOR - *História do Brasil*. Lisboa, 20 de dezembro de 1627. . . . . 361
- 126 JOHANN GREGOR ALDENBURGH - *Viagem às Índias Ocidentais e descrição da conquista e perda da cidade de São Salvador*. Loburgk, Friedrich Grüner, 1627. . . . . 371
- 127 JOHANNES BAERS - *Olinda conquistada*. Amsterdam, Hendrick Laurentsz, 1630. . . . . 373
- 128 DIOGO LOPES DE SANTIAGO - *História da guerra de Pernambuco*. c. 1635 ou depois. . . . . 375
- 129 LUIZ FIGUEIRA - *Memorial sobre a conquista do Maranhão*. Lisboa, 10 de agosto de 1637. . . . . 377
- 130 PEDRO CADENA DE VILHASANTI - *Cartas*. Bahia de Todos os Santos, 1638. . . . . 378
- 131 [ANÔNIMO] - *Relação da vitória que alcançaram as armas católicas na Bahia de Todos os Santos contra os holandeses que foram sitiá-la aquela praça a 14 de junho de 1638*. Madrid, Francisco Martinez, 1638. . . . . 379
- 132 ADRIAEN VAN DER DUSSEN - *Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses*. 10 de dezembro de 1639. . . . . 380
- 133 [LUÍS LOPES] - *Relação da viagem do socorro que o Mestre de Campo D. Diogo Lobo levantou nas Ilhas dos Açores*. 1639. . . . . 381
- 134 MANUEL SEVERIM DE FARIA - *História portuguesa e de outras províncias do ocidente desde o ano de 1610 até o de 1640*. Após 1640. . . . . 385



- 135 ANÔNIMO - *Relação da aclamação que se fez na capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil e nas mais do sul ao Senhor Dom João IV*. Lisboa, Jorge Rodrigues, 1641. . . . . 386
- 136 ANTÔNIO TELES DA SILVA - *Carta*. Bahia, 04 de junho de 1644. . . . . 387
- 137 JOHANNES DE LAET - *História ou annais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais [até 1636]*. Leyden, Abraham Elzevier, 1644. . . . . 388
- 138 ANTÔNIO TELES DA SILVA - *Carta ao Rei de Portugal, D. João IV*. Bahia, 15 de outubro de 1645. . . . . 392
- 139 BALTAZAR TELES - *Crônica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645. . . . . 393
- 140 KASPAR VON BAERLE - *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Amsterdam, Johannes Blaeu, 1647. . . . . 395
- 141 [ANÔNIMO] - *Jornal da viagem da frota dos Países Baixos Unidos para o Brasil [em 1648]*. Amsterdam, J. van Hilten, 1648. . . . . 398
- 142 MANUEL CALADO - *O valeroso lucideno*. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1648. . . . . 400
- 143 WILLEM PISO - *História natural do Brasil*. Amsterdam, Ludovicum Elzevirium, 1648. . . . . 411
- 144 PIERRE MOREAU - *Relação da viagem de Roulox Baro*. Paris, Augustin Courbé, 1651. . . . . 413
- 145 ANTÔNIO VIEIRA - *Carta ao Padre Provincial do Brasil*. Maranhão, 22 de maio de 1653. . . . . 423
- 146 ANTONIO VIEIRA - *Carta ao Padre Provincial do Brasil*. [Pará (?), janeiro (?) de] 1654. . . . . 426
- 147 ANTONIO VIEIRA - *Carta ao Padre Provincial ao Brasil*. Maranhão, [antes de 22 de março de] 1654. . . . . 427
- 148 DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO - *Memórias diárias da guerra do Brasil*. Madrid, Diogo Dias de la Carrera, 1654. . . . . 428



- 149 RICHARD FLECKNO - *Relação de uma viagem de dez anos pela Europa, Ásia, África e América*. Londres, impresso pelo autor, [c. 1656]. . . . . 430
- 150 ANTÔNIO VIEIRA - *Carta ao Padre Provincial do Brasil*. Maranhão, 10 de junho de 1658. . . . . 432
- 151 SIMÃO DE VASCONCELOS - *Vida do Padre João de Alencida*. Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1658. . . . . 433
- 152 ANTÔNIO VIEIRA - *Relação da missão da Serra de Ibiapaba*. 1659. . . . 436
- 153 ANTÔNIO MENDES - *Petição ao Rei de Portugal*. Lisboa, 28 de novembro de 1659. . . . . 440
- 154 ANTÔNIO VIEIRA - *Carta ao Rei de Portugal, D. Afonso VI*. Maranhão, 28 de novembro de 1659. . . . . 441
- 155 MAURÍCIO DE HERIARTE - *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupé e Rio das Amazonas*. 1662. . . . . 443
- 156 SIMÃO DE VASCONCELOS - *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663. . . . . 446
- 157 DIONIGI DE CARLI - *O ouro transportado à ilustre cidade de Veneza*. Reggio, 1672. . . . . 462
- 158 SIMÃO DE VASCONCELOS - *Vida do venerável Padre José de Anchieta*. Lisboa, João da Costa, 1672. . . . . 466
- 159 FRANCISCO DE BRITO FREIRE - *Nova lusitânia, história da guerra brasílica*. Lisboa, João Galvão, 1675. . . . . 471
- 160 JOÃO FELIPE BETTENDORF - *Compêndio da doutrina cristã na língua portuguesa e brasílica*. Lisboa, Miguel Deslandes, 1678. . . . . 473
- 161 ANÔNIMO - *Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco*. Após 1678. . . . . 476
- 162 JOHAN NIEUHOE - *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Amsterdam, Jacob van Meurs, 1682. . . . . 477
- 163 URBAIN SOUCHU DE RENNEFORT - *História das Índias Orientais*. Paris, Arnoul Seneuze, 1688. . . . . 484



- 164 JOÃO DE SOUSA FERREIRA - *América abreviada*. Lisboa, 20 de maio de 1693. . . . . 486
- 165 FRUTUOSO CORREIA - *Relação da viagem que fez o Padre Frutuoso Correia mandado por ordem de nosso Reverendo Padre Geral Tirso Gonzales a ler teologia ao Maranhão*. São Luis, 26 de maio de 1696. . . . . 488
- 166 JOÃO FELIPE BETTENDORF - *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. [Maranhão], 25 de maio de 1698. . . . . 491
- 167 MANUEL DE MORAIS NAVARRO - *Carta a D. João de Lencastre*. Campanha do Assu, 25 de agosto de 1699. . . . . 510
- 168 GREGÓRIO DE MATOS GUERRA - *Obra poética*. Escrita até 1696. . . . . 511
- 169 RAPHAEL DE JESUS - *Castrioto lusitano*. Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello, 1697. . . . . 542
- 170 JORGE BENCI - *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. [Bahia, 1700]. . . . . 546
- 171 MARTIN DE NANTES - *Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martin de Nantes*. Quimper, Jean de Perier, [1707]. . . . . 548
- 172 MARTIN DE NANTES - *Cânticos espirituais [na língua daubucua dos índios cariris]*. [Anterior a 1709]. . . . . 556
- 173 SEBASTIÃO DA ROCHA PITA - *História da América Portuguesa*. Lisboa, José Antônio da Silva, 1730. . . . . 561
- 174 SAMUEL FRITZ - *Missão dos cagwas, jurimagwas, aisuares, ibanomas e outras nações desde o napo até o Rio Negro*. 1731. . . . . 564
- 175 DIOGO BARBOSA MACHADO - *Biblioteca lusitana, tomos I e II*. Lisboa, Antônio Isidoro da Fonseca, 1741-1747. . . . . 567
- 176 APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO - *Flor peregrina por preta, ou nova maravilha da graça*. Lisboa, Oficina Pinheirense da Música, 1744. . . . . 570
- 177 ANDRÉ DE BARROS - *Vida do apostólico Padre Antônio Vieira*. Lisboa, Nova Oficina Silviana, 1746. . . . . 572



- 178 MANUEL DA FONSECA - *Vida do venerável Padre Belchior de Pontes*.  
Lisboa, Francisco da Silva, 1752. . . . . 577
- 179 JOSÉ DE MORAIS - *História da Companhia de Jesus na Província do  
Maranhão e Pará*. Colégio do Pará, julho de 1759. . . . . 580
- 180 ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO - *Novo orbe seráfico brasilico*.  
Lisboa, Antônio Vicente da Silva, 1761. . . . . 589
- 181 MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIAÇÃO TEIXEIRA - *Crônica do Mosteiro de  
São Bento de Olinda até 1763*. Anterior a 1768. . . . . 586
- 182 JOSÉ MAZZA - *Dicionário biográfico de músicos portugueses*.  
Anterior a 1797. . . . . 597

## SEÇÃO II - REGISTROS OFICIAIS

## A - Documentos sobre a música na Sé de Salvador (1552-1701).

- 183 GOVERNO GERAL DO BRASIL - *Diversos sobre os músicos da Sé da  
Bahia*. 1552-1701. . . . . 600

## B - Ordenados de músicos da Bahia (1608-1638).

- 184 [D. FELIPE III] - *Alvará real de 23 de novembro de 1608*. . . . . 622
- 185 [DIOGO DE CAMPOS MORENO (?)] - *Livro que dá razão do Estado do  
Brasil*. c. 1616 ou antes. . . . . 624
- 186 [D. FELIPE III] - *Alvará real de 24 de outubro de 1616*. . . . . 627
- 187 ANÔNIMO - *Relação da capitania do Brasil*. Escrita em partes, de  
pouco antes de 1617 até pouco após 1624. . . . . 630
- 188 QUARTEL DE SÃO BENTO - *Lista de pagamentos*. Bahia, 18 de outubro  
de 1638. . . . . 632

## C — Documentos sobre atambores, caixas e trombetas na Bahia (1549-1703).

- 189 [ESTADO DO BRASIL] — *Mandados de pagamento a "atambores" e "trombetas".* Bahia, 1549-1553. . . . . 634
- 190 [ESTADO DO BRASIL] — *Diversos sobre "atambores" e "caixas".* Bahia, 1661-1703. . . . . 641

## D — Documentos sobre a música em São Paulo (1562-1705).

- 191 CÂMARA DA VILA DE SÃO PAULO — *Atas.* 1562-1700. . . . . 645
- 192 CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO — *Provisão de Mestre de Capela de Manuel Vieira de Barros.* Rio de Janeiro, 06 de abril de 1657. . . . . 652
- 193 SE APOSTÓLICA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO — *Provisão de Mestre de Capela de Manuel Lopes de Siqueira.* Rio de Janeiro, 8 de março de 1683. . . . . 653
- 194 CARTÓRIO DE ÓRFÃOS DA VILA DE SÃO PAULO — *Inventários e testamentos.* 1599-1705. . . . . 655

## E — Documentos sobre a música em Belém do Pará (c. 1658-1694).

- 195 ANTÔNIO VIEIRA — *Visita do P. Antônio Vieira.* [Colégio do Pará, entre 1658 e 1661]. . . . . 676
- 196 SEMINÁRIO DE BELÉM — *Regulamento.* Belém, 1694. . . . . 682



## SÍMBOLOS GRÁFICOS E ABREVIATURAS

|                        |  |
|------------------------|--|
| 23.                    | Número do parágrafo da parte considerada (livro, capítulo, etc.), quando já indicado pelo autor ou editor.   |
| [23.]                  | Número do parágrafo da parte considerada, quando não ocorre na edição consultada.  |
| <...>                  | Supressão de parte de um parágrafo.  |
| [...]                  | Supressão de um ou mais parágrafos, anteriores ou posteriores ao que foi transcrito.   |
| f. / p.                | Fólio / página.  |
| ff. / pp.              | Fólios / páginas.  |
| (p. 23) ou [p. 23]     | Página do documento antigo consultado, quando indicada (parêntesis) ou não (colchetes).  |
| [p. 54] (p. 23)        | Página da edição consultada, precedida da página que corresponde ao documento antigo.  |
| (f. 54r)<br>(f. 54v)   | Indicação de fólio e lado (r, reverso, v, verso).  |
| (f. 83r)<br>(f. biljr) | Fólios indicados por letras maiúsculas ou minúsculas (que correspondem ao caderno, unidade de encadernação dos livros antigos) e por algarismos arábicos ou romanos (grafia arcaica), que dão a posição do fólio no caderno. |
| [palavra]              | Letra, palavra ou trecho restaurado (por nós ou pelo editor).  |
| [palavra]              | Palavra ou trecho interpolado na transcrição, com informações que facilitem a compreensão do assunto, principalmente com relação a nomes, datas e locais.  |

|                    |  |
|--------------------|--|
| [ "palavra" ]      | O mesmo, porém, utilizando-se de trechos extraídos ou traduzidos do texto consultado. É usado também para incluir no corpo da transcrição as notas marginais da edição antiga, geralmente encontradas ao lado das páginas. |
| [grav.]            | Representação das gravuras que normalmente aparecem na página de rosto dos livros antigos.   |
| ni.                | Indicação que remete à nota de rodapé.   |
| v.                 | Volume.  |
| cap.               | Capítulo.  |
| § / §§             | Parágrafo / parágrafos.  |
| Cf.                | Confira.   |
| MS / MSS           | Manuscrito / manuscritos.  |
|                    | Divisão de linhas indicada pelo editor ou incluída na transcrição de um manuscrito consultado (original ou facsimile) ou da página de rosto de um livro antigo (anterior ao século XX).                                    |
| ¶                  | Divisão de parágrafos, indicada apenas em cabeçalhos e notas de rodapé.  |
| MARTIN DE NANTES ★ | Indicação de que o texto citado desse autor consta da documentação recolhida. As obras com essa marca estão relacionadas no item B.1 da bibliografia (vol. I).   |
| BIEB               | Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.   |
| BMA                | Biblioteca Municipal "Mário de Andrade" - São Paulo.   |



SEÇÃO I — RELATOS DESCRITIVOS

# PERO VAZ DE CAMINHA

(1440 ? - 1500)

**DOCUMENTO:** CARTA A D. MANUEL, REI DE PORTUGAL. Ilha de Vera Cruz [Sahia Cabralia], 12 de maio de 1500.

**TEXTO:** Autógrafo em português. Lisboa, Torre do Tombo, Gaveta III, 2, B, de 14 ff., No f. 1r: « Sôr ». Endereço (f. 14v.): « A El Rey, nosso Sôr » [Autógrafo]. Segunda letra: « Carta de Pedro vaz caminha sobre o descobrimento da Terra nova q' fez Pedro Alves. Feita na Ilha de Vera Cruz em o 12 de Maio de 1500 ». Terceira letra: « Carta de po. Vaz decasinhado descobriêto da terra nova q' fez po. Alvarez » [do escrivão do secretário de D. Manuel]. Quarta letra: « Gaveta 68 Mayo 25 - Nº 3 ». Quinta letra: « Aqui esta junta numa copia para alher intelligencia desta original ». Última letra: « Transcrito do L. 13 da Reforma dos Documentos das Gavetas a f. 43 ». Assinatura autografa: « pº vaz de caminha ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Dezenas de edições deste documento vêm sendo feitas, desde o princípio do século XIX. JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da História do Brasil*, 1979, livro I, cap. 1, nº 1, pp. 3-4) enumera as principais, acusando a de JAIME CORTESÃO como uma das melhores.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES *op. cit.*, livro I, cap. 1, nº 1, p. 1) informa: « A biografia do nosso primeiro cronista [Porto? 1450? - Calcuta 1500] não está escrita. Pertencente à classe média letrada, Caminha foi Cavaleiro das Casas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel. Em 1475, herdou de seu pai, Vasco Fernandes de Caminha, a posição de mestre da Balança da Moeda, no Porto, cargo de responsabilidade em sua época. Em 1497 foi escolhido para redigir os capítulos da Câmara do Porto a serem apresentados às Cortes em Lisboa. ¶ Caminha aceita-se escrivão da Armada de Pedro Álvares Cabral e navegar na capitânia com o comandante Aires Correia. Não parecia muito interessado em política e navegação, mas sim no comércio. Morreu no massacre de Calcuta, em dezembro de 1500, presumivelmente aos 50 anos de idade ».

**PUBLICAÇÃO E LEITURA ATUAL UTILIZADA:** JAIME CORTESÃO - A carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo, Livraria Editora Livros de Portugal LTDA, 1943. [Transcrição paleográfica:] Parte II - Transcrição e exegese da Carta: Cap. VI - Estudo paleográfico e transcrição da carta, pp. 127-189. [Leitura atual:] Cap. VII - Carta de Pero Vaz de Caminha. Adaptação à linguagem atual, pp. 193-241.

**LEITURA ATUAL:** *idem* *supra*.

**OBSERVAÇÕES:** 1) A edição de 1943 não possui paginação própria no capítulo onde a carta está reproduzida, sendo aqui deduzida; 2) O excelente trabalho de MANUEL VEIGA (*Portuguese chronicles: Caminha's letter as an ethnohistorical document*, Art. 19), 3-62, dez. 1963) traz elementos suficientes para a compreensão das informações sobre usanças deixadas pelo escrivão de D. Manuel, complementando as notas que aqui transcrevemos.

## TEXTO PORTUGUÊS

[...]

[6.] [f. 3v] (pp. 144-145) ao sábado pela manhã mandou o capitão fazer vella | e fomos demandar a entrada a qual era muy lar|gua e alta de bj | bij braças e entraram todalas | naos dentro e ancoraram-se em b bj braças / a | qual ancoragem dentro he tan grande e tão fre|mossa e tan segura que podem fazer dentro neela | mais de

## LEITURA ATUAL

[...]

(p. 207) [sábado, 25 de abril] Ao sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era muy larga e alta de seis a sete braças. Entraram todas (p. 208) as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças - ancoragem dentro tão grande, tão formosa e tão segura que podem abrigar-se nela mais de



ij<sup>1</sup> navjos e naos. e tanto que as naos | foram pousadas e ancoradas vieram os capitães | todos a esta nao do capitam moor edaguy mandou | ocapita a nicolao coelho ebertolameu diiz que fo|sen em terra eleuassen aqueles dous homeẽs eos lei|xasem hir com seu arco e seetas. aos quases mādou | dar senhas camisas novas e senhas carapuças ver|melhas e dous rrosairos de contas brancas doso que | eles leuassan nos braços e senhos cascavees e senhas | campainhas. e mandou cõ eles pera ficar la huũ | mancebo degradado criado de dom joham teelo aq̃ | ohamã a<sup>a</sup> rribeiro pera andar la com eles e saber | de seu vjuer e maneira e amỹ mandou que fosse | cõ nicolao coelho. <...> E entam se começaram dechegar mujtos [f. 4r] (pp. 146-147) e entravam pela beira do mar pera os batees ataa | que mais nom podiam e traziam cabaços dagoa | e tomam alguns barijs que nos leuamos e em|chiamos dagoa etrazianos aos batees. nõ que eles | de todo chegassem abordo do batel. mas junto cõ ele | lançauũno dagaão e nos tomamolos epe|diam que lhes desen alguma coussa. / leueua nj|colao coelho cascavees e manjilhas e huũs daua | huũ cascavel e aoutros huũa manilha. denan<sup>ra</sup> | que com aquela encarne casy nos queriam dar | anaão. Deuũnos daqueles arcos e seetas por son|breiros e carapuças de linho e por qualq̃r coussa | que lhes homẽ queriã dar. / <...>

[...]

[8.] [f. 5r] (pp. 150-151) ao domingo de pascoela pela manhaã detrenj|nou ocapitam dhir ouvir missa e pregapam na|quele jlheco. e mandou atodos capitães que se | corejessem nos batees e fossem cõ ele e asy foy feito. / | mandou naquele jlheco armar huũ esperavel | e dentro neele aleuantar altar muy bem core|gido e aly com todos nos outros fez dizer missa | aqual dise o padre frey anrique em voz entoa|da e oficiada cõ aquela neesma voz pelos outros | padres e sacerdotes que aly todos heram. / aqual | missa seg<sup>o</sup> meu parecer foy

duzentos navios e naus. E tanto que as naus quedaram ancoradas, todos os capitães vieram a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fôsem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, e isto depois que fez dar a cada um sua camisa nova, sua carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que õles levaram nos braços, seus cascavéis<sup>a</sup> e suas campainhas. E mandou com õles, para lá ficar, um mancebo degradado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com õles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fôsse com Nicolau Coelho.

[...]

(p. 209) Então se começaram de chegar muitos. Entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam; traziam cabaços de água, e tomavam alguns barris que nós levávamos; enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que õles de todo chegassem à borda do batel. Mas junto a õle, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa. Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas. E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha, de maneira que com aquele engêdo quase (p. 210) nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar.

(p. 212) [domingo, 26 de abril] Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se apresentassem nos batéis e fôsem com õle. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperavel, e dentro dõle um altar muy bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoad<sup>a</sup>, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu



ouvida per todos cõ | muito prazer  
e dauaõm. aly era com o capitã |  
abandeira de xpos com que sayo  
debelem a | qual esteue senpre alta  
aparte do auanjelho. / | acabada  
amisa desuestiosse o padre esposese  
em | huã cadeira alta e nos todos  
lançados per esa | areia e preegou  
huã solene e proveitosa preega|com  
da estores do auanjelho. e em fim  
dela tra|utou de nossa vinda e do  
achamento desta trra cõ|formandose  
cõ o sinal da cruz so cuja  
obediencia | vjmos aqual veo muito  
apreposito e fez muita deuacõm. | em  
quanto esteuemos amisa e  
apregacõm | seria na praya outa  
tanta gente pouco mais | ou menos  
como os dõtem cõ seus arcos e  
setas | os quases andauam folgando  
e olhandonos | e asentaramse. e  
despois d'acabada amisa aseñ|tados  
nos apregacõm aleuantaramse muitos  
| deles e tãjeram corno ou vozina  
e comeparan | asaltar e dançar hu  
pedaço. <...> [f. 5v] (pp. 152-153)  
<...> sayo | huã homẽ do esquife de  
bertolameu dijs. e | andua  
entreles sem eles entenderem nada |  
neele quanta pera lhe fazerem mal.  
se nõ quã|to lhe dauam cabaços  
d'agua e acenavã aos | do esquife  
que saissen em trra. cõ jsto se  
volveo | bertolameu dijs ao capitã  
e viemonos aas | naos acomer  
tanjendo trombetas e gaitas | sem  
lhes dar mais apressa e eles  
tornaramse assentar na praya Easy  
por entã ficarã. / <...>

[10.] [f. 7v] (pp. 160-161)  
<...> aalem do rrio andauã | muitos  
deles dançando e folgando huã |  
ante outros sem se tomarem pelas  
mãos e | faziãno bem / . passouse  
entã aalem do rrio | diago dijs  
alxª que foy de sacaem que he homẽ  
| gracioso e de prazer e leuou  
consigo huã ga|yteiro noso co sua  
gaita e meteose cõ eles | adançar  
tomandcos pelas mãos e eles  
folga|uam e rriam e andauam co ele  
muy bem | ao soe da gaita. despois  
de dançarem fez-lhe | aly andando no  
chão muitas voltas lige|iras e  
salto rreal deque se eles  
espantauam | e rriam e folgaus  
muito. e com quanto os | cõ aquilo

parecer, foi ouvida por todos com  
muito prazer e devoção. Ali era com  
o Capitão a bandeira de Cristo, com  
que saiu de Belém, a qual esteve  
sempre levantada, da parte do  
Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o  
padre e subiu a uma cadeira alta; e  
nós todos lançados por essa areia.  
E prẽgou uma solene e proveitosa  
prẽgação da história do Evangelho,  
ao fim da qual tratou da nossa  
vinda e do achamento desta terra,  
conformando-se com o sinal da Cruz,  
sob cuja obediência viemos, o que  
foi muito a propósito e fez muita  
devoção. Enquanto estivemos à missa  
e à prẽgação, seria na praia outra  
tanta gente, pouco mais ou menos  
como a de ontem, com seus arcos e  
setas, a qual andava folgando. E  
olhando-nos, sentaram-se. E, depois  
de acabada a missa, assentados nós  
à prẽgação, levantaram-se muitos  
dêles, tangeram corno ou buzina e  
começaram a saltar e a dançar um  
pedaço. <...> (p. 213) Saiu um  
homem do esquife de Bartolomeu Dias  
e andava entre êles, sem implicarem  
nada com êle para fazer-lhe mal.  
Antes lhe davam cabaços de água, e  
acenavam aos do esquife que saíssem  
em terra.

Com isso se voltou Bartolomeu  
Dias ao Capitão; e viemonos às  
naus, a comer, tanjendo gaitas<sup>3</sup> e  
trombetas, sem lhes dar mais  
opressão. E êles tornaram-se a  
assentar na praia e assim por então  
ficaram.

(p. 221) [domingo, 26 de abril]  
Além do rio, andavam muitos dêles  
dançando e folgando, uns diante dos  
outros, sem se tomarem pelas mãos.  
E faziam-no bem. Passou-se então  
além do rio Diogo Dias, almoxarife  
que foi de Sacavém, que é homem  
gracioso e de prazer; e levou  
consigo um gaiteiro nosso com sua  
gaita. E meteu-se com êles a  
dançar, tomando-os pelas mãos; e  
êles folgavam e riam, e andavam com  
êle muito bem ao som da gaita.  
Depois de dançarem, fez-lhes ali  
andando no chão, muitas voltas  
ligeiras e salto real<sup>4</sup>, de que  
êles se espantaram e riam e  
folgavam muito. E conquanto com



muito segurou e afagou, tomavam logo hũa esquiveza como monteses e foram-se para cima. <...>

[...]

[12.] <...> [f. 9r] (pp. 166-167) resgataram lá por cascavéis, e por outras coisinhas de pouco valor q' levavam papagaios vermelhos muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos e carapuças de penas verdes e um pano de penas de muitas cores maneira de tecido assaz fremeoso seg' vossa alteza todas estas cousas vera por que o capitã volas ha de mandar seg' ele dise. <...>

[...]

[14.] <...> [f. 11v] (pp. 176-177) em quanto aly este dia andaram sempre ao soã dhuũ tanbory nosso dançarã e bailharã cõ os nossos. / é maneira que san muito mais nossos amigos que nos seus. / <...> Hoje que he sexta feira primeiro dia de mayo pela manhã saímos em terra cõ nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul [f. 12r] (pp. 178-179) onde nos pareceo que seria m'hor chentar a cruz para seer m'hor vista. e aly assijnou o capitã onde fizessem acoua para chentar. Em quanto aficarã fazendo. / ele com todos nos outros fomos pela + abaixo do rio onde ela estava. / trouxemos dali cõ eses religiosos e sacerdotes diante cantãdo maneira de preçisan. / herã já hy alguns de les obra de lxx ou lxxx e quando nos asy virã v'jr / alguns deles se forã meter debaixo dela ajudarnos. / <...> chentada a cruz cõ as armas e divisa de vossa alteza que l'he primo pregaram armaram altar ao pé de la. / aly dise missa opadre frey Henrique aqual foy cantada e oficiada per eses já ditos. / aly estiveram cõ nosco a ela obra de l ou lx deles assentados todos en giolhos asy com nos e quãdo veio ao avanjelho que nos erguemos todos. é pee co as mãos levantadas. eles se levantaram co nosco e alçaram as mãos. estando asy ataa seer acabado. / e entam tornaranse

aquilo muito os segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza como de animais monteses, e foram-se para cima.

[...]

(p. 226) [segunda-feira, 27 de abril] Resgataram lá por cascavéis, e por outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores (p. 227) maneira de tecido assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá, porque o Capitão vê-las há de mandar, segundo Ele disse.

[...]

(p. 234) [quinta-feira, 30 de abril] Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

[...]

(p. 235) [sexta-feira, 1º de maio] E hoje, que é sexta feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra, nossa bandeira, e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chentar a Cruz, para melhor ser vista. Ali assinalou o Capitão o lugar, onde fizessem a cova para a chentar.

Enquanto a ficaram fazendo, Ele com todos nós outros fomos pela Cruz abaixo do rio, onde ela estava. Dali a trouxemos com eses religiosos e sacerdotes diante cantando, em maneira de procissão.

Eram já ai alguns d'elles, obra de setenta ou oitenta; e, quando nos viram assim vir, alguns se foram meter debaixo dela, para nos ajudar.

[...]

(p. 236) Chentada a Cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiramente l'he pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o Padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por eses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinquenta ou sessenta d'elles, assentados todos de joelhos, assim como nós.



assentar co[m]a nos. E quando  
 levantaram ad[s] que nos | posenos em  
 gíolhos. eles se poserã todos asy  
 co[m]a nos estauamos cõ as mãos  
 leuantadas. e em tal maneira  
 assesegados que certefico | a vosa  
 alteza que nos fez muita deuaçom. /  
 <...> [f. 12v] (pp. 180-181) <...>  
 acabada | amisa tirou o padre a  
 vestim<sup>ta</sup> de cima e ficou | na alua e  
 asy se sobio junto cõ ho altar em  
 huã | cadeira e aly nos pregou do  
 auangelho e dos ap[ostolos] cujo dia  
 oje he trautando efin | dapregaçom  
 desta vosa prosegumẽto | tã santo  
 e virtuoso que nos causou mais  
 deuaçom. / <...>  
 [...]

E quando veio ao Evangelho, que  
 nos erguemos todos em pé, com as  
 mãos levantadas, eles se levantaram  
 conosco e alçaram as mãos, ficando  
 assim, até ser acabado; e então  
 tornaram-se a assentar como nós. E  
 quando levantaram a Deus, que nos  
 pusemos de joelhos, eles se puseram  
 assim todos, como nós estávamos com  
 as mãos levantadas, e em tal  
 maneira sossegados, que, certifico  
 a Vossa alteza, nos fez muita  
 devoção.

(p. 237) Acabada a missa, tirou  
 o padre a vestimenta de cima e  
 ficou em alva; e assim se subiu,  
 junto com o altar, em uma cadeira.  
 Ali nos pregou do Evangelho e dos  
 Apóstolos, cujo é o dia, tratando,  
 ao fim da pregação, d'este vosso  
 prosseguimento tão santo e  
 virtuoso, o que nos aumentou a  
 devoção.

1. Nota de JAIME COSTESB, nesta edição (pp. 292-293, nota B): « Com os cascavéis e manilhas acontecia o mesmo que com as carapaças e barretes vermelhos ou os sombreiros, de que atrás falamos; eram objetos usuais de troca nesta espécie de comércio. Ao chegar à baía de Santa Helena, como na angra de S. Braz, em 1497, Vasco da Gama, presenteou os indígenas com cascavéis e anéis de estanho. E serviu-se para as trocas de coitís e barretes vermelhos. "E nós, depois que jantamos, saímos em terra e com coitís, que levávamos, resgatávamos conchas que eles traziam nas orelhas, que pareciam prateadas..." (Relatório da viagem de Vasco da Gama, ed. de R. Herculano, 1861, p. 6 e seg.). Este interesse pelas conchas, que pareciam prateadas é digno de aproximar-se do interesse que mereceram a Caminha as contas que queriam parecer de aljaveira. Na e noutro caso tratava-se, porventura, da mesma suspeita. ¶ Chamava-se e chama-se cascavéis aos quiscos, com que era e é costume, algumas provincias de Portugal e Espanha, ornar os arreios dos animais de tiro. Nessa carta de quitação do Rei D. Manuel, passada em 1512, contam-se oito "peitoraes para zebolas com cascaveis e campainhas, quamecidas de pano branco e vermelho..." (Arquivo Histórico Português, t. 20, p. 428). ¶ No Esmeraldo também se mencionam, com frequência, barretes e sombreiros, manilhas e bacias de latão, contas azuis e vermelhas, objetos estes que serviam, a par dos tecidos, para as trocas comerciais na Índia e na Mina do Ouro ».

2. NÉRIO DE ARAÚJO (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 566), citando este trecho de CAMINHA, informa: « Vocaltizada. Voz de quem fala de forma semelhante ao canto, variando as alturas dos sons durante o discurso ». Trata-se do cantochão, usual nas missas cantadas dessa época.



3. Nota de JAIME CORTESÃO, nesta edição (pp. 310-311, nota 49): « Gaita, desde que seja instrumento de gaiteiro, quer dizer gaita de folas, instrumento ainda hoje muito vulgar em festas de aldeia em todo o norte e centro de Portugal. Considerado na Escócia, na Bretanha, e nos Abruzos, como uma espécie de instrumento nacional, é de origem muito antiga, e como tal já se lhe referia S. Jerónimo no século V. Ao que parece, provém de *utricularium* ou *tibia utricularis* dos romanos. ¶ Mais adiante e relatando os acontecimentos do dia 30, Caminha diz: "Neste dia ... dançaram e bailaram ao som dos tamboril dos nossos ...". ¶ Gaita de folas e tamboril eram, então os instrumentos mais comuns em Portugal, as folias e bailes de terreiro. ¶ Na Tragico-comédia pastoril da Serra da Estrêla, de Gil Vicente, os foliões, bailando de terreiro, conforme a rubrica do actor, terminam cantando: "Não vos vades vós assi, | Leixas ora a gaita vir, | E o nosso tamboril, | E três mortos daqui, | Sem vos saberdes bailar". ¶ E no Triunfo do Inverno, o mesmo actor vem à cena prologar aos músicos: "E Portugal vo eu já | Em cada casa pandeiro, | E gaita em cada palheiro; | E de vinte anos a cá | Não ha hí gaita, nem gaiteiro. | A cada porta um terreiro, | Cada aldeia dez folias, | Cada casa atabaqueiro; | E agora Jereaias | He nosso tamborileiro." ¶ Os marinheiros portugueses, e à frente de todos Diogo Dias, ensinaram os nativos de Porto Seguro a bailar típicas danças de toda portuguesa, ao som dos mais típicos instrumentos de folia, naquela época, em Portugal. Nas miniaturas que acompanham as Cantigas de Afonso, o Sábio (Inf. XII) figuram vários jograis, tocando gaita de folas. Podem ver-se as reproduções respectivas na Hist.<sup>a</sup> de Literatura Portuguesa Ilustrada (tomo I, pág. 167) ».

4. Nota de JAIME CORTESÃO, nesta edição (pp. 311-312, nota 50): « Não lográmos encontrar nos escritos contemporâneos de Caminha qualquer passo em que se falasse de salto real e nos elucidasse o seu significado especial. Duarte Barbosa fala também de "muytas voltas no chan e saltos reaes", mas sem mais explicações. Supomos todavia, que se trata do que hoje dizemos - salto mortal - pois não vemos que outro género de acrobacia poderia o antigo alcazarife de Sacavém executar na praia, e para glúrio dos lupiniques, que merecesse tão extremo qualificativo ».

5. O tamboril parece ter sido utilizado pelos portugueses em ocasiões festivas, enquanto o *tambor* era encontrado apenas em funções militares. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1721, p. 34) define *tamboril* como « Espécie de pequeno tambor, com que bailão nas aldeas, ao som da frauta, com que anda o mico, q' guia aos cães, lançando com hũa só bagueia ».



## PILOTO ANÔNIMO PORTUGUÊS

DOCUMENTO: NAVEGAÇÃO DO CAPITÃO PEDRO ÁLVARES CABRAL, OU RELATO DO PILOTO ANÔNIMO. (s.l., 1500 ou pouco depois).

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Traduzido para o italiano e, posteriormente, para latim, alemão e francês, este texto, entre outros, foi impresso em um livro de FRANCESCO DA MONTALCINO que teve, segundo RUBEN BOSA DE MORAIS (*Bibliographia brasileira*, t. 1983, v. II, pp. 378-385), as seguintes edições no séc. XVI: *Um privilegio Paesi novamente ritrovati...* (Vicentia, Henrico Vincentino, 1507); *Itinerariū Portugalesiū...* (Milbo), s.ed., 1508; *Neue vñbetante Landte...* (Nürnberg, Georgen Stichen, 1508); *Paesi novamente ritrovati...* (Milano, Io. Iacobo & fratelli de Lignano, 1508, 1512, 1517, 1519); *Sensuyt le Nouueu monde & neugations...* (s.l. [Paris], s.ed. [Jean Janot], [1515]; Paris, Jehan Janot, s.d.; [Paris], [Jean Janot, s.d.]; [Paris, Jean Janot, s.d.]; Paris, Denis Janot, s.d. [após 1521]; *Le nouueu monde...* (Paris, Calhot du pre, s.d. [após 1516]). Aparece, ainda, em italiano, no livro de GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO, *Primo volume, & terza edizione delle navigationi et viaggi...* (Venetia, Stamperia de Giunti, 1563). JOSÉ HONORIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, v. 1, livro I, cap. 1, nº 3, pp. 7-8) aponta a existência de 4 manuscritos do princípio do séc. XVI, indicando um deles na "Sneyt Collection", em Newcastle-upon-Tyne e dois na Biblioteca Marciana. RODRIGUES também informa a respeito das últimas reedições da relação do piloto anônimo, as principais impressas em: *Collecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses...* (Lisboa, Tipografia da Academia, 1867, tomo II, pp. 103-136); reprodução facsímil, pela Princeton University Press, 1916; edição de William Brooks Ezenles, 1938, pp. 53-74.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FRANCESCO DA MONTALCINO - *Paesi novamente ritrovati per | la Navigatione di Spagna in Calicut. Et da Alberto vesputio Fiorentino intitulato Mondo Nouo. Nouamente impressa.* [Colofão: & Stampata in Venetia per Torzi de Rusconi milanesi Nel. M.CCCC.XVII. asi. XVII. Agosto 4] (1517). (BIBR) LR-2-2; 14 & 9; 124 ff. ima.)

### TEXTO ITALIANO

### TRADUÇÃO

### LIBRO SECVNDO

### LIVRO SEGUNDO

Radice che ne fanno pane  
con suoi altri costumi.  
Capitolo. lxxv. [índice, f.  
Av: "Doue fo feõ vn altare;  
pane d radice cõ vranza d  
hoi pardi"]

Raízes, com que fazem pão e  
outros costumes seus. Cap.  
65. [Índice: "Onde foi  
feito um altar. Pão de  
raízes que se usa entre os  
negros"]

[...]

[...]

(f. h6r) <...> Item in  
quello di nedesimo che era la  
octaua de pascha. a. xxyi. Aprile  
determino el capitaneo maggiore de  
aldire messa: & mado ad armare una  
tenda in quella spiazza donde mado  
ordinare uno Altare e tutti quelli  
de la dicta Armata andorono ad  
aldire la Messa: e la predicha:  
doue se giõtorono molti de quelli  
huomini ballando e cantando e  
solazando consui corni: & subito

Naquele mesmo dia, que foi o da  
oitava da páscoa, 26 de abril [de  
1500], determinou o capitão mór que  
fosse dita uma missa. Mandou  
levantar uma cobertura naquela  
praia, onde ordenou que fosse  
preparado um altar, para onde foram  
todos os homens da dita armada  
ouvir a missa e a prédica, onde se  
juntaram muitos daqueles homens  
["da terra"], dançando, cantando e  
tocando seus cornos. Assim que a



come fu dicta la messa tutti se  
partirono per la loro Naue: e  
quelli huomini della terra  
intraueno in mar fin soto li brazi  
cãta(f. hõv)do e facẽdo li piacere  
e festa & dapoi hauẽdo el capitão  
disnato torno i terra la gẽte della  
dicta armata: pigliãdo solazo e  
piacere cõ qlli hoĩ de la terra: e  
comẽzorno atracttare con quelli de  
la armata: e dauano di quelli archi  
suoi e frize per sonagli<sup>6</sup>: e fogli  
di charta e pezzi de panno: essi  
tutto quello di pigliorno spiacer  
cõ esso loro: <...>

[...]

missa foi dita, voltaram todos para  
o navio, e aqueles homens da terra  
entravam no mar, até que a água  
desse em seus braços, cantando,  
divertindo-se e fazendo festa. Após  
uma ordem do capitão, os homens da  
dita armada voltaram à terra, onde  
folgaram e divertiram-se com  
aqueles da terra. Os nativos,  
então, começaram a negociar com os  
da armada, dando de seus arcos e  
setas por cascavéis, cartas de  
baralho e pedaços de pano, ficando,  
ainda, muito contentes com essas  
coisas. <...>

[...]

6. Sonaglio, aqui, é sinónimo de cascavel, que para RAFAEL BLUTERU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 179) é «Bolinha de metal do tamanho de huma avelela, ou, & furada com hum bocadinho de ferro, ou de outra coisa dura por dentro, que causa hum tinido alegre. Poemse nos peitoraes das bestas, & os pés dos falcões, & as pernas dos que bailã nas festas». JUAN RUIZ, o ARCIPRESTE DE HITA, já cita o cascabel no *El libro de buen amor*, do séc. XIV (quarteta 723, verso 1), de acordo com ROBERT STEVENSON (*Spanish music in the age of Columbus*, 1979, p. 45). Já em 1497, informa GARCÃO DE SOUSA & (*Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel*, 1556, parte I, cap. XXIV), VASCO DA GAMA mandava dar aos negros da Angra de Santa Helena «cascaveis, cõrinhas de cristalino, & outros brinços». Mais adiante, o mesmo autor acrescenta: «Fello que addou logo Vasco da gama pôlar gente nos bahels, com q se veo a terra, trazẽdo consigo nostra despeçarias, ouro, & alfojar, seda, ho que hos negros estimãdo pouco por nã saberem ho que era: entã lhes addou dar cascaveis, çaptis, & aneis destanho, & outras cousas desta calidade, ho que que trourea mũa alegres, speçialmente hos cascaveis pelo som q faziã, & dalli por diante começaram de vir a praia segurando, & dar dos mantimbros q havia na terra, & trouxo de outras cousas». Eram largamente utilizados pelos portugueses quinhentistas como objetos sonoros, como indica FRANCISCO DE SÁ MIRANDA (*Obras completas*, 1942, v. II, p. 144), no ato II, cena VI da comédia *Os estrangeiros* (séc. XVI): «Eras pera aifeleiro, | que vai cascavéis tocando, | Bem sei que foste apaipado, | mas não és bom chocarreiro». Cf. também GARCIA DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, pp. 118-119).



## BINOT PAULMYER DE GONNEVILLE

DOCUMENTO: RELATÓRIO DA VIAGEM DO NAVIO L'ESPOIR DE HONFLEUR, 1503-1505.

TEXTOS: ARMAND D'AVEZAC-MACHA, na p. 17 da edição que utilizamos, dá algumas indicações sobre o manuscrito que fez imprimir: « Un manuscrit de la Relation complète est heureusement tombé en des mains intelligentes et amies, qui en ont immédiatement apprécié la valeur et voulu assurer la publication, en se faisant l'honneur de requérir son concours ». JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (História da América do Brasil, 1979, livro II, cap. 1, nº 1, pp. 38-39) traz alguns comentários sobre esse documento, baseados na edição de D'AVEZAC-MACHA, a única conhecida. Essa relação é considerada testemunho de uma das primeiras incursões francesas no Brasil.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Campagne | du navire L'ESPOIR de Honfleur | 1503-1505. | Relation Authentique | du voyage | du Capitaine de  
Gonneville | es nouvelles terres des Indes | publiée intégralement pour la première fois | avec une introduction et des  
éclaircissements | par M. D'Arzet | membre de l'Institut. In: ARMAND D'AVEZAC-MACHA - Annales | DES VOYAGES, | de la  
géographie, de l'histoire | et de l'archéologie, | avec cartes et planches | dirigées | par V. A. Malte-Brun, | membre des  
sociétés géographiques | de Paris, de Londres, de Berlin, de Vienne, de Rome, | de Dresde, de Leipzig, de Darmstadt, de  
Frankfort S.M., | de Genève et de Mexico. | Année 1868. | Tome Troisième. | Paris. | Challamel aîné, Libraire-éditeur, |  
Commissionnaire pour la marine, les colonies et l'orient, | Rue des Boulangers, 30, et rue de Bellechasse, 27. [22 x 14;  
pp. 258-297] (BIB: 10-0,1).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

OBSERVAÇÃO: D'AVEZAC atribui o local da cena descrita à foz setentrional do Rio S. Francisco do Sul, chamado Rio Alagado.

## TEXTO FRANCÊS

## TRADUÇÃO

Annales des voyages.  
RELATION AUTHENTIQUE. Les  
gens tenants l'admirauté de  
France au siège général de  
la table de marbre du  
pallais a Rouen sçavoir  
faisons que des registres  
du greffe dudit siège,  
année mil cinq cens cinq, a  
esté extrait et collationé  
a la minute originale ce  
qui ensuit.

PREMIÈRE PARTIE.  
Déclaration du voyage du  
Capitaine Gonneville et ses  
compagnons és Indes, et  
Remorches faites audit  
voyage baillées vers  
justice par il capitaine et  
ses dits compagnons. Jousté  
qu'ont requis les gens du

Anais de viagens. Relação  
autêntica. Os homens  
dirigem o almirantado da  
França à sede geral da mesa  
de mármore do palácio em  
Ruão, encarregados dos  
registros cartoriais da  
dita sede, ano de 1505,  
extraída e concertada com a  
minuta original anexa.

Primeira parte. Relação da  
viagem do Capitão  
Gonneville e seus  
companheiros às Índias e  
referências a essa viagem  
feitas com justiça pelo  
capitão e seus dits  
companheiros, exatamente  
como requereram os homens  
do Rei Nosso Senhor, que



Roy nostre sire et  
qu'enjoit leur a été.

lhes deu essa ordem no  
verão.

Section troisième.

Seção terceira.

Séjour es nouvelles terres  
des Indes.

Passagem pelas novas terras  
das Índias.

22 - Plantement d'une  
croix.

22 - Chantadura de uma  
cruz.

[1.] (p. 66) Item disent  
voulant laisser merches audit pays  
qu'il y auoit là abordé des  
Chrestiens, fut faicte une grande  
croix de bois, haulte de  
trente-cinq pieds et mieux, bien  
peinturée; qui fut plantée sur un  
tertre à veüs de la mer, à belle et  
déuote ceremonie, tambour et  
trompette sonant, a jour exprez  
choisy, sçauoir, le jour de la  
grande Pasques nil cinq cens  
quatre. Et fut ladite croix portée  
par le capitaine et principaux de  
la nauire piede nuds; et aydoient  
ledit seigneur Arosca et ses enfans  
et autres greigneurs Indiens, qu'à  
ce on inuita par honneur; et s'en  
montroient joyeux. Suicuit  
l'équipage en armes<sup>7</sup> chantant la  
litanie, et un grand peuple  
d'Indiens de tout âge, à qui de ce  
longtemps deuant on auoit fait  
feste, coys et moult ententifs<sup>8</sup> au  
mistère.

[...]

Também por dizer que queriamos  
deixar marcas no dito pais [do  
Brasil, à foz setentrional do Rio  
São Francisco do Sul, chamado Rio  
Salgado], onde houve o aportamento  
de cristãos, foi feita uma grande  
cruz de madeira, com trinta e cinco  
pés e meio de altura, bem pintada,  
que foi chantada sobre uma colina à  
vista do mar, com uma bela e devota  
cerimônia, ao som de tambor e  
trombeta, em dia especialmente  
escolhido, ou seja, o dia da grande  
páscoa de 1504. E foi a dita cruz  
levada pelo capitão e principais do  
navio a pés descalços, e [nos]  
ajudou o dito senhor Arosca<sup>9</sup> [o  
principal indígena], seus filhos e  
outros índios agregados, que foram  
convidados por honra; e se  
mostraram alegres. Logo após, a  
tripulação em armas cantou a  
ladrainha, e um grande grupo de  
índios de todas as idades, aos  
quais, de longo tempo presentes,  
houeram por fazer festa, quietos e  
muito atentos ao mistério.

[...]

7 . Nota de M. D'ARÉZAC, nesta edição (p. 66, nota 2): « les pt. 3 ».

8 . Nota de M. D'ARÉZAC, nesta edição (p. 66, nota 3): « les attentifs. ».

9 . Arosca: nome de um principal indígena. O nome, nesta versão, está evidentemente estropeado.



## ANTÔNIO PIGAFETTA

(c. 1480/1481 - c. 1534)

DOCUMENTO: RELAZIONE DI NAVIGAZIONE E DISCOVERY DA INDIA SUPERIOR, 1519-1522.

TESTO: Cópia de original italiano perduto, publicado por CARLO AMORETTI (p. xlii da edição de 1900) « senz' alcun vantaggio delle lettere, gli errori di lingua, d'ortografia, e di sintassi del non dotto Autore, e più ancora del Copista più ignorante e più trascurato » (p. xlii). Codice manuscritto da Biblioteca Ambrosiana de Milano. O título, nesta edição é « NAVIGAZIONE | e | SCOPRIMENTO | DELL'INDIA SUPERIORE | fatta da me | ANTONIO PIGAFETTA | vicentino Cavalier di Rodi | e dedicata | all'Illustrissimo e reverendissimo monsignore il signore | Filippo de Villers Lisleadue | degnissimo gran maestro di Rodi ».

PUBBLICAZIONE UTILIZZATA: PRIMO VIAGGIO | intorno al globo terracqueo | ossia | ragguaglio della navigazione | alle Indie Orientali per la via d'occidente | fatta dal cavaliere | ANTONIO PIGAFETTA | patrizio vicentino | Sulla Squadra del Capit. Magaglianes negli anni 1519-1522. | Ora pubblicato per la prima volta, | tratto da un Codice MS. della Biblioteca Ambrosiana di Milano | e corredato di note | da Carlo Amoretti | Dottore del Collegio Ambrosiano. | Con un | Transunto del Trattato di Navigazione | dello stesso Autore. | in Milano MDCCC. (1800) | Nella Stamperia di Giuseppe Galeazzi. | Con licenza de' Superiori. (BIB: 5-d-21; 29 x 22; 141, 237 pp., illust., maps).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

## TESTO ITALIANO

## TRADUÇÃO

LIBRO I - Dalla partenza da Siviglia, sino all'uscita dallo Stretto di Magaglianes.

LIVRO I - Da partida de Sevilha, até a saída do Estreito de Magalhães.

[...]

[12.] (p. 15) [*"Dicem. 1518"*]  
Quando ebbimo la linea equinoziale tendendo al polo antartico, perdemmo la tramontana, cioè la vista della stella polare. Navigammo fra'l mezzogiorno e'l libeccio, finchè giugnemmo in una terra, detta la Terra del Verzino, a gradi 23½ di lat. australe. Questa terra è una con (p. 16) tinuazione di quella in cui sta il capo di S. Agostino posto a gr. 8°30' di lat. australe. Ivi prendemmo copioso rinfresco di galline, di batate, e di certe pigne che sono frutti dolcissimi più gustosi di qualunque altro, di carne dolci, e di carne d'Anta, che somiglia a quella

[...]

Quando passamos a linha equinozial tendendo ao polo antártico, perdemos a tramontana [no caso, a direção sul], ou seja, a vista da estrela polar. Navegamos até o meio-dia em direção ao Africo [no caso, sudoeste], até que chegamos a uma terra, dita a Terra do Brasil<sup>40</sup>, a 23 graus e meio de latitude austral [pouco abaixo da atual cid. do Rio de Janeiro]. Esta terra é uma continuação daquela onde está o cabo de Santo Agostinho, a 8°30' de latitude austral. Ali obtivemos [em dezembro de 1517] copioso rinfresco de galinhas, batatas e de certas pinhas [abacaxis] que são



vacca, e altre cose moltissime che per brevità ometto.

[13.] Utilissimo traffico noi facemmo con gli abitatori di quel paese. Per un sno da pescare, o per un coltello, ci davano cinque o sei galline: per un pettine un paio d'oohe; per uno specchio, o per una cesoia, tanto pesce che avrebbe bastato a saziare dieci uomini: per un sonaglio o una stringa, una cesta di batate, che son certe radici lunghe come i navoni ed hanno il gusto della castagna. Per un re di danari mi diedero sei galline, e ancora credeano d'aver fatto un buon negozio.

[...]

docíssimos, mais saborosos que quaisquer outros, de cana-de-açúcar e de carne de anta, que se assemelha à da vaca e outras muitíssimas coisas, que por brevidade omito.

Utilíssimo tráfico fazemos com os habitantes deste país. Por um anzol de pesca, ou por uma faca, nos davam cinco ou seis galinhas; por um pente, um par de gansos; por um espelho, ou por uma tesoura, tanto peixe que bastaria para saciar dez homens; por um cascavel<sup>11</sup> ou uma agulha, uma cesta de batatas, que são certas raízes longas como o nabo, e possuem o gosto da castanha. Por um rei de ouros<sup>12</sup> [carta de baralho] me deram seis galinhas, e ainda acreditaram ter feito um bom negócio.

[...]

10. Nota de CARLO ANFRETTE, nesta edição (p. 15, nota c): « Cioè del Brasile così detto dal luogo di questo nome, che ora di là si trae specialmente ».

11. Na edição quinhentista deste texto, encontrada no *Primo volume*, à *terza edizione delle navigationi et viaggi* raccolto già da M. Gio. Battista Ramusio ... (Venezia, Stamperia de Giunti, 1563) e que leva o título « Viaggio attorno il mondo fatto & descritto per M. Antonio Pigafetta ... », não encontramos estas informações sobre os cascavéis, constantes do manuscrito da biblioteca de Milão. Porém, PIGAFETTA informa (f. 354r) que travou relações comerciais em c. 1520, em localidade não indicada, utilizando « costelli, foracci, specchi, sonagli, & pater nostri di cristallo ». Mas, ao final do texto, em uma espécie de glossário de termos estranhos às línguas europeias (f. 370r), encontramos uma seção intitulada « Alcune parole che usano le genti della terra di Brasil », onde se lê, entre outras informações: « Sonagli - Itani saraca ». O vocábulo indígena parece ser itamaracá, que os tupinólogos traduzem por campainha ou sino. Contudo, o termo tupi mais frequente para o cascavel europeu era itaquai.

12. Nota de CARLO ANFRETTE, nesta edição (p. 16, nota e): « Carta da giuoco ». Esta curiosa informação já fora deixada de manobra semelhante pelo PILOTO ANTONIO FORNABUSI (Pavia, 1500, livro II): « e dauano di quelli archi suoi e frize per sonagli: e fogli di charta e pezzi de panno ».



# PERO LOPES DE SOUSA

(? - 1542)

DOCUMENTO: DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO, 1530-1532.

TEXTO: Cópia coeva de original em português perdido. Lisboa, Biblioteca da Ajuda (Lisboa), cód. 51-11-10, 41 ff. Títulos: « Navegação q. fez p.º Lopez de Sousa no descobrimento da costa do Brasil militando na capitania de Martiº a.º de Sousa seu irmão na era da escarmença de 1530 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (História da História do Brasil, 1979, livro I, cap. I, nº 3, p. 9) relaciona as edições conhecidas deste diário.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (idem, p. 9) informa: « Desconhece-se a data de seu nascimento e os dias de sua infância. Foi navegador experientado, capitaneou armadas e combateu corsários. Morreu noço, no mar, em 1542, de volta da Índia, chefiando expedição ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Paulicene Lusitana Monumenta Historica; organizado e prefaciado por Jaime Cortesão. Lisboa, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1936, v. I, Parte VIII, pp. 431-512.

[...]

(p. 456) domingo [correto: quarta-feira] xiiij dias de março alla menhaã eramos de trª quatro leguas e como nos achegamos mais a ella Recognecemos ser a baia de todos os sãos e ao meo dia entramos nella faz a estrada norte sul. <...> (p. 457) aqui estivenos tomando agua e lenha e corregêdo as naos q. dos temporaes q. nos dias passados nos derã vinhã desaparelhadas nesta baia achamos hã homem portuguez q. avia xxij anos q. estava nesta trª. e deu Reza larga do q. nella avia. os principais homes da trª vierã fazer obedientia ao capitão .J. e nos trouxerã muito mätinêto e fizeram grandes festas e bailos. amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. <...>

[...]



## GASPAR DE CARVAJAL

(1504 - 1584)

DOCUMENTO: RELACIÃO SOBRE O DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS POR FRANCISCO DE ORELLANA. [1542].

TEXTOS: 1) Cópia coeva em espanhol, de original espanhol perdido. Sevilha, Biblioteca de la Real Academia de Historia, A 118, pp. 6-113. Título: « Descubrimiento del Amazonas por Orellana. Relación de Fr. Gaspar de Carvajal ». Cópia da coleção de Duque de Serclaux.

2) Cópia do séc. XVIII em espanhol. Biblioteca de la Real Academia de Historia [antiga coleção "Moños"], A 93, ff. 66r-7. O título do documento, na edição de JOSÉ TORIBIO MEDINA [pp. 1-83] é o seguinte: « DESCUBRIMIENTO DEL RÍO DE ORELLANA - Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal, fraile de la Orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echó a su aventura por el dicho río, y por el nombre del capitán que le descubrió se llamó el Río de Orellana ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (História da História do Brasil, 1979, livro I, cap. II, nº 1, p. 26) informa: « A Relación foi primeiramente editada pelo cronista Gonzalo Fernandez Oviedo, na sua *Historia General de las Indias* (Madri, Imprensa de la Real Academia de la Historia, 1851, tomo IV, pp. 541-574). (...) É também recomendável a edição de Clemente R. Markham, *Expeditions into the Valley of Amazonas, 1539, 1540, 1539* [nota: 6] Londres, Hakluyt Society, 1859. Há edição mais acessível e igualmente recomendável, feita sob a direção de Jorge Hernandez Millares, México, Fondo de Cultura Económica, 1935. Biblioteca Americana], contendo a expedição de Pizarro e Orellana ». Existe também uma edição brasileira de 1941, de qual nos servimos para as indicações de local e data.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (História da História do Brasil, 1979, livro I, cap. III, nº 1, p. 25) informa: « Penetrando no Amazonas a 12 de fevereiro de 1542, Orellana e os que o acompanhavam chegaram à desembocadura do Rio em 24 de agosto. É o relato do ocorrido entre dezembro de 1541 e 11 de setembro de 1542, quando chegaram a Nova Cádiz, na Ilha de Cubagua, que constitui o tema da Relación de Frei Gaspar de Carvajal (1504-1584), dominicano que acompanhou Orellana e relata, como testemunha de vista, os sucessos da viagem ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Descubrimiento | del | Río de las Amazonas | según la Relación | hasta ahora inédita | de Fr. Gaspar de Carvajal | con otros documentos referentes | A Francisco Orellana y sus Compañeros | publicados á expensas | del Excmo. Sr. Duque de Serclaux de Tilly | con una introducción histórica | y algunas ilustraciones | por José Toribio Medina | de la Academia de la Lengua | y de la Historia, de la de Buenas Letras de Sevilla y del Instituto | Geográfico Argentino. | Sevilla | Imprenta de E. Saeco, Bustos Tavera, núm. 1 | MCMCCXIV. [BIBES 16-c-7; CCXXIX, 278 pp., ilust.].

OBSERVAÇÃO: As indicações de local e data foram extraídas das notas da Relação que escreveu Frei Gaspar Carvajal, in: GASPAR DE CARVAJAL; ALONSO DE ROSAS; CRISTÓBAL DE AGUIA - Descubrimientos do Rio das Amazonas; traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo / Rio de Janeiro / Recife / Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1941, pp. 11-79.

[...]

[2.] (p. 8) El día de año nuevo de cuarenta y dos [19 de janeiro de 1542, no rio Marañon, a 200 léguas de "Quena", esta a 130 léguas de Quito] pareció á ciertos compañeros de los nuestros que habían oído atambores de indios, y algunos afirmaban y otros decían que nó; pero algún tanto se alegraron con esto y caminaron con mucha [mas] diligencia de la acostumbrada; y como a lo cierto aquel día ni otro no se viesse poblado, vióse ser imaginación, como en la verdad lo era; y desta causa, así los enfermos como los sanos, desmayaban en tanta manera, que les parecía que ya no podían escapar; pero con las palabras que el Capitán les decía los sustentaba, y como nuestro Dios es padre de misericordia y de toda



consolación, que repara y socorre al que le lla (p. 10) na en el tiempo de la mayor necesidad: y es, que estando lunes en la noche, que se contaron ocho del mes de enero, comiendo ciertas raíces montesinas, oyeron muy claramente atambores, de muy lejos de donde nosotros estábamos, y el Capitán fué el que los oyó primero y lo dijo á los compañeros, y todos escucharon, y, certificados, fué tanta la alegría que todos sintieron, que todo el trabajo pasado echaron en olvido porqué ya estábamos en tierra poblada y que ya no podíamos morir de hambre. <...> Al cabo de dos leguas que habíamos ido el río [*"Harañon"*] abajo [*"venida la mañana"*] vimos venir por el río arriba cuatro canoas llenas de indios á ver y requerir la tierra, y como nos vieron, dan la vuelta á gran prisa, dando arma, en tal manera que en menos de un cuarto de hora oímos en los pueblos muchos atambores que apellidaban la tierra, porque se oyen de muy lejos y son tan bien concertados, que tienen su contra y tenor y tiple: <...>

[...]

[14.] (p. 30) Complidos doce días de mayo llegamos á las provincias de Machiparo [*depois do rio Ucayali*], que es muy gran señor y de mucha gente y confina con otro señor tan grande, llamado Onaga, y son amigos que se juntan para dar guerra á otros señores que están la tierra adentro, que les vienen cada día á echar de sus casas. Este Machiparo está asentado sobre el mismo río en una loma, y tiene muchas y muy grandes poblaciones que juntan de pelea cincuenta mil hombres de edad de treinta años hasta setenta, porque los (p. 31) mozos no salen á la guerra ni en cuantas batallas nosotros con ellos tuvimos no les vimos, sino fueron viejos, y éstos muy dispuestos, y tienen bozos y no barbas.

[15.] Antes que llegásemos á este pueblo con dos leguas vimos estar blanqueando los pueblos, y no habíamos andado mucho cuando vimos venir por el río arriba muy gran cantidad de canoas, todas puestas á punto de guerra, lucidas, y con sus pabeses, que son de conchas de lagartos y de cuernos de manatí y de dantas, tan altos como un hombre, porque todos los cubren. Traían muy gran grito, tocando muchos atambores y trompetas de palo, amenazándonos que nos habían de comer<sup>13</sup>. <...>

[...]

[18.] <...> (p. 38) Andaban entre esta gente y canoas de guerra [dos indios da provincia de Machiparo, entre 13 de maio e 20 de junho de 1542] cuatro ó cinco hechiceros, todos encalados y las bocas llenas de caniza, que echaban al aire, en las manos unos guisopos, con los cuales andaban echando agua por (p. 40) el río á manera de hechizos, y después que habían dado una vuelta á nuestros bergantines de la manera dicha, llamaban á la gente, y luego comenzaban á tocar sus cornetas y trompetas de palo y atambores y con muy gran grito nos acometían; <...> y así nos llevaron desta manera fasta nos meter en una angostura en un brazo del río. <...>

[...]

[27.] <...> (p. 49) Hallóse también en esta misma plaza [*de uma pequena aldeia, posterior á foz do rio Negro, na 28 feira depois do domingo de Santíssima Trindade de 1542*] una casa no muy pequeña, dentro de la cual había muchas vestiduras de plumas de diversos colores, las cuales vestían los indios para celebrar sus fiestas y bailar cuando se querían regocijar delante deste tablón ya dicho, y allí ofrecían sus sacrificios con su dañada intención.

[...]

[38.] <...> (p. 59) Estaba en medio deste pueblo [*a 24 de junho de 1542, c. 6 dias de viagem da Foz do rio Madeira*] muy gran copia de gente, hecho un buen escuadrón, y el Capitán mandó que fuesen los bergantines á cabordar donde estaba aquella gente para buscar comida, y así fué que, en comenzándonos á llegar a tierra, los indios comienzan á defender su pueblo y nos flechar, y como la gente era mucha, parecía que llovían flechas; pero nuestros arcabuceros y ballesteros no estaban ociosos, porque no hacían



sinó atirar, y aunque nataban muchos, no los sentían, porque con todo el daño que se les hacía andaban unos peleando y otros bailando: <...>

[...]

[43.] <...> (p. 64) Y otro día, veiticinco de Junio [a mais de 1400 léguas do ponto inicial, antes da for do rio Tapajós], pasamos por entre unas islas que pensamos que estuvieran despobladas; pero después que nos hallamos en medio de ellas fueron tantas las poblaciones que en las dichas islas parecían y vimos, que nos pesó; y como nos vieran, salieron á nosotros al río [Amazonas] sobre doscientas piraguas, que cada una trae veinte y treinta indios, y de ellas cuarenta, y destas hubo muchas: venían muy lucidas con diversas divisas y traían muchas trompetas y atambores, y órganos que tañen con la boca<sup>14</sup>, y arrabeles que tienen á tres cuerdas<sup>15</sup>; y venían con tanto estruendo y grito y con tanta orden que estábamos espantados. Cercáronnos entre ambos bergantines y acometiéronnos como hombres que nos pensaban llevar; mas salióles al revés, que se holgaron de tenerse afuera; pues en tierra era cosa maravillosa de ver los escuadrones que estaban en los pueblos, tañendo y bailando todos con unas pelinas en las manos, mostrando muy gran alegría en ver que nos pasábamos de sus pueblos. <...>

[...]

13. Em 1637, CRISTÓBAL DE ACUÑA (Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas, pela edição de 1861, p. 119) teve outra recepção entre os índios que viviam na mesma província que começava « Sesenta léguas más baxo de Tuguragua », entre este rio e o Rio del Guasco, « llamados comunmente Guaguas », e, sobre tal recepção discorre: « Llegamos a un pueblo de estos Indios, recibiamos, no solo de pan, sino con danças y muestras de grande recocijo, ofrecian quanto tenían para nuestro sustento con gran liberalidad ». Além de CARVAJAL e ACUÑA, somente SAMUEL FRITZ « deixou informações sobre a música desses índios, coletadas na data anterior a 1700, no PG Mission de los Guaguas, Jurimaguas, Aygueres, Ibanomas, y otras Naciones desde Napo hasta el Río Negro, de 1731.

14. ROBERT SOUTHEY (History of Brazil, v. I, 1810, cap. IV, p. 95) traz: « but suddenly about two hundred canoes sallied out from thence, each carrying from thirty to forty men, some of whom raised a loud discord with tabours, trumpets, three-stringed rebecs, and instruments which are described as mouth-organs, while they attacked the brigantines ». Esses órgãos que se tocam com a boca parece ser, se são o mesmo, instrumento semelhante ao que FRANCISCO SOARES « (autor seposto de Algumas cousas mais notáveis do Brasil e alguns costumes dos índios, c. 1590, f. 102iv) indica por « flautas 7 iuntas » e que RENATO ALMEIDA (1942, parte I, cap. II, p. 56) e MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1936, pp. 226-227) dão como sirina ou flauta de Pã. Este último autor (p. 227) comenta: « W. Schmidt [Ethnologia Americana..., São Paulo, Nacional, 1942, p. 105] afirma que os indígenas do Brasil assimilaram o uso da flauta de Pã por contato direto com os povos andinos, e continua: "A admissão da procedência do domínio cultural andino é ainda mais fortalecida, nesse caso, pela informação de E. von Hornostel [Über einige Panflöten von Nordwest-Brasilien, p. 390] segundo o qual as flautas de Pã do noroeste do Brasil coincidem com as peruanas antigas não apenas na sequência dos sons como na afinação dos mesmos ».

15. Para RAFAEL BLUTEM: Vocabulário português e latino, v. I, 1712, p. 543), « Arrabil, ou Rabil, ou Rabel » era « instrumento pastoril de cordas, & arto a modo de Rebecca pequena ». Os termos são muito frequentes na poesia portuguesa e espanhola dessa época, porém não há, além desta, qualquer outra referência a instrumentos semelhantes entre indígenas do Brasil até 1700.



## MANUEL DA NÓBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIBÃO RODRIGUES, LISBOA. Bahia, [107 de abril de] 1549.

TEXTOS: Autógrafo escrito em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 1r-2r. Título (f. 1r): «Carta que o Padre Manuel da Nóbrega propositio provincial da Companhia de Jesus no Brasil escrevem ao P. Mestre Sibão no anno de 1549». Outra letra, ao fim: «No mez de Abril».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, 1956, v. 1, p. 106) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus, NÓBREGA foi fundador da missão do Brasil e seu primeiro provincial, de 1557-1560. Esteve na província de 1547 a 1570, destacando-se por sua atuação em prol da "conversão do gentio".

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ 7 (1539-1568). Roma, Monumenta Historica E.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 1 - Missiones Occidentales). Doc. 5: «Do F. Manuel de Nóbrega ao P. Sibão Rodrigues, Lisboa. Bahia [107 de abril] 1549», pp. 106-115.

[...]

5. [f. 1r] (p. 111) Desta maneira ir-lhe-ey insinuando as orações e doutrinando-os [*"hos Indios desta terra"*] na fé até serem habiles para o baptismo. Todos estes que tratam connosco, dizem que querem ser como nós, senão que non tem com que se cubrão como nós, e este soo inconveniente tem. Se ouvem tanger à missa, já acodem, e quando nos vem fazer, tudo fazem: assentão-se de gíolhos, batem nos peitos, alevantão as mãos ao ceo; e já hum dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube o A B C todo, e ho insinuamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e non comer carne humana, nem ter mais de huma mulher e outras cousas; soamente que há-de ir à guerra e os que cativar vendê-los e servir-se delles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e asi andão todos em discordia. Comem-se huns aos outros, digo hos contrarios

6. Hé gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem idolos, fazem tudo quanto lhe dizem. Trabalhamos (p. 112) de saber a lingua delles e nisto o P.<sup>o</sup> Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e i-los doutrinando pouco a pouco. Trabalhey por tirar em sua lingua as orações<sup>16</sup> e algumas praticas de N. Senhor, e non posso achar lingua que no saiba dizer, porque sam elles tan brutos que [nem vocabulos tem]<sup>17</sup>.

&lt;...&gt;

[...]

16. Este é o primeiro relato conhecido acerca da tradução de orações cristãs para a língua brasileira. A primeira versão jesuítica desses textos será publicada apenas em 1616 no *Catecismo na língua brasileira*, de ANTÔNIO DE AGUIAR.

17. Na carta de VICENTE RODRIGUES a [maio de] 1562, § 37 há o primeiro relato do sucesso efetivo desta prática: «cantando por se arte dizia muitas cosas que viera de nuestra fe».



## MANUEL DA NÓBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. Bahia, 7 de agosto de 1549.

TEXTO: Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa), 1-5, 2, 38, ff. 3r-5v. Título: «Carta que o Padre Manuel da Nóbrega, preposito provincial da Companhia de Jesus na as terras do Brasil, escreveu ao P. Mestre Simão, preposito provincial da dita Companhia em Portugal no anno de 1549».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. 1, 1956, pp. 116-117) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1534-1568), Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus eiusdem Societatis Editæ, volumen 75 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 1 - Missiones Occidentales]. Doc. 7: «Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Bahia 7 de agosto de 1549», pp. 116-132.

[...]

15. [f. 5r] (p. 126) Agora pouco há vierão aqui a consultar-me algumas duvidas, e esteverão aqui por dia do Anjo [21 de julho de 1549], onde (p. 129) baptizamos muitos ["Indios"]. Tevemos missa cantada com diacono<sup>18</sup> e subdiacono<sup>19</sup>: eu disse missa, e o P. Navarro a epistola<sup>20</sup>, outro o evangelho, Leonardo Nunez e outro clérigo com leigos de boas vozes<sup>21</sup> região o coro<sup>22</sup>. Fizemos precissão com grande musica, a que respondião as trombetas<sup>23</sup>. Ficarão os Indios spantados de tal maneira, que depois pedião ao P. Navarro que lhes cantasse así como na precissão fazia<sup>24</sup>. Outra precissão se fez dia de Corpus Christi [20 de junho de 1549] muy solemne, em que jugou toda a artelheria que estava na cerca, as ruas muito enrramadas, ouve danças e invenções á maneira de Portugal<sup>25</sup>.

[...]

18. MATTHIAS DE SOUSA VILLA-LORDE (Arte de cantochão, 1626, parte III, cap. LVIII, p. 186) é claro: «O Diacono não se deve saber cantar Evangelhos solemnes, & ferials, Ite missa est, & Benedicamus Domino: mas também não o não fica dito no capítulo precedente, que trata do Subdiacono». As pp. 167-174, este autor ilustra com exemplos musicais as obrigações do diacono. RIVAROL (DOUTRA) (Vocabulário português e latino, v. III, 1713, p. 202) acrescenta: «Diacono he hum dos Ministros do Altar; é chamalhe vulgarmente, Clerigo do Evangelho». Por fim, FRANCISCO SOUZA COSTA (Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa, 1863, p. 412) informa: «o que tem a segunda das ordens canônicas, abaixo do presbytero. Os diaconos são encarregados na primitiva igreja de repartir as esmolas pelos fiéis, e de outros officios ecclesiasticos». ANTONIO FERNANDES (Arte de música, 1626, cap. IXXVII, ff. 70v-73v) também dá exemplos musicais portugueses de competência dos diaconos.



19. MATHIAS DE SOUSA VILHA-LOROS (*Arte de cantochão*, 1688, parte III, cap. LVII, p. 175) diz: « O subdiácono para fazer seu officio com perfeição deve saber cantar Epistolas, lições do choro, lições de defuntos, Kalendaras, lamentações, & lições. ¶ Para cantar as Epistolas, deve saber que estas tem ponto, interrogação, suspenso, & final, de tudo se seguem exemplos (às pp. 176-186) ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1726, p. 757) completa: « Clerigo de Epistola, cuja obrigação he lavar os corporaes, ter os vasos sagrados muito limpos, & levallas ao Altar, quando convem, cantar a Epistola no Sacrificio da Missa, deytar agua no Caliz, levar a Cruz nas procissões, &c. ». ANTONIO FERNANDES (op. cit., 1626, cap. XLVII, ff. 70v-73v) dá nove exemplos portugueses de uso dos subdiáconos.

20. Este e outros cânticos que, nas missas e officios divinos são responsabilidade do subdiácono, foram exemplificados por MATHIAS DE SOUSA VILHA-LOROS (*Arte de cantochão*, 1688, parte III, cap. LVII, pp. 175-186).

21. MANOEL CARMEIRO (1666, ff. 84r-8r), no Senado proferido no « Collegio do Rio de Janeiro » em 1667, afirmava: « Toda a musica pera ser boa hade constar de boas vozes. E que condiçoens hade ter nossa voz pera ser boa? Se preguntares aos musicos este ponto, haes vos de apontar entre outras, tres condiçoens. A primeira, que seja voz entoadada; Segunda, & seja compassada a voz; Terceira, que saiba dar valia as figuras. Estas saõ as condiçoens que se pedem para a voz ser boa na musica; & estas avia de ter pera bem a nossa voz. Mas ainda aqui que na nossa musica haes tem a nossa voz estas Condiçoens? & por faltarem estas condiçoens & nossa voz, porisso nos haes sabemos gratificar as misericordias de Deos; & porisso Deos haes canta muitas vezes nossa justificação ».

22. Para MATHIAS DE SOUSA VILHA-LOROS (*Arte de cantochão*, 1688, parte II, cap. XLIV, p. 221), « O choro Ecclesiastico he huma congregação ajuntada para as cousas sagradas; consta o choro de muitas vozes, porem todas uniformemente em hum mesmo tom, assim o testifica Macrobio dizendo: Non vides quam multorum vocibus chorus constet? A causa porque no choro se cantam os officios divinos he, para verificar a alegria, & gosto celestial, que os santos possuem na Igreja triumphante, & por esta causa a Igreja militante introduzio o cantarse no choro as horas Canonicas: Chama-se choro de concordia, esta consiste em charidade, porque aquelle que a haer tem haer pode cantar bem ». Cf. também RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 553) e PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 157).

23. Trombeta, segundo RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 306) é « Instrumento de assopro, bellico, musico, metallico, & retorcido. Os toques da trombeta saõ botasella, marcha, tocar a degollar, &c. ». DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. V, 1874, p. 831) acrescenta: « Instrumento de sopro, que se compõe de um cano de latão, ou prata, retorcido, e mais largo em um extremo, que n'outro, que se applica á bocca; serve na musica, e para fazer signaes na guerra ».

24. FRANCISCO RODRIGUES DE VASCONCELOS (*História geral do Brasil*, v. I, 1854, seção XV, p. 207) comenta este trecho: « De volta, e em quanto não iam como foram logo para São Vicente, assistiram com os outros a uma pomposa festividade que se fez para celebrar o dia de Corpus. As ruas estavam enramadas; havia danças e invenções; jogava a artilheria da cerca, e muitos trombetas acompanhavam o coro de vozes que regia o dito padre Leonardo. Com tudo isto se deslumbravam os Índios, e a tal ponto que ao depois pediam aos Jesuitas que lhes cantassem, como faziam na procissão ».

25. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 29, nota 26): « Cf. Luís de Sousa Couto, *Origem das Procissões da Cidade do Porto* (ed. de A. de Magalhães Santos) (Porto, 1936 (Documentos e memórias para a história do Porto, v. I)), onde de pág. 19 a pag. 30 se descrevem as 'danças e invenções', que na procissão de Corpus Christi se praticavam no Porto onde o pai de Móbrega era Juiz de Fora em 1552 (e Móbrega tinha 15 anos): mouriscas, danças, cores, músicas, bandeiras, representações figuradas, folias, etc. ».



## MANUEL DA NÓBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL [AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA]. [Bahia, agosto (?) de 1545].

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido, em: COPIA DE VARS CARTAS ENVIADAS DEL BRASIL por el padre Nóbrega de la compañía de Jesus y otros padres que estan debajo de su obediencia al padre maestro Sison preposito de la dicha compañía en Portugal y a los padres y hermanos de Jesus de Coimbra. Traducidas de Portugues en Castellano. Recibidas el año de M.D.L.V. Coimbra?, Tip. de João Barreira e João Álvares, [1552], sem paginação [Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, 342 P]. f. o 14 verso (4 páginas). Título: «Información de las partes del Brasil».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 146) relaciona as edições conhecidas deste texto.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1539-1568). Roma, Monumentae Historicae S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen IV - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I - Missiones Occidentales). Loc. 9: «Informação das terras do Brasil ao P. Manuel de Nóbrega [aos padres e irmãos de Coimbra]. [Bahia agosto? de 1545]», pp. 145-154, sem indicação dos folios da publicação utilizada.

[...]

3. <...> (p. 150) De ciertos en ciertos años vienen unos hechizeros de luengas tierras, fingiendo traer sanotidad; y al tiempo de su venida les mandan alixpiar los caminos, y van los a receber con danças y fiestas según su custumbre, y antes que lleguen al lugar, andan las mugeres de dos en dos por las casas, diziendo públicamente las faltas que hizieron a sus maridos, y unas a otras, y pidiendo perdón dellas. En llegando el hechizero con mucha fiesta al lugar, éntrase en una casa oscura, y pone una calabaza que trae en figura (p. 151) humana<sup>26</sup> en parte más conveniente para sus engaños, y mudando su propria boz como de niño, y junto de la calabaza les dize, que no curen de trabajar, ni vayan a la roça, que el mantenimiento por sí crescerá, y que nunca les faltará que comer, y que por sí vendía a casa; y que las agujadas se yrán a cavar, y las flechas se yrán al mato por caga para su señor, y que han de matar muchos de sus contrarios, y captivarán muchos para sus comeres. Y promételes larga vida, y que las viejas se han de tornar moças, y las hijas que las den a quien quisieren, y otras cosas semejantes les dize y promete, con que creen aver dentro en la calabaza alguna cosa santa y divina, que les dize aquellas cosas, las quales creen. Y acabando de hablar el hechizero, comiençan a temblar principalmente las mugeres con grandes temblores en su cuerpo, que parecen demoniadas, como de cierto lo son, echándose en tierra, espumando por las bocas, y en (p. 152) aquesto les suade el hechizero, que entonces les entra la santidad, y a quien esto no haze, tiénelo a mal. Y después le ofrecen muchas cosas. Y en las enfermedades de los gentiles usan también estos hechizeros de muchos engaños y hechizerías. Estos son los mayores contrarios que acá tenemos, y hazen creer algunas vezes a los dolientes, que nosotros les metemos en el cuerpo cuchillos, tigas, y cosa semejantes, y que con esto los matamos<sup>27</sup>. <...>

[...]



26 . MOURA fala do maracá, apesar de não citar o nome.

27 . Este é o primeiro relato conhecido acerca das práticas musicais dos feiticeiros. A descrição mais completa de seus rituais será feita por JEAN DE LÉRY e , no cap. IV, de sua *Histoire d'un voyage* (1578).



## MANUEL DA NÓBREGA

&lt;1517 - 1570&gt;

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550.

TEXTO: Tradução italiana, feita, ao que parece, por outra espanhola (perdida), de original português perdido. Biblioteca Apostolica Vaticana, Ottoboni lat. 777, ff. 74r-74v. Título: « De Porto Seguro nel Brasil. Manuel de Nóbrega a 6 de Janeiro 1550 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 135) relaciona as edições conhecidas desta carta.PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ I* (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. I - *Missiones Occidentales*). Doc. 10: « De P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550 », pp. 155-170.

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

## TESTO ITALIANO

[...]

7. [f. 74r] (p. 158) Nella lingua di questo paese siamo alcuni di noi molto rudi, ma il P. Navarro ha speciale grazia da Nostro Signore in questa parte, perchè andando per questi castelli delli negri in pochi giorni che ci sta s'intende con loro et predica nella medesima lingua, et finalmente in ogni cosa pare che N. Signore li presti favore et grazia per poter più aiutare le anime. Il venerdì, [f. 74r] quando facciamo la disciplina insieme con molti della terra, che doppo la predica, fatta sopra la Passione de Christo, fanno il medesimo, anche lui ci viene; li altri giorni visita hor un luogo hor un'altro fuori della Città. Fa etiam a la notte cantare a li putti certe orationi che li ha insegnato nella loro lingua, dandoli esso il tuono, et queste in loco di certe canzone lascive et diaboliche che usavano prima. <...>

[...]

## TRADUÇÃO

[...]

Na lingua deste país estamos alguns de nós bastante rudes, mas o P. Navarro tem especial graça de Nosso Senhor nesta parte, pois que andando por estas aldeias dos índios, em poucos dias que aqui está se entende com eles e predica na mesma língua e, finalmente, em todas as coisas parece que N. Senhor lhe presta favor e graça para que possa ajudar mais às almas. Às sextas-feiras, quando fazemos juntos as disciplinas com muitos [índios] da terra, aos quais depois predica, feita [esta predicação] sobre a Paixão de Cristo, fazem o mesmo, também ele aqui vem; nos outros dias visita um e logo outro fora da cidade. Faz, pois, os meninos cantarem à noite certas orações que lhes ensinou em sua língua<sup>2m</sup>, dando-lhes o tom, e estas em lugar de certas canções lascivas e diabólicas<sup>2m</sup> que antes usavam. <...>

[...]



28 . Aqui aparece, pela primeira vez, uma referência ao canto de orações cristãs na língua brasileira. MANUEL DA NÓBREGA já informara, na carta de [10? de abril] de 1549, f. 6, que « trabalhey por tirar da sua língua as orações e algumas practicas do h. Senhor », não indicando, porém, o uso do canto.

29 . As referências aos cantores indígenas feitas pelos jesuitas são, via de regra, depreciativas. SIMÃO DE VASCONCELOS (Crônica, 1663, livro 1, f. 157, p. 135) diz « lascivos » e (f. 161, p. 137) « vãos, & gentílicos », enquanto PEDRO CORREIA (carta de 20 de junho de 1551, f. 2) usa « harmonias diabólicas » e FERNÃO CARDIM (Do princípio e origem, 1584, cap. XLIII) « harmonia que parece música do inferno ». Os termos são extraídos da própria prática musical dos portugueses, entre os quais se observavam os excessos que acreditavam semelhantes ao corriqueiro canto indígena, como relata GREGÓRIO DE MATOS (Poesias, ed. de 1966, v. I, p. 24), acerca do costume da embriaguez na Bahia: « É e para sentir, o quanto ; se dá Deus por ofendido ; não só por este pecado, | mas pelos seus conjuntivos : | com são cantigas torpes, | bailes, toques lascivos, | venturas e fervedouros, | pou de força e putarinhos ».



## PERO DOMENECH

(? - 1560)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMOS DE COIMBRA. Lisboa, 27 de janeiro de 1550.

TEXTO: Único. Cópia em português. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CVIII / 2-1, ff. 152v-153v. Título: «Carta que o Abade Pero Domenech escreveo de Lisboa aos Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de Coimbra aos 27 de Janeiro de 1550».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliensia, v. I, 1956, p. 170) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: PERO DOMENECH foi padre da Companhia de Jesus e fundador do Colégio dos Órfãos de Lisboa. Jamais esteve no Brasil.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliensia I (1539-1566). Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I - Missiones Occidentales). Doc. III: «Do P. Pero Domenech aos padres e irmãos de Coimbra. Lisboa 27 de janeiro de 1550», pp. 170-174.

OBSERVAÇÃO: Apesar dos fatos relatados nesta carta terem ocorrido em Portugal, os fragmentos abaixo foram aqui incluídos como mostra da prática musical trazida ao Brasil pelos "meninos órfãos" de Lisboa.

[...]

2. [f. 153r] (p. 172) Vespóra dos Reis [5 de janeiro de 1550] depois de jantar com grandes fervores e postos de giolhos diante de huma imagem de Nossa Senhora [quatro dos "meninos órfãos que forão ao Brasil com os Padres e Irmãos nossos"] tomarão sua cruz alevantada e abraçando alguns irmãos pequenos e enfermos que em casa ficavão, pedindo-se perdão huns aos outros com muitas lagrimas se despedião delles. E acompanhados de todos os outros irmãos órfãos andaram em procissão cantando uma cantiga que diz:

*Gran Senhor nos hé nacido  
humano e mais divino.*

Todas as ruas e janelas [de Lisboa] que estavam cheas de gente huns choravão, outros alevantarão as mãos aos ceos dando louvores ao Senhor, outros os benzião, outros saião com esmolhas pelas ruas, outros andavão carregados às cosras do seu fatinho, outros corrião pera os ver chamando-lhes bem-aventurados. Era tanto fôgo por onde elles passavão, que me acendia o rosto como se estivera numa estufa. Ora que faria a outros que tem outros espíritos mais limpos e mais enlevados no amor do Senhor! E assim passando polla Rua Nova e polla metade da cidade, forão a pé até Betlem acompanhados de muitos devotos; et ne deficerent in via<sup>30</sup>, quis a Providencia divina que certos devotos nos esperassem na me[f. 153v]tade do caminho com refresco de muito pão e muyta fruyta.

3. Chegados a Betlem e postos de giolhos diante do Santíssimo Sacramento [no Mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerônimos)], fizerão oração e, esperando pollo batel, cantarão a Salve Rainha e humas prosas a Nossa Senhora onde estavam muita gente e muytos frades, que ficarão muy edificadas; e cantando humas cantigas de N. Senhora se alevantarão pera se



embarcar acompanhados de muytos homens e molheres. Chegado o batel pera se embarcar, vierão-se todos pera (p. 173) min peccador e, prostrando-se com muyta humildade e lagrimas, pedindo-me perdão e a benção, confesso minha fraqueza que por muyto que dissimulasse non potui continere lacrymas, e abraçando-os cum osculo pacis et elevatis oculis in coelum<sup>31</sup>, lhes dei a benção que aquelle nosso Padre eterno despensa com suas creaturas per mãos de seus ministros. Então abraçavão-se huns aos outros com muytas lagrimas e choros dizendo: "Irmãos meus, ficai muito embora". Outros dizião: "O irmão meu, como nos deixais?". Era tanto o choro que grandes e pequeninos, moços e velhos que ali estavam todos choravão. Então hum delles, que se chamava Francisco Carneiro, saltou no batel e arrinado à borda delle tomou a cruz na mão e, alevantada no ar com fervor, começou a cantar a alta voz:

*Os mandamentos de Deus  
que avexos de guardar  
dados pelo Rey dos ceos  
pera todos nos salvar.*

Andava tam fervente que parecia daquelas que vão a receber martyrio. Então todos o seguirão, e eles chorando no mar e nós na terra, fazendo longum vale, se partirão sem partir-se nossos olhos deles até que chegarão ao galeão. Os nossos mininos que quá ficavão sentirão tanto a partida dos seus caríssimos irmãos que os não podíamos aquietar, que hera já perto da cidade e ainda alguns deles choravão. O dia despois dos Reis há tarde [7 de janeiro de 1550], os Padres da Companhia e Irmãos nossos vestirão suas sobrepelices e hum deles huma capa e os meninos com sua cruz alevan-(p. 174)tada e hum retabolo de Nossa Senhora [que] levavão no ar, cantando a Salve Regina dederunt vela ventis. E assi no nome de Nosso Senhor Jesu Christo se partirão. Por amor de Nosso Senhor, Irmãos meus charíssimos, que os encomendamos a Nosso Senhor [f. 154r] que o mesmo fazemos quá nós outros.

[...]

30 - Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 172, nota 5): « Mat. 15, 32 ».

31 - Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 173, nota 7): « Luc., 9, 36 ».



## JUAN DE AZPILCURTA NAVARRO

(1521/1523 - 1557)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Bahia, 28 de março de 1550.

TEXTO: Autógrafo em espanhol, Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 27r-30r [antes 352r-355v]. No endereço o autor tinha escrito primeiro: « Para el Padre Maestro Savón con [ais en Chirico aados », etc.]. Depois rasurou e escreveu o endereço transcrito no fim da carta (em Mon. Bras. I, p. 187).

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliae, v. I, 1956, p. 177) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus, esteve no Brasil de 1549 a 1557 como missionário de índios. Foi praticante de música e usou essa arte na "conversão do gentio".

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliae I (1537-1568). Roma, Monumentae Historicae S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 1 - Missiones Occidentales). Doc. 14: « Do P. João de Azpilcurta aos padres e irmãos de Coimbra. Bahia 28 de março de 1550 », pp. 177-187.

1. <...> [f. 27v] (p. 180) Estes ["ciertos indios gentiles"] já não hazen lo que les sus hechizeros, mas como se allan dolientes llaman a nos por que les rezenos las palabras de Dios. Agora acabaremos una iglesia junto dellos, en donde les tengo tirada la creación del mundo y encarnación de Jesú Christo, de manera que les quede declarados los articulos de la fe; los mandamientos y otras oraciones, tengo tambien tiradas, las quales siempre les insiño así en la nuestra lengua [português] como en la sua [tupi]<sup>32</sup>, y el Pater Noster tiré en modo de sus cantares<sup>33</sup> para que más presto aprendiessen y gustasen, principalmente para los muchachos, a los quales enseno que las digan sobre los dolientes las dichas oraciones, mediante las quales se allan mejor. <...>

[...]

32. NÓBREGA + já informou, na carta de 6 de janeiro de 1550, f. 7, que NAVARRO « fa etiam a la notte cantare a li petti certe oratione che li ha insegnate nella loro lingua, dandoli esso il tuono ». Aqui, o próprio NAVARRO ratifica a observação de NÓBREGA.

33. A expressão « en modo de sus cantares » não admite interpretação precisa. Pode se tratar do Pater Noster cantado na língua brasileira com melodia cristã ou cantado com melodia dos próprios cantos índios.



## PERO CORREIA

( ? - 1554 )

DOCUMENTO: CARTA (AO PADRE JOÃO NUNES BARRETO), ÁFRICA. [S. Vicente, 20 de junho de 1551].

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras., 3-1, ff. 25v-26v (antes 195v-196v). Título: « De otra del mismo Pedro Correia para los Hermanos que estan en África ». Incluída em um grupo de cartas: « Copia de unas cartas de los Padres y Hermanos que están en el Brasil. De 1551 y 20 de Junio » (ff. 23r-26v).

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 224) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Em 1542 PERO CORREIA já era morador de São Vicente, proprietário de terras nessa vila e em Ferrelle. Em 1549 ou 1550 entrou para a Companhia de Jesus, ocupando-se de "conversão do gentio".

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* I (1532-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. I - *Missiones Occidentales*). Doc. 24: « De fr. Pero Correia [ao P. João Nunes Barreto], África. [S. Vicente 20 de junho de 1551] », pp. 223-229.

[...]

2. [f. 25v] (p. 225) Y allen desto ay entre ellos ["los gentiles"] muchas gentilidades y grandissimos errores, y de tiempos se levantan entre ellos algunos [que] se hazen sanctos [Pagés] y [f. 26r] persuaden a los otros entran en ellos spíritos que les hazen sabedores de lo que está por venir y profetizan muchas mentiras. <...> Estos hazen unas calabazas a manera de cabeças con cabellos, ojos, narizes y boca, con muchas plumas de colores que les speguan con cera compuestas a manera de lavores, y dizen que aquél que es sancto y que tiene virtud y poder para valerles en todo, y dizen que habla. Y a honra destes sus ídolos<sup>34</sup> inventan muchos cantares que cantan delante dellos, biviendo muchos vinos assi hombres como mugeres, todos juntos, de día y de noche, haziendo harmonías diabólicas. <...>

[...]

34. A exemplo de MANUEL DA SÓFREGA (carta de agosto? de 1549, f. 3), PERO CORREIA fala do maracá, cujo nome, se conhecia, preferiu não mencionar.



## DIOGO JÁCOME

( ? - 1565 )

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. (S. Vicente, junho de 1561).

TEXTO: Cópia portuguesa. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa), 1-5, 2, 38, ff. 196v-199r. Título: « Copia de outra [carta] do Brasil do Irmão Diogo Jácome para os Padres e Irmãos do Collegio de Coimbra. Não tem era ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 237) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: DIOGO JÁCOME foi padre jesuíta, catequista e letrado. Esteve no Brasil entre 1549 e 1565.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ I (1539-1568)*. Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 75 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. I - *Missiones Occidentales*). Doc. 28: « Do Ir. Diogo Jácome aos padres e Irmãos de Coimbra. (S. Vicente junho de 1561) », pp. 238-247.

[...]

2. <...> [f. 197v] (p. 242) E sem ventura, ainda que certo, meus Irmãos, grandíssima lastima poem, po[n]derando ho mal como hé, porque vireis e vê-lo-eis que cousa pode ser, entrar em huma povoação de Índios e ver quatrocentas almas ou mais por caminho de perdição, tan fora de saberen de quantos annos são, nem se an-de morrer, nem depois de mortos onde an-de ir, que nenhuma paixão nelles entra. Seus prazeres são como an-de ir à guerra, como an-de beber hum dia e huma noite, sempre beber e cantar e bailar, sempre em pee correndo toda a Aldea, e como an-de matar os contrarios e fazer cousa nova para a natança; <...>

[...]

8. [f. 198r] (p. 246) Quanto ao demais de que vos desejo fazer sabedores para louvor de N. Senhor, hé da nossa igreja, que já está a cerqua acabada, e da primeira missa que nella se disse, que foi dia da mesma vocação que foi dia de Jesu [19 de janeiro de 1551], a qual foy com toda a muziqua de canto d'orgão<sup>35</sup> e frautas<sup>36</sup>, como se lá [em Coimbra] podera fazer<sup>37</sup>. <...>

[...]

35 - MANUEL NUNES DA SILVA (*Arte munda*, 1734, explicação VII, p. 79) é bem claro: « Ao canto de Orgão chamaõ Figural, Musical, é Multiformal Figural, porque tem diversas figuras, humas que valem mais, & outras menos. Musical, porque estas figuras se medem lhas com outras, ou como numero binario, ou ternario; Multiformal pela composição, & armonia das vozes, se proporcionadas distancias ». JOSÉ AUGUSTO ALFARÇA (*O ensino e a prática da música nas séde de Portugal*, 1965, cap. I, pp. 33-34) acrescenta: « O canto d'orgão, ao contrário do que o nome insinua, nada tem a ver com o instrumento da mesma



designação, é termo de uso ibérico cujo significado aparece em todos os tratados da Arte ». Citando JUAN BERRIO (*Declaración de instrumentos musicales*, Ossuna, 1555) e ANTONIO FERNANDES (*Arte de música*, 1626), demonstra (p. 34), « Usando palavras pobres », que « o canto d'orgão, música de estante, de atril ou de facistol corresponde à música polifónica também chamada Multiforme ou Mensural, assim se distinguindo do Cantochoito que é música uniforme ». A documentação da época é suficiente para não deixar dúvidas sobre a identidade do canto de órgão e a música polifónica. Na Introdução do *Tractado de canto mensural* de MATEUS DE ANANEA (1973, tomo II 2, pp. 12-13), JOSE AUGUSTO ALBERTA cita vários tratadistas da época que discorrem sobre o canto de órgão. Cf. também RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 112 e v. VI, 1720, p. 115), F. J. FETIS (*A música ao alcance de todos*, 1856, p. 25), DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. II, 1873, p. 97), TOMÉ BORBA e FERNANDO LOPES GRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, pp. 272-273) e MARIO DE ANGELO (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 106).

36. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 205) descreve a « flauta » como « instrumento Musico com certo numero de agulheiros, que com o sopro, que se lhe dá por alto, varreão o som ao mudar dos dedos ». TOMÉ BORBA e FERNANDO LOPES GRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 518) informam: « Foi pelo menos, em todos os tempos, um dos instrumentos mais apreciados por artistas e amadores. Se é certo que os antigos designavam por flautas todos os instrumentos de sopro, inclusive os de boçal, não é menos verdade também que a cada um se atribuía nome próprio e funções especiais ». Cf. também MARIO DE ANGELO (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 225-226). A julgar pela quantidade de vezes que o termo era empregado, a flauta era, entre os portugueses do Brasil, o instrumento mais utilizado nos séculos XVI e XVII. É, como nas charangas, havia também os termos, indicando o uso de flautas de diversos tamanhos, como atesta ANTÔNIO BLAGUES & (carta de 9 de maio de 1565, f. 5v): « Un mercader tenía un termo de flautas muy bueno, el qual, viendo a los brasilicos tañer, se lo mandó, diciendo que mucho mejor empleado sería en ellos que no en él ». Na Espanha e em Portugal, era comumíssima a flauta, tanto na música religiosa quanto na música profana, ou de festas. JUAN RUIZ, o ARCIPRESTE DE HETA, registrou esse instrumento no *El libro de buen amor*, do séc. XIV (quarteta 1230, verso 3), de acordo com ROBERT STEVENSON (*Spanish music in the Age of Columbus*, 1979, pp. 6-8). ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, fotos 265 e 266) reproduz pinturas do séc. XVI, onde se observam flautas encontradas, respectivamente, na *Crônica geral de Espanha* (códice da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa) e na tela de autor desconhecido *Adoração dos pastores* (Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa). Nas pp. 183-185, ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA traz um estudo detalhado deste instrumento em Portugal.

37. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 246, nota 12): « O P. Leonardo Nunes era músico e regente (carta 7 f. 15). Cf. SERAFIM LEITE - *Artes dos Ofícios dos Jesuítas*, p. 225 ».



## ANTÔNIO PIRES

(1518 - 1572)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Pernambuco, 2 de agosto de 1551.

TEXTO: Tradução espanhola de original português sertão, publicada em COPIA DE VNAS CARTAS EN | biadas del Brasil por el padre | sobrega dela | companhia de Jesus; y otros padres que | estan debajo de su obediencia al padre | maestro Simon preposito de la | di-cha companhia en Portugal; y | a los padres y hermanos | de Jesus de Co-|imbra. | Traducidas de Portugues en Castellano | Recibidas el año de | M. D. Lf. | [s/ autor, s/ local (Coimbra?), s/ ed. (tip. de João Burroira e João Álvares?), s/ p. (Carta n.º 2, 8 p.)]. Títulos: «Una embiada de la Capitanía de Pernambuco».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERRÃO LETTE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 256) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: ANTÔNIO PIRES foi padre da Companhia de Jesus, Mestre de Obras, Vice-provincial (1566-1572), Reitor, Superintendente e Mestre de Novícios na Bahia, desde 1553. Escreve no Brasil de 1549 a 1572.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERRÃO LETTE — *Monumenta Brasiliæ* I (1539-1568). Psoa, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Jesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 79 — *Monumenta Missionum Societatis Jesu*, vol. I — *Missiones Occidentales*, Doc. 31: «Jo P. António Pires aos paeres e irãos de Coimbra. Pernambuco 2 de agosto de 1551», pp. 250-264. Não indica paginação.

[...]

8. (p. 258) En la Baya está dado principio a una casa, en que se recojan y enseñen los niños de los gentiles nuevamente convertidos. [...] Cantan todos una missa cada día, y ocúpense en otras cosas semejantes. Agora se ordenan cantares en esta lengua [tupi], los quales cantan los mamalucos por las aldeas con los otros. Y ya tuviéramos la casa llena, si les pudiéramos sustentar, y si tuviéramos a donde aposentarlos<sup>38</sup>; <...>

[...]

38. O uso de música nas tentativas de "conversão do gentio" não foi restrito nem ao Brasil e nem à Companhia de Jesus. ISABEL POPE (documentos relacionados com a história de la música en México, 1951, pp. 248-249) publicou trechos de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid (seção de 1955, 13567a n.º de catálogo 576), de título *Historia antigua de México* sacada de los mejores Historiadores Españoles y de los manuscritos y pinturas antiguas de los Indios. Obra del Abate Don Francisco Xavier Clavigero, tomo 29 (de fins do séc. XVIII). Neste documento, encontramos a seguinte afirmação: «Los primeros Religiosos que ampararon el evangelio a aquellas Gentes, viendolas tan aficionadas al canto, y a la poesia, y adviertiendo que sus composiciones del Gentilismo no estaban exentas de superstición, compusieron en Mexicano muchos cantares en alabanza del Dios verdadero. El laborioso Franciscano, Fr. Bernardino Sahagun compuso en puro, y elegante Mexicano como 365 cantares que imprimió en Mexico, uno para cada día del año, llenos de los mas tiernos y devotos sentimientos de Religión; y aun los mismos Indios compusieron tambien muchos en alabanza del verdadero Dios. El Caballero Beturini hace mención de las composiciones de Don Francisco Placido Gobernados de Acapulco, en honor de la Virgen Santa María. Y de sus cantares para los bayles sacros, que él con otros nobles Mexicanos hacia delante de la celebre imagen de N. Sra. de Guadalupe. Hicieron también aquellos zelosos Franciscanos varias composiciones dramaticas en Mexicano de los mysterios de la Religión Christiana. Entre otras fue celebrada la del juicio universal que trabajó el infatigable Misionero Fr. Andres de Olmos, é hizo representar en la Iglesia de Tlatelolco con asistencia de primer Virrey, y del primer Arzobispo de Mexico, y un gran concurso de la Noblera y Pueblo Mexicano». ISABEL POPE (p. 249) acrescenta a seguinte nota ao texto de CLAVIGERO: «La obra del P. Sahagun fue impresa según se parece en 1540. El doctor Egucara se lamenta en su Biblioteca Mexicana de no haber podido hallar ni aun una copia de esta obra. Yo vi un exemplar de ella en el Colegio de San Francisco Xavier de Jesuitas de la Puebla».



## VICENTE RODRIGUES

(1528 - 1600)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Bahia, 17 de maio de 1552.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-4, ff. 55v-56v [antes 282av-283v]. Título: « En otra carta viene relatado esto que sigue », palavras que o P. POLANCO riscou, escrevendo por cima: « Sacado de otra de la misma Baia ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 306) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Este padre da Companhia de Jesus chegou ao Brasil em 1549 e foi ordenado na Bahia, em 1553. Desde sua chegada, foi o primeiro Mestre-Escola do Brasil. Ficou na província até sua morte, em 1600.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1539-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 77 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X - Missiones Occidentales), Doc. 42: « Do Fr. Vicente Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra. Baia 17 de maio de 1552 », pp. 305-314.

[...]

4. <...> [f. 56r] (p. 309) Y recogiendo-se ellos [índios], tornaron a perseguirnos y, siendo lá dos oras ante manana, determinamos de desenterrar el muerto [da "Aldea" de Monte Calvário, entre março e 17 de maio de 1552] por nós aquiatar, como hizimos mui secretamente a la candela, y lo llevamos a enterrar junto de la ciudad, sin ninguno lo saber, que es mucho: que toda la noche bebían sus vinos, cantando y dançando, y en aquel paso adornocieron que ni cachorro bradó. <...>

5. [...] Finalmente ordenamos que viniessen los blancos con tumba y procisión de los niños y mucha gente, el qual enterramos en la hermita ["junto de la Ciudad" da Bahia, na mesma data] con missa cantada de defuntos, y desta hermita avemos constituido por maiordomo el Principal, padre del defunto, y ésta es donde van todos los sábados a la Salve con los blancos.

[...]



## VICENTE RODRIGUES

(1528 - 1600)

DOCUMENTO: CARTA (POR COMISSÃO DO GOVERNADOR DO BRASIL TOMÉ DE SOUSA AO P. SINDO RODRIGUES, LISBOA). [Bahia, maio de 1552].

TEXTOS: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 56v-57v (antes 282v-284v). Título: «Parte de algunas cosas que acontecieron a los Hermanos [acrescenta p. F. Polanco: "de la Compañía de Jesús"] del Brasil que mandó [Polanco riscou "mandó" e pôs "escribió"] el Governador Thomé de Sousa ». Com emendas de POLANCO.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 310) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1535-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 1 - Missiones Occidentales). Doc. 43: «[Do] Fr. Vicente Rodrigues por comissão do Governador do Brasil Thomé de Sousa ao P. Sindo Rodrigues, Lisboa». [Bahia maio de 1552], pp. 315-321. A carta foi impressa sem levar em consideração as emendas de F. Polanco.

[...]

3. [f. 57r] (p. 317) Muchos enfermos recibieron salud por oración de los Padres [em algumas "destas tres u quatro Aldeas", as primeiras da Bahia], de los quales no se puede contar, principalmente dos moços; y quando se baptizavan una ~~suma~~ del gentil, la noche siguiente dixo uno dellos que se allara en la gloria; cantando por su arte decia muchas cosas que viera de nuestra fe, y no se hartava en las contar.

4. Hun Principal por nombre Tacoi, el qual por tener dos mugeres no lo quisieron hazer christiano, un día vino con grande deseo a pedir el baptismo, y baptizado, de así a (p. 318) pocos días caió en una enfermedad mortal. Y estando instruido y preparado para morir christiano, alevantóse en la red y pidió a su hermana su ropa, y díxole: "O hermana, ¿no vees tantos cantares quantos vienen del cielo para me llevar?" Alevantadas las manos al cielo dió el spiritu al Señor. <...>

[...]

12. [f. 57v (...)] (p. 320) En una Aldea ["destas tres u quatro"] de un grande y más grave de los Principales de la tierra se puso una cruz, la qual pusieron los Padres en una procissão cantando con los niños las letanías<sup>39</sup>, y toda la Aldea uno y uno ía a besarla y adorarla<sup>40</sup>. <...>

[...]

39. *Litanias* ou *letanias* (esp.), *litaniae* (lat.), *litanei* (al.), *litania* (it.) e *litanie* (fr.) eram o mesmo que *ladinhas*, em português. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. V, 1716, pp. 15-16) diz: «Preces, com que se invoca por ordem os nomes de Deus, e dos Santos, ou com que se fazem breves encómios à Virgem nossa Senhora, ou a alguns mysterios em geral, ou em particular. Litanie, aram. Fem. Plur. Tocou a Igreja do Brago este nome, que significa supplicações». DOMINGOS VIEIRA (Grande dicionário português, v. III, 1873, p. 1247) acrescenta: «Supplicas e orações, por



meio das quaes imploramos o auxilio da Divindade, rogando á Virgem Santissima e aos Santos, que sejam nossos intercessores perante a Divindade, e que roguem por nós ». Cf. também PEDRO SINTE (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 343) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 281). RUPHUEL BLUTEAU (op. cit.), JOAQUIM ROSA DE VITERBO (*Elucidário*, 1865, v. II, pp. 50-51) e LUIS DE OLIVEIRA CASQUEDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1968, p. 426) discorrem sobre a tipologia das ladainhas e devem ser consultados para uma investigação mais aprofundada. GIL VICENTE (*Copilação de todas as obras*, 1983, v. I, livro I, p. 236) fala desta oração no Auto da barca do purgatório, de 1519, na voz do "lavrador": « E de tudo fiz aquesta, | como homem diz, avantajado: | deixei o cura a enha besta. | Roonda que nem arresta | terá comigo o cossairo. | De anai e un trintaíro, | com raponeos, ladainhas: | a Gil fiz todo repairo | com aiseas e' aniversairo | trinta dias ». FERNÃO MENDES PINTO (*Peregrinação*, v. VII, 1945, cap. CCIII, p. 184), escrevendo em 1614, narra as práticas religiosas do padre mestre português Francisco, no Japão em 1551: « porque tinha o padre por costume quando acabava de dizer essa rezar com todos Na Ladainha para rogar a N. Senhor pela augmentação da fé Catholica, & nesta ladainha dizia sempre, como nella se costuma, Sancte Patre ora pro nobis, Sancte Paule ora pro nobis, & assi dos mais Santos ».

40. GILTHAZAR TELLES + (*Crônica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, 1645, livro VI, cap. XII, § 4, p. 487) descreve procissão no "Reyno do Algarve" em 1550: « Partiéndose o Padre para a villa da Alagoa, chegando á vista d'ella, achou todo o povo junto, que era de quinhentos visinhos, que em procissão ordenada vinham a receber o missionario do ceo, com ajeques repiques de sinos, musicas de clerigos, cantares de miunos, ramos nas mãos, & alvoroço do povo, representado, em parte, o que houve na Ierusalem na entrada do Salvador ».



## ANTÔNIO PIRES

(1519 - 1572)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMOS DE COIMBRA. Pernambuco, 4 de junho de 1552.

TEXTO: Apógrafo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roese, Lisboa), 1-5-2-36, ff. 26r-29r. Título: «Carta do P. Antonio Pires, de Pernambuco, de cinco de Junho de 1552».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Sobre as outras impressões desta carta, cf. SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ*, v. 1, pp. 321-322.PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* 7 (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.J., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. 1 - *Missiones Occidentales*). Doc. 44: «Carta aos Padres e irmãos de Coimbra. Pernambuco, 4 de Junho de 1552», pp. 321-327.

[...]

B. (p. 325) Há nesta Capitania grande escravaria asi de Guiné [41] como da terra. Tem hũa Confraria do Rosario [42]. Digo-lhe missa todos os domingos e festas. Andão tam ben ordenados que hé para louvar a Deus Nosso Senhor. Muyta vantagem fazem os da terra aos de Guiné. Fiz procissão com elles todos os domingos da Quaresma, e entre homens e mulheres sirião perto de mil almas, afora muytos que ficão nas fazendas, não entrando nella os brancos porque mais á tarde fazião os brancos a sua [43]; e o que hia da hũa á outra (p. 326) de diferença, era os brancos, a poder de varas, juizes e meirinhos e almotaceis, se não podião meter em ordem, sempre falando, e os escravos hião em tanta ordem e tanto concerto huns traz outros com as mãos sempre alevantadas, dizendo todos: "Ora pro nobis", que fazião grande devação aos brancos, em tanto que os juizes lhe dão em rosto com os scravos.

[...]

41. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 325, nota 6): «Os Negros de África chegaram ao Brasil com a pretoria plantação da cana de açúcar a roça de 1532. LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 1936, p. 344; AFRÂNIO PEIXOTO, *Cartas avulsas (1550-1568)*..., Rio de Janeiro, 1931, p. 125 (Publicações da Academia Brasileira de Letras, "Coleção Afrânio Peixoto"); AFONSO DE E. TRINTE - *Susídios para a história do tráfico africano no Brasil*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 1, 1941, p. 51 ».

42. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 325, nota 7): «Pelo modo de falar, a Confraria do Rosario era dos Escravos, como tais, quer Negros quer Índios ».

43. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 325, nota 8): «Também este modo de falar insinua a existência já da Confraria do Rosario dos Brancos ».



## MANUEL DA NÓBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIAO RODRIGUES, LISBOA. Bahia, 10 de junho de 1552.

TEXTOS: Apógrafo incompleto em português, de original perdido. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 189v-191v. Títulos: « Outra carta do mesmo Padre [Nóbrega] para o Provincial de Portugal ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliensia, v. I, 1956, p. 348) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliensia I (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 3 - Missiones Occidentales). Doc. 49: « Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Siao Rodrigues, Lisboa, Baía 10 de junho de 1552 », pp. 348-357.

[...]

3. [f. 190r] (p. 350) Este Collegio dos Meninos de Jesu vai em muito crescimento e fazem muito fructo, porque andão pellas Aldeas com pregações e cantigas de Nosso Senhor polla lingua<sup>44</sup> que muito alvoraça a todos, do que largamente se escreverá por outra via. <...>

[...]

9. [f. 191r] (p. 353) Eu tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar<sup>45</sup>, e são quã pregadores, e não há quã mais que aprender; e mandava-os pera aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouco de latin, pera se ordenarem como tiverem idade e folgara El-Rei muito de os ver serem primitias desta terra. <...>

[...]

44 . Aqui já estão consolidados os primeiros sucessos dos padres da Companhia de Jesus no ensino do tanto às crianças indígenas.

45 . Segundo se depreende do texto, esta é a primeira referência a meninos da terra que aprenderam a cantar melodias cristãs.



## PEDRO FERNANDES SARDINHA

(c. 1495 - 1556)

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. [Bahia, julho de 1552].

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras., 3-1, ff. 102r-102v (antes 175r-176v, riscado; outra letra: 331r-332v). Título: « Copia de una que el Obispo del Brasil escribió al P.<sup>o</sup> Maestro Simón ». Depois do texto há esta explicação (f. 103v): « Esta carta mandó el Obispo del Brasil al P.<sup>o</sup> Maestro Simón no se sabe quando (entrelinha) outra letra: « la mandó l'ao. 1552 poco da poi che l'istesso Vescovo era arrivato al Brasile »), porque no foi dada. Depois sabiendo el Obispo que Maestro Simón no tenía el cargo y era ydo de Portugal paraciolo que no era, porque venia en el sobrescripto que Maestro Simón solo la liesse, y escribió otra al Padre Rector del colegio de San Antón de de aquí de Lixbona en que suariamente cuenta algunas cosas de la carta, y después (as duas últimas palavras repetidas, mas riscadas) aliando un traslado, que allá le avia quedado della, la traslado de su mano y la rubió sin poner los dias, y este es el traslado della ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 357) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: D. PEDRO FERNANDES SARDINHA esteve no Brasil de 1552 a 1556 como o primeiro Bispo de Salvador. Era partidário da impossibilidade da conversão dos índios ao cristianismo. Foi morto e devorado pelos caetés na Bahia em 1556.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ I* (1537-1568). Roma, Monumentæ Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu* a *Patribus Eiusdem Societatis* Edita, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. 1 - *Missiones Occidentales*). Doc. 46: « D. Pedro Fernandes ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Baia julho de 1552] », pp. 357-367.

1. «...» [f. 102r] (p. 358) Yo queriendo en el alguna manera de procurar hazer el officio de buen pastor, amonesté, en el primir sermón que hize luego como llegé a esta cuesta, que ningún hombre blanco uzase de las costumbres gentílicas, porque, ultra que ellas son provocativas a mal, son tan disonantes de la razón, que no sé cuáles son las orejas que pueden oyr tales sonos y rústico tañer.

2. (p. 359) Los niños huérfanos antes que yo viniesse tenían costumbre de cantar todos los domingos y fiestas cantares de nuestra Señora al tono gentilico, y tañeren ciertos instrumentos que estes bárbaros tañen y cantan quando quieren beber sus vinos y matar sus inimigos. Platicó sobre esto con el Padre Nobrega y con algunas personas que saben la condición y manera destos gentiles, en especial con el que lleva ésta, que se llama Pablo Díaz, y allé que estos gentiles se alaban que ellos son los buenos, pues los Padres y niños tañian sus instrumentos y cantavan a su modo. Digo que Padres tañian, porque en la compañía de los niños venia hun Padre sacerdote, Salvador Rodriguez; tañia, dançava y saltava con ellos. Y tanto por esto ser en favor de la gentilidad, y con poco fruto de la fee y conversán, y con menos reputación de la Compañia, como también por inventor desto ser un Gaspar Barbosa, el qual en la ciudad de Lixbona huyó del cárcel y se acogió a la See, y de allí en la mitad del día se descyó por una sogá, y vino después degra[da]do soá para siempre; y por no dexar de usar aún aqua de sus costumbres malas, le mandó el Governador venir a esta ciudad preso, y salió la sentencia que no saliesse más desta ciudad. Después de andar aquí se metió velut lupus in vestimenta ovium<sup>46</sup> con los vuestros Padres, más zelos[os] de la virtud que esprincentados en la malicia, para le averem licentia de[l] Governador, como realmente ovieron, para se tornar.



Este es el que (p. 360) inventó esta curiosa y suprestiosa gentilidad, y él mismo cantava y tañia por las calles con los niños y Padres. La qual cosa defendí para quitar gentilidad que tan mal parecia a todos.

[...]

10. [f. 103v] (p. 365) Y con esto acabo lembrando a V. R. que cerca de la confesión por intérprete y de las otras cerimonias de los gentiles vaa mucho vellas aquí y escrevellas y estallas allá desputando, porque es esta gente tan affectionada a sus costumbres que no quiero más para dizir que quanto le predicamos es nada por ver que que gustamos de sus cantares, tañeres gentiles. <...>

[...]



## MANUEL DA NOBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. [Bahia, fins de julho de 1552].

TEXTO: Apógrafo em português, de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 62r-63r (antes 296r-299v e mais antigo riscado 172r-173v). Data do copista [63v]: «† Trellado de nama do P. Manuel da Nobrega, do Brasil, 18 via». Outra letra: «Sine data». Usado pelo P. POLANCO, que sublinhou palavras e escreveu à margem vários números.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 368) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1539-1568). Roma, Monumentae Historicae S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 1 - Missiones Occidentales). Doc. 51: «Do P. Manuel da Nobrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Bahia fins de julho de 1552]», pp. 367-375. Não se imprimiram as notas do P. Polanco.

[...]

7. [f. 62v] (p. 372) Os padres que o Bispo [D. Pedro Fernandes Sardinha] trouxe nem edificarão nada este povo, porque cá fazião-lhe tudo de graça e agora vêm outro modo de proceder. O vigairo desta cidade [Manuel Lourenço]<sup>47</sup>, que agora hé chantre, mandou-o prender o Bispo por uma paixão, porém soltou-se logo. <...>

8. (p. 373) Os mininos desta casa acostumavão cantar pelo mesmo tom dos Indios, e com seus instrumentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athraião os corações dos Indios, e asi alguns mininos da terra trazião o cabelo cortado á maneira dos Indios, que tem muyto pouca differença do nosso costume, e fazião tudo para a todos ganharem. Estranhou-o muyto o Bispo e na primeira pregação falou nos costumes dos gentios muyto largo, por donde todo o auditório o tomou por isso. E foy assi, porque a sym o reprehendeo muyto asperamente, nem aproveitou escusar-me que nem erão ritos nem costumes dedicados a idolos, nem que perjudicassem a fee catholica. Obedeci-lhe e asi o farey em tudo, porque por menos mal tenho deixarem-se de salvar gentios que sermos ambos divisos.

9. Este negocio dos mininos e sua confraria<sup>48</sup> favorece-o muito mal e soltou palavras por donde se ficou entendendo nem levar disso muyto gosto. São eu tam mau, que suspeito que nem há por bem feyto senão o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza.

[...]

47. Esta é a primeira referência conhecida a um chantre na Sé de Salvador. Contudo, seu nome não é citado nessa função nos Documentos Históricos (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1928-1955. 110 v.). Sabe-se, ainda, que Francisco de Vaz, oficialmente o primeiro chantre da Sé de Salvador, também se indisputou com o bispo nessa época. Cf. a carta de JOAQUIM DA COSTA (8 de abril de 1555). SERAFIM LEITE, na Monumenta Brasiliæ (v. I, 1956, doc. 7, p. 121, nota 4) informa: «A provisão do "clérigo Manuel Lourenço que se como Vigário da Igreja do Salvador" é datada de 18 de Fevereiro de 1549. E já estava na Bahia no Natal de 1549 (SERAFIM LEITE, op. cit., p. 23), deixando Nobrega o seu ofício de Pároco, que entora interinamente, fora o primeiro a exercer na nova Cidade».

48. ROYAL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 460) dá: «Confraria. Irmandade. Ajuntamento de varias pessoas para exercicios espirituais».



# **MENINO[S] ÓRFÃO[S]** **[POR FRANCISCO PIRES]**

(1522 - 1586)

**DOCUMENTO:** CARTA DO MENINO DIEGO TUPINAMBÁ PERIBIRÁ MONGETÁ QUATIA (ESCRITA PELO P. FRANCISCO PIRES) AO P. PEDRO DOMENECH, LISBOA, Bahia, 5 de agosto de 1582.

**TEXTOS:** Tradução em espanhol de original em português perdido, a qual o P. Domenech juntou umas palavras para o P. Geral (publicadas em *Mon. Bras.*, doc. 56, pp. 415-417). Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 64r-67v [antes 298r-301v]. Cota por letra do P. Domenech: «Treslado de una carta del Brasil que escrive a Pedro Domenech sobre las cosas que nuestro Señor obra por los niños de la doctrina en aquellos gentiles. [Quita letra:] 1582 5 Agosto. ». Ao final (67r): «De vuestros hermanos [provêno: singular no original] | Diego Tupinambá Peribira Mongetá Quatía ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 375) relaciona as edições contidas nesta carta.

**NOTA SOBRE OS AUTORES:** SERAFIM LEITE, na edição utilizada [pp. 389-390, nota 41], informa: «Esta cláusula requer alguns esclarecimentos: a) De vossos irmãos: Talvez o original estivesse no singular, e o tradutor ou copista o transpusesse para o plural, contando vários signatários, como aparentemente se apresenta a quem quer que desconheça a língua brasileira (tupi); b) Diego: O facto de haver um só nome cristão, junto com a significação das palavras tupis, sugere que talvez se trate de um só menino com nome composto pelo P. Francisco Pires, autor da carta, que fazia diligência por aprender, o tupi nem nunca chegar a saber bem. Nome composto dos seguintes elementos: de batismo (Diego), de tribo (Tupinambá), de família (Peribira), de escola (Mongetá Quatía: ler, que lê e escreve); c) Mongetá: «Ninguém, falar a alguém»; «ler o escrito». [Leonardo do Vale] - *Vocabulário da língua brasileira*. Coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo, 1938. I, [1953], 133; II, 20; d) Quatía: «Escritura, pintura, dibujo, papel, carta, libro»; «alguém, escrever»; «quatía mongetá, ler». Antonio Ruiz de Montoya - *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani o más bien Tupí*. Viena de Austria, 1876, 262, 323v. ». FRANCISCO PIRES esteve no Brasil de 1550 a 1586. Foi padre da Companhia de Jesus, fundador da Igreja da Ajuda em Porto Seguro e Reitor da «Escola Geral de Meninos da Terra e Filhos dos Cristãos», de 1559 a 1562.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ I* (1539-1568), Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Etundæ Societatis Editæ, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I - Missiones Occidentales], doc. 52: «Carta dos Meninos Órfãos [escrita pelo P. Francisco Pires] ao P. Pedro Domenech, Lisboa, Baía 5 de agosto de 1582 », pp. 375-389.

[...]

2. <...> [f. 64r] (p. 378) La cruz fué siempre levantada [“por la tierra adentro”] y los niños delante, de dos en dos o de tres en tres, predicando, unos delante de los otros por un espacio, a grandes voces, predicando a Christo ser el verdadero Dios que hizo los cielos y la tierra y todas las cosas para nosotros, para que le conociéssamos y serviéssenos, y nosotros a quienes El hizo de la tierra y dió todo, no lo queremos conocer ni creer, obediciendo a sus hechizeros y malas costumbres, y que de allí adelante no tendrían excusa, pues Dios les imbiava la verdadera santidad, que es la cruz y aquellas palabras y cantares. <...>

[...]

4. <...> [f. 64v] (p. 379) En algunas casas de las Aldeas [indígenas], porque no fuéssenos a ellas, hazían fuego y quemavan sal y pimienta, porque con la fortaleza y edor no passássenos; e nosotros con todo visitávamos las casas todas con la cruz levantada. Y nosotros entrando ibamos con cantares de nuestro Señor<sup>48</sup>, de manera que todo les era para consolación, porque les dezíamos la verdad, y que todo que llevávamos era



vida y que los ruines eran los que murían porque no querían las cosas de Dios.

[...]

7. Quanto a la romería de las pissadas [*Pegadas de São Tomé*], de la Aldea donde posamos es un tiro de ballesta. Lo más de la noche tuvimos grandes cumplimientos con el Principal que estava al presente. Nos dixeron que morásemos (p. 380) allí y que nosotros, que sabíamos, los enseñáramos y ellos nos harían una casa en las pissadas del bienaventurado Santo. Con los quales de mañana partimos, después de plática y predicationes por las casas e cantares, para las pissadas, con la letanía nuestra compañera, y ellos todos con ora pro nobis. <...>

[...]

10. <...> [f. 65r] (p. 382) Pusimos una cruz [durante "otra peregrinación la semana de Lázaro (12 de abril de 1552) de ocho leguas donde llaman el Grillo", a 8 léguas da Bahia, próximo do Rio Matoim] y dixímosle lo que era, y fué luego como se lo dixieron, y con los suyos hizieron un camino donde la pusimos. Para llevarla hizimos una processión con gimaldas en la cabeça, con los negros [i.e.: indios] diziendo ora pro nobis. <...>

[...]

12. [f. 65v] (p. 383) En esta Aldea [do "Grillo", entre 12 e 17 de abril de 1552] uvo muchas fiestas donde los niños cantaron y holgaron mucho, y de noche se levantaron al modo de ellos y cantaron y tañeron con tacuaras<sup>50</sup>, que son unas cañas grossas con que dan en el suelo y con el son que hazen cantan, y con maracás, que son de unas frutas unos cascotes como cocos y agujerados con unos palos por donde dan y pedrezuelas dentro con lo qual tañen<sup>51</sup>. Y luego los niños cantando, de noche (como es costumbre de los negros), se levantaban de sus redes e andavan espantados en pos de nosotros. Parézeme, según ellos son amigos de cosas músicas, que nosotros tañendo y cantando entre ellos los ganaríamos, pues<sup>52</sup> diferencia ay de lo que ellos hazen a lo que nosotros hazemos y haríamos si V. R.<sup>a</sup> nos hiziesse proveer de algunos instrumentos para que acá tañamos (imbiendo algunos niños que sepan tañer), como son flautas, y gaitas<sup>53</sup>, y nésperas<sup>54</sup>, y unas vergas de yerro con unas argollicas dentro, las quales tañen da[n]do con un yerro en la verga<sup>55</sup>; y un par de panderos<sup>56</sup> y sonajas<sup>57</sup>. Si (p. 384) viniesse algún tamborilero<sup>58</sup> y gaitero<sup>59</sup> acá, parézeme que no habría Principal que no diesse sus hijos para que los enseñassen.

13. Y junto con esto, como el P.<sup>o</sup> Nóbrega determina yr lejos por la tierra adentro, yrian seguros con esto, porque los negros a sus contrarios (a los quales quieren muy mal, tanto que se comen unos a otros) los dexan entrar en sus tierras y casas, si les traen tañeres y cantares, y assi los nombran santidades y les dan quanto tienen porque les dizen muchas cosas falsas y mentiras que el demonio, su padre, les enseña. Pues si esto que los negros saben que son mentiras y engaños, y assi lo confiessen, los atrae, ¿qué harán si con música, que nunca oyeron, les predicáremos la verdad del mismo Dios exercitada en nuestras almas? ¿Quien tendrá duda sino que tremerán los demonios y sus poderíos como nublados ante el sol? Esto dize el Padre Nóbrega<sup>60</sup> y téngolo por muy cierto, porque los niños tienen muchos sermones estudiados y tañen e cantan al modo dellos, lo qual huelgan de oyr. Y quando los niños van cantando y tañendo por sus Aldeas, vienen los viejos (que suelen aver miedo de nosotros y esconden sus hijos) a bailar sin descensar, y assimismo las viejas, por cujo consejo se rigen así viejos como moços; y los niños [f. 66r] andan tras nosotros y esperando quando emos de tañer o cantar, rogándonos que los enseñemos, y diziéndonos algunos que quieren venir con nosotros. Así lo desean, mas no osan del todo fiar por los engaños y males que hast'aquí recibieron de los christianos passados, lo qual agora nuestro Señor les abre los ojos y confiessen nuestra verdad muchos dellos y conocen sus engaños.



14. (p. 384) Para lo qual hemos menester se muchos y ayudados de muchos Padres y niños que canten, acompañados de virtud para que pueden enseñar a los otros, trayendo consigo las cosas que les hemos pedido y encomendado, y muchas campanas para quando se repartieren por las Aldeas con que llanen a la doctrina, de lo que acá tenemos mucha falta, porque los Padres y los niños son repartidos por las Capitanías, y en menester muchas campanillas<sup>81</sup> quando fueren por las Aldeas.

15. (p. 385) Despues tornaran los niños para la tierra adentro, adonde fué el Padre Nobrega e otro Padre y dos Hermanos, día del Angel Custodio [19 de julho de 1552] y acabada la processión, y después que ovinos en casa, con la cruz toda pintada de pluma de la tierra muy hermosa, con el Niño Jesú en lo alto de la cruz en traje angélico con una espada pequeña en la mano. Y assí fuimos con la cruz levantada por las Aldeas cantando en cada una dellas y tañendo a modo de los negros y con sus mesmos aones y cantares, mudadas las palabras en loores de Dios<sup>82</sup>. <...> (p. 386) En la otra [“Aldea” no sertão dos Carijós ou Guaraná do Sul] que primeiro durmimos tuvimos nuestros sermones y hablas de nuestro Señor [pejo P. Nobrega]. <...> (p. 387) Y después desto tañíamos y cantávamos, de lo que algunos havían miedo, porque pensavan que nuestro cantar les daría la muerte, otros por el contrario hogavan mucho y venían a nuestro tañer a cantar y baylar, donde venían viejos y viejas que era para espantar, siendo éstas por quien ellos se rigen. <...>

[...]

17. [f. 68v] (p. 388) Anduvimos con mucho trabaxo de caydas fasta llegar a las pissadas [“detrás de un río Matuin” ou Cotegipe, entre maio e julho de 1552], donde allamos los negros tan buenos que hubo de quedar allí un Hermano [Vicente Rodrigues] con dos niños para (p. 389) los enseñar y hazer una casa en las pissadas [de São Tomé] donde se recojan niños y deprendan. Allí hallamos buen acogimiento, porque por un hijo suyo nos imbió a llamar a su casa el Principal, donde recibimos tanta consolación, qu fué mayor que los trabajos que passamos. Y en esa misma Aldea bailamos y cantamos a su modo y los cantares en su lengua, y la muger del Principal se levantó a bailar con nosotros. E otro día por la mañana nos fué amostrar en limonar donde los niños tomaron de los limones. Day nos partimos para las pissadas con cantares de nuestro Señor u los gentiles de la Aldea yvan con nosotros. Y cantamos en las pissadas un hymno<sup>83</sup> del Spiritu Santo, y day nos partimos de los Hermanos, los quales quedavan muy deseosos de nosotros.

[...]

49. FERNÃO MENDES PINTO [Peregrinações, v. III, 1945, cap. CXXVII, p. 41] descreve, entre portugueses de Goa, em 1554, um tipo de cantiga semelhante a este: «Chegando o cantor a bordo da nar, o padre Ritor com toda a mais companhia entrou logo nella, e levava os miruns orfãos diante dõ capellas nas cabeças, e ramos nas mãos, cantão Gloria in excelsis Deo, etc. e outras muytas cantigas em lovor de Deos».

50. GABRIEL SOARES DE SOUSA e (Notícia do Brasil, 1937, cap. CLXXII), informa que os tupinambás costumam «nos seus cantares tangeres com um canudo de uma cana de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso que caba no braço, por grosso que seja, por dentro dele; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando tangem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e toa tanto como os seus tambores, da maneira que os nles tangem». Esta taquara, espécie de bastão de ritmo, é descrita por



RENATO ALMEIDA (*Matéria de música brasileira*, 1942, parte I, cap. II, p. 35), LUIS DA CÂMARA CASQUO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1968, p. 111) e MÁRIO DE AGUIAR (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 503).

51. Trata-se do maracá.

52. Nota de GERARDO LEITE, nesta edição (p. 383, nota 25): « "Pues" não aponta a diferença, antes a acentua, com vantagem para os instrumentos musicos que se pedem de Portugal ».

53. Baita é o mesmo que frauta, para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 6). Contudo, o termo é citado ao lado de "flautas", levando-nos a imaginar que o instrumento mencionado seja a gaita de foles. A referência a "gaitero", logo em seguida, corrobora esta hipótese.

54. LUIS DE CÂNDIOS (*Obras completas*, 1972, p. 216), no Auto chamado de Filodemo (publicação póstuma de 1587), já colocava na voz de "Vil": « A música não é senão das nossas; nas faço-te queixas, que sem com um cão de busca pode achar das respostas por toda esta terra ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. V, 1716, p. 713) ea « *vesperas*. Campanhas sem badalo, que tocam tocando uma na outra, de que usão Bofarinhos ». DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. IV, 1873, p. 427) e MÁRIO DE AGUIAR (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 361) repetem a definição de BLUTEAU, o primeiro usando o texto que citamos de CÂNDIOS e o segundo este trecho da carta dos meninos órfãos.

55. Trata-se do berimbau, concordando esta descrição com as de DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. I, 1871, p. 756), LUIS CUSPE (*Dicionário musical*, 1957, p. 181), LUIS DA CÂMARA CASQUO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1968, p. 120) e MÁRIO DE AGUIAR (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, pp. 58-59). Este instrumento, que não deve ser confundido com o berimbau-de-barriga, ou urucunga, que os escravos africanos fizeram popularizar no nordeste brasileiro, será mencionado, pela primeira vez, na Informação de missão do P. Christovão Gouvêa, de FERNÃO CARDIM & (1585, § 30).

56. "Pandeiro", para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, pp. 219-220) « Deriva-se do árabe Pandair. He a modo de cerradura de huma poneyra, com hum vãos ao redor, em que estão metidas humas chapinhas de latão, a que chamão soalhas, que movidas fazem hum agradável, & festivo somido. Segundo Pedro de Maris, na Historia de S. João de Sahagun, pandeiro se deriva do Grego Pandura, que significa instrumentos musicos, compostos de humas fassquias de taboas estreytas, & juntas em humas; porque tambem o nosso pandeyro he composto de variedades de soalhas, & de fassquias de madeyra estreytas, pag. 163 ». LUIS DA CÂMARA CASQUO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1968, p. 574) informa que « Os pandeiros mais antigos não tinham pele, e apenas soavam atrito de soalhas lateralmente » e MÁRIO DE AGUIAR (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 381) acrescenta que « O pandeiro também pode ter a moldura, ou aro, na forma quadrada, e neste caso é chamado de pandeiro-adufe ou adufe ». Autores quinhentistas portugueses, como GIL VICENTE, citam-no várias vezes. ANTÔNIO FERREIRA (*Poemas lusitanos*, v. I, 1939, p. 192) traz uma referência a este instrumento na écloga Archigania (cc 1596): « Que dor, que mal, que mágoa sentiria, | quem visse que tangia num psalterio | Minerva, e c'um pandeiro concertava, | Que ora Venus tocava, ora acodia | Com sua voz? ». ERNESTO VEISA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 178-209) traz excelente estudo sobre os pandeiros, ilustrado (fotos 286-293) com exemplares triangulares, quadrados e hexagonais, em uso atual no território português.

57. Sonaja (esp.), como sonaglio (it.), são termos correspondentes ao português cascavel.

58. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 34) dá para tamborileiro « O Rustico, que tange tamboril ».

59. "Gaitero", para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 6), é « O que toca gaita de fole ». Nesse caso, "Baita" significa "Baita de fole". MÁRIO DE AGUIAR (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 236) diz « Instrumento de sopro constituído de um odre de fole que armazena o ar e tubos com funções diversas: o principal de tubo melódico é o que tem orifícios a serem dedilhados pelo gaitero; o segundo, boquilha, serve para a injeção do ar e os outros dois, bordões, produzem sons correspondentes às notas com funções de tônica e dominante. As variações deste modelo básico estão no número de bordões e na injeção do ar que pode ser feita por fole mecânico accionado pelo instrumentista. A gaita-de-foles foi introduzida no Brasil pelos portugueses que já a empregavam nas festas de Natal e do Espírito Santo ». ERNESTO VEISA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, fotos 206-208) reproduz pinturas do séc. XVI que exibem esse instrumento e faz estado minucioso de seu uso em Portugal, às pp. 168-183. Entretanto, não há notícias seguras de sua presença no Brasil nos séculos XVI e XVII.



50. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 364, nota 27): « Vasconcelos [Sinto de] resume assim este passo da carta de 1552: 'Degeu a ser opinião de Nóbrega, que era hum dos meios, com que podia converter-se a gentiilidade do Brasil, a doce harmonia do canto; e por esta causa ordenou se lhe pusessem em solfa as orações e documentos de nossa santa Fé; porque a volta da suavidade do canto entrasse na suas almas a intelligencia das cousas do Deo' [Chronica, Liv. I, nº 118, anno de 1552]. Também o P. António Vieira viu esta carta de 1552 e achou na Serra de Itapaba o mesmo "estilo" de Nóbrega: "Mas depois que os Padres lhes ensinaram a cantar os mesmos mistérios, que compuseram em versos e tone muito accomodados, viu-se bem quanta razão dizia Nóbrega, primeiro Missionário do Brasil, que com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América" (Relação de Missão de Itapaba, in *Vozes Saudades* [Lisboa 1736] 37-38; Cf. Leite [Serafim], *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil* 61-62). A Relação de Vieira imprimiu-se pela primeira vez em 1800 (Leite [História da Companhia de Jesus no Brasil] II 244), três anos antes da Chronica. A fonte de Vasconcelos poderia ter sido Vieira, mas o facto de situar a notícia no ano de 1552 mostra que também ele viu esta carta em Roma, onde aliás antes haviam estado Vieira em 1606 e Vasconcelos em 1602. Cf. Leite, *Breve Itinerário* 88-90; *Cartas de Nóbrega* (1955) 171-172 ». FRANCISCO ADOLPHO DE WARRAGEN (*História geral do Brasil*, v. I, 1854, seção IV, pp. 201-202) também tem um comentário sobre a mesma matéria, que anexamos às observações de SERAFIM LEITE: « Para a conversão dos colônios, ou crianças gentias, os meios que melhor se estrearam foram principalmente a musica, o canto e o aparato deslumbrador das cerimônias, que os enteeiligava. Feitos acolytos os primeiros párs mangos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, do que se aproveitaram os jesuítas entrando com elles pelas aldeas em procissões, de cruz alçada, entoando a ladainha, cantando rezas e arrebanhando muitos; com o que se honravam á vezes os pais. A musica atrahiu assim a civilização ao meio dos bosques miltos, que se estavam criando para homens-feras; e Nóbrega foi quasi o segundo Orfeo em nosso país ».

61. Para RAPHAEL BLUTER: (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 82), campainha « de diminutivo de Campana, que quer dizer sino ». GIL VICENTE (*Copilação de todas as obras*, 1963, v. I, p. 42E), em 4 comedia do vitor, de 1514, cita « Voye a cas del sacristão i a papilla las campanas : que tanto ». LUIS DA CÂMARA CASQUEIRO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 717-718) traz ótimas informações, sob o verbete "sino": « Sinos, campainhas, quizes, sinetas, cascallões, todos os produtores do som, expulsavam os demônios em todas as crenças do mundo. Ao lado da utilidade de fixar a presença do animal que o usasse, cavalo, boi, vaca, cabra, etc., havia o efeito de afugentar o mal e mesmo evitar o cansaço. Assim os cavalos eram cobertos de quizeiras e mesmo os falões. Certos objetos do culto católico possuíam campainhas que não eram apenas decorativas mas, intrinsecamente, recordavam a função mágica do som. As custódias e os cálices-custódias tinham campainhas ». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 83-85), nos verbetes "campa", "campainha" e "campana".

62. A expressão « con sus mesmos sonos y cantares » indica claramente o uso de música indígena com letra cristã, registrando (agora com certeza) o primeiro exemplo conhecido desta prática entre os catequizantes da Companhia de Jesus no Brasil.

63. RAPHAEL BLUTER (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1713, p. E3) que escreve "Hymno", informa: « Conforme a sua antiga significação he nome obra Poetica, em louvor de algũa. Muitos hymnos fizeram os Poetas Gregos em louvor de seus fabulosos Deos. Hoje na Igreja Hymno, he hum louvor em versos composto a honra de Deos, ou dos seus santos. No officio divino se cantat hymnos nas Laudes, nas vespervas, & nas mais horas. O primeiro, que compoz hymnos para se cantarem na Igreja, foi Santo Hilario. Hymnus, i. Nasc. Mart. ».



## FRANCISCO PIRES

(1522 - 1586)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA, Bahia, 7 de agosto de 1552.

TEXTO: Fôto-grafo incompleto em português, de original português perdido. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, (XVI / 2-33, ff. 186r-189v. Título: «Carta do Padre nobrega [outra letra, riscada] para os irmãos de Portugal».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 391) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1537-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Illustre Societatis Editæ, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X - Missiones Occidentales). Doc. 53: «Do P. Francisco Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra, Bahia 7 de agosto de 1552», pp. 390-400.

[...]

3. <...> [f. 186v] (p. 393) E foi tudo ordenado por Nosso Senhor, porque levava tres mininos [f. 187r] com os quais principiou aquella Casa [“casa de meninos”], e não erão tão necessarios (p. 394) em São Vicente para onde elles hião, os quais acarretarão outros da terra, que aprendem e causam muita devação com suas doutrinas e pregações e cantares de N. Senhor assi aos christãos como gentios, e vai em muito crescimentos aquella casa. <...>

[...]

8. [f. 188r] (p. 396) Os mininos da terra fazem muito fructo e ajudam muito bem aos Padres e espantão-se os verem-nos falar com fervor e sem medo nem vergonha de N. Senhor. Em casa se tem muito exercicio de tudo, assi das pregações, como de cantigas, pella lingua [tupi] e em portuguez, e aprendem muito bem ho necessario. <...>

[...]



## MANUEL DA NÓBREGA

&lt; 1517 - 1570 &gt;

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. [Bahia, fins de agosto de 1552].

TEXTO: Xélografo em português, de original português perdido. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, LXV / 1-33, ff. 194v-197r. Títulos: « Outra do mesmo Padre [Nóbrega] ao Padre Mestre Simão ». No final da carta: « Fim ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. 2, 1956, p. 406) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1539-1566). Ffma, Monumentae Historicae S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I - Missiones Occidentales). Loc. 54: « Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Bahia fins de agosto de 1552] », pp. 406-409.

[...]

12. [f. 186v] (p. 406) Com a vinda do Bispo [D. Pedro Fernandes] se moverão algumas duvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer, as quais nos pareceu bem (p. 407) communicá-las com V. R. pera que as ponha em disputa entre parecer de letrados e me escreva o que devo de fazer.

13. Primeiramente, se se poderão confessar por interprete a gente desta terra que não sabe falar nossa lingua, porque parece cousa nova e não usada em ha christandade, porto que Caietano in summa, II<sup>a</sup> conditione, e os que alega Navarro, c. Frates, nº 8.<sup>o</sup> de penit. dist. 5.<sup>a</sup>, digam que pode, posto que não seja obrigado.

[...]

15. Item. Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como hé cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingua pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elles [usam] em suas festas quando matão contrairos e quando andão bebados; e isto pera os atrahir a deixarem os outros costumes essenciais e, permitindo-lhes estes, trabalhar por lhe tirar os outros; e assi o pregar-lhes a seu modo em certo toom andando passeando e batendo nos peitos, como elles fazem quando querem persuadir alguma cousa e dizê-la com muita eficacia; e assi trosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, [f. 187r] a seu modo. Porque a semelhança é causa de amor. E outros costumes semelhantes a estes.

[...]



## VICENTE RODRIGUES

(1528 - 1600)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMOS DE COIMBRA. Bahia, 17 de setembro de 1552.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido, com numerosas emendas e cortes do P. POLANCO. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 68r-68v (antes 307r-307v). Títulos: «*Reslado*» (POLANCO riscou «*Reslado*» e escreveu «*Sacado*») de una carta de Vicente Rodrigues que está en el Brasil, de 17 de Setembro de 1552. [letra de POLANCO:] del Salvador ». Cota de outra letra no fim [f. 68v]: «*Copia de do [sic] Vicente Rodrigues del Brasil. Roma [e ainda outra letra:] 1552* ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 409) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE — *Monumenta Brasiliæ* I (1554-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 79 — *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. I — *Missiones Occidentales*). Doc. 55a «*Do Jr. Vicente Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra. Baía 17 de setembro de 1552* », pp. 409-415. Não se consideraram as emendas e cortes do P. Polanco.

[...]

5. [f. 68r] (p. 413) Algunas perigrinaciones hizieron acá el P.ª Nobrega y los otros Hermanos con los niños. Muchos trabajos pasaron e dignos de notar, porque iendo por el sarthão visitando las aldeas con la † [cruz] alevantada a modo de procissão y con sus redes, donde duermen, a las cuestras, cada uno con la suia, assí niños como Padres, caminando todo el día, y quando llegávamos a las aldeas entrávamos con cantares santos y hymnos, los gentiles con miedo que tenían de nós pensando que les traíamos la muerte no nos recibían ni osavan de nós dar de lo que tenían [f. 68v], mas antes quemavan pimienta para nos echar de casa con el humo della, y así andávamos muy grandes jornadas no dexando todavía de praedicar las grandezas de Dios. <...>

[...]



## PERO DOMENECH

( ? - 1560 )

DOCUMENTO: CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. [Lisboa, outubro de 1552].

TEXTO: Autógrafo espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 67r-67v [antes 301r-301v]. A seguir, na mesma folha da carta dos Órfãos [Mon. Bras., rec. 52 iv. 11], como post-scriptum.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 416) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu e Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I - Missiones Occidentales). Box. 56: « Do F. Pero Domenech ao P. Inácio de Loyola, Roma. [Lisboa outubro de 1552] », pp. 415-417.

RESERVAÇÃO: Os relatos do F. Domenech não se basearam em observação direta, mas em informações providas do Brasil.

1. [f. 67r] (p. 416) Después de ésta [carta 52], recibimos otras dediez o doze niños, hijos de padres gentiles convertidos e bautizados. Scriven cómo tienen ya hecho quatro casas de ninnyos, y iglesias y hermitas entre los gentiles. Y un ninno scrive que fuyó de su madre e vino para la casa de los niñyos, y después de instruydo en la fe, se fué a predicar a su madre la fe de Christo, y halló que tenía una cabeça y pedaços de carne humana colgada al humo para comer. Fuyó luego y después por obediencia tornó y reprendióla de sus malas costumbres.

2. La orden que tienen es esta: que a la noche los Padres que tienen cargo dellos les dan meditaciones de la muerte o de juizio o semejantes cosas; y por la mañana madrugan y vanse por las casas de los negros y gentios y tómanlos en la cama y allí les platican de la muerte y infierno e de la pasión de nuestro Señor, y alguns vezes baylan y cantan, y así los ajuntan. Después desto que los tienen ajuntados, así baylando y cantando, dizenles la pasión de nuestro Señor, mandamientos<sup>64</sup>, Pater Noster, Credo e Salve Regina en su lingua, de manera que los niñyos en su lingua ensenyan a sus padres, y los padres van con las manos juntas tras sus hijos cantando Sancta Maria, y ellos respondendo ora pro nobis. Loado sea Jesú Christo para sempre.

[f. 67v] †

### El Pater Noster en li[n]gua brasil<sup>65</sup>

64. Foram publicadas em Lisboa, no séc. XVII, pelo menos três versões dos mandamentos na língua brasileira. ANTÔNIO DE AGUIAR & foi responsável por duas delas, no *Catecismo na língua brasileira* (1618) e no *Catecismo brasileiro da doutrina cristã* (1666); JUDÉ FELIPE BETENDORF & é o autor da terceira, no *Compêndio da doutrina cristã na língua portuguesa e brasileira* (1678).

65. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 416, nota 1): « Escreveu apenas o título, não a oração na língua brasil, isto é, em tupi, oração, com outras, já corrente no Brasil em 1552 ». A versão brasileira do Pater noster, que é mencionada pela primeira vez por JUAN DE AZPIQUETA NAVARRO & na carta de 28 de março de 1550 (5 1), foi publicada por ANTÔNIO DE AGUIAR & (op. cit.) apenas em 1618. Contudo, ANDRÉ THEVET &, na *Cosmographie universelle* (1575, v. II, parte IV, cap. VIII) já apresenta uma versão feita pelos franceses, que pode ter sido utilizada na 'França Antártica' entre 1555 e 1559.



**JOÃO DE BARROS**  
(c. 1496 - 1570)

**LIVRO:** ÁSIA, DÉCADA PRIMEIRA. Lisboa, Gerardo Galhardo, 1552.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Após a edição de 1552 da *Década primeira e segunda...* (Lisboa, Gerardo Galhardo, 1552), surgiram a *Década primeira da Ásia...* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1628), a *Ásia de João de Barros...* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932) e as *Décadas...* (Lisboa, Livraria Sá da Costa, v. I, 1945). A página de rosto da primeira edição, segundo RUBEM BORRÁS DE MORAES (*Bibliographia Brasiliana*, c. 1963, v. I) é a seguinte: *Ásia de João de Barros dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente. Impressa per Gerardo Galhardo em Lisboa: a XVIIIJ. de Junho anno de M. V. LIIJ. [1552] [22 (24 cm, 1 f. inua., 128 ff. ma., 1 f. inua., 143 ff. ma.)].*

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOÃO DE BARROS foi um dos grandes historiadores portugueses do séc. XVI, bastante conhecido por suas *Décadas da Ásia*. A cena que descreve no porto de Lisboa é importante para se conhecer a música executada nas cerimônias portuárias dessa época, que poderiam ter sido utilizadas no Brasil.

**EDIÇÃO UTILIZADA:** *Décadas*; seleção, prefácio e notas de Antonio Baião. Lisboa, Livraria Sá da Costa, v. I, 1945. 257 pp. (Coleção de Clássicos Sá da Costa).

**OBSERVAÇÃO:** Este fragmento foi incluído neste volume apenas para ilustrar a prática musical portuguesa na partida dos navios.

**LIVRO QUINTO | CAPÍTULO I | Como el-rei, por razão da nova,**  
**que dom Vasco da Gama trouxe da Índia, mandou fazer uma**  
**armada de treze velas, da qual foi por capitão-mór Pedro**  
**Alvarez Cabral.**

[...]

[11.] (p. 103) A qual despedida, geralmente a todos, foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa, por ser dia de festa e mais tão celebrada por el-rei, cobria aquelas praias e campos de Belém, e muitos em batéis, que rodeavam as naus, levando uns, trazendo outros, assim serviam todos com suas librés e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar, mas um campo de flôres, com a frol daquela mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espírito destas cousas, eram as trombetas, atabéques, séstros, tambores, frautas, pandeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquele dia tomáram posse de ir sobre as águas salgadas do mar [9 de março de 1500], nesta e outras armadas, que depois a seguiram, porque, para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar. <...>

[...]



## MANUEL DA NOBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. São Vicente, 12 de fevereiro de 1553.

TEXTO: Tradução espanhola de autógrafo português perdido. *Archivum Romanae Societatis Iesu, Bras.*, 3-1, ff. 106r-107v (arcs 306r-307v). Título: «Copia de una del P.e Manuel da Nobrega para el P.e Maestro Simón, del Brasil, del año 1553». No fim de vez do endereço: «Copia de una del P.e Nobrega para el P.e Maestro Simón, del Brasil». [Outra letra:] «1553 del Brasil». Copia de una del P.e Nobrega para el P.e Maestro Simón».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 419) relaciona as versões conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* I (1537-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Ecclia, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I - Missiones Occidentales*). Doc. 58: «Do P. Manuel da Nobrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. S. Vicente, 12 de fevereiro de 1553», pp. 419-424.

[...]

3. [f. 106r] (p. 421) Y aparéjome con algunos para assentar daqui [da Bahia] a 100 leguas más conveniente fuere y más fruto speráremos. Toda esta gentilidad se queixa ya de nosotros por tardarnos tanto, y temo que se queixan aún mejor a N. Señor, dizendo nemo nos conduxit<sup>66</sup>. Levamos una tienda de herrero y todos los medios con que mejor los podamos atraher<sup>67</sup>. <...>

[...]

66 - Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 421, nota 41: «f. 20, 7 ».

67 - Com base nas informações recolhidas, podemos supor que a «música» estaria entre estes «medios» para «los atraer».



## ANÔNIMO

DOCUMENTO: CARTA AOS IRMÃOS DE PORTUGAL. S. Vicente, 10 de março de 1553.

TEXTO: Tradução em esboço de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 90r-91v (estas 315r-316v). Título: «Copia de una de las cartas del Brasil para los hermanos de Portugal, de San Vicente a diez de marzo del año de 1553».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. I, 1956, p. 425) relaciona as versões conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ I (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 1 - Missiones Orientales). Doc. 59: «De um irmão do Brasil aos irmãos de Portugal, S. Vicente 10 de março de 1553», pp. 425-433.

[...]

4. <...> [f. 80v] (p. 428) Llegando a esta Capitania del Spirito Sancto [en fins de 1552] nos vino a buscar el Padre Alfonso Braz en un barco y nos llevó al Collegio de Santiago. Fué allí también el Governador con toda la gente, y en la yglesia diximos el hymno Veni creator Spiritus. <...>

5. (p. 429) <...> Después fueron los Padres por el Rio arriba [até a Ilha do Governador, "al Río de Henero", en fins de 1552] a unas aldeas de unos indios que son amigos de los blancos, adonde les prediqué en su lengua y juntava los niños y les enseñava la doctrina. También les hazia decorar cantares de N. Señor en su lengua y les hazia cantar. <...>

[...]

9. [f. 91r] (p. 431) Ordena agora el P.º Nóbrega la Confradía del Niño Jesús, y día de la Purificación de N. Señora [2 de fevereiro de 1553] hizimos una processión todos los niños, y fuimos a la yglesia de la Villa todos con cirios encendidos [na "Capitania de S. Vicente"]. A la buelta cantamos missa, y predicó el P.º Nóbrega. <...> Muchas vezes cantan los niños todos missa de canto de órgano<sup>66</sup>, lo que es muy acepto a los Indios y huelgan de los oír todos. <...>

[...]

66. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 431, nota 17): «Havia bom grupo de cantores, o P. Leonardo Nunes, cantor e regente, o fr. António Rodrigues, cantor, regente e tocador de flauta, e os Meninos que já cantavam na Índia, sobretudo os Índios de Lisboa, onde se ensinava o canto e eram nisso favorecidos pela Corte de D. João III, diante do qual alguma vez honradamente se exibiram (Epp. Missas II 505). E embarcavam cantando. Leite, O primeiro embarque de índios para o Brasil, in Páginas (de História do Brasil), 1933, 77-78».



## ANTÔNIO RODRIGUES

(c. 1516 - 1568)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. São Vicente, 31 de maio de 1553.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras., 3-1, ff. 91v-93v (antes 316v-318v). Título: «Copia de una del Hermano Antonio Rodrigues para los Hermanos de Coimbra de S. Vicente del último de Mayo de 1553».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 476) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: ANTÔNIO RODRIGUES esteve no Brasil entre 1553 e 1568. Foi ordenado em 1560 na Companhia de Jesus, tornando-se o primeiro Mestre Escola de São Paulo. Atuou também como conversor de índios e destacou-se como praticante da música com fins catequéticos.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* 7 (1537-1568). Roma, *Monumenta Historica S.I.*, 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. I - *Missiones Occidentales*). Doc. 65: «Do Fr. Antonio Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra. São Vicente 31 de maio de 1553», pp. 456-481.

[...]

11. [f. 83r] (p. 476) Tornados a nuestra ciudad, hallamos admirable fruto hecho en los gentiles, porque un Padre llamado Nuno Gabriel [*Juan Gabriel de Lescaño, clérigo*], dexando una capellanía que tenía en la iglesia, se dió a doctrinar del todo estos gentiles, y tomava los principales dellos y los hijos de los principales; y los tenía en una casa grande e allí los enseñava a leer e escrevir, y sabían el Pater Noster y Ave Maria, Credo y Salve Regina, mandamientos y finalmente toda la doctrina. Hizoles cantares contra todos sus vicios, scilicet, para no comer carne humana, para no se pintar, para no matar, etc. Fué cosa para abalar a Diós el fruto que con estos gentiles hizo este Padre y la mudança que hizieron, porque siendo de antes grandes comedores de hombres, agora ya bñ [6] leguas al derredor no los comen. Es tanto el fervor que tienen, que aún no es mañana quando son los caminos llenos de los que vienen a missa: mejor saben las fiestas que muchos christianos. Viene a missa un principal con todo su pueblo y después otro con el suyo, y conseqüentemente los otros, y muy de mañana por tomar lugar en la yglesia. (p. 478) Hazía este Padre con ellos processiones y llevaba consigo los que doctrinava cantando loores de nuestro Señor, y specialmente en las processiones de Corpus Christi cantanso muchos loores del Santíssimo Sacramento. Predicávales cada día, y venían de 5 léguas las mujeres con sus hijos a cuestras por fríos grandísimos, hambres y muchos trabajos a baptizarse, y aun aora les parece que hazer mal a un christiano es el mayor mal que se pueda hazer.

[...]



## MANUEL DA NÓBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA, LISBOA. São Vicente, 15 de junho de 1553.

TEXTO: 1) Tradução espanhola de original português perdido. Roma, *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras., 3-1, ff. 96r-96r (antes 334r-334r). Título: « Copia de una del p.e Manuel de Nóbrega del Brasil para el P.e Luis Gonçalves, de 15 de junio de 1553 ». Cotas: « † Copia de una del P.e Nóbrega para el P.e Luis Gonçalves [outra letra] 1553 ».

2) São 4 parágrafos de carta do dia 15 traduzido de espanhol de mesmo original, mas de diversa forma. Roma, *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras., 3-1, ff. 93r-94r (antes ff. 318r-319r). Título: « De una del P.e Nóbrega para el P.e Luis Gonçalves, de S. Vicente a 15 de junio de 1553 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 564) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* I (1539-1562). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. 4 - *Missiones Occidentales*). 1. Doc. 69: « De P. Manuel de Nóbrega ao P. Luis Gonçalves da Câmara, Lisboa. S. Vicente 15 de junho de 1553 », pp. 492-503. 2. Doc. 69 bis: « Carta do P. Manuel de Nóbrega ao P. Luis Gonçalves da Câmara, Lisboa. São Vicente [15] de junho de 1553 », pp. 504-506.

OBSERVAÇÃO: A informação referente ao Colégio de S. Vicente (9-10) aparece nos textos 1 e 2, sendo abaixo transcrita nas suas duas formas.

## Documento 1

[...]

3. <...> [f. 96r] (p. 492) Y considerando la qualidad de aquestos gentiles, que es tener poca constancia en dexar las costumbres en que se an criado, assentamos ir cien leguas de aqui a hazer una casa, y en ella recoger los hijos de los gentiles y hazer ayuntar muchos indios en una grande ciudad, haziéndolos bivar conforme a la razón, lo qual no fuera mucho diffícil por lo que de la tierra ya avemos sabido y vemos por experientia, y el Hermano Correa obligava a esso la vida por lo que de los Indios conosco. No se pudo esto esconder a Sathanás, porque avéndose el Governador [Tomé de Sousa] dicho que le parecia bién entrarnos, des que supo que llevávamos capilla<sup>68</sup> y cantores y que avíamos de hazer casa, lo estorvó por todas las vías, diziendo que se acogerían allá los malhechores y otros hombres deudores huyrian para allá, y que quando los Indios hiziessen alguna cosa mal hecha que no podrian vingarse dellos por el peligro en que nos poníamos. <...>

[...]

10. [f. 97r] (p. 497) En esta casa [o Colégio de S. Vicente] tienen los niños sus exercicios bien ordenados, aprenden a leer y escrevir y van muy avante, otros a cantar y tañer frutas<sup>70</sup>, y otros mamaluco mas diestros aprenden grammática; <...>

[...]



## Documento 2

[...]

3[10]. [f. 93v] (p. 505) En casa tienen los niños sus exercicios ordenados. Aprenden a leer y escrevir; van muy adelante, y alguns a cantar, y otros de mejor ingenio aprenden ya la gramática. <...>

[...]

69. Capela é o equivalente português para este termo. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 121) diz apenas « músicos na Capella. Regionum musicorum chorus, i. Masc. ou Regij musici, a cantada de Tito Livio, que chama Pueri Regij, aos que hoje chamamos Pagens del-Rey ». Neste sentido, ilustra FERNÃO MONTEZ PINTO (Peregrinação, v. II, 1945, cap. LVIII, p. 166) o significado do termo através de uma cena ocorrida em Liampo (1541 ou 1542): « Chegando á porta da igreja » o sayraó a receber « oito padres revestidos em capas de brocado & telhas ricas, com precissão cantando, Te Deum laudamus, a que outra soma de cantores com muyto boas fallas respondia em canto dorgão tão concertado quanto se pudera ver na capella de qualquer grande Principe ». Capella, portanto, nada mais era que conjunto de cantores (com ou sem instrumentos) a serviço de uma igreja ou outra instituição religiosa, sendo encontrada, também, a serviço de nobres e homens de posse. Cf. TUPÁS SOARES & FERNANDO LOPES GRAGA (Dicionário de música, v. I, 1982, p. 274) e PAULO DE AGUIAR (Dicionário musical brasileiro, 1929, p. 111).

70. Nota de SERAFIM LENTE, nesta edição (p. 497, nota 21): « Assinala-se aqui já a presença do sr. António Rodrigues; mas o caso vem de mais atrás. Na carta de 12 de fevereiro & 3 diz que na entrada ao sertão levaria ferreiro e « todos os meios com que melhor os possamos atrair ». Um destes principais meios dizia NÚBREGA que era a música e o canto; e o dizia na Baía quando já pensava na empresa do sertão de São Vicente (ir longe pela terra dentro). Exibe o seu pensamento a Carta dos Meninos, de 5 de agosto de 1552 (Francisco Pires) & 15, supra, p. 384 ».



## BRÁS LOURENÇO

(1525 - 1605)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Bahia, 30 de julho de 1553.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 29v-90r (antes ff. 314v-315r). Título: « Copia de una del P. Brás Lourenço para los Hermanos de Coimbra de treinta de Julio de 1553 (letra de Polanco) de la Isla del Salvador ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. I, 1956, p. 514) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ I* (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. X - *Missiones Occidentales*). Doc. 73: « De P. Brás Lourenço aos padres e irmãos de Coimbra. Baía 30 de julho de 1553 », pp. 513-516.

[...]

8. [f. 90r] (p. 517) El Padre Vicente Rodríguez con otro Padre fueron a un lugar de los gentiles adonde hazian grandes fiestas porque querian matar un inimigo suyo y comerlo, al qual trabajaran de hablar para que se hiziesse christiano, como avia días que hazian. Y hallando en él apareyo para recibir el baptismo, llegaron adonde estaven dos mil o más de los gentiles con grandes fiestas, cantares de civersas maneras, y el contrario que havía de matar, a quien ellos avian hablado, estava en un campo cobierto de ramos con mucha solemnidad, adonde no dexavan ir ningún christiano. A lo menos todavía llegaron y supieron estar aún firme en la voluntad de ser christiano. Los gentiles que cerca estavan, ententendiendo la cosa, no querian permittir ellos lo tocassen, porque les parece que tocando los christianos les dañan el comer suyo verdadero, que ellos piensan ser el de los contrarios. Estando así no sabiendo qué hazer por no tener agua para lo baptizar, ny en aquel tiempo la tienen los Indios porque todo es vino, detriminaron de comer algo por tener ocasión de pedir agua, y así lo hizieron. Y perdiendola no la quisieron dar, porque los que entendían la cosa tenían dado aviso que no la diessen. Quiso nuestro Señor que passó por allí una muger gentil con una calabaza de agua, e llamáronla que les (p. 518) diesse de beber, y uno dellos, haziendo que bivia, moyó un paño y con aquella agua le baptizó. Sentiéndolo todavía los gentiles, con gran furia empezaran a dar grandes bozer y las viejas los irritavan: « ¿No véys que os dañan la carne? » Y viniendo con aquella furia contra los Padres, y ellos con gran siguridad les mostraron charydad y amor. <...>

[...]



## PEDRO FERNANDES SARDINHA

(c. 1495 - 1556)

DOCUMENTO: CARTA AO REITOR DO COLÉGIO DE S. ANTON, LISBOA, Salvador [Bahia], 6 de outubro de 1553.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido, Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 103r-103v (antes ff. 332r-332v; mais antigo, pp. 177-178). Como se vê pelos fôlios da paginação moderna, esta folha foi encadernada às avessas. Títulos: «Capítulo de una del mismo obispo para el Rector de San Antón». [Antes desta, está a cópia da carta do Bispo, de julho de 1552 (Mon. Bras. I, pp. 357-366)]. No fim o copista escreveu: «Para vuestra Paternidad estar n[os] al caso de lo que allí passa se mando el P. Mirón que trasladasse algunas cosas que de allí escriven los Hermanos y un clérigo de fuera virtuoso acerca del obispo porque ya puede ser que hable o mande algo con passion».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na *Monumenta Brasiliæ*, v. II, 1957, pp. 11-12.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ II* (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Elusdem Societatis edita, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales). Doc. 2: «De D. Pedro Fernandes ao Rector do Colégio de S. Antão, Lisboa, Salvador [Bahia] 6 de outubro de 1553», pp. 11-12.

1. [f. 103v] (p. 11) En la carta que escrevía al P.<sup>o</sup> Maestro Symón [em julho de 1552] dizia y digo aora a VR que extrañé mucho, y extrañan todos a los Padres confessaren las misticas mugeres casadas con portugueses per intérprere, niño de doze o 13 años nascido y creado en la tierra; y también andaren tañendo y cantando los días de fiesta los instrumentos y sonos que los gentiles tañen y cantan quando andan embriagados y hazen sus matares. Y aora me dixerón que enterraron algunos que hizieron christianos al [f. 103r] modo gentilico.

2. Esto[s] tañeres y modo de enterrar se V. R. quiere ver lea un tratadillo<sup>71</sup> que allá embio a Su Alteza y por él verá quan poco aperejados son estos bárbaros para se convertiren, y quanto más devenos ocuparnos que no se pervertan los blancos que en que se convertan los negros. <...>

[...]

71. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 12, nota 2): «Não vimos sinal de se ter conservado este "tratadinho". Mas a cópia do Bispo era pública e deve ter influido também no Anaco de Móbrega para escrever o *Diálogo* sobre a Conversão do Gentio, persuadido de que se era bom ocupar-se dos Brancos, não era menos necessário ocupar-se dos Índios, pregando-lhes o Evangelho e procurando com zelo apostólico a sua conversão». A perda do documento é, historicamente, significativa para a musicologia. Todavia, há elementos suficientes para se crer que seu conteúdo acrescentaria muito pouco, ou mesmo nada, ao conjunto das informações agora conhecidas sobre a música indígena daquela época.



## BRAS LOURENÇO

(1525 - 1605)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA, Espírito Santo, 26 de março de 1554.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido, com lusitanismos e palavras antiquadas. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 100r-110r (antes 360r-370r). Cota [f. 110v]: «Copia de una del Brasil del P. Dño. Lorenzo para los Padres y Hermanos del Colegio de Jesus de Coimbra. 28 Brasil [outra letra:] 26 Martia ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na *Monumenta Brasiliæ*, v. II, 1957, pp. 38-49.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ II* (1503-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 69 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales). Doc. 13: «Do P. Brás Lourenço aos padres e irmãos de Coimbra, Espírito Santo 26 de março de 1554», pp. 38-49.

[...]

7. [f. 108v] (p. 43) Y por la mañana [de 21 de novembro de 1553] nos venimos para la tierra con una vela que ordenaran, y venimos por gracia de N. Señor a un Río que llaman de las Caravelas [em frente aos Abrolhos]. <...> [f. 109r] Y así también se pusieron los niños a cantar algunas cantigas que aquí<sup>72</sup> hicieron en lengua de los negros y otras en la nuestra. <...>

[...]

72. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 43, nota 19): «Aqui», no Brasil, e já se faziam há muito, cantando e tangendo à maneira dos Índios "mudadas as palavras em louvores de Deus", como consta dos meninos da Baía nas suas peregrinações às Aldeias. *Mon. Bras.* I, 366; cf. Leite, *Breve Itinerário* [para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega, 1953], 86 ».



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Porto Seguro, 8 de maio de 1554.

TEXTO: Apógrafo ou tradução espanhola de original português perdido. Colégio de Chamartín (antigo Colégio de Alcalá), Madrid, *Varia Historia* III, ff. 618r-619v. Título: «Copia de carta del P. Antonio Blasques del Puerto Seguro, 8 Mayo 1554. Avisa lo que se ofrecia». BLASQUES sabia bem português e escrevia a portugueses. A «copia» foi enviada a Roma pelo P. Hurón (carta de 17 de setembro de 1554, *Mon. Bras.* II, doc. 24, § 1).

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na *Monumenta Brasiliæ*, v. II, 1957, pp. 38-45.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus, epistológrafo, mestre de meninos e catequista, ANTÔNIO BLASQUES esteve no Brasil de 1553 a 1606.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* II (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus eiusdem Societatis edita*, volumen 80 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. II - *Missiones Occidentales*). Doc. 15: «De fr. Antonio Blasques aos padres e irmãos de Coimbra. Porto Seguro 8 de maio de 1554», pp. 38-40.

[...]

6. [f. 618r] (p. 57) Quedamos entonces y el Padre Navarro, el qual hizo su viaje [f. 618v] de ay a un mes. Llegado el día que se avia de partir [de P. Seguro, na 38 semana de dezembro de 1555], fué tanto el sentimiento que en la missa tuvo, que a todos los circunstantes causava mucha devoción, y en voz, que claramente se oya, hizo los votos, de que todos quedaron muy satisfechos. Acabada la missa, tomó su bordón donde llevaba un crucifixo, y todos cantando las ledanias se fueron a embarcar. <...>

[...]



## PERO CORREIA

( ? - 1554 )

DOCUMENTO: CARTA (AO P. BRÁS LOURENÇO, ESPÍRITO SANTO). São Vicente, 18 de julho de 1554.

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 5-1, ff. 112r-114r (antes 371r-372ar). Títulos (f. 118bisv): «† Carta d'um nosso irmão que foi martir no Brasil, a qual escreveo antes que fosse affrechado, que é toa, e tenho pera ai que não foi enviada fora de Lisboa para verne nos collegios de tempo a Roma ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, pp. 63-64) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1553-1556). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 60 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 3] - Missiones Occidentales. Doc. 17: « Do Jr. Pero Correia [ao P. Brás Lourenço, Espírito Santo]. São Vicente 18 de julho de 1554 », pp. 63-72.

[...]

3. [f. 112r] (p. 66) Después deste Hermano [“que sabe alguna cosa de la lengua por su precursor”] ser entrado por el sertán dentro algunas cinquenta o sessenta leguas [até Manicoba ou proximidades], fué el Padre Nóbrega con un Hermano grande [Antônio Rodrigues] consigo y con quatro o cinco Hermanos pequeños. Y en su peregrinación (p. 67) tenían este estilo: que quando entravan en algun lugar uno de los niños llevaba una cruz pequeña alevantada, y ivan cantendo las letanias por una cierta manera muy buena; y luego los niños de los lugares se ayuntavan con ellos, y toda la gente se maravillava mucho de cosa tan nueva. Recebíanlos por donde yvan muy bien; y quando se partían de los lugares también salían cantendo las letanias, y algunos [f. 112v] de los niños dexavan a sus padres y madres y ivanse con ellos.

[...]

8. [f. 113r] (p. 70) En el mismo lugar [Piratininga] ay escuela de niños y un Hermano [Antônio Rodrigues] tiene cuydado de enseñarlos a ler y a escrevir, y a algunos dellos a cantar. <...>

[...]

11. [f. 113v] (p. 70) Con estos que hizienos christianos [em Piratininga] saltó la muerte de manera que nos mató tres Principales y muchos otros yndios y yndias, y algunos dellos (fueron dos) que no querian creer; y otros también, que eran muy buenos, casi cada día nos morian (ya andavan entre los ruýnes murmuraciones). Hizimos nueve procisiones a los nueve coros de los (p. 71) Angeles contra todo el ynfierno, y luego la muerte cesó. Esta procisión hazíamos a una cruz que tenemos setida en una cierta parte. Allí yvan los niños solamente de dos Yndios diciplinándose, y los yndios y yndias con candelas encendidas diziendo ora pro nobis; y preguntavan las diferencias de las letanias que querían dezir.

[...]



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMOS DE COIMBRA. [Piratininga, 15 de agosto de 1554].

TEXTO: Tradução espanhola publicada de original português perdido, porque assim se diz em Cópia de umas cartas (1555) e porque ANCHIETA escrevia aos irmãos de Coimbra nessa língua, com cópia de sua carta de 20 de março de 1555 (Mon. Bras. II, doc. 30), autógrafa. COPIA DE UNAS | Cartas de algunos padres y hermanos de la compañía de Jesus que escribieron de la India, Japon, y Brasil a los padres y hermanos de la misma compañía, en Portugal trasladadas de portugues en castellaño. Fueron recibidas el año | de mil y quinientos y | cincuenta y | cinco. | Acabaron a treze dias del mes | de Diciembre, Por Joan | Alvarez. | Año. M. D. V. [exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, 433 ff. Carta nº 8, ff. 31r-31v].

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE reapropria esta carta pela primeira vez na Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, p. 80.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ DE ANCHIETA viveu no Brasil de 1583 a 1597. Era gramático e ordenou-se na Companhia de Jesus em 1560. Foi superior da Capitania de São Vicente (1577) e quinto Provincial (1577-1587). Notabilizou-se por sua atuação na "conversão do gentio" e na composição de textos em quatro línguas diferentes, muitos deles para serem cantados pelos meninos indígenas.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales). Doc. 21: « Do Jr. José de Anchieta aos padres e irmãos de Coimbra. [Piratininga 15 de agosto de 1554] », pp. 80-82.

[...]

2. [f. 31v] (p. 81) Estanos como les he scripto en esta Aldea de Piratininga donde tenemos una gran escuela de niños, hijos de indios enseñados ya a leer y escribir, y aborrecen mucho las costumbres de sus padres, y algunos saben ayudar a cantar la missa<sup>73</sup>. Estos son nuestra alegría y consolación, porque sus padres no son muy domables, puesto que sean muy diferentes de los de las otras Aldeas, porque ya no matan ni comen contrarios, ni bevan como de antes.

3. Dia de Sant Lorente [10 de agosto de 1554] se dieron algunas ropas a algunos dellos del paño que el Rey nos da de linosna, cosa con que huelgan mucho. Y assí las más de las noches se juntan a cantar cosas de Dios en su lengua; algunos de otras Aldeas se vienen aquí a posar en esta con sus casas.

[...]

73. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição pp. 81, nota 2: « Anchieta, na Quadraestre de Maio a Setembro é f. 6, dá o nome explícito do Mestre, Ir. Antônio Rodrigues, e já a esta Escola dos Meninos Índios - de ler, escrever e cantar - se refere Pero Correia em 13 de julho de 1564 9 9 (supra, p. 70). Cf. Leite, *Nôbreça e a fundação de São Paulo* (1953) ».



# JOSÉ DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, [12 de setembro de] 1554.

TEXTOS: Apógrafo ou tradução em latim de original perdido, provavelmente em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 115r-117v (duas letras); f. 118r branca; no fim, outra letra (f. 118v): « Piratininga »; ainda outra letra « 1554 ». Texto copiado por duas mãos: primeira letra (ff. 115r-116v), segunda letra (ff. 116v-117v). Com sublinhados e sinais marginais do P. Polanco. Conferido com a) Apógrafo ou tradução em latim. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 117r-120v; f. 124r branca; no fim, outra letra (f. 124v): « Piratininga, 1554 »; b) Apógrafo ou tradução em latim. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa), 1-5, 2, 38, ff. 199r-205v. Título: « Litterae quadrimestres a Paulo usque ad mensem Septembris. Ex India Brasiliaca anno 1554 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, p. 83) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1552-1559). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales. Doc. 22: « Do. fr. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola, Roma. São Paulo de Piratininga [1 de setembro de] 1554 », pp. 83-118.

TRADUÇÃO PORTUGUESA: SERAFIM LEITE - Mon. Bras., 1956.

## TEXTO LATINO

[...]

8. [f. 115v] (p. 88) Hi inter quos conversamur, filios suos erudiendos nobis libenter concedunt, qui postea, parentibus succedentes, Christo populum gratum efficiant, ex quibus 15 baptizati pluresque alii catechumini in Schola, ab Antonio Rodriguez preceptore optime instituti, versantur. Qui horis antemeridianis, post lectionem, recitatis simul in ecclesia letaniis, pomeridianis vero cantico Salve Regina decantato, dimituntur. Singulis autem sextis feriis, magna cum devotione, se usque ad sanguinem flagellantes, processiones faciunt.

[...]

13. [f. 116r] (p. 92) <...> Itaque duo solum, qui id facere neglexerunt, vulnerati, unus desideratus est; a reliquis hostes

## TRADUÇÃO

[...] (p. 106)

Estes [índios] entre os quais vivemos, entregam-nos de boa vontade os filhos para serem ensinados, os quais depois, sucedendo a seus pais, poderão constituir um povo agradável a Cristo. Na Escola, muito bem ensinados pelo Mestre Antônio Rodrigues, encontram-se 15 já baptizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. Os quais, depois de rezarem de manhã as ladainhas em coro na Igreja, a seguir à lição, e de cantarem à tarde o Salve Rainha, são mandados para suas casas; e todas as sextas-feiras fazem procissões com grande devoção, disciplinando-se até ao sangue.

[...]

<...> (p. 109) Os inimigos foram dispersos e postos em fuga pelos nossos catecúmenos, foram mortos e sepultados à maneira dos



fusi fugetique sunt, a nostris  
autem catechuminis nonnulli capti,  
quos antea maxima cum letitia et  
summa cantuum solennitate comedere  
solebant, occisi sunt et more  
christianorum sunt seppulti. <...>

[...]

cristãos. Antes costumavam-nos  
comer com a maior alegria e grandes  
vozearias e cantos. <...>

[...]



# JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA [AO P. INACIO DE LOYOLA ?], Piratininga, [setembro de] 1554.

TEXTO: Cópia em espanhol, Madrid, Coleção de Chamartín [antigo Códice do Colégio de Alcalá], *Varia historia* 114, ff. 620r-620v.  
Título: « Cópia de carta del P. Joseph de S. Paulo en Agosto de 1554, aviso de aquí a los 4. Otra letra: « J. Anchieta ».  
Texto em letra diferente dos procedentes.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE fez sapriar esta carta pela primeira vez no *Monumenta Brasilica*, v. 11, 1957, pp. 118-123.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasilica* 11 (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 66 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 11 - Missiones Occidentales*). Doc. 231 « De fr. José de Anchieta [ao P. Inácio de Loyola ?], Piratininga [setembro de] 1554 », pp. 118-123.

[...]

1. [f. 620r] (p. 120) Estamos en esta nueva población de catecúmenos llamada Piratininga, donde el Señor por su misericordia y bondad infinita quiere reducir algunas destas ovejas perdidas al rabaño de su Yglesia, y esto no con pequeño trabajo que con ellos tenemos, predicándoles continuamente y trayéndolos por quantas vías podemos, porque es esta gente tan indómita y bestial, que toda su felicidad tiene puesta en matar y comer carne humana, de lo qual por la bondad de Dios tenemos apartados estos; y con todo tienen tan arraygada la costumbre de beber y cantar sus cantares gentílicos, que no ay remedio para los apartar del todo dellos. Así que muchas vezes nos dan mucha tribulación, y principalmente despu[é]s que tornaran de la guerra, por lo qual muchos dellos se an ydo de aquí por se ver libres de nosotros, que nunca dexamos de les importunar que dexen del todo sus malas costumbres.

2. Un indio que mucho tiempo ha es baptizado por unos christianos portugueses que ya aquí [en Piratininga] moraron, se apartó destes por vivir más a su voluntad, y éste vino un día con dos mujeres cantando por la Aldea según su costumbre gentílica, y incitando los otros a hazer lo mesmo. Un Hermano, que tiene cargo de los enseñar, se levantó con unas disciplinas y los hechó fuera, aunque el indio se mostró muy áspero contra él. Este nos tiene hecho aquí mucho mal, moviendo los otros que bevan y (p. 121) canten como antes, y así algunos y los demás dellos nos dan bien en qué entender con su dureza.

3. Por lo qual nuestro principal fundamento es en la doctrina de los niños, los quales les enseño a leher, escribir y cantar; éstos trabajamos de tener debaxo nuestra mano para que después vengan a succeder en lugar de sus padres y hagan pueblo de Dios.



4. Dia de S. Lorenzo [10 de agosto de 1554] se dieron algunas ropas a algunos dellos de paño, que el serenissimo Rey de Portugal (p. 112) nos da de lymosna, y con esto se cativan tanto, como se les diessen una muy grande cosa. Y así éstos las más de las noches se juntan a cantar cantares de Dios en su lingua, al contrario de sus padres, para que ex ore infantium, et lactentium perficiatur laus Dei propter inimicos eius<sup>74</sup>.

[...]

74 - Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição ip. 122, nota 611 « Ps. 8, 3; Mat. 21, 16 ».



**LUIS DA GRÃ**  
(1523 - 1609)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. Bahia, 27 de dezembro de 1554.

**TEXTO:** Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Epp. MM., 95, ff. 87r-88r [antes: 397r-399v, repetida a f. 399]. Sem endereço.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, p. 128) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** No Brasil de 1553 a 1609, LUIS DA GRÃ foi padre da Companhia de Jesus, Reitor do Colégio de Coimbra, Superior da Bahia (1556-1560) e segundo Provincial do Brasil (1560-1570). Atuou na conversão e no aldeamento dos índios.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales). Doc. 25: « De P. Luis da Grã ao P. Inácio de Loyola, Roma. Bahia 27 de dezembro de 1554 », pp. 128-139.

[...]

7. <...> [f. 141r] (p. 133) Mas el demonio tiene de su mano aquellos ciegos ["los infieles"], que tanto que les hablamos de sus ánimas o cosas que les interrompa las lenguas mentiras, que suelen contar de sus [f. 141v] valentías, luego se van y las mugeres toman sus hijos, aunque no tan niños, i los van a esconder en los matos; y muchos me procuravão de estorvar con cantigas que ellas cantan mui alto pera que sus hijos no oigan. Y esto hazen con dizer que haziéndose caraibas, que assí llaman a los (p. 134) christianos, an de morir luego: porque los días passados permitió Dios que los niños baptizados se morieron pocos a pocos, por ventura que aquellos eran los que desta tierra estavam determinados para el cielo, y antes que la malicia los mudasse los llevó el Señor pera sí.

[...]



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. São Vicente, [fina de março de] 1555.

TEXTOS: Cópia ou tradução em latim. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 129r-133r [antes ff. 389r-391v]; f. 128r em branco; 129v: « Piratininga ». Com os sinais do P. POLANCO na seção A (1554). Conferido com cópia de tradução em latim de Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 129r-133r [antes ff. 389r-391v]; ff. 132v-134r em branco; f. 134v: « 1555 Piratininga et S. Vincentii ». Com os sinais do P. POLANCO na seção B (1555), porque a carta compreende duas seções: A - Quadrimestre de setembro ao fim de dezembro de 1554; e B - Trimestral de janeiro ao fim de março de 1555.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. II, 1957, p. 174) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ II* (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 8) - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. II - *Missiones Occidentales*, loc. 32: « Do Fr. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola, Sacer. São Vicente [fim de março] de 1555 », pp. 175-209.

TRADUÇÃO PORTUGUESA: SERAFIM LEITE - *Mon. Bras.* II, loc. cit.

## TEXTUS LATINUS

[...]

3. [f. 125r] (p. 176) Nostri hii cathecumeni, cum quibus negocium nostrum est, nonnihil a pristinis moribus recedere videntur, cum iam raro clamores ineffrenati, quos in potationibus excitare solent audiantur, quod potissimum ipsorum malum est, et ex quo omnia alia ipsis promanant. Dum enim maxime ebrii sunt, praeteritorum malorum memoria excitatur, in quibus cum gloriari coeperunt, continuo hostium interficiendorum desiderium et carnis humanae fames exardescit. Nunc vero cum potationum ineffrenata libido aliquantum cesset, alia etiam nefanda flagitia cessent, necesse est. Ita enim aliqui ex illis subditi nobis sunt, ut non sine nostra facultate potare audeant, idque magna cum moderatione si cum pristino furore comparetur, ex quo fit ut ecclesiam frequentius audeant, reprehensionesque et obiurgationes

## TRADUÇÃO

[...]

(p. 194) Estes nossos catecúmenos, de que nos ocupamos, parecem apartar-se um pouco dos seus antigos costumes, e já raras vezes se ouvem os gritos desentoados que costumam fazer nas bebedeiras. Este é o seu maior mal, donde lhes vêm todos os outros. De facto, quando estão mais bêbados, renova-se a memória dos males passados, e começando a vangloriar-se deles logo ardem no desejo de matar inimigos e na fome da carne humana. Mas agora, como diminui um pouco a paixão desenfreada das bebidas, diminuem também necessariamente as outras nefandas ignomínias; e alguns são-nos tão obedientes que não se atrevem a beber sem nossa licença, e só com grande moderação se a compararmos com a antiga loucura. Donde se segue que frequentam mais a Igreja, sofrem com mais paciência repreensões e censuras, e alguns deles, casados em legítimo



patientius sufferant, nonnulli etiam ex illis a nobis solliciti et instanter petunt ut ipsis legitime ductis uxoribus, rectum vivendi modum committamus.

[...]

5. Sed minuit hanc nostram consolationem parentum ipsorum obstinata duritia, qui exceptis nonnullis, ad antiquorum morum vomitum videntur redire velle, et maxime (p. 177) nunc quibusdam miserrimis cantuum solemnitatibus et potationibus, quas cuidam iam iam interficiendo in quodam oppido huic propinquo parantur volentes interesse, quod non longe a carnis humanae epulis abest. Ita malorum exemplo comotti et depravati sunt.

[...]

27. <...> [f. 128r] (p. 189) In magna pace ac tranquillitate inter Indos nonnihil de ipsorum conversione sperantes agebamus, adeo ut cum ipsis a festivitatibus quibus (ut superioribus litteris dixi) interfuerunt redeuntibus Ecclesiae aditum negaremus, nisi prius se flagellantes a Domino veniam postularent. Omnes fere uno consensu ut nobiscum in gratium redirent processione facta filliis ipsorum litanias decantantibus Ecclesiam calendis Ianuarii misericordiam patenter introierunt, puororumque qui in schola versantur concursus et frequentia in dies augebatur.

[...]

matrimônio, pedem-nos com grande empenho que lhes ensinamos o modo de viver bem.

[...]

Diminui contudo esta nossa consolação a dureza obstinada dos pais, que, exceto alguns parece quererem voltar ao vômito dos antigos costumes, indo às festas dos seus misérrimos cantares e vinhos, na morte próxima de um [contrário] que se preparava numa aldeia vizinha. Como não estão longe destes comeres de carne humana, impressionam-se e depravam-se com o exemplo dos maus.

[...]

<...> (p. 206) Vivíamos em grande paz e tranquilidade entre os Índios, com alguma esperança da sua converção e até chegávamos a proibir-lhes a entrada na igreja se não pedissem primeiro perdão a Deus e tomassem disciplina quando voltavam de assistir às festas, como disse na carta precedente. E quase todos à uma entraram na igreja, no dia primeiro de Janeiro [de 1555], pedindo misericórdia, enquanto os filhos deles cantavam as ladainhas; e aumentava dia a dia o grande concurso de meninos que frequentam a Escola.

[...]



## DUARTE DA COSTA

(séc. XVI)

DOCUMENTO: CARTA A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL. Salvador, 6 de abril de 1555.

TEXTO: Autógrafo. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tomar, Corpo Cronológico, 1-95-41, ff. Irrev. Endereço (f. 6v): « A ElRey nosso Senhor ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ* II, pp. 212-213) relaciona as notícias contidas nesta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: D. DUARTE DA COSTA foi nomeado Governador Geral do Brasil em março de 1553, tomando posse na Bahia, em 13 de julho de 1553, governando até 23 de dezembro de 1557. Retornou, após o término de seu mandato, a Portugal, onde morreu.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* I (1537-1548). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi*, volumen 79 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. I - *Missiones Occidentales*). Doc. 34 (Carta a D. João III, Rei de Portugal. Salvador, 6 de abril de 1555), pp. 212-222.

[...]

3. (p. 217) O Bispo [*D. Pedro Fernandes Sardinha*] quando veio do Reyno [*chegou à Bahia em 22 de julho de 1552*] trouxe por *Adayan Gomez Ribeiro*, capelão de V. A., e por pregador, com vinte mil reis d'ordenado, e o encarregou também de Vigairo Gerall e o mandou vissytar a costa em seu nome com seus regimentos, e des que tornou da visytacão esteve muito tempo nesta Cidade na graça do Bispo, e indo-se pera Pernãobuco deixava nesta Cidade por seu Vigairo Gerall. E estando isto asy, Francisco de Vacas <sup>78</sup>, chantre que hé no Reyno, fez huma petição ao Cabido em (p. 217) como o Bispo non podia entrar na igreja nem celebrar os officios devinos por estar escomungado e irregular por fferyr dous homens por sua mão em sua cassa, dos quaes hum esteve à morte que lhe parecya os neolos, sendo ambos d'ordes menores. <...>

4. <...> (p. 219) Nem favorecy em nenhuma cousa ao dito (p. 220) Gomez Ribeiro nem a Francisco de Vacas contra o Bispo, como diz na dita carta de escomunhão, mas antes ne fizeram elles pitições de cousas muito feas e torpes que o Bispo fizera que ue non quis amitir e a[s] rompi perante pessoas fidalgos e dinos de fee que o dirão se conprir;

5. <...> (p. 221) E ao que também diz na dita carta, que meu ffilho embarcou o dito Francisco de Vacas, eu de tall nunca soube parte, e porem se o ffez non foy pecar no Esprito Santo, porque non hera deffeso por escomunhão nem por outra via, nem o dito Francisco de Vacas estava preso em cades pública, nem por mais grave casso que por dar huma pescoçada a hum moço de treze ou catorze anos leiguo que elle ensynava. <sup>78</sup> <...>

[...]



75. Francisco de Vacas é, oficialmente, o primeiro chantre da Sé de Salvador, apresentando a 22 de junho de 1553 (*Documentos Históricos* 1, v. XXV, 1937, pp. 169-171) e substituído, por falecimento, a 16 de maio de 1554, quando é apresentado para o cargo João Lopes (*idem*, pp. 218-219). Portanto, já era morto quando D. DUARTE DA COSTA escreve esta carta. REGIS DUPRAT (1965, p. 96, nota 16 e 1985, p. 44, nota 9) traz a seguinte informação: « Renato Almeida (1942, parte II, cap. XVI, p. 291) afirma que este Francisco de Vacas veio com o primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, a 1 de janeiro de 1552, na qualidade de Mestre-de-Capela do Colégio dos Jesuítas e que, em 1554, era Chantre da Sé de Salvador. Por sua vez, Affonso Roy, na sua *História do Teatro na Bahia* (\*Publicações da Universidade da Bahia\*, X - 1, 1956, p. 9), citando Pedro Azevedo (*História da Colonização Portuguesa*, vol. III, p. 370), informa-nos de uma carta do Bispo Pedro Fernandes Sardinha ao rei de Portugal, datada de 12 de julho de 1552, em que dizia que Francisco de Vacas havia ido à Banda dois meses antes e que procedia da Capitania do Espírito Santo no Brasil, onde se encontrava há muito ». J. CAFISTRAND DE ABREU, em nota à 12ª edição de *História geral do Brasil*, de FRANCISCO ADOLPHO DE CARVALHO (1981, v. I, p. 255, nota 6) esclarece: « Carta do Bispo de 12 de julho de 1552, na *Revista do Instituto Histórico*, 49, parte 18, 362. Diz dissimular as vacas, bois e granjeria que o vigário (Manuel Lourenço, como vimos) tem e outros fatos. Também anuncia o projeto de nomear dele da Sé Gomes Ribeiro, que fora frade de São Domingos, e levara para arcebispo Francisco de Vacas, secular chegado dois dias antes do Espírito Santo, e grande músico; depois ambos se tornaram seus inimigos e foram a verdadeira causa de todas as desordens narradas adiante ». CAFISTRAND DE ABREU volta a comentar o assunto mais adiante (p. 276, nota 5).

76. Esta carta apresenta os problemas que já foram apontados por MANUEL DA MOURA, na carta de fins de julho de 1552 (p. 7), onde informa que « O vigário desta cidade, que agora há chantre, mandou-o prender o Bispo por uma paixão, porém soltou-se logo ». O vigário naquela época era Manuel Lourenço. Mas não há nos *Documentos Históricos* (Pio de Jacair, Biblioteca Nacional, 1928-1935, 110 v.) qualquer referência à ocupação do chantre por esse clérigo. É possível que MOURA estivesse mesmo se referindo a Francisco de Vacas, uma vez que a documentação é suficiente para apontá-lo como o primeiro chantre da Sé de Salvador.



## AMBRÓSIO PIRES

(c. 1525 - após 1568)

DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO MIRON, LISBOA, Bahia, 6 de junho de 1555.

TEXTO: Apógrafo em português, Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 139r-139v (antes: 401r-401v). Cota: «Copia de una del P. Ambrosio Pires del Brasil para el Provincial de Portugal». Outra letra: «1558 12 Junho. Porto Seguro».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na *Monumenta Brasiliæ*, v. II, 1957, pp. 226-233.

NOTA SOBRE O AUTOR: AMBRÓSIO PIRES foi padre da Companhia de Jesus e esteve no Brasil entre 1553 e 1558. Foi também Reitor do Colégio da Bahia e veio a morrer em 1568.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ II* (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.J., 1957. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Societatis edita*, volumen 80 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. XI - *Missiones Occidentales*). Doc. 36: «Do P. Ambrosio Pires ao P. Diego Miron, Lisboa, Bahia 6 de junho de 1555», pp. 226-233.

[...]

6. [f. 139v] (p. 231) Também lembro a V. R. que há cousa de muita importancia trabalhar por acrescentar as nossas letras apostolicas e privilegios da Companhia, que os que nella ou sem suas casas ouvirem missas nos dias de festas e domingo cumprão, pois o tem outras muitas religiões, porque estes Senhores Bispos, se nos vem a ter desgosto, também perseguem nosos devotos que querem antes ouvir huma missa rezada na Companhia que huma cantada na sua parochia.

[...]



## JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO

(1521/1523 - 1557)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMOS DE COIMBRA. Porto Seguro, 24 de junho de 1555.

TEXTO: Carta impresa en: COPIA DE VARS | Cartas de algunos padres y hermanos de la compañía de Iesus que es|criuieron de la India, Japon, y Bra|sil a los padres y hermanos de la mis|ma compañía, en Portugal trasla|dadas de portugus en castella|no. Fuero recibidas el año | de mil y quinientos y | cinquenta y | cinco. | Acabaron a treze dias del mes | de Dizeñber. Por Ioan | Alvarez. | Año. M. D. LV. [exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, 435P]. Carta n.º 9, ff. 31v-32v.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, p. 244) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 30 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales). Doc. 35: «Do P. Juan de Azpilcueta Navarro aos padres e irmãos de Coimbra. Porto Seguro 24 de junho de 1555», pp. 244-251.

[...]

3. [f. 32r] (p. 246) Estava pues en esta aldea ["por la tierra adentro trezientos y cinquenta leguas"] mucha gente de otras aldeas, que era venida a las fiestas de los hechizeros [*em janeiro de 1554 ou depois*]. Luego que nosotros llegamos uvo en ellos algún alboroto, mas un indio principal que yva con nosotros, muy buen hombre, comenzó a hazerles una plática a su modo con que assossegaron. Y con todo esso no quesimos estar ay más que aquella noche, que fué para mi muy triste y muy larga, porque vi cosas de que quedé espantado. En mitad de una plaza tenían hecha una casa grande, y en ella otra muy pequeña, en la qual tenían una calabaza figurada como cabeça humana, muy ataviada a su modo, y dezían que aquel era su sancto, y llamábanle Amabozaray, que quiere dezir persona que dança y huelga, que tenía virtud de hazer que los viejos se tornassen moços. Los Indios andavan pintados con tintas, aun los rostros, y emplumados de plumas de diversos colores, baylando y haziendo muchos gestos, torciendo las bocas y dando aullidos como perros; cada uno traía en la mano una calabaza pintada, diziendo que aquellos eran sus sanctos, los quales mandavan a los Indios que no trabajassen, porque los mantenimientos nacerian por sí, y que las flechas yrían al campo a matar la caza. Estas y otras muchas cosas, que eran para llorar muchas lágrimas, vi.

[...]



## [ANTÔNIO BLASQUES]

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: QUADRIMESTRE DE JANEIRO ATÉ ABRIL [DE 1556]. [Maio de 1556?].

TEXTO: Cópia em português. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CIVI / 1-32, ff. 200v-203v. Título: 4 Do meso Pae [Nóbrega]. Quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557. Ao nosso Padre Ignácio A. Está entre duas cartas de F. NUNES DE NÓBREGA. Contém o pensamento e retoques ulteriores de NÓBREGA, mas LEITE (cf. infra) atribui sua redação primitiva ao fr. ANTÔNIO BLASQUES.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. II, 1957, p. 266) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* II (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 80 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. VI - *Missiones Occidentales*). Doc. 43: « Quadrimestre de janeiro até abril de [1556] pelo fr. António Blasquez (?) ». Baía [Maio de 1556?] », pp. 266-274.

[...]

10. [f. 202v] (p. 272) A hum destes [índios da "povoação do Tubarão"], que estão junto da igreja, nasceu hum filho [antes de 18 de fevereiro de 1556] e fez muito que lho bautizassem logo como a filho de christão com solenidade, ho que se fez em hum domingo com festa e solenidade. Fizerão-lhe o officio solene e cantado, os meninos fizeram procissão com todos polia Aldea cantando a ladainha; ali se fes huma boa pregação a todos, que erão mais de trezentas pessoas. Ofereceo este com seu filho huma oferta de peixe asado e farinha. Com este se bautizarão outros inocentes, por serem filhos de índios, que crem estarão quedos sem se mudarem dali por terem obrigação ao lugar.

[...]



## DAMIÃO DE GÓIS

(1502 - 1574)

LIVRO: CRÔNICA DO FELICÍSSIMO REI DOM MANUEL. Lisboa, Francisco Correa, 1556.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira edição tem 4 volumes (1556-1557). Foi seguida das respectivas reedições: Lisboa, Antonio Alvaraz, 1619; Lisboa, Miguel Kanessal da Costa, 1749; Coimbra, Officina da Universidade, 1790 e Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. A página de rosto da primeira edição é a seguinte: *CRONICA do Felicissimo Rei Dom Eaa[n]uel, composta por Damiao de Gois, dividida em quatro partes, das quaes esta he a primeira. Foi vista, & approvada per ho R. P. Emanuel da veiga examinador dos liuros. Em Lisboa em casa de Francisco Correa, Impressor do serenissimo Cardinal Infante, aos xvij dias do mes de julho de 1556. Esta tomada esta primeira parte no regno em papel a duzentos, & cinquenta reaes, & fora delle segundo ha distancia dos lugares onde se vender, & has outras tres partes pelo mesmo modo naquillo em que foram lavadas. Com privilegio Real.*

NOTA SOBRE O AUTOR: DAMIÃO DE GÓIS foi historiador e humanista português e também compositor. é considerado um dos maiores escritores portugueses do séc. XVI.

EDIÇÃO UTILIZADA: Crônica do felicíssimo rei D. Manuel composta por Damião de Góis. Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada. Dirigida por J. N. TEIXEIRA DE CARVALHO e DAVID LOPES. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. v. I, 241 pp. (Scriptores Rerum Lusitanarum, série A).

CAPITU. lv. De quomo ha frota partio do porto de Bethelam, & do descobrimento de terra de sancta Cruz a quẽ chamão do Brasil.

<...> [f. 51r, col. 2] (p. 117) Surta ha frota nãdou Pedralures algũs dos capitães nos esquifes ver ha terra, & logo tornãram cõ dous homẽs q̃ estatuã pescãdo em hũa almãdia, dos quaes se quisera informar da calidade della, mas achou hos tan barbaros, que allẽ de nam hauer lingua que hoos entendesse, nẽ per açenos sabiã dar sinal de cousa q̃ lhes perguntasse, pelo q̃ lhes mandou dar de vestir, casacaes, manilhas de latã, espelhos & outros brincos, & assi ajaezados hos fez poer em terra, hos quaes contẽtes de bom trãtamento, tornarão logo á frota com outros da companhia, carregados de milho, farinha, fauas, & outros legumes, & fructas da terra, que dauam a troquo de papel, casacaes ??, spelhos, paõ de linho, & outras cousas desta calidade. Achando Pedralurez tanta familiaridade, & simpreza nesta gẽte, ordenou que aho outro dia dicesse frei (p. 118) Henrique Missa & terra onde em ananhecendo mandou armar hum alter debaixo de hũa muito grande arvore. Ha Missa foi de Diacono, & Subdiacono, officiada com todolos frades, capellães da naos, & sacerdotes q̃ iham narmada, & outras pessoas que entendiam de canto, em q̃ houue pregaçam, sendo presentes muitos dos da terra a todo ho offiçio diuino, com grande espãto, & acatamento. Acabada ha Missa Pedralurez se recolheo ahos bateis, non toda ha gente acom-[f. 51v, col. 1]panhandoho hos da terra com grandes festa, cantares, saltos, & tregeitos que faziam em sinal dalegria, tangendo cornos, & buzinas, lançando frechas pera ho ar, com outras mostras de contentamento, aleuantando has mãos aho ceo, quomo que dauam graças a Deos pela merçe que lhes fezera em lhes deixar ver gente daquella calidade, no que iham tan enleuados, que muitos delles seguirã hos bateis atte lhes ha agua dar pelos peitos, & outros nadando, & algũs & almãdias atte chegarem as naos. <...>



Capit. liiii. Da segunda armada que elrei mandou à India de que foi por capitão Pedralvrez cabral.

<...> [f. 50v, col. 1] (p. 116) E porque elRei foi sempre mui inclinado às cousas que tocamão á nossa sancta fé catholica, da orden de sam Frãpisco, homens letrados, de q̃ era vigairo frei Hêrrique, que depois foi confessor delRei, & Bispo de Çepta, hos quaes com oito capellães, & hum vigairo ordenou que ficassem em Calecut, pera administrarem hos sacramentos a hos Portugueses, & a hos da terra que se quisessem cõuerter à fê. <...>

Capitu. lvi. Dalgũas particularidades da terra de sancta Cruz, & costumes da gente della.

<...> [f. 53r, col. 1] (p. 121) Estãdo assi neste desatino [*"sembebedan, & depois de bem toruados, fazem geitos, & ceremonias quomo demoninhados"*] ameaça muitos á morte, & em qualq̃r tempo que depois morren, dizẽ hos outros q̃ viuera muito mais se hos pagês ho não ameaçara, a qualquer lugar a que vem lhes fazem muita festa, & hos recebem cõ danças, & cantares, & lhes dão [f. 53v, col. 2] tudo ho que hão mister: <...> [f. 55v, col. 1] (p. 122) sam commuẽte folgazões, & muito alegres porque quomo nan tem guerra seu officio he bailhar, comer, & beber. Tem hum certo genero de bailhar, em que andam todos aho redor, quasi quomo has rondas de Flandres, sem se mudarem de lugar em que começam, cantando todos por hum tom cantigas, em que contam suas valentias, & feitos de guerra, dando muitos asouios, & fazendo mui grande estrondo com hos pes. Aho redor desta andam outros q̃ dan de beber ahos dançantes, se cessarẽ de noite nem de dia, nas quaes danças se embebedam todos, ou hos mais delles. <...> [f. 54v, col. 1] (p. 124) Pera estas festas [*quando "matam hũ destes captiuos"*] fazẽ muita beberagem, & ajuntam muita caça, pera banquetearẽ todolos que a ellas vem & aho mesmo captiuo desatan no piar algũas vezes, & atado com ha corda que tem pela cintura, ho fazem bailhar, & alegrar com ha beberagem que lhe dan a neude. Isto dura tres dias, nos quaes nan fazem outra cousa que comer, beber, & bailhar, <...>

77. Como DIÁRIO DE GÓIS, muitos outros autores se preocuparam em transmittir as notícias do descobrimento que interessam à musicologia. No séc. XVI, a principal fonte foi a relação de piloto anônimo de 1500 ou pouco depois, impressa nos livros de FRANCISCO DE MONTALVO e GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO. Encontramos tais notícias em JERÔNIMO OSÓRIO de *Rebus Emanuelis*, 1571, livro II), MANUEL DE ALPA de *Divi Antonis Brasiliæ Custodiæ narratio*, 1621, § 51), SIMÃO DE VASCONCELOS de *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, 1663, livro I, § 191, JOÃO JOSÉ DE SANTA TEREZA *Historia delle guerre del Regno del Brasile*, 1698, parte I, livro I, p. 61, ROBERT SOUTHEY *History of Brazil*, v. I, 1810, cap. I, p. 63 e ALPHONSE DE BEAUCHAMP *Histoire du Brésil*, 1815, livro II, p. 36). Com a impressão da carta de PEDRO VAS DE CAMINHA e, inclusive em outras línguas (HIPPOLYTE TAINAY e FERDINAND DENIS incluíram a *lettre de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil*, in seu *Le Brésil*, 1882, v. VI, pp. 4-72), informações mais precisas sobre o evento foram aparecendo em vários trabalhos, como em FRANCISCO AUGUSTO DE VASCONCELOS *História geral do Brasil*, 1843, cap. V, p. 17, cap. VI, pp. 22, 23, 25 e cap. VIII, p. 38; e na *História geral do Brasil*, v. I, 1854) e outros autores. Mas os musicólogos só se interessaram por essas notícias recentemente, culminando com o excelente trabalho de MANUEL VIEIRA, publicado na *Art* (9): 5-62, dez. 1963.



## [ANTÔNIO BLASQUES]

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: QUADRIMESTRE DE SETEMBRO DE 1556 A JANEIRO DE 1557. [Bahia, 12 de janeiro de 1557].

TEXTO: Cópia em português, que parece ter sido enviada diretamente ao Provincial de Portugal. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [G. Poque, Lisboa] f. 5, 2, 38, ff. 34r-42r. Título: « Letras quadrimestres de Setembro a Janeiro de 1556 ao Baya do Salvador para nosso P.<sup>o</sup> Indio ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, p. 346) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Europæ Societatis Editæ, volumen 90 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II - Missiones Occidentales). Doc. 52: « Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557 pelo Ir. Antonio Blasques (?) ». [Bahia 12 de janeiro de 1557], pp. 345-356.

[...]

5. [f. 39v] (p. 349) E pera que nosso prazer fosse de todo comprido, em esta sação dixé missa nova o P.<sup>o</sup> João Gonçalves, em dia de Nossa Senhora de Agosto [15 de agosto de 1556], achando-se a ella presente o Governador [D. Duarte da Costa] com toda a mais gente da cidade. E dado que não foy festejada com frautas e canto de órgão, todavia tivemos cá humma cousa que leva vantagem a toda a musica e cantares, porque ordenou o Padre [Nóbrega] que os indiozinhos cathecúmenos os bautizamos elle [João Gonçalves] em este mesmo dia. O negocio passou asi: Vinhão os meninos com suas roupetinhas brancas e humas capellas de flores em a cabeça e palmas em as mãos em sinal da victoria que alcançavão do demonio. Yá em este comenos estavam os Padres aguardando por elles á porta da igreja, aonde lhe fizerão os cathecismos com toda a solenidade e festa que nós podemos. Estãdo pois tudo a ponto pera os bautizar, começaram os Padres e meninos a ladainha cantada, não com pequena devação e lagrimas dos presentes, por ver como a piadosa clemencia do Senhor se dignava de escolher a estes por filhos, nacidos de gente tão bruta e boçal. Depois de feitos christãos nos fomos para dentro levando-os em o meio de nós outros, cantando Te Deum laudamus, e os (p. 350) abraçamos não como a servos e estranhos, senão como a filhos de Deos. A gente de fora, maxime as indias e gentios, vendo o gasalhado que lhe faziamos, ficavão juntamente edificadas e espantadas, e há verdade por este respeito se tangeo áquella hora á doutrina pera que vendo esta obra se afeicassem a receber nossa fee e viessem em conhecimento de seu Criador. Em casa não faltava prazer; mayormente o Padre missam cantans<sup>76</sup>, pola sorte que lhe coube, estava muy alegre: e certo parece aver-lhe Deos guardado este premio pera lhe galardoar o trabalho que elle tomou em os hir a buscar, porque estes são os indiozinhos que em as outras faço relação que deixados seus pays se vinhão a elle.

6. O que em ordem depois disto socedeo [após maio de 1556], foy a fundação da igreja do Rio Vermelho, pera cujo principio ordenou o P.<sup>o</sup> Antonio Rodriguez que em muy breve com a graça do Senhor e ajuda dos Indios fez humma herdida junto de sua Aldea, situada em hum outeiro, um tiro do mar, ao pee do qual estaa hum rio que os Indios chamão Camarajipe, que em nosso vulgar chamamos Rio Vermelho. O dia antes que em ella se dicesse a primeira



missa, por mandado do Padre [Nóbrega] vim eu com os meninos estudantes para que elles a officiassen. De madrugada veo o Padre [Nóbrega] com o Mestre da capella da See<sup>79</sup> e com outro homem amigo e devoto de casa, os quaes por sua devação se offercerão a a officiar. Antes que ha benzessem, disemos as ladainhas repartidos em dous choros, porque para entr'ambos avia (p. 351) vozes sufficientes. Logo se fez ao derredor da igreja, dizendo hos meninos huma cantigua<sup>80</sup>, e respondeu o outro choro com as frautas, cousa que parecia muito bem, maxime por ser entre estes gentios que em extremo são affeiçãoos à música e cantares, e en tanto que os feiticeiros, que entre elles chamão santos, usão desta manha quando lhes querem apanhar alguma cousa. A missa foy tãobem cantada com a ajuda de noscos devotos e maravilhavão desta novidade. O irmão Antonio Rodrigues lhes pregou em a lingua brasilica como soe, scilicet com grande fervor e zelo. Elle continuou este exercicio soo por algum espaço de tempo [f. 40v] soprindo com seu talento tudo o que era necessario até que o Padre lhe deu por companheiro e capelão ao P.\* Ambrosio Pirez, encomendando-lhe muy expressamente aprendesse a lingua em a qual por então se exercitava, ensinando por si soo aos Indios, ayuntando ao Irmão a levar pro sua virili parte daquele santo trabalho. <...>

7. Elle [o Irmão Antonio Rodrigues e] o P.\* Ambrosio Pirez vão pola manha a huma Aldea o que nós outros pussemos por nome San Lourenço e feita lá a doutrina se veem para casa a buscar os meninos que andão a pescar pola praya, porque hé gente tão pobre que não tem outra cousa para comer senão o que pescão. E por esta ocasião se lhes faz algum tanto duro acudir à campainha, mas todavia veem e juntos alguns (porque todos não hé possível) lhes dão lição e insinam a doutrina. Depois de comer tem o mesmo trabalho em os (p. 352) hir a chamar, mas então vem todos, e os doutrina mais de espaço porque, ultra da lição, doutrina, insina-lhes o Irmão [Antonio Rodrigues] a cantar missa e dizer a Salve, a qual sabem já e cantão por si com alguns introitos<sup>81</sup> da missa, conformando-se em tudo com a ordem de S. Vicente.

[...]

10. [f. 41r] (p. 353) Os dias passados partio o Irmão Antonio Rodriguez do Rio Vermelho com setenta indios, a mayor parte meninos, e chegando a huma hermita que está hum bom pedaço da cidade nos fez saber como erão chegados. Sairão os meninos de casa com sua cruz a os receber e juntos vierão todos em procissão cantando pola cidade as ladainhas: alguns se disciplinavão, outros levavão alanternas em a mão, do que se edificava a cidade dando ao Senhor muitas graças. En caso nos estava aguardando o Padre [Nóbrega] com muito alvoroço e delle forão todos recibidos e agasalhados como custuma, scilicet com grande charidade e desejo de os ver a todos muy boons christãos, e polos alegrar, mandou o Padre aos meninos que lhes cantassem em sua lingua e a nossa algumas cantiguas, do que elles gostavão muito. Finalmente acabou-se esta festa com dizer tudo em voz alta a Salve e as orações da doutrina.

11. Dahi a quatro dias, que foy bescora de Todos os Santos [31 de outubro de 1556], por lhes pagar esta vinda, mandou o Padre à Aldea os meninos orfãos a que lhe cantassem as vespersas e officiassen a missa. Estiverão os estudantes em a hermita dous menses [novembro e dezembro] refazendo-se em as forças corporais, porque do continuo trabalho estavam muy debilitados e avião enfermado alguns. Asi que, como dizem, fizerão de huma via dous mandados, porque hindo a cobrar saúde do corpo, davão a outros a saúde d'alma ensinando aos (p. 354) filhos dos gentios a doutrina christãa, tomando-lhes também conta de sua lição. <...>

[...]



78. Aqui, o mesmo que missa-cantante. MARIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1939, p. 338), citando este trecho, afirma: «Missa cantante - Aquela ou quem canta durante a missa, o mesmo que chanter».

79. Em 3 de agosto de 1553, João Lopes é chamado de "Mestre de Capela" em um mandado do Governo Geral (Documentos Históricos +, v. XIV, 1929, p. 363 e v. XXVIII, 1937, p. 176), sendo apresentado na dignidade de chanter em 16 de maio de 1554 (idem, v. XXIV, 1937, pp. 216-219) e renunciando antes de 15 de março de 1560 (idem, v. XXVII, 1937, pp. 77-80). Oficialmente, o cargo de mestre de capela da Sé de Salvador é criado apenas em 15 de junho de 1560, por carta régia (idem, v. XXVI, 1937, pp. 92-93). Com saber REGIS DUPRAT (Música na Bahia colonial, 1965, p. 96), é possível que João Lopes tivesse exercido esta função extra-oficialmente desde a fundação da Sé, em 1551, até a posse de Bartolomeu Fares, em 1560.

80. Cantiga é termo muito frequente na documentação da época sobre o Brasil. RAPHAEL BLUTERU (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 111) diz apenas «Versos, ou trovas, que se cantão com certo tomilho». FRANCISCO BELLAUD COSTA (Elucidário, 1863, p. 217) diz «copla de versos menores para se cantar, canção», enquanto TÓRRES KOPPA e FERNANDO LOPES GOMES (Dicionário de música, v. I, 1962, p. 269) dão «Ária popular, quadra musicada, cântico ou rímico». GIL VICENTE (v. II, 1970, p. 246) caracteriza o ethos da cantiga na Tragédia do inverno e verão (representada para D. João III): «Se olhássemos as cantigas | do prazer acostumado, | todas têm som lamentado, | carregado de fadiga, | longe do tempo passado». A julgar pelas 21 cantigas que existem no Cancioneiro d'Elvas (1977), coletânea poético-musical do séc. XVI, o padrão normal desta forma é o de três estrofes de quatro versos cada. A música geralmente segue o esquema A (1ª estrofe) - B (1ª e 2ª versos da 2ª estrofe) - B (3ª e 4ª versos restantes) - A (3ª estrofe). Os textos, quase sempre, expressam profunda dor e melancolia.

81. RAPHAEL BLUTERU (Vocabulário português e latino, v. IV, 1713, p. 178) informa: «Introito da Missa. É principio da Missa. As primeiras palavras, que os cantores entoão numa Missa citada. Requiem aeternam, he o Introito de huma Missa de Defunctos. O Papa Celestino foy, o que introduzio o uso das Antiphonas para Introito da Missa. Introitus, um. Missa».



# JOSÉ DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA [AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL ?], São Paulo de Piratininga, fim de abril de 1557.

TEXTO: Apógrafo coveo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] i-5, 2, 36, ff. 29v-31v. Colar « Do Brasil e de Janeiro até Mayo de 1557. 1ª via ». Carta precedida dum título, que não pertence a esta carta, mas à do fim de dezembro de 1556 [Mon. Bras., doc. 50]. Manuscrito já ilegível em muitos passos, e com falta da folha 30r-30v.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasilica, v. II, 1937, p. 364) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasilica II (1555-1558), Roma, Monumenta Historica S.J., 1937. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI - Missiones Occidentales), Doc. 56: « Do Sr. José de Anchieta [aos padres e irmãos de Portugal ?], São Paulo de Piratininga fim de abril de 1557 », pp. 364-370.

OBSERVAÇÃO: Para a impressão da folha faltante, LEITE se serviu de JOSEPH DE ANCHIETA - Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594); [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postfácio de A. de Alcântara Machado], Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 31, pp. 97-102.

[...]

5. [f. 30r] (p. 367) Porque se ofereceu fazer menção dos contrarios, direi algumas cousas não fora de proposito. Veio poucos dias há, grande copia delles, e combatendo un lugar de Portugueses o roubou. Acolheram-se á fortaleza sete ou oito Portugueses, que se acharão presentes, e, como quisessem entrar com elles os inimigos, foram mortos mui delles. Por outra parte acometerão uma casa onde estavam dois christãos, e saltando como sinios na telhado, derribando as telhas, os tomarão por força, e levarão com muitos dos escravos e mais presa. Não muito depois se seguiu uma peste de que morreo grande numero dos contrarios; tiravam os mortos de casa e deitavão-os ás onças, as quais de noite vinham e os comião. Desta maneira os castigou a dextra do Senhor. E depois indo a elles os Portugueses em navios, tomarão mais de 50, que estavam fazendo grandes festas, com muito vinho e cantos sobre a morte dos dois Portugueses christãos que já tinham comido. Depois de tornados ao porto, sentenciarão dois á forca, os quais o (p. 368) pastor [Francisco Fernandes] que tem as vezes do Bispo pouco há defunto, que pouco antes tinha chegado, consolou e instruiu na fé (porque não estava presente nenhum de nossos Irmãos); e assim recebidos a bautismo, chamando sempre o nome de Jesus, foram enforcados.

[...]



## FRANCISCO PIRES

(1522 - 1586)

DOCUMENTO: CARTA [AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BAÍIA]. Espírito Santo, [maio de 1557].

TEXTO: Tradução autógrafo de ANTÔNIO BLASQUES em espanhol, com cortes do P. PSLAMCO. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 47v-48r [antes f. 188v-189r, mais antigo pp. 712-714]. Títulos: «*Trelado de algunos capítulos que de cartas del P. Francisco Pires que año venido del Espíritu Sancto, algunos se dexan d'escrivir por(r) seren ya leidos a S. Vicente donde se não o'habiar a V. P. segun la orden qu'entá dada*». Título e esclarecimento autógrafo do Ir. ANTÔNIO BLASQUES, inserido esta carta na sua autógrafo de 30 de abril de 1558 (Mon. Bras., 71, doc. 65), por onde se vê que não a transcreveu na íntegra; e no fim reitara o próprio texto sem fazer distinção entre ambos.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE [Monumenta Brasiliae, v. II, 1957, p. 371] relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliae II (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 86 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI - Missiones Occidentales). Doc. 57: «*Do P. Francisco Pires [ao P. Manuel da Nóbrega, Baía], Espírito Santo [Maio de 1557]*», pp. 371-377.

[...]

6. [f. 48r] (p. 374) Fuimos a buscarlo [o corpo de "Bastião de Lenos, el hijo del Gato"] con gran pompa y solenidad [a 3 de abril de 1557 ou alguns dias depois]: primeramente el P. Vicario llevaba hun crucifixo en las manos cubierto de luto, como en los viernes de la Cuaresma se costumbra hazer, y su cruz delante, y la de los niños, y el Seños Governador [Vasco Fernandes Coutinho] en la procesión con toda la demás gente de la tierra; y así nós cantando y los suios pranteando, lo truximos a la nuestra yglesia. Mucho se espantaron y edificaron los Yndios de ver aquel concierto que dávamos, que luego la noche seguinte predicó Jaragosi, diziendo que aquella era la verdad y que devían todos ser buenos christianos. Ciertos días después de su enteramiento le hizimos hun oficio entonado al qual estuvo presente el padre y algunos de los suios, y el Señor Governador lo assentó entre sí y su hijo Vasco Fernandes. <...>

[...]



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. [Bahia], 10 de julho de 1557.

TEXTOS: Parece tradução portuguesa de original espanhol perdido. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [B. Figue, Lisboa] 1-5, 2, 38, fl. 34r-38v. Títulos: « Suma de algunas cosas que hão na a nao que se perdeu do Biapo para nosso padre Ignácio ». Texto curto, com vários passos deteriorados.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. II, 1957, p. 377) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ II (1553-1558), Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI - Missiones Occidentales). Doc. 58: « De fr. Antônio Blasquez por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Inácio de Loyola, Roma, [Bahia] 10 de julho de 1557 », pp. 377-391.

[...]

7. <...> [f. 35v] (p. 363) Este mesmo dia [entre janeiro e julho de 1556], antes que hos Principaes se fossem de casa do Governador, aonde forão chamados para este contrato, firmarão todos em hum acto publico que se fez, de guardar penas e a ser deitados de suas proprias terras se [f. 36r] inteiramente não no cumprissem; e para que os outros Indios entendessem ordenou-se que se desse hum pregão<sup>82</sup> polas Aldeas com hum atambor<sup>83</sup> que relatasse a suma do contrato. Ficarão elles dalli por diante medrosos e com medo de faltar em o que tinham prometido, como por experiencia se vio em os negros que natarão e não quizerão comer. <...>

[...]

8. (p. 364) Com esta ordem [“huma procissão” entre janeiro e julho de 1556 “em a qual forão os filhos dos gentios, mamaluços e meninos orfãos, e em sua companhia levavão ao irmão João Gonçalves e a mim”] forão a huma povoação [Vila Velha] de christãos em a qual pregou aos moradores o P.<sup>o</sup> Navarro com muito fervor, e depois de comer se tocou a campainha para que viessem os escravos e escravas dos homens brancos, que forão tantos que estava a igreja quasi cheia. Ensinou-lhes primeiro a doutrina em nossa lingua e depois em a brasilica com huma pratica que lhes declarava o mais necessario á fee. Acabado isto, elle se foy para a cidade porque ainda aquele dia avia de fazer lá huma pratica, e nós outros fizemos nosso caminho per’a Aldea do Rio Vermelho. Como chegamos á vista dela mandou João Gonçalves que cada menino orfão levasse hum filho dos gentios a seu cargo por amor das feiticeiras que não nos embaisses, e asi entrarão em procissão cantando, do que elles se maravilhavão muito e ficavão como attonitos porque em estremo são dados á musica e ouvir cantar.

10. <...> [f. 38v] (p. 385) São suas casas [a dos Indios] escuras, fedorentas e afumadas, em neo das quais estão huns cantaros como meas tinas que figurão as caldeiras do inferno. Em hum mesmo tempo estão rindo huns e outros chorando tão de-vagar que se lhes passa huma noite em isto sem lhe hir ninguém á mão. Suas camas são humas redes podres com a curina, porque são tão priguiosos que ao que demanda a natureza se não querem alevantar. É dado caso que isto bastara para imaginar em o inferno, todavia



ficou-se-nos mais imprimido com huma invenção que vimos saindo desta, a qual hé esta:

Vinhão seis mulheres mas polo terreiro cantando a seu modo e fazendo tais gestos e meneos que parecião os mesmos diabos: dos pees até á cabeça estavam cheas de penas vermelhas; em suas cabeças trazião humas como carochas de pena amarela; em as espaldas levavão hum braçado de (p. 386) penas que parecia coma de cavalo, e por alegrar a festa tangião humas frautas<sup>84</sup> que tem feitas das canellas dos contrarios pera quando os hão de matar. Com estes trajos andavão ladrando como cães e contrafazendo a fala com tantos momos que não sey a que os possa comparar; todas estas invenções fazem sete ou oito dias antes de hos matar. <...>

[...]

82. Por "Pregão", entende RAIMUNDO BLUTEAU (Vocabulário português e Latino, v. VI, 1720, p. 692) « A publicação de qualquer coisa, que convem á todos sayhã ». E acrescenta: « Barão pregão se dá á criminosos pelas Cidades, ou Villas, com açoutes, ou sem elles. Vid. livro das Ordenaç. lib. 5. tit. 139. § 1. ». O mesmo autor (v. II, 1712, p. 31) o dá como sinónimo de "Bando", informando que « Entre nos Bando he pregão de guerra, a som de taxa, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar ».

83. RAIMUNDO BLUTEAU (op. cit., v. VIII, 1721, p. 34) informa: « Deriva-se do Arabico, Altaabur, que he o mesmo. O Taabur he instrumento militar, composto de hũa taxa de pau de carvalho delgado, & dobrado em figura cylindrica, cõ duas faces, á cada hũa dellas cuberta de hũa pelle de carneiro, estirada sobre arcos, & apertada com cordões; toca-se cõ duas baquetas, nas marchas da infantaria, & para incitar os annos á batalha ». Instrumento essencialmente militar entre os europeus, é descrito com detalhes tambem por DOMINGOS VIEIRA (Grande dicionário português, v. V, 1874, p. 671), PEDRO SINTE (Pelo mundo do som, 1956, p. 562), LUIZ DA CÂMARA CASQUO (Dicionário do folclore brasileiro, 1988, p. 757) e MARCO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 457). Era frequentemente associado ao píffero.

84. O termo português flauta (ou frauta) foi utilizado com muita frequência para designar uma série de instrumentos de sopro indígenas. Entre estes podemos encontrar a tangüera, o xibby, o xibbyapara e o xibbyquassu.



## HANS STADEN

(c. 1520 - ?)

LIVRO: VERDADEIRA HISTÓRIA E DESCRIÇÃO DE UMA REGIÃO DE CANIBAIS SELVAGENS, NUS E FERÓZES DA AMÉRICA, NO NOVO MUNDO. Harpur, Andres Kolben, 1557.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: São estas as edições mais conhecidas do texto de HANS STADEN, impressas individualmente: *Marhaftige Historia...* (Harpurg, Andres Kolben, 1557); *Marhaftige Beschreibung...* (Harpurg, Andres Kolben, 1557); *Marhaftige Historia...* (Frankfurt, Meygandt Han, [1557]); *Marheftig Historia...* (Frankfurt, Meygandt Han, [1557]); *Marhaftige Historia...* (Antwerpen, Christoffel Plancijn, 1558); *Warechtighe Historie...* (Antwerpen, Jan Roelants, 1563); *Warechtige Historie...* (Amsterdam, Cornelis Claesz, 1595); *Hans Staden von Hamborgs Beschrijvinghe van America...* (Amsterdam, Erceer Iansz, 1625); *Idem* (Broer Iansz, 1627); *Idem* (Broer Iansz, 1634); *Idem* (Broer Iansz, 1634); *Idem* (Jan Jacobsz Beuman, 1635); *Idem* (Utrecht, Jan van Poolsee, 1685); *Idem* (Amsterdam, Eijlsbert de Brool, s.d. [séc. XVII]); *Idem* (Amsterdam, S. de Groot, [1701]); *De voornamste Scheeps-Togten van Jan Staden...* (Leyden, Pieter Vander AA, 1706); *Hans Staden von Hamborgs Beschrijvinge van America...* (Amsterdam, S. de Groot, 1714); *Veritable Histoire...* (Paris, Arthur Bertrand, 1657); *The captivity of Hans Stade of Hesse...* (London, Hakluyt Society, 1874); *Meu captiveiro entre os selvagens do Brasil...* (28, Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1926); *Marhaftige Historia...* (Frankfurt, Müsten & Co., 1927); *Viagem ao Brasil* (Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica, 1930); *Zwei Reisen nach Brasilien...* (São Paulo, Hans-Staden-Gesellschaft, 1941); *Dois viagens ao Brasil...* (São Paulo, [Tipografia Gutenberg], 1942); *Dois viagens ao Brasil...* (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1974). Mas o texto de STADEN também foi impresso em coletâneas. As mais antigas são estas: THEODORE DE BRY - *America Tertia Pars...* ([Frankfurt, Theodore de Bry], 1592) e edições posteriores; SEBASTIAN FRONCK - *Ander theil dieses Weltbuchs von Schiffahrten...* (Frankfurt, [Sebastian Fronck], 1567) e edições posteriores; JOHANN LUDWIG GÜTFRIED - *Neue Welt Americanische Historien...* (Frankfurt, Merianischer Erben, 1655) e edições posteriores; JOHANN JOST WINKELMANN - *Der Americanischen Neuen Welt Beschreibung...* (Oldenburg, Heinrich-Conrad Zimmer, 1664) e edições posteriores; PHILIPP ZIEGLER - *America, Das ist Erfindung und Offenbarung der Neuen Welt...* (Frankfurt, Nicolaus Hoffmann, 1617). Resumos da obra de STADEN também foram impressos em vários livros. Os mais célebres são o *Le Brésil...*, de HIPPOLYTE TAINAY e FERDINAND DENIS (Paris, Nipheu, v. VI, 1822) e a *História geral do Brasil...*, de FRANCISCO ALOISIO DE WARHAGEN (Rio de Janeiro, E. e H. Lanier, v. I, 1854). A página de rosto da primeira edição é a seguinte: *WIRKFTIG | Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden / Nacketen / Bräuwigen Menschfressen / Leuthen / In der Neuenwelt America gelegen / vor vnd nach | Christi geburt in Land zu Hesse vmbstant / biß vff dise ij. | nechst vergangene jar | Da sie Hans Staden von Hame | berg auß Hesse durch sein eygne erfahrung erkant / | vnd yetzo durch den truck an tag gibt. | Dedicirt dem Durchlauchtigen Hochgebornen Herrn / | S. Philippen Landtgraff zu Hesse / Graff zu Catzen / elsbogen / Dietz / Ziegenhain vnd Nidda / seinen G. H. | Mit eyner vorrede D. Joh. Bryenitz / genant Eychman / | Ordinarius Professoris Medici zu Harpur. | Inhalt des Béchlings volgt nach des Verredens. | Gedruckt zu Harpur / in jar M. D. LVII. [88 f. inua., illust., ests.]. Não consultado. A Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP possui uma segunda edição na LR 2, 4, cujas gravuras são completamente diferentes da primeira edição, acima descrita.*

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da América do Brasil*, 1979, livro I, cap. I, n.º 8, p. 14) informa: «Hans Staden (c. 1520 - ?) é um admirável aventureiro da Hesse, disposto a enfrentar as mais ousadas aventuras para conhecer o novo mundo. Engajado num navio português que comerciava pau-brasil, como artilheiro, vem pela primeira vez ao Brasil em 1547, onde alcança Pernambuco. Ali participa de lutas contra indígenas na vila de Igarapé, vai à Paraíba e volta a Lisboa, em 1548. Depois de passar cerca de um ano naquela cidade, delibera acompanhar os espanhóis em suas viagens, na expedição de D. Mem de Sá, que devia fundar dois povoados, um na costa de Santa Catarina e outro na foz do Rio da Prata. Staden parte de Lisboa a 15 de junho de 1550 e a 16 de dezembro deste mesmo ano atinge Santa Catarina. Depois de várias peripécias, alcança São Vicente, onde se emprega como arcazeiro, na Ilha de Santo Agnô, em frente a Bertioja. Aprisionado pelos índios tupinambás, por volta de janeiro de 1554, permanece entre eles nove meses e meio, libertando-se em outubro de 1554. Aos 20 de fevereiro de 1555, chega à França, vai a Londres, à Antuérpia e retorna à sua pátria».



EDICAO UTILIZADA: *Marckhafte Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grümmigen Menschfresser Leuthen in der Newwelt America gelegen*; Faksimile-Kindergabe nach der Erstausgabe "Narpung uff Fastnacht 1557" mit einer Begleitschrift von Richard H. Wegner; zweite vermehrte Auflage mit 6 Abbildungen und 1 Karte. Frankfurt a. M., Witten & Co. (Faksimilendruck und Verlag), 1927. 68 ff. unum., 52 pp., illust., eds. (SISB: 7-v-14).

TRADUÇAO PORTUGUESA: *Das viages ao Brasil*; tradução de Guisear de Carvalho Franco (transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet, prefácio de Mário Guimarães Ferri, introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco). Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. 31, 216 pp. (coleção Reconquista do Brasil, v. 17).

# TEXTO ALEMÃO

# TRADUÇÃO

## ERSTE BÜCHLING

## LIVRO PRIMEIRO: AS VIAGENS

[Capítulos 20 a 24: Hans Staden é prisioneiro dos Tupinambás na Ilha de Santo Amaro (Bertioga), entre meados de janeiro e fins de outubro de 1554]

### CAPÍTULO 20.

Was sich auff der wider vnb  
reyse begab nach jrem  
lande. Cap. 20.

O que aconteceu durante a  
viagem para a terra dos  
tupinambás.

[...]

[...]

[2.] (f. fr) Wie ich nun in  
so grosser angst vnd jamer war /  
bedachte das ich vor nie betrachtet  
/ nemlich der betröbte jsmertal /  
darinn wir hie leben / vnd ich  
sieng an mit weynenden augen  
zusingen auß grundt meines hertzen  
den Psalmen: Aus tieffer Not schrei  
ich zu Dir.

(p. 84) Na minha grande aflição  
e miséria, pensei em cousas que,  
antes, nunca me haviam vindo à  
mente, no triste vale de lágrimas  
em que aqui vivemos, e cantei com  
os olhos úmidos de pranto, do fundo  
do coração, o salmo: "Do abismo da  
miséria clamo eu a Ti<sup>me</sup>". Ao que  
disseram os selvagens: "Vejam como  
êle grita; agora está desesperado".

[3.] Da sagten die Wilden:  
Sihe wie schreiet er / ytzt jamert  
jn. <...>

[...]

[...]

Wie sie des tages mit mir  
vmbgiengen / da sie mich  
bei jre wonunge brachten.  
Ca. 21

Como os selvagens se  
portaram comigo no primeiro  
dia em sua aldeia.

[...]

[...]

[3.] (f. fiv) Wie wir nun an  
landt kamen / lieffen sie alle auß

(p. 87) Fomos à terra. Acudiram  
então todos, moços e velhos, das



den bütten (welchs auff eyne berge  
lage) jung vnd alt / mich  
zubesehen. Vnd die männer giengen  
mit jren bogen vnd pfeilen nach  
jren bütten / vnd beholfen mich  
jren weibern / dieselbigen namen  
mich zwischen sich / vnd giengen  
etliche vor mir / vnd etliche  
hinter mir her / Sungen vnd  
tanzten an eyne singen / die  
gesenge so sie den eygenen leuten  
pflegen zusingen wann sie die  
wollen essen.

[...]

[5.] <...> (f. fiiijr) Wie ich  
nun hinein kam / lauff das fraew  
volck zú mir / vnd schlugen mich  
mit feusten / vñ rauffen mich bei  
dem bart / vnd sprachen in jrer  
sprach: Sche innane pepike a e.  
Das ist so vil gesagt: Den schlag  
reche ich an dir von meines freunds  
wegen / Den die / darunter du  
gewesen bist / getödtet haben.

[6.] Darnach furten sie mich  
in die bütten / da muste ich in eyn  
Jnni leigen / da kamen die weiber  
vor vnd nach schlugen vnd raufften  
mich / vnd draweten mir wie sie  
mich essen wölten.

[7.] So was das Mans volck in  
einer bütten bei eynder / vnd  
truncken die getrücke welche sie  
Kawi nennen / vnd hatten jre Götter  
bei sich / Tammerka genant / vnd  
sungen jnen zu ehren / das sie  
jnen so wolgeweissaget hatten dz  
sie mich fangen solten.

[8.] Solchen gefang höret ich  
/ vnd es kam inn eyner halben stund  
keyn mans volck bei mich / daß  
alleyn weiber vnd kind.

cabanas, que ficavam num outeiro, e  
queriam ver-me. Os homens se  
retiraram com os arcos e flechas  
para suas moradias e deixaram-me  
com as mulheres, que me rodearam.  
Algumas foram à minha frente,  
outras atrás, dançando e cantando  
uma canção que, segundo o costume,  
entoavam aos prisioneiros que  
tencionavam devorar. Assim  
trouxeram-me elas até a caçara  
[próxima à enseada Mangaratiba]  
arrojaram-se as mulheres todas  
sobre mim, dando-se socos,  
arrepelando-se a barba, e diziam em  
sua linguagem: "Xé anama poepika  
aé!" "Com esta pancada vingo-me  
pelo homem que os teus amigos  
matarão".

(p. 86) Depois introduziram-me  
elas na choça, onde tive que  
deitar-me numa rede, e de novo vieram,  
bateram-me, escarapelaram-me  
os cabelos e significaram-me,  
ameaçadoras, como iriam devorar-me.

Os homens estavam durante este  
tempo reunidos em uma outra choça.  
Lá bebiam cauim e cantavam em honra  
dos seus ídolos, chamados Maracá,  
que são matrizes feitas de cabaças,  
os quais talvez lhes houvessem  
profetizado que iriam fazer-me  
prisioneiro.

O canto eu ouvia, mas durante  
meia hora não houve nenhum homem  
perto de mim, apenas mulheres e  
crianças.

## CAPÍTULO 22.

Wie meine benden Herten zu  
mir kamen vnd sagten mir /  
wie sie mich jrer Freunde  
eynen verschenckt hetten /  
der solte mich verwaren und  
tod schlagen / weiß man mich  
essen wolte. Caput xxij

Como meus dois senhores  
vieram vê-me e disseram  
que me haviam dado de  
presente a um amigo, que a  
princípio me guardaria e  
depois, quando quisesse  
devorar-me, matar-me-ia.



(f. Fiijv) [fig. 16]es



## CAPÍTULO 23.

Wie sie mit mir tantzten  
vor den hütten / darinne  
sie die argötter Tamerka  
hatten. Ca 24. [correto:  
23]

[1.] [f. f4v] Darnach führten  
sie mich von den Ort / da sie mir  
die augen brawen ab geschoren  
hatten / vor die hütten / da die  
Tamerka jre abgötter inn ware /  
vnd machten eynē runten breiß vñ  
mich her / da strund ich mitten  
innen / vñd zwey weiber bei mir /  
vnd bunden mir an eyn beyn etliche  
dinger an eyner schuren / die  
rasselten / vnd bunden mir auch  
eyne scheibe von vögel schwentzen  
gemacht / war vierecket / (f. gr)  
hinden auff den hals das sie mir  
vber das heubt gieng / vnd heysset  
auff jee sprache Arasoya / darnach

Como as mulheres dansaram  
conigo diante da choça na  
qual estavam os idolos.

(p. 91) Do lugar onde me haviam  
raspado as sobrancelhas,  
conduziram-me as mulheres en frente  
da choça en que estavam os seus  
idolos, os maracás<sup>es</sup>, e fizeram  
uma roda em volta de mim. Fiquei no  
meio. Duas mulheres amarraram-me  
com um cordel alguns chocalhos a  
uma perna e por detrás, no  
pescoço, de modo que me ficasse  
acima da cabeça, um leque  
quadrangular de penas da cauda de  
papagaios, que elles chamam araçoiá.  
Depois começaram ellas todas a  
cantar. De acordo com seu compasso,  
devia eu bater o pé com a perna à



sieng das weibe volck alle mit  
eynander an zusingen / vnd gleich  
wie jr thon lautet / so muste ich  
mit dem beyne / daran sie mir die  
rasseln gebunden hatten / nider  
treten / vff das es rasselte vnd  
zusammen stimmete. Vnd das  
beyndarin ich verwundert war thet  
mir so wehe / das ich kaum stehen  
kunte / dann ich war noch nit  
verbunden.

qual estavam atados os chocalhos,  
de modo chocalhasse acompanhando o  
seu canto. E a perna ferida doia-me  
tanto que mal me podia ter em pé,  
pois ainda não estava passada<sup>199</sup>.

[f. 4v] [fig. 17]<sup>200</sup>



#### CAPÍTULO 24.

Wie sie mich nach dem  
tantze dem Jpperu Wasu /  
der mich tödten solte /  
beibrachten. Caput. xxiiij.

Como, depois da dança,  
levaram-me ao Ipirú-guaçu,  
que devia matar-me.

[...]

[9.] (f. gr) Wie nun der  
tantze eyn ende hatte / ward ich  
dem Jpperu Wasu vberliffert.

(p. 93) Concluída a dança fui  
entregue ao Ipirú-guaçu e lá  
conservado sob severa guarda.



Daselbst hatten sie mich in göter bewarung. Da sagte er mir / Joh bette noch etlich zeit zu leben / Vnd sie brachten jre abgötter alle so in der hütten waren / vnd setzen sie vmb mich her vnd sagten / Die hettens geweissaget / das man eynen Portugaleser hette sollen fangen. Da sagte ich / Die dinger haben keyne macht / vnd können auch nicht reden / vnd liegen / das ich eyn Portugaleser bin / sonder ich bin der Frantzosen freund verwanten eyner / Vnd das land da ich daheyne bin / heysset Allemannien. Daruff sagten sie / Das müste ich liegen / dann wuß ich der frantzosen freund were / was ich dann vnter den Portugalesern thet / sie wusten wol / das die frantzosen eben so wolder Portugaleser feinde weren als sie. Daß die frantzosen können jar mit schiffen / vnd brechtē jnen Brasilien holtz / Baumwoll / vnd andere wahr / als federwerck vnd pfeffer dafür. Derhalben weren es jre göte freund / welchs die Portugaleser also nicht gethan hetten / Dann sie weren / in verlegen jaren / (f. gv) da ins land kommen / vnd hetten / da sie itzt noch woneten / vnter jren feinden freundschaft gemacht / vnd darnach werē sie zu jnen auch kommen / vnd mit jnen zubandeln begert / vnd sie weren aus güter meynunge an jre schiffe köffen vnd darein gestigen / gleich wie sie noch heutiges tag theten / mit den frantzöschischen schiffen / vnd sagten wen daß die Portugaleser jrer gnung in schiffe gehabt / hetten sie sie den angegriffen / gebunden vnd jren feinden zugeführt vnd denen geben die betten sie den gedöttet vnd gessen / vnd jrer etlich hetten sie mit jren gexchätz zu tod geschossen / vnd vil hochmüt mehr / so jnen die Portugaleser gethan hetten / auch weren sie offtmals mit jren feinden zu kriege kommen / sie zufangen.

Wie eyn Frantzose so die schiffe vnter den Wilden gelaffen hatte / dahin kam mich zubesehen / vnd Jhnen

Disseram-me que ainda tinha algum tempo de vida. Trouxeram todos os idolos que havia na choça, colocando-os em torno de mim e contaram que estes idolos haviam profetizado que aprisionaram um português. Então respondi: "Esses objetos não têm poder nenhum. Também não podem falar, e mentem que sou um português. Sou um amigo dos franceses, e a terra, que é minha pátria, se chama Alemanha". Retrucaram que isso devia ser mentira, pois que fazia entre os portugueses, se era um amigo dos franceses? Sabiam muito bem que os franceses eram tão inimigos dos portugueses como eles próprios, pois os franceses vinham anualmente em navios e traziam-lhes facas, machados, espelhos, pentes e tesouras. E eles lhe davam em troca pau-brasil, algodão, e outras mercadorias, como penas e pimenta. Eram portanto bons amigos.

Com os portugueses era diferente. Pois anos antes haviam chegado à terra - assim continuaram contando - e lá, onde ainda moram, estreitado amizade com os tupiniquins, seus inimigos. Logo depois os procuraram para comerdialem. Eles os tupinambás, também tinham ido com muita confiança aos navios e subido a bordo, como fazem ainda nos dias presentes com os navios franceses; quando os portugueses conseguiram um número suficiente deles a bordo, os assaltaram, amarraram, conduziram e entregaram aos tupiniquins, pelos quais foram então mortos e devorados. Atiraram ditos portugueses alguns com sua artilharia e cometeram ainda outras violências e vieram com os tupiniquins para guerra-los e fazer prisioneiros.

## CAPÍTULO 26.

Como chegou para vêr-me um desses franceses aí deixados, e como aconselhou aos selvagens que me



behalte / sie solten mich  
essen / ich were eyn  
Portugaleser. Caput xxvj.

[...]

[2.] <...> (f. *gijv*) und  
sagte bei mir selbst / sol ich  
dannja sterben / warumb solte ich  
dann eynem andern mein fleisch  
lenger vor hegen. Da leyeten sie  
mich widerumb in die hütten / da  
sie mich verwareten. Da gieng ich  
in mein netz leigen. Gott den ist  
bekant das ellend so ich hatte /  
vnd hñb so schreien an zusingen /  
den verß. Nun bitten wir den  
heiligen Geyst / vnd den rechten  
glauben aller neyst / Das er vns  
behüte an vnserem ende / wann wir  
keyn Jahren auß diesen ellende /  
Kyrioleys. Da sagten sie: Er ist  
eyn rechter Portugaleser / Yetzt  
schreiet er / jme grawet vor dem  
tode. <...>

Wie sie mich zu jrem  
obersten Könige Konyan Bebe  
genant / führeten / vnd wie  
sie damit mir vñ giengen.  
Op. xviiij.

[...]

[2.] (f. *gijv*) Wie ich nun  
hart bei die hütten kam / hörete  
ich eyn groß geröff von singen vnd  
posaunen blasen / vnd vor den  
hütten stund eyn kopff oder  
funfftzehn auff reydeln / die  
selbigen waren von den leuten / so  
auch ire feind sein / vñ heysen  
die Mar kayas / die sie gessen  
hatten / <...>

[...]

devorassam, pois que eu era  
português.

[...]

<...> (p. 95) Se eu devia  
morrer mesmo, por que havia de  
cuidar ainda da minha carne para os  
outros! Assim pensei comigo.  
Reconduziram-me à minha choça, e  
deitei-me de novo em minha rede. Só  
Deus sabia como estava aniquilado!  
Cantei, em altas vozes, o  
verso<sup>90</sup>:

Agora pedimos ao Espírito Santo  
Pela fé verdadeira, com todas  
[as verdades  
Que nos preserve em nossa morte  
Quando deixarmos esta misera  
[vida  
Kirie eleison!<sup>91</sup>

(p. 96) Os selvagens porém  
disseram: "É um português legítimo.  
Agora grita, apavora-se diante da  
morte."

[...]

## CAPÍTULO 28.

Como me conduziram ao  
Cunhambebe, seu mais alto  
chefe, e como lá me  
trataram.

[...]

(p. 97) Quando vinha me  
aproximando das choças [na aldeia  
"Arirabe", na Bahia de Angra dos  
Reis, após outubro de 1554], ouvi  
um grande alarido; cantavam e  
tocavam em seus instrumentos de  
sopro. Diante das choças estavam  
espetadas cerca de quinze cabeças,  
sobre postes. Eram cabeças de  
maracajás, seus inimigos, e que  
Eles haviam devorado. <...>

[...]



[f. 84v] [fig. 18]<sup>92</sup>

[...]

[6.] <...> (f. hr) Darnach  
musste ich jnen singen / vnd ich  
sang Geystliche lieder / Da solte  
ich ich jnen außlegen auff jre  
sprache / Do sagte ich / Ich habe  
von meinem Gott gesungen. Sie  
sagten mein Gott were eyn vnflat /  
Das ist vff jre sprache / Teuire  
/ gesagt / die worte theten mir  
wehe vñ gedachte / O du gütiger Got  
/ was kanstu villeiden eyn zeit  
lang. <...>

[...]

Wie die xxv. nachen der o  
Tuppin Jkins ankamen /  
dauon ich den könig gesagt  
hatte / wolten die hütten  
anfallen darin ich war. Ca.  
17 [correto: 29]

[...]

<...> (p. 100) Tive que  
cantar-lhe alguma coisa, e entoei  
cantos religiosos, que precisei  
explicar-lhes em sua lingua. Disse:  
"Cantei sobre o meu Deus".  
Responderam que o meu Deus era uma  
inundicie, em sua lingua: tebuira.  
As palavras me doeram, e pensei  
conigo: "Ó tu, bom Deus, tens às  
vezes que tolerar muito!"

[...]

## CAPÍTULO 29.

Com os tupiniquins vieram  
em vinte e cinco canoas, o  
que eu havia predito ao  
chefe, e atacaram a aldeia  
na qual eu estava.



(f. lv) [fig. 19] 8a



CAPÍTULO 34.

Wie der kranke König  
Jeppipo Wassa wider heym  
kam. Caput xxxv.

Como o chefe doente  
Nhaëpêpô-daçú voltou para  
casa.



(f. ir) [fig. 21]<sup>ea</sup>

## CAPÍTULO 41.

Wie die wilden zu krieg  
zogen / mich mitnehmen / vnd  
was sich auff dem zuge  
begab. Caput xliij.

[...]

[8.] (f. liijr) Wie der tag  
nu anbrach versamleten sich die  
obersten vnb eyn becken vol  
gesotner sich / welche sie assen /  
vnd ertzelten die treume / sso vil  
das sie jnen wol gefielen / etliche  
tantzten mit den abgottern / vnd  
sie waren willens den selbigen tag  
uff die naheyt bei jrer feind land  
zu fahren / bei eynen ort  
Boywassukange genät / daselbs

Como os selvagens partiram  
para a guerra, levando-me  
consigo, e o que aconteceu  
nesta expedição.

[...]

(p. 127) Ao romper do dia  
[“numa capoeira em frente de uma  
ilha que é chamada pelos  
portugueses de São Sebastião e  
pelos selvagens, Maembipe”, alguns  
dias após 14 de agosto de 1555]  
reuniram-se os chefes em torno de  
uma igaroba com peixes cozidos, que  
comiam, narrando uns aos outros os  
sonhos, até onde lhes aprazia.  
Alguns dançavam com os ídolos.



wolten sie dañ beyten bi d'  
 sbentkem,  
 [...]

Desejavam no mesmo dia chegar bem  
 perto da terra (p. 126) do seu  
 inimigo [os tupiniquins], até um  
 lugar chamado Boiçucanga, onde  
 queriam ficar de espreita até à  
 tarde.

[...]

(f. liijv) [fig. 25]<sup>95</sup>





[f. 14r] [fig. 28] 08



## CAPÍTULO 42.

Wie sie mit den gefangenen  
vrbriengen auff dem  
heymzige. Cap. xliij.

[...]

[4.] <...> (f. mijr) Aber die  
Wilden waren mir sehr günstig / daß  
ich hatte zuorne gesagt / auff  
eben theur / die feind würden vns  
begegnen. Wie es nun also geriet /  
sagtē sie / Ich were cyn besser  
Prophet daß jr Maraka.

Como trataram os  
prisioneiros durante a sua  
viagem de volta.

[...]

<...> (p. 131) Estavam portanto  
os selvagens bem intencionados para  
comigo [entre fins de agosto e  
princípio de setembro de 1555],  
pois eu lhes havia profetizado –  
por acaso – dizendo que os inimigos  
viriam ao nosso encontro. Quando  
isso aconteceu, disseram que eu era  
melhor profeta do que os seus  
maracás.

## CAPÍTULO 43.

Wie sie mit irem feinden  
tatzen / da wir vns des  
andern tages legerten. Cap.  
44.

Como dansaram os selvagens  
com os seus inimigos,  
quando acampamos no dia  
seguinte.



(f. *nijv*) [fig. 28]<sup>97</sup>

[...]

[3.] (f. *nijv*) Den selbigen abent gebot er / eyn yeder solt seine gefangene vor den walt bringen bei das wasser auff eynem platz. Das geschahe. Da versanleten sie sich / machten eynen grossen run den kreyß / da stunden die gefangenen in. Da musten die gefangenen alle saupt singen vnd rasseln mit den Abgöttern Tamaraka. Wie nun die gefangenen gasungen hatten / fiengen sie an zureden eyner nach dem andern / so freuelmütig vñ sagten: Ja / Wir zogen auß / gleich wie tapffere leut pflegen / (f. *nijr*) euch vnser feinde zu fangen vnd zuessen. Nun habt jr die oberhaut kriegt / hebt vns gefangen / aber wir fragen nichts darnach / Die wehrhafftigen dapffern leut sterben in jrer fein de landt. So ist auch vnser lant noch so groß / die vnsern werden vns an euch wol

[...]

(p. 132) Na mesma tarde ordenou [Cunhambebe] que cada qual devia trazer o seu prisioneiro a um lugar, que ficava fronteiriço ao bosque, junto do mar [em "Ocaragü", promontório a sudoeste da baía de Parati]. Assim fizeram. Os índios se reuniram, formaram uma grande roda e colocaram dentro os prisioneiros. Estes deviam todos juntos cantar e matraquear com os ídolos, os maracás. Depois, um após outro, discursava com audácia, dizendo: "Sim, partimos, como fazem os homens corajosos, a-fim-de a vós, nosso inimigo, aprisionar e comer. Mas então tivestes a supremacia e nos capturastes. Isso não nos importa. Guerreiros valorosos morrem na terra de seus inimigos. E a nossa terra ainda é grande. Os nossos logo nos vingarão em vós". Ao que respon(p. 133)dião os outros: "Vós já exterminastes



rechnen. Ja sagten die andern / Yhr  
habt der unsern schon vil vertilget  
/ das wollen wir an euch rechen.

[4.] Wie die rede außwar /  
föhret eyne yeder sein gefangen  
wider in sein losament.

[...]

## [LIVRO SEGUNDO]

Warhafftige kurtzer bericht  
/ handel vnd sitten der  
Tuppin Jnbas / derer  
gefangner ich gewesen bin /  
wonent in America jre landt  
schafft ligt in 24. gradus  
uff der Senden seit 8  
linienaequinoctial / jr  
landtstoffet an eyne resier  
/ Rio de Jenero genant.

Von eynen grossen gebirge /  
welches in Lande ligt. Cap.  
iij

[1.] (f. pv) ES hat eyne  
gebirge / reychet auff drei meil  
nahe bei das Meer auff örtern  
weiter / auch wol neher / vnd gehet  
an vngeferlich inn der höhe / Boiga  
de Todos Sanctus / eyne flecken so  
genant / dahin die Portugaleser  
gebawet vnd da wonen / vnd  
dasselbige gebirge strecket sich  
die lenge andern mercher /  
vollkomlich 204. meil / vnd in der  
höhe 29. gradus / auff der Süden  
seiten / der linienaequinoctial /  
<...>

[...]

[5.] (f. pijr) Sie lassen  
lang har den heupt / Auch lange  
negel auff den fingern erwachsen.  
Sie haben sunst auch der rasselen  
Maraka genant / wie die andern  
Wilden / welche sie für göter  
halten / haben jre getrencke vnd  
dantz / <...>

[...]

muito dos nossos. Tal queremos  
vingar em vós". Quando terminaram  
de discursar assim, cada um  
conduziu de volta o seu prisioneiro  
ao seu abrigo.

[...]

## LIVRO SEGUNDO

### A TERRA E SEUS HABITANTES

Pequeno relatório verídico  
sobre a vida e costumes dos  
tupinambás dos quais fui  
prisioneiro.

Habitam a América; sua  
terra fica a 24ª de  
latitude sul, limitando com  
uma região que é chamada  
Rio de Janeiro.

### CAPÍTULO 3.

De uma grande cadeia de  
montanhas que existe na  
terra.

(p. 153) Existe aí uma cadeia  
de montanhas que se aproxima até  
três milhas do mar, nalguns lugares  
mais, noutros menos. Começa mais ou  
menos à altura da baía de  
Todos-os-Santos, - povoação que os  
portugueses erigiram e habitam -  
estendendo-se num total de duzentos  
e quatro milhas ao longo da costa,  
até terminar a 29ª ao sul do  
Equador. <...>

[...]

(p. 154) Deixam [os guaianés,  
índios que vivem nessa serra]  
crescer os cabelos e as unhas.  
Como outros gentios, têm matraca  
chamadas maracás, que consideram  
deuses. Organizam também festas e  
danças. <...>

[...]



## CAPÍTULO 15.

Wie sie jre gedrencke  
machen daren sie sich  
drincken / vnd wie sie sich  
halten mit dem trincken.  
Caput xv.

[...]

[6.] [f. q4r] Das trincken  
wehret die gantze nacht / dantzen  
auch wol zwischen den brenden her /  
ruffen vnd blasen mit posaunen /  
machen eyn schrecklich geröcht wann  
sie truncken werden. Auch sihet man  
wenig das sie vneyns werden. Sie  
sein auch eynander sehr gñftig /  
was der eyne mehr hat von essen  
speiß dann der ander / teylet er  
jne mit.

Como preparam a bebida, com  
que se embriagam, e como  
agem relativamente a ela.

[...]

(p. 167) Bebem durante a noite  
toda. Dansam também às vezes entre  
as fogueiras ardentes, clamam,  
sopram em seus instrumentos e fazem  
uma gritaria medonha, quando ficam  
embriagados<sup>99</sup>. É raro ver-se  
porém que se desavenham. São muito  
benévolos entre si; o que tem em  
maior quantidade para comer do que  
outro, cede-lh'o.

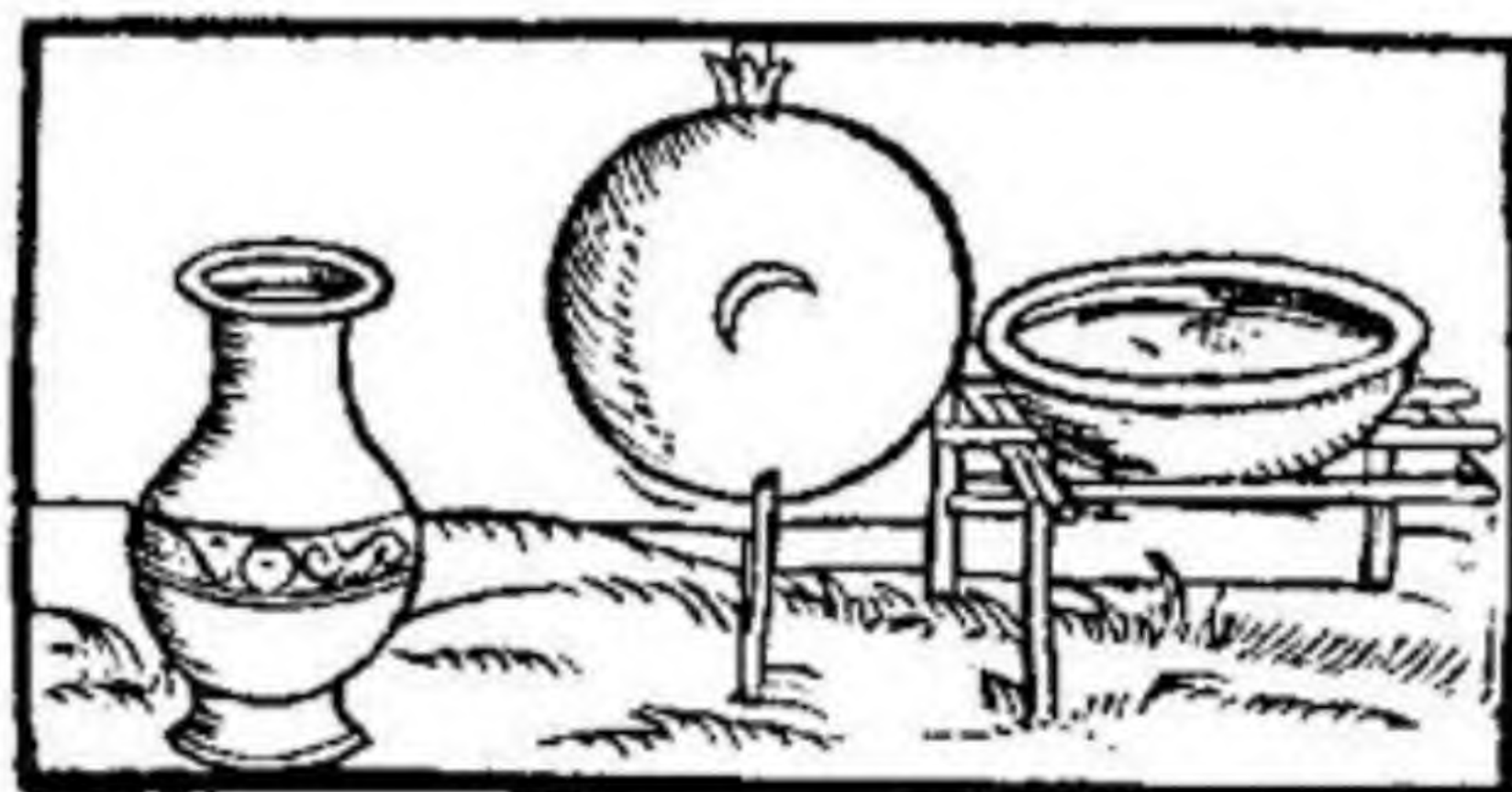
## CAPÍTULO 23.

Woran sie gleuben. Cap.  
XXIII.

[1.] (f. r11v) Sie gleuben  
an eyn ding / das wechst wie eyn  
kürbs / ist so groß wie eyn halb  
muß döppen. Ist inwendig hoel /  
stecken eyn stecklin dardurch /  
schneiden eyn löchlein darein wie  
eyn mündt / vnd thun kleyne  
steunlein darein / es rasselt /  
Rasseln damit wann sie singen vnd  
tantzen / vnd heysen es Tamaraka.  
Ist so geformirt wie volget.

No que acreditam.

(p. 173) Os selvagens crêem  
numa cousa que cresce como um  
abóbora. é grande como um pote de  
meia pinta e fica por dentro.  
Fincam-lhe através um pequeno  
cabo, cortam-lhe uma abertura como  
uma boca e metem-lhe no interior  
pequenas pedras, de modo que  
chocalha. Sacolejam isto quando  
cantam e dansam. Chamam-no maratá.  
Cada um dos homens possui o seu,  
particularmente<sup>99</sup>. Tem o aspeto  
que mostra a seguinte figura.

[f. r4r] [fig. 41]<sup>100</sup>



[2.] [f. r4r] Dieselbigen hat das Mans volck / eyn yeder seun eygens / so feind nin etliche vnter jnen / welche sie heyssen Paygi / werden vnter jnen gesachtet gleich wie man hie die warfager achtet / dieselbigen ziehen des jars eyn mal durchs landt in alle bütten / vnd geben für / Wie das eyn geyst sei bei jnen gewesen / welcher weit hervor freunbden örtern köffen were / bette jnen maacht geben / das alle die rasselen Tamaraka / welche ße wöllen / sollen sprechen vnd macht bekommen wo sie es vmb bitten solle er gewehret sein Eyn yeder will dann / das in seine rasselen die gewalt köffe / machen eyn groß fest / mit trincken singen vnd weissagen / halten vil seltzamer Cerenonien. Darnach bestimmen die wahrsager eynen tag / in eyne bütten / welche sie ledig machen / müssen keyne weiber oder kinder darinne bleiben daß gebieten die wahrsager / das eyn jeder sein Tamaraka tot vernale / mit jedern vnd dahin komme / so wöllo er jnen die gewalt vberliffen das sie sprechen sollen. Darnach komen sie in die bütten / so setzen sich die warsager obenan vñ haben jre Tamaraka bei sich in der erdenstecken / Darbei stecken die andern jre auch / Eyn yeder gibt den [f. r4v] Warsagern geschenck / welches sein flitschpfeile / feddern / dinger die sie an die ohren hencken / auff das ye seines Tamaraka nicht vergessen werde. Wann sie daß alle bei eynander sein / so nimpt er dann eyn yedern Tamaraka sinderlich / vnd bereuchert es mit kraude / welches sie Bittin nennen. Darnach nimpt er die Kassel hart vor den mundt / vnd rasselt mit / vnd sagt zñ jn: Nee Kora / nun rede / vnd laß dich hören / bistu darinne. Dann redet er kleinlich / vnd gerad eyn wort das man nicht wol mercken kan. Ob es die rassel thu / oder ob er es thue / Vnd das ander volck meynet / die rasset thu es. Aber der warsager thuts selbs / so thut er mit allen rasseln / eyner nach der andern. Eyn yeder meynet dann / das seine rassel grosse maacht bei sich

Há entre eles algumas pessoas a que chamam pagé. São considerados por eles como aqui se consideram os adivinhos. Perambulam uma vez por ano através da terra, vão a todas as choças e relatam que um espírito, vindo de longe, do estranho, os visitara, investindo-os da faculdade de fazer falar e dar poder a todas as matracas - os maracás - se o quisessem; o que pedissem os pagés, ser-lhes-ia concedido. Cada um então queria que sua matraca tivesse poder. Preparam uma grande (p. 174) festa, bebem, cantam e fazem adivinhos, levando ainda estranhos usos a efeito.

Depois disso, designam os adivinhos um dia. Desocupa-se uma choça, na qual nenhuma mulher ou criança deve permanecer. Os feiticeiros ordenam que cada um pinte de vermelho o seu maracá, adorne-o com penas e lá entre. Querem então dar às matracas o poder de falar.

Quando entram na choça, sentam-se os adivinhos em primeiro lugar e cravam seus maracás no chão, perto de si. Os demais fincam-lhes ao pé os seus, e cada qual dá aos feiticeiros um presente - flechas, penas ou ornatos que trazem pendurados às orelhas, a-fim-de que seu idolo não seja esquecido. Logo que estão todos reunidos, toma o adivinho o maracá de cada um deles e incensa-o com uma herba que chamam pitim. Segura então a matraca bem junto à boca, chocalha-a e diz-lhe: "Né cora", fala agora e faze-te ouvir, se aí estás. Profere após em voz alta e depressa uma palavra, de modo que não se pode bem distinguir se a emitiu ele ou a matraca. Os presentes acreditam que a matraca a disse, mas o próprio feiticeiro a emitiu. Assim o faz com todas as matracas, uma após outra, e cada um fica pensando que o seu maracá tem grande poder. Ordenam-lhes então os adivinhos que partam para a guerra na captura de inimigos, pois apetece aos espíritos que estão nos maracás comer carne escrava. E partem após para a guerra.



hab. Dann gebieten jnen die warsager / das sie zů kriege ziehen / feinde fangen / dann die geyster so in den Tamaraka seien / gelöste schlauchen fleysch zuessen / dennach ziehen sie zů kriege.

[3.] Wenn nun der warsager Paugi auß allen rasseln götter gemacht hat / so nimt daß eyn yeder sein rasseln hin / heysset sie lieber sohn / machet jr eyn eygen hüttlin / da es inne stehet / setzt jme essen vorr / begert von ime alles was jme von nöten ist / gleich wie wir den warhafftigen Gott bitten / das sien nu jre götter. <...>

[...]

[5.] Wie ich nu das erste mal vnter sie kam / vnd sie mir darvon sagten / meynte ich es were ettwan eyn Teufels gespenste / (f. sr) Dan sie sagten mir offtmals wie die dinger sprechen machen / musten sie sich alle nider setzen. Aber wie ich den betrög sahe / gieng ich zur hütten hinnaus / gedachte / Wie eyn armes verblentes volck ist das.

Wie sie jre anschlege machen wan sie wollen in jrer feinde landt zů krieg ziehen. Cap. 25. [correto: 27]

[1.] <...> (f. sijr) Wañ jnen treume nun wol behagen / rüsten sie zů / machen in allen hütten grosse getrencke / trincken vnd tantzen mit den abgöttern Tamaraka / eyn yeder bittet seinen / das er jn helff eynen feind fangen. <...>

[2.] <...> (f. sijv) Wie sie gessen hatten / verzeleten sie die treume / so viel das sie jnen wol behagten / darnach tantzten sie mit den Tamaraka <...>

Quando o pagé, o feiticeiro, tornou divinas todas as matracas, toma cada qual a que lhe pertence de volta, chama-a "querido filho", faz-lhe uma pequena choupana, na qual será colocada, põe-lhe em frente comida e implora-lhe tudo quanto a si é necessário, do mesmo modo como rogamos nós ao verdadeiro Deus. São então os seus deuses.

[...]

A princípio, quando cheguei entre eles e falei-lhes dos maracás, calculei que fosse, talvez, uma arte do diabo, pois narravam-me muitas vezes como os objetos falavam. Quando fui à choça em que estavam os feiticeiros que deviam fazer as cousas falar, tinham todos que assentar-se. Eu porém saí da cabana, quando reconheci a farsa, e pensei comigo: pobre gente cega é esta!

## CAPÍTULO 27.

Como se preparam quando querem emprender uma excursão guerreira na terra dos contrários.

[...]

(p. 177) Quando então os sonhos lhes agradam, amam-se, preparam em todas as choças grandes festins, bebem e dançam com os seus ídolos, os maracás, e cada um pede a sua matraca que o ajude a capturar um inimigo.

[...]

<...> (p. 178) Depois que comeram, relataram seus sonhos, e havia muitos destes que os agradaram bastante. A seguir dançaram de alegria com os maracás.

[...]



## CAPÍTULO 29.

Mit was ceremonien sie jre  
feinde tödten vnd essen.  
Womit sie sie todtschlagen  
/ vnd wie sie mit jnen  
vubgehn. Cap. xxix.

[1.] <...> [f. s4r] eynen tag  
oder zwen zu den / ehe dann die  
weiber die getrencke machen /  
führen sie den gefangen eyn mal  
oder zwey auff den platz / dantzen  
vmb jnen her.

[2.] [f. s4v] Wann sie nun  
alle bei eynder sein / die von  
aussen kofen / so heysset sie der  
Oberste der hätten wilkommen /  
spricht / So kompt / helffet  
ewern feind essen. Des tages  
zuorne / ehe sie anheben  
zutrincken / binden sie dem  
gefangenen die schnur Mussurana vmb  
den hals. Desselbigen tages  
vermalen sie das holz / Jwera Penne  
genant / damit sie jnen todt  
schlagen wollen <...> Ist lenger  
dann eyn klaffter / streichen ding  
daran das klebet. Dañ nemen sie  
eyer schalen die sein graw / vnd  
sein vö eyner vogel Mackukawa genöt  
/ die stossen sie kleyn wie staub /  
vnd streichen dann an das holtz.  
Dann sitzt eyn fraw vnd kritzelt  
in dem angeklebten eyer schalen  
staub. Diweil sie malet / stehet  
es vol weiber vmb sie her / die  
singen. Wann das Jwera Penne dann  
ist wie es sein soll / mit fedder  
questen vnd anderer reyd schafft /  
hencken sie es dann in eyne reydel  
/ vñ singen daß darumb her die  
gantze nacht.

[3.] Desselbigen gleichen  
vermalen sie dem gefangenen sein  
angesicht. Auch diweil das weib an  
jme malet / diweil singen die  
andern. Vnd wann sie anheben  
zutrincken / so nemen sie den  
gefangnen bei sich der trincket mit  
jnen / vnd sie schwarzen mit jme.

[...]

Solenidades dos selvagens  
por ocasião da matança e  
devoramento dos seus  
inimigos. Como executam  
estes e como os tratam.

[...]

<...> (p. 179) Um ou dois dias  
antes das mulheres fabricarem as  
bebidas, conduzem o prisioneiro uma  
ou duas vezes ao pátio dentre as  
cabanas e dançam-lhe em volta.

Logo que estão reunidos todos  
os que vieram de fora, dá-lhes as  
boas vindas o principal da choça e  
diz: "Vinde agora e ajudai a comer  
o vosso inimigo". No dia, véspera  
de começarem a beber, amarram a  
mussurana [corda] em torno do  
pescoço do prisioneiro e pintam o  
ibirapema [arma] com que o  
pretendem matar. <...> Os selvagens  
a untam com uma substância  
grudenta. Tomam então cascas de ovo  
dum pássaro, o macaguá [acauã], que  
são cinzentas, reduzem-nas a pó, e  
espalham isto sobre o tacepe.  
Depois se assenta uma mulher e  
garatuja nesta poeira de cascas de  
ovo, que está grudada. Enquanto ela  
desenha, rodeiam-na, cantando,  
muitas mulheres [fig. 43].

Estando o ibirapema como o  
deve, ornado com borlas de penas e  
outros enfeites, será pendurado  
acima do chão, numa vara, numa  
choça vazia. Os selvagens cantam  
então, através da noite toda, em  
volta desta choça. Do mesmo modo,  
pintam o rosto do prisioneiro, e  
enquanto uma mulher o pinta, cantam  
as outras. Quando principiam a  
beber, levam consigo o prisioneiro,  
que bebe com eles, e com o qual se  
divertem. <...>

[...]



(f. 4v) [fig. 43]<sup>101</sup>



(f. 4jr) [fig. 44]<sup>102</sup>





(f. tlv) [fig. 45] 108



85. No excelente trabalho de HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. I, p. 33), podemos ler: « Assim é que, ferido, sangrando e rodeado de selvagens que ameaçavam devorá-lo, HANS STADEN ergue a voz e entoou o Salmo 130: "Das profundezas a ti clamo, ó Senhor", cuja versão alemã *Aus tiefer Noth schrei ich zu dir*, por ele cantada, fora preparada e musicada na forma de coral por MARTINHO LUTERO alguns anos antes, em 1523, e publicada no ano seguinte em Wittenberg, na primeira coleção editada pelo Reformador: *Etlich Christlich Lieder lobgesang und Psalm* (geralmente conhecida como *Achtliederbuch*). Muito estimado por LUTERO, este Salmo, que é o célebre *De profundis*, tinha sido cantado em seu funeral, em 1546, e permanecia um dos corais preferidos nesses primeiros e difíceis tempos da Reforma, quando os seus adeptos encontravam muitas oportunidades de entoá-lo porque se tornara, por excelência, o verdadeiro grito de angústia dos sofredores ». A autora reproduz, na prancha entre as pp. 32-33, um fac-símile desta melodia, parte do tenor de um coral a 4 vozes, extraído do *MS Geistliche Gesangbüchlein*, de 1525. Cf. o EXEMPLO MUSICAL 17-A.

86. Título da figura, na edição de 1574 (p. 93): « A aldeia de Ubatuba, etapa final da viagem de retorno dos tupinambás, vindos de Gertoga e local onde permaneceu prisioneiro Hans Staden, que está agora sendo objeto do conhecimento das mulheres. Um pouco acima, outro mostra uma delas raspando-lhe as sobrancelhas ».



67. Este é, efetivamente, o primeiro registro conhecido do termo *maracá*, o instrumento indígena que mais curiosidade causou aos europeus, sendo descrito já desde 1549, como se pode ler na carta de MANUEL DA NÓBREGA <sup>6</sup>, de agosto desse ano (B 3). ANTÔNIO RUIZ DE MONTEYA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1637, f. 212v) escreve « Mbaracá. Calabazo con cuentas dentro, que sirve de instrumento para cantar, y de ahí ponen nombre a todo instrumento musico ». Frei ONOFRE (por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYESA, *Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*, 1934, p. 233) é mais sucinto: « Maracá - guiso, chocalho, cascavel ». BONGALVES DIAS (*Dicionário da língua tupi*, 1958, p. 52) traz « MARACA I. Instrumento das solenidades religiosas dos índios: cascavel. II. Árvore de fruto que nasce pela terra firme, que se diz semelhante a uma espécie de *Crescentia de Lima*. III. Por aplicação do sentido directo da palavra, dá-se hoje este nome a um chocalho feito de lata e cheio de pedrinhas, que serve as crianças de brinquedo ». JERO SAMPOLZA RODRIGUES (*Vocabulário indígena*, 1892, p. 25), que escreve « Marabá », dá apenas « chocalho, guiso » e BAPTISTA DE CASTRO (*Vocabulário tupi-guaraní*, 1936, p. 67) diz « MARACÁ - labara -|- calt - instrumento musical dos tupis e guaranis; maracá, chocalho ». EMANO STRADELLI (*Vocabulário da língua geral*, 1929, p. 514) também encontra o termo no nhemgató: « Maracá - Maracá - Chocalho feito de uma cabaca esvaziada, enfiada que põe e cheia de pedrinhas ou de frutas curas. Os maracás são feitos em geral de culete, mas há maracás feitos de um tecido de talas, e o dos papéis costumam ser feitos com uma espécie de pequena colóquinte silvestre, que cresce nas serras. Os que servem para puxar a dança são pelo comum ornados de penas, que variam conforme a tribo, assim como de desenhos elegantíssimos, incisos, e tornados vistosos com tabatinga ». TEODORO SAMPAIO (*O tupi na geografia nacional*, 1937, p. 275) acrescenta: « Maracá - corr. Mará-acá, a cabeça de fingimento ou de feição ». LUIS DE CÁMERA CASCOLO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1936, p. 471) também o descreve: « O primeiro dos instrumentos indígenas no Brasil. É o ritmador dos cantos e das danças ameríndias. É uma cabaca (*Crescentia tujeta*, Lin.) na extremidade de um pequeno bastão-remachadura. No interior há seixos ou pedrinhas, fazendo rumor pelo atrito nas paredes internas do bojo ». Este autor, com MÁRIO DE ARAÚJO (*Dicionário musical brasileiro*, 1939, pp. 303-304), fornece ainda informações adicionais sobre o instrumento (MÁRIO DE ARAÚJO também o dá sob a designação *tamaracá*, extraída de HANS STADEN <sup>7</sup>). Bastante documentado nos séculos XVI e XVII, os maracás eram mais que simples instrumentos musicais. Os índios os tinham como ídolos, atribuindo-lhes o poder da fala. Os jesuítas já haviam notado esse fenômeno, mas é STADEN o autor que mais evidencia essa função religiosa do maracá. No cap. XIII, f. raijy já é bastante claro: « Sie glauben an eyn ding / das wecket wie ey kirts / ist so groß wie eyn halb maß döppen. Jet inwenig hont stecken eyn stecklin dadurch / schneiden eyn löchlein darein wie eyn mund / und thun kleyne stecklein darein / es rausset / Rausset darait wann sie singen und tanzen / und heyszen es Tamaraka » i « Os selvagens crêem numa coisa que cresce como uma abóbora. É grande como um pote de meia pinta e fica por dentro. Fica-lhe um pequeno cabo, cortam-lhe uma abertura como uma boca e metem-lhe no interior pequenas pedras, de modo que chocalha. Sacodem isto quando cantam e dançam. Chama-no maracá » ).

68. ROBERT SOUTHY (*History of Brazil*, v. I, 1810, cap. VII, p. 187) narra este episódio com essas palavras: « Then they led him before the door of the tabernacle wherein the Maraca, or rattles of divination, were kept; they fastened a string of little rattles round each leg, and placed upon his head a square coronal of straight feathers. Two women stood on each side of him, the rest made a circle round, and bade him dance his dance to their singing. He could scarcely stand for the pain of his wound, nevertheless dance he must, and keep time in his steps, that the anklets might rattle-in in time. This dance was the Aprasse, ... it seems to have been a religious ceremony in honour of the Maraca ».

69. Título da figura, na edição de 1974 (p. 92): « Dança das mulheres, em Ubaluba, tendo no meio Hans Staden, que está com um ornato de penas na cabeça. Ao centro, acima, vê-se duas alhas bem na frente ao literal da aldeia ».

70. ROBERT SOUTHY (*History of Brazil*, v. I, 1810, cap. VII, p. 190) resume esta passagem: « I call God to witness, says he, what my pain was! and with a sorrowful voice I began to sing a hymn ». O mesmo autor (op. cit., p. 194, nota 7) dá a versão latina desse cântico: « Sanctus precemur Spiritus | Verâ beare nos fide, | Ut nos in hac reserve, | In fine reape vitae | Hinc quando commigramus | Doloribus soluti | Kyrie eleison! ».

71. HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. I, p. 35) informa, novamente: « Após acerta desilusão com respeito a um europeu em que confiara, dEle esperando que intercesse favoravelmente em prol da sua liberdade, voltou-se para Deus e recordou, em alta voz, o versículo que se encontra em Jeremias 17:5 - "Maldito o homem que no homem confia" - e, conforme refere em sua obra, entou o coral *Man bitten wir den Heiligen Geist* (Agora pedimos nós o Espírito Santo), com isso atraindo a atenção dos silvícolas, particularmente propensos a música. Este coral, um dos primeiros que LUTERO preparou para uso eclesástico, é contemporâneo de *Aus tiefer Noth*, tendo, igualmente, integrado a coleção coralística de 1524. De profunda expressividade, encerra em sua primeira estância um hino tradicional da Idade Média (séc. XIII) hutilado pelo Reformador, que lhe acrescentou mais três estrofes de sua própria lavra para completar a invocação ao Espírito Santo nEle contida. Era muito apreciado entre os fiéis luteranos e a sua execução deve ter proporcionado a HANS STADEN, na precária situação em que se encontrava, o desejado conforto espiritual ». A melodia é bastante conhecida e foi transcrita pela autora a partir de um *Evangelisches Kirchengesangbuch* (Kassel, 1750, melodia n.º 99), acompanhada do seguinte texto (a primeira das



quatro estrofes: « Nun bitten wir den Heiligen Geist | um den rechten Glauben allerweist, | daß er uns bringe an unsern Ende, | wenn wir heilfahra aus diesem Elende. | Kyrieley ». Cf. o EXEMPLO MUSICAL 11-B.

92. Título da figura, na edição de 1974 (p. 99): « A aldeia de Ariró, do Chefe Duhéabete, onde Staden com as pernas ligadas, se avistou com o mesão, que é o indígena que traz acangatara, tembeté e enduape. Essa aldeia, segundo se deduz de Staden e de antigos mapas, ficava na baía de Angra dos Reis ».

93. Título da figura, na edição de 1974 (p. 101): « Ataque dos tupiniquins à aldeia de Uatoca ».

94. Título da figura na edição de 1974 (p. 103): « Staden preparando-se para amparar os doentes que chegam. Eles morreram, no entanto, e estão sendo enterrados em covas junto às cabanas ».

95. Título da figura na edição de 1974 (p. 126): « Acampamento de tupinambás nas proximidades da ilha de São Sebastião. Vê-se Hans Staden de pé, assinalado com uma cruz ».

96. Título da figura na edição de 1974 (p. 127): « A luta entre tupiniquins e portugueses, com os tupinambás, nas proximidades de Boiçucanga. Ao fundo e à esquerda, os fortes de São Tiago (Barroquinha) e de São Felipe (Santo Amaro) ».

97. Título da figura na edição de 1974 (p. 133): « O acampamento de Itaraçú, segunda etapa da viagem de retorno para a aldeia de Ubatuba. A dança a roda dos restantes prisioneiros ».

98. ULRICH SCHNIDEL, na *Merckwürdige und Liebliche Beschreibung...*, publicada por SEBASTIAN FRONCK (Ander theil dieses Weltbuchs, 1567, livro II, cap. LII, f. 24r) traz informação semelhante: « Sie haben ihren woliust und freud mit dem eessingen kriegen. Trinken und essen / und seyn tag und nacht voll / tanzten sie gern / und führen deroassen ein solen Epicurisch leben / darvon nicht zuschreiben ist » (segundo nossa tradução): « Eles [os "tupis"] têm frequentemente na guerra sua diversão e alegria. Bebem e comem dia e noite e gostam muito de dançar, levando uma vida tão epicurista, que não se pode descrevê-la ».

99. ROBERT BOUTHEY (*History of Brazil*, v. I, 1810, cap. VII, pp. 137-138), resumindo o episódio que STADEN narra no princípio do cap. 24 do "livro primeiro", reescreve esta descrição do maracá: « All the Maraca were now brought out. This familiar oracie of the Brazilian Savages is made of a fruit so called, which resembles a gourd, and is capable of containing about three pints in its cavity. This is fixed upon a handle, human hair is sometimes fastened on the top, and a slit is cut in it to represent a mouth, through which their jugglers, whom they call Payes, make it utter its responses. A few pebbles are inserted to make it rattle, and it is crowned with the red feathers of the Goaraz. Every man had his Maraca ».

100. Título da figura na edição de 1974 (p. 173): « Um maracá, um pote e uma panela de barro ».

101. Título da figura na edição de 1974 (p. 181): « As mulheres pintando o ibirapema e o rosto do prisioneiro ».

102. Título da figura na edição de 1974 (p. 182): « O ibirapema pendurado na cabana e a dança ao seu redor ».

103. Título da figura na edição de 1974 (p. 183): « O prisioneiro ao centro bebe em companhia dos seus executores, que também fazem sentados à sua roda ».



**ANDRÉ THEVET**  
(1502 - 1590)

LIVRO: AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA. Paris, Maurice de la Porte, 1957.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: As edições mais conhecidas deste livro são as seguintes: *Les singularitez de la France Antarctique...* (Paris, Maurice de la Porte, 1957); *idem* (Anvers, Christophe Plantin, 1588); *idem* (Paris, Maurice de la Porte, 1958); *Historia dell'India America detta altramente Francia Antartica...* (Veneza, Gabriel Giolito de Ferrari, 1581); *The New found worlde, or Antartike...* (London, Byeneman, 1568); *Les singularitez de la France Antarctique...* (Paris, Maisonneuve & Cie, 1878); *Singularidades da França antártica...* (São Paulo, Ed. Nacional, 1944, *Brasiliana*, v. 215); *idem* (Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDESP, 1978, col. *Reconquista do Brasil*, v. 45).

NOTA SOBRE O AUTOR: JESÉ HENRÍQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. I, n.º 2, p. 40) informa: «Thévet era homem já viajado, de melhor formação cultural [que Lery], e autor de uma *Cosmografia* (*Cosmographie du Levant...*, Lyon, 1554-1556) quando acompanhou Nicolas Durand de Villegaignon ao Brasil. Este projetara fundar aqui uma colônia francesa, a França Antártica. Thévet permaneceu no Brasil três meses, de 10 de novembro de 1555 a 31 de janeiro de 1556. Dessa permanência na terra e de suas observações, especialmente etnográficas, deixou uma crônica valiosa, testemunho dos fatos históricos e registro da vida dos grupos indígenas aliados dos franceses».

EDIÇÃO UTILIZADA: *Les SINGULARI-|tez de la France An-|tarctique, autrement nom-|mée Amerique, & de plusieurs Ter-|res & Isles decouvertes de no-|stre temps | Par F. André Thevet, na-|tif d'Angoulesme. | A Anvers, | De l'imprimerie de Christophe Plantin | a la Licorne d'or. | 1588. | Avec Privilege du Roy. (16 x 9; 8 ff. pr., 166 ff. num., 2 ff. inua., grav., B1B; LR 2, 5).*

TRADUÇÃO PORTUGUESA: *As Singularidades da França Antártica*; tradução de Eugênio Amato. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDESP, 1978. 271 p. (Coleção *reconquista do Brasil*, v. 45).

TEXTU FRANCÊS

TRADUÇÃO

Capítulo XXXVI

Des faux Prophetes et  
Magiciens de ce pais qui  
communiquent avec les  
esprits malins: et d'un  
Arbre nommé Ahouai.

Dos falsos profetas e magos  
desta terra, os quais se  
comunicam com os espíritos  
malignos — e também de uma  
árvore chamada "ahai"<sup>204</sup>

CHAP. XXXVI.



(f. 65r [correto: 67r])<sup>105</sup> [fig. 13]





La maniere de leurs  
combats, tant sur eau, que  
sur le terre.

#### CHAP. XXXIX.

[1.] <...> (f. 73v)  
[*"Tabourins, fifres, & autres  
instruments, excitent les  
esprits."*] Noz Sauvages  
victorieux, monstrent tous signe de  
i'oye, sonans fifres, tabourins, &  
chantans à leur mode: ce qu'il fait  
tresbon cuir, avec les instrumens de  
mesme, faits de quelques fruits  
cavez par dedans, ou biens d'os de  
bestes, ou de leurs ennemis. Leurs  
instrumens de guerre sont richement  
estoffés de quelques beaux  
pennaches pour decoration. Ce que  
l'on fait encores aujourdhuy, &  
non sans raison, ainsi en a l'on  
vsé le temps passé. Les fifres,  
tabourins, & autres instrumens  
semblent écueiller les esprits  
assopis, & les exciter ne plus ne  
moins que fait le soufflet vn feu à  
demy mort. Et n'y a ce me semble,  
meilleur moyen de susciter l'esprit  
des hommes, que par le son de ces  
instrumens car non seulement les  
hommes, mais ausi les cheuaux, sans  
toutesfois en faire comparaison  
aucune, semblent tressaillir comme  
d'une gayeté de coeur: ce qu'a esté  
observé de tout temps. Il est vray,  
que les Ameriques, & ces autres  
Barbares vsent coustumierement en  
leurs assaults & combats de cris &  
hurlemens fort épouventables,  
ainsi que nous dirons cy apres des  
Amazones.

#### Capitulo XXXIX

De como os selvagens  
combatem tanto na água  
quanto em terra

[...]

(p. 129) Quando nossos  
selvagens regressam vitoriosos a  
seus lares, são recebidos pelos que  
lá ficaram com demonstrações de  
júbilo, ao som de pifaros<sup>106</sup>,  
tamborins<sup>107</sup> e cânticos. É muito  
interessante ouvir-se esta música,  
tocada com instrumentos primitivos,  
feitos de frutos dos quais se  
retira a polpa, ou então de ossos  
de animais (quando não de ossos  
humanos<sup>108</sup>...). Estes  
instrumentos de guerra são  
ricamente enfeitados com alguns  
penachos decorativos. Trata-se de  
um costume muito antigo, que se  
conservou inalterado até os dias  
que correm.

Flautas, tamborins, etc.,  
parecem despertar os ânimos  
adormecidos, reavivando-os qual  
sopro de fole no braseiro  
semi-apagado. Realmente, não me  
parece haver melhor meio de infla-  
mar os espiritos do que o som  
destes instrumentos, pois a música  
excita não apenas os homens, mas  
até mesmo os cavalos! Não que eu  
queira com isso fazer qualquer  
comparação entre ambos, mas os  
cavalos até parecem estremecer ao  
som da música, em virtude da  
alegria que lhes enche o coração.  
Este fato tem sido frequentemente  
observado através dos tempos.

Na verdade, não só os  
americanos, mas também outros povos  
bárbaros têm o costume de realizar  
seus assaltos e combates ao som de  
medonhos gritos e uivos, como  
veremos dentro em pouco no capítulo  
referente às amazonas.



(f. 72r)<sup>100</sup> [fig. 16]

## Capitulo XL

Comme ces Barbares font  
nourir leurs ennemis,  
qu'ils ont pris en guerre,  
et les mangent. CHAP. XL

[1.] <...> (f. 74v) Si de ce prisonnier & de la femme qui luy est donnée, prouiennent quelques enfans, le temps, puis ils les mangeront, se recordans qu'ils sont enfans de leurs ennemis. Ce prisonnier ayant esté bien nourri & engreßé, ils le feront nourrir, estimas cela à grand honneur. Et pour la solennité de tel massacre, ils appellerõt leurs amis plus loingtains, pour y assister, et en

De como esses bárbaros  
matam e devoram seus  
prisioneiros de guerra

[...]

(p. 131) Se porventura nasceram filhos da união do prisioneiro e da mulher que lhe foi dada, eles serão criados na tribo durante algum tempo, mas depois também serão devorados porque, afinal de contas, são filhos de um inimigo.

Depois que o prisioneiro está devidamente cevado e engordado, matam-no, considerando uma grande honra o ato da execução. E para a solenidade convidam todos os seus



manger leur part. Le iour du massacre il sera couché au liet, bien enfermé de fers (dont les Chrestiens leur ont donné l'vsage) chantât tout le iour & la nuit telles chansons, les Margageas noz amis sont gens de bien, forts & puissans en guerre, ils ont pris & mangé grand nombre de noz ennemis, aussi me mangerôt ils quelque iour quand il leur plaira: mais de moy, j'ay tué & mangé des parents et amis de celui qui me tiët prisonnier: avec plusieurs semblables paroles. Par cela pouvez congnoistre qu'ils ne font conte de la mort, encores moins qu'il n'est possible de penser. <...>

[...]

Des Ceremonies, sepulture, et funerailles, qu'ils font à leurs decés. CHAP. XLIII.

[1.] <...> (f. 80v) ["*Dueil des Sauvages à la mort d'un pere de famille.*"] Dòques entre ces Sauvages, si aucun pere de famille vient à deceder, ses femmes, ses proches parents et amis meneront un dueil merueilleux, non par l'espace de trois ou quatre iours, mais de quatre ou cinq moys. Et le plus grand dueil, est aux (f. 81r) quatre ou cinq premiers iours. Vous les entendrez faire tel bruit & harmonie comme de chiens & chats: vous verrez tant hòmes que femmes couchez sur leurs couchettes pensiles, les autres le cul contre terre s'embrassans l'un l'autre, comme pourrez voir par la presente figure: disans en leur lague, Nostre pere & amy

amigos, que moram mais distante, para que venham assistir às festas e participar do banquete.

Nesse dia, o prisioneiro é deitado na rede e preso com correntes de ferro (cujo uso, aliás, foi introduzido entre os índios pelos cristãos). Durante todo o dia e toda a noite, o condenado entoa canções como esta: "Meus amigos margajás são pessoas honradas e são (p. 132) hábeis e fortes guerreiros. Eles prenderam e devoraram grande número de inimigos. Agora serei devorado por eles, no dia marcado. Eu, porém, já matei e devorei muitos parentes e amigos do homem que me aprisionou". E outras canções como esta. Isto mostra claramente que a morte quase não lhes causa preocupação de espécie alguma.

[...]

### Capítulo XLIII

Das cerimônias fúnebres, do sepultamento e dos funerais que os selvagens realizam

[...]

(p. 140) Entre estes selvagens, quando falece algum chefe de familia, suas esposas, seus parentes mais próximos e seus amigos mais chegados guardam pesadíssimo luto, não apenas por três ou quatro dias, mas durante quatro ou cinco meses! Os sinais exteriores deste luto são mais impressionantes nos primeiros quatro ou cinco dias. Nessa época, pode-se escutá-los fazendo um ululante alarido, como se fossem cães e gatos reunidos. Choram homens e mulheres, alguns deitados em suas redes, outros sentados no chão e abraçam-se uns aos outros, como se pode ver na gravura, enquanto dizem em sua lingua: "Como nosso



(f. 81r)<sup>110</sup> [fig. 19]

estoit tant homme de bien, si vaillant à la guerre, qui auoit tant fait nourrir de ses ennemis. Il estoit fort & puissant, il labouroit tant bien noz iardins, il prenoit bestes et poissons pour nous nourrir, hélas il est trespasé, nous ne le verrons plus, sinos apres la mort avec noz amis, aux pais que nos Pagés nous disent souir veux, & plusieurs autres semblables parolles. Ce qu'ils repeteront plus de dix mille foix, continuans iour & nuit l'espace de quatre ou cinq heures, ne cessans de lamenter. Les enfants du trespasé ao bout d'un moys inuiteront leurs amis, pour faire quelque feste et solennité à son honneur. [*Oyseaux ayans semblable cry qu'un hibout.*] Et là

pai e amigo era bom! como era valente na guerra! Quantos inimigos ele derrotou e matou! Era um homem muito forte! Trabalhava na roça e sempre trazia muita caça e muito peixe para nos alimentar. Morreu, ai de nós! Nunca mais o veremos, a não ser depois da nossa morte, quando o encontrarmos na terra que nossos pajés contam que viram." Etc. Repetem esta e outras frases semelhantes mais de dez mil vezes, ora de noite, ora de dia, intermitentemente, durando cada sessão entre quatro e cinco horas seguidas.

Decorrido um mês do falecimento, os filhos do morto convidam os amigos para uma festa solene que mandam celebrar em honra do pai. Reúnem-se todos, pintados



s'assembleront painturez de diuer-[f. 81v]ses couleurs, de plumages, et autre equipage a leur mode, faisans mille passetemps & ceremonies. Je feray en cest endroit mention de certains oiseaux à ce pais, tirât sur le piteux: lesquels ces Sauvages ont en si grande reuerence, qu'on ne les oseroit toucher, disans q par ce chant piteux ces oyseaux plorent la mort de leurs amis: qui leur en fait auoir souenance. Ils font donc estans

de diversas cores, ornados de penas, executando mil rituais e cerimônias.

(Aproveitando a ocasião, quero aqui mencionar certas aves cujo piado lúgubre é semelhante ao dos mochos. Os selvagens têm por elas tão grande respeito que nem sequer lhes tocam, dizendo que estas aves choram a morte de seus amigos com aquele canto melancólico, fazendo com que também eles o relembram.)

(f. 81v)<sup>111</sup> [fig. 20]





ainsi assemblez & accoustrez de plumages de diuerses couleurs dâses, ieux, tabourinages, avec flustes faictes des os des bras & iambres de leurs ennemis, et autres instrumens à la mode du pais. Les autres, comme les plus anciens tout ce iour ne cessent de boire sans manger, et sont seruis par les femmes et parâtes du defunct. Ce qu'ils font, ainsi que ie m'en suis informé, est à fin d'eleuer le coeur des ieunes enfans, les enuouir & animer à la guerre, et les enhardir contre leurs ennemis. [*Costume des Romains et autres peuples aux funerailles d'aucun citoyen.*] Les Romains auoyēt quasi semblable maniere de faire. (f. 82r) Car apres le decés d'aucū citoyē, q auoit trauaillé beaucoup pour la Republiq, ils faisoient ieux pōpes, et chāts funebres à la louenge et honneur du defunct, ensemble pour donner exemple aux plus ieunes de s'employer pour la liberté & conseruation du pais. Plinē recite, qu'un nommé Lyacon fut inuēteur de telles danses, ieux et chāts funebres, pōpes et obseques, q l'on faisoit lors es mortuaires. Pareillement les Argiues, peuple de Grece, pour la memoire du furieux liō défait par Hercules faisoient des ieux funebres. [*Alexandre le Grand.*] Et Alexandre le Grād apres auoir veu ses prouesses cōmanda, et luy feit plusieurs caresses et solennités. <...>

Voltando ao assunto, os selvagens reúnem-se, ornados de penas multicoloridas, quando então se entregam a danças, disputas e cantorias, acompanhadas de flautas feitas de ossos dos braços e pernas de seus inimigos, e outros instrumentos típicos. Os mais velhos, enquanto isso, não param de beber durante todo o dia, sem nada comer, servidos pelas esposas e demais parentes do falecido. Este costume, ao que fui informado, tem por fim elevar o espírito dos mais jovens, comover seu coração e incitá-los à guerra, dando-lhes coragem para enfrentar seus inimigos. Também os romanos procediam de modo idêntico. Assim, em seguida ao falecimento de algum cidadão que muito tivesse lutado em prol do engrandecimento da república, organizava torneios, pompas e cantos funebres em seu louvor e honra, servindo tais cerimônias como um bom exemplo aos mais jovens, exortando-os a trabalhar em favor da liberdade e da defesa da pátria. Conta Plínio que teria sido um certo Lyacon o inventor das belas danças, jogos e pompas que se realizavam durante estes festejos mortuários.

De maneira análoga, os argivos, habitantes da Grécia, realizavam torneios fúnebres em memória do ferocíssimo leão derrotado por Hércules. E Alexandre, o Grande, após ter visitado a sepultura do valoroso Heitor, ordenou que, em memória de suas proezas, fossem organizadas diversas homenagens e solenidades.

[...]



(f. 83v)<sup>112</sup> [fig. 21]

## Capitulo XLV

Description d'une maladie  
nommé Pians, à laquelle  
sont subiects ces peuples de  
l'Amerique, tant es isles  
que terre ferme. CHAP. XLV.

Descrição de uma doença  
chamada "piã", à qual estão  
sujeitas as populações da  
américa, tanto nas ilhas  
quanto na terra firme



(f. 86v)<sup>113</sup> [fig. 22]

104. ANTONIO RUIZ DE MONTANA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 19v) escreve «Aguai. aguá, redondo, fruta amarilla, y assi llaman al cascabel de metal, y al cascabel de la culebra. noéi aguá». O *Vocabulário da língua brasileira* (1621), atribuído a LEONARDO DO VALE<sup>105</sup>, indica «Aguay» para «Cascavel de fruta», informando, também, que o «Cascavel de latão» é o «Jagpay», palavra correta que MONTANA deveria ter usado para seu «cascabel de metal». Frei JACQUE (por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, *Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*, 1934, p. 161) também usa a grafia «aguay» para «Certa fruta venenosa. Cascavéis feitos das castanhas da fruta», assim como A. LENOS BARBOSA (1955, p. 23), que dá «aguai - quiso, cascavel, colar feito com a casca do fruto de aguai». ANTONIO RUIZ (Dicionário castelhano-guaraní y guaraní-castellano, 1961, p. 494), F. SILVEIRA BUENO (*Vocabulário tupi-guaraní português*, 1967, p. 36) e outros tupinólogos confirmam não só a grafia aguai, como seu significado. De todos eles, vale a pena citar, ainda, JOSE CEREJEIRA LAPELLE (*Contribuição indígena ao Brasil*, 1960, v. II, p. 336): «AGUAI: cascavel de fruta, quiso, um dos designativos da cobra cascavel; nome d'um feijão (Montoya); colar feito da casca do fruto do aguai ou cascaveleira; cascaveleira ou tingi-de-leite; árvore da família das Sapotáceas». Várias espécies, contudo, podem ter fornecido os frutos para a confecção dos aguai, uma vez que são conhecidas apocinaceas do gênero *Thevetia*, rotundamente a *Thevetia ahouai* (nome dado em homenagem ao autor dos



Singularidades), cujos frutos são conhecidos, no Brasil, por mais, mais ou iguais. LEIS DA CÂMARA CASQUO (Dicionário do folclore brasileiro, 1968, pp. 21-22) inclui esse instrumento entre os aiapá, tendo encontrado em RENATO ALMEIDA (História da música brasileira, 1942, p. 37) e MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1929, p. 14), que o extraíram de ERNANO STRADELLI (Vocabulário da língua geral, 1929, p. 363). Os musicólogos antigos pouco se preocuparam com a grafia da palavra, gerando grandes confusões. RENATO ALMEIDA (op. cit., parte I, cap. II, p. 37) escreve "cuay", citando também o "auaiô" dos Taché, o qual volta a aparecer em MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., p. 30).

105 . Título na *Cosmographie universelle*, Livre XXI, DHP. VII, f. 922r: « Arbre de l' Aboue ».

106 . O termo português pífar e seu correspondente francês fifre, foram utilizados com frequência nos séculos XVI e XVII para identificar certos instrumentos de sopro indígenas. À julgar pelas informações de que dispomos sobre a sua morfologia, esses nomes parecem ter sido aplicados ao *minby* e à *candiera* (THEVET cita este último no mesmo parágrafo, ao se referir a instrumentos « d'os de bestes, ou de leurs ennemis »). Os portugueses também usaram flauta ou frauta e gaita, com significados semelhantes.

107 . *Tabor*, *taboril* e, mais raramente, *taborin*, eram termos europeus bastante utilizados para nomear certos instrumentos de percussão indígenas. Desse período, conhecemos o vocabulário brasileiro *guarará*, com os tipos *guararamirã* e *guararaguassu*. FRANCISCO ADOLFO DE WARMAGEN, em nota ao texto de MARCÍLIO DE HERIARTE & (Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas, de 1662, ed. de 1674, p. E1, nota 206), aponta os trociscos entre os Caribás amazenses, tendo que, no entanto, não foi encontrado na documentação anterior a 1700.

108 . ANDREW BRANT (History of Brazil, 1809, cap. II, p. 24), baseado em relatos quinhentistas sobre os tupinambás, informa: « The bones of their enemies slain in former battles furnish them with a rude kind of instrument resembling a flute, which is their only martial music, and they were let on by men who had displayed in former wars the most signal proofs of courage and intrepidity ».

109 . Título na *Cosmographie universelle*, Livre XVI, DHP. XIII, f. 943v: « Contenance des sauvages devant que venir au combat ».

110 . Título na *Cosmographie universelle*, Livre XXI, DHP. VIII, f. 926r: « Cereemonie cōme ils enterrent les trespasses ».

111 . Título na *Cosmographie universelle*, Livre XXI, DHP. VIII, f. 927v: « Banquets et dances des Sauvages ».

112 . Título na *Cosmographie universelle*, Livre XXI, DHP. IX, f. 929r: « Femmes et filles pleurant de loye ».

113 . Título na *Cosmographie universelle*, Livre XXI, DHP. IX, f. 934r: « Comme les Sauvages vivent entrez leurs salades ».



## MANUEL DA NOBREGA

(1517 - 1570)

DOCUMENTO: CARTA AO P. MIGUEL DE TORRES E A PADRES E IRMOS DE PORTUGAL, Bahia, 5 de julho de 1559.

TEXTU: Apógrafo em português, mas de cópia pouco diligente. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 36, ff. 51v-56v. Título: « Copia de huma carta do P. e Manoel da Nobrega que escreveo do Brasil da Baya de Todos os Santos a 5 de Julho de 1559 ». Códice lacerado já com algumas palavras ilegíveis.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1958, p. 49) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ III (1538-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Elendis Societatis Editæ, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 12: « Do P. Manuel da Nobrega ao P. Miguel de Torres e padres e irmãos de Portugal. Baia 5 de julho de 1559 », pp. 49-67.

[...]

3. [f. 52r] (p. 51) E começando em San Paulo [igreja a uma légua da Bahia, hoje Brotas], que foy a primeira, direy primeiramente ha ordem que teve e tem em proceder. Aqui há escola dos neninos, que são pera isso, cada dia huma só vez, porque tem o mar longe e vão pelas menhas pescar pera sy e pera seus paes, que não se mantem doutra cousa, e às tardes tem escola tres oras ou quatro. Destes ahí cento e vinte por rol, mas continuos sempre há de oitenta pera arriba. Estes sabem a doutrina e cousas da fee, lem e escrevem; já cantão e ajudão já alguns há (p. 52) missa. Estes são já todos baptizados com todas as meninas da mesma ydade, e todos os innocentes e lactantes. Despois da escola há doutrina geral a toda gente, e acaba-se com Salve cantada polos meninos e as Ave Marias. Despois, huma hora de noite, se tanje o sino e os meninos tem cuydado de ensinarem ha doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os quasi não podem tantas vezes ir há igreja, e hé grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se glória ao nome de Jesu<sup>114</sup>.

4. Aos domingos e sanctos tem missa e pregação na sua lingua e de continuo hé tanta a gente que não cabe na igreja, posto que hé grande; ali se toma conta dos que faltão ou dos que se ausentão e lhes fazem sua estação. Ho meirinho, que hé hum seu Principal dellas, prega sempre aos domingos e festas pelas casas de madrugada a seu modo. A obediencia que tem hé muyto pera louvar a Nosso Senhor, porque não vão fora sem pedir licença, porque lho temos asy mandado por sabêrenos onde vão, pera que não vão comunicar, ou comer carne humana, ou embebedar-se a alguma Aldea longe; e se algum se desnada, hé presso e castigado pelo seu meirinho, e o Governador faz dellas justiça como de qualquer outro christão e com maior liberdade. Se algum adocece, hé obrigado a mandar-nos chamar e hé de nós curado e remedeado asi no corpo com n'alma ho melhor que podemos, e assi poucos norrem [f. 52v] que não sejam baptizados no artigo da morte, quando elles amostrão sinaes de fee e de contrição, e assi destes como dos innocentes regenerados com a agoa do baptismo se salvão muytos.

[...]

7. [f. 53r] (p. 56) Ao sabado sancto loguo seguinte [25 de março de 1559] fazemos [na igreja de "San Paulo"] ho officio das fontes muy solenes



[f. 53v] e bautizamos naquella dia a muytos, os quaes estavam confessados e aparelhados así pera o bautismo como pera o casamento que avião de receber depois dia da Ressureiçam [26 de março]. Ouve muitos desposados e fizemos a picissão muy solene, porque veio folia da cidade que Simão da Cama ordenou e Bastião da Ponte seu cunhado: os meninos cantando na lingua [e] em portuguez cantigas a seu modo dando gloria a Nosso Senhor; e forão todos os Indys em picissão así homens como mulheres, tendo as ruas limpas e ben emranadas, de que muyto se alegrou meu spiritu em ho Senhor.

8. (p. 57) Dia de Corpus Christi seguinte [25 de maio de 1559] se fez outra picissão solenne da mesma maneira e muytas vezes se faz pelas necessidades que occorrem com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos; principalmente huma fezerão pedindo chuva pola grande secca que avia, de maneira que se secavão os mantimentos e forão ouvidos de N. Senhor. Todos tem jaa per custume quando seus filhos adoeceem trazerem-nos á igreja com suas pobres offertas a offerocar e dos que morrem fazem-los enterrar com pompa funeral, e (p. 58) dizem-lhe seus officios de que elles muyto edeficão; quando podemos tem missas cantadas en festas principaes.

114. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 52, nota 5): "Está clara e exemplarmente resumido, neste parágrafo e no seguinte, o método de catequese de Nóbrega, usado com leves variantes, em todas as aldeias do Brasil que fundou ou ajudou fundar."



## FRANCISCO PIRES

(1522 - 1586)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE S. ROQUE, LISBOA. [Bahia, 30 (?) de julho de 1559].

TEXTO: Autógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa) I-5, 2, 36, ff. 195v-196v. Título: 4 Copia de huma do Padre Francisco Pires do Brasil, de novas, depois da geral 4. Manuscrito com passos lacrados e ilegíveis.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1936, p. 106) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ 171 (1508-1563). Fome, Monumenta Historica S.I., 1936. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Elestem Societatis Edita, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 15: 4 Do P. Francisco Pires aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa, [Baia 30 (?) de julho de 1559] 2, pp. 108-112.

[...]

4. [f. 196r] (p. 111) Hum dos negros [*i.e.*, índios], que assim disse que morrerão, era hum delles desta villa de S. Paulo, chistão dos antigos, e Principal. Fomos o P.<sup>o</sup> Antonio Pirez eu com outros alguns Irmãos fazer hum officio: e assi se trabalha solemnizar alle muyto o culto divino para en tudo tomarem novo espirito. Vierão todos à igreja [antes de 21 de julho de 1559], ouve huma solemne pregaçam na sua lingua, scilicet, do inferno, purgatorio e gloria. E acanhado o officio e a missa cantada, jantamos hum galo, que nos trouxeram de oferta.

[...]



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. Bahia, 10 de setembro de 1559.

TEXTU: Autógrafo em espanhol com portuguesismos. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 55r-56v [antes ff. 293r-294v, mais antigo, riscado, pp. 161-163]. Endereço autógrafo (255v): « Al muy Reverendo en Christo Padre nuestro, el Padre Maestro Diego Laynes, Preposito General de la Compañia de Jesus, en Roma. Del Brasil. A via ». Outra letra: « Brasilia 1559 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1958, p. 128) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ III (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen: III - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales]. Doc. 21: « Do P. Antônio Blasques por comissão de P. Manuel da nobrega ao P. Diego Laynes, Roma, Baía 10 de setembro de 1559 », pp. 129-140.

[...]

14. <...> [f. 56r] (p. 135) Como el Padre [Nóbrega] acabó este officio [na "Villa de Sant Pablo", onde "se ha celebrado una fiesta de mucha edificación y alegría spiritual avrá quinze días", a 27 ou 28 de agosto de 1559], los yndiozicos christianos començaron a loar al Señor con una prosa en lengua brasílica y española [português (?)] cosa que (p. 136) movía mucho a devoción a los oircurstantes, que todos estaban muy aedificados de los niños en los ver tan aedificados de los niños en las cosas de la fe. Officiaron la missa cantada los mesmos yndiozicos hijos de los baptizados, la qual acabada el Padre casó quinze yndios con sus mugeres, de aquellos que avian mostrado mayores desseos de guardar la ley de Christo, ultra de aver hecho muchos christianos este día asý de los lactantes como de los mayorzillos que estaban ynstruydos en la doctrina.

[...]



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. Bahia, 10 de setembro de 1559.

TEXTO: Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, f. 59r [antes f. 297r, mais antigo, riscado, p. 171]. Endereço autógrafo [f. 60v]: « Al muy Reverendo en Christo Padre, el Padre Maestro Diego Laines Priorado General de la Compañia de Jesús en Roma. Del Brasil. 13 via ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1958, p. 142) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ III (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.J., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volume III - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales). Doc. 22: « Do P. Antonio Blasques por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Diego Laines, Roma, Bahia 10 de setembro de 1559 », pp. 141-144.

1. [...] [f. 58r] (p. 142) El Padre Nóbrega partió de aquí la semana passada para la Villa de Sant Spíritus, y del camino avía de llevar algunos niños que estaban en la Aldea de Itapuán, para que allí se doctrinassen [y] ynstruyessen en la fe, porque allí más que en otra parte ay mejor ocasión. Como supieron la gente Sant Spíritus que él venía por el camino, primero fueron (p. 143) los niños con unas cruces en las frentes y manos, unos lo fueron esperar una legua, otras media, y los más al puerto, mostrando todos summa alegría con su vista, porque saben bien (como ellos dicen) que es su Padre verdadero, que es manera de hablar suya. De ay lo llevaron cantando loores al Señor a nuestra Casa, y era tanto el fervor al besarle la mano, que no se podía el Padre valer; y él, que no podía alegrar, por yr tan apretado y cercado de la gente, tantas bueltas dava y tantos empuxones recebia, hasta que yva a tener con el Padre, a el qual le besava la mano con mucha mesura, y decía levantadas las manos: "Loado sea nuestro Señor Jesú Christo".

[...]

3. [f. 59r] Luego a otro día de madrugada [entre 2 e 8 de setembro de 1559] vinieron los niños a la yglesia [da "Villa de Sant Spíritus"] y, repartidos en sus choros, començaron a rezar en voz baxa y entonada el rosario del Nombre de Jesús, que parecían unos ángeles que rezavan maytines, a los quales vienen no constangidos, sino por su voluntad y gusto que el Spíritu Sancto les pone en todas las cosas del divino sevicio.

[...]



## ANTÔNIO RODRIGUES

(c. 1516 - 1568)

DOCUMENTO: CARTA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, ALDEIA DO ESPÍRITO SANTO. [Paraguçu (Bahia), 26 de setembro de 1559].

TEXTO: Apógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa) I-5, 2, 36, ff. 65v-66r. Título: «Copia de uma carta do P. Francisco Pires e do Irmão Antonio Rodrigues para o Padre Nóbrega».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1958, p. 154) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ III (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 61 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales). Doc. 264 «Do Ir. Antonio Rodrigues ao P. Manuel da Nóbrega, Aldeia do Espírito Santo. [Paraguçu (Bahia) 26 de setembro de 1559]», pp. 153-156.

[...]

5. [f. 65v] (p. 155) *Hé muyto grande sua alegria [a do Governador Men de Sá] ver-me ensinar e pregar, e muyto mais ouvir cantar os meninos a Salve e ladainhas cada dia [na "villa de Nossa Senhora da Victoria"]*.

[...]



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. São Vicente, 31 de maio de 1560.

TEXTO: Autógrafo em latim. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Epp. ML., 95, ff. 89r-92v (antes ff. 442r-443v). Endereço autógrafo (f. 92v): «† Reverendo in Christo Patri Jacobo Laynes, Praeposito Generali Societatis Iesu, 28 via ». À margem: « De animalibus ». Outra letra: « Informazione delle cose del Brasil, 1560 ». Outra letra, f. 89r: « S. Vincentis, Joseph 1560 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. III, 1958, p. 202) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.J., 1958. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volume 82 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. XII - *Missiones Occidentales*). Doc. 34: « De fr. José de Anchieta ao P. Diego Laynes, Rome, S. Vicente, 31 de maio de 1560 », pp. 202-206.

TRADUÇÃO PORTUGUESA: JOSEPH DE ANCHIETA - *Cartas / correspondência ativa e passiva: pesquisa, introdução e notas*. Pe. Hélio Abrachas Vicini, S.J., São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6), doc. 11, pp. 121-150.

## TEXTO LATINO

[...]

2. &lt;...&gt; [f. 89r] (p. 205)

Non multis ante diebus cum essemus Piratiningae post occasum solis, coepit aer commisceri, subito obnubilari caelum, tonitruisque et fulguribus crebris minitari: tum ventus ab Austro <...> acceptis viribus tantopere invaluit, ut exitium minari Dominus videretur. <...> mirum est quantas mediae horae spatio (nec enim amplius duravit) arborum et tectorum strages editit, et quidem certe nisi Dominus breviasset tempus illud, nihil tantum vim posset retorquere, quin omnia funditus ad terram ruerent. Sed inter haec omnia illud magis mirandum, quod Indi, qui eo tempore potationibus indulgebant et cantibus (ut solent) nihil ad tantam rerum confusionem esterri, nec saltare desierunt, nec potare, perinde ac si omnia posita essent in summa tranquillitate. <...>

## TRADUÇÃO

[...]

&lt;...&gt; (p. 124) Não há muitos

dias, estando em Piratininga, depois do pôr do sol, de repente começou a turvar-se o ar, a enevoar-se o céu, a amudarem-se os trovões e os relâmpagos; o vento Sul <...> ganhou tal violência que parecia o Senhor ameaçar com a destruição. <...> Em meia hora (que não durou mais) é de espantar quanta devastação produziu em árvores e casa; e na verdade se Deus não abreviasse aquele tempo nada poderia resistir e tudo se arrasaria. E o mais admirável é que os índios, então entretidos em seus beberes e cantares (como costumam), sem nenhum temor a tamanha confusão das coisas, não deixaram de dançar nem de beber, como se estivesse tudo no maior sossego. <...>

[...]



# **JOSÉ DE ANCHIETA**

(1534 - 1597)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. São Vicente, 15 de junho de 1560.

**TEXTOS:** Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanae Societatis Iesu, Epp. MM., 95, ff. 106r-11v [antes ff. 506r-511v]. Endereço autógrafo [f. 111v]. Outra letra: « 1560 S. Vincenzo, prime Jumi ». Outra letra [f. 106r] em cima: « Est altera notata », e abaixo: « S. Vincentii, Ioseph. 1560 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. III, 1958, p. 247) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ III (1558-1563)*. Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ*, volumen 61 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. III - *Missiones Incidentales*). Doc. 361: « Do Fr. José de Anchieta ao P. Diego Laines, Roma, S. Vicente 15 de junho de 1560 », pp. 246-296.

[...]

8. [f. 106v] (p. 255) En las fiestas principales, maxime quando se celebra el Nacimiento y Passión del Señor concorren a Piratininga de todos los [f. 106r] lugares comarcanos quasi todos ["Indios", "Brasilles"] muchos días antes. Están presentes a los divinos officios y processiones, disciplinándose hasta derramar sangre, para lo qual mucho antes aparejen disciplinas con mucha diligencia. Lo mesmo hazen en otros tiempos, quando por alguna necesidad se hazen processiones. El officio de las tinieblas hazemos en la Iglesia sin canto, el qual concluimos tomando una disciplina con tres Miserere. También les predicamos la Passión en su lengua no sin gran devoción y muchas lágrimas de los oyentes, las quales también derraman en abundancia en las confessions y communiones.

[...]



## JOÃO DE MELO

(c. 1525 - 1576)

DOCUMENTO: CARTA AO P. GONÇALO VAZ DE MELO, LISBOA. Bahia, 12 de setembro de 1560.

TEXTOS: Autógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [5. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, 41, 98v-100r. Título: «Copia de huma carta que escrevemos o P. João de Melo para o Padre Gonçalo Vaz de Melo Proposito da Casa de São Roque da Companhia de Jesus em Lisboa, do Brasil aos 12 de Setembro de 1560». O manuscrito tem duas partes destruídas, uma de maior extensão, no fim da carta.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliana, v. III, 1958, p. 284) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOÃO DE MELO esteve no Brasil entre 1559 e 1576, como padre da Companhia de Jesus e Reitor do Colégio na Bahia.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliana III (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 111 - Missiones Occidentales). Doc. 39: «Do P. João de Melo ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Lisboa, Baía 12 de setembro de 1560», pp. 277-284.

OBSERVAÇÃO: Os pontos lacerados do manuscrito foram restaurados a partir de Cartas Avulsas (1550-1566); [nota preliminar, introdução e sinopse da história do Brasil e da missão dos padres jesuítas de 1549 a 1566, de Afrânio Peixoto]. Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica, 1931. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 2) pp. 250-253.

[...]

5. [f. 98v] Fizemos nesta povoação [*"de gentios, que estaa desta cidade do Salvador seis legoas polo sertão dentro, a qual dantes se chamava Rio de Joane e agora se chama Sancti Spiritus. Hé esta Aldea a mayor e mais principal que nestas partes do Brasi doutrynamos, no tempo que nella estava averá perto de 300 moços d'eschola, os quais quasi todos são christãos"*] algumas [sextas-feiras] da coresma procissões, yndo huma semana ao cabo da al[dea onde] está huma cruz, e a outra semana a outra parte donde esta [outra], e, pola parte por donde avia de passar a procissão, tinham [muyto bem limpa e] varrida a rua. Acompanhavam-na quasi [todos os da aldea, que] hera huma gran copia de gente; quando volvia[mos pera a Igreja, (p. 283) hera em s querendo] cerrar a noyte e depois de [dito o "Senhor Deus Misericordia", deitadas as mulheres fora e] encerradas as portas, avia [huma disciplina por espaço de hum "Miserere nei Deus" com hum "Respice", na qual sempre] avia muytos disciplinantes de cate chumins e christãos. Tãoben quinta-feira de Endoenças ordenamos huma procissão em a qual ouve muytos disciplinantes e ferirão-se tanto que foy necessario muytos delles curarem-se em casa. <...>

[...]



## RUI PEREIRA

(1533 - ?)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL. [Bahia], 15 de setembro de 1560.

TEXTOS: Apógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [B. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 90v-99v, títulos 4 de o F. e Rui Pereira para os Padres e Irmãos da Companhia da Província de Portugal, da Bahia a 15 de setembro de 1560.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliensia, v. III, 1958, p. 235) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUI PEREIRA chegou ao Brasil em 1559 como padre da Companhia de Jesus. Abandonou a ordem antes de 1567.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliensia III (1559-1563). Fma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales), Dec. 40: x Do F. Rui Pereira aos padres e irmãos de Portugal. [Bahia] 15 de setembro de 1560, pp. 285-306.

[...]

6. [f. 81v] (p. 288) Quanto aos estudantes ["deste Collegio" da Bahia], se faz muito fruto no spiritual e muitos andavão movidos para a Companhia e frequentavão muyto as confissões, mas por justos respeitos não se recebo mais que hum criado do Senhor Bispo, que chamão Antonio Leitão, dos milhores cantores e falas que tinha. Será de idade até dezoito annos, tem bom yngenho e outras muytas boas partes para a Companhia. Dá ategora sinais de ser hum grã servo do Senhor.

[...]

10. <...> [f. 94r] (p. 295) Depois que a armada ["com o Senhor Governador Men de Sá"] partio [a 16 de janeiro de 1560] para o Ryo de Janeiro ["para deitar dahí os Franceses, onde estavam muy fortes em huma fortaleza que tinham feita com muita munición de artilharia para se defender"] se fez cada semana [na Bahia] procissão por essa yntenção [de realizar matrimônio dos casais indígenas unidos "in lege naturae" e de batizar o cônjuge não cristão]. E quando não podião sayr se dezião as ledainhas na igreja, e às sextas feiras da quaresma yão-se os meninos diciplinando. E em todas estas procissões avia muyto concurso de gente, e vindo à igreja se sayão as mulheres e se começava uma rija deciprina às portas fechadas, enquanto o Padre Antonio Rodrigues dezia o Miserere, e dando-se de modo que, estando hum irmão junto de hum, sentio tanto sangue que lhe tomou as disciplinas, as quais estavam ben ensanguentadas. quinta-feira de endoenças [11 de abril de 1560] se forão daqui em procissão à cidade, aonde ya grande soma de diciplinantes, e lá forão na dianteira da procissão cantando sua ladainha, que dous deles acostumão dizer respondendo os outros, que foy cousa de muyta edificação.

Tem grande attenção nas pregações, tem tão differentes costumes entre si e em saudar os Brancos, quando se com (p. 296) eles encontrão, e saben tam bem a doutrina asi na lingua como no portuguez, dizem com tanta devação e concerto huma Salve todos os sabados, e o rosario do Nome de Jesu todos os domingos e santos antes da missa, [f. 94v] que quem os vê tem muy grande motivo para dar muytas graças aaquele que tais cousas obra em suas criaturas.

[...]



## ANTÔNIO PIRES

(1519 - 1572)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL. [Aldeia de Santiago (Bahia)], 22 de outubro de 1560.

TEXTOS: Apógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] 1-3, 2, 38, ff. 100v-102v. Título: « Copia de ~~uma~~ carta que escreveu o P.<sup>re</sup> Antonio Pires, do Brasil, para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em o mes de Outubro de 1560 ». Manuscrito já com algumas partes dilaceradas e delidas.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. III, 1958, p. 307) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita*, volumen 61 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. XII - *Missiones Occidentales*). Doc. 41: « Do P. Antonio Pires aos padres e irmãos de Portugal, [Aldeia de Santiago] Bahia 22 de outubro de 1560 », pp. 307-315.

[...]

5. <...> [f. 101v] (p. 311) Daqui se foi [“o. P.<sup>re</sup> Luis da Grã”] a Sancti Spiritus [depois de 29 de agosto de 1560], que está a seis legoas desta cidade, onde o receberão os Principais com muyta (p. 312) gente e com folia de tamboris e com lhe dizerem todos, grandes e pequenos: “Louvado seja Jesu Christo!” E vieram-no a receber com esta festa hum grande pedaço do caminho, e assi o foram festejando até a casa. <...>

[...]



## RUI PEREIRA

(1533 - ?)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL. Pernambuco, 6 de abril de 1561.

TEXTO: Apógrafo em Português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [BIB. Roque, Lisboa] in-f. 2, 36, ff. 105r-105v. Título: «Cópia de huma carta que escreve o P. Rui Pereira, do Brasil, para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal no anno de 1561 a 6 de Abril que foy dia da Páscoa». De todo o códice é esta uma das partes mais deterioradas, sem uma folha n.º.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1928, p. 323) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ III (1548-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1928. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen III - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 45: «Do P. Rui Pereira aos padres e irmãos de Portugal. Pernambuco 6 de abril de 1561», pp. 323-336.

OBSERVAÇÃO: Resumiu-se com o auxílio das Cartas Anuais (1550-1568); [nota preliminar, introdução e sinopse da história do Brasil e da missão dos padres jesuítas de 1549 a 1568, de Afrânio Peixoto]. Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica, 1931. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 2) pp. 251-256.

[...]

14. <...> [f. 105r] (p. 335) Quanto aos officios da Semana [Santa e a solenidade com que] fizemos a Resureiçõ com todo o estrondo d'artilha[ria, frantas e musica], e quanto com estas cousas o povo se consola e se nos afeioa, reue[to-me ao P.\*] Ditio, porque vou sendo comprido. Encomendamo-nos em os Santos Sacrificios e orações.

[...]



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. Bahia, [12 de setembro] de 1561.

TEXTO: Apógrafo em espanhol com ortografia extremamente irregular, com muitas palavras portuguesas e portuguesismos. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 103r-108v (antes ff. 204r-209v, mais antigo, riscado, ff. 87r-92v). Título: «† Anos. Copia de una del P.º Antonio Blasques, del Brasil, de la ciudad del Salvador de Todos Santos, para el P.º General Maestro Diego Laines y a los más Padres y Hermanos de la Compañía, de 1117 de setembro de 1561. Recibida en Lisboa a ocho de Março de 1562». Conferido con el apógrafo em espanhol da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (São Roque, Lisboa) 1-3, 2, 38, ff. 165r-111r, com o mesmo título e texto sensivelmente igual ao primeiro, mas aquele (Bras. 15) com uma ou outra palavra a mais.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliana, v. III, 1958, p. 395) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliana III (1550-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 61 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 58: «Do P. Antonio Blázquez ao P. Diego Laines, Roma. Bahia, [12 de setembro] de 1561», pp. 394-427.

[...]

7. <...> [f. 104r] (p. 405) Después de esta visitación primera [do "P.º Provincial Lois de Grana" à "poblazón de S. Juan" entre abril e 12 de julho de 1561], de aí a pocos dias determinó el P.º Provincial de ir otra vez a esta Aldea para hazer otro baptismo solemne, para ovia llegada, los (p. 406) Padres le tenían aparejado otra buena mano para que los baptisase i casase. Sabido pues en la Aldea como si asercava, saliéronlo a recibir al camino con el alboroso y alegría acostumbra, y por el camino iban los Indios en su lengua cantando: "Vamos a recibir el Padre Lois de Grana, que por nuestra causa (era entonces tiempo de invierno) no recela lluvias, ni charcos, ni malos caminos. Holgad todos con su venida, pues nos trae la vida buena<sup>115</sup>". E neste comenos de tiempo el Padre se ocupó en examinarlos y enstruirlos para los sacramento, y entre ellos se mostraron algunos que con grande fervor lo deseaban. Así que domingo de la Trinidad [12 de julho de 1561], precediendo primero los sólitos exercicios y exámes, baptizó el P.º Provincial desta segunda vesitación a 113 y casó 11 casales en lei de gracia i a xxviii en lei de natura, los quales por la bondad del Señor biven mui bien y esperan en el Señor que con su exemplo muevan a otros a hazer lo mesmo. <...>

[...]

12. [f. 105r] (p. 411) Así que concertado nuestro monumento ["en la See" da bahia], que a todos movia a devoción, se fizeron los officios de aquellos tres dias [quarta, quinta e sexta-feira da Semana Santa (2, 3 e 4 de abril de 1561)] con el mejor concerto i orden que nos supimos aco(p. 412)modándose al modo que se sole guardar en Portugal quando acá se podía conpadecer. Siempre, acabadas las tinieblas, avia miserere, diziéndolo los Hermanos repartidos en dos coros mui pausadamente, y puesto que novese mucho a lágrimas a los circunstantes aquel roído y disciplinas, no viene a cuento



a las muchas que derramavan el Jueves Santo en cujo día, llegada la ora del Mandato, antes de se predicar, salieron los Padres i Hermanos en orden de dos en dos con una Cruz adelante, y un Padre revestido como diácono, el qual dixo el Avangello de aquel día; <...>

13. <...> [f. 105v] (p. 414) De aquí [*"población de Santiago"*] se partió [*"Lois de Grana"*] para Sant Juan [en abril de 1561], adonde hizieron los Indios aquel recebimento tan solemne que arriba dixe, i baptisó a ciento y tantos con grande alborozo y alegría de todos.

Luego se partió para la poblazón de Santo Antonio por camino mui asperrino y lleno de matos, será de S. Tiago yornada de un día, mas el camino es tan fraguoso que bien podía pasar por dos. Fue aquí recebido Su R.<sup>a</sup> con gran regosio de los Indios, porque con atambores lo salieron a recibir al camino. Aquí baptisó y casó el P.<sup>e</sup> Provincial por esta vez a dezisiete casales en lei de gracia, ultra otros que se hizieron christianos sin se casar. Ordenó lo que convenia en esta casa, se partió al Spiritu Santo, que está de Santo Antonio algunas quatro leguas, y allí hizo lo que en las otras, scilicet, baptisar i casar todos los que para eillo estaban aparejados.

Hecha esta visitación en la qual se detuvo algún tiempo, haziendo en este comenos buen número de Indios christianos, servivio mui accepto i agradable al Señor, se tornó a la ciudad, i luego en llegando se quería embarcar para la Isla de Taparica sino se lo estorvaron los Padres y Her(p. 415)manos. Pero descansando tres o quatro días se fue para la Isla de Taparica; y la noche antes que llegasen él y su compañero [o padre Gaspar Lourenço] la tuvieron en el campo en un tixupar, i que son como allá ranadas, bien desabrigados de consolación umana, porque no tenían que comer y el aposento estava lleno de gusanos y hormigas que no los dexavan reposar; hasta luego (si bien me acuerdo) no allharon. Tornando pues a my propósito, como llegó a la poblazón se ocupó en sus sólitos exercicios; y vispera [3 de maio de 1561] de la Invención de la † [Cruz] (que así llama esta Casa) hizieron una procesión mui solemne, llevando los Indios a cuestras una † mui hermosa y grande para arborarla en un monte adonde se mudó agora la iglesia. Iban ellos tañendo i cantando una folia a su modo y de quando en quando venían a hazer reverencia a la Cruz, que un Hermano llevaba. El otro día sigiente baptisó el P.<sup>e</sup> Provincial a ciento y setenta y tres, guardándose el modo y orden acostumbrado.

14. Luego después de concludo lo que convenia en esta población, se tornó para la ciudad, y essotro después que llegó se fue a la población de Santiago, y de aí a Xb [15] días al Spiritu Santo para que se mudase aquella población, porque con ser el sitio mui dolentio morían muchos i mui a menudo. Y porque en este comenos me allé allá diré, como testigo de vista, que día se hazia que morían ora quatro ora tres, y lo común no passava día que no moriesen, de lo que ellos andavan mui tristes i desconsolados viendo tanta mortandad entre ellos, y no ai que dudar sino que era para quebrar el corazón de lástima ver tantos ninhos huérfanos, tantas mugeres biudas, y la dolencia y enfermedad tan continua en ellos que parecia pestilencia; andavan atónitos y como pasmados viendo lo que por (p. 416) ellos pasava. No usavan de sus cantares y bailes, mas todo era tristeza y por la Aldea no se oía sino llores y gemidos por los defuntos. <...>

[...]

16. <...> [f. 106r] (p. 418) Como llegó [*"el P.e Provincial"*] a la poblazón de Santo Antonio, lo primero que hizo fue aparejar a los Indios que avían de ser baptizados. Vinieron a este baptismo [día 13 de junho de 1561] muchos Indios de otras partes que avían sido convidados del Principal de esta Aldea, que es mui afanado, el qual entonces se hazia christiano. Asta hombres blancos de diez leguas venieron con una folia<sup>116</sup> a rigucsiyar esta festa. <...>



[Na sequência, carta do P. Antônio Rodrigues (pp. 420-427), §§ 17-22]

17. [f. 106v] (p. 420) Después que el P.<sup>o</sup> Lois de Grana llegó a la población de Santiago, luego dió orden para que se hiziesse un (p. 421) baptismo solemne en la missa nueva del P.<sup>o</sup> Vicente Fernandez, a la qual se allaron presentes algunos Padres y Hermanos de la Ciudad para oficiarla, porque fue de canto d'organo con algunas chançonetas<sup>117</sup> y motetes<sup>118</sup> lo mejor que se pudo y supo. <...>

<...> [f. 107r] (p. 422) Venido pues el día del glorioso Apóstol Santiago [25 de junho de 1561], lo primero que se hizo fue una procissão luego por la mañana, estando con palmas arnadas las calles, por onde truxieron el missa cantante [à "población de Santiago"] con grande alegría y recozijo de todos. Iva una grande procissão de niños Indiosicos christianos, ultra otros muchos casados en ley de gracia con otra grande muchedumbre de gentiles. Disparavan por la procissão tiros d'espingardas y cámaras por festejar esta fiesta. El Padre missa cantante yva en medio de sus padrinos, que llevaban revestidas sus capas muy ricas con una cruz dorada delante, y los Padres y Hermanos cantando algunos motetes y hymnos en loor del Señor. Finalmente, acabada la procissão y echos los cathecismos, se comenzó la missa de canto de órgano con la mayor solemnidad y fiesta que se pudo; <...>

18. [f. 107v] (p. 423) Estuvo el P.<sup>o</sup> Provincial ["Lois de Grana"], despues desta venida [à Bahia], en casa algunos dies o doze días, y luego se fue a la población de Sanct Pablo para aparejar otra buena mano que se avían de casar y hazer christianos, en el qual baptismo el Señor Obispo [D. Pedro Leitão] se havia de hallar praesente. El qual, después que tuvo recado, nos fuímos con él un domingo por la mañana, no queriendo llevar consigo más de un criado y dos niños cantores. Sabido en la población como el venia, salió el P.<sup>o</sup> Provincial a recibirlo con una muchedumbre de niños christianos y otra mucha de la población, asía hombres como mugeres, mostrando todos grande contentamento y alegría con su venida. Bezavanle la mano, y, haziéndole el acatamento y reverentia divida, dezian: "Loado sea Jesú Christo". No sé como encarezca quán bien parecía este recebimiento y el alvoroço que todos mostravan con su venida, y la afabelidad y benevolencia que Su Señoría usava con ellos. Como entró en nuestra yglesia les hechó (como es costumbre de los Praelados) su bendición. De ay a poco se comenzó la procissão y el Señor Obispo con un Padre nuestro comenzaron las ledanias, y así salinos de la yglesia en procissão, ellos dos solo cantando y los demás respondiendo, cosa que no sé a que ojos no pareciera bien, ir un Praelado entre sus ovejas desta manera. <...>

[...]

115 - SERAFIM LEITE (A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI, 1949, p. 33) trata assim esta cantiga: «Vamos receber o Padre | Leitão da Graça, | Que por nossa causa | Trouxe chaves, | Nos charcos, | Nos novos caminhos. | Folgai todos com a sua vinda, | Pois nos traz a vida boa ».



116 - RAPHIEL BOUTERU (Vocabulário português e latino, v. IV, 1713, p. 160) informa: « Entre nos Folia vai e mesmo que festa de varias pessoas, dançando. é cantando com tambor, & pandeiro, ou dança com muitas saias, & outros instrumentos, com tanto ruído, extravagancia, & confusão, que os que andam nella parecem doudos. (...) ¶ Folia. Qualquer espectáculo, jogo, ou demonstração alegre, que se faz em dias de festa ». Acrescenta, ainda, que « Folia » ou « Folião » é « Azeite, que dança, ao som do Tambor, Pandeiro, &c, fazendo folias que move a gente a riso ». Cf. também JONAS BORSA e FERNANDO LOPES BRAGA (Dicionário de música, v. I, 1962, pp. 525-526).

117 - «Charçoneta», para RAPHIEL BOUTERU (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 272) é apenas « Cantiga pequena ». MÁRIO DE AMARAL (Dicionário musical brasileiro, 1969, p. 128) dá as seguintes informações: « 1. Tradução de chansonette. (...) 2. Português arcaico, o mesmo que carçoneta. (...) Também grafado charçoneta ». JONAS BORSA e FERNANDO LOPES BRAGA (Dicionário de música, v. I, 1962, p. 296), sob a designação «carçoneta», informam: « Não é apenas uma pequena canção, como afirmam alguns dicionários, mas sim uma canção com espírito e graça, por vezes satírica e com seus laivos de crítica. Não é, nem nunca foi, gênero de grande cultura de Portugal, não obstante as inúmeras canções de maldizer de que estão cheios os nossos cárceres medievais. Mas estas são outra coisa ». Cf. também F. L. PÉLIS (A música ao alcance de todos, 1959, p. 22).

118 - RAPHIEL BOUTERU (Vocabulário português e latino, v. V, 1715, p. 564) traz um seu texto sobre esse termo: « Motete. Breve composição Musica, que de ordinario se canta nas Igrejas. Deriva-se do Italiano Motetto, ou do Francês Motet, & estes se derivão de Muttus, palavra Latina, antiquada, que se acha em Lucilio, onde diz, Non audeat dicere Muttus; & em Corneto sobre a primeira sátira de Persio, onde diz, Proverbialiter dicimus, Muttus nullum emiseris, id est., verbum. Os mutus fizeram os francezes o seu Mot, que quer dizer Palavra, & de Mot fizeram Motet, que he Motete, nome que denota a sua brevidade, porque o motete aizes que figurado & enriquecido com todos os primores da Arte, em breves periodos acaba ». MÁRIO DE AMARAL (Dicionário musical brasileiro, 1969, p. 250) completa: « Motete - É mesmo, e palavra mais vernácula que moteto. Forma de composição da música vocal, conhecida a partir do século XIII, que consiste basicamente na combinação de duas ou três vozes a uma melodia principal, o moteto. O termo é derivado do francês "mot", palavra, pelo fato da voz de tenor cantar vocalizes enquanto as demais encorregam-se do texto, litúrgico ou não ».



## LEONARDO DO VALE

(c. 1538 - 1591)

DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. Bahia, 23 de setembro de 1561.

TEXTO: Apógrafo em português, coveo. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (São Roque, Lisboa) i-f, 2, 38, ff. 111v-112r. Títulos: « Esta carta que se segue hé fim da precedente que não a pode acabar o Padre Antonio Blasquez », no fim da precedente [f. 11r]; « Esta carta de cima [Mon. Bras. III, doc. 58] hé do P.<sup>re</sup> Antonio Blasquez e non a pode acabar por adoezer, e acabou-a por elle o Padre Leonardo, que hé a que se segue nesta folha ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LETTE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1958, p. 435) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus, mestre de língua brasileira e catequista, LEONARDO DO VALE esteve no Brasil entre 1553 e 1591.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LETTE - Monumenta Brasiliæ III (1556-1563), Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 81 - Monumenta Missionaria Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales, Doc. 61: « De P. Leonardo do Vale por comissão do P. Luis da Grã ao P. Diego Laines, Roma, Baia 23 de setembro de 1561 », pp. 435-541.

[...]

6. [f. 112r] (p. 440) Em outro lugar se aconteceu que pondo o Padre Provincial [“Luis de Gran”] em prática sua detreminação [de se fazer casa para a conversão dos índios], que era a mesma que nos outros lugares, o Principal dela, como homem de pouco siso e pouco sequioso da agua viva, que o Senhor como a outra Samaritana lhe oferecia, mostrou hum desadosego com meneos e palavras, fazendo pouco cazo do que lhe dizião, o que por ventura lhe vinha de não ter noticia dos Padres ou os não conhecer por tais, pera o que o Padre usou também de outra mesinha, [f. 112v] que foy dizer: “Foão, chamando-o por seu nome, chega-te aqui, tu não me conheces”. E em penitencia de sua dureza e soberba o fez assentar no chão, dizendo-lhe: “Como falas tu dessa maneira e dás tal resposta sem primeiro falares com os teus? Ora ajunten-se elles aqui e ouvirey eu sua fala, porque indo-me eu, não ey-de dizer: Foa não quis, nomeando-te a ti só, mas ey-de dizer: todos não quizerão”. E nisto vinha a outra gente e mancebos da Aldea com grandes alaridos de danças e tangeres. E pôs o Senhor tanta virtude nesta mesinha de simples palavras e ditas a seu modo, que de improviso ho Principal se mudou e esteve com grande asosego e reverencia ao que o Padre dizia. E os seus, que como digo, vinhão tão embebidos em suas danças, tendo parece alguma noticia do que passava, supitamente se callarão e ficou tam quieto que parecia não aver gente na Aldea. Couse, certo, muyto pera louvar ao Senhor, porque hé tanto contra seu costume que poucas cousas avrá que os tire daquellas diabruras quando nellas andão. E, junto elles, finalmente se fez o que o Padre quis, nostrando elles disso seren muyto contentes.

[...]

8. <...> [f. 113r] (p. 444) E com estes enfadamentos [“começarão muytos de enjoar”] chegamos a huma grande e fermosa praya [a 12 de setembro de 1561], huma legoa quasi antes da Aldea [“povoação de Santa Cruz”, “a Ilha de Tapariqua”], e, repousando à sombra de muitas arvores e palmeiras que ao longo della avia, mandamos recado à Aldea que viessem levar o pontifical e mais futo. E partindo à tarde polla praya, com o que boamente se pôde levar, topamos hum dos nossos Padres, que nos vinha a receber com tantos nininos da terra, que era cousa pera muyto louvar a Nosso senhor. Todos se yão ao Bispo



[D. Pedro Leitão] que [f. 113v] hya em huma reyde que levavão dous indios, e fazendo suas reverencias dezião por saudação: "Louvado seja Jesu Christo!" e despois a cada hum dos Padres que com elle yamos. E passando o Padre, que os trazia, com elles pollo fatto que dexavamos, muyto alegres por nossa ida, tangendo com seus tamboris. E chegando à Aldea se encheo a Igreja de gente, de maneira que dentro nem fora me parece que cabião, onde o Bispo lhe lançou a benção cantada; e asentado em huma cadeira junto do altar lhe yão todos assi homens como mulheres a beijar a mão. E com isto se despedirão [e] se forão a suas casas.

Ao outro dia, que foy sabado vespera [13 de setembro de 1561] da festa, logo polla manhã nos mandou o Padre à Igreja, os que sabiamos a lingua, a confessar os que se avião de bautisar ao outro dia. À qual confissão, como já saberão, não hé mais que pera lhe fazer detestar a vida passada e conhecer a que querem tomar; e alguns, que já erão christãos, se confessavão pera casarem. E com isto, e o fazer do rol, se gastou o dia. E no mesmo dia chegou, em outro barquo, o Ouvidor Geral [Brás Fragoso] com gente da cidade, que também pollo (p. 445) conhecerem por tal, foy delles e de nós bem recebidos. E à tarde, junta a gente, se disserão as vesporas muy solemnes de canto d'orgão. E ellas acabadas, se fez polla Aldea Huma procissão, onde hião duas cruces, scilicet, huma nossa dourada, e outra de prata, grande e fermosa, da See.

Ao domingo [14 de setembro], que foy dia da Exaltação da Cruz, se levantou o P.<sup>o</sup> Provincial e o P.<sup>o</sup> Antonio Pyrez, que hi residia, 2 ou 3 oras antemanhã; e, mandando logo chamar a gente, se começou a occupar nos roes e en concertar os casamentos que avião de ser, e nós os linguas a confessar como o dia dantes. E vindo o dia e horas pera dizer missa, se começou, de canto d'orgão com diacono e subdiacono<sup>119</sup>, mas era tanto o numero da gente, grande parte da qual erão lactantes e outros innocentes, que, fazendo o possivel porque o baptismo se fizesse despois do offertorio, e despois se acabasse a missa, por mais que esperamos, não pôde ser; e por não botar os pagãos, que estavam na Igreja, huns com os filhos que se avião de bautizar, outros olhando o que nunca virão, o fomos acabar debaixo de huma ramada, que estava feita em hum lugar por amor dos muytos Padres que avia para dizer missa, por na Igreja não poderem, ficando o P.<sup>o</sup> Provincial na Igreja com o P.<sup>o</sup> Antonio Pirez e hum irmão lingua.

[...]

12. [f. 114r] (p. 447) E acabada a missa [dia 15 de setembro, na Aldea de Santa Cruz], se fez huma procissão, onde ya o Bispo debaixo dum paleo vermelho com os ministros, que já dixi, revestidos, por huma muy comprida e fermosa rua; e porque a festa não parecesse somente nossa e dos novos christãos, muytos dos gentios, cheos de fervor e ataviados à sua gisa com pena muyto louça e seus maracás nas mãos tangendo, ordenarão sua folia com que descorrião polla procissão. Asi foy celebrada com motetes em canto d'orgão e psalmos bem acompanhados de vozes e também com os cantares e folia dos que, se mais souberão, mais fizerão. <...>

[...]

119. JUAQUIN SANTA RITA DE VITERBO (Elucidário, 1665, v. II, p. 92) define a « Missa dos diaconos, subdiaconos, e acolytos » nos seguintes termos: « Differença das missas dos leigos, em constarem não de Pater noster, mas sia de alguns psalmos, preces e orações ».



## LEONARDO DO VALE

(c. 1538 - 1591)

DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. LUIS DA GRÃ AOS PADRES E IRMOS DE S. ROQUE, LISBOA. Data: 26 de junho de 1562.

TEXTO: Autógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro [3. Roque, Lisboa] 1-3, 2, 36, 44, 114r-124v. Título: « Jesus. Copia de uma do P. Leonardo, da Baya de Todos Sanctos de 26 de Junho de 1562. Para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em San Roque ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. III, 1958, p. 469) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ III (1598-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Civibus Societatis Editæ, volumen 61 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales). Doc. 661: « Do P. Leonardo do Vale por comissão do P. Luis da Grã aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa. Data 26 de junho de 1562 », pp. 469-507.

[...]

5. <...> [f. 117r] (p. 475) Asi que sendo avisados os Indios de sua [a do "Padre Provincial" Luis da Grã] ida [a "hum grande povoação, 10 legoas além d Bom Jesu", em outubro ou novembro de 1561] se alegrarão muito, e os Principaes lhe mandarão fazer os caminhos, que hé a maior honra e recebimento que entre elles se faz, e lhe mandarão 15 ou 20 mancebos ao caminho pera o levarem em hum rede, os quaes o forão tomar algumas tres legoas antes da Aldea, e elles com a mais gente o forão receber hum legoa dela, por ordem, scilicet: os meninos, primeiro, com suas capellas de flores nas cabeças; e, indo mais por diante, estavam os homens e depois as mulheres, e todos cheos de contas e suas galantarias de pena de diversas cores e lavores. E com muitos tangeres e atabales se forão pera o lugar antes do qual, obra de hum tiro de pedra, estava no campo feito hum terreiro limpo e concertado, pera o Padre repousar e praticar hum pedaço antes de entrar, como elles usão com os grandes Principaes e de muita autoridade. <...>

[...]



## LEONARDO DO VALE

(c. 1538 - 1591)

DOCUMENTO: CARTA AO P. GONÇALO VAS DE MELO, LISBOA. Séria, 12 de maio de 1563.

TEXTU: Fôtofoto do original em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (São Roque, Lisboa) 1-5, 2, 38, ff. 132r-137r. Títulos: «† Jesus. Depois de hum do Padre Leonardo, da faya, para ho Padre Gonçalo Vas Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, aos 12 de Maio de 1563».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. IV, 1960, p. 7) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ IV (1562-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVI - Missiones Occidentales). Doc. 1: «Do P. Leonardo de Vale ao P. Gonçalo Vas de Melo, Lisboa. Data 12 de maio de 1563», pp. 3-22.

[...]

7. [f. 132v] (p. 6) Em San Paulo ["Setembro passado de 1562", ou outubro] se aparelhou outro ["bautismo"], para o qual o Padre Provincial [Luís da Grã] mandou hum dos novo-ordenados se apercebesse para dizer missa nova. Porque er necessário ser o bautismo algum tanto mais festejado que os outros, por ser de homens principais e de mais pollicia, como criados ao bafo dos brancos e vizinhos muy antigos desta cidade. Ha vespora polla manhã foy ho Bispo [D. Pedro Leitão], que os avia de baptizar, e logo aquella tarde hos baptizou, ajudando-lhes os Padres, que ay estavamos; e, depois disso, se deseram has vesporas de canto d'orgão muy solennemente, e hum procissão polla Aldea. E ao outro dia, estando grande multidão de gente junta, assi Indios que os novo-christãos avião convidado de diversas e remotas partes, como Brancos, homens e mulheres que fora nem dentro na ygreja caniam, bautizou o Bispo alguns que ficarão do outro dia e deu ordens menores a alguns que a yssa forão da cidade: o qual acabado, se começou a missa de canto d'orgão com tão boa capella e tam bem fornecida de cantores, como se poderia achar em qualquer das principais ygrejas de Lisboa, com Diacono e Subdiacono, afora os padrinhos, e todos com riquas [d]almaticas e capas. E ao tempo da missa e lugar acostumado, se asentou ho Bispo para fazer os casamentos, precedendo hum pratica, que ho Diacono lhes fez em sua língua sobre ho sacramento que avião de receber; e, depois delles casados e a missa dita, se fez hum solenne procissão pollo lugar. E o mais que restava do dia puserão elles com [f. 133r] folias e danças com que aguardecião ao Bispo a honra que lhes fizera. Forão os bautizados trezentos e doze, e casados em ley de graça cento e sesenta e hum.

[...]



## SEBASTIÃO DE PINA

(1542 - após 1581)

DOCUMENTO: CARTA DO P. GONÇALO VAZ DE NELLO, LISBOA, Bahia, 12 de maio de 1563.

TEXTO: Apógrafo cotejo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (São Roque, Lisboa) 1-5, 2, 38, 14, 136v-137r. Títulos: « Copia de uma do Irmão Sebastião de Pina, de Baya, para o Padre Gonçalo Vaz, de 12 de Mayo de 1563 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasilica, v. 14, 1960, p. 23) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: SEBASTIÃO DE PINA foi padre da Companhia de Jesus e esteve no Brasil de 1563 a 1577. Quando deixou a ordem, em 1568, ensinava a ler e escrever no Colégio da Bahia. Em 1574 era Superior em Ilheus.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasilica IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica E.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 87 - Monumenta Missionaria Societatis Iesu, vol. CII - Missiones Orientales). Doc. 2: « Do fr. Sebastião de Pina ao P. Gonçalo Vaz de Nello, Lisboa, Baia 12 de maio de 1563 », pp. 21-22.

[...]

3. <...> [f. 136v] (p. 24) Logo o primeiro dia em que partimos de Lisboa ["aos 15 de Feversyro"] começamos de enjoar sobre a tarde todos quatro; o Irmão Luis Carvalho todavia quis Nosso Senhor guardar para remedio dos tres, porque nunca foy tão enjoado que não pudesse andar em pee, e socuindo-nos a myltas necessidades. Fomos assi enjoados todos tres até as Canarias. Dahi por diante quis o Senhor que corvallescessemos de maneyra que podessemos já sevi-llo em alguma cousa, e assi começamos (p. 25) logo a orndenar algumas cousas de seu serviço, scilicet; o Padre Quericio pregasse todos os domingos por seu tempo de quaresma e que ouvesse sempre nissa cantada nelles, e que todos os dias à tarde ouvesse ledainhas publica, e aos sabados a Salve, e que hum dos Irmãos ensinasse todos os dias a doutrina aos mininos que na naao hyão á demais gente que a quisesse prender. <...>

[...]



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA [AO P. DIEGO MIRÓN, LISBOA]. Data, 31 de maio de 1564.

TEXTO: Apógrafo crego en español con portuguesismos. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 32, ff. 145v-148v. Títulos: «† Cópia de uma de Antonio Blasques».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliensia, v. IV, 1960, p. 53) relaciona as antigas conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliensia IV (1563-1568). Rio de Janeiro, Monumenta Historica S.I., 1960. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editae. volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. VIII - Missiones Occidentales]. Doc. 6: «Do P. António Blasques [ao P. Diego Mirón, Lisboa]. Data 31 de maio de 1564», pp. 52-76.

[...]

1. <...> [f. 145v] (p. 54) Y, por desto tenga V. R. más charidad, sepa que uvo ellos ["los Indios, "el año atrás passado"] dos grandes mortandados. La primera tuvo origen y principio de unas febres que según ellos dezian les davan luego en el corazón, <...> (p. 55) En este tiempo, entre ellos no se vían ni cuán los bayles ni recozijos acostumbrados. Todo era lloro y tristeza, <...>

[...]

5. De aquí ["Aldea" de "Sancto Antonio"] el P.<sup>o</sup> Provincial [Luis de Grã] hizo su viage para el Spiritu Santo, a donde lo estava aguardando el P.<sup>o</sup> Antonio Rodrigues con grande alborozo [en abril de 1564], porque así el como los Indios lo deseavan mucho. Hizo en esta Aldea el P.<sup>o</sup> Provincial noventa christianos y dellos casó ochenta en ley de gracia, precedendo la fiesta y regosijo acostumbrado, assí de parte de los nuestros con hymnos y cánticos, como de la dellos con sus cantares e bayles. Avrá en esta Aldea algunas mil almas poco más o menos, y creo que la maior parte dellos o quasi todos christianos, porque ha muchos años tratamos con ellos. Tiene a su cargo esta casa el P.<sup>o</sup> Antonio Rodrigues, un grande obrero inter gentes, assí en zelo y fervor, como en obra y trabajos que entre ellos tiene tomado muy continuos, de doze años a esta parte que en nuestra Compañia con ellos conversa, con es ayudar missa, cantar y dizer la doctrina en casa a sus parientes. De todo sea gloria al Señor.

[...]

8. <...> [f. 147r] (p. 61) Cantaronse las bísperas muy solenemente [Na igreja de "Aldea" de "Sant Pablo", por ocasião da "fiesta del baptismo" pelo P. Provincial, em maio de 1564] y tanto que se maravillavan los que nos conocían, pareciéndoles que entre nosotros no avría quien fuesse para esto. Acabadas las bísperas, que fueron de canto de órgano, el Padre Provincial que solo los niños de las Aldeas dixessen la Salve cantada, la qual dixerón con tanto aire y gracia que no fue pequeño motivo de loar al Señor la gente que allí se halló, viendo muchachos tan bien doctrinados en las cosas del Señor. Poco después de dicha la Salve, ya quasi noche, estando los Padres confessando en la iglesia, llegó el Padre Baltezar Alvares con una gran muchedumbre de niños que traía de [f. 147v] su Aldea de Sanct Juan, que será



desta algunas cinco leguas, los quales venian en procesión, cantando las letanías, verdaderamente espectáculo con que todos nos alegramos y consolamos; máxime la gente de fuera toma de aquí materia para echarle mil bendiciones. <...>

9. <...> (p. 62) Algunas indias y brasílicas [*namelucas*, en 20 de maio de 1564], imitando a los christianos, también se confessaron; yo soi acordado que en mi missa di el Santo Sacramento a algunas dellas. Loores al Señor que a gente [de su natural boçal y de baxos entendimientos] haze por su divina piedad y demencia capaces de tan grandes misterios. Antes de dizir la missa se hizo una processión por esta Aldea mui grande y creo que si Vuestra R.<sup>a</sup> la viera se alegrara mucho en su espírito, porque viera preceder grande número de niños todos christianos con sus palmas en las manos y sus guirnaldas llenas de cruces en las cabeças; após dellos se seguía un grande esquadrón de gente anciana y de días y en medio dellos muchos dançantes y bailadores que a su guisa y moda hazían la cosa más solenne. Junto a estos yva el coro de los Hermanos cantando *Te Deum laudamus* y *Laudate Dominum omnes gentes*<sup>120</sup>, e luego venían el diácono u subdiácono revestidos con dalmáticas de brocado que Su Señoría [D. Pedro Leitão] nos empréstó. Con esta orden se anduvo por la Aldea, loando al Señor: yvan quatro cruces, una de Sancto António, otra de Sanct Juan, otra de Sanctiaguo y la pros(p. 63)trera del Espíritu Sancto, precedendo los muchachos por su orden siguiendo su cruz y felegresía. Acabada la processión, se comenzó la missa cantada y a ella predicó el Padre Rector, y después dél, el Padre Gaspar Lorenzo a los brasíles con tanto aplauso y gusto de los oyentes que aun los que no entendían la lengua se holgavan mucho de se hallar presentes, viendo su acción y gracia que Diós en esta parte le tiene comunicado mui particulas. Acabada la missa, no se acabó a los circunstantes la devoción y gusto que sintieron en este jubileo, porque dizian que por ningún aver quisieran aver perdido cosa tan buena, yendo por una parte quietos en la consciencia y consolados y por otra parte con lo que vieron mui edificados y dando [f. 148r] al Señor muchas gracias. Algunos señores, por regozijar más la fiesta, después de comer corrieron la sortije en la Aldea y los Indios también hizieron sus bailes y danças todos y cada uno en su manera, alegrando-se en el Señor. A él sea por todo gloria y alabança sempiterna.

[...]

13. [Post Scriptum] <...> [f. 148v] (p. 66) El dia, que predicó [D. Pedro Leitão], fue el de la Assencion de Señor, a un missa nueva de los Padres de cassa; y quando no puede, por su humildad, es el padrino de los missas cantantes [*en nuestra Cassa*, na Bahia], y esto comúnmente. <...>

[...]

120. NÓTO DE MORAIS (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 282) cita: «Salve que integra as vésperas cantadas no dia que antecede uma missa solene».



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO MIRÓN, LISBOA. Bahia, 13 de setembro de 1564.

TEXTO: Autógrafo manuscrito em espanhol, com portuguesismos. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa) 1-5, 2, 38, ff. 154r-160v. Título: «Copia de una del P. Antonio Blasques del Collegio de la Real de Todos[s] los Santos del Brasil para Portugal y escrita a 13 de Setembro de 1564».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliensia*, v. IV, 1966, p. 71) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliensia IV* (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Ecclia*, volumen 87 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. VII - *Missiones Occidentales*). Doc. 7: «Do P. António Blasques ao P. Diego Mirón, Lisboa. Bahia 13 de setembro de 1564», pp. 70-53.

[...]

3. [f. 156v] (p. 74) Estando já quasi toda a gente junta y todo a punto para se començar las visporas de pontifical [a 28 de junho de 1564, na "población" de "S. Pablo"], dan nos rebate cómo venían todos los niños de las otras poblaciones en processión; y, saliendo, divisamos a longe ser el P.º Antonio Rodríguez, el P.º Sineón Gonçalvez, el P.º Antonio de Pina y el P.º Baltezar Alvarez, los quales con toda la gente de sus Aldeas venían a ganar el jubileo<sup>121</sup>. Traían quatro cruces, las quales seguían gran multitud de niños. Venían todos, como tienen de custome, con sus devisas de galantería, unos con sus grinaldas en las cabeças y palmas en las manos, otros con unas diademas hechas de plumas de diversas colores a su modo, hermosas y lustrosas, otros con grandes ramales de cuentas blancas al percuero, finalmente cada uno llevaba aquello que a los ojos de todos pareciesse más gallano y polido. En el caso desta processión, venían cinco Padres vestidos con sus sobrepelizes y junto a ellos (p. 75) los discípulos, que sabían mejor cantar, y ansí, con esta orden y concierto, venían cantando las letanías. La gente, que avía venido a ganar el jubileo [de la Ciudad y de los aderedores] quando los vieron venir por aquellas valles, acodió luego a recibirlos, y todos los romeros se alborocaron con su venida, no cansándose de dar mil loores y gracias al Señor con tan devoto espectáculo. (...) Finalmente, toda esta multitud de niños entró por la Aldea resonando las alabanzas del Señor y traxeron consigo a la iglesia quantos blancos avía en la población.

4. Junto pues todos, assí los christianos, que avian venido a ganar el jubileo, como los Indios y niños, que avían venido de las otras poblaciones, concertada y ataviada la iglesia con muy ricos ornamentos, se començaron las visporas en pontifical con toda la solemnidad possible, porque cantores, ornamentos y todo lo demás necessario S. Señoria [el Señor Obispo, D. Pedro Leitão] lo avía mandado proveer; crea V. R. que en algunas partes de Portugal no se dirán con tanto decoro, ni por la ventura con tan gran auditorio, ni oydas con tanta devoción. (...) [f. 157r] Acabadas las visporas, se pusieron los Padres a confessar y, por cumplir con la devo(p. 76)ción de todos, estuvieron mucha parte de la noche oyendo confessions.



5. Toda esta noche, así de la parte de los Indios con sus bailes y danças como de la de los Blancos con su tambor y folía, se passó festejando la fiesta con mucho plazer y regozijo.

[...]

7. Dichas las missas [*"venide la mañana"*], en las quales conulgaron algunas ciento y veinte personas de las que venieron a ganar el jubileo, se dio orden en cómo se hiziesse la processión en la qual ivan 6 cruces, las quales seguía gran multitud de niños con las divisas que atrás tengo dicho. Luego venia el choro, con su música, cantando hymnos e psalmos, y máxime aquel que comienza Laudate Dominum omnes gentes [*salmo 116, 1*]. Junto el choro estaban nuestros Padres con sobrepelizes, salvo los que traían capas que yvan junto del Obispo, <...>

8. (p. 77) Dexando esto a parte y tornando a mi propósito, sin duda que si V. R. viera el concierto y decoro desta processión, la alegría y fiesta de los Indios, la devoción y contentamiento de los Blancos, la muchedumbre de Indios christianos, las bendiciones y loores que davan al Señor, creo que in Domino se oviera mucho de alegrar, si truxera a la memoria que la mucha parte de aquellos Indios, que moravan en la sombra y región de la muerte, se le tenía ya dada la lux de la fee, en la qual doctrinados y enseñados, todo aquello que antes era instrumento de Satanás convertían en honra de su Dios y Criador. Porque se V. R. viera (como yo con mis propios ojos) la manera que no ha mucho que tenían en la natança de sus contrarios quando avían de comer alguno, passara viéndoles tan mudados. Entonces sus bailes y beberes eran por honrar la fiesta de aquel contrario, cuja carne avían de comer, (p. 78) agora todo se muda en gloria y elabença del Señor. <...>

[...]

10. <...> [f. 157v] (p. 79) Tomó el assumpto de festejar esta fiesta [*de 25 de julho de 1564, em "Santiago"*] el Señor Simón de Gama, como otras vezes lo tiene hecho en algunos baptismos solemnes, porque para ello, puesto que quanto al mundo tenga mucha posibilidad y aparejo, acressiéntasse a esto ser él muy devoto y afficionado a la Compañia. Así que, llegándose el tiempo, él partió de su casa con su muger y hijos, y entró por esta población de Santiago [*"el P.e Provincial", "8 días antes"*] con un atambor y bandera y con grande alboroto (p. 80) y plazer. <...> Y con esto ser así [*"son estos Indios tan pobres que a lo mucho que se podría entender era darles un lanço de casa de paja en que se recogiesse"*] los que venían a ganar el jubileo tenían a buena [f. 158r] dicha caerles tal aposento que a otros (digo de Portugal) se les hiziera horror y asco entrar, quanto más dormir y aposentarsse en ellos. No fue esto impedimento a que por esto dexassen de venir hombres de toda suerte, así nobles como baxos. Finalmente el Señor Obispo, el Daián, Chantre<sup>122</sup> y Canónigos de la See, no quisieron ser defraudados de lo que otros gozavan. Así que, la víspera del glorioso Santiago por la mañana estava esta población, así del ecclesiástico como del secular, tan ocupada y llena de romeros que no avía ya casa donde pudiesen caber.

[...]

12. (p. 81) Venía tan prima y tan bien ordenada esta processión [*do dia 24 de julho, "quasi a horas de jantar"*] que para Indios braziles no avía más que pedir, dexando a parte los niños que a porfía trabajan por quién hirá más galano con sus diademas y grinaldas donde [hay] muchas cruces. Yvan en medio de la processión 2 Principales muy antiguos y ancianos y muy bien vestidos a la portug[uesa], los quales con sus varas el las manos regían la processión. <...> Allegándose ya cerca de casa de modo que los ouíamos, salió el P.e Provincial con los Padres y Hermanos a recibirlos; y juntamente la otra gente, que avía venido al jubileo, como lo supieron, se salieron al encuentro con atambor y folía y con una bandera de tafetá de muchos colores. También vino la música de los cantores ayudarles a cantar sus letanias y



psalmos; y assí, devididos en 2 choros, hazían su officio. El P.<sup>o</sup> Provincial, para edificación de los romeros, mandó que diessen con aquella orden una buelta por la Aldea, rodeándola toda no con pequeño contentamiento de los que los vían, porque juntamente loaban al Señor y magnificavan su bondad que los avia tirado de tanta ceguedad; y viéndolos tan bonitos y tan bien enseñados, le echavan mil bendiciones y manifestavan abiertamente que no se hartavan de verlos.

13. Finalmente, después de aver passado la Aldea dexiendo las letanias con música solene a canto d'organo, entramos en nuestra Iglesia, la qual estava con mucha gente que avia venido a verlos, la qual se edificó mucho quando los oyeron cantar la Salve. <...>

14. (p. 82) Acabado de jantar, se possieron los Padres a oyr confessions y estuvieron hasta que se començaron las vísperas de pontifical que se dixerón con mucha más solemnidad que en S. Pablo, porque los cantores eran en número muchos más. <...> Assí que en muy breve se confessaron muchos; y, por este jubileo, tomaron lo Santíssimo Sacramento algunas 150 personas de aquellas que vinieron a ganar el [f. 158v] jubileo.

15. Dexé de contar hun auto, que hizieron, del glorioso S. Thiago, muy devoto, y el regozijo y plazer con que se passó aquel día, porque como son passatiempos de gente de fuera no haze tanto a nuestro propósito relatarlos; <...> (p. 83) No menos [na procissão do dia 25] contentava la música de los cantores con sus hymnos y psalmos que con grande melodia resonavan en alabanza del Señor. <...>. (p. 84) Finalmente, en medio desta processão, yvan danças, atambor con su vandera, folia, assí de parte de los Indios, como de los Christianos, que no poco regozijavan y alegravan la fiesta. Con esta orden y concierto se dió una buelta por la Aldea con grande satisfacción de todos; <...>

[...]

121 - Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (pp. 66-67, nota 18): « Estes "jubileus da conversão" foram concedidos por Pio IV no Breve Unigeniti Aeterni Patris, de 2 de Fevereiro de 1563. Para promover a conversão e honrar as igrejas e capelas da Companhia de Jesus nos Colégios e Casas, já fundadas ou ainda a fundar, em terras de missão (Oriente, África e Brasil, citadas no texto), o Papa concedeu indulgência plenária a quem tivesse convertido algum fiel ou gentio, ou em certos dias visitasse as igrejas da mesma Companhia [Litterae Apostolicae quibus variae facultates et indulgentiae Religiosae Societatis Iesu et illis Christi fidelibus in Indiarum Orientalium et Occidentalium Provinciae conceduntur. Romae (1563), n.º 1, 3-7]. O Bispo Houve por bem de pregar por si mesmo este jubileu no Colégio da Baía [Mon. Bras., IV, dec. 6, § 13, p. 66], dia da Ascensão (11 de Maio de 1564), e o primeiro que se celebrou e ganhou, foi logo daí a dez dias na Aldeia do Espírito Santo, na festa titular, 21 de Maio. Seguiram-se-lhes os jubileus das Aldeias de S. Paulo e S. Tiago, nos dias santos respectivos, 30 de Junho e 25 de Julho, a se descrevem nesta carta [de 31 de maio] e na de 15 de Setembro § 2 e seguintes. Além destes jubileus dos Paçoireiros, o Papa Pio V, a 16 de Outubro de 1567, concedeu por dez anos aos fiéis de todas as missões da Companhia, tanto orientais como ocidentais, quatro grandes jubileus, pelo Natal, Páscoa, Espírito Santo e Assunção de Nossa Senhora; Atestado de Polanco, Roma 20 de Março de 1571. (Bras., 2, ff. 121v-122r; Leite, Serafim - História da Companhia de Jesus no Brasil, v. II, [1978], p. 311 s.).

122 - A partir de 23 de março de 1560, assome o chantreado Ruy Pimenta, confirmado por carta régia de 15 de março de 1560 (Documentos Históricos I, v. LXVI, 1937, pp. 77-80 e 148-150). Segundo documentação publicada, permaneceu no cargo pelo menos até 12 de fevereiro de 1563 (op. cit., pp. 102-103), uma vez que não aparece nomeação de um outro chantre. Sua provisão era de 35000 réis anuais, valor estabelecido por carta régia de 14 de setembro de 1558 (op. cit., pp. 12-13). Cf. também REIS 149667 (A música na Bahia colonial, 1965, p. 95).



# JOSÉ DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO LAINES, ROMA. São Vicente, 3 de janeiro de 1565.

TEXTO: Apógrafo corno em espanhol (com palavras portuguesas e portuguesismos). Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa) 1-5, 2, 38, ff. 167r-182v. Título: « Copia de huma do Irão Joseph para o Padre Mestre Diego Laines Praeposito Geral da Companhia de Jesus ». Outra letra: « 1565 ». Códice deteriorado e em partes de leitura difícil.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. IV, 1960, p. 121) relaciona as versões conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 37 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. IVI - Missiones Occidentales). Doc. 14: « Do Ir. José de Anchieta ao P. Diego Laines, Roma. São Vicente, 3 de janeiro de 1565 », pp. 130-181.

[...]

11. <...> [f. 173r] (p. 139) La vida de los franceses que están en este Río [*Rio de Henro*] es ya no solamente oie apartada de la Iglesia Cathólica, mas también hecha salvaje. Biven conforme a los Indios comiendo, bibiendo, bailando y cantando con ellos, teñiéndose con sus tintas prietas y bersejas, ornándose con las plumas de los páxaros, andando desnudos a las vezes, sólo con unos pañetes, y finalmente matando contrarios según el rito de los mismos Indios, y tomando nombres nuevos como ellos, de manera que no les falta más que comer carne humana, que en lo más su vida es corruptíssima.

[...]

15. <...> [f. 175v] (p. 146) Al otro día, que fue de Corpus Christi [10 de junho de 1564], nos fuemos mui de mañana a su [de *Cuñambeba*] Aldea [em *Iperuig*], onde él avía días que nos avía mandado fazer una casita pequeña en medio della para dizir missa. Y quando nos vio saáy él como todas las mugeres dei Aldea, recibieron tanta alegría, como si resuscitáramos aquella hora, hablándonos palabras de mucho amor; y fuesse luego al otra Aldea a convidar a los otros que veniessen a beber a la suya, onde les tenía grandes vinos.

Y andando bibiendo y bailando con gran fiesta, les dixo que no quería que nadie nos hisiesse mal, ni hablasse alguna palabra áspera, y no estorvassen las pazes que él hazía con nosotros, que determinava de nos defender, aunque supiesse quebrar con ellos. <...>

Para prueba de lo qual [*es ésta una gente tan mala, bestial y carnícera*] es de saber que en este mismo tiempo los del Campo dieron por la sierra en una hazenda de un hombre, al qual aunque teníamos mandado aviso por cartas, no se quiso guardar, pareciéndole que, como supiessen que estaban muchos de los suios entre nosotros, ya no le harían mal [f. 178r]; mas ellos no curando de nada, aunque les dixieron que teníamos ya hechas pazes, le pusieron fuego a la casa y la quemaron, y mataron a él y a su muger, y hizieron luego en pedapos; y otra muger medio quemada y herida llevaron viva, y en su Aldea la mataron con grandes fiestas de vinos y cantares, y junto con ella algunas esclavas.

[...]



17. <...> [f. 177r] (p. 150) Finalmente lo llevaron fuera [“el esclavo”, na mesma aldeia, a 25 de junho de 1564] y le quebraron la cabeça, y junto con él mataron otro su contrario, los quales luego despedaçaron con grandíssimo regozijo, máxime de las mugeres, las quales andavan cantando y bailando: unas les punçavan con palos agudos los membros cortados, otras untavan las manos con la gordura dellos, y andavan untando las caras y bocas a otras, y tal avía que cogía la sangre con las manos y la lambía, espectáculo abominable; de manera que tuvieron una buena carnicería, con que se hartar. <...>

[...]

23. <...> [f. 183r] (p. 166) Mas ni esto bastante para nos poder hazer seguros entre gente [os “Iperoig”] que a nadie sabe tener respecto ni obediencia, y que quasi siempre anda caliente del vino, en el qual gastavan los más de los días bibiendo y cantando todo el día y noche con grandes gritos y deshonestidades, hombres y mugeres mezclados, de manera que ni en casa [f. 183v] ni fuera podíamos estar sin oír y ver sus borracharías y suziedades. Noche me aconteció, lloviendo mucho y haziendo grande frío, estar grande parte della fuera de casa en pie, mal guardado de la lluvia y padesciendo el frío hasta que ellos acabassen de beber sus vinos, y en fin, no pudiendo más esperar, tornarme para dentro a guarescer el fuego y acabar la noche entre ellos. Y aquellos que andavan amotinados ya passavan por nosotros sin nos hablar ny mirar sino de travez, como hombres que no nos conocían; y assí todas las noches, máxime quando bebían y cantavan, los acostávamos a dormir, offreciendo la cabeça a la espada, mas no era digna, a lo menos la mía, de la receber sobre sí. <...>

[...]



## ANTÔNIO BLASQUES

(1528 - 1606)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL. Bahia, 9 de maio de 1565.

TEXTOS: Apógrafo coevo em espanhol, com portuguesismos. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa) I-5, 2, 36, ff. 153r-155v. Títulos: «† Jesus. Cópia de uma de Antonio Blasquez para o P.e Provincial de Portugal».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. IV, 1960, p. 185) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII - Missiones Occidentales). Doc. 16: «Do P. Antonio Blasquez aos padres e irmãos de Portugal. Bahia 9 de maio de 1565», pp. 185-196.

[...]

2. <...> [f. 153r] (p. 187) En las Aldeas uvo sus baptismos solennes trabajando (ut moris est) de ser solennizados con el maior aparato y pompa que puede ser, porque no parece que los Indios lo toman en caso de honra, y por esto cada Aldea trabaja, quando vienen semejantes fiestas, esmerarse lo possible. En la población de San Juan uvo ciento y sesenta baptismos, en Santiago uvo algunos, pero non fueron tantos; y así mesmo, en Sancto Antonio y el Espíritu Sancto y San Pablo se baptizaron y casaron un buena mano dellos, pero muchos más recibieron el sacramento del matrimonio que del baptismo. <...>

[...]

4. [f. 153v] (p. 189) Estando todo a punto [para a festa da véspera do dia de Jesus, 31 de dezembro de 1564, "a la ciudad"], se començaron las visporas de pontifical con tanto concierto y decoro y con tanta devoción y lágrimas, quantos dias ha que no tengo vistas en semejantes fiestas<sup>123</sup>. Todo este espacio que duraron las visperas, que no fue poco, por ser dichas con grande solennidad, se vio siempre en la gente de fuera muestras de mucho sentimiento, o fuesse porque la novedad del negocio lo demandava, o la música y melodía del canto hazí subir su consideración a cosas maiores, o finalmente la contrición de sus pecados los movía a tener sentimiento dellos. Uvo en estas visporas tres choros diversos, uno de canto d'organo, otro de un cravo<sup>124</sup>, y otro de flautas, de modo que, acabando uno, començava el otro, y todos cierto con mucha orden, quando le venía su vez. Y dado que el canto d'organo delitava oyéndose, y la suavidad del cravo detuviesse los ánimos con la dulçura de su harmonía, todavía quando se tocavan las flautas se alegravan e regozijavan mucho más los circunstantes, porque allende de lo hazer mediocrementes, los que las tañian eran los niños brasiles, a quien ya de tiempo el P.<sup>e</sup> Antonio Rodrigues tien enseñado. Fue para el pueblo tan alegre este espectáculo, que no sé cómo lo pueda encarecer, u muchos (p. 190) de los que estavan en la Iglesia no lo podían creer, como de hecho no lo crieron si no tiraran a limpio la verdad con sus proprios ojos; y esto, allende de ser motivo para devoción, éralo también para dar muchas gracias al Señor, porque no se hablava entonces en la ciudad otra cosa sino en la buena criança [f. 154r] y enseñamiento destos niños.



5. <...> Y antes que se començasse ["la missa de pontifical" na manhã do dia 12 de janeiro de 1565], se hizo por nuestra castra [i.e., oláustro] una processión, donde los Padres de casa yvan acompañando a Su Señoria, el qual yva vestido de Pontifical con su Diácono y Subdiácono. En fin, fue tam concertada y festejada, asy de cantores como de todo lo demás, que no avia más que pedir. Mas, como arriba dixe, todo el regozijo era ver los indiozicos brasiles tañer sus flautas; y así me dixo el Obispo [D. Pedro Leitão], porque paravan ellos un poco, que avisasse el Padre que dellos tenía carguo, que los hiziesse tañer, por(p. 191)que en esto parece que ponían mucha parte de su contentamiento. Acabada la processión, entretanto que se revestía Su Señoria, se tocó un poco el cravo, con que mucho se consolaron y provocaron a devoción los circunstantes, y luego después desto se començo la misa de pontifical, y a sus tiempos tañian las flautas, y, a los suyos, cantavan los cantores sus motetes, todo cierto con mucho ayre y gracia. Su Señoria, estando revestido de pontifical, subió al pulpito y nizo una predicación muy buena y de grande doctrina, y de asy por delante se prosiguió la missa, a la qual tomaron el Sanctíssimo Sacramento muchos, y a las otras fueron tantos, que dizían los Padres que nunca por Jueves Santo ni por día de Pascua vieran tanta copia de gente tomar el Sanctíssimo Sacramento. Un mercader tenía un terno de flautas<sup>125</sup> muy bueno, el qual, viendo a los brasílicos tañer, se lo mandó, diziendo que mucho mejor empleado sería en ellos que no en él. <...>

[...]

8. [f. 155r] (p. 194) Los officios de la Semana Sancta [em 1565, sexta-feira desta semana foi 20 de abril] con mucha devoción y conoerto. <...> (p. 195) Concertado y ornado nuestro monumento deste modo, se hizieron los officios de la Semana Sancta en nuestra Iglesia con mucha devoción, de modo que, aunque en la See se solemnizassen con canto, dexavan todo y se venían a nuestra Casa. <...>

[...]

123. Na documentação da época, as festas em Portugal eram relatadas com uma terminologia semelhante àquela aplicada ao Brasil. Nota-se, porém, maior coerência entre os relatos. Muitas vezes, vendiam-se folhetos com o programa dos festejos, seguidos, pouco tempo depois, de impressos que descreviam os seus acontecimentos. É o caso, por exemplo, da *Relacion de las fiestas que la Compañia de Iesv haze en la Ciudad de Lisboa* (1622, f. Mr), onde se lê: «El distante sera de viola, rabequilla, y arpa, la qual acabada la dança, començará a dhar a scolas con gran donaire». Na *Relação geral das festas que fez a religião da Companhia de Jesus na provincia de Portugal* (1623, f. 26v), o mesmo episódio da festa, que durou de 30 de julho a 7 de agosto de 1622, agora é descrito após sua ocorrência: «O descante a que dançauão, era de viola, rabequilla, e arpa: o que largia esta; acabada a dança sahia a dançar só com ella com tanta graça, que a todos leuaua os olhos».

124. RAFAEL BLUTEM (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 603), descreve o instrumento: «Cravo de fanger. Instrumento musico. Consta de huma caixa mais comprida, que larga, com seu jogo de teclas brancas, e pretas: tes cordas de aço, ou arame, martinetes, espeelhos, &c.».

125. Esta, que é a única referência clara que nos chegou da época acerca dos «ternos de flautas», indica o uso de instrumentos de vários tamanhos, como nos ternos de charangas. Contudo, é possível que seu uso fosse frequente e estivesse implícito no termo flautas.



## QUIRÍCIO CAXA

(1538 - 1599)

DOCUMENTO: CARTA AO PROVINCIAL DE PORTUGAL, Bahia, 13 de julho de 1565.

TEXTO: Apógrafo (copia) em português (Caxa sabiam bem) na tradução de original espanhol perdido. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 168r-191r. Título: «Copia de huma do Padre Quirício, da Baya 13 de Julho de 1565 (fala também no Rio de Janeiro) que escreveu ao Padre Doutor Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus». Parte muito deteriorada. Deterioração antiga, pois já na primeira edição não foi possível ler todas as palavras.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. IV, 1960, p. 235) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus, QUIRÍCIO CAXA foi Mestre em Artes e professor, vivendo no Brasil entre 1563 e 1599. Ensinou teologia moral e teologia especulativa na Bahia, sendo também pregador, vice-Reitor do Colégio da Bahia e Consultor da Província.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Editæ, volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII - Missiones Occidentales). Doc. 21: «Do P. Quirício Caxa ao Provincial de Portugal, Baia 13 de julho de 1565», pp. 255-260.

[...]

3. [f. 186r] (p. 257) Fizeram [os portugueses, no Rio de Janeiro, pouco depois de 31 de março de 1565] apontar huma espera [antiga peça de artilharia], e a primeira que chegou, que era a capitania [nao Capitânia, francesa], a qual ia mui soberba com estandartes e bandeiras de seda, pifaro<sup>126</sup> e tambor de guerra, foi varada da popa à proa com a espera, com o qual recebeu muito danno, e sendo alguns mortos acudirão-lhe com outros;

[...]

126. RAPHAEL BLUTEMÜ (Vocabulário português e latino, v. VI, 1720, p. 501) informa sobre o pifaro com suficiente precisão: «Especie de frauta, curta, & estreita, que faz hum som muito agudo. He instrumento musico de guerra, que serve de acompanhar o tambor. Algumas nações do Norte, & particularmente os Esquimaos usam delle. Deriva-se de Pififer, que he palavra Aleutã. (...)» Pifaro também se chama na guerra o modo, que acompanha ao tambor, tocando pifaro. RAPHAEL DIEHL MOHAM (Dicionário musical, 1842, p. 176) dá «Instrumento agudo, de caracter martial, unicamente usado nos corpos de infantaria e artilharia, e sempre acompanhado dos tambores». De fato, a documentação portuguesa e holandesa do período deixaram gravuras onde aparece essa associação instrumental. Um dos melhores exemplos foi impresso no *Wilhelm en Maurits van Nassau, Prinsen van Oranien*, de JAN VAN OLERIE (Amsterdan, Jan Jansz, 1651, entre pp. 74-75).



## JORGE RODRIGUES

(c. 1538 - 1617)

DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL. Ilhéus, 21 de agosto de 1565.

TEXTO: Autógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, 44. 160v-162r. Título: «Copia de huma do P. Jorge Rodrigues aos Ilhéus do Brasil para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus de Portugal, escrita a 21 de agosto de 1565».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. IV, 1960, p. 276) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: JORGE RODRIGUES esteve no Brasil de 1559 a 1612. Foi padre da Companhia de Jesus, ensinando latim no Colégio da Bahia em 1562 e primeiras letras em Ilhéus, tornando-se depois Mestre de Alumnidades e Mestre de Novícios na Bahia. Sabia a língua brasileira e foi também Mestre de Índios.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Elusorum Societatis Editi*, volumen 87 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. XVII - *Missiones Occidentales*). Doc. 23: «Do P. Jorge Rodrigues aos padres e irmãos de Portugal. Ilhéus 21 de agosto de 1565», pp. 271-282.

[...]

7. [f. 161v] (p. 280) Esta festa de Nossa Senhora d'Assumpção [de 15 de agosto de 1565, em Ilhéus] se confessou a comungou muita gente e creio que alguns, ou por melhor dizer muitos, ficaram por confessar por não podermos acudir a todos, ainda que eramos quatro Padres os que confessavamos.

8. <...> As vespéras forão cantadas em canto d'orgão, o P. Francisco Pérez pregou. <...>

[...]



## ANTÔNIO GONÇALVES

(1531 - 1611)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE DIEGO MIRÓN, LISBOA. Porto Seguro, 15 de fevereiro de 1566.

TEXTO: Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (São Roque, Lisboa) 1-5, 2, 38, ff. 162r-164v. Título: «Cópia de huma do Padre Antonio Gonçalves, da Casa de São Pedro de Porto Seguro, do Brasil para o Padre Diego Mirón, Provincial de Portugal. Escrita a 15 de Fevereiro de 1566».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliæ*, v. IV, 1960, p. 308) relaciona as edições conhecidas desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus e Missionário de Indios, ANTÔNIO GONÇALVES sabia bem a língua brasileira. Estive no Brasil entre 1560 e 1611.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliæ* IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.J., 1960. (*Monumenta Historica Societatis Iesu: Patribus Eiusdem Societatis Edita*, volumen 87 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. XVII - *Missiones Occidentales*). Doc. 31: «Do P. António Gonçalves ao P. Diego Mirón, Lisboa, Porto Seguro, 15 de Fevereiro 1566», pp. 307-320.

[...]

11. [f. 164r] (p. 315) Outro Jubileu se celebrou em esta nossa Casa, dia de São Pedro [29 de junho de 1565], por ser o oragão da mesma Casa, no qual ouve muitas confissões, e por falta de confessores não ouve mais das que podera aver e não sermos senão dous. Ainda que começamos a confessar alguns dias antes não abastou pera poder satisfazer a vontade de todos. Estave a igreja muito bem concertada, conforme a pobreza da terra e nós estáremos muito pobres de ornamentos, e, tanto, que com frontais de papel nos servimos e isto ainda por festa; ouve muitas envenções de fogo a vespóra à noite, como são foguetes e rodas de fogo etc., que ajudarão a celebrar a festa; ao dia, ouve missa cantada, pregação e muita devação e lagrimas na gente, reconhecendo ao Senhor a mercê tão grande que lhes fez com lhes dar este jubileu pera salvação de suas almas.

12. <...> (p. 316) A sexta-feira seg[ui]nte [20 de abril de 1565, Sexta-feira Santa] se fez o officio do desenserramento do Senhor (p. 317) com o mesmo sentimento, e devação, levando dous Padres vestidos com suas alvas e descalços ao Santissimo Sacramento em huma tumba toda cuberta de preto que pera isso estava feita, indo diante as Tres Marias, cantando Heu, Heu, Salvator noster<sup>127</sup>, cubertas com seus mantos e (p. 318) coroas em as cabeças, o que tudo causava grande devação e admiração a esta gente por não averem visto outra tal nesta terra depois de ser povoada, dizendo que no Reino se poderia fazer tam bem, e melhor não. <...>

13. [f. 164v] No dia de Jesus seguinte [19 de janeiro de 1565], celebramos o jubileu, donde se confessou quasi toda a gente desta terra. Estave a igreja muito bem armada e concertada, assi de panos como de ramos muito frescos, e ouve também muitas envenções de fogo, que hum devoto fez pera este dia; ouve touros, folia e outros jogos, que outras pessoas devotas ordenarão para o mesmo fim.

[...]



[27. SERAFIM LEITE, nesta edição (pp. 317-318, nota 17), informa: «O Missal Bracarense, de 1558 (não dos anos anteriores), traz o seguinte diálogo, que se cantava nesta cerimônia ('Depositio Christi') de sexta-feira santa: (Pueri) - Heu! heu! Domine! Heu! deus Salvator Noster! ¶ (Chorus) - Pupilli facti sumus absque patre, miser nostra vita. ¶ (Pueri) - Heu! ... ¶ (Chorus) - Cecidit corona capitis nostri, vae nobis quia peccavimus. ¶ (Pueri) - Heu! ... ¶ (Chorus) - Spiritus cordis nostri, Christus Domine, morte turpissima concussus. ¶ (Pueri) - Heu! ... ¶ (Chorus) - Defecit gaudium cordis, versa est in luctum cithara nostra. ¶ (Pueri) - Heu! ... ¶ Missale Bracarense (Lugduni 1558) 4, XLV]. Solange Corbin, *Essai sur la Musique Religieuse au Moyen Age* (Paris 1952) 305-307. Cit por Mário Martins, *O teatro litúrgico na Idade Média peninsular*, in *Brotheria* 69 (1959) 237. Solange Corbin, *La déposition du Christ* (1960), em gravura no começo do livro, reproduz a música deste planctus, segundo o missal bracarense de 1558, e cf. a 28 das gravuras reunidas no fim desse livro (gravuras não paginadas). No Catálogo nº 2, de Pintasilgo & Fernandes, Rua de Escola Politécnica 183 (Lisboa 1959), nº 457, vem descrito um exemplar desse *Missale Bracarense*, e se diz que se conhecem mais dois exemplares em Portugal, um na Biblioteca Nacional de Lisboa, outro na Biblioteca Pública de Braga ». Esse texto é normalmente encontrado nos arquivos musicais brasileiros dos séculos XVIII e XIX.



## AMARO GONÇALVES

(1531 - 1579)

DOCUMENTO: CARTA AO P. FRANCISCO DE BORJA, ROMA. Bahia, 16 de janeiro de 1568.

TEXTOS: Tradução coeva em espanhol, com palavras portuguesas ou aporportuguesadas, de texto anterior perdido. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa) 1-5, 2, 36, ff. 208v-211v. Título: « Anunci del Brasil para la Provincia Toletana y Aragonia del año 1567 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (Monumenta Brasiliæ, v. IV, 1960, p. 435) relaciona as seguintes coleções desta carta.

NOTA SOBRE O AUTOR: O padre AMARO GONÇALVES, da Companhia de Jesus, esteve no Brasil de 1566 a 1579. Foi Mestre de Novícios na Bahia, Mestre e Reitor do Colégio de Pernambuco.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ IV (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII - Missiones Occidentales). Doc. 50: « Do P. Amaro Gonçalves ao P. Francisco de Borja, Roma. Bahia 16 de janeiro de 1568 », pp. 435-445.

[...]

7. [f. 209v] (p. 440) Viene mucha gente a la doctrina de los niños [no Colégio da Bahia], que se haze a los domingos y días de fiesta, a la tarde, después de la de los esclavos, que se la declara en su lengua, con una plática en el fin; mas éstos todos los días de la semana acuden a ella, puesto que no tantos por andar en sus trabajos, vienen todavía los esclavos que sirvan en casa a sus señores, decláranse muchas cosas, que la gente huelga de oír saber. También se edifica de oír cantar los niños cantares devotos y diversos, los quales se le dan acomodados a los tiempos, y estórvanse con ellos otros muchos poco honestos y que escassamente se pueden cantar sin offensa de Dios N. Señor.

[...]

14. [f. 211r] (p. 445) Costumbran-se ayuntar los niños de la escuela en un lugar o ayuntárense por las mañanas temprano en la iglesia o loar a Dios, rezando el hymno "Veni Creator Spiritus" y el rosario del nombre de Jesus entonado, lo que hace oiertamente mucha devoción a los que lo veen, [se consideran cuánto tiempo ay que estaban estas gentes en tinieblas y oscuridades, envueltas en pecados y vicios nefandos, sin noticia de Dios y sin se acordar de más que de offender a su Creador y Señor, el qual ya agora es de los mismos tan bien servido y loado.] <...>

[...]



## ANTÔNIO DE SÁ

DOCUMENTO: CARTA AO P. FRANCISCO DE BORJA, ROMA. [Pernambuco], 3 de julho de 1568.

TEXTO: Autógrafo em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 62, f. 238r-238v [antes f. 390r-390v]. Cota de secretaria: « 1568 António de Sá 3 de Julho ». Ao pé do endereço, as letras « e p » (Mirón, Polanco). Endereço autógrafo [f. 239v]: « † Ao my Reverendo e Christo Padre o P.<sup>re</sup> Francisco de Borja Proposito Geral da Companhia de Jesus. do Brasil ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE imprimiu esta carta pela primeira vez na *Monumenta Brasiliana IV*, pp. 469-472.

NOTA SOBRE O AUTOR: ANTÔNIO DE SÁ foi, provavelmente, um dos filhos de Lisboa, nascido em c. 1537 e ingressando na Companhia de Jesus em 1559. Sabia a língua brasileira e trabalhou nas aldeias da Bahia, Espírito Santo e Pernambuco. Voltou a Portugal em c. 1570.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliana IV* (1563-1566). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (*Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Etasdem Societatis Edita*, volumen 37 - *Monumenta Missionum Societatis Iesu*, vol. 191 - *Missiones Occidentales*). Doc. 66: « Do P. António de Sá ao P. Francisco de Borja, Roma, [Pernambuco] 3 de julho de 1568 », pp. 469-472.

1. <...> [f. 238r] (p. 470) Esta, Muy Reverendo Padre, não hé para mais que pedir que V. P. me conceda estas graças, que aquy vão, em huma conta, no que receberey grande charidade, assim para myn como para todos. <...>

2. As graças são as seguintes:

- Que todas as vezes que hum se confessar ou commungar ou dixer missa, tendo esta conta (que peço) consigo, ganhe indulgentia plenaria sem obrigação nenhuma de rezar.

- Que com huma "O gloriosa Domina"<sup>120</sup>, ou "Ave Maris Stella"<sup>120</sup>, ou "Magnificat"<sup>130</sup>, se tire huma alma do Purgatorio todas as vezes que se dixer.

- Que todas as vezes confessar alguém ou der communhão ou provocar algum pagão a se fazer christão, (p. 471) posto que se não faça, ganhe indulgentia plenaria; e o mesmo, se baptizar.

[f. 238v] - Que cada vez que rezar o "Rosairo do Nome de Jesus", ganhe indulgentia plenaria.

- Que todas as vezes que dixer de geolhos "Deus propitius esto mihi peccatori"<sup>131</sup>, ganhe dous mil annos de verdadeira indulgentia.

- Que com cinco Padres-Nossos e 5 Avé-Marias, se ganhem todas as graças, que se ganhão em Roma, o dia que se rezarem, huma vez no dia.

- Que trazendo esta conta comigo, ganhe todas as graças que ganhão os que trazem a correa de S. Augustinho e o cordão de São Francisco e o escapulário de Nossa Senhora da Conceição.

- Que com qualquer oração, verso, etc., se ganhem mil annos de verdadeira indulgentia.

- Que na hora da morte, tendo esta conta comigo (ou quem me quer), ganhe indulgentia plenaria de todos meus peccados sem nenhuma obrigação de rezar; porque cá hé muitos perigos, nos quaes hum pode morrer sem se alenbrar de Deos nem se tem conta ou não.

[...]



128 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 470, nota 5): « "O gloriosa Regina": Olyesse Chevalier traz 12 textos que começam por estas palavras, no *Repertorium Hymologicum. Catalogue des Chants, hymnes, proses, séquences, tropes, en usage dans l'Eglise Latine*. Louvain, 1892-1920, II, 197-198 ».

129 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 470, nota 6): « "Ave Maria Stella": 15 textos, ibidem, I, 112-113 ».

130 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 470, nota 7): « "Magnificat": Cântico de Nossa Senhora, Luc. I, 46-55 ».

131 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 471, nota 9): « Luc. 18, 13 ».



## INÁCIO DE AZEVEDO

(1526 - 1587)

DOCUMENTO: VISITA DA PROVÍNCIA DO BRASIL. [Bahia, julho(?) de 1566].

TEXTO: Apógrafo em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras. 2, ff. 137r-138v [antes pp. 249-252]. Título: « Visitas dos Padres Visitadores depois de serem aprovadas pelo Padre Geral. Primeira Visita, do P. Ignacio de Azevedo » [f. 136r]. A segunda visita é do P. Cristóvão de Souza. Colocaram-se juntas neste códice já no século XVIII, porque antes delas, na f. 136r, achase copiada uma carta do secretário da Companhia Bernardo de Angelis, datada de Roma 7 de fevereiro de 1690 para o Provincial Pedro Rodrigues. Foi este padre quem mandou copiar as « Visitas » e ele mesmo, por sua letra, indicou a margem o sentido dos parágrafos; e no começo, também ao lado, mas a coincidir com o título geral de « Visitas », escreveu: « Esta visita ainda tem vigor ». Como, sobre a do P. Souza não havia dúvida de continuar em vigor, Pedro Rodrigues deve-se referir à do P. Azevedo ao menos parcialmente. Dos 39 §§ em que a dividimos [isto é, S. Leite], exceto os §§ 7, 16, 12, 17, parte do E (do batismo dos índios descidos ao sertão) e parte do J (portaria com chave), todos estão riscados.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na Monumenta Brasiliæ IV, pp. 482-489.

NOTA SOBRE O AUTOR: Padre da Companhia de Jesus, INÁCIO DE AZEVEDO esteve no Brasil entre 1566 e 1568, como visitador. Morreu no ataque de corsários em 1587, quando vinha novamente para o Brasil.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Monumenta Brasiliæ IV (1565-1566). Roma, Monumenta Historica S.I., 1946. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Petribus Eiusdem Societatis Editi, volumen 37 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. IVII - Missiones Occidentales]. Doc. 69: « Visita da Provincia do Brasil pelo P. Inácio de Azevedo. [Bahia [julho?] de 1566] », pp. 482-489.

[...]

3. [f. 137v] (p. 484) As escolas de ler e escrever, que estão introduzidas em as cazas das Capitánias se podem continuar, (p. 485) não se insinuando canto<sup>132</sup> nem latim etc., e procure-sse em quanto puderem aproveitar bem os moços assi no ler e escrever como nos costumes christãos, e não os castiguem os nossos por sua mão, como [se] diz na 4ª parte das Constituições, mas busque-sse algum bom modo pera isso; e, de novo, não se comecem a insinar em parte nenhuma, sem especial licença do Provincial.

[...]

5. Acerca de cantar missa e outros officios divinos e processões etc., em as parets onde há curas e vigairos, que o fazem em sua Igreja, os nossos guardem as Constituições, procurando ajudar as almas com as confissões e (p. 486) pregações, e insinar a doutrina Christã, e evitar-se-há a emulação dos curas.

[...]

132. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 485, nota 71): « O canto ensinava-se e foi sumamente útil nos primeiros contactos com os Índios da Baía e de Piratininga e na Casa de S. Vicente (Mon. Bras. II 483; Biografia de Albuquerque 82-90). Com o povoamento do Brasil, as Casas das Capitánias começavam a atender mais à população das vilas e cidades e a assumir o carácter das residências europeias. Mas o canto e a música renascia quando se operavam novos primeiros contactos com Índios, como iria succeder no Norte com Luis Figueira e António Vieira, que invoca expressamente o exemplo de Albuquerque (LEITE, Biografia de Albuquerque 89) e refere na sua "Visita" que nas Escolas das Aldeias, os mais hábéis se ensinam a ler e escrever, e, havendo muitos, se ensinam também a cantar e tocar instrumentos para beneficiar os officios divinos (LEITE, História da Companhia de Jesus no Brasil, v. IV, p. 112). GARCIA (SANTOS DOS SANTOS, DOMINGOS) - Balanço cultural [dos jesuítas no Brasil (1549-1760)], Brasília, Coisa, 9: 257-341, 1955, 308 ».



## JERÔNIMO OSÓRIO

(1508 - 1580)

LIVRO: DA VIDA E FEITOS DE EL-REI D. MANOEL. Lisboa, Antonio Gonçalo, 1571.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Estas são as edições mais conhecidas deste opúsculo: *Re Rebus, Emanuelis Regis...* (s.l., Antonius Gondisalvus, 1571); *Hieronymi Osorii Lusitani...* (Coloniae Aгриппинае, 1574); *Histoire de Portugal...* (s.l., François Estienne, 1581); *Historiae Hieronymi Osorii...* (Coloniae Aгриппинае, Arnoldi Birckmanni, 1581), existindo, também com esse título, edições de 1576, 1580, 1586, 1595 e 1597; *L'Histoire de Portugal...* (Geneve, Samuel Crespin, 1610); *Leven en deurluchtig bedrijs van Emanuel...* (Rotterdam, François van Hoogstraten, 1661-1662); *d'Indiënische Historie der Portuguezzen...* (Rotterdam, François van Hoogstraten, 1670); *The History of the Portuguese...* (London, A. Millar, 1752); *Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel...* (Lisboa, Imprensa Régia, 1804). Esta é a página de rosto da primeira edição: *Re Rebus, Emanuelis Regis Lusitaniae invictissimi virtute et auspicio gestis Libri duodecim. Auctore Hieronymo Osorio Episcopo sylvensi. Olyssippone. Apud Antonium Gondisalvum Typographum. Anno Domini M.D.LXXI. Cum privilegio Regio. (32 x 21, 3-460 pp., 1 ff. inus.)*

NOTA SOBRE O AUTOR: OSÓRIO foi escritor e religioso português, bispo do Algarve e lente da Universidade de Coimbra, onde recebeu o título de "Cícero português". Suas notícias do Brasil estão baseadas em escritores do princípio do séc. XVI, particularmente FRANCISCO DE MONTALBANO (que imprimiu a relação do piloto anônimo 1).

EDIÇÃO UTILIZADA: *HIERONYMI | Osorii Lusitani, | Silvensis In Algar-biis Episcopi; | De Rebus; Emanuelis Regis Lusitaniae | Invi-ctissimae Virtute Et | Auspicio, | annis sex, ac viginti, doni forisq, ges-tis; libri duodecim. | Quibus; potissimè eo, | quae in Africa et India bel-lia confecti, explicantur. | Adiectus est rerum, ac verborum, index. | (grav.) | Coloniae Aгриппинае, | Apud Haerodes Arnoldi Birckmanni. | (Cl.) LXXIV. [1574] (BIB: 12-3-4) 16 x 16 ca; 15 ff. inus., 416 ff. nus., 16 ff. inus.)*

TRADUÇÃO PORTUGUESA: *Da Vida E Feitos | D EL REI D. MANOEL, | XII. Livros | Dedicados | Ao | Cardeal D. Henrique | Seu Filho | Por | Jeronymo Osorio, | Bispo De Sylves; | Vertidos Em Portuguez | Pelo Padre | Francisco Manoel Do Nascimento. | Tomo I. | Lisboa. M.DCCC.IV. [1804] | Na Imprensa Régia. | Por Ordem Superior. (BIB: 21-b-2; 411 pp.)*

## TEXTU LATINO

HIERONYMI | Osorii  
Silvensis | Algarbiorum In  
Lv-sitania Epi-scopi, |  
DE REBUS EMAN-|nuelis,  
Lvsitanorum Re-gis  
Invictissimi Vir-tute &  
auspicio gestis, | Liber  
Secundus.

(f. 52v) Sed tanta erat in hominibus ingenij tarditas, tantusq stupor in animo, vt nullis signis de re aliqua admoneri potuerint. Tum Capralis eos vestibibus ornatos, tintinebulis et aeneis armillis, et speculis donatos in terram exponi iubet. <...> Admirantur specula,

## TRADUÇÃO

Da Vida E Feitos D'ELREI D.  
MANOEL. Livro II.

[...]

<...> (p. 144) Mas tão boto engenho tinham estes Indios, e tão embaçados estavam de animo, que se lhes não pôde por sinais dar nada a perceber. O que visto por Cabral, lhes deu alguns pannos, cascadeis, aneis de latão e es-(p. 145)pelhos, e assim dadivados, os



oblectantur tintinabulis, efferuntur armillis, intuentur nostros, et expleri, singula spectando nequeunt. Tum Capralis simplicitate gētis inuitatus, in terrā descēdit. Igiq̃ sub vmbra arboris ingentis altare construī iubet, et statuit, vt res diuina maxima cum caeremonia fieret, et concio etiam de rebus diuinis haberetur. Ab huius sacrificij spectaculo nō fuere terrae illius cultores exclusi taciti verō et stupore defixi, Caeremonia-rū sanctitatem, et symphoniae concentum intimis sensibus vsurpabant: et demisso corpore se moueri plurimū religione significabant. Cū verō, peractis rebus sacris, Capralis se in classem recipere voluisset, eum ad schaphas cum maximo gaudio prosegunti sunt. Quanta verō Laetitis affecti essent, cantibus crebris, et buccinarū et cornū concentib. et corporum gestibus, et sagittis in aeren missis, et manib. (f. 53r) in caelum intentis indicabant. Videbantur enim DEO summas agere gratias, quōd gentem illam ad eas oras detulisset. (...) (f. 54r) Est in magno apud illos honore quoddā genus hominum maleficū quos de rebus incertis (f. 54v) consulunt. Appelluntur ab illis Pages. Hi gestant in summa sagitta cucurbitam ignem subiiciunt, et fumum ex herbis congestis faciunt. Tum sumum illum naribus accipiunt, vsq̃ eō, dum ebrii vacillant, et corruūt, et extra mentem rapiuntur. (...) Hi quocunque veniunt, summo omnium plausu recipiuntur, viae muniuntur, carmina ad tibias gentis more concinnantur, Choraeae agitantur: (...) Sunt ad Laborem pigri, ad luxum et otiiu propensi: quoties à bellis conquiescunt, totum tempus in conuiujs, et saltationibus sine vilo modo conse-(f. 55r)unt. Choros in eodem loco per insistentes circum orbem versant. In cantibus non distinctis sonorum interuallis, sed simplici vocum ratione carmina modulantur. Illic autem quae fecerint in bello commemorant, facinoragūe sua summis

mandou pôr em terra. (...) Embelezavão-se nos espelhos, divertião-se com os cascaveis, altanavão-se com os braceletes, estavão fitos em nós, sem se poderem faltar de remirar cada cousa per si. A simpleza desta gente empenhou a Pedro Alvares Cabral descer á terra, e alli á sombra de huma arvore grossissima mandar erguer hum Altar, onde com grande cerimonia se celebrasse Missa cantada, e houvesse pregação. Nem forão excluidos daquelle espectáculo os colonos daquelle terra, que mudos e estupefactos entranhavão sem pestanejar no intimo dos sentidos a sentidade das ceremonias, e a harmonia do canto; e na inclinação de seus corpos mostravão-se muito entrados do nosso culto. E quando o Cabral se vinha retirando para as náos, o vierão com muito gosto acompanhando até ás lanchas: tão declaradas erão estas significações de rigozijo, que com amudados cantos, com tangēres de cornos e buzinas, com gestos de seu corpo, com settas atiradas ao ar, e as mãos apontadas para o Ceo, parecião render immensas graças a Deos, de ter (p. 146) alli trazido aquelles homens. (...) (p. 149) Observão agouros [os homens do 'Brasil'], e são dados a empeçonhamentos. São entre elles em muita honra certos homens maleficos, a quem vão consultar nos casos duvidosos. Chamao-lhes Pages. Trazem estes na ponta d'huma setta huma cabaça com figura de homem ass, e cada vez que lhes dá na vontade, mettem brazas (p. 150) na cabaça e de sobrepostos hervas sahe fumo, que resfolga pelos narizes, até bebados tremelhicarem, se esponjanem, e sahirem de si. (...) (p. 151) São mui preguiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao jogo, e descanso: todo o tempo que não empregão na guerra, o dão aos banquetes, ao canto e dança sem theor algum. Toda a sciencia de sua dança está n'huma roda, que vai sempre saltando, e seu canto n'huma nota monotona, que não sobe, nem desce na entoação das copias. Alli se recitão as proezas, que na guerra



laudibus extollunt: *et* omnes cantus  
ad virtutis militaris laudem  
reuecant, *et* interim sibilis *et*  
pedum strepitu eandem symphoniam  
prosequuntur. Alij verò saltantibus  
pocula ministrent, donec tandem  
omnes temulètia oppressi sternantur.  
<...>

[...]

acabáram, a que dão consummados  
elogios, e todas as canções tornão  
em applauso do esforço militar: o  
acompanhamento desta musica lho  
fazem elles assoviando e batendo  
com os pés. Andão em tanto os  
outros occupados a dar de beber aos  
dancantes, até que assoberbados do  
beberete caião sem sentidos. <...>

[...]

133. OSÓRIO se refere ao maracá, mas não menciona seu nome, o que era comum entre os escritores portugueses. SIMÃO DE VASCONCELOS (Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, 1663, Das notícias antecedentes, livro II, § 16) parece ter tomado este trecho, reorganizando-o da seguinte maneira: «Vão alguns de sua cabço a modo de cabeça de homem fingida, com cabellos, orelhas, narizes, olhos, & boca: entriba esta sobre esta frecha, como sobre pescopo, & quando ourem dar seus oracões fazem fuma dentro desta cabço com folhas secas de tabaco queimadas; & de fumo que sae pelos olhos, ouídos, & boca da fingida cabeça, recebê pelos narizes tanto, até que com elle ficão perturbados, & como tomados do vento».



## PERO DE MAGALHÃES GANDAVO

&lt;1540 ? - ?&gt;

DOCUMENTO: HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ. c. 1575.

TEXTO: Único manuscrito conhecido. Apógrafo em português, do fim do século XVI. Biblioteca de Escorial, IV-b-26, 31 ff. (3 ff. brancas no começo e 9 no fim). Título (f. 5r): « História da provincia Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Illustre senhor Don Leonis Pereira ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (História da História do Brasil, 1979, livro I, cap. I, n.º 2, p. 429) informa: « Emanuel Pereira Filho mostrou antes que Gandavo escrevera duas versões do Tratado [da Terra do Brasil], uma dedicada a Rainha D. Catarina, e outra dedicada ao Cardeal Infante D. Henrique. "Estas duas versões que deveriam ter sido redigidas entre 1567 e 1569, foram posteriormente (entre 1570 e 1572), refundidas e ampliadas num trabalho definitivo que recebeu o título de História da Província de Santa Cruz" [nota 23]: "As duas versões do Tratado de Pero de Magalhães Gandavo", Revista do Livro, 21-22, março-junho 1961, 85-107 ».

Nas pp. 429-430 RODRIGUES dá as principais edições desse texto, que resumimos: a edição de Lisboa, 1576; a edição na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, (v. 21, 1858); a edição inglesa por John A. Stetson (New York, Cortes Society, 1922); e a conhecida edição com advertência de Afrânio Pezzolo, nota bibliográfica de Rodolfo Garcia e introdução de Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, Américo de Brasil, 1924. Há também a edição de 1980 (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUEP), col. reconquista do Brasil, nova série, v. 12.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (op. cit., p. 436) informa que « Pouco se sabe sobre sua vida. Natural de Braga, descendente de flamengos. Barbosa Machado [Bibliotheca Lusitana, Lisboa, v. III, 1752, p. 391] escreve que ele foi humanista e latino e abriu escola pública entre o Douro e o Minho ».

PRIMEIRA EDIÇÃO: História da provincia santa cruz | a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de | Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. senhor Don Leonis P<sup>ra</sup> governador que foy de Malaca e das mais partes | do Sul na Índia. [Colofão]: Impressa em Lisboa, na officina de Antonio Goncalves Anno de 1576. (46 ff., num. no verso, 2 ests.).

EDIÇÃO UTILIZADA: HISTORIA | DA PROVINCIA SANTA CRUZ, | a que vulgarmente chamamos Brasil, | feita por Pero de Magalhães de Gandavo, | dirigida ao muito illustre senhor | Don Leonis Pereira, | Governador que foi de Malaca e das mais partes do sul | na Índia. | Lisboa | na Typografia da Academia Real das Sciencias | 1658. [Collecção | de opusculos reimpressos | relativos á historia das navegações, viagens | e conquistas | dos | Portuguezes | pela | Academia Real das Sciencias | Tomo I | Nº III.] 11 p., 68 p. [Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, L-6, 39]. Nesta edição, que atesta a existência de outro exemplar da "história" na biblioteca de M. Fernand Gonsalves, há a seguinte observação, à p. VII: « A copia manuscrita, de que nos servimos para esta segunda edição, pertence á Biblioteca da Academia Real das Sciencias [...] ».

[1.] (p. 56) Huma das couzas em que estes Indios [*que habitam pela costa, e em partes pelo sertão dentro muitas legoas, com que temos communicação. Os quaes ainda que estejam divizos, e haja entre elles diversos nomes de nações, todavia na semelhança, condiçam, costumes, e ritos gentiliços, todos são hums*] mais repugnam o ser da natureza umana, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, he nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem haver ás mãos, como nam seja de seu rebanho. Porque nam tan somente lhe dam cruel morte em tempo que mais livres e desempeidos estan de toda a paixão: mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comen todos a carne usando nesta parte de cruexas tan diabolicas, que ainda nellas excedem aos brutos animaes que nam tem uzo de razam nem foram nascidos para obrar clemencia.



[2.] Primeiramente quando tomam algum contrario se logo naquella fragante o nam natam levanno a suas terras pera que mais a seu sabor se possam todos vingar delle. E tanto que a gente da aldêa tem noticia que elles trazem o tal cativo, dahi lhe vam fazendo hum caminho até obra de meia legos pouco mais ou menos onde o esperam. Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vituperios tangendolhe humas frantas que costumam fazer das canas das pernas doutros contrarios semelhantes que matam da mesma maneira.

[3.] E como entram na aldêa depois de assi andarem com elle triumphando de uma parte pera outra lançanlhe ao pescoço hum corda de algodão que pera isso tem feita, a qual he muy grossa, quanto naquella parte que o abrange, e tecida ou enlaçada de maneira que ninguem a pode abrir nem cerrar senão he o mesmo official que a faz. Esta corda tem duas pontas compridas per onde o atam de noite pera nam fogir. Dali o metem numa caza, e junto da estancia daquella que o cativou lhe arman hum rede, e tento que nella se lança cessam todos os agravos sem haver mais pessoa que lhe faça nenhuma offensa. E a primeira couza que logo lhe apresentam, he hum noça, a mais fermosa e honrada que ha na aldêa, a qual lhe dam por mulher: e dahi por diante ella tem cargo de lhe dar de comer e de o guar(p. 57)dar, e assi nam vay nunca pera parte que o nam acompanhe. E depois de o terem desta maneira muy regalado hum anno, ou o tempo que querem, determinam de o matar, e aquelles ultimos dias antes de sua morte, per festejarem a execuçam desta vingança, aparelham muita louça nova, e fazem muitosinhos do sumo de hum planta que se chama aipim de que atraz fiz mençam. Neste mesmo tempo lhe ordenam hum casa nova onde o metem. E o dia que ha de padecer pela manhã muito cedo antes que o sol saye, o tiram della, e com grandes cantares e folias o levam a banhar a uma ribeira. <...>

[...]



**ANDRÉ THEVET**  
(1502 - 1590)

LIVRO: A COSMOGRAPHIA UNIVERSAL. Paris, Guillaume Chaudiere, 1575.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A Cosmografia nunca foi reeditada por completo. Mas a parte que interessa ao Brasil foi transcrita, com notas por SUZANNE LUSSAGNET no *Les français en Amérique, pendant la deuxième moitié du XVI<sup>e</sup> siècle* (Paris, Universitaires de France, 1955, v. 1).

EDIÇÃO UTILIZADA: LA COSMOGRAPHIE universelle | d'André Thevet Cosmographe de Roy. Illustree de diverses figures de | choses plus remarquables venues par | l'Auteur, & Inconnues de nos Anciens & Modernes. | Tome Second. | A Paris, | Chez Guillaume Chaudiere, rue S. Jacques, à l'enseigne du | Temps, & de | l'Homme sauvage. | 1575. | Avec Privilège du Roy. [37 x 23; 1 f. pr., 8 ff. inun., 1 mapa, (2f.), 557 ff. num. (de 469 a 1025), 1 mapa, 1 f. inun., 16 ff. inun.] (BIBR: 18-5,13).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: FÁBIO EXETERA.

OBSERVAÇÃO: As gravuras deste livro são as mesmas de "Les singularitez de la France Antarctique", do mesmo autor (1536), mas a sua apresentação é invertida (da esquerda para a direita).

**TEXTO**

**TRADUÇÃO**

Tome Quatrieme. Description de la Quatrieme partie du Monde, illustree de nostre temps.

Tomo quatro. Descrição da quarta parte do mundo, ilustrada ao nosso tempo.

Cap. VII.

De la racine D'hetich, de laquelle ils vsent en leur manger, et de leurs Pagez et Caraibes. CHAP. VII.

Da raiz de jetica [batata-doce], da qual eles se usam em sua alimentação, e de seus pagés e caraibas.

[1.] <...> (f. 921v) Et s'aident sur toute poison, d'un arbre, qu'ils nomment Ahoun, qui a son fruit venimeux & mortel, de (f. 922r) la grosseur d'une Chastaigne moyenne, dangereux sur tout venin, & mesmement le noyau: & ce fruit est blanc, avec son noyau, fait en la forme d'un A lettre grecque. <...>

<...> Servem-se, entre todos os venenos, de uma árvore que eles chamam aguai, cujo fruto é venenoso e mortal, do tamanho de uma castanha de porte médio, perigosa pelo seu veneno, mesmo o seu caroço. Esse fruto é branco, com o caroço em forma de letra grega A [delta] <...>



(f. 922r) Arbre de l'Ahouai [árvore de aguai]



<...> Les Sauvages ne donneroient pour rien du monde de ce fruit [Ahoua] fraiz cueilly aux estrangers, s'ils ne sont de leurs ennemis, & à qui ils veulent nuire: mesmes ils deffendēt à leurs enfans d'y toucher, iusques à ce que le noyan soit dehors, auquel gist & consiste toute la force du venin, & les coquilles du fruit estans

<...> Os selvagens não dariam por nada no mundo deste fruto [aguai ou chapeu-de-Napoleão (Thevetia ahouai)] frescamente colhido aos estrangeiros, a não ser aos seus inimigos, a quem eles quisessem prejudicar. Até proibiam aos seus filhos de tocá-lo, antes de terem tirado seu caroço, no qual se concentra toda a força do veneno. E



seiches, ils en font des sonnettes, qu'ils portent en leurs iambes, lesquelles sonnent aussi dru, que celles qu'on fait par deca, & en vsent hommes & femmes, lors qu'ils font leurs Cahouina (f. 322v) ges & massacres: tellement que quelquesfois vous n'orriez pas tonner, lors qu'ils dansent, accompagnez de diuerses sortes d'instruments, faits à leur mode. Et de telles braves sonnettes i'en ay vne belle rangee en mon Cabinet, avec quelques vnes de leurs especes, & pareillement diuerses sortes de peaux d'oyseaux escorchez. <...>

Les Sauvages croient que l'ame est immortelle: et la façon de mettre les morts en terre. CHAP. VIII.

[1.] <...> (f. 324v) [*"Curiosité de Quôniabec"*] Il prenoit si grand plaisir à nous regarder, pendant que nous faisons nos prières, qu'il se prosternoit à deux genoux & esleuoit les mains au ciel, tout ainsi qu'il nous voyoit faire: & estoit si curieux de sçauoir ce que nous disions qu'il me pria luy apprendre quelques vnes de nos oraisons. Ce qui m'incita de tourner & reduire en leur lãgue, avec vn esclave Chrestien, nostre oraison Dominicale, la salutatio Angelique, & le Simbole des Apostres: afin d'attirer ce grand Roy, & tous ses subiets, à la cognoissance de leur salut, & admiration des faits de Dieu: ce que ie vous ay bien voulu icy représenter sous les mesmes termes & langage du pais, comme chose non encores veüe, ny descrite par aucuns des anciens ny modernes.

(f. 325r) | Oraison Dominicale en Sauvage. | [*"Pater"*] O Re rure vbacpé Ereico. Toicoap pauengatu aua vbu | Iagatou oquouae charai b'-ano derera reco | Oreroco Ieppé vucapé. Toge noghanga | deremipotare vbucapé vucapé igemonang iaué. | Araiaucion ore reniou Zimeeng cori oreue. De guron oréuo | orememoan angai paue

com as cascas do fruto, estando secas, fazem chocalhos, que colocam nas pernas, os quais soam tão forte quanto os fabricados lá [na França]; os homens e as mulheres os usam quando fazem suas cauinagens e massacres. Assim é que, às vezes, não se ouve outra coisa, quando dançam, acompanhados pelos diversos tipos de instrumentos, feitos ao seu modo. Tenho em meu Gabinete uma bela fileira destes bravos chocalhos, com algumas de suas espécies, e também diversos tipos de peles de pássaros deviscerados. <...>

#### Cap. VIII.

Os selvagens acreditam que a alma é imortal; e o modo de colocarem os seus mortos na terra.

<...> [*"Curiosidade de Dunhambeta"* (principal indígena)] Ele tinha grande prazer em nos observar enquanto fazíamos as orações, ao que ele se prostrava sobre os dois joelhos, elevando as mãos ao céu, tudo como nos via fazer. Ficou tão curioso em saber o que dizíamos, que me pediu para aprender algumas de nossas orações. Isso me animou a traduzir para a língua, com o auxílio de um escravo cristão, nossa Oração Dominical [*Pater noster*], a saudação Angelical [*Ave Maria*] e o Simbolo dos Apóstolos [*Credo*], a fim de levar esse grande rei e todos seus súditos ao conhecimento de sua salvação e admiração dos feitos de Deus. E isso desejei representar com as mesmas palavras e língua do pais, como coisa nunca antes vista, nem descrita pelos autores antigos ou modernos.

Oração dominical em [língua] selvagem: [*"Pai Nosso"*].



supé, orereconoma-sara supe supe  
oregiron iaué. | Eipotaruma aignang  
orenomaugé. Eipea pauengne ba  
ememoan ore fuy. | Emona né toico,  
Iesus. | Salutation Angelique. |  
["Ave"] DE rori Maria Toupan oico  
de irumano de ognonnian, | Ereico  
inombeou gatoupiramo cogna sui as  
aué | de suy osanuae puera de  
Iesus. | ["Sancta"] Sancta Maria  
Toupan su eieruré demembouira supé  
| tighuron oreue, ore memoon angat  
paua supé. | Emona ne toico Iesus.  
| Le Simbole des Apostres. |  
["Credo"] Arobia Toupan rouua nae  
letircan supé y huananguensé |  
Vbaque noghangare, vboy sue  
noghangare. | Arobia Iesu Christo  
taure ô leppé, Toupan Espirito  
sanctos, ô laese, | Igemosae  
nandape turi y anderoc rauo aëosen  
Maria virgon suy, | baërasy  
catúpaue. Pilato oiporarsuocap ysupé  
vtuira gecunasaue | riymo ianaruca  
seon rire, ita caranemoan | Pupe  
ytuna yanga oso ognanga retan,  
| aësiotyury ouc oraue, opoerape |  
carai caturamo oicoué mosapoi  
araroupe ygeou poiri | vbacpé  
teonbouere reid suy oua picqua ô  
iucua, | Ecatouuua, cotoyoine  
maëtetiroan supe yhauan | gabmae  
sesuiturine oicaueusé, onenoueuae,  
| puera, recoquera repugae enge  
ysupene, | Arobia Espirito sanctos,  
Arobia Toupan roqu'gemonga-raipaue  
| Toupan rofe ogerobia ruuae  
gemongaraipaue: | Arobia ychagnuan  
pupe catou Toupan roupapé | y  
cataicatonae gagnugnangaue à se  
raroaue soupé | gurundaua à se rete  
poëropaue, Arobia Toupan | roripaue  
à sereco be boucon. | Emona ne  
toico Iesus.

[...]

[1.] <...> (F. 826r) Or donc  
quand quelque pere de famille est  
decédé entre ces Sauvages, soit en  
guerre, de vieillesse, ou bien de  
quelque accident: leurs femmes font  
conper leurs cheveux pres de la  
teste, apres en auoir arraché vne  
grand partie avec horribles pleurs  
& lamentations fort piteuses,  
qu'elles continuent, non deux ou  
trois iours, mais bien par l'espace  
de demy an: Neantmoins le grand  
deuil se fait les quatre ou cinq

Saudação angelical.  
["Ave Maria"].

O simbolo dos apóstolos.  
["Credo"].

<...> Quando algum pai de famí-  
lia entre esses selvagens morre,  
seja em guerra, de velhice, ou  
então acidentalmente, suas mulheres  
prendem seus cabelos à testa, após  
ter arrancado parte deles com  
grandes choros e lamentos muito  
lúgubres, que eles continuam não  
por dois ou três dias, mas durante  
meio ano. Todavia, o grande duelo  
se faz nos primeiros quatro ou cin-  
co dias decorridos do falecimento,  
é coisa horrível ouvi-las chorar,



premiers iours apres le trespas. C'est chose hideuse de les ouyr crier, lors qu'ils lamentent: & en est aussi plaisante l'harmonie, qu'est le bruit des Chiens & Chats s'entrebattans ensemble. Vous verriez hommes & femmes conchees sur leurs litz pendans, les autres le cul contre terre, s'enbrassans l'un l'autre, & faisans mille signes de tristesse, vsans les femmes de telles parolles en leur langue *Chérénimotarouère ynen*, faisans cest *ynen* long de quatre à cinq poses ou enuiron, puis apres font vn soupir ainsi, eh hé hé hé hé heh: puis vn autre éh, hé, héh, heh, heh, de deux poses & demie, lesquelles pleurs & lamentations si elles estoient vsitees aux femmes de pardeça pourroient estre ainsi interpretees. Cestuy-là que i'aynois tant hélas!

enquanto se lamentam. é uma harmonia tão agradável de ser ouvida quanto a de cães e gatos que se debatem. Podem ser vistos homens e mulheres deitados em suas redes, outros sentados no chão, abraçando-se e transmitindo muitos sinais de tristeza. Usando as mulheres dessas palavras de sua língua, *Xeré mimotarú erê inã*, falam esse *inã* durante quatro ou cinco tempos, aproximadamente, e depois suspiram assim: he, he, he, he, he, he. Novamente dizem he, he, he, he, he, em dois tempos e meio, aproximadamente. E, pela quarta vez, he, em um tempo e meio, podendo essas prantos e lamentos serem assim interpretados, se fossem emitidos pelas mulheres daqui [da França]: "Ai de mim! lá está aquele que tanto amei!"

(f. 926r) Ceremonies cōme ils enterrent les trespassez  
[Cerimônias com que elles enterram os mortos]



*Ceremonias  
cōme s'enter-  
rent les  
trespassez.*



Les enfans & autres parens vsent de parolles de telle substance, Helas, Nostre pere & amy est mort! il estoit tant hõme de bien, si vaillant à la guerre, & qui auoit fait mourir grand nombre de noz ennemis. Hé qu'il estoit puissant & fort! comme il labouroit bien noz iardins, & prenoit des bestes & poissons pour nous nourrir Helas! il est trespasé, nous ne le verrons plus, si ce n'est apres la mort que nous irõs avec noz amis, au pais que noz Pagez nous disent auoir veu. Et encor vsent-ils de mille autres propos, qui seroient longs à discourir, qu'ils repetent plus de mille fois nuict & iour, par l'espace des cinq iours, qu'ils lamentent le plus: & lors mettent le corps en terre, comme ie vous ay dit cy dessus, se mettãs à l'entour de sa fosse, ainsi que ie vous ay exprimé par la presente figure faite au naturel. <...>

[...]

As crianças e outros parentes dizem palavras desta natureza: "Ai de nós! Nosso pai e amigo está morto! Foi tão bom homem, tão valente na guerra, matou tantos dos nossos inimigos. Como era forte e vigoroso! Como trabalhou bem em nossos jardins e caçou animais e peixes para nos alimentar! Ai de nós! Ele está morto, não o veremos mais, a não ser após a nossa morte, quando iremos, com nossos amigos, ao país que nossos Pagez dizem existir!" Usam também de milhares de outras falas, que seriam longas demais para serem descritas, as quais repetem mais de mil vezes, noite e dia, durante os cinco dias em que se lamentam. Então colocam o corpo na terra, como descrevi acima, descendo-o no túmulo, como representei na presente gravura, feita ao natural. <...>

[...]

(f. 827v) Banquets et dances des Sauvages  
[Banquetes e danças dos selvagens]





<...> (f. 927v) Après avoir donc bien bâquetté, faisans des flutes, des oz des braz & iambes de leurs ennemis, & autres instrumens, cōme tabourins faits à leur mode, (f. 928r) & s'en vont sautans & dancans ioyeussement tout autour de leurs loges, là où ce pendant les plus anciens ne cessent tout le long du iour de boire sans mager, selon laccoustume, & sont seruis par les vefues du deffunct, & parentes d'iceluy. <...>

<...> Depois de terem então banquetado muito bem, fazendo flautas com os ossos dos braços e das pernas dos seus inimigos, e outros instrumentos, como tamborins feitos ao seu modo, vão pulando e dançando alegremente em volta de suas casas, onde os mais velhos ficam o dia todo bebendo e comendo, segundo o costume, e são servidos pelas viúvas do defunto e os seus parentes. <...>

#### Cap. IX.

De la charité des Savvages envers les Estrangers.  
CHAP. IX.

Da indulgência dos selvagens com os estrangeiros.

(f. 929r) Femmes et filles pleurēt de ioye  
[Mulheres e meninas chorando de alegria]



Les Singularitez  
de la France  
Méridionale.



Cap. XI.

Description de la maladie  
des *Pians*, ferremens  
desquels ils vsent pour  
s'inciser des arbres,  
herbes et fructs. CHAP.  
XI.

Descrição da doença chamada  
*piã*, instrumentos que eles  
usam para cortar árvores,  
ervas e frutos.

(f. 834r) comme les Sauvages vsent envers leurs maladies  
[como os selvagens procedem em suas doenças]



Cap. XIV.

Comme ces Savvages se font  
la guerre, et dequoy ils  
font leurs bastons à  
combattre. CHAP. XIII.

Como esses selvagens fazem  
a guerra e com o que  
produzem os artefatos para  
o combate.



(f. 943v) contenance des sauvages deuant que venir au cōbat  
[Uso dos selvagens durante o combate]



#### Cap. XIV.

Comme ces Sauvages se font  
la guerre, et dequoy ils  
font leurs bastons à  
combattre. CHAP. XIII.

Como estes selvagens fazem  
a guerra e de que fazem  
suas clavas para o combate.

[1.] <...> (f. 944r)  
[*Fiffres et autres instrumens des Sauvages.*] Et ayans rapporté la victoire, c'est plaisir que de voir noz Sauvages, s'en retourner en leurs maisons, gais & ioyeux, s'eicuyssans avec tout signe d'allegresse, sonans de leurs fifres, faits des os de leurs ennemis, & de grosses coquilles de mer, & fruits desseichez, propres à sonner, tel son & harmonie, que diriez les cornets des postillons de pardeça, y adicustans la voix.

<...> E tendo eles vencido, é um prazer ver os nossos selvagens retornando às suas casa, alegres e felizes, fazendo sinais de alegria, e tocando seus pífaros, feitos com os ossos de seus inimigos, e grandes conchas do mar e frutos secos, próprios para soarem, com tal som e harmonia como as cornetas dos postilhões de lá [da França], substituindo a voz. O que é muito bom ouvir, e ainda mais ver, é como têm suas armas ornamentadas e enriquecidas de ricas penas, e



Ce qui fait tresbon ouyr, & encor plus plaisant voir, comme ils ont leurs armes estopees & enrichies de riches plumages: & ainsi ils viennent triomphans & branans dresser leurs banquets en leur terre. Autres font des trompettes d'oz de grosses bestes: tellement qu'estans ainsi assëblez, ils rendët la plus magnifique melodie qu'il est possible de voir. <...>

assim voltam triunfantes e altivos, para fazerem banquetes na sua terra. Outros fazem trobetas com ossos de grandes animais. E quando estão assim juntos, produzem a melodia mais magnífica que é possível de se ver. <...>



## LUÍS DA FONSECA

(c. 1550 - 1594)

DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO R. P. PROVINCIAL INÁCIO TOLOSA AO P. GERAL DA COMPANHIA DE JESUS EM ROMA. São Salvador da Bahia, 17 de dezembro de 1577.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Essa carta foi publicada apenas nas *Lettres du Japon, Peru, et Brasil* (edição única de Paris, Thomas Bruen, 1578), no capítulo « *Quelques points tirez des Lettres du Brasil, envoyées au R. P. General de la Compagnie de Jesus par ceux de la mesme Compagnie, 1577* », com a data (p. 110): « *A Dieu mon R. Pere De Baye, cité de S. Sauver, le dixseptiesme du mois de decembre, l'an de salut. Cij 15 LXXVII.* » Par la cõmission du R. P. Provincial, Ignace Tholose. ¶ De V. R. Fraternité ¶ Le tres-indigne fils, en nostre Seigneur, ¶ Louys Fonseca ».

NOTA SOBRE O AUTOR: BERAFIN LEITE (História da Companhia de Jesus no Brasil, v. VII, 1943, p. 254) informa: « Nasceu cerca de 1550 em Lisboa (Alvalade). Entrou na Companhia, com 18 anos, em 1568. Foi para o Brasil em 1569, e na Bahia tirou o grau de Mestre em Artes. Fez a profissão solene, na mesma cidade, a 30 de Novembro de 1583, recebendo-a Cristóvão de Gouveia ». FONSECA foi para Roma em 1593, morrendo em Madrid (1594), quando voltava para o Brasil.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: LETTRES Du Japon, Peru, Et Brasil, | Envoyees au R. P. General | de la Societé de Jesus, par ceux de la-dite Societé qui s'employent en ces | Regions, à la conversion des Gentils. | Recueillies à Monsieur Chartier, | seigneur d'Alein-ville. | (grav.) | A Paris, | Chez Thomas Bruen, demeurant au cloz | Bruneau, à l'enseigne de l'Olivier. | M. D. LXXVIII. [1578] | Avec Privilege. (BIB: 16-c-1; 110 pp., 1 f. inam.)

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

## TEXTO FRANCÊS

[...]  
[4.] <...> (p. 37) On leur  
fait dresser des Croix par tout les  
villages, devant lesquelles s'estés  
mis à genoulx chantoient les  
Letanies. <...>

[...]  
[7.] <...> (p. 44) [“Visite  
du P. Provincial, & sa bien venue  
par tout”] Cette année comme les  
autres, nostre P. Provincial les a  
visitez, demeurant huit iours en  
chascue Bourgade, qui sont quatre.  
Et pourtant i'escriray ce qui est  
advenu en ce mois. Les habitants du  
bourg saint Iacques, entendās la  
venue dudict Provincial, sont allez  
au devant en procession, chantans  
harmonieusement le Pseaume Laudate  
Dominū, le conduisant en toute  
allegresse iusques à l'Eglise.  
<...>

[...]  
[13.] <...> (p. 54) [“Le  
Catechisme appris des enfans, & des

## TRADUÇÃO

[...]  
<...> Fizeram [aos tapuias]  
erguer cruzeiras em todas as aldeias,  
diante das quais ajoelham-se para  
cantar as ladainhas. <...>  
[...]

<...> [“Visita do p. Provincial  
e boas vindas que lhe deram”] Este  
ano [1557], como os outros, nosso  
p. Provincial [Inácio Tolosa] os  
visitou [“os índios”], permanecendo  
nito dias em cada aldeia, que são  
quatro. E, portanto, escreverei o  
que ocorreu nesse mês. Os  
habitantes da aldeia de São João  
perceberam a chegada do dito  
provincial e foram, em procissão,  
ao seu encontro e, cantando  
harmoniosamente o salmo Laudate  
Dominum, conduziram-no com toda a  
alegria até a igreja. <...>

[...]  
<...> [“O catecismo entre as  
crianças e os outros de maior



autres plus agez"] Les Dimanches & iours de festes leurs enfans vont chantant par les rues le Catechisme en langue Brasilienne, & Portugaise si dextrement, qu'ils ne adent en rié aux enfans des Portugalois. <...>

[...]

[19.] <...> (p. 65) ["Peraya, en chemin prie & catechise"] Or estant party avec vn Compagnon, & quelques autres du pays, tous les matins deuant que sortir du logis, chantoient ensemble les Letanies, <...>

[...]

[25.] <...> (p. 73) ["Les bons offices que ceux de la Cõpaignie faisoient en l'armée Chrestienne"] Le P. Barthasard Aluarus, avec Louys Gonsaluo, l'acõpaigna pour encourager les soldats en vne si sainte querelle, leur celebrât tous les iours la Messe, chantant les Letanies en la preference de tous agenouillez, entendant leurs confessions, les communiât, dressant des croix en tous les lieux (p. 74) qu'ils s'arrestoient. <...>

[...]

[31.] <...> (p. 81) Les plus nobles du Bourg, gisoient en des lits faicts (p. 82) comme rets, tendus sur quatre pauts, ou bois fuchez en terre, parmy la grande court, laquelle retentissoit des cris, sifflades, risses, hurlemens, chansons, iueux, danses, & autres telles Orgyques dissolutions, si qu'on eut dict à la verité que c'estoit vn Enfer: <...>

[...]

[33.] <...> (p. 88) Ce que ayant communiqué avec d'aucuns Gentils-hõmes de nostre bourg, s'en alla au village des Ethniques, acõpagné de plusieurs resoluz de morir pour le defendre. Le iour qu'iceux arriuerent audict village, les Sorciers estoient en vn autre voisin, châtans, dansans, banquetans & faisans grand chere. <...>

[...]

idade"] Aos domingos e dias de festa suas crianças saem pelas ruas cantando tão destramente o catecismo na lingua brasilica e portuguesa, que em nada ficam a dever aos filhos dos portugueses. <...>

[...]

<...> ["Pereira reza e catequiza em seu caminho"] Tendo partido ["João Pereira, bem versado na lingua brasilica"] com um seu companheiro e mais outros do país, cantavam as ladainhas juntos, todos os domingos, antes de deixar suas casas, <...>

[...]

<...> ["Os bons officios que têm os da Companhia no exército cristão"] O p. Baltazar Álvares, com Luis Gonçalves, os acompanha para encorajar os soldados em uma disputa tão santa, celebrando-lhes a missa todos os dias e cantando as ladainhas, preferentemente com todos ajoelhados; ouve suas confissões e os comunga, levantando cruces em todos os lugares onde param. <...>

[...]

<...> Os [índios] mais nobres de cada aldeia deitam-se em leitos feitos como redes, sobre quatro paus ou madeiras fixas na terra, no meio da grande corte, a qual faz soar gritos, assovios, risos, uivos, canções, toques de instrumentos, danças e outras tais dissoluções orgiásticas, que realmente se pode dizer que aquilo é um inferno. <...>

[...]

<...> Assim que se comunicou com alguns fidalgos de nossa vila, foi à aldeia dos nativos, acompanhado de muitos, resolvidos a morrer para defendê-la. O dia em que chegaram à dita aldeia, os feiticeiros estavam em um outro vizinho, cantando, dançando, comendo e preparando grandes manjares. <...>

[...]



# JEAN DE LÉRY

(1534 - 1611)

LIVRO: HISTÓRIA DE UMA VIAGEM FEITA NA TERRA DO BRASIL, TAMBÉM DITA AMÉRICA. La Rochelle, Antoine Chappin, 1578.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: São estas as edições mais conhecidas do livro de LÉRY: *Histoire d'un voyage...* (La Rochelle, Antoine Chappin, 1578); *Histoire d'un Voyage...* (Geneve, Antoine Chappin, 1580); *Histoire d'un Voyage...* ([Geneve], Antoine Chappin, 1585); *Historia navigationis in Brasiliam...* ([Genevae], Eustathius Vignon, 1586); *Histoire d'un Voyage...* ([Geneve], Eustache Vignon, 1594); *Historia Navigationis in Brasiliam...* (Genevae, Eustathius Vignon, 1594); *Histoire van een Reys...* (Amstelredam, Cornelis Claesz, 1596); *Histoire d'un voyage...* (Geneve, Eustache Vignon, 1599); *Histoire d'un Voyage...* ([Geneve], Eustache Vignon, 1600); *Histoire d'un voyage...* (Geneve, Jean Vignon, 1611); *De seer aenmerkelyke en vermaerde Reys...* (Leyden, Pieter Vander Aa, 1706); *Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien...* (Münster, Piatpoetischen Buchhandlung, 1794); *Johann von Lery's Reise in Brasilien...* (Leipzig, Somerschen Buchhandlung, 1809); a tradução portuguesa na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52(2): 11-372; *Histoire d'un voyage...* (Paris, Alphonse Lemerre, 1879-1880); *História de uma viagem...* (Rio de Janeiro, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1926); *Viagem à terra do Brasil...* (São Paulo, Martins, 1941), com segunda edição em 1972; *Histoire d'un voyage...* (Paris, Epi, 1973); *Histoire d'un voyage...* (facsimile da edição de 1580, Geneve, Droz, 1976); *Viagem à terra do Brasil...* (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUEP, 1980). O texto completo de LÉRY também foi publicado em coleções, como a *América Tertia Pars...*, de THEODORE DE BRY (Francofurti ad Moenam, Theodori de Bry, 1592) e suas edições posteriores, nas resumos de sua *Histoire d'un voyage* aparecem em dezenas de livros (a maioria contendo as informações que interessam a musicologia), dos quais destacamos os principais que foram escritos até o fim do século XIX, sem mencionar as edições posteriores: GIROLAMO BENZONE - *Historia Del Mondo Nuovo...* (Venetia, Pietro & Francesco Tini, strade, 1572); DE LA POPELLINIÈRE - *Les Trois Mondes...* (Paris, Pierre l'huillier, 1582); GUILLAUME GALUSTE DU BARTAS - *La Seconde Sepmaine...* (Rovers, Herman Merseman, 1591); PHILIPP ZIEGLER - *America, Das ist Erfindung...* (Frankfurt, am Mayn, Nicolaus Hoffman, 1617); JOHANNES BOENUS - *Mores, leges, et ritus omnium gentium...* (Genevae, L. Tornassius, 1620); JOHANNES DE LAET - *Nieuwe Wereld ofte Beschrijvinghe van West-Indien...* (Leyden, Isaack Elsevier, 1623); THEODORE DE BRY - *Decima Tertia Pars Historiae Americanae...* (Francofurti ad Moenam, Mathaei Meriani, 1634); PIERRE D'AMITY - *Description Generale De L'Amerique...* (Paris, Laurent Cottereau, 1643); VINCENT LE BLANC - *Les Voyages Fameux du Sieur Vincent Le Blanc...* (Paris, Gervaise Clousier, 1649); JOHANN LUDWIG GOTTFRIED - *Neue Welt Americische Historien...* (Frankfurt am Mayn, Merianischen Erben, 1655); ERASMUS FRANK - *Der und West-Indischer wie auch Sinesischer Lust und State-Warten...* (Nürnberg, Johann Andreae Erben, 1668); FRANÇOISE CORREAL - *Voyages De François Correal Aux Indes Occidentales...* (Paris, André Cailseau, 1722); JEAN LOUIS HUBERT SINDON - *Storia di naufragi...* (Milano, Paolo Emilio Giusti, 1821-1822); HIPPOLYTE TAINAY & FERDINAND SEMIS - *Le Brésil...* (Paris, Neveu, 1822).

EXEMPLOS MUSICAIS: Reproduzimos os exemplos musicais da edição brasileira de 1900, originalmente extraídos de THEODORE DE BRY. A cada edição da obra de LÉRY, foram introduzidas mudanças nas melodias, a ponto de ser extremamente difícil saber como eram os cantos que o viajante francês ouviu, se é que realmente os presenciou. Há um excelente estudo comparativo das versões existentes das melodias recolhidas por LÉRY em LUIS HEITOR CORREIA DE ALMEIDA - *Tupinaabá melodies in Jean de Léry's "Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil"*, *Papers of the American Musicological Society*, Annual Meeting, 1941. Minneapolis, Richmond, The William Byrd Press, Inc., 1946, pp. 85-96.

NOTA SOBRE O AUTOR: Transcrevemos, aqui, as observações de JOSE HENRÍQUE RODRIGUES na *História de história do Brasil* (1975, livro II, cap. I, nº 3, pp. 41-42): «O outro cronista é Jean de Léry, autor da *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*, que aqui aportou aos sete de março de 1557, voltando a 4 de janeiro de 1558. Calvinista de formação muito adocada, com vinte e dois anos veio ao Brasil acompanhando os quatorze genebrinos enviados por Calvino e como narrador desta expedição sua história conta os sucessos da mesa e as lutas religiosas da colônia. É documento etnográfico, de história natural e civil. Thévét editou suas *Singularidades* vinte anos antes da *Narrative de Léry*, ou cinco, se aceitarmos a declaração deste de que redigira sua obra em 1563. O fato é que Léry foi o primeiro a impugnar a Thévét feitas graves e erros grosseiros, iniciando assim, a



campanha contra a credibilidade do testemunho histórico deste. Desde então, ele foi sempre lido como superior ao capuchinho francês pelos autores brasileiros e estrangeiros. O próprio Gaffarel, que editou as melhores edições de Thévet e Léry e escreveu ele próprio um estudo sobre a história do Brasil Francês no século XVI [nesta edição (p. 4), nota 19]: « *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, Paris, Maisonneuve et Cie., 1878. » ], censura a fidelidade e o estilo de Thévet, considera sua erudição nem sempre sólida, louvando-o apenas como o primeiro ou mais antigo dos historiadores franceses da América. ¶ Coube a Heulhard reivindicar para Thévet o crédito merecido. Thévet, diz ele, não é um polemista; ele se engana, mas não mente como Léry. Thévet é o historiógrafo da expedição e Léry pouco foi mencionado até 1578. Ele surge inopinadamente com uma relação de viagens, onde se atribui um papel importante e demonstra memória fantástica, transcrevendo discursos inteiros de Villegagnon e Coligny, e o que ele deseja é evitar que Thévet fixe a história da colônia francesa no Brasil. O glagiarin torna-se o censor do que ele pilhou e a história torna-se prisioneira da legença [nesta edição (p. 4), nota 20]: « *A. Heulhard, Villegagnon, Roi d'Amérique. Un homme de mer au XVIe. siècle, 1510-1572*, Paris, E. Leroux, 1897, 311-313. » ]. ¶ Heulhard era uma voz dissonante na unanimidade com que se considerava Thévet um mentiroso, imaginativo e infidélissimo. Mas a melhor crítica, crítica de textos, bem informada e erudita, invalidando o acerto de tantos, restaurando sendo a total credibilidade, não, pelo menos, a primazia e a completa originalidade de Thévet, é a de Rodrigues Leite [nesta edição (p. 4), nota 21]: « *Francisco Rodrigues Leite, Jean de Léry, Viajante de Singularidades*, Separata da Rev. do Arquivo Municipal (São Paulo), n.º 108, São Paulo, 1947. » ]. Para ele, quase tudo que Léry conta, outros viajantes já contaram. Frases inteiras que usa, outros já usaram. Entre Thévet e Léry há uma fonte. A fonte direta não é Léry, é o outro. É uma lição, sendo nova, já que Heulhard a defendera em 1897, pelo menos explicitada com método, os textos à vista e em comparação. Para que esta tese seja inteiramente esclarecida só falta que Rodrigues Leite faça um confronto mais completo, não se limitando a alguns exemplos ».

EDIÇÃO UTILIZADA: a) Texto base: HISTOIRE | D UN VOYAGE | fait en la terre | dv Bresil, dite | Amérique. | Contenant la navigation, | et choses remarquables, veues sur mer par l'Auteur. Le com- | portement de Villegagnon en ce pais là. Les mœurs | et façons de | vivre estranges des Sauvages Bresiliens: avec un colloque de leur | langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Poissons | diformes, Arbres, Herbes, Fruits, Racines, et autres choses sin- | gulières, et de tout inconnues par deçà: dont on verra les sommaires | des chapitres au commencement du liure. | Avec les figures, reueues, cor- | rigées & bien augmentées par l'Auteur. | Quatrième Edition, | Dediee | a Madame la Princesse d'Orange. | Le tout recueilli sur les lieux, par JEAN DE LÉRY, | natif de la Mergelle, Terre de Saint Sene au | Duch de Bourgogne. | Pseuue CVIII. | Seigneur, ie te celebrerai entre les peuples, & te dirai | Pseuues entre les nations. | Pour les Heritiers d'Eustache Vignon. | 1600. (16 x 10) 36 ff. inus., 478 pp., 8 ff. inus., 5 ests. . BIEB: II-a, 6).

b) Texto auxiliar: Histoire | D UN VOYAGE | fait en la terre dv Bresil, autre- | ment dite Am- | rique. | Contenant la navigation, choses remar- | quables, veues sur mer par l'auteur: Le compor- | tement de Villegagnon, en ce pais là. Les mœurs | & façons de vivre estranges des Sauvages A- | meriquains: avec un colloque de leur langage. | Ensemble la description de plusieurs Animaux, | Arbres, Herbes, et autres choses singulières, | et de tout inconnues par deçà, dont on verra les | sommaires des chapitres au commencement du | liure. | Non encorres mis en lumiere, pour les causes | contenues en la preface. | Le tout recueilli sur les lieux par JEAN DE | LÉRY natif de la Mergelle, terre de saint Sene au Duché de | Bourgogne, | Seigneur, ie te celebrerai entre les pe- |uples, & te diray Pseuues entre les na- | tions. PSEUV. VIII. | A La Rochelle. | Pour Antoine Chappin. | M. D. LXXVIII. (1578) (16 x 10) 24 ff. inus., 424 pp., 7 ff. inus., 4 ests.. BIEB: II-a, 3; também em II-a, 2).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: 1) feita a partir da 2ª edição: Viagem à terra do Brasil; tradução e notas de Sérgio Milliet; bibliografia Paul Gaffarel; diálogo na língua brasileira e notas etimológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980. 303 pp. (Col. Reconquista do Brasil, nova série, v. 10).

2) (Complementação da tradução da 4ª edição, entre colchetes): PAULO CASTRANA.

OBSERVAÇÃO: Os parágrafos da versão brasileira foram reorganizados, em função da tração dos trechos complementares.



## TEXTO FRANCÊS

## TRADUÇÃO

## CHAP. II.

## Cap. II

De nostre embarquement au port d'Honfleur, pais de Normandie: ensemble des tormentes, rencontres, prinses de Nauires, et premieres terres et Isles que nous descouvrismes.

Do embarque no Porto de Honfleur, na Normandia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.

[...]

[...]

[2.] (p. 10) Ainsi ce mesme iour qu'environ midi nous mismes voiles au vent, à la fortie au port dudit Honfleur, les canonnades, trompettes, tabours, fifres, & autres triomphes accoustumes de faire aux Nauires de guerre qui vont voyager, ne manquerent point en nostre endroit. <...>

(p. 59) Nesse mesmo dia [19 de novembro de 1556], ao meio-dia, deu-se a nossa partida e as salvas, trombetas, tambores e pifanos, e outras demonstrações festivas que se costumam fazer aos navios de guerra nessas ocasiões não nos faltaram. <...>

[...]

[...]

## CHAP. VI.

## Cap. VI

De nostre descente au Fort de Coligny en la terre du Bresil: Du recueil que nous y fit Villegagnon, et de ses comportements, tant au fait de la Region, qu'autres parties de son gouvernement en ce pais-là.

Do desembarque no forte de Coligny; da acolhida de Villegagnon e de seu comportamento em relação à religião e ao governo país.

[...]

[...]

[3.] (p. 65) Apres cela, ayant commandé que tous ses gens s'assemblassent promptement avec nous en vne petite sale, qui estoit au milieu de l'Isle, ques que le Ministre, Richier apres eut invoqué au Dieu, que le Pseaume cinquiesme, Aux paroles que ie veux dire &c. tut chanté en l'assemble: ledit Richier prenant pour texte ces versets du Pseaume vingtseptieme, l'ay demandé vne chose au Seigneur laquelle ie requerrai encores, c'est, que i'habite en la maison du Seigneur tous les iours de ma vie, fit le premier presche au fort de Coligny en l'Amerique. <...>

(p. 86) Mandou ele [Villegagnon, a 10 de março de 1557] então reunir toda a sua gente conosco em uma pequena sala existente no meio da ilha e o ministro Richier invocou Deus. Cantamos em coro o salmo V e dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo XXVII: - "Pedi ao Senhor uma coisa que ainda reclamarei e que é a minha vida"<sup>134</sup> - fez a primeira predica no Forte de Coligny, na América. <...>

[...]

[...]



## CHAP. VIII.

Du naturel, force, stature, nudité, disposition et paremens du corps, tant des hommes que des femmes Sauvages Bresiliens, entre lesquels i'ay fréquenté environ vn an.

[...]

[15.] (p. 118) Que s'il est question de sauter, boire & Caouliner, qui est presque leur mestier ordinaire, afin qu'outre le chant & la voix, dont ils vsent coustumièrement en leurs danses, ils ayent encoir quelques choses pour leur reueille l'esprit, apres qu'ils ont cueilli vn certain fruit qui est de la grosseur, & auement approchant de la forme d'une chastagne d'eau, lequel a la peau assez ferme: bien sec qu'il est, le noyau osté, & au lieu d'iceluy mettans de petites pierres dedans, en enfilans plusieurs ensemble, ils en font des iambieres, lesquelles liées à leurs iambes, font autant de bruit que feroient des coquilles d'escargots ainsi disposees, voire presque que les sonnettes de par deçà, desquelles aussi ils sont fort conuoiteux quand on leur en porte.

[16.] Outreplus, y ayant en ce pais-là vne sorte d'arbre qui porte son fruit aussi gros qu'un œuf d'Austruche & de mesme figure, les Sauvages l'ayant percé par le milieu (ainsi que vous voyez en France, les enfans percer de grosses noix pour faire des moulinets) puis creusé, & mis dans icelui de petites pierres rondes, ou bien des grains de leur gros mil, duquel il sera parlé ail leurs, passant puis apres vn baston d'environ vn pied & demi de long à trauers, ils enfont vn instrumēt qu'ils nomment Maraca: lequel bruyant plus fort qu'une vessie de

## Cap. VIII

Índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano [na margem esquerda de quem entra no Rio da Guanabara, a meia légua do Forte de Coligny, no sítio Olaria, entre fins de outubro de 1567 e 4 de janeiro de 1568].

[...]

(p. 118) Para dançar, beber e caouinar, o que constitui sua occupação ordinária, procuram algo que os anime, além do canto com que em geral acompanham as danças; para isso colhem certo fruto do tamanho da castanha-d'água e com ela parecido. Depois de secá-lo, tiram-lhe os caroços e colocam no lugar algumas (p. 117); anarram-nos então aos tornozelos, pois assim dispostos fazem tanto barulho quanto os guizos dos europeus, dos quais aliás se mostram muito cobiçosos.

Existe também no país uma árvore que dá frutos do tamanho e da forma do ovo de avestruz. Os selvagens os furam no centro como as crianças francesas furam as nozes grandes para fazer molinetes; esvaziam-nos depois, colocando dentro pedrinhas redondas ou grãos de milho, e atravessam-nos com um pau de pé e meio de comprimento. Têm assim o instrumento a que chamam maracá<sup>120</sup> e que faz mais barulho do que uma bexiga de porco cheia de ervilhas. Os brasileiros os trazem em geral na mão e quando me referir à sua religião direi qual a sua opinião acerca do maracá



pourceau pleine de pois, nos Bresiliens ont ordinairement en la main. Quand ie traiteray de leur (p. 119) Religion, ie diray l'opinion qu'ils ont tant de ce Maraca, que de sa sonnerie, apres que par eux il a esté enrichi de belles plumes, e dedié à l'vsage que nous verrons là. <...>

[...]

[ed. de 1578]

[20.] (p. 122) Finalement adioustant aux choses susdites son Maraca en sa main, le pennache de plume nommé Arraroye sur les reins, (p. 123) & ses sonnettes composees de fruits à l'entour de ses iambes, vous le verrez lors, ainsi que ie le représenteray encores en vn autre lieu, équipé en la façon qu'il est quand il dance saut boit & gambade.

[...]

[ed. de 1600]

[25.] <...> (p. 128) & quelquefois le corps peinturé, ne failloyent iamais de venir en troupe danfens au devant de nous quand ils (p. 128) nous voyoyent arriuer en leurs villages. <...>

[...]

#### CHAP. IX.

Des grosses racines, et gros mil, dont les Sauvages font farines qu'ils mangent au lieu de pain: et de leur breuage qu'ils nomment Caou-in.

[...]

[21.] (p. 143) Quand donc ils mettent apres, & principalement, quand avec les ceremonies que nous verrons ailleurs, ils tuent solennement vn prisonnier de guerre pour le manger: leur coustume (du tout contraire à la nostre en matiere de vin, lequel nous aimons frais & clair) estant de boire ce Caou-in vn peu chaud, la pre-(p. 144)miere chose que les femmes font, est vn petit feu à l'entour des cannes de terre, où il est pour le tiéder. Cela fait, commençant à l'vn des bouts à

e da sua sonoridade, sobretudo depois de enfeitados com lindas plumas e empregados em determinada cerimonia.

[...]

(p. 118) Acrescentai-lhe [A imagem do índio] agora na mão o maracá, colocai-lhe na cintura o penacho de plumas denominado araroyê e ao redor das pernas os quizes feitos de frutos e o vereis trajado para a cerimonia da dança, do salto, da bebida e da cabriola como adiante o mostrarei.

[...]

<...> (p. 120) Tinham não raro o corpo pintado e nunca deixavam de vir dançar diante de nós, em grupos, quando nos viam chegar às suas aldeias. <...>

[...]

#### Cap. IX

Das grossas raízes e do milho com que os selvagens fabricam a farinha, comida em lugar do pão; da bebida a que chamam cauin.

[...]

(p. 130) Quando querem divertir-se e principalmente quando matam com solenidade um prisioneiro de guerra para o comer, é seu costume (ao contrário do que fazemos com o vinho que desejamos fresco e limpo) beber o cauin amornado e a primeira coisa que fazem as mulheres é um pequeno fogo em torno dos potes de barro para aquecer a bebida. Começam então por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote e a remexer e turvar a bebida de que vão tirando cuíás cheias, algumas de três quartilhos



descourir le premier vaisseau, & à remuer & troubler ce bruage, puisans puis apres dedans avec de grandes courges parties en deux, dõt les vnes tiennent environ trois chopines de Paris, ainsi que les hommes en dansant passent les vns apres les autres supres d'elles, leur presentans & baillans à chacun en la main vne de ces grâdes gobelles toutes pleines, & elles mesmes en servant de sommeliers n'oubliant pas de choupiner d'autant: tant les vns que les autres ne faillent point de boire & trousser cela tout d'une traite. Mais sçavez vous cõbien de fois? ce sera iusques à tãt que les vaisseaux, & y en eust-il vne centaine, seront tous vuides, & qu'il n'y restera plus vne seule goutte de Caou-in dedans. <...>

[...]

[24.] (p. 145) Ainsi pour continuer mon propos, tant que ce Caou-inage dure, nos friponniers & galebontemps de Bresiliens, pour s'eschauffer tant plus (p. 146) la ceruelle: chantans, sifflans, s'accourageans & exhortans l'un l'autre de se porter vaillamment, & de prendre force prisonniers quant ils iront en guerre, estans arrangez comme grues, ne cessent en ceste sorte de danser & aller & venir parmi la maison où ils sont assemblez, iusques à ce que ce soit fait: c'est à dire, ainsi que i'ai ia touché, qu'ils ne sortiront iamais de la, tant qu'ils sentiront qu'il y aura quelque chose dans les vaisseaux. <...>

[25.] Semblablement aussi, soit qu'ils boient, peu (p. 147) ou prou, outre ce que i'ai dit, qu'eux n'engendrants iamais melancolie, ont ceste coustume de s'assembler tous les iours pour danser & s'esjouir en leurs villages, encor les ieunes hommes à marier ont cela de particulier, qu'avec chacun vn de ces grans pennaches qu'ils nomment **Araroye**, lié sur leurs reins, & quelques fois de **Maraca** en la main, & les fructs secs (desquels i'ai parlé ci dessus) sonnans comme coquilles d'escargots, liez & arrangez à l'entour de leurs

de Paris; os homens passam dançando, uns após outros, junto das mulheres que entregam a cada um a (p. 131) sua cuia cheia; e enquanto os homens bebem de um trago elas, no desempenho do ofício de despenseiras, não se esquecem de bebericar sofrivelmente e isso tantas vezes quantas vezes necessárias para que na centena de potes ali enfileirados não fique uma só gota de cauíim.

[...]

Prossequindo no assunto, direi que enquanto dura a cauinagem os nossos brejeiros americanos, para melhor esquentar o cérebro, cantam, assobiam e se incitam uns aos outros a portarem-se valentemente e a fazerem muitos prisioneiros de guerra; enfileiram-se, como groues, e não cessam de dançar, de entrar e sair da casa em que se reúnem, até que tudo se conclua, isto é, (p. 132) que se tenha esgotado toda a bebida. <...>

<...> Bebem pouco ou muito porém, como não sofrem de melancolia congregam-se todos os dias para dançar e folgar em sua aldeia<sup>136</sup>. Os moços casadoiros adornam-se com um desses grandes penachos a que chamam **araroy** e que são atados à cintura; empunhando às vezes o **maracá** e dispendo nas pernas os **chocalhos** de frutos secos de que acima falei, [soando como conchas de caramujos, presos e arranjados em volta de suas pernas], não fazem outra coisa todas as noites senão entrar e sair de casa em casa dançando e saltando.



iambes, ils ne font presque autre chose toutes les nuicts qu'en tel equipage aller & venir, sautans & dansans de maison en maison: tellement que les voyant & oyant si souvent faire ce mestier, il ne resouuenoit de ceux qu'en certains lieux par deçà on appelle valets de la feste, lesquels és temps de leurs vogues & festes qu'ils font des sainots & patrons de chacune parroisse, s'en vont aussi en habits de fols, avec des marottes au poing, & des sonnettes aux iambes, baguenaudans & dansans la Morisque parmi les maisons & les places.

[26.] Mais il faut noter en cest endroit, qu'en toutes les danses de nos Sauvages, soit qu'ils se fuyent l'un l'autre, ou, comme ie dirai, parlant de leur religion, qu'ils soyent disposez en rond, les femmes ni les filles, n'estant iamais meslees parmi les hommes, si elles veulent danser cela se fera à part elles: comme Iean Leon dit aussi, qu'au Royaume de Fez en Afrique les (p. 146) femmes dansent separees des hommes: tellement que c'est grande honte aux Chrestiens, que pour le moins ils n'ayent autant de modestie en cest endroit que les Sauvages & Mahometains en ont.

[...]

#### CHAP. XI.

De la varieté des oiseaux de l'Amerique, tous differens des nostres: ensemble des grosses chauvesouris, abeilles, mouches, mouschillons et autres vermines estranges de ce pais-là.

[...]

[8.] (p. 172) L'autre nommé Canindé, ayant tout le plumage sous le ventre & à l'entour du col aussi iaune que fin or: le dessus du dos, les aisles & la queue, d'un bleu si naïf qu'il n'est pas possible de plus, estant aduis qu'il soit vestu d'une toile d'or par dessus, &

Ao vê-los assim fazem tantas vezes a mesma coisa vinham-se à lembrança aqueles sujeitos que em certas aldeias nossas são conhecidos por valets de la fête, os quais nos dias de festa ao padroeiro das paróquias andam vestidos de bobos com cetro em punho e quizes nas pernas, brincando e dançando à mourisca pelas casas e praças.

Cumpre notar que em todas essas danças [dos nossos selvagens, ou porque fogem uns dos outros, ou, como eu diria, falando de sua religião, porque estão dispostos em círculos], quaisquer que sejam, nunca as mulheres se misturam aos homens; se querem fazem-no em grupo separado. [Como diz também Jean de Leon, no reino de Fez na África as mulheres dançam separadas dos homens: tanto que é grande vergonha para os cristãos, que eles não tenham, pelo menos, tanta modestia neste lugar os selvagens e maometanos têm.]

[...]

#### Cap. XI

Da variedade de aves da América, todas diferentes das nossas; dos bandos de grandes morcegos, das abelhas, moscas varejeiras e outros vermes singulares desse país.

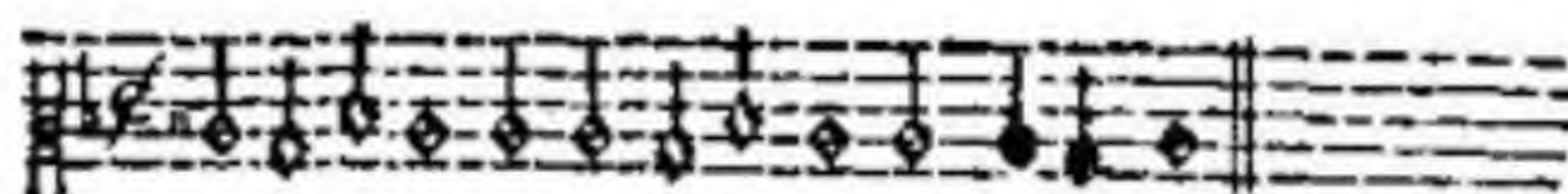
[...]

(p. 149) A outra ave, dita canindé tem a plumagem do peito amarela como o ouro fino; o dorso, as asas e a cauda são de um bellissimo (p. 150) azul, e pasamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima toda sombreada de roxo.



emmantelé de dunes (p. 173) violet figuré par dessus, on est ravi de telle beauté.

[10.] Les Sauvages en leurs chansons, font communément mention de ce dernier, disans & repetans souvent selon ceste musique:





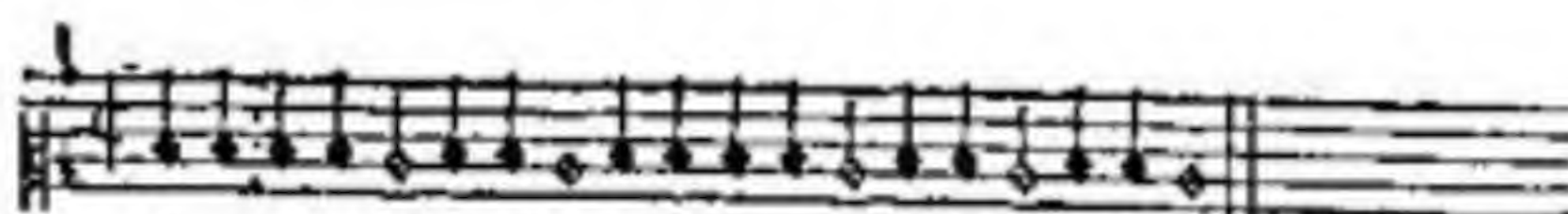
## CHAP. XII.

D'aucuns poissons plus  
communs entre les Sauvages  
Bresiliens: et de leur  
maniere de pescher.

[...]

[3.] (p. 166) CAMOVROVPOVR-OV  
ASSOV, est vn biē grand poisson  
(car aussi Ouassou en langue  
Bresilienne veut dire grand ou  
gros, selon l'accent qu'on lui  
dōne) duquel nos Tououpinamboults  
dansans & chantans, font  
ordinairement mention, disans, &  
repetās souvent ceste chanterrie,  
&c. & est bon à manger.

[...]



Pis- ouafos a-ceth, Camos roepou p- ouafos a-ceth.

## CHAP. XIII.

Des arbres, herbes,  
racines, & fruicts exquis  
que produit la terre du  
Bresil.

[...]

[8.] <...> (p. 206) ["Aouai,  
arbre puāt ~~et~~ son fruict venimeux"]  
D'autre au contraire, que les  
Sauvages appellent Aouai, qui put &  
sent si fort les aulx, que quand on  
le coupe ou qu'on en met au feu, on  
ne peut durer aupres: & a ce  
dernier les fueilles quasi comme  
celles de nos pōniers. Mais au  
reste son fruict (p. 207) (lequel  
ressemble aucunement vne chastaigne  
d'eau) & encore plus, le noyau qui  
est dedans, est si venimeux que qui  
en mangeroit il sentiroit soudain  
l'effect d'vn vrai poison.  
Toutesfois parce que c'est celui,

## Cap. XII

Dos peixes mais comuns e do  
modo de pescá-los.

[...]

(p. 161) O camuroponi-uassu  
é um peixe muito grande a que  
os (p. 162) tupinambás fazem  
menção, em suas danças e cantos,  
repetindo muitas vezes: pirá-uassú  
a uêh, camurupui-uassú etc.<sup>140</sup>,  
o que quer dizer "bon de comer".

## Cap. XIII

Das árvores, ervas, raízes  
e frutos deliciosos que a  
terra do Brasil produz.

[...]

<...> (p. 172) Outra [árvore],  
ao contrário, denominada auri tem  
um cheiro de alho tão ativo que  
quando a cortam e põem no fogo  
ninguém pode ficar perto; suas  
folhas são muito parecidas com as  
das nossas nacieiras e seus frutos  
muito semelhantes à castanha, mas o  
caroço é venenosíssimo. Todavia é  
com esse fruto que os selvagens  
fazem os chocalhos a que já me  
referi e os adornos das pernas,  
razão pela qual o têm em grande  
estima. <...>



duquel i'ai dit ailleurs que nos Bresiliens font des sonnettes qu'ils mettent à l'entour de leurs iambes, à cause de cela ils l'ont en grande estime. <...>

[8.] <...> [*"Choyne, arbre portant fruit gros, duquel les Sauvages font leur Maraca, et autres vaisseaux"*] L'arbre que les Sauvages appellent Choyne, est (p. 208) de moyenne grandeur, a les feuilles presque de la façon, & ainsi vertes que celles du laurier: & porte vn fruit aussi gros que la teste d'un enfant, lequel est de forme comme vn oeuf d'Austruche, & toutes fois n'est pas bon à manger. Mais parce que ce fruit a l'escore dure, nos Toupinambaults en reservant de tous entiers qu'ils percent en long & à travers, ils en font l'instrument nommé Maraca (duquel i'ai ia fait & ferai encor mention) comme aussi tant pour faire les tasses où ils bouient qu'autres petits vaisseaux, desquels ils se servent à autre usage, ils en creusent & fendent par le milieu.

#### CHAP. XIII.

De la guerre, combats, bardiesse & armes des Sauvages Bresiliens.

[...]

[12.] (p. 234) Au surplus, tant au desloger de leur país, qu'au departir de chacun lieu où ils s'arrestent & seicurent: afin d'advertir & tenir les autres en ceruelle, il y en a tousiours quelques uns, qui avec des cornets, qu'ils nomment Inubia, de la grosseur & longueur d'une denie pique, (comme ceux que les Suysses portent en guerre, entre lesquels ceux de Lucerne en ont d'Airain, dont ils vsent en lieu de trompettes qui rendent vn son efroyable, dit M. Simler en sa Repub.) mais par le bout d'embas large d'environ demi pied comme vn Haubois, sonnent au milieu des troupes. Mesmes aucuns ont des fifres & fleutes faites des os des

(p. 172) A árvore a que os selvagens chamam choyne é do tamanho médio; tem folhas verdes semelhantes às do loureiro; dá um fruto volumoso como uma cabeça de menino e com a forma de um ovo de avestruz; não é comestível. Como esse fruto tem a casca dura, os tupinambás o conservam inteiro. Preferem-no ao comprido, com ele fazendo o instrumento chamado maracá, (p. 173) já mencionado. Cortados ao meio, servem para outros usos, na qualidade de cuías ou pequenas vasilhas.

#### Cap. XIV

Da guerra, combate e bravura dos selvagens.

[...]

(p. 187) Tanto no momento da partida como ao levanyarem acampamento nos lugares onde pousam, surgem indivíduos armados de cornetas<sup>141</sup> da grossura de um oboé e de quase pé e meio de largura na extremidade inferior, a que chamam inybia<sup>142</sup> [(como os que os suíços usam na guerra, entre os quais os de Lucerne os têm de arame, que usam em lugar de trombetas e que dão um som aterrorizante, diz M. Simler em sua *Repubblica*). Esses indivíduos tocam no meio das tropas para lhes dar coragem e excitação. Outros carregam pifanos e flautas feitos de ossos dos braços e pernas dos inimigos devorados e não cessam tampouco de tocar durante todo o



bras & des cuisses de ceux qui auparavant ont esté par eux (p. 235) tuez & mangez, desquelles semblablement (pour s'inciter tant plus d'en faire autant à ceux contre lesquels ils s'acheminent) ils ne cessent de flageoler par les chemins. <...>

[...]

[15.] (p. 237) Premièrement quand nos Tououpinambaults d'environ demi quart de lieuë, eurent aperceu leurs ennemis, ils se prindrent à hurles de telle façon (comme aussi l'ancienne coustume des Romains & autres peuples, selon T. Live, & (p. 238) mesme Cesar en plusieurs endroits, estoit de commencer les combats avec grands cris, tant pour s'acourager l'un l'autre, que pour effrayer l'ennemi) que non seulement ceux qui vont à la chasse aux loups par-deça, en comparaison, ne menât pas tant de bruit, mais aussi pour certain, l'air fendant de leurs cris & de leurs voix, qu'il eust tonné du ciel, nous ne l'eussions pas entendu. Et au surplus, à mesure qu'ils aprochoyent, redoublans leurs cris, sonnâs de leurs cornets, & en estendant les bras se menaçans & monstrans les uns aux autres les os des prisonniers qui auoyent esté mangez, voire les dents enfilees, dût aucuns auoyent plus de deux brasses pëdues à leur col, c'estoit vn horreur de voir leurs contenance. <...>

[...]

[18.] (p. 243) Les prisonniers donques mis au milieu & pres de ceux qui les auoyent prins, voire aucuns hommes de plus forts & robustes, pour s'en mieux affeurer, liez & garrotez, nous-nous en retournasmes contre nostre riuere de Geneure aux environs de laquelle habitoient nos Sauvages. Mais encor, parce que nous en entions à douze ou quinze lieuë loin, ne demâdez pas si en passant par les villages de nos allies, venâs au deuant de nous, dansans, sautans & claquans des mains ils nous caressoyent & applaudissoyent: & falloir que les pauvres

caminho, incitando o bando guerreiro a matar e devorar os adversários contra os quais se atiram.

[...]

(p. 188) Logo que os nossos tupinambás avistaram os inimigos, a quase um quarto de légua de distância, principiam a urrar<sup>143</sup> como não o fariam os nossos caçadores de lobos; e tão alto berravam que nesta hora não teríamos ouvido o trovão. À proporção que se aproximavam redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantando os adversários os braços em sinal de (p. 189) ameaça e mostrando-se mutuamente os ossos dos prisioneiros que haviam comido e os colares de dentes de mais de duas braças de comprimento que alguns traziam pendentes ao pescoço; e o espetáculo dessa gente era horrível. <...>

[...]

(p. 190) Os prisioneiros foram colocados no meio dos vencedores, sendo amarrados para maior segurança, os homens mais robustos; quanto a nós, voltamos para o Rio de Janeiro em cujos arredores habitavam os selvagens. Estávamos entretanto, a doze ou quinze léguas de distância, por isso à nossa passagem pelas aldeias de nossos aliados vinham os moradores ao nosso encontro dançando, pulando e batendo palmas. Festejavam o sucesso<sup>144</sup>. [E era preciso que os pobres prisioneiros, segundo seu costume, estando perto das casas, cantassem e dissessem às mulheres:



prisonniers, selon leur coustume,  
estans pres des maisons,  
chantassent & dissent aux femmes,  
voici la viande que vous aimez tant  
qui approche de vous. <...>  
[...]

"eis a carne da qual vocês ao seu  
modo tanto gostam".] <...>

(pp. 204-205)

Portrait du cos ibet entre les Tououpinamboulz & Margajes Sauvages Bresiliens.



Ce portrait se doit aussi entre la fédération de nos pays Q. 100.

#### CHAP. XV.

Comment les Sauvages  
Bresiliens traitent leurs  
prisonniers prins en  
guerre, et les ceremonies  
qu'ils obseruent tant à les  
tuer, qu'à les manger.

[...]

[2.] (p. 245) Premièrement  
apres que tous les villages  
d'atentour de celui où sera le  
prisonnier suront esté aduertis du

#### Cap. XV

De como os Americanos  
tratam os prisioneiros de  
guerra e das ceremonias  
observadas ao matá-los e  
devorá-los.

[...]

(p. 193) Todas as aldeias  
circunvizinhas são avisadas do dia  
da execução e breve começam a  
chegar de todos os lados homens,



iour de l'execution, hommes, femmes & enfans arriuez de toutes parts, ce sera à danser, boire & caouliner toute la matinee. Mesme celui qui n'ignore par que telle assemble se faisant à son occasion, il doit estre dans peu d'heure assommé, exhumassé qu'il sera, tât s'en faut qu'il en soit cōtristé, qu'au cōtraire, sautā & buuāt il sera des plus ioyeux. Or (p. 246) cependant apres qu'avec les autres il aura ainsi riblé & chanté six ou sept heures durant: deux ou trois des plus estimez de la troupe l'empoignans, & par le milieu du corps le lians avec des cordes de cottō ou autres faites de l'escorce d'un arbre qu'ils appellent Yuire, lesquels est semblable à celle du Til de par deçà <...>

[...]

[9.] <...> (p. 256) Semblablement ils serrent fort soigneusement, tant les plus gros os des cuisses & des brs, pour (comme i'ai dit au chapitre precedent) faire des fifres & des fleutes, que les dents, lesquelles ils arrachent & enfilent en façon de paternostres, & les portent ainse tourtillees à l'entour de leurs cols.

[...]

#### CHAP. XVI.

[indice: XVII; errata: XVIII]

Ce qu'on peut appeler religion entre les Sauvages Bresiliens des erreurs ou certains abuseurs qu'ils ont entr'eux nommez *Caraibes* les detient: et de la grande ignorance de Dieu où ils sont plangez.

[...]

[12.] (p. 305) [*"Caraibes faux Prophetes"*] Pour donc entrer plus suant en matiere, il faut sauoir qu'ils ont entre eux certain faux Prophetes qu'ils nomment *Caraibes*, lesquels allans & venans de village en village, comme les porteurs de Ragatons en la Papauté, leur font acroire, que communiquans avec des

mouheres e meninos. Dançam então o cauinan. O próprio prisioneiro, a pesar de não ignorar que a assembleia se reúne para seu sacrificio dentro de poucas horas, longe de mostrar-se pensoso enfeita-se todo de penas e salta e bebe como um dos mais alegres convivas. Depois de ter comido e cantado durante seis ou sete horas com os outros, é ele agarrado por dois (p. 194) ou três dos personagens mais importantes do bando e sem que oponha a menor resistência, é amarrado pela cintura com cordas de algodão ou de fibra de uma árvore a que chamam vyire, semelhante à nossa tília. <...>

[...]

<...> (p. 200) Guardam muito cuidadosamente os ossos das coxas e dos braços para fazer flautas e pífanos, e os dentes para seus colares, [os quais arrancam e enfileiram à maneira de terços, e os levam ao redor dos seus pescoços], como já expliquei no precedente capítulo. <...>

#### Cap. XVI

Religião dos selvagens da América; erros em que são mantidos por certos trapaceiros chamados *caraibas*; ignorância de Deus.

[...]

(p. 209) Os selvagens admitem certos falsos profetas chamados *caraibas* que andam de aldeia em aldeia como tiradores de (p. 210) ladainhas<sup>149</sup> e fazem crer não somente que se comunicam com os espiritos e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar os inimigos na guerra,



esprits, ils peuvent non seulement par ce moyen donner force à qui il leur plaist, pour veinere & surmonter les ennemis, quand on va à la guerre, mais aussi que ce sont eux qui font croistre les grosses racines & les fruicts, tels que i'ai dit ailleurs, que ceste terre du Bresil les produit. <...> (p. 306) Ainsi apres que les Caraïbes, auant que departir d'avec les femmes & enfans, leur eurent estoitement defendu, de ne sortir des maisons où ils estoient, ains que de là ils escoutassent attentiuement quand ils les orroyent chanter: nous ayans aussi commandé de nous tenir clos dans le logis où estoient les femmes, ainsi que nous desiennions, sans sauoir encor ce qu'ils vouloyent faire, nous commençames d'ouïr en la maison où estoient les hommes (Laquelle n'estoit pas à trente pas de cele où nous estions) vn bruit fort bas, comme vous diriez le murmure de ceux qui barbotent leurs heures: ce qu'entendans les femmes, lesquelles estoient en nombre d'environ deux cens, toutes se leuans debout, en prestant l'oreille se serrèrent en vn monceau. Mais apres que les hommes peu à (p. 307) peu eurent esleué leurs voix, & que fort distinctement nous les entendismes chanter tous ensemble, & repeter souuent ceste interiection d'acouragement,



nous susmes tous estahis que les fêmes de leur costé leur respondans & avec vne voix tremblante, reïterans ceste mesme interiection, He, he, he, he, se prindrent à

mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem as raizes e frutos da terra do Brasil. <...> Antes de se separarem das mulheres e meninos, os caraïbas proibiram severamente de sair das casa em que se encontravam; ai também nos encerraram. Já havíamos começado a almoçar sem nada perceber ainda do que pretendiam os selvagens quando principiamos a ouvir na casa dos homens, a qual distava talvez trinta passos daquela em que estávamos, um murmúrio surdo de rezas; imediatamente as mulheres, em número de quase duzentas, se puseram todas de pé e muito perto umas das outras. Os homens pouco a pouco erguiam a voz e os ouviamos distintamente repetir uma interjeição de encorajamento:

- He, he, he, he<sup>146</sup>, mais ainda nos espantamos, porém, quando as mulheres, por seu turno, a repetiram com voz trêmula: - He, he, he, he. (p. 212) Assim



crier de telle façon, l'espace de plus d'un quart d'heure, que nous les regardans ne savions quelle contenance tenir. Et de faict, parce que non seulement elles hurloyent ainsi, mais aussi qu'avec cela sautans en l'air de grande violence failloyent bransler leurs mannelles & escumoyent par la bouche, voire aucunes (comme ceux qui ont le hautmal par-deça) tambouent toutes esuanouies, ie ne croi pas autrement que le diable ne leur entrast dans le corps, & qu'elles ne deussent soudain Demoniques. Comme aussi on a escrit, qu'Alphonse Roy de Naples, regardant vne femme qui dançoit & sautoit trop des-hontément, dit aux assistans, Attendez vn peu, la Sibylle donnera tantost ses Oracle: pource qu'elle ne rendoit iamais responce, comme on dit, si elle n'estoit surprise de fureur. Tellement qu'ayant leu cela, avec ce que dit Bodin en sa Demonomanie, allegnant Ian-(p. 308)blique, de l'ecstase laquelle, dit-il, est ordinaire aux Sorciers, qui ont fait pacton expresse avec le diable, & sont quelquesfois transportez en esprit, demeurant les corps insensibles (combien que quelquefois aussi cela se face en corps & en ame) ioint, dit Bodin, qu'il ne se fait point d'assembles entre eux où lon ne danse: & mesmes par la confession de quelques Sorcieres, qu'il nome, elles disent en dansant, har, har, (c'est le he, he, de nos Sauvages) Diable, Diable, saute-ici, saute-la: les autres respondant, Sabbath, Sabbath, c'est à dire, la feste & le iour du repos, en haussant les mains & ballets qu'elles tiennent en haut, pour donner certain tesmoignage d'allegresse, & que de bon coeur elles seruent & adorent le Diable, & aussi pour contrefaire l'adoration qui est due à Dieu, lequel souz la Loy commandoit aux Israëlites, d'esleuer leurs mains à lui, & qu'ils s'essiouissent en sa presence. Considerant, di-se, ces choses, i'ai conclu, que le maistre des vnes estoit le maistre des autres: à sauoir que les femmes

aconteceu durante um quarto de hora e nós não sabíamos o que fazer. Ao mesmo tempo urravam, saltavam com violência, agitavam os seios e espumejavam pela boca até desmaiar como vítimas de ataques epilépticos; por isso não me era possível deixar de acreditar que se tivessem tornado repentinamente possuídas do Diabo. [Como também foi escrito, Alfonso, rei de Nápoles, olhando uma mulher que dançava e saltava muito desonestamente, disse aos presentes: "esperem um pouco, a Sibila pronunciará logo os oráculos"; porque ela nunca dava resposta, como dizem, a não ser que fosse surpreendida com muito furor. Tanto que tendo lido isto, relaciono com o que diz Bodin em sua "Demonomanie", referindo-se a Jâmblico, do êxtase, o qual, diz ele, é comum aos bruxos, que fizeram pacto expresse com o diabo, e são às vezes transportados espiritualmente, permanecendo o corpo insensível (apesar disso, este fato às vezes se dá em corpo e alma). Juntamente, diz Bodin que não existe reunião entre eles que não tenha dança. E, mesmo pela confissão de algumas bruxas, que ele cita, que dizem cantando "har, har" (é o "he, he" dos nossos selvagens), "diabo, diabo, pula aqui, pula ali", os outros respondendo "Sabbath, Sabbath", quer dizer, a festa e o dia do descanso, levantando as mãos e vassouras que seguram ao alto, para dar certos testemunhos de alegria, e que de bom grado servem e adoram ao diabo, e também para se contrapor à adoração devida a Deus, o qual, segundo a lei, mandava os israelitas levantarem as mãos para eles, e que eles se alegrassem em sua presença. Considerando essas coisas, conclui que o mestre de uns era mestre dos outros, ou seja, que as mulheres brasileiras, entre as quais há também bruxas nomeadas por elles "mossan-ygerre", e as que fazem esta profissão infernal lá na Europa, eram conduzidas por um mesmo espirito de Satã, sem que a distância dos lugares, nem a longa travessia do mar proíba este pai da



Bresiliennes, entre lesquelles il y a aussi des Sorcieres nommees par eux, Mossen-y-gerre, & celles qui font ce mestier infernal par-deçá, estoient conduites d'un mesme esprit de Satan: sans que la distance des lieux, ni le long passage de la mer, empesche ce pere de mensonge d'operer cà & là en ceux qui lui sont liurez par le iuste iugement de Dieu. Ainsi, pour continuer mon propos, nous oyans semblablement les enfans brâsler & se tourmenter au lo-(p. 309)gis où ils estoient separez tout aupres de nous, combien qu'il y eust ia plus de demi an que ie frequentois les Sauvages, & que fusse desia autrement acoustumé parmi eux, tant y a pour n'en rien desguiser, qu'ayant en lors quelque frayeur, ne sachant mesme quelle seroit l'issue du ieu, i'eusse bien voulu estre en nostre Fort. Toutesafois apres que ces bruits & hurlements confus furent finis, les hommes faisans vne petite pose (les femmes & les enfans se taisans lors tous cois) nous les entendismes derechef chantans & faisans resonner leurs voix d'un accord si merueilleux, que m'estant vn peu r'asseuré, oyant ces doux & plus gracieux sons, il ne faut pas demander si ie desirois les voir de pres. Mais parce que quand ie voulois sortir pour en sprochen, non seulement les femmes ne retiroient, mais aussi nostre truchement disoit que depuis six ou sept ans, qu'il y auoit qu'il estoit en ce pays-là, il s'estoit iamais osé trouver parmi les Sauvages en telle feste: de maniere adicustoit-il, que si i'y allois, ie ne ferois pas sagement, craignant de me mettre en danger, ie demurerai vn peu en suspens. Neantmoins parce que l'ayant sondé plus auant, il ne sembloit qu'il ne me donnoit pas grand raison de son dire: ioint, que ie m'asseurois de l'amitié de certains bons uieillards, qui demeuroient en ce village, auquel i'auois esté quatre ou cinq fois auparavant, moitié de force & moitié de gré, ie me hazardai de sortir. M'aprouchant doncques du

mentira de operar aqui e lá, nos que são entregues a ele pelo justo juizo de Deus. Assim, para continuar com o que propus,] também os meninos se agitavam e se torturavam, no aposento em que se achavam encerrados e, embora já frequentasse os selvagens há mais de seis meses e estivesse até certo ponto acostumado com seus costumes, confessarei que tive medo; ignorando o fim disso tudo, desejei achar-me longe dali. Ao cessarem o ruído e os urros confusos dos homens, calaram-se também as mulheres e os meninos; mas voltaram todos a cantar, mas dessa feita de um modo tão harmonioso que o medo passou e tive o desejo de tudo ver de perto. Quando quis porém sair, para aproximar-me do lugar do festim, não só no obstaram as mulheres, mas ainda o nosso intérprete, o qual, vivendo embora nesse país há seis ou sete anos, nunca se atrevera a meter-se entre os indios durante tais cerimônias e considerava que se eu o fizesse correria grande risco. Hesitei por um instante, mas como não me pareciam suficientes as razões do intérprete e eu confiava na amizade dos bons velhos da aldeia em que habitara durante quatro a cinco meses, arrisquei-me a sair, aproximando-me do lugar de onde vinha a cantilena. <...> Ao contrário do que afirmara o intérprete, não se incomodaram os selvagens conosco; conservaram-se em seus lugares e continuaram as suas cantorias, em vista do que eu e meus companheiros nos acomodamos em um canto a fim de contemplar sossegadamente a cena. Ao falar das danças por ocasião das cauinagens prometi descrever também suas outras espécies de danças. Unidos uns aos outros mas de mãos soltas e fixos no lugar, formam roda, curvados para a frente e movendo apenas a perna e o pé direito; cada qual com a mão direita na cintura e o braço e mão esquerda pendentes, suspendem um tanto o corpo e assim cantam e dançam. Como eram numerosos, formavam três rodas no meio das se mantinham três ou quatro



lieu où i'oyois (p. 310) ceste chanterrie, comme ainsi soit que les maisons des sauvages soyent fort longues, & de façon rondes <...> Voyans doncques que les sauvages (comme le truchement estimoit) ne s'efarouchoyent point de nous, ains au contraire, tenans leurs rangs & leur ordre d'une façon admirable, continuoyēt leurs chāsons, en nous retirans tout bellemēt en un coin, nous les contēplâmes tout nostre saoul. Mais suyvant de que i'ai promis oī-dessus, quand i'ai parlé de leurs danses durant leurs beuveries & Cacouinages, que ie dirois aussi l'autre façon qu'ils ont de danser: afin de les mieux représenter, voici les morgues, gestes & contēnances qu'ils tenoyent. Tous pres à pres l'un de l'autre, sans se tenir par la main, ni sans se bouger d'une place, ains estans arangez en rond, courbez sur le devant, guidans un peu le corps, remuans seulement la jambe & le pied droit, chacun ayant aussi la main dextre sur ses fesses, & le bras & la main gauche pendant, chantoient & dansoyent de ceste façon. Et au surplus, parce qu'à cause de la multitude il y avoit trois rondeaux, [ed. de 1578] (p. 273) ayant tout au milieu d'un chacū trois ou quatre des ces Caraïbes richemēt parez de robes, bon[ed. de 1578](p. 274)nets & bracelets de belles plumes naïves naturelles & de diverses couleurs: tenans au reste en chacune de leurs mains un de ces Maracas, c'est à dire sonnetes faites d'un fruit plus gros qu'un œuf d'Austruche, dont i'ay parlé ailleurs, afin disoyent ils, que l'esprit parlant puis apres dans icelles pour les dedier à cest vsage ils les faisoiyēt sōner à toute reste: & ne vous les saurois mieux comparer en l'estat qu'ils estoient lors, qu'aux sonneurs de campanes de ces Caphars, qui en abusant le pauvre monde par deça portent de lieu en lieu les chasses de saint Anthoine, de Bernard & autres tels instruments d'idolatrie. Ce qu'outre la susdite description ie

caraibas ricamente (p. 214) adornados de plumas, cocares, máscaras e braceletes de diversas cores, cada qual com um maracá<sup>147</sup> em cada mão. E faziam ressar essas espécies de quizes feitos de certo fruto maior que um ovo de avestruz [, dos quais falei anteriormente, para, diziam, que o espírito falasse, e depois, para dedicálos a isso, faziam-nos soar em suas mãos durante todo o resto da cerimônia <sup>148</sup>]. Só poderia dar uma idéia exata desses caraibas comparando-os aos frades pedintes que enganam a nossa pobre gente, e andam de lugar em lugar com relicários de Santo Antônio e de São Bernardo ou outros objetos de idolatria. [Além da descrição acima, apresento ainda pela figura abaixo, o dançador e o tocador de maracá.]



vous ay bien voulu encores  
 représenter par la figure suyuant,  
 du Danseur & du Sonneur de Maraca.

(p. 284)



[ed. de 1600]

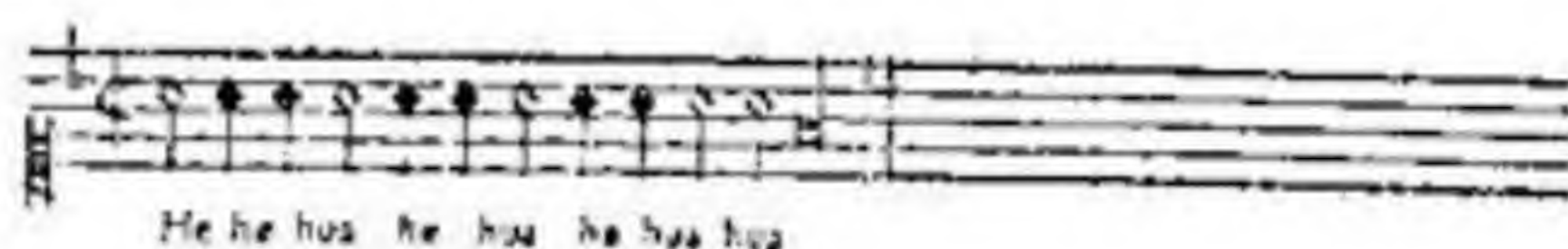
[13.] (p. 313) OVTREplus, ces  
 Caraibes en s'avançans & sautans en  
 d'auant, puis reculans en arriere,  
 ne se tenoyent pas tousiours en vne  
 place comme façoient les autres:  
 mesmes i'obseruay qu'eux prenans  
 souuent vne canne de bois, lōgue de  
 quatre à cinq piede, au bout de

(p. 214) Os caraibas não se  
 mantinham sempre no mesmo lugar  
 como os outros assistentes;  
 avançavam saltando ou recuavam do  
 mesmo modo e pude observar que, de  
 quando em quando, tomavam uma vara  
 de madeira de quatro a cinco pés de  
 comprimento em cuja extremidade









cefferent. Et parce que n'entendant pas encores lor parfaitement leur langage ils auoient dit plusieurs choses que ie n'auois peut com(p. 315)prendre, ayant prié le truchement qu'il les me declarast: il me dit en premier lieu qu'ils auoyët fort insisté à regretter leurs grands peres decedez, lesquels estoyent si vaillans: toutesfois qu'ëfin ils s'estoyent consolez, en ce qu'apres leur mort ils s'asseuroyent de les aller trouver derriere les hautes montagnes, où ils danseroient & se resiouïroyent avec eux. Semblablement qu'à toute outrance ils auoyent menacez les Cüetacas (autres Sauvages leurs ennemis, lesquels comme i'ai dit ailleurs, sont si vaillans, qu'ils ne les ont iamais peu dompter) d'estre bien tost prins & mangez par eux, ainsi que leur auoyent promis leurs Caraïbes. Au sur-plus qu'ils auoyent entremeslé & fait mention en leurs chansons, que les eaux s'estans vne fois tellement desbordees, qu'elles couurirent toute la terre, tous les hommes du monde, excepté leurs grands peres, qui se souuerent sur les plus hauts arbres de leurs pais, furent noyez: lequel dernier poinct, qui est ce, qu'ils tiennent entre eux plus aprochant de l'Ecriture sainte, ie leur ai d'autres fois depuis ouï reïterer. <...> (p. 316) Quand les Virginiens veulent monstrier signe de renouissance, principalement apres estre reschapez de quelque grand peril, soit en guerre, soit par mer, ou

Como eu ainda não entendia bem a lingua dos selvagens pedi ao intérprete que me esclarecesse sobre o sentido das frases pronunciadas. Disse-me ele que haviam insistido em lamentar seus antepassados mortos e em celebrar-lhes a valentia: consolavam-se entretanto na esperança de ir ter com êles, depois da morte, para além das altas montanhas onde todos juntos dançariam e se regozijariam. Havia em seguida ameaçado os goitacazes, proclamando, de acordo com os caraiabas, que haveriam de devorá-los, embora esses selvagens sejam tão valentes que nunca os tupinambás os puderam submeter, como já ficou dito<sup>101</sup>. Celebravam ainda em suas canções o fato das águas terem transbordado por tal forma em certa época, que cobriram toda a terra, afogando todos os homens do mundo, à exceção de seus antepassados que se salvaram trepando nas árvores mais altas do país<sup>102</sup>. Este último ponto, que muito se aproxima das Santas Escrituras, tive a oportunidade de ouvir inúmeras vezes. <...> [Quando os virginianos querem dar sinal de alegria, principalmente depois de se terem alivado de algum grande perigo, seja em guerra, seja por mar ou por terra, fazem uma grande fogueira, envolta da qual se sentão os homens e mulheres, segurando cada um na mão uma fruta, em forma de melão ou abóbora, que depois de extraírem as sementes, enchem de pequenas pedras, ou de alguns grandes grãos,



par terre, ils font vn grand feu, à l'entour duquel s'asseyent hommes & femmes, tenans chacun en la main vne sorte de fruict, en forme de Melon ou Courge, lequel apres en auoir tiré les grains dehors, ils remplissent de petites pierres, ou de quelques gros grains, pour le faire mieux sonner, y mettant vn baston (qui est sans doute le **Maraca** de nos Bresiliens) & ainsi chantent & se resioüissent à leur mode, ainsi que ie l'ai veu & obserué, dit l'histotien, lequel aussi l'a fort bien pourtrait en son liure. <...>

[14.] <...> Et au surplus de tout ce que dessus, apres que ces iours solennels (esquels comme i'ai dit, toutes les singeries que vous auez entendues se sont de trois en trois, ou de quatre en quatre ans entre nos **Toucupinambacults**) sont passez & mesmes quelquesfois (p. 317) auparavant, les **Caraibes** allans particulièrement de village en village, font acoustrer des plus belles plumasseries qui se puissent trouver, en chacune famille trois ou quatre, ou selon que ils s'aduient plus ou moins, de ces hochets ou grosses sonnettes, qu'ils nomment **Maracas**: lesquelles ainsi parees fichées de plus grand bout du baston qui est à travers dans terre, & les arrangeans tout le lög & au milieu des maisons, ils commandent puis apres qu'on leur baille à boire & à manger. De façon que ces afrôteurs faisant accroire aux autres pauvres idiots, que ces fruicts & especes de courges, ainsi creusez, parez & dediez mangent & boyuent la nuict: chascun chef d'hostel adicustant foi à cela, ne fait point de mettre aupres des siens, non seulement de la farine avec de la chair & du poisson, mais aussi de leur bruyage dit **Caou-in**. Voire les laissans ordinairement ainsi plant[ez] en terre quinze iours ou trois semaines, tousiours seruis de mesme, ils ont apres cest ensorcellement vne opinion si estrange de ces **Maracas**, (lesquels ils ont presque tousiours en la main) que leur attribuant quelque sainteté, ils disent que

para fazê-la soar melhor, colocando-lhe um bastão (que sem dúvida é o maracá dos nossos selvagens) e assim cantam e se divertem ao seu modo, assim como o vi e o observei, diz o historiador, que o retratou igualmente muito bem em seu livro.] <...>

<...> (p. 216) Além dessas cerimônias, realizadas de três em três ou de quatro em quatro anos, e às vezes mais, e durante as quais os tupinambás praticam essas maraquices, os caraibas vão de aldeia em aldeia e enfeitam com as mais bonitas penas que encontram os seus maracás<sup>105</sup>; e fincam-nos em seguida no chão, do lado maior, entre as casas, e ordenam que lhes seja dado comida e bebida. Esses embusteiros fazem crer aos pobres idiotas dos selvagens que essas espécies de cabaças assim consagradas comem e bebem realmente à noite. E como os habitantes acreditam nisso não deixam de pôr farinha, carne e peixe ao lado dos maracás e nem esquecem o cauim. Em geral deixam assim os maracás no chão durante quinze dias a três semanas, após o que lhes atribuem santidade e os trazem sempre nas mãos dizendo que ao soarem os espíritos lhes vêm falar. Viviam de tal modo compenetrados desse erro que se ao passarmos por suas casas tomávamos dos alimentos oferecidos a esses maracás, o que muitas vezes nos aconteceu, julgavam os nossos americanos que isso nos causaria desgraças e se mostravam tão ofendidos quanto os sacerdotes **Baa**<sup>106</sup> ao ver tomarem as oferendas consagradas aos seus ídolos com as quais entretanto se alimentavam fartamente com suas marafonas e bastardos. E se aproveitávamos a oportunidade para adver(p. 217)ti-los de seus erros e lhes dizíamos que os caraibas não



souventesfois en les sonnans vn esprit parle à eux. Tellement qu'en estains ainsi embabouinez, si nous autres passans parmi leurs maisons & longues loges, voyons quelques bonnes viandes presentees à ces **Maracas**: si nous les prenions & mangions (comme nous auons souuent fait) nos Ameriquains estimés que cela nous causeroit quelque malheur, (p. 318) s'en estoient pas moins ofendez que sont les supertiteux & successeurs des prestres de Baal, de voir prendre les ofrandes qu'on porte à leurs marmosets, desquelles cependant au deshonneur de Dieu, ils se nourrissent grassement & oisiuement avec leurs putains & bastards. Qui plus est, si prenans de là occasion de leur remonstrer leurs erreurs, nous leur disions que les **Carafbes**, leur faisant accroire que les **Maracas** mangeoyent & buoyent, ne les trompoyent pas seulement en cela, mais aussi que ce n'estoit pas eux, comme ils se vantoyent faussement, qui faisoient croistre leurs fruicts & leurs grosses racines, ains le Dieu en qui nous croyons, & que nous leur annôcions: cela derechef estoit autât en leur endroit, que de parler pardecà cōtre le Pape, ou de dire à Paris que la chasse de sainte Geneuieue ne fait pas pleuoir. <...>

[...]

[17.] <...> (p. 326) ainsi qu'avec eux ie passois à truers d'une grande forest, contemplant en icelle tant de dieurs arbres, herbes, & fleurs verdoyantes, & odoriferantes: ensemble oyant le chant d'une infinité d'oiseaux rossignollans parmi ce bois, où lors le soleil donnoit, me voyant, diés, comme conuié à louer Dieu pour toutes ces choses, ayant d'ailleurs le coeur gai, ie me prins à chanter à houte voix le Pseaume 104. Sus sus mon ame, il te faut dire bien, &c. lequel ayant pourfuyui tout au long, mes trois Sauvages, & la femme qui marchoyent derriere moi, y prindrent si grand plaisir (c'est à dire au son, car au demeurant ils n'y entendoient riens) que quād i'eu acheué,

só os iludem, quanto os faziam acreditar que os maracás comiam e bebiam, mas ainda os enganavam gabando-se de fazer crescer frutos e raizes; e se lhes afirmávamos que quem fazia tudo isso era o Deus em que acreditávamos e que pregávamos, era o mesmo que entre nós falas contra o Pape ou dizer que a reliquia de Santa Genevêva em Paris não faz chover. <...>

[...]

<...> (p. 220) Atravessamos ["no continente"] uma grande floresta de árvores variegadas, toda verde de ervas e cheirosa de flores, ouvindo o canto de infinidade de aves que gorjeavam no meio da mata banhada de sol. De coração alegre, senti-me levado a louvar a Deus por todas essas coisas e comecei a cantar em voz alta o salmo 104: "Exulta, exulta, minha alma, etc.". Os três selvagens e a mulher, que vinham atrás de mim, tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois o sentido não entendiam, que ao terminar eu o cântico, o Oheanan todo convidado e embevecido exclamou: "Na verdade cantaste maravilhosamente bem e fiquei muito contente em ouvir o



l'Ouesnen, tout esmeu de ioye avec vne face riante, s'auançant me dit, Vrayement (p. 327) tu as merueilleusement bien chanté, mesme ton chant esclatant, m'ayant fait ressouuenir de celui d'une natiõ qui nous est voisine & alliee, i'ai esté fort ioyeux de t'ouïr. Mais, me dit-il, nous entendons bien son langage, & non pas le tien: parquoy ie te prie de nous dire ce dequoy il a esté question en ta chanson. Ainsi lui declairant le mieux que ie peux (car i'estois lors seul François, & en deuois trouver deux, comme ie fis, au lieu où i'allai coucher) que i'auois, non seulement en general, loué mon Dieu en la beauté & gouvernement de ses creatures, mais qu'aussi en particulier ie lui auois attribué cela, que d'estoit lui seul qui nourrisoit tous les hommes & tous les animaux: voire fait soit croistre les arbres, friucts & plantes, qui estoient par tout le monde vniuersel: & au surplus, que ceste chanson que ie venois de dire, ayant esté dictée par l'Esprit de ce Dieu magnifié, duquel i'auois célébré le nom, auoit esté premierement chantée il y auoit plus de dix mille lunes (car ainsi contentils) par vn de nos grands Prophetes, lequel l'auoit laisse à la posterité, pour en vser à mesme fin. Brief, comme ie reitere encores ici, que sans couper vn propos, ils sont merueilleusement attentifs à ce qu'on leur dit, apres qu'en cheminant l'espace de plus de demis heure lui & les autres eurent ouï ce discours, vsans de leur interiection d'establisement *The!* ils dirent, O que vous autres Mairs, c'est à dire François, estes heureux, de sauoir tant de secrets qui (p. 328) sont tout cachez à nous chetifs & pauvres miserables: tellement que pour se congratuler, me disant, Voila, pource que tu as bien châté, il me fit present d'un Agoti, qu'il portoit, c'est à dire, d'un petit animal, lequel, avec d'autres i'ai descrit au chapitre dixieme. Afin doncques de tant mieux prouuer que ces nations de

teu canto que me recorda o de uma nação aliada, nossa vizinha. Mas nós não entendemos a tua lingua, por isso explicamos o teu canto". Como eu era o único francês ali presente e só ia encontrar intérpretes no lugar onde pretendíamos dormir, expliquei como pude que não só havia louvado a Deus em geral, pela beleza e o governo de suas criaturas, mas ainda o havia particularmente aplaudido como único criador dos homens e de todos os animais, frutos e plantas espalhados pelo mundo inteiro. Expliquei mais que a minha canção fora ditada pelo espirito desse Deus magnífico, cujo nome eu celebrava; que fora já cantada há cerca de 10.000 luas por um dos nossos grandes profetas o qual a legara à posteridade. Lembro mais uma vez que os selvagens não costumam interromper os discursos de ninguém; por isso me ouviram atentos pelo espaço de meia hora proferindo apenas de quando em quando sua habitual interjeição: *Teh*. E afinal disseram-me: - "Como vós os mairs sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!" E para agradecer-me deram-me um pequeno aguti, que traziam, dizendo: "Toma lá, já que cantas tão bem". (p. 221) Entendi dever contar esse episódio por entender que, por mais bárbaros que sejam com seus inimigos esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos camponeses da Europa. E com efeito discorrem melhor do que inteligentes.

[...]



l'Amerique, quelques barbares & cruelles qu'elles soyent enuers leurs ennemis, ne sont pas si farouches qu'elles ne considerent bien tout ce qu'on leur dit avec bonne raison, i'ai bien voulu encor faire ceste digression. Et de fait, quant au naturel de l'homme, ie maintien qu'ils discourent mieux que ne font la pluspart de Paisans, voire qu d'autres de par-deça, qui pensent entre fort habiles gens.

[...]

#### CHAP. XX.

[ven antes do XIX]

Ce qu'on peut appeler loix et police ciuile entre les Bresiliens: comment ils traitent & reçoivent humainement leurs amis qui les vont visiter: et des pleurs et discours ioyeux que les femmes font à leur arriuee et bien-venue.

[...]

[8.] <...> (p. 360) Mais pour le present poursuyuant à reciter vne partie de choses notables qui m'aduindrent en mon premier voyage parmi les Tououpinamboults, le truchement & moi, qui de ce mesme iour passans plus outre fusmes occher en vn autre village nommé Eyrmiri (les François l'appellent Goset, à cause d'un truchement ainsi nommé, qui s'y estoit tenu, trouuans sur le só(p. 361)leil couchant que nous y arriuasmes, les Sauvages dansans & acheuans de boire le Cauin d'un prisonnier qu'ils auoyent tué n'y auoit pas six heures, duquel nous vismes les pieces sur le Boucan: <...> Mais outre qu'à cause du bruit que les Sauvages, dansans & sifflans toute la nuict, en mangeant ce prisonnier, firent à ses creilles, ie fus bien resueillé. <...>

[...]

#### Cap. XVIII

O que podemos chamar leis e policiamento entre os selvagens; modo por que tratam os visitantes amigos; prantos e discursos e discursos festivos das mulheres por ocasião das boas-vindas.

[...]

<...> (p. 235) Nesse mesmo dia eu e o intérprete tocamos para diante e fomos dormir na segunda aldeia chamada Eyrmiri e que os nossos denominam Goset por causa do trugimão aí residente. Ao chegarmos, pouco (p. 236) antes do por do sol, encontramos os selvagens dançando e bebendo cauim em homenagem a um prisioneiro morto seis horas antes e cujos restos ainda pudemos ver no moquém. <...> Com a bulha que faziam os selvagens dançando e assobiando e festejando a matança do prisioneiro não me foi possível dormir; <...>

[...]



## CHAP. XIX.

[ven après a XX]

Comment les Sauvages se  
traientent en leurs  
maladies, ensemble de leurs  
sepultures et funeraillies,  
et des grande pleurs qu'ils  
font apres leurs morts.

## Cap. XIX

De como tratam os selvagens  
os seus doentes, dos  
funerais e sepulturas e do  
modo de chorar os seus  
defuntos.

(p. 341)





[ed. de 1578]

[1.] <...> [p. 333] Ainsi pour reprendre nô premier propos, les Ameriquains ont ceste coustume, que quant au traitement de la bouche de leurs malades: si celui qui est detenu au lit devoit demeurer vn mois sans manger on ne luy en dōnera iamais qu'il n'en demande: mesmes quelque grieue que soit la maladie, les autres qui sont en santé, suyuant leur coustume, ne laisseront pas pour cel, bruans sautās & chantās, de faire bruit autour du poure patiēt: lequel aussi de son costé sachant bien qu'il ne gagneroit rien de s'enfasher, aime mieux auoir les oreilles rōpues que d'en dire mot. Toutesfois s'il aduient qu'il meure, & sur tout si d'est quelque bon pere de famille, la chanterrie estant soudain tournée en pleurs, ils lamētent de telle façon que si nous-nous trouuions en quelque village ou il y eut vn mort, ou il ne falloit pas faire estat d'y (p. 334) coucher, ou ne se pas attendre de dormir la nuit. Mais principalemēt c'est merueille d'ouyr les femmes lesquelles braillans si fort & si haut que vous diriez [ed. de 1600] (p. 383) que ce sont hurlemens de chiens & de loups, font communément tels regrets & tels dialogues. Il est mort (diront les vnes en trainant leurs voix) celui qui estoit si vaillant, & qui nous a tant fait manger de prisonniers. Puis les autres en esclatant de mesme, respondront, O que c'estoit vn bon chasseur & vn excellent pescheur. Ha le braue assoneur de Portugais & de Margaias, desquels il nous a si bien vengez, dira quelqu'une entre les autres: tellement que parmi ces grands pleurs, s'incitans à qui fera le plus grand dueil, & comme vous voyez en la presente figure, s'enbrassans les bras & les espauls l'une de l'autre, iusques à ce que le corps soit osté de deuant elles, elles ne cesseront rien de chifrant & recitoit par le menu tout ce qu'il aura fait & dit en sa vie, de faire de longues Kirielles de ses loāges.

<...> (p. 246) Os americanos têm por hábito, após a surtão da parte doente do corpo, nada dar aos doentes acanados a menos que o peçam. E se o não fazem ficam às vezes um mês inteiro sem comer e por mais grave que seja a doença, nada impede os que estão com saúde de dançarem, cantarem, beberem e se divertirem com grande bulha em torno da vítima, a qual, consciente de que de nada adiantaria lastimar-se, se conforma em ouvir a algazarra silenciosamente. Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se a cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontrarmos em uma ladeia onde tenha morrido alguém não nos será possível fechar os olhos para dormir<sup>120</sup>. As mulheres sobretudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem. Berram umas arrastando a voz: "Morreu quem era tão valente e tantos prisioneiros nos dava a devorar!" E outras replicam no mesmo tom: "Era um bom caçador e excelente pescador". E outras acrescentam: "Que bravo matador de perós e margaiá era ele, e como nos vingava". E assim, excitando-se mutuamente e se abraçando, não cessam a ladainha de seus louvores enquanto o cadáver estiver presente e dizem por miúdo, tudo o que em vida o defunto praticou. Dizem que as mulheres de Béarn fazendo do vício virtude, assim cantam no pranto erguido em presença de seus maridos defuntos: La mi amon, la mi amon, cara rident, oeil de splendon; cama leugé, bel dansadou; lo me balen, lo m'es burbat; mati depes; fort tard au lheit, o que quer dizer: meu amor, meu amor, cara risonha, olhos brilhantes, perna ligeira, bom dançarino, homem valente, madrugador; cedo de pé, tarde na cama. E afirmam as mulheres da Gasconha acrescentam: Vere, vere, ô le bet renegadon, ô le bet jougadon qu'hère, ou seja: Ai de mim, ai de mim, que lindo renegado, que belo



[2.] BREF à la maniere que les femmes de Bearn, ainsi qu'on dit, faissans de vice vertu en vne partie des pleurs qu'elles font sur leurs maris decedez chantent la mi amou, la mi amou: Cara rident, oeil de splendou: Cara leugé bet dansadou: Lo mé balen, lo m'esturbat: mati depes: fort tard cougat. C'est à dire, Mon amour, mon amour: visage rient, oeil de splendeur, jambe legere, beau danseur, le mien vaillant, le mien esueillé, matin debout, ford tard au lict: Voire comme aucuns disent que les femmes de Gascoigne adioustent, Yere, yere. O le bet renegadou, ô le bet iougadou qu'here: c'est à dire, Helas, hélas, O le beau renieur, ô le (p. 384) beau iôeout qu'il estoit: ainsi en font nos pources femmes Bresiliennes, lesquelles au surplus, au refrain de chacune pose, adioustans tousiours, Il est mort, il est mort, celui duquel nous faisons maintenant le dueil: les hommes leur respondans disent, Helas il est vrai, hous ne le verrons plus iusques à ce que nous enseignent nos Caraibes, nous danserons avec lui: & autres semblables propos qu'ils adioustent: Or ces querimonies durans ordinairement demi iour (car ils ne gardent gueres leurs corps morts d'auantage) <...>

[...]

## CHAP. XX.

[correto: XXII]

Colloque de l'entree ou arriuee en la terre du Bresil, entre les gens du pais nommez Tououpinambacults, et Toupinenkins en langage Sauvage et François.

[...]

[136.] (p. 421) Inuby-a. Des cornets de bois dont les Sauvages cornent.

jogador era ele. Assim fazem as nossas americanas repetindo a cada estância o estribilho: "Morreu, morreu, aquele que agora carpimos". E os homens a isso respondem dizendo: "Em verdade não o (p. 247) veremos mais, a não ser quando formos para além das montanhas, onde como nos ensinam os nossos caraibas, dançaremos com eles". Tal cerimonia dura em geral apenas meio dia, pois não conservam mais tempo os cadáveres insepultos. <...>

[...]

## Cap. XXII

Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada tupinambá e tupiniquim em linguagem brasileira e francesa.

[...]

(p. 291) Inybi-á. Cornetim de madeira que os índios sopram.



134. HENRIETA ROGA FERNANDES BRAGA (Música sacra evangélica no Brasil, 1961, cap. II, p. 41) informa: « O versículo bíblico tomado por tema do sarado então proferido encontra-se em Salmo 27:4 - 'Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do Senhor e aprender no seu templo'. Antes, porém, em coro uníssono, os fiéis calvinistas entoaram o Salmo 5: 'Dá ouvidos às minhas palavras, ó Senhor' (as palavras que je veux dire, plaîse-toi l'oreille prêter) tal como fora preparado para o Salterio Huguenote, com metificação de CLEMENTE MARGT e melodia de LUIS BOURGEOIS, e até hoje se mantém nos binários franceses com as indispensáveis modificações inerentes à evolução da língua ». Em nota de rodapé (p. 41, nº 46), a autora acrescenta que « CALVINO só admitia o canto congregacional em uníssono. Vide: ALEXANDRE DELIER, "La valeur musicale des Poèmes de la Reforme française" (Protestantisme et Musique, Paris, éditions "de Gers", 1950, p. 67); e ISAAC PICCOARD, "La Musique dans le Culte Protestant" (ALBERT LANTIER, Encyclopédie de la Musique et Dictionnaire du Conservatoire, Deuxième partie, Technique, Esthétique, Pédagogie, Paris Librairie Delagrave, 1929, Vol. 4, p. 2429) ». Na p. 42, BRAGA transcreve, de fonte não citada, a melodia do salmo 5 ('Verbe mea auribus percipe'), escrita por LUIS BOURGEOIS em 1542 [cf. EXEMPLO MUSICAL III], seguido destes comentários: « Por ordem expressa de VILLEGAGNON, passaram a realizar-se preces públicas noturnas após o trabalho quotidiano, devendo os pastores pregar diariamente e duas vezes aos domingos. A Santa Ceia segundo o rito evangélico foi pela primeira vez celebrada no Brasil algumas dias depois, no domingo 21 de março de 1557. Em todos estes cultos entoavam-se Salmos, consoante o uso da Igreja Reformada. É de notar-se que, nessa época, por iniciativa de CALVINO, já se achavam quase completamente postos em música os cento e cinquenta Salmos, empreendimento realizado em grande parte por LUIS BOURGEOIS, Diretor da Música na Igreja de Genebra de 1545 a 1557 e um dos grandes mestres da música francesa no séc. XVI. Esta realização foi posteriormente completada (1562) por outros colaboradores, entre os quais se destaca CLAUDIO GOUNDINEL que, além disso, trabalhou a coleção completa dos cento e cinquenta Salmos três vezes - elaborando-os a quatro vozes em contraponto florido, harmonizando-os a quatro partes nota contra nota, e preparando-os sob a forma de moteto - tornando-os um verdadeiro apanágio da música sacra francesa ». As pp. 44-45 do mesmo trabalho, encontramos a versão de CLAUDE GOUNDINEL, de 1542, transcrita de uma edição de 1960.

135. Nota de PLÍNIO AYRÓS, nesta edição (p. 117, nota 188): « Maracá, de abaraká, é o denominativo tupi de um dos instrumentos de "música" mais comuns nas culturas primitivas. Simples chocalho, exige apenas uma cabeca e sementes ou pedrinhas para funcionar. Os maracás apresentam-se, às vezes, caprichosamente decorados, encabados e enfeitados com penas de várias cores. As decorações, principalmente, oferecem grande interesse etnográfico ».

136. Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 132, nota 234): « Exagero de Montaigne, I, XXX: "O dia inteiro se passa a dançar" ».

137. Nota de PLÍNIO AYRÓS, nesta edição (p. 150, nota 300): « Deve ser jôb, jôba. Canindê-jôba dirá: canindê amarelo. Esse estribilho talvez possa ser assim entendido: canindê amarelo, canindê amarelo, tal qual o mel (canindê jôb, canindê jôb, ayra oê). Nada podemos afirmar, está claro, na falta da maneira por que se acha grafada a última palavra ».

138. Nota de PLÍNIO AYRÓS, nesta edição (p. 150, nota 301): « Na edição latina da obra de Léry, comentada por Batista Caetano, vem jôb, corretamente ».

139. Nota de PLÍNIO AYRÓS, nesta edição (p. 161, nota 340): « Parece-nos que Léry deverá ter escrito Camouroupyou como, aliás, aparece linhas abaixo, e tal como encontramos em Claude d'Abbeville (Histoire, fl. 244), é o camurupi ou camurupia (Megalopes Hirsutoides, Bl. et Sch.). Em certos lugares é conhecido por camurupi-quasô ou quasô vale: grande, encorpado, grosso, etc. ».

140. Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 162, nota 341): « As palavras do estribilho dizem apenas: "Feito grande, estou com fome" Camurupia, estou com fome" ».

141. Este termo aplicado a instrumentos indígenas é pouco preciso. É possível que se trate de instrumento feito de concha marinha (guatapy, guatapyguassu, urupá) ou de bambu (inybiá, aiabyapá, aiabyguassu). Dada a feição mais rústica com "bócio", é mais provável que os europeus chamassem "cornetas" aos primeiros e "troabas" aos últimos. Não comprovamos, contudo, qualquer tentativa nesse sentido.

142. PLÍNIO AYRÓS, nesta edição (p. 187, nota 436), informa: « Em obediência à prosódia francesa deveríamos grafar, com mais correção, inybiá. A corneta, tal como a referida por Léry, era chamada aiabyapá, isto é, instrumento de sopro, torto, encurvado; nos vocabulários do tupi da costa aparece a forma aaby, evidente alteração de aiaby. A pronúncia dessa palavra, vulgar no Brasil, parece-nos errônea. Os franceses escrevendo inybiá indicavam claramente a pronúncia inybiá e não inóbia e janóbia. Gonçalves Dias (Poesias Americanas, ed. Garnier, t. II, p. 113) fala os cantos da janúbia... ». A maioria dos tupinólogos descreve esse termo, que normalmente vem grafado inóbia. A. LEMOS BRAGSA (Pequeno vocabulário tupi-português,



1955, p. 161) dá um certo *ybyia*, que significa « estranhos; vãs; Sec », sem ter ligação provável com o instrumento mencionado por LÉRY. TEODORO SAMPÃO (O tupi na geografia Nacional, 1937, p. 280) afirma: « Antiguamente, como escreveu Jean de Léry, *yandibá*, designando uma trombeta usada pelos tupinambás do Rio de Janeiro. O vocábulo tupi se decompõe em *ya-mu-bá* que se traduz literalmente, o que se agrada. Era uma trombeta de guerra, grossa, comprida e de grande abertura, cujo som se ouvia muito longe ». FREDERICO G. EDLMANN informa, em nota ao texto de SAMPÃO, que a *inúbia* consistia apenas de LÉRY (e, evidentemente, dos escritores que se serviram de seu livro). Assim se refere ao termo, na p. 165: « parece mesmo tratar-se de erro ou cópia de impressão, já adotado por Batista Cantano. Veja Erasão de Cienzia, 1:38 e Artur Heiva, Estudos de Língua Nacional, pp. 248-297. ¶ Devesmos, porém, lembrar que, ao lado de *inúby*, os dicionários brasileiros e neerlandais trazem *inúbyd*, *inúbi*; estes certamente retificam melhor a estropeada *inúbia* (inúbi) de Léry; por não decifrar as suas notas lida *inúbi* por *inúbiá* ». No século XIX, ANTONIO GONÇALVES DIAS, JOSÉ DE ALENCAR e CARLOS GOMES conheciam o termo. Em PEDRO SINZIS (Pelo mundo do son, 1955, pp. 320-321) há um bom texto de GOMES sobre esse instrumento. NÁRIO DE AMORIM (Dicionário musical brasileiro, 1969, pp. 265-266) também traz excelente contribuição, que vale a pena transcrever: « Instrumento de sopro usado pelos índios tupi-guaranis. Há certa confusão entre os autores que escrevem sobre *neubi* e *inúbia*, mas é provável que de *inúby* (correta de *inúbi*) tenha-se originado *inúbi* e *neubi*. A *inúbia* foi descrita vagamente como instrumento de sopro que se alarga gradativamente e se toca pela parte mais fina, uma trombeta guerreira de duas partes, formato côncavo, lenho de *naçaranduba* (*Minimus elatá*) esculpido por dentro. As referências a *neubi*, usado geralmente como sinônimo de *inúbia*, descrevem o instrumento como feita de osso fêmur, ou corneta de madeira com som forte e sonoro; ou com flauta. Gonçalves Dias usou *neubi* por *neubitarará*. É mais provável é que *neubi* indique genericamente instrumento soprado com o formato de flauta ou trombeta, podendo ser inclusive de osso. A *inúbia* teria as mesmas formas e funções que o *neubi*. ¶ Guilherme de Melo refere-se a *inúbia* como sendo uma buzina aerofônica de guerra do mesmo tipo do *neubitarará*, *inúbi* e *peuy* (...) (A música no Brasil, 1913, p. 26) ». Cf. bibliografia em NÁRIO DE AMORIM (Dicionário musical brasileiro, 1969, p. 366).

143 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 186, nota 434): « Thérac, *Cosmog.*, p. e plancha 943 ».

144 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 190, nota 439): « Inúvel (Cosaog., p. 944): 'é prazer ver nossos selvagens voltarem para suas choças, alegremente, tocando seus instrumentos de conchas e frutos secos, e tirando deles tal harmonia que durariam as trombetas de nossos cocheiros acrescentadas de cantos' ».

145 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 210, nota 475): « Sem dúvida quer referir-se aos frades peçintes ».

146 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 210, nota 476): « Esses cantos, perfeitamente autênticos, eram conhecidos de todos os brasileiros e constituíam uma espécie de ritual familiar ».

147 . Nota de PLÍNIO AROSA, nesta edição (p. 214, nota 500): « Hans Staden (p. 253) descreve-nos indiferentemente, *maracá*, *tamaracá* e *tanaracá*. Sua descrição confere com a de Léry. Os *maracá* são ainda usados na América Meridional. Epix e Martius os encontraram entre os Carapós, os coroados e outros. Mas não passam hoje em dia de pedaços de *caillou* cheios de milho e que produzem um som semelhante ao das castanholas. Os selvagens da Louisiana chamavam-nos *chichicouá* e os usavam no século XVIII. Trata-se de uma cabaca forada de ambos os lados. Atravessam-na com uma vareta cuja ponta externa serve de cabo. Dentro põe-se pedregulho ou favas ou ainda feijões secos, para o barulho. Lepage du Pratz, *Histoire de la Louisiane* I, 108. 113 *Maracá*, de *mará*, forte e *á*, casca, invólucro. É o instrumento de música semelhante a um chocalho ».

148 . Os comentários de LÉRY sobre o *maracá* (bem como os de HANS STADEN e ADRIÉ THÉVET) são encontrados, com alterações de todos os tipos, em dezenas de escritos, do séc. XVI ao séc. XX, entre eles as inúmeras reedições de seu livro. Em M. HIPPOLYTE TAINAY e M. FERDINAND DENIS, por exemplo (Le Brésil, 1872, v. VI, cap. VI, p. 204), encontramos esta passagem: « Pour animer les guerriers pendant la marche, quelques-uns d'entre eux faisaient entendre les sons perçants d'une espèce de flûte ou de fibre fabriquée avec les os des bras et des cuisses de ceux que l'on avait mangés. Vient ensuite le *maraca*, principalement consacré aux cérémonies religieuses. Cet instrument bizarre était formé d'une courge desséchée, percée aux deux extrémités, remplie de cailloux ronds ou de grains de maïs, et traversée par un bâton d'un pied et demi de long. Les tupinambas outre cela s'attachaient aux jambes, pendant leurs danses, un certain fruit de la grosseur et la forme d'une chétive d'eau, dont l'écorce est extrêmement retentissante; ils en étaient le fruit intérieur, le remplaçant par les cailloux, en enfilant plusieurs à un cordon, et formaient ainsi de espèces de castagnettes marquant parfaitement la mesure ».

149 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 214, nota 502): « Tais cerimônias, ou cerimônias análogas estão ainda em vigor nas matas do interior. D'Orbigny assistiu a uma dessas festas. Um ancão entoava honras a Deus e o coro repetia os estruções, tal qual na época de Léry. 'Essas vozes masculinas, escreve o viajante, esses sons desafinados dos tambores, a atitude iugamente dos cantores, seu aspecto, tudo nessa cerimônia me surpreendeu e espantou. Em verdade eu não sabia para onde fora transportado, mas não teria cedido por lugar nem por muito dinheiro'. Voyage, parte histórica, t. III, p. 13 ».



150 . Nota de PAUL GUYOT, nesta edição (p. 215, nota 504): « Comparar com esses cânticos certas poesias de tupi, de Cristóvão Valente, citadas por F. Denis. Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1559. Spix e Martius colheram também alguns cânticos brasileiros (*Reise in Brasilien*). Na grande obra de D'Orbigny também se encontram melodias índias ». FLÁVIO AVROSA completa: « Não há relação alguma entre estas toadas indígenas com os poemas do Padre Cristóvão Valente. As poesias deste catequista são orações cristãs postas em tupi, metrificadas e rimadas rigorosamente ».

151 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 215, nota 505): « A propósito das palavras dos cânticos brasileiros, Cf. F. Denis, o. c. p. 40-51. Cf. Brecho curioso de Montaigne, liv. I, III: "Alem desse canto guerreiro (ao cabo de citar, conheço um cântico amoroso com esse sentido: - para fazer um rico cordeiro que eu dê à minha amiga) e que tua belera e tua disposição estejam sempre acima das outras coisas". O primeiro couplet passa a retribuir o cântico ».

152 . FRANCIS DE CASTELNAU (*Expéditions dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, 1856, v. II, p. 35) traz uma observação curiosa sobre os cantos dos apinagés dos arredores de Boa Vista, que o autor ouviu em 1844: « Les danses religieuses des Apinagés ont de singuliers rapports avec celles que Correia et Lévy [sic] observèrent chez les sauvages de la côte du Brésil, lors de l'établissement des Français sous Villegagnon; la description de Lévy est particulièrement d'une exactitude frappante, et les notes du chant sont les mêmes chez les deux peuples. Il donne à la calebasse rendant des pierres le nom de maraca [sic], et dit qu'elle est destinée à représenter la voix de l'esprit ». JOHANN BAPTIST VON SPIX e CARL FRIEDRICH PHILIP VON MARTIUS (*Reise in Brasilien*, v. I, 1823, livro IV, cap. II, p. 374) fizeram a mesma analogia, ao observar rituais dos índios coroados às margens do rio Xipobá em 1818, de acordo com as informações deixadas nesta nota de rodapé: « Es ist merkwürdig, dass die Melodien, welche LÉRY vor mehr als zweihundert Jahren bei den von uns bemerkten Sacerd. Nas vergl. LÉRY hist. nav. in Brasil. Genév. 1894 ». Na tradução brasileira (*Viagem pelo Brasil*, 1981, v. I, livro IV, cap. II, p. 227, nota 11), lê-se: « Admira terem as melodias, que Lery assinalou, há mais de duzentos anos, entre os índios dos arredores do Rio de Janeiro, tanta semelhança com as que nós notamos aqui. Veja-se Lery, hist. nav. em Brasil (Geneve, 1894) ». Eis o relato do canto ouvido pelos autores do *Reise in Brasilien* (pp. 374-375): « In dieser Stellung, wie sie unter der Aufschrift: "Tanz der Puris" im Atlas abgebildet sind, begannen sie ihr düsteres, in der Musikbeilage aufgezeichnetes "Hä-ja-hä, hä-hä-hä." Unter schweremüthigen Affekte wurden Gesang und Tanz einigemal wiederholt, und beide Reihen bewegten sich langsam in einigen gemessenen Dreischritt vorwärts ». Na tradução (p. 228): « Nessa atitude, puseram-se eles a cantar o triste "Hä-ja-hä, hä-hä-hä". Com acentos melancólicos foram repetidas várias vezes a canção e a cantiga, e ambas as fileiras avançavam lentamente, num compasso de três tempos ».

153 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 216, nota 507): « Thèvet (*Cosmog.*, p. 519) ».

154 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 216, nota 508): « Danzel, III, 9-13 ».

155 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 246, nota 573): « Thèvet (*Cosmog.*, p. 526): "É horrível ouvir-lhes se lamentarem; e a desarmonia lembra a algazarra dos galos e cães em luta. Homens e mulheres se mantêm em suas redes ou acoroados... e as mulheres cantam com longos silêncios de intervalo as seguintes palavras: Chrenianola rouere iann. Espiraram então profundamente: eh hé, eh hé etc.". Tal costume era muito comum na antiguidade. Ver Píndaro. Cf. os mirmílogos da Grécia moderna e os voceros da Córsega ».



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA ÁNIMA DE 1581, AO P. CLÁUDIO AQUAVIVA, Bahia, 18 de Janeiro de 1582. Versão Latina.

TEXTO: Tradução latina de Luís da Fonseca, com assinatura autógrafa de Anchieta, Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 324r-329v (também em Bras. Hist., 61r-64v). Há ainda, no ARSI, mais três cópias latinas, todas com assinatura autógrafa de Anchieta.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: HELIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 393) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - Cartas / correspondência ativa e passiva; pesquisa, introdução e notas Fe. Helio Abranches Viotti, S.J., São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Casa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1964. (Obras completas, v. 6) Apêndice IV, doc. 60: «*Annae Litterae Provinciae Brasiliae, anni 1581, Batae, Bayae, Kal. Jan. 1582*», pp. 343-462.

## TEXTO LATINO

[...]

28. <...> (p. 455) [*Collegium Flavii Januarii*] Nostri hoc tempore cunctis etiam rebus providebant, domi namque jejuniis, flagellis cilicisque corpora macerabant, orationi vacabant, litanias assidue recitabant, <...>

29. (p. 458) Est hic pagus indorum nostrae commissum curae, Indi viribus fidei ut sunt prompti, sic etiam constantes, praeceptis et ceremoniis Ecclesiae dediti, sacramentorum cupidi. Primum sacrum, quod pater is, qui ipsorum gerit curam, fecit, maxima laetitia, pluribus choreis et trepidiis celebrarunt. Quae res quidem nec visa fuerat unquam ipsis, nec cognita, admirationis simul et voluptatis causa fuit. <...>

[...]

## TRADUÇÃO

[...]

<...> (p. 477) [*Colégio do Rio de Janeiro*] Em casa mortificavam seus corpos, com jejuns, disciplinas e cilícios, davam-se à oração, recitando assiduamente as ladainhas. <...>

(p. 478) Há aqui uma aldeia de índios [*Aldeia de São Lourenço*], confiada à nossa direção. Professando a fé com prontidão, mostram-se igualmente os índios constantes, sujeitos à prática dos mandamentos e das cerimônias da igreja, bem dispostos em relação aos sacramentos. Com dança se cateretês<sup>156</sup>, festejaram, em meio à maior alegria, a primeira missa que o seu missionário celebrou para eles. E se quisermos saber a razão, é que nunca a tinham presenciado, nem a conheciam, o que deu causa ao mesmo tempo para admiração e prazer.

[...]

156. A tradução «danças e cateretês» não tem muita semelhança com a versão portuguesa e autógrafa do mesmo documento (transcrita a seguir), onde se lê (f. 31) «danças e alegrias».



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA ÁNUA DE 1581, AO P. CLÁUDIO AQUAVIVA. Bahia, 18 de janeiro de 1582. Versão Portuguesa.

TEXTO: Cópia em português, com assinatura de Anchieta. Arquivo da Província de Toledo, *Varia Historia III*, ff. 443r-504v. Sem as simplificações da tradução latina é, sem dúvida, o texto primitivo desta carta.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 300) relaciona as versões conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - Cartas / correspondência ativa e passiva; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J., São Paulo, Edições Loyola, Vice-Fundação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1994. (Obras completas, v. 6) doc. 33: « Carta Ánuo da Província do Brasil, de 1581, dirigida a Cláudio Aquaviva, Bahia, 18 de janeiro de 1582 », pp. 300-392.

OBSERVAÇÃO: A edição foi feita com modernização da pontuação e da ortografia.

[...]

30. <...> (p. 316) Nesse tempo os nossos folgavam também de ambas as mãos. Dentro do colégio [*do Rio de Janeiro*], tendo oração, ladainhas e disciplinas. <...>

31. Está aqui a nosso cuidado uma povoação de índios cristãos [*Aldeia de São Lourenço*]. São bem doutrinados, muito afeiçoados às coisas da Igreja, muito amigos dos sacramentos. Celebraram com muitas festas e danças e alegrias a missa nova, que o padre que tem cuidado deles lá disse, que, por ser para eles coisa nova, foi causa de muito gosto. <...>

[...]

38. <...> (p. 320) E os meninos de nossa escola [*Colégio de Pernambuco*] de ler mostram bem, nos bons costumes e criação, quanta diferença há deles aos que, nas outras escolas da vila, aprendem. Fizeram, nesta quaresma, suas costumeiras procissões das sextas-feiras, cantando suas ladainhas, com os melhores cantores da vila, levando o padre vigário da vara, descoberto, um crucifixo debaixo de um pálio. Era tanto o concurso da gente, que não cabiam na igreja e grande parte dela ficava fora. Havia também sempre boa cópia de disciplinantes, que todos eram curados pelos estudantes com muita diligência.

[...]



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA ÁNUA DE 1583 AO P. CLÁUDIO ACQUAVIVA. Bahia do Salvador, 19 de janeiro de 1584.

TEXTO: Apógrafo em latim, redigido por LUIS DE FONSECA, com os dados fornecidos por Anchieta, ao regressar do Sul, e por este assinado. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 8, ff. 3r-5v. Título (?): *Annuae Litterae Provinciae Brasiliae anni 1583 datae in hoc signo Salvatoris, primo januarii, 1584*. Da folha (duas páginas) da Ánuia de 1584 se trasapelou para entre as desta carta (entre ff. 5r-6r), inclusive colocada às avessas, interrompendo o texto e dando origem à conservação acima. Retirada essa folha, que vai completar o texto da Ánuia de 1584 (Epp. MV, 75, entre ff. 118v-119v), resulta que esta Ánuia de 1583 se encontra íntegra e de leitura perfeitamente corrente.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: HELIO GERRACHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 482) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - *Cartas / correspondência ativa e passiva*; pesquisa, introdução e notas de Helio Gerachês Viotti, S.J., São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1964. [Obras completas, v. 6] doc. 38 (tradução portuguesa): *Carta Ánuia da Província do Brasil, de 1583, ao Provincial José de Anchieta ao Geral P. Cláudio Acquaviva. Bahia do Salvador, 19 de Janeiro de 1584*, pp. 330-333 e Apêndice V: *Annuae Litterae Provinciae Brasiliae anni 1583 datae in hoc signo Salvatoris, primo januarii, 1584*, p.

## TEXTO LATINO

[...]

8. <...> (p. 486) [*Collegium Bayaense*] Totium anni exercitium cum indis nullum aliud est, quam doctrinam christianam edocere et explicare, baptizare, matrimonio conjugere, aegrotos invisere, sacro oleo infirmos perungere, mortuos sepelire, omnibus denique ad eorum spectantibus salutem intendere, scholam habere obcedarium, in qua etiam pueri concinendi arti, tibiis et cytharis diligenter dant operam, vespertinas horas et missae sacra, tam in pagis, quam in nostro collegio diebus sanctorum reliquiis sacris, organico concentu exornant. Ad quam illi eliguntur, qui ad vocis concentum efformandum videntur aptiores. Tantaque nostrorum industria in rebus habent dexteritatem, et maximam lusitanis admirationem incutiant.

## TRADUÇÃO

[...]

<...> (p. 341) [*Colégio da Bahia*] O ministério do ano inteiro com os índios consiste no seguinte: ensinar-lhes e explicar-lhes a doutrina cristã, batizá-los, uni-los pelo matrimônio, visitar os enfermos, ungir os doentes com os santos óleos, sepultar os mortos, dedicar-se à salvação de quantos lhes estão confiados, manter escolas primárias, em que os meninos aprendem também, com muito diligência a arte do canto e a tocar flautas e charamelas. Dão muito relevo, com o canto de órgão, às vésperas e missas, quer nas aldeias, quer no nosso colégio, nos dias consagrados às santas relíquias. E para isso são escolhidos aqueles, cujas vozes se apresentam mais afinadas para formar o coral. E tamanha é a perfeição que, pela indústria dos nossos, adquirem nessas funções, que encham de maior admiração os portugueses. <...>



[...]

11. (p. 487) Scholasticorum numerus in dies maior censetur uberiusque ex studio fructus excipitur. <...>

Abeodarii pueri, qui octoginta numerum complent, non vulgare suae virtutis specimen praebent. Laborant diligenter in characteribus depingendis, ut ad latinas classes transferantur. Doctrinae christianae quam habent decantant et arithmeticae regulis frequenti disputatione, praemiis invitati, insudant. Puerorum exemplo excitati, superiores scholastici, in quadraginta diebus veneris, in nostro templo aggregati, solennes completas musico organo cytharisque commitantibus de cantarunt, quo tota fere civitas confluebat.

[...]

23. <...> (p. 491) [Oppidum Divi Vincentii] Instituta est hoc anno ad pietatem augendam celebris Rosarii confraternitas, cum solenni pompa et musico concentu peracto. Altaris sacrificium initium dedere, facta est tunc devota populi supplicatio, in qua omnes rosis benedictis (quae hic solummodo germinantur) aliisque floribus distinctas coronas capitibus deferebant, gestantes patre sub pallio serico Virginis Matris simulacrum, rubicundis itidem circumornatum rosis. <...>

24. <...> [Praefectura Spiritus Sancti] Hos cum pater provincialis visitaret, per latum et aenenum lintre cavectus, cumque jam pago appropinquaret, ecce subit indi, sericis vestibus induti, pennisque discoloribus ornati, bellica turba resonante, accurrunt, suisque lintribus, maximo rerum sonitu incitatis, patrem circumdant, festivae aequali renigio eruptiones peragunt et uno passim ore salutant, tanta laetitia et applausu, ut socios summo opere recreatos redderent. Et hoc modo ad portum usque ludantes et cantantes patrem comitantur.

[...]

(p. 342) [Colégio da Bahia] Cresce cada dia o número dos estudantes e melhora o resultado dos estudos. <...>

Os meninos da escola primária, que completam o número de oitenta, dão mostra incomum de sua virtude. Com muita aplicação, procuram traçar as primeiras letras, para se poderem transferir depois às aulas de latim. Atraídos pelos prêmios, envidam grande esforço nas frequentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando, e das regras da aritmética. Incentivados pelo exemplo dos meninos, os estudantes das classes superiores, reunidos, nas sextas-feiras da quaresma, em nossa igreja, cantaram ao som do órgão e dos alaúdes<sup>107</sup> as completas solenes, função a que comparecia quase toda a cidade.

[...]

<...> (p. 347) [Capitania de São Vicente] Para aumento de piedade, foi instituída este ano a célebre confraria de Nossa Senhora do Rosário, com pomposa solenidade e concerto musical, tendo por início o santo sacrifício do altar. Procedeu-se a seguir a uma devota procissão rogatória, na qual todos traziam à cabeça suas coroas de rosas (que só aqui florescem) e de outras flores, carregando o padre debaixo do pálio de seda uma imagem da Virgem Mãe, também ela enrolurada de rosas vermelhas.

[...]

(p. 348) [Capitania do Espírito Santo] Quando o P. Provincial, transportado numa ampla e aprazível canoa, os foi a ver, ao se aproximar da aldeia, eis que de súbito irrompem os índios, trajando roupas de seda e ornados de penas multicores, com alaúdes e em corpo de guerra. E em suas canoas, arrancadas com fragor altíssimo de remos, vêm rodear ao padre, executando em remadas compassadas festivos movimentos. E erguendo ritmadamente suas vozes de saudação, com tal contentamento e aplauso, que encheram os nossos do maior agrado. E dessa forma, em



[...]

28. <...> (p. 492) [*Collegium Pernambucense*] De studiis nihil notatis adjiciam, cum pauci sint scholastici. Conscientiae assu explicantur, pueri doceantur, qui singulis annis in quadragesima devotas, cum letaniis, supplicationes instituunt, quas tota fere populi turba committatur.

[...]

canções e fogos, levaram o padre até o porto. <...>

<...> (p. 349) Sobre os estudos, nada acrescentarei ao que já foi notado, pois são poucos os estudantes. Licionam-se casos de consciência; educam-se os meninos. Cada ano pela quares(p. 350)ma, realizam eles [os meninos estudantes do Colégio de Pernambuco], com devotas ladainhas, suas procissões, acompanhadas de multidão de povo.

[...]

157. A tradução de « cytharisque » por « dos alaúdes » é pouco adequada. NÉRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 15), que fala do alaúde, informa corretamente que « não existem referências à sua presença no Brasil ». RAPHAEL BOUTERJ (*Vocabulário português e latino*, v. I, 1712, p. 207) indica, para o alaúde, os termos latinos Testudo e Cithara, preferindo o primeiro. Tanto para a cítara, que BOUTERJ (v. II, 1712, p. 331) diz ser « instrumento pouco diverso do alaúde », quanto para a viola (v. VIII, 1721, p. 506) e a guitarra (v. IV, 1713, p. 159), este autor dá a versão latina Cithara. Mas observa, quando fala da viola, que « Chamá-lhe communemente Cithara, posto que o instrumento, a que os Latinos chamá-lhe Cithara, possa ser muito diverso do que chamamos Viola ». Cithara é um termo que, em latim, significa qualquer instrumento de cordas dedilhadas, com braço e caixa de ressonância. A tradução, aqui, para viola, é a mais correta também do ponto de vista histórico, uma vez que, entre portugueses e espanhóis, esse instrumento foi muito mais utilizado que o alaúde, cuja origem árabe provavelmente desestimulou o interesse dos ibéricos pelo cítaro. Há outras notícias do uso da viola em funções religiosas portuguesas, como na *Relação da viagem*, de FRUOSO CORREIA (doc. de 26 de maio de 1686, § 5) ou na *Peregrinação* de FERNÃO MENDES PINTO (Lisboa, 1614, pela reedição do Porto, v. II, 1945, p. 167). Os viuelistas espanhóis (que escreveram, no séc. XVI, para o mesmo instrumento que os portugueses chamavam viola) deixaram dezenas de obras religiosas encabuladas, algumas para serem apenas tocadas e outras para serem cantadas e acompanhadas.



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS. 1584.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: CAPISTRANO DE ABREU obteve duas cópias desse documento na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sobre as quais apenas conheceu seus títulos: « Enformação de la provincia del Brasil » e « Enformação do Brasil e das suas capitanias », a partir dos quais o fez imprimir no Diário Oficial dos dias 14, 16 e 20 de abril de 1936, aparecendo em seguida no n.º I das *Materiais e Achegas para a História da Geografia do Brasil* (Informações e Fragmentos Históricos do Padre Joseph de Anchieta, S.J., 1534-1586), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, p. 1-30 e na *Revista do Instituto Histórico*, VI, pp. 404-435 (esta logo após a publicação no DI).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1534-1594)*; [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. [Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3] doc. IX: « Informação do Brasil e de suas Capitanias - 1584 », pp. 301-348. Sem numeração de parágrafos.

[...]

[15.] (p. 305) No princípio do ano de 1578 veio por governados Lourenço da Veiga, o qual por si mesmo visitou as aldeias da doutrina que estão a cargo dos Padres, com muito gosto e lagrimas de devoção, vendo as doutrinas, procissões, disciplinas e comunhões dos Índios e as missas oficiadas em canto de órgão, com flautas, pelos filhos dos mesmos Índios. <...>

[...]

[101.] <...> (p. 330) Com o vinho das frutas que é muito forte se embebedam muito e perdem o siso, mas deste bebem pouco, e somente o tempo que elas [as "festas"] duram; mas o vinho comum das raízes e milho bebem tanto que às vezes andam dois dias com suas noites bebendo, e às vezes mais, principalmente nas natanças de contrários e todo este tempo cantando e bailando sem cansar nem dormir. <...>

[...]

[104.] (p. 331) Estes [os "Pagés"] costumam pintar uns cabanos com olhos e boca e os têm com muita veneração escondidos em uma casa escura para que aí vão os Índios a levar suas ofertas.

[...]



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA ÁNUA DE 1584 OU BREVE RELAÇÃO DAS COISAS ATINENTES AOS COLÉGIOS E RESIDÊNCIAS DO BRASIL, Bahia, 27 de dezembro de 1584.

TEXTOS: Autógrafo latino, com assinatura autógrafa de Anchieta. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Epp. M., 95, ff. 118r-119v. Como atrás ficou explicado, desta Ánuu se deslocara uma folha, que se fora inserir, invertida, na Ánuu de 1583 (Bras. 8, 3r-5v). Título (7): «*Annuu Litterarum Provinciae Brasiliae, Anni 1584. De rebus ad collegia domiciliaque Societatis in hac Provincia Brasiliica collocata spectantibus brevis narratio. Anni 1584*».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 493) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - *Cartas / correspondência ativa e passiva; pesquisa, introdução e notas* Fr. Hélio Abranches Viotti, S.J., São Paulo, Edições Loyola, Vice-Fundação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6) Apêndice VI, doc. 63: «*Annuu Litterarum Provinciae Brasiliae, Anni 1584. De rebus ad collegia domiciliaque Societatis in hac Provincia Brasiliica collocata spectantibus brevis narratio. Anni 1584*», pp. 493-517.

TRADUÇÃO PORTUGUESA: JOSEPH DE ANCHIETA - *Cartas, informações, fragmentos históricos e serões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)*; [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Schervogel; notas e postácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3) doc. XIII: «*Breve narração das coisas relativas aos Colégios e residências da Companhia nesta provincia brasilica, no ano de 1584*», pp. 373-408.

## TEXTU LATINO

[...]  
3. (p. 484) [*Collegium Bayacense*] Perfectum est omnium reliquiarum sacrarium, et in sacello, ubi frates quotidianis sacris intersunt, fuit collocatum. Satuit nempe pater visitator ut die inventionis Sanctae Crucis, in quo verum lignum populo, aliaque reliquiae in templo nostro visitandae exponuntur, solemni nostrorum supplicatione per domestica deambulacra, pulchris tapetibus variisque imaginibus et floribus vestitia, omnes sanctorum reliquiae defferrentur, et in sacrario capsulis apprime ornatis distincto, magna cum celebritate ponerentur. Institutaque ita est devota supplicatio comitante organo, tibiis, clavichordio et cytharis psalmodum modulatione.  
<...>

## TRADUÇÃO

[...]  
(p. 396) [*Colégio da Bahia*] Terminou-se o sacrário de todas as reliquias e foi colocado na capela, onde os Irmãos assistem aos exercícios quotidianos, pois o Padre Visitador determinou que, no dia da invenção da Santa Cruz [3 de maio de 1584], no qual se expõe o santo lenho e outras reliquias, para serem visitadas em a nossa igreja, em solene procissão dos nossos, pelos corredores particulares do Colégio, forrados de ricos tapetes, ornados de várias imagens e de todas as reliquias dos Santos fossem conduzidas e colocadas, com toda a publicidade, em sacrário distinto, em cofrezinhos, previamente ornados. Celebrou-se em seguida uma devota cerimônia, acompanhando o órgão, as flautas, e o clavicórdio<sup>100</sup> e as



[...]

10. (p. 498) [Collegium Bayacense] Duodecimo Kal. novembris, qui Virginibus sacer est, celebre initium dedere, vespertinas horas et missae sacrificium ad organa decantantes. Tunc enim poenitentium et communicantium insperatus fuit concursus. Postea denique sollemnis instituta est, optimo ordine, processio in qua sacerdos noster, qui novum sacrum fecerat, cum acolitis, pia Virginum capita sub serico pallio gestabat. Post alia similia spectacula, vespere brevis dialogus est habitus, qui sanctas virgines jugulatas, sanguine conspersas, earumque cadavera ab angelis sumptus et suavi modulatione sepulturae dedita, <...>

11. <...> (p. 498) Postremo et ultimo loco scholastici ad primam noctem suam peregerunt hoc ordine: in principio pueri abecedarii 70 nudatis corporibus cingulo tenus, accensos cereos portantes, reliqui deinceps exalceati sequenbantur, litanias decantantes. In calce sub serico pallio, quod primarii civitatis viri ferebant humeris, portabant externi quatuor sacerdotes unan velut lecticam apprimis (p. 499) ornatam, et in ea medium corpus argenteum, quod caput Virginis inclusum servat. <...>

[...]

17. (p. 501) [Divus Vincentius] In hac praefectura, quae Divus Vincentius nominatur, septem habemus ex nostris, quinque sacerdotes et duo frates. Tam hi, quam superiores sunt Societatis Instituti observantes. Statutis temporibus, vota cum praeparatione

citeram<sup>129</sup> a modulação dos salmos. <...>

[...]

[Indica-se, na p. 401, a falta das pp. 3, 4, 5 e 6 do MS, seguindo-se, portanto, com a tradução de HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, *supra cit.* pp. 360-478]

(p. 367) [Colégio da Bahia] Dia 21 de outubro, consagrado às Santas Virgens, deram princípios com grande festa, com o canto das vésperas e missa cantada, ao som do órgão. O número dos que se confessaram e comungaram superou a expectativa. Em seguida efetuou-se, com excelente ordem, uma procissão, na qual um de nossos padres recém-ordenado, acompanhado de acolitos, levava sob o pálio de seda o relicário com as cabeças das Virgens. (p. 368) Após outros espetáculos [teatrais] semelhantes, à tarde houve nova representação, mais breve, em que os corpos degolados e cobertos de sangue das Santas Virgens, carregados pelos Anjos, foram entregues ao sepulcro entre suaves canções. <...>

<...> (p. 369) [Colégio da Bahia] Na primeira noite [das "orações públicas" pela falta de chuva] os estudantes, abrindo e fechando o cortejo, caminhavam nesta ordem: setenta meninos da escola primária, com o dorso nu e levando velas acesas, vinham à frente, os demais de pés descalços seguiam cantando as ladainhas; no coice, sob um pálio de seda, erguido pelos cidadãos de maior desaque, carregavam quatro sacerdotes de fora, num andor em forma de liteira, enfeitada com esmero, uma herma de prata, que contém a cabeça de uma das Virgens. <...>

[...]

(p. 372) Nesta capitania, que se chama de São Vicente, temos sete dos nossos, cinco sacerdotes e dois irmãos. Tanto estes, como os superiores, observantes do Instituto da Companhia. Com a devida preparação, renovam a seu tempo os votos de religião. Consagram-se à salvação



solita instaurant. Proximorum  
saluti consulunt. Sanctarum  
Virginum festum, musicis  
instrumentis magnaue populi  
devotione, celebrarunt. <...>  
[...]

dos próximos. Celebram, com  
instrumentos musicos e grande  
devoção popular a festa das Santas  
Virgens.  
[...]

158. Para RAPHAEL BLUTEM (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 539), que cita o Tesoro de la lengua Castellana y Española de CONFRUETAS, clavicórdio « he instrumento de cordas de luto, que se toca com pluma. Tomase do vezes por cravo ». É bem possível que ANCHIETA estivesse se referindo a um cravo, e não a um clavicórdio, por duas razões: 1) o volume sonoro do clavicórdio era extremamente reduzido para que fosse utilizado como acompanhador do canto nessas circunstâncias; 2) as referências ao uso do cravo entre os jesuítas no Brasil até 1700 são significativas, não havendo qualquer menção (em português) ao clavicórdio.

159. Como na 2ªua que ANCHIETA escreveu em 1583, esta tradução de « cytharis » também é inadequada. Existiram, nessa época, vários instrumentos que receberam a denominação cítara, particularmente uma espécie próxima do alaúde. Na vila de São Paulo, são mencionados nos Inventários e Testamentos: (inventário de Francisco Ribeiro, São Paulo, 22 de agosto de 1615, v. IV, 1926, p. 28): « Foi avaliada em cítara com uma roda de rodas e outra meia de aíl e darentos e cinquenta réis »; (inventário de Francisco Leão, Santana do Parnaíba, 19 de fevereiro de 1632, v. XIV, 1921, p. 181): « Uma cítara avaliada em palaca e meia \$480 ». Porém, mesmo em português, o significado desta palavra era impreciso, e pode ter sido usada também para designar viola. RAPHAEL BLUTEM (Vocabulário português e latino, v. I, 1712, p. 516) confirma o pouco cuidado na nomenclatura dessa classe de instrumentos: « Confundem os Poetas os instrumentos de Cordas, de sorte, que mal se pode entender, se fallão em Aluze, Viola, Theorba, Rebecca, ou Arpa ». Neste caso, superiores a tradução violas, dado o largo uso que tinham entre os portugueses e, sobretudo, entre os catequizados da Companhia de Jesus no Brasil, como comprova a documentação da época. JOSÉ RAMOS TINHORO (História social da música popular brasileira, 1986, Seção IV, pp. 17-42) demonstra, como perito musicólogo até hoje o faz, o quanto era comum o uso da viola naquela época, tanto em Portugal como no Brasil.



## FERNÃO CARDIM

(c. 1549 - 1625)

DOCUMENTO: DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL E DE SEUS COSTUMES E CERIMÔNIAS. [1564].

TEXTOS: Manuscrito da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sem indicação de título, códice e localização por parte de BAPTISTA CAETANO (infra cit.). Foi publicado pela primeira vez em inglês na coleção *Purchas his Pilgrimes*, Londres, 1625, v. VI, pp. 1289-1320, com o título: «A Treatise of Brasil written by a Portugal which had long lived there», por SAMUEL PURCHAS.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HOMÉRIO RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, livro VI, cap. I, nº 5, pp. 265-266) informa: «Até há pouco, sobre a autoria e a edição das obras de Fernão Cardim, consideravam-se como uma apenas três: Do clima e terra do Brasil, Do princípio e origem dos índios do Brasil e Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica. As duas primeiras foram pela primeira vez publicadas na Coleção de Viagens de Samuel Purchas, sob o título 'A treatise of Brasil written by a Portugal which had long lived there' [(nota 70): Samuel Purchas, *Halljyts posthuma or Purchas his Pilgrims*, 42 vol., Londres, 1625, p. 1320, (...)]. O manuscrito fora apreendido por Francis Cook, que levava Cardim prisioneiro para a Inglaterra. Como as últimas folhas do manuscrito são acompanhadas de algumas receitas anexas pelo irmão enfermeiro Manuel Tristão, Purchas atribuiu-lhe a autoria dos tratados. Essas duas obras também em manuscrito na Biblioteca de Évora e eram referidas no Catálogo daquela Biblioteca, preparado por Cunha Rivara [(nota 71): J. H. da Cunha Rivara, *Catálogo da Biblioteca Eboresense*. Lisboa, Imp. Nacional, 1850-71, 3 v.] ». As edições mais conhecidas, além da tradução de Purchas, são as seguintes: *Die ein und zwanzigste Schiffahrt...*, de LEVINUS HULSIUS (Frankfurt, Wolfgang Hoffman, 1629); a edição de Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, Tipografia da Gazeta de Notícias); a edição na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 57(1):185-212, 1894; a edição de 1931 (Rio de Janeiro, Griguet), coleção *Essaios e Estudos*, 12 série, com reedição em 1976; e a edição de 1980, citada abaixo.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HOMÉRIO RODRIGUES (op. cit., p. 265) informa: «Padre Fernão Cardim foi reitor do Colégio Brasileiro da Companhia de Jesus, entre 1567 e 1572, e do Colégio do Rio de Janeiro, de 1574 a 1578. Nascido cerca de 1549, chegou ao Brasil em maio de 1563 e fez profissão solene em 1568, falecendo ao 27 de janeiro de 1625. Aqui permaneceu, portanto, quarenta e dois anos, quase meio século. Interrompida esta longa estadia apenas por uma viagem como procurador da Província de Jesus a Roma (1603) e algum tempo de prisão na Inglaterra, para onde foi levado quando voltava de Roma».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FERNÃO CARDIM - *Tratados da terra e gente do Brasil*; introduções e notas de Rodolfo Garcia, Batista Caetano e Capistrano de Abreu. São Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980 (Coleção *reconquista do Brasil*, nova série, v. 15). Doc. II: «Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias», pp. 75-106.

## Do conhecimento que tem do creador

[Cap. 2]

[1.] (p. 87) Este gentio não tem conhecimento algum do seu Creador, nem de cousa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra coisa senão bailar; (...)

[...]



## Do mundo que têm em seu comer e beber

## [Cap. 4]

[...]

[3.] (p. 89) Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e durão dous, tres dias, em os quaes não comem, mas somente bebem, e para estes beberes serem mais festejados andão alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos achão para beberem, e revesando-se continuão estes bailos e musica todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vai em beber, e de bebados fazem muitos desmanchos, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias, etc. <...>

## Da criação dos filhos

## [Cap. 8]

[1.] <...> (p. 91) Estimão mais fazerem bem aos filhos que a si proprios, e agora estimão muito e anão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, escrever e contar, cantar e tanger, cousas que elles muito estimão.

## Dos seus bailos e cantos

## [Cap. 14]

[1.] (p. 93) Ainda que são malencolicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arredão muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavêm por causa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejão; de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são differenças de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usão os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailão cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem outra, e têm tal compasso e ordem, que às vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiando uns detraz dos outros, acabão todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comen nem aos filhos. As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatinhanhas e momos, principalmente quando bailão sós. Guardão (p. 94) entre si differenças de vozes em sua consonância, e de ordinario as mulheres levão os tiples, contraltos e tenores.



## Dos seus enterramentos

## [Cap. 15]

[...] (p. 94)

[2.] <...> depois de morto o lavão, e pintão muito galante, como pintão os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuxa no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que como cança de bailar, vem ali comer, <...>

Do modo que este gentio tem acerca de matar e comer carne humana

## [Cap. 18]

[1.] (p. 95) De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrários, nem entre elles ha festas que (p. 96) cheguem ás que fazem na morte dos que matão com grandes ceremonias, as quaes fazem desta maneira. <...> Chegando á sua terra [as "tomados na guerra vivos"], o saiem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento comum entre elles, <...>

[2.] Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panellas, alquidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principais como os outros mandão seus mensageiros a convidar outros de diversas partes para tal lua, até dez, doze leguas e mais, para o qual ninguém se excusa. Os hospedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entrão no lugar com danças e bailes, e em todo o tempo em que se junta a gente, ha vinho para os hospedes, porque sem elle todo o mais agazalhado não presta; a gente junta, começam as festas alguns dias antes, conforme ao numero, e certas ceremonias que precedem, e cada uma gasta um dia.

[...]

[4.] (p. 97) O segundo dia trazem muitos feixes de canas bravas de comprimento de lanças e mais, e á noite põem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se faz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andão bailando homens e mulheres com maços de frechas ao hombro, mas andão muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os ve melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva, leva, e com o são muitos, poucas vezes erra.

[5.] Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de canas e batem todos á uma no chão ora com um pé, ora com outro, sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assopram os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos e as canas umas mais grossas, outras menos, além de atoarem os matos, fazem uma harmonia que parece musica do inferno, mas elles aturão nellas como se fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

[6.] Ao quarto dia, em rompendo a alva, levão o contrario a lavar a um rio, e vão-se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, <...> e a cerimonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o subjugar sem ajuda de outrem, assim elle quer mostrar animo e forças em lhe resistir; e ás vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe succede outro que se tem por mais valente homem, os quaes ás vezes ficão bem enxovalhados,



e mais o ficarião, se já a este tempo o captivo não tivesse a péa ou grilhões. Acabada esta luta elle em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sae com coro de nymphas que trazem um grande alquidar novo pintado, e nelle as cordas enroladas e bem alvas, e posto este presente aos pés do captivo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudão, cuja letra é conforme a cerimonia, enquanto ellas cantão os homens tomão as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes, para que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras as metem no braço á mulher que sempre anda detraz delle com este peso e se o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e se elle dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aqueles dous nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isso diz um dos pés de cantiga: nós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço no passaro, posto que depois de outras ceremonias lhe dizem noutro pé:

[7.] Si tu foras papagaio, voando nos fugiras <sup>160</sup>.

[8.] A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começo a beber é um labarinto ou inferno ve-los e ouvi-los, porque os que bailão e cantão aturão com grandissimo fervor quantos dias e noites os vinhos durão: porque, como esta é a própria festa das natanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que durão muito, e a cada passo ourinão, e assim aturão sempre, e de noite e dia cantão e bailão, bebem e fallão cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizerão, e como cada um quer que lhe oução a sua história, todos fallão a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. <...>

[9.] Ao quinto dia pela manhã, ali ás sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas; então lhe tirão a peia e lhe passão as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, sae o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma a que chamão capa de (p. 99) penna, que se ata pelos peitos, e ficão-lhe as abas para cima como azas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares extranhos com olhos e corpo, <...> Acabado isto, vem um honrado, padrinho do novo canalleiro que ha de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da propria maneira que os cachorrinhos dos sanfoneiros<sup>161</sup>, <...>

160. Entre as primeiras edições deste texto, encontramos sensíveis diferenças. M. ALPHONSE DE BEAUCHAMP (*Histoire du Brésil*, 1815, livro III, p. 97) também traduziu alguns trechos de CARDIM, e aqui observamos: « Les femmes sauvages apportent le mousurana, la jettent à ses pieds, et la jettent à ses pieds, et la plus vieille d'entre elles commence la chanson de mort, tandis que les hommes mettent la corde au cou du prisonnier, et l'y fixent. La chanson fait allusion à ces liens. "C'est nous, chantent les femmes sauvages, qui tenons l'oiseau par la cou" et se moquant du captif, qui ne peut leur échapper: "Si, ajoutent elles, tu avais été un perroquet pillant nos campagnes, tu te serais envolé" ».

161. "Sanfoneiro", para JOAQUIM BLUTEM (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 469), é « O que toca sanfonia ». O mesmo autor informa, no verbete seguinte: « Sanfonia pois he instrumento comue nos negros, que o tocam ao povo para ganhar a vida. Tem no ventre quatro cordas, duas das quaes se pôde reduzir a unissonos, á a oitava, as outras duas estendidas por fóra, fazem hum perpetuo accordo com toda a variedade de tons, por meyo de hãas teclas, á em cima hãa roda de ped. aqyto liza, que a mão direita move circularmente, á tocando a mão esquerda as teclas, faz hum som agradável ». Cf. ERNESTO VIEIRA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 159-167), onde há boa descrição e história desse instrumento em Portugal. Não há, porém, entre os documentos recolhidos, qualquer referência ao seu uso no Brasil.



## FERNÃO CARDIM

(c. 1549 - 1625)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CRISTÓVÃO GOUVEIA ÀS PARTES DO BRASIL em NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA. Colégio da Bahia, 16 de outubro de 1583.

TEXTO: Cópia de Paulo Prado cedida a Delista Cartano, que não indica seu título, paginação e localização atual. Ao final: « Este collegio da Bahia, a 16 de Outubro de 83. - Foi crassão o Padre Visitador Christovão de Gouveia. - De V. R. filho indigno em Christo N. S. - Fernão Cardim. ». A primeira publicação deste documento foi feita por FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN em 1847, no tomo LXV da *Revista Trimestral do Instituto Histórico*, Lisboa, Imprensa Nacional (pp. 1-73), com o título: « Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), etc. desde o anno de 1583 ao de 1589, indo por visitador o P. Christovão de Gouveia Escripta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal pelo P. Fernão Cardim Ministro do Collegio da Companhia em Evora, etc., etc. ». Há notícia de uma outra cópia encontrada entre os papéis do falecido Cândido Mendes de Almeida, cuja localização atual desconhecemos.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FERNÃO CARDIM - *Tratados da terra e gente do Brasil*; Introduções e notas de Rodolpho Garcia, Baptista Cartano e Capistrano de Abreu. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUEF, 1980 (Coleção Reconquista do Brasil, nova série, v. 13), Doc. 111 « Informação da missão do P. Christovão Gouveia às partes do Brasil em narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica », pp. 141-175.

[1.] (p. 141) Nesta com o favor divino darei conta a Vossa Reverencia [o "P. Provincial em Portugal"] da nossa viagem e missão a esta provincia do Brasil, e determino contar todo o principal que nos tem succedido, não sómente na viagem, mas tambem em todo o tempo da visita que Vossa Reverencia tenha maior conhecimento das cousas desta provincia, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo communicar-me com Vossa Reverencia e mais padres e irmãos desta provincia.

[...]

[4.] <...> (p. 142) Todo o tempo de viagem [de 5 de março a 9 de maio de 1583] exercitámos nossos ministerios com os da náu, confessando, prégando, pondo em paz os discordes, impedindo juramentos e outras offensas de Deus, que em semelhantes viagens, se comnettem todos os dias. À noite havia ladainhas ás quaes se achava o Sr. Governador com seus sobrinhos e mais da náu. Na semana santa houve mandado<sup>162</sup> [a 7 de abril], ladainhas e Miserere em canto d'orgão. <...>

[...]

[7.] (p. 143) Quando o padre ["Christovão Gouveia"] visitou as classes [do "collegio" da "Bahia de Todos os Santos", em maio de 1583, após o dia 13], foi recebido dos estudantes com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enranado, as classes bem armadas com guardamecins, painéis e varias sedas. O padre Manuel de Barros, lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa musica de vozes, cravo e descantes. <...>

[8.] Trouxe o padre [na mesma ocasião] uma cabeça das Onze mil virgens, com outras reliquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas reliquias da Sé ao Collegio em procissão solemne, com frautas, boa musica de vozes e danças<sup>163</sup>. <...>

[...]



[13.] (p. 145) Chegando o padre á terra [*"a aldeã do Espirito Santo"*, em junho de 1583] começaram os frautistas tocar suas freutas com muita festa, o que também fizeram em quanto jantámos debaixo de um arvoredor de aroeira mui altas. Os meninos indios, escondidos em um fresco bosque, cantavam varias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção, no meio daquelles matos, principalmente uma pastoril<sup>164</sup> feita de novo para o recebimento do padre visitador seu novo pastor. Chegámos á aldeã á tarde; antes della um bom quarto de legua, começaram as festas que os indios tinham aparelhadas as quaes fizeram em uma rua de altissimos e frescos arvoredos, dos quaes saiam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saiam com grande grita e urros, que nos atroavam e faziam estremeber. Os caramis so. meninos, com muitos mólhos de frechas levantadas para cima, faziam seu motim de guerra e davam sua grita, e pintados de várias cores, nusinhos, vinham com as mãos levantadas receber a benção do padre, dizendo em portuguez, "louvado seja Jesus Cristo". Outros sairam com uma dança d'escudos á portugueza, fazendo muitos trocados e dançando ao som<sup>165</sup> da viola<sup>166</sup>, pandeiro e tamboril e frauta, e juntamente representavam um breve dialogo, cantando algumas cantigas pastoris<sup>167</sup>. Tudo causava devoção debaixo de taes bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem taes de gente tão barbara. Nem faltou um *anhangá* so. diabo, que saiu do mato; este era o diabo Ambrosio Pires, que a Lisboa foi o padre Rodrigo de Freitas. <...>

[...]

[15.] (p. 146) Estas festas acabadas, os indios Murubixaba, so. principaes, deram o Ereiupé ao padre, que quer dizer Vieste? e beijando-lhe a mão recebiam a benção. <...> Assim de toda a aldeã fomos levados em procissão á igreja com danças e boa musica de frauta, com *Te Deum laudamus*. <...>

[16.] Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel [3 de julho], precedendo as confissões geraes, renovaram os padres e irmãos das aldeãs seus votos, para que estavam alli juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diacono, e sub-diacono, officiada em canto d'orgão pelos indios, com suas freutas<sup>168</sup>. Dali fomos á aldeã de S. João, duas leguas desta, onde houve semelhantes recebimentos e festas, com muita consolação dos indios e nossa.

[...]

[22.] (p. 148) Chegámos á aldeã [*"de S. Matheus"*, em 22 de setembro ou depois], que dista cinco leguas da villa [*"de S. Jorge"*, nos *"Ilheos"*], por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas pennas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: <...>

[...]

[30.] (p. 150) Tivemos pelo natal um devoto presepio na povoação [*"Nossa Senhora da Escada, ermida do collegio, que dista duas leguas da cidade" da Bahia*], aonde algumas vezes nos ajuntavamos com boa e devota musica, e o irmão Barnabé [Tello]<sup>169</sup> nos alegrava com seu berimbau<sup>170</sup>. <...>

[31.] Aos 3 de janeiro [*de 1584*] partimos o padre visitador, padre provincial e outros padres e irmãos. Fomos aquella noite agasalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que depois entrou nella [*Gonzalo de Oliveira (?)*]. <...> Ao dia seguinte [5 de janeiro] depois da missa nos acompanhou [o *"devoto"*] até á aldeã [*"do Espirito Santo"*], e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. Em quanto comemos os indios pescaram alguns peixes: <...> Também os frautistas nos alegraram, que alli vieram receber o padre. Junto da aldeã do Espirito Santo nos esperavam os padres que della têm cuidado, debaixo de uma fresca



ramada, que tinha uma fonte portátil, que por fazer calma, além de boa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos índios um diálogo pastoril, em língua brasileira, portuguesa e castelhana. Houve boa música de vozes, frautas, danças e d'alli em procissão fomos até à igreja, com várias invenções; <...>

[32.] Dia dos Reis [6 de janeiro de 1584] renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador antes da missa revestido em capa d'asperges de damasco branco com diácono e subdiácono vestidos do mesmo damasco, baptiscou [na "aldéa do Espírito Santo"] alguns trinta adultos. Em todo o tempo do baptismo houve boa música de motetes, e de quando em quando se tocavam as frautas. Depois disse missa solenne com diácono e subdiácono, officiada em canto d'orgão pelos índios, com suas frautas, cravo e descante<sup>171</sup>: cantou na missa um mancebo estudante alguns psalmos e motetes, com extraordinária devoção.

[...]

[34.] (p. 151) É muito para ver e louvar Nosso Senhor a grande devoção de fervor, que se vê nestes índios [da "aldéa do Espírito Santo"], quando hão de comungar; porque os homens quasi todos se disciplinam á noite antes por espaço de um Miserere, precedendo ladainha e sua exhortação espiritual na língua: <...>

[...]

[36.] No meio da missa [do dia 5] houve prégação na língua, e depois procissão solenne com danças e outras invenções. <...>

[37.] Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhe um jantar a todos os da aldéa [ainda no dia 5], debaixo de uma grande ramada. <...> Enquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para elles foi grande, pelo que determinaram á tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e suigas de guerra a seu modo, e á portugueza. Quando estes fazem estes motins, andam muitos juntos em um corpo como nagote com seus arcos nas mãos, e molhos de frechas levantadas para cima; alguns se pintam, e empenam de várias cores. As mulheres os acompanham, e os mais delles nús, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal)<sup>172</sup>. Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calçam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam (p. 152) tão inflamados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é cousa medonha e espantosa. As mulheres e meninos também os ajudam nestes bailos e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatinhanhos e tregeitos, que é cousa ridícula. De ordinario não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda, fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam passaros, cobras, e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Também quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrario, e tudo isto fazem para se enbravecer. Enfin por milagre tenho a donar-se gente tão féra; mas tudo póde um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

[38.] Moravam os índios antes de sua conversão, em aldéas, em umasocas ou casas mui compridas, <...> Parece a casa um inferno ou labyrintho, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc. <...>

[...]

[46.] (p. 155) Ao dia seguinte [domingo, 9 de janeiro de 1584] ás dez horas pouco mais ou menos, chegámos á aldéa de Santo Antonio: dos índios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao



domingo seguinte [16 de janeiro] baptizou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'orgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a comunhão a 80; e tudo se fez com as mesmas festas e musica que na aldêa do Espírito Santo. <...>

[47.] Desta aldêa [de Santo Antonio] fomos á de S. João, dali sete leguas, tornando a dar volta para o mar. <...> Ao domingo seguinte [23 de janeiro] baptizou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em ação de graça e deu a comunhão a 120. Houve missa cantada, prégação com muita solemnidade, e depois das festas espirituas tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas.

[...]

[48.] Em todas estas tres aldêas [Espírito Santo, Santo Antonio e S. João] ha escola de ler e escrever, donde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habéis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo toman bem, e ha já muitos que tangem frautas, violas<sup>173</sup>, cravos, e officiam missas em canto d'orgão, cousas que os pais estimam muito. Estes meninos fallam portuguez, cantam á noite a doutrina pelas ruas, e encomendam as almas do purgatorio.

[...]

[60.] (p. 159) Tornando á quaresma em nossa casa [na Bahia, a 21 de fevereiro de 1584] tivemos um devoto e rico sepulchro. A paixão foi tambem devota que concorreu toda a terra; os officios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa [30 de março] ao desencerrar do Senhor, certos nancebos vieram á nossa igreja; traziam uma veronica de Christo mi devota, em panno de linho pintado, dous delles a tinham e juntamente com outros dous se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E com a dança se fazia ao som de crueis açoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem tivesse as lagrimas com tal espectáculo, pelo que foi notavel a devoção que houve na gente.

[61.] O padre visitador teve as endoenças [29 de março] na aldêa do Espírito Santo, <...> Tiveram mandado em portuguez por haver muitos brancos que allí se acharam, e paixão na lingua, que causou muita devoção e lagrimas nos indios. A procissão foi devotissima com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos indios, que dão em si cruelmente, e têm isto não sómente por virtude, mas tambem por valentia, tirarem sangue de si, e serem absetê, sc. valentes. <...> O padre visitador lhes fez todo os officios que se officiaram a vozes com seus bradados. Ao dia da Ressureição [19 de abril de 1584] se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças, e outras festas. <...>

[62.] Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubiléu plenário em nossa casa, missa de canto d'orgão, officiada pelos indios e outros cantores da Sé<sup>174</sup>, com frautas e outros instrumentos musicos<sup>175</sup>. Préguei-lhes da Cruz, por terem aqui uma reliquia do Santo Lenho em uma cruz de prata dourada, que foi de uma das freiras da Alemanha, a qual a imperatriz deu para este collegio, com licença do Summo Pontífice. Commungaram passante de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

[63.] <...> Na procissão [de 3 de maio, na Bahia] houve boa musica de vozes, frautas e orgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam psalms, e alguns motetes, e tambem recitaram epigramas ás santas reliquias. Com esta solemnidade e devoção, chegámos á capella, acnde houve completas solemnes. <...>

[64.] <...> (p. 160) Aqui [ao morro de S. Paulo, barra de Tinhará, doze leguas da Bahia] estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo [de 23 de junho a 2 de julho de 1584], em os quaes diziamos missa em um teigupaba de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros, commungaram nestas festas: passamos estes dias com boa musica, que alguns irmãos de boas fallas faziam frequentemente ao som de uma suave frauta, que de noite nos



consolavam e de madrugada nos despertavam com devotos e saudosos psalmos e cantigas<sup>176</sup>. <...> Algumas vezes iamos gastar as tardes com boa musica e praticas espirituas, sobre um fresco rio á vista do mar e pelo lugar ser solitário cau(p. 161)sava não pequena devoção: <...>

[...]

[68.] (p. 162) Os estudantes de humanidades [do "collegio de Pernambuco"], que são filhos dos principaes da terra, indo o padre á sua classe [a 18 de julho], receberam com um breve dialogo, boa musica, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem elles esta arte. O mestre fez uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, reliquias, etc.

[...]

[78.] (p. 164) Acabada a visita de Pernambuco (aonde estivenos tres mezes), e chegadas as monções dos Nordeste, aos dezesseis de Outubro partimos para a Bahia, nove padres e tres irmãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do (p. 165) collegio, até a barra, que é uma legua. Houve muitas lagrimas e saudades á despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com estas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, psalmos e outras cantigas devotas. <...>

[79.] Ao dia seguinte [17 de outubro], por ser dia das Onze mil virgens, houve no collegio grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diacomo e subdiacono. Os padrinhos foram o padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu com nossas capas d'asperger. A missa foi officiada com boa capella dos indios, com frautas, e de alguns cantores da Sé, com órgãos<sup>177</sup>, cravos e descantes. E ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levámos debaixo do pallio tres cabeças das Onze mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Saiu na procissão uma náu á vella por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nella iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho. De algumas jenellas fallaram á cidade, collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da náu se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o da d'antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. <...>

[...]

[81.] <...> (p. 166) Logo aos 25 [de outubro de 1584, na "Capitania do Espirito Santo"] se celebrou em casa a festa de Santa Catharina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador de Paraguay; <...> O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios tambem ajudaram com suas frautas. Toda a manhã houve muitas confissões, communhões e pregação.

[...]

[83.] <...> Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os indios tambem lhes fizeram a sua: porque duas leguas da aldêa em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns indios murubixiba, so. principaes, com muitos outros em vinte canoas mui bem equipadas, e algumas pintadas, enranadas e embandeiradas, com seus tambores, pifanos e frautas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; <...> O padre assim armado [com "um arco e frechas na mão"], e elle ["um menino", que lhe deu os objetos] dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frautas e pifanos, levaram o padre até á aldêa [da Senhora da Conceição], com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa baptisou setenta e tres adultos, em o qual tempo houve boa musica de vozes e frautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu communhão a trinta e sete.



[84.] Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessamos homens e mulheres portuguezas. Houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores indios e nossa. Acabada a missa houve procissão solenne pela aldeia, com danças dos indios a seu modo e á portugueza: e alguns mancebos honrados tambem festejaram o dia dançando na procissão, e representaram em breve dialogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compoz o padre Alvaro Lobo e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades.

[...]

[86.] (p. 167) Ao dia seguinte fomos á aldeia de S. João, dahi meia legua por agua por um rio acima fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu. Os meninos da aldeia tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arrebatando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'agua a seu modo mui gratiosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Cristo! - e vinham tomar a benção do padre, os principaes davam seu Ereiupe, prégando da vinha do padre com grande fervor. <...>

[87.] Ao dia seguinte [em "S. João"] baptizou o padre visitador trinta e tres adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. <...>

[...]

[88.] Os portuguezes têm muita escravaria destes indios christãos. Têm elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quizeram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo [em S. João] com seus alaridos á portugueza, e a seu modo com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principaes e confrades da dita confraria: <...>

[...]

[92.] (p. 168) Do Espirito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista alli oitenta leguas. <...> (p. 169) aos 20 [de dezembro de 1584], vespera de S. Thomé, arribamos ao Rio. <...> Neste collegio tivemos o Natal com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal: e tambem cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e ás noites nos alegrava com seu berimbau.

[...]

[94.] Trouxemos no navio uma reliquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser elle o padroeiro e protector. Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros e bandeiras foram á praia. <...> Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pifaros e frautas, com grande grita e festa dos indios; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e tambem os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andamos rica charola, com grande apparatus de vellas accensas, musica de canto d'orgão, etc. <...> Estava um theatro á porta da Misericordia com uma tolda de uma vela, e a santa reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado a um páu: causou este espectáculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que não viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes préguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuámos com a procissão e danças até nossa igreja:



era para ver uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito annos, todos nusinhos, pintados de certas cores apraziveis, com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes. Parece-me que os que viram nesse (p. 170) reino, que andaram todo o dia atraz elles; foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi. Chegados á igreja foi a santa reliquia collocada no sacrario para consolação dos moradores, que assim o pediram.

[95.] Têm os padres duas aldeas de indios, uma dellas de S. Lourenço, uma legua da cidade por mar; e a outra de S. Barnabé, 7 leguas também por mar, terão ambas tres mil indios christãos. Foi o padre visitador á de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada officiada pelos indios em canto d'orgão com sues freutas; casou alguns em lei de graça, e deu communhão a outros poucos. Eu baptisei dois adultos sómente, por os mais serem todos christãos.

[100.] (p. 172) Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquella casa aos 25 de janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago de nossa igreja. <...> Fomos em procissão até a igreja [a 25 de janeiro de 1585] (p. 173) com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos ás santas reliquias. Chegando á igreja demos a beijar as reliquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador missa com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos mancebos da terra. <...>

[...]

[102.] Piratininga é villa da invocação da conversão de São Paulo; <...> Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quaes têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padre os casam, baptisam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na villa senão a nossa. <...>

162 - JOSÉ ALBERTO L. DE CASTRO PINTO (Dicionário prático de cultura católica, bíblica e geral, 1971, pp. 166-167) tem um verbete sobre o Seralho do Mandato, onde informa: « Seralho que se prega na Quinta feira Santa após o Evangelho da Missa Vespertina, na tocante cerimônia do Lava-pés, tendo como tema as palavras de Jesus na Última Ceia: "Mandatum novum do vobis"... "Dou-vos um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13, 34) e que constitui a 14 antífona dessa cerimônia ». O Offício da Semana Santa (1675, pp. 282-283) traz detalhada descrição da cerimônia, dando os textos em latim e em português que se proferiam nessa ocasião. A primeira antífona que se cantava (no Offício está "Gloria, cap. 16") é « Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem, sicut dilexi vos, dicit Dominus ».

163 - Nota de RODRIGO GARCIA, nesta edição, pp. 164, nota 11: « Segundo Garcia, existiam no colégio da Bahia, quando chegou o visitador Cristóvão Bouveia, duas cabeças das Onze Mil Virgens; o padre trouxe mais outra. Até 1564, conforme Anchieta - Informações e fragmentos históricos (Rio de Janeiro, 1686), p. 25, havia em todo o Brasil seis dessas reliquias, que o texto essa distribui: três no Colégio da Bahia, uma em Fessambuco, uma no Rio de Janeiro; quanto à restante estaria talvez em Piratininga. Hequel ano foi criada na Bahia a Irmandade das Onze Mil Virgens. Dos Annaes Litterarii, extractados por A. Henrique Leal - Apontamentos do escrivão do Salvador Rodrigo de Freitas, 1555, in História da colonização portuguesa do Brasil, v. III, t. II, p. 165, conta referências ao fato: "Faltando cerejas e havendo muita secce, fizeram preces e procissão nocturna indo nella um andar com a cabeça de uma das Onze Mil Virgens, e logo se taldou o céu, e começou a chover".



Representaram os padres por essa ocasião um mistério ou auto das Onze Mil Virgens: "o público chorava (dizem os Anais), e não se pode significar quanto começaram a ser procurados e concurridos depois desta solemnidade" \*.

164 . O pastoril é hoje bastante conhecido dos musicólogos e ainda muito difundido no nordeste brasileiro. Transcrevemos apenas um fragmento da *Enciclopédia da música brasileira* (1977, v. II, p. 590): "Dança dramática ou folguedo realizado nos festejos de Natal e Reis. Em suas origens europeias, os pastoris (adjetivo substantivado de "autos pastoris") eram dramas litúrgicos, apresentados em igrejas; depois assumiram caráter profano, mantendo apenas fracas ligações com o acontecimento religioso festejado. Essa dança dramática chegou ao Brasil trazida pelos jesuítas, havendo indícios de sua existência já no séc. XVI". Cf. também NÉLIO DE ARAÚJO (Dicionário musical brasileiro, 1969, pp. 339-340) e LUIS DA CÂMARA CASTRO (Dicionário do folclore brasileiro, 1968, pp. 588-589).

165 . Por som, entende RAPHAEL BLUTEAU (Suplemento do Vocabulário português e latino, parte II, 1723, p. 220) "Fôça, que se põe à viola. Os sons, os peços mais ordinarias, que na viola se tocam são os seguintes. Arrocha. Arrepia. Sandu. Canário. Acrocha. Marinheira. Calsinho. Passacalho. Galtharda. Sarau. Fantesia. Neste Supplemento achará o Leitor a diffinição de cada um destes no seu lugar Alphabetico \*.

166 . RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1721, p. 536) informa: "Viola. Instrumento musico de cordas. Tem corpo concavo, costas, tampo, braço, espelho, cavalete para prender as cordas, e alstana para as dividirem as vozes, e para se forarem as consonancias. Tem cinco cordas, a saber, a primeira, a segunda, a corda prima, a contraprima, e o bordão. He violas de cinco requintadas, violas de cinco sem requintes, violas de arco, &c. Chamolhe communmente Cithara, porque o instrumento, a que os Latinos chamãrão Cithara, podia ser muito diverso do que chamamos Viola". ANTÔNIO DE MORAES SILVA (Dicionário da língua portuguesa, 1789, v. II, p. 526) acrescenta: "instrumento musico vulgar, com cordas de tripa de carneiro, e trastes no braço \*.

167 . Cantigas pastoris. A julgar pela denominação, cantigas, que se cantam nos autos pastoris.

168 . Com suas fruntas não parece indicar flautas indígenas, dada a solemnidade da ocasião, mas flautas portuguesas, como era costume entre os jesuítas.

169 . Nota de RODOLFO GARCIA, nesta edição (p. 182, nota IV): "Na comitiva do visitador vieram os padres Fernão Cardim, autor desta relação, e Rodrigo de Freitas, que já estivera em Pernambuco de 1568 até fins de 1573, quando, com o dr. Antônio de Salerna, veio para a Bahia, de onde seguiu para Lisboa, levando em sua companhia o índio Andréas Pires (e não Rodrigues, como está na edição de Varnhagen e edições posteriores), segundo se lê no texto. Veio também o irmão Barnabé Telo, o tocador de berimbau que antes fora secretário do padre Simão de Azevedo. A Cristóvão de Souza acompanhou esse irmão em toda a sua visita do Brasil e com ele voltou a Portugal, sofrendo na tornada as mesmas vicissitudes. Cardim, muitas vezes, com simpatia se refere a Barnabé Telo." \*.

170 . DOMINGOS VIEIRA (Grande dicionário português, v. I, 1871, p. 759) informa: "O mesmo que Berimbau. Instrumento de pretoz é feito de ferro com uma lingueta no meio de um arco; prende-se entre os dentes, e respirando pela bocca faz-se vibrar o ar com a dita lingueta. Dá um som monótono, á maneira de zumbido, e sem graça. é um dos grandes divertimentos dos rapazes \*". JOSÉ COSME (Dicionário musical, 1957, p. 18) acrescenta: "Pequeno instrumento usado pelas crianças. Consiste num pedaço de ferro na forma de ferradura, no qual existe uma lingueta. Escuta-se colocando a parte curva entre os dentes, forçando, desta modo, a boca uma caixa de ressonância, e batendo-se com o dedo na lingueta \*". LUIS DA CÂMARA CASTRO (Dicionário do folclore brasileiro, 1968, p. 126) concorda com ambos: "Pequeno instrumento sonoro, feito de ferro (os mais antigos) e de aço (os relativamente modernos). Consistia de dois braços que se ligam, arqueando-se com uma lingueta no meio. Toca-se levando o berimbau à boca, prendendo-o nos dentes e fazendo a lingueta vibrar, puxando-a com o dedo indicador. Dá-se um som monótono, espécie de zumbido \*". Este excelente verbete de CASTRO informa, ainda, que "Foi trazido ao Brasil pelos portugueses", citando o trabalho *Frases Feitas*, de JOÃO RIBEIRO (Rio de Janeiro, 1908), que é da opinião de que "o berimbau do irmão Barnabé seria uma *ariaba*, também chamada *ariabau* e mesmo confundida com o berimbau \*". Este instrumento nada tem a ver com o berimbau-de-barriga ou urucungo, como informa NÉLIO DE ARAÚJO (Dicionário musical brasileiro, 1969, pp. 58-59), fornecendo descrição semelhante aos autores citados e acrescentando (pp. 311-312) que "*ariabau* é "O mesmo que berimbau". Indicação de seu pequeno valor e fácil aquisição no Reino é o relato de MANUEL DE MENEZES & (Recuperação da Cidade do Salvador, c. 1625, livro terceiro, § 2), onde se lê que os "Oropani" (1625) "se davam pelos padres por excessivos preços segundo se queixavam os portugueses, alfineiros, alafações, tescaveis, beriabau \*". JOSÉ RAMOS TINHORÃO (A deculturação da música indígena brasileira, 1972, p. 25, nota 25) comenta este trecho de CARDIM: "Os autores que citam as passagens do livro de Fernão Cardim referentes ao irmão Barnabé Telo não esclarecem o verdadeiro tipo de berimbau que o jesuíta tocava, deixando saber ao leitor atual que seria o berimbau "de barriga", ou seja, o de arco e cuia, bastante conhecido hoje como instrumento de ritmo para capoeira. No entanto - e embora Fernão Cardim, de fato, não esclareça esse ponto - é certo que o irmão Barnabé tocava o chamado berimbau de



boca, tão popular em Portugal que chegou a originar o dito — "pensas que berimbau é gaita?" — e que muitas vezes ainda é seguido da explicação bem humorada: "não é não; é um ferrinho que se lhe toca". De fato, o berimbau de boca era um ferrinho recurvo que se introduzia na boca e se prendia com os dentes, fazendo vibrar com os dedos a ponta de uma lingueta de aço cuja colocação, coincidia com o centro dos lábios ».

171. Aqui, *descante* parece significar um instrumento musical, assim como na carta de HENRIQUE JONES \* (16 de junho de 1614, ff. 4), onde se lê: « com boas músicas, que sempre há, descantes, órgãos, e às vezes frautas e charangas ». FRANCISCO SOBRADO DOMESTICO (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 373) dá para *descante* « Viola pequena ou machete, com que se descanta », enquanto JOSÉ DA FONSECA e J. I. RODRIGUEZ (*Dicionário da língua portuguesa*, c. 1648, p. 354) « viola pequena, machete », DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. II, 1873, p. 322) « Viola pequena ou machete com que se descanta » e PEDRO SÁVIO (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 1) « viola pequena ». NÉLIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 192), citando AUGUSTO BESSA DE CARVALHO (*A gíria portuguesa*, Lisboa, Gomes de Carvalho, 1901, p. 111), afirma: « *descante* é uma viola pequena, em Beirão (Portugal) ». Algo semelhante escreve JAIME DINIZ (*Velhos organistas no passado*, 1971, p. 36, nota 14): « Cardia, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Leite, 1925, p. 336. *Descantes*, pelo contexto, não parece significar polifonia, mas significa instrumentos: com órgãos, cravo e descantes. Na mesma obra, encontram-se passagens semelhantes (sempre indicando genericamente instrumentos, talvez de sopro): "boa música de vozes, cravo, e descantes" (p. 286); "com suas frautas, cravo e descante" (p. 303); "com seus descantes e cravos" (p. 324). Na Alemanha dos séculos XVI-XVII, conhece-se o *Discant Schallmeyer*, que é um *Superius* — ou em alemão *Diskant* — das charangas, ou do órgão. A palavra *Diskant*, "castelhanizada" em *descante*, e aportuguesada em *descanta*, foi empregada com sentido análogo de voz ou instrumento agudo, ou seja de tessitura "alta". Em qualquer das línguas, a origem da palavra é mesmo latina: *Discantus* ». Apesar das informações de DINIZ, preferimos concordar com os dicionaristas, aceitando para *descante* o sinónimo de *machete* ou *nachinho*. Cf. também RAFAEL COELHO MACHADO (*Dicionário musical*, 1642, p. 48).

172. Nota de ROBERTO GARCIA, nesta edição (p. 196, nota XLV): « Cabaça cheia de sebrinha é o maracá ».

173. *Vihuela* era o termo espanhol que correspondia à viola portuguesa. ENILTO PUOL, in ALONSO NUÑERA (*Tres libros de musica en cifra para vihuela*, 1946, cap. I, pp. 1-15) traz excelente estudo sobre este instrumento, que desapareceu no fim do séc. XVI ou no princípio do séc. XVII. Informa, ainda, que nesse século coexistiram a *vihuela*, a guitarra de 4 ordens (4 pares de cordas) e a guitarra de 5 ordens. A guitarra de 4 ordens, provável ancestral do *machete* ou *descante* e, certamente, antecessora da guitarra de 5 ordens, desaparece, segundo a documentação europeia, na primeira metade do séc. XVII. A julgar pela documentação portuguesa, *viola* poderia designar todos esses instrumentos, apesar do uso esporádico do termo *guitarra*. PEDRO DE AZEVEDO (*Costumes e festas populares nos séculos XV e XVI*, 1912) organizou documentos portugueses do séc. XV, nos se encontram várias menções à *viola*. GIL VICENTE (*Copilação de todas as obras*, 1983, v. I, livro I, p. 441 e 444) traz várias referências a este instrumento, das delas no Auto chamado da Rofina Mendes, de 1534, evidenciando certo status nos que dominavam sua recitação: « (Vidal) — "O marido que quereis | de viola de dessa sorte | não no há sendo na corte, | que ca não no achereis". (Escudeiro) — "Sei bem ler, | e muito bem escrever, | e sou jogador de bola, | e quanto a tanger viola, | logo me ovireis tanger" ». FRANCISCO DA CUNHA (*Cancionário chamado de D. Maria Henriques*, 1961, parte III, p. 365), no auto da Conversão de Santo Agostinho, indica, ao final da peça: « acabado isto, cantão, a quatro vozes, com violas que pera isso trazeem ». As citações desse instrumento em Portugal e em suas colónias, durante os séculos XVI e XVII, são abundantes, sendo encontradas tanto na música profana quanto nas funções da Igreja. A julgar pela documentação conhecida, pelo menos no séc. XVI, era o instrumento polifónico ou de harmonia mais difundido entre os povos ibéricos. No Brasil, pelo uso pouco frequente do cravo, foi o principal instrumento acompanhador e de harmonia na música profana até o séc. XVIII. É provável que fosse utilizado também em igrejas que não possuíam órgãos. Cf. o excelente estudo de ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 123-154), sobre a *viola* e instrumentos semelhantes em Portugal.

174. Desde 1556 (*Documentos Históricos* I, v. XXIV, 1937, pp. 12-15), a Sé de Salvador possuía quatro « vozes do coro », recebendo, cada um (até 1606), 6400 réis por ano.

175. Existe um Regimento dos cantores da Sé de Évora no Arquivo da Sé, *Instituições e Regimentos*, pertencem ao Padroado do Arcebispado de Évora Mandados redigir pelos Sñores Deão e Cabido em Junho de 1634 (DC 5-VIII, ff. 39r-42v), publicado em JOSÉ AUGUSTO ALBERTO (*História da escola de música da Sé de Évora*, 1972, apêndice II, pp. 133-138), onde se lê: « Todos os Domingos, e dias santos a tarde da quaresma auzer câpietas de cantores no choro de sala, as quaes se officiarão desta maneira. ss. começara o choro em canto chão lux verso, e responderá o órgão a que cantara o cantor, ou cantores a que o mestre das capella mandar, e tornara a responder o choro e então responderá outra vez o órgão, e assi se irão cantando todos os psalms de maneira que sempre o canto chão se beta entre o órgão, e as frautas, ou outros instrumentos que quizer ».



176. Este tipo de cena musical é, geralmente, descrita como *capela*. *ÁRIO DE AGUIAR* (Dicionário musical brasileiro, 1907, pp. 110-111) diz: «Mais ou menos o mesmo que rancho ou ferno, porém especializado para dia de S. João. Agrupamento anejo que na noite do santo vai cantando em coro lavar o S. João no rio», citando boa documentação, a exemplo de LUIS DE CÂMERA CASTILHO (Dicionário do folclore brasileiro, 1968, p. 191). Note-se, portanto, diferença deste tipo de *capela*, para aquela que significa o grupo de cantores e/ou instrumentistas a serviço de alguém ou de alguma instituição.

177. RAFAEL BLUTEM (Vocabulário português e latino, v. VI, 1720, p. 115) informa: «Órgão. Instrumento musico de cantoria, composto de muitos registros, cu canos de differente grandeza, de estanho, chumbo, ou ped, se quem animados com o vento dos folles, distribuidos com artificioso methodo, formão harmonicas acduações, soando hora frautado, e hora chayo. He muy antigo o invento do órgão. No liv. 10. fez Vitruvio a descripção de um órgão, que jogava com doze folles, e se ouvia em distancia de mil passos. Dizem, que Heron Alexandrino foy o primeiro Autor, que escreveu deste instrumento nas suas Pneumaticas. O Papa Vitaliano, primeiro do nome, introduzio órgãos no officio da Igreja, cousa que até seu tempo se não usava. Na Igreja do Convento de Villar de Frades, no Reino, ha um singular órgão, com charavelas, que nem todos os Organistas sabem tanger. Corcor. Portug. tom. I. 316». Órgãos, aqui, não significa vários instrumentos, mas um só. O plural é comum nessa época e a documentação geralmente menciona o *tangedor dos órgãos*.



## [JOSE DE ANCHIETA ou FERNÃO CARDIM]

(1534 - 1584)

(c. 1548 - 1625)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DOS COLÉGIOS E CASAS DA COMPANHIA DO BRASIL E ALGUMAS PROPRIEDADES DE TERRA PARA NOSSO PADRE GERAL. s.l., [31 de dezembro de 1585].

TEXTO: Códice CXVI/1-33 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, ff. 37r-94r. Há outra cópia, mas bastante diferente desta no *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras. 15, ff. 333-339. No códice de Évora (f. 44r) há a assinatura de «Christovão de Sousa». Na folha seguinte, com outra letra, lê-se: «Enformacion de los collegios y casas de la Compania del Brasil e algunas propiedades de la tierra para Nuestro Padre General».

NOTA BIBLIOGRÁFICA E AUTOR: Capistrano de Abreu conheceu o códice de Évora, extraído cópia da informação, que traduziu para o português, atribuiu a JOSÉ DE ANCHIETA e fez imprimir no *Materiais e Achegas para a História da Geografia do Brasil* (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1866, v. I, pp. 31-56). Esse mesmo texto foi reproduzido em *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre Joseph de Anchieta, S.J., 1534-1594* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933, det. 1031), pp. 407-447). O texto espanhol foi publicado apenas por FREDERIC MAURO, que indica ANCHIETA e CRISTÓVÃO OLIVEIRA como possíveis autores.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FREDERIC MAURO - *Le Brésil au XVI<sup>e</sup> siècle. Documents inédits relatifs à l'Atlantique portugaise*; *separata de Brasília, Odebra, v. XI, 1961, 4<sup>a</sup> Parte, Description du Brésil*. [1] *Informacion de la provincia*, pp. 125-166.

OBSERVAÇÃO: F. MAURO transcreve entre colchetes os trechos que não constam da cópia de Roma.

## [4] Baya

[...]

[11.] [f. 38v] (p. 142) Los estudiantes en esta tierra, eltra de ser pocos, tambien saben poco por falta de los ingenios y no estudiesen con cuidado, ni la tierra los dá de sí por ser relaxada, remissa y melancolica y todo se leva en fiestas, cantar y holgar.

[...]

[14.] [f. 39r] (p. 143) Tiene este collegio tres aldeas de Indios Christianos libres a su cargo, que tendran dos mil y quinientas personas <sup>170</sup>; el Espiritu Santo que dista siete leguas de aquí, S. Juan que dista ocho, y S. Antonio que dista quatroze. En ellas residen de ordinario hasta ocho de los nuestros, dos e quatro en cada una <sup>170</sup>. Tienen en ellas sus casillas cubiertas de palma, [bien acomodadas], y iglesias capaces, adonde enseñan los Indios las cosas necessarias a su salvacion, [y les dicen mission y enseñan la doctrina christiana dos vezes cada dia], y tambien en cada una enseñan los hijos de los Indios a leer, escribir, contar y hablar portugues, y toman bien y le hablan con gracia, ajudar das missas, y, desta manera, los hazen politicos y hombres. En una dellas les enseñan a cantar y tienen su capilla de canto y flautas para sus fiestas, y hazen sus danças a la portuguesa con tamboriles y vihuelas <sup>180</sup> con mucha gracia, como si fueran muchachos portugueses y quando (p. 144) hazen estas danças se ponen unas diademas por la cabeça de plumas de paxaros <sup>181</sup> de varios colores, y desta suerte hazen tambien los arcos y empenan y pintan el cuerpo, y assi pintados y mui galanos a su modo hazen sus fiestas muy apazibles, dan



contento y causan devocion por ser hechas por gente indomita y barbara mas, por la bondad divina y dilligencia de los nuestros, hechos ya hombres politicos y christianos.

[...]

# [11] Clima

[...]

[33.] [f. 41r] (p. 155) El verano es algo caliente mas templado y no ay mes en que no llueva muchas vezes. Todo el año traen los hombres poca ropa. Es tierra deslexada y remissa y algo melancolia, y por esta causa los esclavos y Indios trabajan poco y los Portugueses quasi nada y todo se leva en fiestas, combites y cantares etc., y unos y otros son muy dados a vinos y facilmente se toman del, y los Portugueses no lo tienen por afrenta y deshonor; y los combites que se dan en esta tierra, ultra de ser muchos y ordinarios, son de gran costa [y adonde se haze muchos [f. 41v] excessos de comeres exquisitos] etc. <...>

[...]

# [20] Indios

[45.] <...> [f. 43v] (p. 163) De dia y de noche hazen sus comeres, cantares y fiestas hasta la mañana. <...>

# [21] Conversion

[47.] <...> [f. 44r] (p. 165) Oyen missa cada dia [os Indios] sin hablar, con modestia y devocion [aora de rodillas, aora en pie], las manos siempre tendidos al cielo y son tan afficionados a la iglesia y culto divino que estaran allí todo el dia. Los Padres le predicán en las fiestas principales y les enseñan la doctrina christiana dos vezes al dia: por la mañana, acabada la missa, en portugues y en su lingua, y a la tarde acabados sus servicios, el dialogo de la fee y aparejo de la communion y confession; y todos muchachos y casados, mugeres, y niñas responden a las preguntas con gran candura. Los niños de los Indios deprenden con nuestros padres a leer y escribir, contar, cantar, y hablar portugues y todo toman mui bien.

[...]

179 . F. MAURO indica no manuscrito do ARSI (p. 143, nota 4): « ultra dos seis pessoas ».

179 . F. MAURO indica no manuscrito do ARSI (p. 143, nota 5): « En ellas residen de ordinario doce de los nuestros, padres seis e otros hermanos ».

180 . Vihuela era o termo espanhol para viola, como se vê de portuguezes que escreviam sobre este instrumento na lingua de Castela, a exemplo de FRANCISCO DE SÁ MIRANDA (séc. XVI), na Carta em resposta a Jorge de Montemayor, estrofe L (Obras completas, v. II, 1943, p. 113): « Al son de las sus vihuelas y al su canto lo entonan siempre, vese clara prueba: cantando al nuevo a gozo, nuevo a llanto ».

181 . F. MAURO indica no manuscrito do ARSI (p. 144, nota 1): « paravilos ».



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: APOSTAMENTOS SOBRE PADRES DA COMPANHIA DE JESUS. Após 25 de novembro de 1586.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Manuscrito sem indicação de título, código ou localização (a não ser "Apostamentos" de José de Anchieta!); publicado pela primeira vez por CAPISTRANO DE ABREU no *Materiais e Achegas para a História da Geografia do Brasil*, HE 1, pp. 56-76.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1534-1597); [Incl. preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postfácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. [Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3] [31] "Fragmentos Históricos", pp. 467-468.

[...]

[24.] (p. 476) [*Sobre o Padre Manuel da Nóbrega*] No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procuravam houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solenidade, com canto de órgão e freutas, por amor dos Índios, cujos filhos os ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés dos Irmãos á quinta feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se prègar sempre a palavra de Deus que até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia prègar em português e brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por este fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um ano com os principais da terra que deixassem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão, a que ele chamava *Prègação Universal*, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam, em particular em S. Vicente á fama dele, por ser parte na lingua do Brasil se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circuncisão, e estando se representando á noite no adro da igreja, sobreveiu uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o teatro e começou a lançar umas gôtas de água muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandíssima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileo, que era o principal intento da obra<sup>182</sup>.

[...]

[27.] (p. 477) Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negocios, se metia na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola ás portas fechadas, e ele entretanto se estava desfazendo em légrinas com muita serenidade. <...>

[...]

182. Nota de CAPISTRANO DE ABREU, nesta edição (p. 483, nota 424): «O auto da *Prègação Universal* foi escrito por Anchieta para ser representado em São Vicente, a 31 de dezembro, vespera da Circuncisão ».



## GABRIEL SOARES DE SOUSA

&lt; ? - após 1587 &gt;

DOCUMENTO: DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DA AMÉRICA PORTUGUESA ou NOTÍCIA DO BRASIL ou TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL ou ROTEIRO GERAL DA COSTA DO BRASIL ou MEMÓRIAS HISTÓRI-COSMOGRÁFICAS DA BAHIA. 12 de março de 1587.

TEXTO: CLÁUDIO GAMES, na edição espanhola do manuscrito, *Derrotero General de la Costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia* (Manuscrito del siglo XVI; introducción de Claudio Games; notas finales de F. A. Varnhagen), Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1958, pp. XIII-XLIII, cita a existência de cerca de 20 apógrafos desse documento. Faz ainda um levantamento dos que foram editados, e qual tradução e simplificação a seguir: 1) « Descrição Geográfica de América Portuguesa » (ed. de Frei CONCEIÇÃO VELOZO). Consta de 2 códiex da Biblioteca de Porto, os MSS 1041 e 614. Há também MS incompleto na Biblioteca del Museo Naval, Madrid, editado do Rio de Janeiro pelo Instituto Histórico Brasileiro, em 1837; 2) « Notícia do Brasil ». Título com que foi publicado na coleção « Noticias para a história das nações ultramarinas », Lisboa, 1825. É o mesmo dos MSS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, n.º 2-351, da Biblioteca da Ajuda, Lisboa, n.ºs 51/13/14 e 51/13/15 e um dos MSS da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, códiex CIV-1x12. Foi utilizado por Pirajá de Silva em sua edição de 1944 (7); 3) « Tratado descriptivo do Brasil, em 1587 ». É o da edição de VARNHAGEN, na *Revista do Instituto Histórico*, v. XIV, 1881, e em sua 24.ª edição, Rio de Janeiro, 1879. Seguiu-se, com nome idêntico, a edição da Livraria Editora Nacional, São Paulo, 1938; 4) « Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil e a descrição de muitos lugares d'elle, especialmente da Baía de Todos os Santos ». Apógrafo português que consta do MS n.º 119 da Biblioteca Municipal do Porto, de 2 MSS da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, códiex CIV/2-10 e CIV/1-11. Assim também os da Biblioteca Nacional de Madrid, MS 3007, « Derrotero y relación »; MS 3137, « Derrotero General »; MS 2939, « Derrotero General ». Ainda na Biblioteca de Ajuda, Lisboa, MSS 51/13/16 e 51/13/22; 5) « Memórias históricas-cosmográficas de la Bahia de Todos los Santos - capital del Estado del Brasil, derrotero de toda su costa, rios, puertos y ensenadas y relación puntual de sus abundantes producciones de frutas, metales y preciosidades, variedad de raciones, su carácter, costumbres y gentilidades, y necesidad de poderlas en estado de defensa. Escrito en idioma portugués. Año 1587 y traducido al castellano ». Tradução espanhola da Biblioteca del Palacio Real, Madrid, MS 2657. Na edição que utilizamos, baseada na de VARNHAGEN, 1881, indica-se a utilização de vários manuscritos, explicitando-se apenas 3 da Biblioteca de Évora (não fornece localização), 3 da Biblioteca das Necessidades (fornece apenas o 1019/2) e outros 3 da Biblioteca do Porto (indicados apenas os de n.º 119 e 1019/6). O original português, ofertado a Christóvão de Moura, Madrid, pelo próprio autor, até hoje não foi localizado. JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (*História da História do Brasil*, 1975, livro I, cap. 1, n.º 3, pp. 436-437) dá todas as edições conhecidas desse texto.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (op. cit., p. 433) informa: « Sabe-se agora seguramente que Gabriel Soares arribou ao Brasil em 1569. Seguiu Frei Vicente do Salvador, veio em companhia de Francisco Barreto, de viagem para a Índia, e aqui ficou. Casou-se, fez-se senhor de engenho de açúcar no Rio dequiriz e aqui residia durante dezessete anos, ou seja, até 1586, dedicando-se à lavoura e ao açúcar, no litoral. Tornou-se homem rico e poderoso, como prova o seu testamento feito na Bahia, aos 10 de agosto de 1584, do qual se vê que instituiu legados, deu várias escolas, determinou que se rezassem missas em seu safrão e de seus pais, e deu bens em usufruto a pessoas de sua família. Ai declarou também que era possuidor de fazenda de raiz, com escravos, bois de carga, éguas, outros móveis, índios forros, engenhos de açúcar, terrenos na cidade de S. Salvador e nos arredores e muitas casas e foros de casas ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: GABRIEL SOARES DE SOUSA - *Notícia do Brasil*; comentários e notas de Varnhagen, Pirajá de Silva e Edelweiss. São Paulo, Hodericore et Auctore Edgar de Cerqueira Falcão, 1974. 484 pp. (Brasiliense Documenta, v. 7).



## PRIMEIRA PARTE

ROTEIRO GERAL COM LARGAS INFORMAÇÕES DE TODA A  
COSTA DO BRASIL

## Capítulo XIII.

Que trata da vida e costumes do gentio  
potiguar.

[1.] <...> (p. 15) Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos  
tupinambás, onde se declarará miudamente sua vida e costumes, que é quase o  
geral de todo o gentio da costa do Brasil.

## Capítulo XIX.

Que trata de quem são estes castés, que foram  
moradores na costa de Pernambuco.

[...]

[5.] <...> (p. 20) Por natureza são estes castés grandes músicos e  
amigos de bailar<sup>103</sup>, <...>

[...]

## Capítulo XXXIX.

Em que se declara quem são os tupiniquins e  
sua vida e costumes.

[1.] <...> (p. 36) são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam,  
como os tupinambás<sup>104</sup>, <...>

## Capítulo XLV.

Em que se diz quem são os goitacases, e de sua  
vida e costumes.

[...]

[2.] <...> (p. 41) Tem esse gentio muita parte dos costumes dos  
tupinambás assim no cantar, no bailar, tingir-se de jenipapo, na feição do  
cabelo da cabeça, e no arrancar os mais cabelos do corpo, e outras  
gentilidades muitas, que por escusar prolixidade, as guardamos para se  
dizerem uma só vez.

## Capítulo XLVI.

Em que se declara em suma quem são os  
papanazes e seus costumes.

[...]

[2.] <...> (p. 42) cantam e bailam; tem muitas gentilidades, das que  
usam os tupinambás; <...>



## Capítulo LVIII.

Em que se declara quem é o gentio tamboio de  
que tanto falsamoa.

[1.] <...> (p. 59) São havidos estes tamboios por grandes músicos e  
bailadores entre todo o gentio; os quais são grandes compondores de  
cantigas de improviso; pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer  
que vão<sup>185</sup>. <...>  
[...]

## Capítulo LXVIII.

Em que se declara parte dos costumes dos  
carijós.

[1.] <...> (p. 56) tem mais outras gentilidades, manhas e costumes,  
como os tupinambás, em cujo título se contam mui particularmente.

## SEGUNDA PARTE

MEMORIAL E DECLARAÇÃO DAS GRANDEZAS DA BAHIA  
DE TODOS OS SANTOS, DE SUA NOTÁVEL FERTILIDADE  
E DAS NOTÁVEIS PARTES QUE TEM.

## [SUB-PARTE I]

## Capítulo VIII.

Em que se declara o sítio da cidade, da Sé por  
diante.

[...]

[2.] <...> (p. 66) Serve-se nesta igreja [Sé de Salvador] o culto  
divino com cinco dignidades<sup>186</sup>, seis cônegos, quatro capelães, um cura e  
coadjutor, quatro moços de coro<sup>187</sup> e mestre da capela<sup>188</sup>; e muitos  
destes ministros não são sacerdotes; e ainda que são tão poucos, fazem-se  
nela os ofícios divinos com muita solenidade<sup>189</sup>. <...>

## [SUB-PARTE II]

DAQUI POR DIANTE SE TRATA DA VIDA E COSTUMES  
DO GENTIO DA TERRA DA BAHIA.



## Capítulo CLI.

Que se trata do sítio e arrumação das aldeias,  
e as quantidades dos principais delas.

[1.] <...> (p. 168) e como escolhe o sítio a contentamento dos mais antigos, faz o principal sua casa muito comprida, coberta de palma, a que os índios chamam pindoba, e as outras casas da aldeia se fazem também muito compridas, e arrumadas de maneira que lhe fica no meio um terreiro quadrado, onde fazem seus bailes e ajuntamentos; <...>

## Capítulo CLVIII.

Que trata do modo de comer e do beber dos  
tupinambás.

[...]

[3.] (p. 173) Este gentio é muito amigo do vinho, assim machos, como fêmeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pisan-na tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldeia para espremer estes aipins com as mãos, e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentilidade; a esta água e sumo destas raízes lançam em grandes potes, que para isso têm, onde este vinho se coze, e está até que se faz azedo; e como o está bem, o bebem com grandes cantares, e cantam e bailam toda uma noite às véspera do vinho, e ao outro dia pela manhã começam a beber, bailar e cantar; e as moças solteiras da casa andam dando o vinho em uns meios cabacos, a que chamam cuias, aos que andam cantando, os quais não comem nada enquanto bebem, o que fazem de maneira que vêm e caem de bêbados por esse chão; <...>

## Capítulo CLXII.

Que trata das saudades dos tupinambás, e como  
choram e cantam.

[...]

[3.] (p. 176) Os tupinambás se prezam de grandes músicos, e, ao seu modo, cantam com sofrível tom, os quais têm boas vozes; mas todos cantam por um tom, e os músicos fazem notes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote; um só diz a cantiga, e os outros respondem com o fim do mote, os quais cantam e bailam juntamente em uma roda, em a qual um tange um tamboril, em que não dobra as pancadas<sup>190</sup>; outros trazem um maracá na mão, que é um cabaco, com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; e nos seus bailes não fazem mais mudanças, nem mais continências que bater no chão com um só pé ao som do tamboril; e assim andam todos juntos à roda, e entram pelas casas uns dos outros; onde têm prestes vinho, com que os convidar; e às vezes andam um par de moças cantando entre eles, entre as quais há também mui grandes músicas, e por isso mui estimadas.

[4.] Entre este gentio são os músicos mui estimados, e por onde quer que vão, são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrários, sem lhe fazerem mal.



## Capítulo CLXVII.

Que se trata de como os tupinambás se apercebem para irem à guerra.

[1.] <...> (p. 178) e como todos estão prestes de suas armas e mantimentos, às noites antes da partida [para a guerra] anda o principal pregando ao redor das casas, e nesta pregação lhes diz onde vão e a obrigação que têm de ir tomar vingança de seus contrários, pondo-lhes diante a obrigação que têm para o fazerem e para pelejarem valorosamente; prometendo-lhes vitória contra seus inimigos, sem nenhum perigo da sua parte, de que ficará deles memória para os que após eles vierem cantar em seus louvores; e que pela manhã comecem de caminhar. Os roncadores levam tamboril, outros levam buzinas<sup>181</sup>, que vão tangendo pelo caminho, com que fazem grande estrondo, como chegam à vista dos contrários. <...>

## Capítulo CLXVIII.

Que trata de como os tupinambás dão em seus contrários.

[1.] <...> (p. 180) e ordenam-se de maneira que possam dar nos contrários de madrugada, e em conjunção de lua cheia, para andarem a derradeira jornada de noite pelo luar, e tomarem seus contrários desapercibidos e descuidados; e em chegando à aldeia dão todos juntos tamanho urro, gritando, que fazem com isso e com suas buzinas e tambores grande espanto; e desta maneira dão o seu assalto nos contrários; <...>

[...]

## Capítulo CLXX.

Em que se declara como o tupinambá que mata o contrário, toma logo nome, e as cerimônias que nisso fazem.

[1.] (p. 181) Costuma-se entre os tupinambás, que todo aquele que mata contrário, toma logo nome entre si, mas não o diz senão a seu tempo, que manda fazer grandesinhos; e como estão para se poderem beber, tingem-se à véspera à tarde de jenipapo, e começam à tarde a cantar, e toda a noite, e depois que têm cantado um grande pedaço, anda toda a gente da aldeia rogando ao matador, que diga o nome que tomou, ao que se faz de rogar, e tanto que o diz, se ordenam lodo novas cantigas fundadas sobre a morte daquele que morreu, e em louvores do que matou, o qual, como se acabam aquelas festas einhos, se recolhe para a sua rede, <...>

[2.] <...> e como o matador faz estas festas deixa crescer o cabelo por dó alguns dias, e como é grande, ordena outrosinhos para tirar o dó; ao que faz suas vésperas cantadas, <...>

[...]



## Capítulo CLXXII.

Que trata da festa e aparato que os tupinambás fazem para matarem em terreiro seus contrários.

[1.] (p. 182) Como os tupinambás vêem que os contrários, que têm cativos, estão já bons para matar, ordenam de fazer grandes festas a cada um, para as quais há grandes ajuntamentos de parentes e amigos, que para isso são chamados de trinta a quarenta léguas, para a vinda dos quais fazem grandes vinhos, que bebem com grandes festas; mas fazem-nas muito maiores para o dia do sacrifício do que há de padecer, com grandes cantares, e à véspera em todo dia cantam e bailam, e ao dia se bebem muitos vinhos pela manhã, com notes que dizem sobre a cabeça do que há de padecer, que também bebe com eles. E os que cantam fundam nesta festa suas cantigas vituperando o que há de padecer e exaltando o matador, dizendo suas proezas e louvores; <...> (p. 183) e como estes cativos vêem chegada a hora em que hão de padecer, começam a pregar e dizer grandes louvores de sua pessoa, dizendo que já está vingado de quem o há de matar, contando grandes façanhas suas e mortes que deu aos parentes do matador, ao qual ameaça e a toda a gente da aldeia, dizendo que seus parentes o vingarão. <...>

## Capítulo CLXXIII.

Que trata de como se enjeita e aparata o matador.

[1.] <...> (p. 183) e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio é a maior que pode ser, ajuntam-se seus parentes e amigos, e vão-no buscar em sua casa; donde o vêm acompanhando com grandes cantares e tangeres dos seus búzios<sup>182</sup>, gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado; pois chegou a ganhar tamanha honra, como é vingar a morte de seus antepassados e de seus irmãos e parentes; e com este estrondo entra no terreiro da execução, onde está o que há de padecer, <...>

## Capítulo CLXXV.

Que trata das cerimônias que os tupinambás fazem quando morre algum, e como os enterram.

[...]

[2.] (p. 184) E quando morre algum principal da aldeia em que vive, e depois de morto (p. 185) alguns dias, antes de o enterrarem, fazem as cerimônias seguintes. <...> arman-lhe sua rede embaixo de maneira que não toque o morto no chão; em a qual rede o metem assim enfeitado, e põe-lhe junto da rede seu arco e flechas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, <...>



## Capítulo CLXXVI.

Que trata do successor ao principal que morreu,  
e das cerimônias que faz sua mulher, e as que  
se fazem por morte dela também.

[...]

[3.] (p. 185) Costumam os índios, quando lhe morrem as mulheres, deixarem crescer o cabelo, no que não tem tempo certo, e tingem-se do jenipapo por dó; e quando se querem tosquiar, se tornam a tingir de preto à véspera da festa dos vinhos, que fazem a seu modo, cantando toda a noite, para a qual se ajunta muita gente para esses cantares, e o viúvo tosquia-se à véspera à tarde, e ao outro dia há grandes revoltas de cantar e bailar, e beber muito; e o que neste dia mais bebeu fez por valentia, ainda que vomite e perca o juízo. Nestas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta, e do que tira o dó, e o mesmo dó tomam os irmãos, filhos, pai e mãe do defunto, e cada um por si faz sua festa, quando tira o dó apartado, ainda que o tragam por uma mesma pessoa; <...>

## [SUB-PARTE III]

DAQUI POR DIANTE SE VAI CONTINUANDO COM A VIDA  
E COSTUMES DOS TUPINÁES E OUTRAS CASTAS DE  
GENTIO DA BAHIA QUE VIVE PELA TERRA DENTRO DO  
SEU SERTÃO, DOS QUAIS DIREMOS O QUE PUDERMOS  
ALCANÇAR DELES; E COMEÇANDO LOGO NOS TUPINÁES.

## Capítulo CLXXIX.

Que trata de alguns costumes e traços dos  
tupinás.

[...]

[2.] <...> (p. 187) são músicos de natureza, e grandes cantores de chacotas, quase pelo modo dos tupinambás; bailam, caçam e pescam, como eles, <...>

[...]

[4.] <...> (p. 188) e na guerra usam dos mesmos tambores, trombetas, buzinas que costumam trazer os tupinambás; <...>

[5.] <...> Costumam estes índios nos seus cantares tangerem com um canudo de uma cana de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso que cabe um braço, por grosso que seja, por dentro dele; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando o tangerem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e toa tanto como os seus tambores, da maneira que os eles tangerem<sup>103</sup>.

[...]

## Capítulo CLXXXI.

Que trata da vida e costumes dos moipiras.

[...]

[4.] <...> (p. 189) e usam na guerra tambores que fazem de um só pau, que cavam por dentro com fogo tanto até que ficam muito delgados, os quais



toam muito bem<sup>104</sup>; na mesma guerra usam de trombetas que fazem de uns búzios grandes furados, ou de cana da perna das alinárias que matam, a qual lavram e engastam em um pau. <...>

#### [SUB-PARTE IV]

#### COMEÇA A VIDA E OS COSTUMES DOS TAPUIAS.

##### Capítulo CLXXXIV.

Que trata de quem são os tapuias, que são os maracás.

[...]

[2.] (p. 181) Quando estes tapuias [maracás] cantam, não pronunciam nada, por ser tudo garganteado, mas a seu modo; são entoados e prezam-se de grandes músicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar. <...>

[...]

##### Capítulo CLXXXV.

Em que se declara o sítio em que vivem outros tapuias, e de parte de seus costumes.

[1.] (p. 181) Pelo sertão da mesma Bahia, para a banda do poente oitenta léguas do mar, pouco mais ou menos, estão umas serras que se estendem por uma banda e para a outra, e para o sertão mais de duzentas léguas, tudo povoado de tapuias contrários destes de que até agora tratamos, que se dizem os maracás, mas todos falam, cantam e bailam de uma mesma feição, e têm os mesmos costumes no proceder da sua vida e gentilidade, com muito pouca diferença.

[...]

##### Capítulo CLXXXVI.

Em que se declaram alguns costumes dos tapuias destas partes.

[1.] (p. 182) Estes tapuias, que vivem nesta comarca, são muito músicos, e cantam pela maneira dos primeiros; <...>

[...]

103 - ANTONIO DE SANTA MARIA JACOBINO & (Novo orbe seráfico brasileiro, preâmbulo, alínea 1, estância III, § 16, pp. 11-12); baseado neste autor, afirma: « São estes Cayetes grandes músicos, e bailadores, com as outras Gentilidades com os seus, e da mesma língua gerzi ».



184. ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO & (ibidem, estância V, § 18, p. 15) declara que « tinham as mesmas gentilezas dos tupynambás seus vizinhos, e de quem se fazia também parentes, cantar, bailar, e beber ».

185. ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO & (ibidem, estância IV, § 22, p. 17) acrescenta uma informação interessante ao texto de G. SOARES DE SOUSA: « Erao ouvidos estas façoas por grandes musicos, e bailadores entre todo o mais Gentio. Forão elles os primeiros que gostarão das celebradas agoas das correntes do Carioca do Rio de Janeiro, e experimentarão melhor os seus effeitos, e por isso erao estimados do mais Gentio onde se achavão, e porque a voz da voz compunhaõ também suas cantigas, e chaçonetas, que ao seu modo rustico repetião com singular doçura, e graça ».

186. Uma das dignidades é o chanto que, em uma catedral, desempenha importante papel na execução da música para as funções religiosas.

187. Os dois primeiros moços do coro da Sé de Salvador (João, filho de João Velho e Diogo, filho de Patheua de Juro), são nomeados em 17 de agosto de 1552 (Documentos Históricos &, v. XXV, 1937, pp. 131-132). Em 21 de março de 1554 é apresentado Santo de Oliveira, filho de Antonio de Oliveira (idem, pp. 219-221) e, em 27 de abril do mesmo ano, é apresentado Diogo, filho de Diogo Rodrigues (idem, pp. 221-222). Uma carta regia de 14 de setembro de 1559 (idem, v. XXVI, 1937, pp. 13-15) determina que haja quatro, e não dois moços do coro, que passariam a receber 6000 réis por ano, em lugar dos 2000 que recebiam anteriormente. No entanto, parece que dois desses quatro moços do coro devem ter abandonado suas funções, uma vez que a 11 de dezembro de 1559 são nomeados Felipe e Belchior nos cargos vacantes (idem, v. XXVI, 1937, p. 47). Curiosamente, o mesmo Diogo, filho de Diogo Rodrigues, volta a ser nomeado em 19 de dezembro de 1559, para receber 6000 réis por ano (idem, pp. 91-92). Um documento de 10 de junho de 1560 (idem, p. 97) ainda fala em « dois Moços do Coro novos » e « outros 2 velhos », mas, a partir de 4 de janeiro de 1561 (idem, pp. 98), a documentação se refere sempre a quatro moços, sem dar seus nomes. A última notícia sobre esses músicos no séc. XVI que encontramos nos Documentos Históricos é de 12 de fevereiro de 1567, quando ainda recebiam 6000 réis por ano, pagos à razão de 2000 réis por quadrimestre (idem, pp. 102-103). À julgar por seus nomes, esses meninos eram filhos de portugueses, diferentemente dos moços do coro das capelas jesuíticas, que eram meninos índios.

188. O cargo de mestre de capela da Sé de Salvador foi oficialmente instituído em 15 de junho de 1559 (Documentos Históricos &, v. XXVI, 1937, pp. 92-93), mas João Lopes, que a 16 de maio de 1554 é apresentado na catedral de Chanto, por falecimento de Francisco de Vacas (idem, v. XXV, 1937, pp. 216-217), já era chamado de « Mestre da Capella » em 3 de agosto de 1553 (idem, v. XIV, 1929, p. 363 e v. XXVIII, 1937, p. 176). Em todo o caso, é possível que em 1587 esse cargo ainda fosse ocupado por Bartholomeu Pires, que, pela documentação que possuíamos, foi, efetivamente, o primeiro mestre de capela da Sé de Salvador.

189. FRANCISCO ADOLPHO DE WAPPESEN (História Geral do Brasil, v. I, 1854, seção XIII, p. 298) comenta este trecho: « Tinha já a cidade do Salvador [em 1587] bons edificios, porém a sé estava, como a de Pernambuco, por concluir. Havia nella cinco dignidades, seis conegos, dois meios conegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre de capella, dos quaes muitos não eram sacerdotes, em geral mais mal pagos que os capellães dos erguimentos: cujos lugares os ecclesiasticos preferiam ».

190. LUIS DE CÁDIZ CASCO (Dicionário do folclore brasileiro, 1968, p. 737) faz uma observação sobre esta afirmativa: « Parece-se que o testemunho de Gabriel Soares de Sousa é meridiano. O não cobrar a pancada creso referir-se a função simples do tamboril marcar o compasso, como os nossos surdos atuais, mesmo das bandas musicais militares, e não o não ser tocado por uma vaqueta apenas, como pensou Métraux ».

191. O "cornu ou vozina" de PEDRO VAZ DE CAMINHA & (carta, 1590, § 3) e as "buzinas" ou "bozinas" de que fala GABRIEL SOARES DE SOUSA & (Notícia do Brasil, 1587, cap. CLXVII), VICENTE DO SALVADOR & (História do Brasil, 1627, livro I, cap. XVI, § 3), ANTONIO VIEIRA & (carta de 28 de novembro de 1659, § 13), JOÃO FELIPE BETTENHOF & (Crônica, de 25 de maio de 1696, livro III, cap. II, § 2 e cap. IV, § 1), RAFAEL DE JESUS & (Castrato lusitano, 1697, parte I, livro II, § 13) e AUREM DE BARRES & (Vida do apostólico padre Antônio Vieira, 1746, livro III, § II e § XIII) parecem se denominar portugueses para uma classe de instrumentos de sopro indígenas, e não apenas para um único tipo. Os termos tupis que podem se enquadrar na designação portuguesa buzina são quatapy, quatapyguasso, niabyapara, niabyguasso e urugul.

192. Como no caso da buzina, a que GABRIEL SOARES DE SOUSA se refere no cap. CLXVII, esta denominação para instrumentos de sopro indígenas é utilizada por outros autores portugueses. Os termos tupis que mais se aproximam de os esses autores utilizam são quatapy, quatapyguasso e urugul. VÁRIO DE ARAÚJO (Dicionário musical brasileiro, 1969, pp. 75-76) traz boas informações sobre os bûzios entre os indígenas do Brasil.



193. LUIS DE CÁMPORA CASOLLO (Dicionário do folclore brasileiro, 1966, p. 111) identifica este instrumento pelo termo genérico bastão de ritmo. NÁTE DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1964, p. 503), citando RENATO ALMEIDA (História da música brasileira, 1942, parte I, cap. 1, p. 39) e este fragmento de GABRIEL SOARES DE SOUSA, sustentam a designação bastão de ritmo para este tipo de instrumento, classificando-o como taquara. A carta dos MENINOS GARIBUS, por FRANCISCO PISES & (5 de agosto de 1952, § 12), informa que os meninos assistiram ao ritual indígena na "Alcova do Grillo", onde os tupinembás "cantaron y tañeron con taquaras, que son unas cañas grossas con que dan en el suelo y con el son que hacen cantar".

194. Este tipo de tambor parece ser o mesmo que descreve MAURÍCIO DE HERIARTE & (Descrição, de 1662, cap. XVI, § 16), entre os Caribes amazônicos: "v. trombetas de trastesseio son, feitas de labocas, que são humas canas grossas deas por dentro, por ter o buraco pequeno, e com uns paos cobertos de resina os tocam como atabaques, que se ouvem muito longe". FRANCISCO ADELPHO DE VARNHAGEN in: m. de HERIARTE, p. 81) informa serem estes instrumentos chamados de "trocacos". O termo, contudo, não foi encontrado na documentação do período.



## [SIMÃO TRAVASSOS]

(c. 1543 - 1618)

DOCUMENTO: SUMÁRIO DAS ARMADAS. Entre 1567 e 1586.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: O documento foi publicado na RTDEEE vol. XXVI, parte I, pp. 5-29, com o título « Sumário das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Paratyba. Escrito e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouveia, visitador de companhia de Jesus de toda a provincia do Brasil ». Na p. 5 da revista consta a seguinte nota: « Cópia do original existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, offerencia ao Instituto pelo Sr. Antonio Henrique Leal ». O documento não indica autor e a última data que aparece no texto é (p. 84) « fim do mez de Janeiro de 87 ».

AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979), livro 10, cap. 11, nº 2, pp. 45-451, discute a autoria deste escrito, apresentando informações que apontam na direção de Simão Travassos. Na p. 451 comenta « O 'Sumário' deve ter sido escrito entre 1587 e 1589, quando Simão Travassos tinha 45 para 46 anos. Ele nascera cerca de 1543 e faleceu em 1618, aos 75 anos ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brazil. vol. XXVI, parte I. Rio de Janeiro, B. L. Garnier - Livreiro Editor, 1873, 392 pp.

**CAPITULO XXII - Como destruida a copaoba foram  
no Tejucupapo, donde tiveram a maior briga de  
todas.**

[1.] <...> (p. 74) e por mais pressa que se por na dianteira sentirem grande volta não havia remedio [em novembro ou dezembro de 1586], e também por apparecerem por outras partes á roda inimigos temeram outra tal á retaguarda, que trazia Misse Hyppolito e Pero Lopes, e assim lhes mandou o ouvidor-geral que tocassem os seus tambores e trombetas, com que se tudo alvorçou. Indo n'isto, vieram dar recado ao ouvidor-geral acudisse á vanguarda que estava desbaratada e para dar volta e que na cerca havia francezes com bandeira e tambor com muitos Pitiguares, e não tenho duvida que muitos se souberam a terra, com tal nova viraram as costas; <...> (p. 79) Aqui também morreu o alferes francez, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que hoje está no Parahyba, <...>

**CAPITULO XXIV - Como despedida a gente o  
ouvidor geral fez o forte de S. Sebastião.**

[...]

[2.] (p. 86) Tenho acabado e cumprido com o preceito da obediencia V.P. me perdoe não lhe dar aqui conta das curiosidades d'esta terra, <...> nem dos muitos generos de cobras <...> e as que chamam cobras de cascavel, porque trazem cascaveis naturais ao pescoço e ao longa soam, aviso da natureza para fugirmos d'ellas, por que são venenosas em extremo, e mordendo tiram logo a vista, e de cujas mordeduras poucos escapan com vida. <...>



## [FRANCISCO SOARES]

(c. 1560 - 1597)

DOCUMENTO: ALGUMAS COISAS MAIS NOTÁVEIS DO BRASIL E ALGUNS COSTUMES DOS ÍNDIOS. [1599]

TEXTO: Original (?) em português. Biblioteca da Real Academia de História de Madrid, Jesuítas, tomo 119 MS 234, ff. 1626r-1626v.  
 Título: « De algumas Coisas mais | notáveis do brasil e de | alguns costumes dos | Índios ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição que utilizamos é a única conhecida deste texto.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo A. B. DUARTE, p. XIX (Baseado em SERAFIM LEITE - História da Companhia de Jesus no Brasil, v. II, 1949, p. 179), o padre FRANCISCO SOARES « nasceu em Ponte de Lima, por volta de 1560, e faleceu em Braga, a 11 de Novembro de 1597. Entrou para a Companhia de Jesus no ano de 1575. Sabia a língua brasileira e, em 1589, acompanhou o Visitador Cristóvão de Gouveia na sua volta a Portugal, caído em mãos de piratas ». Foi SERAFIM LEITE quem atribuiu a autoria do manuscrito a FRANCISCO SOARES.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Coisas notáveis do Brasil; apresentação e introdução de A. B. Duarte, Lucas, Instituto Nacional do Livro e MEC, 1966, v. 1, XLIV, 219 p. (Dicionário da Língua Portuguesa. Textos e Vocabulários, v. 6).

LEITURA ATUAL: FÁBIO CASTAGNA.

## TEXTO

## TRADUÇÃO

[...]

[12.] [f. 1021v] Onde rezidem os nossos em suas aldeias comumente tem nissa cantada | em canto de órgão os quais são mui inclinados a cantar he nossos | q' não chegam a 5 annos (e se os não vira, e o padre Cristouão de | gouvea boa testª não o crera q' cantam mto destros seus tipres as missas e | mais motetes e escassam<sup>te</sup> sabem ler tomam seus ditos e representaõ obras | õ portuguez cõ certa graça no prononciacam q' certo he pª ver e assim | os g.<sup>os</sup> e gente principal quando vai ao choro os tem no collo como cousas | de espanto q' assim o he alguns tangẽ e dançam .s. viola, frautas 7 iun|tas, cravo, e órgãos e o q' lhes ensinam tudo tomam.

[13.] Estes cantores todos andaõ vestidos os mais delles de

[...]

Onde residem os nossos [catecúmenos, da Companhia de Jesus] em suas aldeias, comumente tem missa cantada em canto de órgão, os quais são mui inclinados a cantar. Há moços que não chegam a 5 anos (e, se eu os não vira, e o padre Cristóvão de Gouveia, boa testemunha, não o creriamos) que cantam muito destros seus tipres às missas e mais motetes, e escassamente sabem ler. Tomam seus ditos [papeis] e representam obras em português com certa graça na pronúncia, que certo é para ver. E assim, os grandes e gente principal, quando vão ao coro [da igreja], os tem no colo como coisas de espanto, que assim o é. Alguns tangem e dançam, a saber, viola, flautas 7 juntas<sup>as</sup>, cravo e órgãos e o que lhes ensinam tudo tomam.

Estes cantores todos andam vestidos os mais deles de seda e os



seda e os mais das | aldeas todos  
tem suas roupas cõ q' elles folgam  
e vão trabalhar logo 6. | meses aos  
portugezes por ellas e se andão Nus  
ẽ suas terras sendo gentios he |  
por não ter de q' fazer roupas nem  
certo estranhaõ la isso q' andaõ |  
ẽ sua inocentia e não lhes falta  
senão gente q' cõ zelo os vá buscar  
| e trazer p<sup>a</sup> os doutrinar, pois  
tanto se faz cõ elles.

[...]

mais das aldeias todos têm suas  
roupas com que eles folgam e vão  
trabalhar logo 6 meses aos  
portuguezes por elas. E se andam  
nus em suas terras sendo gentios, e  
[também] por não terem de que fazer  
roupas, nem certo estranham lá  
isso, [pois] que andam em sua  
inocência e não lhes falta senão  
gente que com zelo os vá buscar e  
trazer para os doutrinar, pois  
tanto se faz com eles.

[...]

195 - Flautas 7 juntas parece ser termo analogo a órgãos que tañen con la boca de MATEU DE OLIVEIRA e (Descubrimiento, de 1542, f. 43) e sirinx ou flautas de Pã, encontrados entre os musicólogos. Seriam instrumentos comuns entre os índios já ao séc. XVI, como informa J. F. ALMEIDA PINHO (História da formação da sociedade brasileira, 1954, cap. IV, p. 215): «As danças necessitavam instrumentos de música, que variavam de tribo para tribo, no geral improvisados segundo inspiração própria, ou por imitação de vozes. As canas dos brejos foram aproveitadas, e pela natural sequência aos fatos, criaram repetições, como a flauta de Pã encontrada entre os Parantintins 2.



## JOSE DE ANCHIETA

(1534 - 1597)

DOCUMENTO: CARTA AO CAPITÃO MIGUEL DE AZEVEDO, ESPÍRITO SANTO. Bahia, 19 de setembro de 1592.

TEXTO: Autógrafo em português. Archivum Romanum Societatis Iesu, Epp. NN. 75, ff. 122r-122v. Cópia autêntica do original, recido e enviada por D. Cláudia Josefa Rolin de Azavedo, lavrada a 21 de janeiro de 1730, por Manuel Soares da Cunha, notário apostólico, para remeter-se a Roma, à Congregação dos Ritos.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: NÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 394), relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA - Cartas / Correspondência Ativa e Passiva; pesquisa, introdução e notas. Pe. Nélío Abranches Viotti, S.J., São Paulo, Edições Loyola, Vice-Prestação da Causa de Canonização de Beato José de Anchieta, 1964. (Obras completas, v. 6) doc. 30: «Carta do P. Anchieta ao Capitão Miguel de Azavedo, Espírito Santo. Bahia, 19 de setembro de 1592», pp. 359-402.

[...]

7. <...> (p. 39) E foi o caso que o Rocha [de Sá] era favorecido do Mestre da Capela [Bartolomeu Pires <sup>196</sup>] e lhe dava de comer. <...>

[...]

<sup>196</sup> . Segundo nota de NÉLIO ABRANCHES VIOTTI, nesta edição (por informação de A. DE ALENTARA MACAÍDO - Anchieta na Capitania de São Vicente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 159: 5-94, 1925), o mestre da capela nessa época seria Bartolomeu Pires. Se este dado estiver correto, Bartolomeu Pires estaria no cargo desde que o mesmo foi criado, em 15 de junho de 1589 (*Documentos Históricos* 4, v. (XIV), 1937, pp. 92-93).



## [FRANCISCO SOARES]

(c. 1560 - 1597)

DOCUMENTO: ALGUMAS COISAS MAIS NOTÁVEIS DO BRASIL. [Entre 1591 e 1596].

TEXTO: Original [?] em português. Biblioteca da Universidade de Coimbra, MS. n.º 54, pp. 1-91. Títulos: + 1554 | De algũas Coisas mais notáveis do Brasil?.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição de A. G. DUMMA, citada logo abaixo, é a única conhecida deste texto.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Coisas notáveis do Brasil; apresentação e introdução de A. G. Cunha. Lucas, Instituto Nacional do Livro e PECO, 1966, v. 1, XIV, 309 pp. (Dicionário da língua portuguesa, textos e vocabulários, v. 6).

LEITURA ATUAL: PAULO CASTAGNA.

## TEXTO

## LEITURA ATUAL

Cap. 2. donde dizẽ ter esta  
p'ua pricipio

[1.] [p. 27] (p. 83) Sabẽ estes Indios q' o homẽ tẽ alma e depois | de o homẽ morrer dizem q' se ha de tornar diabo de | q' elles tẽ grande medo e chamaõ lhe mtoas nomes | .s. Cururupeba anhãgua Tagoupitanga | algũs Indios os tẽ nos caminhos pintados | e dizẽ se lhes naõ offeressẽ algũa cousa q' | an de morrer e as uẽzes cuidaõ misto e morrẽ | por terẽ grande efficazia na imaginaçãõ

[2.] Outros dizẽ q' depois de morrerẽ vãõ | suas almas a hũs campos mto fermosos cheos | de arvores e figeiras e se ajũtaõ cõ outros | [p. 28] (p. 85) doutra naçaõ mas os vẽ afastados e q' la naõ aj tristeza se naõ cantar e bailar jũto do Rio <...>

[...]

Dos costumes e casamentos  
Cap. 22

[1.] [p. 31] (p. 91) O gentio do brazil antes q' case prõ ha de

Cap. 2. De onde dizem ter  
principio esta provincia

Sabem estes indios que o homem tem alma, e depois de o homem morrer, dizem que se há de tornar diabo, de que eles têm grande medo, e chamam-lhe de muitos nomes, a saber: Cururupeba, anhanda, Tagupitanga. Alguns indios os vêem pelos caminhos pintados, e dizem [que] se lhes não oferecem alguma coisa, que não de morrer, e às vezes se ficam nisto e morrem por ter grande eficácia sua imaginação.

Outros dizem que depois de morrerem vão suas almas a uns campos muito formosos, cheios de árvores e figueiras, e se juntam com outros de outra nação, mas os vêem afastados, e que lá não haverá tristeza se cantarem e bailarem junto ao rio.

Dos costumes e casamentos.  
Cap. 22.

O gentio do Brasil, antes que case, primeiro há de matar em



Matar | em guerra e a mulher depois  
de lhe vir seu costume | dahi a  
tres annos caza cõ o matador e fazẽ  
| grandes festas de vº cantar e  
bailar <...>

Como os armaõ Cavaleiros  
Cap. 23

[...]

[2.] [p. 32] (p. 33) Qdo  
mataõ naõ entraõ logo naldea ficaõ  
em | huã cabana ate 4 dias q' se  
estaõ bẽ co|zẽdo os vºs entãõ os  
velhos o vaõ buscar | sã balhos nas  
ẽ entrãdo na aldeia as velhas | e  
moços cantãdo e nomeando m<sup>tas</sup> vezes  
o nome | q' tomou vaise assẽtar ẽ  
sua casa vẽ alli | hã como padrinho  
cõ huã espada <...> | m<sup>to</sup> galante e  
como quẽ esgrimi lha mete na | mãõ  
e elle a põe debaixo dos pess e  
assi ha | de matar outros lhe botaõ  
hã colar de cõtas | brancas ao  
pescoço de ossos de onças p<sup>a</sup> | q'  
corra a matar o cõtrario ou fugir  
qdo cõuẽ | como onça

[3.] O 2º caualro he qdo an  
de matar em terreiro os | contr<sup>as</sup>  
q' elle toma ou o pay da ao fº p<sup>a</sup>  
que | mate e tome o nome a estas  
festas vẽ m<sup>tas</sup> de lãge | cõ vºs e  
qdo he tapuja ou p<sup>ri</sup>ncipal vẽ de m<sup>to</sup>  
| mais lãge a vº as festas e o q'  
lº lhe toca na gerra | ou o flecha  
desse ha de ser e o mesmo he da |  
cassa porcos &c.

[4.] Antes q' chegue a aldeia  
lhe fazẽ huã cabana | e vẽ alli as  
mulheres todas a tomar nome nelle |  
porq' lhe daõ pancadas e punhadas e  
depois o | tingẽ cõ huã tinta m<sup>to</sup>  
preta de ginipapo | e almecega e ao  
outro dia entra naldea cõ | cordas  
bẽ amarrado e vai cõ quẽ o tomou  
logo | lhe | da a fº se a tẽ p<sup>a</sup>  
molhar e pera ter cuidado delle |  
ou parẽta mais chegada inda q' seja  
virgẽ | e se an fº della mataõ nos  
e tomaõ nome e | tẽ pera si q' as  
mulheres naõ tẽ nelles nada | logo  
depois q' vẽ cõ os tangeres lhe  
nos|traõ o q' ha de matar e lhe daõ

guerra. E a mulher, depois de lhe  
vir [ao] seu costume, dai a tres  
anos, caza com o matador, e fazem  
grandes festas de vinho, cantar e  
bailar. <...>

[...]

Como os armaõ cavaleiros.  
Cap. 23.

[...]

Quando matam, não entram logo  
na aldeia. Fizam em uma cabana até  
4 dias, [em] que se estão bem  
cozendo os vinhos. Então os velhos  
o vão buscar sem bailos, nas  
entrando na aldeia as velhas e  
moças cantando; e nomeando muitas  
vezes o nome que tomou, vai se  
assentar em sua casa [e] vem ali um  
[homem] como padrinho com uma  
espada <...> muito galante e, como  
quem esgrime, lha mete na mão, e  
ele a põe debaixo dos pés, e assim  
há de matar. Outros lhe botam um  
colar de contas brancas ao pescoço,  
de ossos de onças, para que corra a  
matar o contrario ou fugir quando  
convém, como onça.

O segundo cavaleiro é [para]  
quando hão de matar em terreiro os  
contrários que ele toma, ou [para  
quando] o pai determina ao filho  
que mate e tome o nome a estas  
festas. Vem muitos de longe com  
vinhos, e quando é tapuia ou  
principal, vem de muito mais longe  
a ver as festas. E o que primeiro  
lhe toca na guerra ou o flecha,  
desse há de ser [o nome], e o mesmo  
é da caça, porcos, etc.

Antes que [o prisioneiro]  
chegue à aldeia, lhe fazem uma  
cabana, e vem ali as mulheres todas  
a tomar nome nele, porque lhe dão  
pancadas e punhadas e depois o  
tingem com uma tinta muito preta de  
genipapo e almecega. E ao outro  
dia entra na aldeia, com cordas  
bem amarrado, e cai com quem o  
tomou. Logo [que o tomou] lhe dá a  
filha, se a tem, por mulher, para  
ter cuidado dele, ou parenta mais  
chegada, ainda que seja virgem. E  
se [nascem] filhos dela, matam-nos,  
e tomam nome, e têm para si que as  
mulheres não têm nelles nada. Logo



sertos pera | lhe caçar e sustentar  
do q' elle dezejar e assi | esta  
gordo porq' as vezes passaõ 2 annos  
| pro q' o matã q' vaõ apelidando  
gête p<sup>a</sup> a | festa nã lhe daõ  
tristeza nhuã q<sup>do</sup> saem | a tereyro  
p<sup>a</sup> o matarẽ elle vẽ fazendo o |  
moti e atirãdo oõ fruita mui feros  
e assi | duraõ as vezes 4 e 5 dias  
as festas <...>

depois que vem com os tangeres lhe  
mostram o que o ha de matar e lhe  
dão certos [homens] para caçar e  
sustentar do que ele dezejar. E  
assim está gordo, porque às vezes  
passam 2 anos primeiro que o matem,  
que vão apelidando gente para a  
festa, [e] nem lhe dão tristeza  
nenhuma. Quando saem a terreiro  
para o matarem, ele vem fazendo o  
motim e atirando frutas mui feroz.  
E assim duram às vezes 4 e 5 dias  
as festas. <...>

[1<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> dos animais]

## [Livro segundo dos animais]

## Peixe viola

Peixe-viola <sup>197</sup>

[p. 81] (p. 191) Ha hã  
peixe m<sup>to</sup> formoso a modo de laude e  
| te o espelho na boca

Há um peixe muito formoso ao  
modo de alaude<sup>198</sup>, e tem o  
espelho<sup>199</sup> na boca.

197. Vários autores, como RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1711, p. 519), ANTONIO DE MORAES SILVA (Dicionário da língua portuguesa, 1789, v. II, p. 526), FRANCISCO BOLNHO COSTA (Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa, 1863, p. 967) e DOMINGOS VIEIRA (Grande dicionário português, v. V, 1874, p. 958) indicam a existência de um peixe com o nome de viola. O primeiro declara: «Viola. Peixe dos mares do Brasil, a que os Portuguezes dão este nome por ter alguma semelhança com a viola, que costumão tocar. O Gentio do Brasil lhe chama Paraque. He largo, pouco grosso, e cartilaginoso. Anplamente se descreve Jorge Maregraviu, Histor. Pisciu, lib. 4, cap. 6. Entre outras cousas, que delle conta, diz, que a calega deste peixe sendo fresca, lor de noite, que a carne delle não se coze, e que como della, pelo espaço de tres horas enca cozo doudo, e depois naturalmente torna em si». A descrição de GEORGE MARCONIF, resumida por BLUTEAU, concorda com as características dos peixes asotônicos da famílias Gymnotidae e Electroforidae, que recebem o nome vulgar de poraquês. Mas tal peixe, além de não ser cartilaginoso, é alongado, não permitindo qualquer associação à forma da viola. O excelente trabalho de JOSÉ CERQUEIRA CAPELLIÉ (Contribuição indígena ao Brasil, 1980, v. III, pp. 1077-1078) traz um estudo acurado do termo poraquê, que identifica com o *Electrophorus electricus* Lin. (família dos Electroforídeos), citando, inclusive, os autores antigos. Não dá, contudo, qualquer notícia do nome viola ou peixe-viola para essa espécie. BLUTEAU e os dicionaristas da língua portuguesa que o citam [nos verbetes "viola"], além de alguns taxinólogos (nos verbetes "poraquê" ou "paraquê") estão enganados. O zoólogo WAGNER INTELIZIANO (FNUZ-USP) informa que no TERMINAL PESQUEIRO DE SANTOS-SP, adota-se o termo viola para uma espécie de cação (tubarão) encontrada naquela região, além de violinha para os espécimes pequenos. De fato, MANUEL PEREIRA DE GODOY (Peixes do Estado de Santa Catarina, 1987, cap. 16, p. 280, n.º 44) aponta a existência de um "cação-viola", ou "viola", o *Rhinobatos percellens* (Walbaum, 1792), *Rhinobatidae*. Segundo o autor, «Este cação pode crescer até 1 m de comprimento total. Habita em águas costeiras e vive em quase todo o Atlântico». A publicação *Sharks of the World* (1966, v. IV, parte I, pp. 139-153) relaciona espécies conhecidas da ordem Squaliformes (que inclui a família *Rhinobatidae*), cujas formas adquirem perfeitamente cooperação com a viola quinhentista. Há, na obra citada, bons desenhos desses peixes para confirmar essa associação.

198. É a modo de laude a confirma, pela a palavra viola, tratar-se de instrumento de cordas pulsadas, e não friccionadas com arco, caso em que seriamos os termos viola d'arco, rebeca ou rabeca, como se observa, entre outros, em FRANCISCO BOLNHO COSTA (Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa, 1863, p. 967).

199. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. III, 1711, p. 268) informa: «Espelho de viola. Chapã de perçante, redonda, lavrada ao pique, que antigamente se punha, e ainda hoje em algumas partes se põe sobre o veld do laço da viola, por donde entrã as vozes». O autor do manuscrito compara os dentes do peixe ao espelho da boca da viola, o que pode ser visualizado pelas ilustrações do *Sharks of the World* (op. cit.), observando sua face ventral.



## QUIRÍCIO CAXA

(1538 - 1599)

DOCUMENTO: BREVE RELAÇÃO DA VIDA E MORTE DO P. JOSÉ DE ANCHIETA. 1598.

TEXTO: Cópia em português. Biblioteca Municipal do Porto, MS 554. Títulos: « 745. | Memorial de | Varias Cartas e cousas de | edificacão des da Comp.a | para uso e proveyto sp'al dos Moços | sendo o | exemplo dos Antigos | Anno | 1598. ». Na lombada: « Cartas | da Companhia | de Jesu ». No rosto, alto à direita, riscados: « Da Casa da Provação ». Possui 172 ff., estando entre os ff. 61v-62r a biografia de Anchieta, com o título « Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta, 39 Provincial que foi do Brasil, recolhida por o P. Quirício Caxa, por ordem do P. Provincial Fero Ruiz no ano de 98 ». Dotejado com exemplar da Biblioteca de Ajuda, Lisboa, Jesuítas na Ásia, 47-VI-9, ff. 113v-122v. As informações obtidas por Caxa para a elaboração desta biografia, segundo SERAFIM LEITE, citadas abaixo, foram dadas pelo Provincial PEDRO RODRIGUES.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: O conteúdo desta Breve Relação é muito próximo ao da Vida do Padre José de Anchieta, de PEDRO RODRIGUES (1697), provável fonte de QUIRÍCIO CAXA. SERAFIM LEITE ressumiu este texto em *Páginas de História do Brasil* (1957, pp. 152-183).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - A primeira biografia inédita de José de Anchieta - *Acústico do Brasil*; publicada e anotada por S. L., Separata da Revista Brotéria, Lisboa, Ed. Brotéria, v. XVIII, mar./abr. 1934, 25 pp.

## De como aprendeu a Língua do Brasil

## Cap. 4

[...]

[3.] [f. 62v] (p. 14) E, porque lhe não ficasse coisa, com que pudesse aproveitar, compôs também *Cantigas*<sup>200</sup> devotas na língua, para que os moços cantassem, porque para tudo tinha habilidade. Uma vez a este propósito, desejando o Pe. Nóbrega impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas<sup>201</sup>, lhe mandou para que a noite de Natal fizesse um modo de representação devota, em português e na língua [dos índios], com que todos se aproveitassen em devoção e alegria espiritual. Esta se fez em muitas partes da costa, com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam. E para N. S. mostrar que esta obra lhe era aceita sucedeu o seguinte. Havia-se de representar em S. Vicente, tendo-se já representado em Piratininga, e como, com o português, tinha muitas coisas na língua, ajuntou-se toda a capitania, véspera da Circuncisão. E Estando toda a gente junta sobreveio uma grande tempestade, e sobre o teatro se pôs uma nuvem negra e temerosa, que começou [a] lançar de si algumas gotas grossas. Com isso se começou a gente a inquietar e levantar. Acudiu o Ir. José dizendo que se aquietasse que não era nada. Fez-se a obra, que durou três horas, com muita quietação, devoção e lágrimas, e, depois da gente recolhida em suas casas, descarregou a nuvem com tão grande tormenta de vento e água que a todos fez espalhar e louvar ao Senhor.

[...]



## Da morte do Pe. José

## Cap. 11

[...]

[4.] <...> [f. 55v] (p. 22) O Administrador [Bartolomeu Sinões Pereira] com seus clérigos e os religiosos lhe fizeram o ofício com toda a solenidade e música, e ao outro dia lhe disseram a missa, e prégou o Administrador, dizendo dele muitas coisas de muito louvor, chamando-o Apóstolo do Brasil, e dizendo que bom pai e protector haviam perdido assim todos os Índios como Portugueses. <...>

[...]

200. BERVIN LEITE, nas *Páginas de história do Brasil* (1937), onde esta breve relação também foi impressa (pp. 152-187), traz a seguinte observação (p. 157, nota 164): «Opp. N.º 24, é uma coleção de poesias em português, espanhol, latim e língua brasileira. Algumas autógrafas, outras não. É possível que nem todas sejam de Anchieta. Além destas Cantigas, compôs o belo poema, em latim, De Beata Virgine Nativitate, já publicado por Baltho de Vasconcelos, no fim da sua Crônica (1663), e o poema De gestis Nendi de São, presidiis in Brasilis, cujo original se encontra na família Zuazola, de Algorta, na Biscaya - Cf. F. Góara, «"Apóstolo del Brasil" Ven. P. Giuseppe Anchieta S. I.» em *La Civiltà Cattolica*, anno 650 (17 Feb. 1934) vol. I, pag. 332n.». MARIA DE LURDES DE PAULA MARTINS editou as *Poesias de ANCHIETA*, em 1954, acompanhando-as de reprodução facsimilar do códice citado. A edição de 1954 foi reimpressa em 1969 pela Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, e Ed. da Universidade de São Paulo, na "biblioteca básica de literatura brasileira", v. 3. Muitas poesias dessa coleção fazem parte de autos escritos por ANCHIETA e podem também ser encontrados, entre outras publicações, no *Teatro de Anchieta* (1977, "Obras Completas", v. 3). Há elementos suficientes para crerem que grande parte da obra poética de ANCHIETA se destinasse ao canto, o que nos levaria, por rigor científico, a transcrevê-las neste trabalho. Não o fizemos, entretanto, devido à sua grande quantidade, o que ocuparia excessivo espaço neste estudo. Os textos cantados de que nos ocupamos foram aqueles extraídos de obras raras, pouco estudados e quase desconhecidos do ponto de vista musicológico. Há a falta desse material e compensada pela existência dessas boas edições, de fácil acesso na atualidade, e por nosso comentário em seção especialmente dedicada a esse tipo de texto.

201. FERNANDO VENTURA DE ALMEIDA (O folclore nas ordenações do reino, 1937) imprime documentos portugueses de sua importância para o estudo da música no Brasil desse período. À p. 65 há um trecho das proibições da «Constituição de Évora», também transcrita por JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*A deculturação da música indígena brasileira*, 1972, p. 23, nota 14), onde estes abusos são enumerados: «Defendemos a todas as pessoas eclesiásticas e populares, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas igrejas, nem bebam, com mesas ou sem vedas; nem cantem nem bailem e danças, nem em seus adros, nem os lugares façam seus ajuntamentos dentro delas sobre cousas profanas; nem se façam nas citadas igrejas ou adros delas jogos alguns, posto que sejam em vigília de santos ou alguma festa; nem representações, ainda que sejam da Paixão de N. S. Jesus Cristo ou de sua Ressurreição, ou nascença, de dia nem de noite, sem nossa especial licença, por que de tais atos se seguem muitos inconvenientes e muitas vezes trazem o escândalo ao coração daqueles que não estão aqui firmes na nossa santa fé católica».



## ANÔNIMO

DOCUMENTO: HISTÓRIA DOS COLÉGIOS DO BRASIL, Século XVI.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Publicado nos RHM com o título «História dos Colégios de Brasil, Manuscrito da Bibliotheca Nacional de Roma (Copia)», vol. 19, 1897, pp. 75-144, não traz nenhuma indicação sobre a data. Porém, a última data que aparece no texto é 1574.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Annuaire de Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, Vol. 113, 1897, 287 pp.

[1] Historia de la fundacion del Collegio de la Baya de todo los Sanctos, y de sus residencias

Cap.º 6.º - De como fue encrecin.ºº la conversion de los Indios y de las Iglesias q̃ los P.ºº entre ellos edificaron

[1.] <...> (p. 84) Los P.ºº que entonces se ocupavan en la conversion [en c 1570] eran el P.º Gasparl.ºº P. Leonardo grandes lenguas. P.º Ant. ruiñ P. Gregorio Sarrano P.º Juã per.ºº P.º P.º da costa co' algunos otros P.ºº y her.ºº lenguas. <...> dezian missas cantadas <...>

Cap. 11. - De las cosas de edificacion q̃ acaecieron en las aldeas en este mismo año de 72

[...]

[3.] <...> (p. 96) Este año [1572] fue el P.º Rector Greg.º Sarrano por orden del P. Provincial a visitar las aldeas y hallose en cada una en la fiesta de sus patronos en las quales todos los P.ºº de las otras aldeas se ajuntã a ganar el Jubileo. Celebranse estas fiestas con grandes solemnidades y con processiones y missas cantadas en canto de organo y flautas q̃ offician los proprios indios moços de la escuela en special en la aldea de Santiago donde el P.º Diego fêz dixo su missa nueva co' mucha fiesta y consolacion de los indios y muchos blancos q̃ alli se hallaron en este mismo año en el mes de Noviembre <...>

Cap. 14. - De las cosas de edificacion q̃ acaecieron este año de 73 en las aldeas.

[...]

[2.] <...> (p. 10) Introduxeronse este año algunas cosas por orden del P. Provincial que mucho ajudaron para su provecho sp̃ial una fue la confraria de los defunctos con sus majordomos y las demas cosas necessarias. A essos pertenece buscar y enterrar los defunctos, hallar se presentes a las missas q̃ todos los lunes se dizen por sus almas, tienen para esto mucha cera de limosna de harina y otras cosas q̃ ellos dan. A los enterramientos se halla p̃te toda la gente del aldea y despues todos le sacó el alma por la cuenta bendita. Otros q̃ saben mejor rezar le rezan la corona de ñra S̃ñra. <...> Lo



22 que maior movim<sup>to</sup> causo en todos fue el admittir los mas capazes a receber el sanctiss<sup>o</sup> Sacramento, cosa q̃ hasta entonces nunca se les avia concedido, haze-se esto con grande exame y rigor porque no se admite sino gente que ya sabe la doctrina y que da muy buen exemplo en la aldea gente q̃ se aparto de los demasados beberes y cantares gentilicos y con los desseos que tienen de alcançar tanto bien dexan de beber vino aun los hombres viejos que es el maior sacrificio que puede hazer de si. <...>

[...]

Cap. 17. - De las cosas de edificaciones q̃ sucedieron este año de 74 en las aldeas

[1.] <...> (p. 113) Entre todos estos Jubileos el principal fue el q̃ se gano en la aldea de Santiago en el dia del mismo santo y por ser tiempo de invierno y de grandes lluvias se juntaron allí todas las demas aldeas y entravan de todas con su cruz allevantada y los de las cōfrarias con sus insignias cantando las letanias. Estarian en la Iglesia q̃ es muy capaz dos mil personas todos vestidos llevose la plata del collegio para mas solemnidad hizose una solemniissima procession llevando el P.<sup>o</sup> Provincial el Sanctiss<sup>o</sup> sacram<sup>o</sup> con grandissimo orden y silencio cada aldea con su cruz y sus Maiordomos junto della con sus cirios todos los demas co' candelas. <...>

[...]

[12.] (p. 117) El p.<sup>o</sup> Leonardo [Nunes] compuso este año una doctrina en la lengua del Brasil [em 1574] quasi trasladando la q̃ hizo el P.<sup>o</sup> Marcos Jorge<sup>202</sup> de buena memoria Costo mucho trabajo mas entiendese que sera provechoso. Tambien se hizieron los aparejos para confessar baptizar y ajudar a bien morer y un confessionario en la lengua. Despues q̃ saben q̃ ninguno se a de admittir a la sagrada comūion sin saber la doctrina Christiana, son muy diligentes en deprenderla. En taniendo a las aven.<sup>as</sup> se enseñan por las casas la doctrina de los hijos enseño a los P.<sup>os</sup> los maridos a las mujeres y a las vezes las mujeres a los maridos. Van los domingos los niños por las calles cantando la doctrina a manr.<sup>a</sup> de los blancos. Tienen entre si sus disputas con mucha viveza los domingos a las tardes acabada la doctrina dizen todos juntos unas letanias por la conversion de los gentiles y tienen sus conferencias spūales de las cosas que oyeron por la mañana en el sermō y de otras cosas y desto se entiende quan bien se aprovechan. <...>

[...]

[2] IESVS - Historia de la fundacion del Collegio del Rio de Henero y sus residencias

Cap. 8. - de la muerte del P.<sup>o</sup> Manoel da nobrega y del P.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> roiz

[1.] <...> (p. 128) fue este [Antonio Rodrigues, falecido em 1668 aos 52 anos] uno de los P.<sup>os</sup> que mas ayudo en las aldeas de la Baya en la conversion de los gentiles, era de mucho credito entre ellos y todos le tenían grande respecto y por esta causa lo llevo el P.<sup>o</sup> Ignacio azevedo consigo para la conversion de los Tamoyos, sabia cantar y tañer flauta con que causava mucha devocion en los gentiles y tenia muchos niños enseñados y estes agora tañen y cantan las missas en las aldeas. <...>

[...]



262 - GERAFFIN LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VIII, 1948) sequer cita MARCOS JORGE e (*idem*, v. II, 1948, pp. 16-17) não tem qualquer menção a esta « doutrina en la lengua del Brasil », de LEONARDO NUNES, Puro, A. LEMOS BARROSA, na apresentação do *Catecismo na língua Brasilica* (1618), de ANTONIO DE ARANJO (ed. de 1952, p. 11) declara que « Na Esbá, em 1574, o Padre Leonardo do Vale, « príncipe dos línguas do Brasil », traduz a Doutrina Cristã, escrita em 1571 pelo P. Marcos Jorge em forma de perguntas e respostas; e também a preparação para a confissão, batismo e morte, além de um confessionalário ». De fato, ALFREDO DO VALLE CARVAL (Bibliografia das obras tanto impressas como manuscritas relativas à língua tupi ou guarani, 1980, parte II, p. 209, n.ºs 212-213) informa terem esses padres escrito uma « Doutrina na língua do Brasil », citando como fonte o cap. 17, p. 77 desta *Historia de la fundacion del Collegio de la Santa de São los Santos y de sus residencias*. Contudo, não existem notícias de se ter preservado este documento.



## FERNÃO GUERREIRO

&lt;1550? - 1617&gt;

LIVRO: RELAÇÃO ANUAL DAS COISAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS (...) NOS ANOS DE 1602 E 1603. Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta edição, única até a reedição dos trechos referentes ao Brasil por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA em 1974, é a segunda de uma série de cinco relações anuais, referentes às coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus em várias partes do mundo, de 1600 a 1606, publicadas, respectivamente, em 1602, 1605, 1607, 1609 e 1611 (a primeira relação, apenas, foi reeditada em espanhol em 1904).

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a Grande enciclopédia portuguesa e brasileira (s.d., v. III, p. 965), FERNÃO GUERREIRO é Era irmão do Padre Bartolomeu Guerreiro. Entrou na Companhia de Jesus em 22-I-1567. Foi por muitos anos missionário em Portugal e nas ilhas adjacentes, governou o colégio de Bragança e o da Madeira e exerceu o cargo de visitador dos colégios das ilhas. Escreveu 5 volumes de Relações anuais, em que refere os trabalhos da Companhia nas Conquistas de Portugal, durante os anos decorridos de 1600 a 1606. Desta obra publica-se nova edição em 3 volumes nos anos de 1974, 1971 e 1972. (Cf. Biblioteca Lusitana, de Diogo Barbosa Machado, e História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, tomo III, vol. 19, p. 156). FERNÃO GUERREIRO nunca esteve no Brasil.

EDIÇÃO UTILIZADA: Relação Anual | DAS COISAS | QUE FIZERAM | os Padres de Companhia | de Jesus nas Partes da Índia | Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné, nos annos | de seiscientos & duas & seiscientos & tres, & do pro-|cesso da conversão & christandade daquellas par-|tes, tirada da(s) cartas dos nossos padres | qu[em] de lá vieram. | Pelo padre Fernão Guerreiro da mesma | Companhia, natural de Almodovar | de Portugal. | Vay dividido em quatro tomos. O primeiro de Japão | e II. da China & Maluco. O III. da Índia | O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné. | [grav.] | Em Lisboa: Per Jorge Rodrigues de-|pressor de livros. . ANNO M. D. CV. [1605] [16 x 12] 2 ff. pr.; 54 ff. num.; 152 ff. man. (há muitos erros na paginação) [158: 1a-a-12]

LIVRO QVARTO das covsas do Brasil Angola, & Caboverde, Guine. Capitulo. I. - Da Prouincia do Brasil, do numero de casas & peçoas da Companhia que nellas ha.

[...]

[3.] (p. 112v) Outra cousa, que muyto dificulta a conversão, & cultivação desta gente, he a muyta boçalidade, & pouca capacidade, que de sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo. Pello que custa muyto aos padres domesticarlos, & fazellos capazes das cousas de Deos: mas com a perseuerança, & paciencia em lidar com elles, os tem nesta parte tan cultuando, que tem ja suas igrejas em varias poucações, & aldeas, & nellas suas confrarias do Santissimo Sacramento, & fazem suas procissões solenes, & seus filhos officiam missas de canto dorgam, & com doçainas<sup>203</sup>, oharamelas, & outros instrumentos semelhantes: & reconhecem aos padres por seus pais, como na verdade o sam nas obras. <...>

Capitulo. III. - Do fruto em geral, que os nossos fazem nesta prouincia, & de algũas mições q̃ fizerão ao sertão

[...]

[6.] <...> (f. 113v) [trecho de "parte de uma carta que escreveu um dos Padres que, no anno de 1602, forão, & uma destas Missões, ao Reitor do Collegio da Bahia", transcrita por Guerreiro] Neste mesmo dia [de novembro de 1602, numa aldeia de "tapuyas" do sertão da capitania da Bahia] à tarde veyo o principal com gente bem armada. Chegando às portas da serca, correo



logo pola aldeia hũa voz, que dizia. Vem o pay grande sahy todos a recebelo, dizendo isto polo mesmo principal. Sayranno todos a receber com diligencia: & elle começou a entoar hũa arauia, de que nada lhe entendemos, nem cuydo, que elles mesmos a entêdem: & isto falando elle & respondendolhe os outros á maneyra de clérigos, que rezam coro. Eu tãben sahy de casa tres ou quatro passos; Elle estava como quem ensina a doutrina, mesturãdo mil destarates como era dizer, santa Maria, Tupama, Re mireco, que quer dizer santo Maria mulher de Deos: & outros desrepositos semelhantes. Estava posto de giolhos com os olhos no ceo & as mãos levantadas & abertas como sacerdote (f. 114r) que diz missa; deylhe a boa vinda, elle me abraçou dizendo, q̃ me nam espantasse, de se recolher no mato, porque nam queria ser visto de todos, <...>  
[...]

Capitvlo. III. - Dalgũas outras saídas que fizeram os padres a varias partes do Brasil

[1.] <...> (f. 115r) Mostraram estes Petiguares [de aldeias do sertão da "capitania da Parayba" em 1602 ou 1603] geral alegria com a ida dos padres, & así os (f. 115v) vinhão receber muyto lōge, alimpando os caminhos, & ruas, vinhão diante os moços, & de repente sahiam de suas emboscadas com tambores, & festas. Depois vinham os homens & perto das aldeas sahiam os principais, & as mulheres, & quando os padres entraũ madaũ tãger os sinos, em sinal de festa fazião entrar agente na igreja, onde depois dos padres fazerem oração, lhes faziam hũa pratica, de como os vinha a vizitar, dandolhe os parabẽs de terem ja igreja, & querem ser christãos, & que por isso vinhão a suas terras, apregarlhes para por meio da pregação conhecerem a Deos. <...>  
[...]

[6.] (f. 117r) Desta mesma casa de san Paulo, fez hũa sayda a hũa aldeia desta gente ["Garijoos", em 1602 ou 1603] o padre Sebastian Gomez, vieranno receber ao caminho legoa & meya, com muyta festa & gazalhado. Fez o padre alguns bautismos, entre elles hum de hũa menina de tres annos, a qual acabando de o receber começa a cantar cõ alegria, dizendo que ja era filha de Deos, que por isso estava muyto contente. <...>  
[...]

202 - CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, na edição dos *Excerptos da Obra Relação Anual Dos Padres da Companhia de Jesus pelo P. Fernão Guerreiro da Nova Companhia - Das Coisas do Brasil 1602 E 1603* (Memórias para a história do extinto estado do Maranhão, Rio de Janeiro, Tip. do Comercio de Eriberto Braga, v. II, 1874, p. 56, nota II), acrescenta a seguinte nota: «Dogaínas ou dogainhas especie de trombeta pequena com palheta e furos». Para VAPORAL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. III, 1712, p. 276), «dogaina» é «Instrumento musico de assopro. He hũa casta de flauta, de qua (se me não enganar) faz o P. Kircher menção na I. parte da sua Musurgia, pag. 500. onde diz Et uno altero instrumento barytono, quod Dulciman, sive fagottus vocabit». DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. II, 1875, p. 1100) diz: «Pequena trombeta made de palheta e varios furos ou buracos semelhantes á flauta doce». Seu uso é descrito por FERNÃO MENDES PINTO (*Peregrinação*, v. I, cap. XIII, p. 50) que, em 1614, narra a recepção do rei de Matuca em sua terra: «por mandado de Pedro de Faria lhe deu hum grande banquete ao seu modo, festejado com charrelinhas, trombetas, & atabaes, & com musicas de boas falas á Portuguesa, com arcos, e dogaynas, & violas de arco». Há na «Crônica geral da Espanha», códice da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (séc. XVI), uma ilustração, reproduzida por ERNESTO VIEIRA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, fotos 262 e 263), onde se pode ver uma dogaina. Esta é a única menção que encontramos a esse instrumento e, como no caso do fagote, citado por SIMÃO DE VASCONCELOS e (*Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, 1663, livro II, p. 9, p. 179 e *Vida do veneravel padre*, 1572, livro III, cap. VI, p. 6, p. 56) e por GIOVANNI DE CARLI e (*Il loro trasportato nell' inclita città di Venetia*, 1672, pela edição de 1687, livro I, cap. V, p. 10, p. 27), não foi visto por esses autores no Brasil. A coincidência não é sem razão. PEDRO SIMÕES (*Pelo mundo do som*, 1968, p. 255) informa que o fagote, «for sem som muito mais brando, leve, durante longo tempo, o nome de dulcian ou dulcian». Poderes supor, portanto, que a dogaina de GUERREIRO, como o fagote de VASCONCELOS e CARLI eraa uma variedade do baixo, se não for o próprio, uma vez que DOMINGOS VIEIRA (op. cit., v. I, 1871, p. 707) dá para este último o sinónimo «fagote». Cf. a GRAVURA X.



## [JERÔNIMO RODRIGUES]

(1552 - 1631)

DOCUMENTO: RELATÓRIO DA MISSÃO DOS CARIJÓS. 1605-1607.

TEXTOS: SERAFIM LEITE (Novas Cartas Jesuíticas) à p. 196 (nota 94) indica a procedência do MS: « [MSG] Bras. 15, 73-100. Notitiae Missiones Brasiliensium. Original, em português. O autor, que não vem assinalado, é o P. Jerônimo Rodrigues ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JOSÉ HOMÓFIO RODRIGUES (História da História do Brasil, 1979, t. VI, Cap. I, nº 5.4, p. 274): « A "Relação da Missão dos Carijós" foi encontrada sem assinatura no Arquivo Geral da Companhia de Jesus pelo Padre Serafim Leite, que a atribuiu a Jerônimo Rodrigues, e publicou a notícia [nota 116]: « Publicado primeiramente in Novas Cartas Jesuíticas, São Paulo, 1940, Brasileira, vol. 174, 196-246 e reproduzido por Núcio Leão, Autores e Livros (Suplemento Literário de A Manhã, 15 nº 10, Rio, 16 de outubro de 1948). A atribuição de autoria baseou-se nas repetidas referências do texto ao "Padre Lobato e eu", quando se sabe que o acompanhante daquele foi Jerônimo Rodrigues, que é autor também das Cartas do Padre Fernão Guerreiro (1550-1617), nas quais se resume o que se diz nas Relações. » ] ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo RODRIGUES (op. cit., p. 274): « A Missão dos Carijós (1605-1606), empreendida pelos Padres Jerônimo Rodrigues (1552-1631) e João Lobato para catequizar os índios da costa sul do Brasil, de Santa Catarina ao Prata, a que mais atenção mereceu. Tendo partido de Santos, a 27 de março de 1605, chegaram a Laguna dos Patos a 11 de agosto de 1605 ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - Novas Cartas Jesuíticas (De Nobrega e Vieira). São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1940. 344 pp. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 58, Brasileira, v. 174) [\* 7] - Cartas Anuais; 9 - A Missão dos Carijós - 1605-1607; Relação do P. Jerônimo Rodrigues », pp. 156-246).

[...]

<...> (p. 226) Os meninos [carijós] de cinco, seis anos, e daí por diante [do "porto de D. Rodrigo, a que se chama o Embitiba", onde os padres missionários estiveram em 1606 e 1607], bailam e bebem com os índios, de dia e de noite, e seus pais revêm-se nisso; e às vezes dormem por onde querem sem seus pais saberem parte disso. E em tudo fazem sua vontade, e se os mandávamos a algum recado, diziam que tinham preguiça, e não iam, e, se iam, não tornavam. <...>

[...]

<...> (p. 239) Primeiramente [o índio carijó] é gente boa de contentar, nem se toma de lhe darem menos que a outros. Não são ladrões, que pera gente tão cobiciosa, é cousa mui notavel, não pelejam entre si; e, posto que são muito amigos do vinho, não se embebedam, antes bebem com tanta quietação que com destes não fazem a matizada que lá fazem quatro, e estando uma casa cheia deles, bebendo, parece que não está ali ninguém. Todos estão assentados, quando estão bebendo, tirando alguns moços e meninos, que andam bailando e cantando; quando vêm de fóra, que hão de beber, já de lá vêm todos enfeitados e empenados; e chegando perto das casas, lançam a correr com quanta veemência podem, e com grandes gritas, sem terem de ver com nada, até o lugar aonde está o vinho. <...>

[...]



## PERO RODRIGUES

(1542 - 1628)

DOCUMENTO: VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, Bahia, 30 de janeiro de 1607.

TEXTOS: Publicada nos *Anais de Biblioteca Nacional* (vol. XIII, pp. 181-287) com o título « Vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues Conforme a Cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa », recebe, às pp. 286-287 o seguinte comentário: « Biblioteca Nacional de Lisboa. - Códice da Biblioteca de Alcobaca, n.º 431 (306 moderno), de pag. 1 a 59. ¶ Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ha uma cópia de outra que se acha em Evora (Coc. ex. 117) menos completa; está dividida em 3 livros e contem 25 capítulos e no fim ha a data: Na Bahia a 30 de Janeiro de 1607. Não contem a carta do P.º Cardim, a exortatoria do P.º Pedro Rods, a approvação do Administrador Acacia, nem a taboa, nem a lista dos Governadores, Provincial e Visitadores. ¶ Esta cópia de Evora vem impressa nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* - 1967, vol. XII, na pag. 2 a 49. f. 40.211. ». A cópia de Lisboa, segundo a impressão dos AN, leva a data de « seis de dezembro, de seis centos e vinte annos » e é assinada por « Christóvão de Souza Coci.º ». Seu título (na p. 183) é o seguinte: « VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA DA COMPANHIA DE JESV. Quinto Provincial q. foy da mesma Companhia no Estado do Brazil. Escrita pelo Padre Pero Rods, natural da Cidade de Evora e setimo Provincial da mesma Prouincia. ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (v. XXII, s.d., p. 11), PERO RODRIGUES « Entrou novíço em Evora a 18-II-1556 e fez profissão solene no Funchal a 27-I-1577. Ensinou letras humanas por longo tempo e outros tantos Teologia acral; foi sete annos rector do colégio do Funchal, onde compôs as desavenças entre o bispo e o conde de Calheta, e reitor do colégio de Jesus da Bragança, também por sete annos. A 3-II-1572 partiu para Angola com visitador dessa missão. Tali passou ao Brazil, onde chegou a 19-VII-1574, para ser provincial, cargo que desempenhou até 1603. Durante este leonine grande desenvolvimento das missões entre os índios, especialmente as dos Patiguáes e Paraujins ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 29, 1967, Rio de Janeiro, Officinas Graphicas da Biblioteca Nacional, 319, 4 pp.

LIVRO PRIMEIRO | Da Vida do Padre Joseph de Anchieta da Companhia de IESV. Quinto Provincial q. foy da mesma Companhia no Estado do Brazil

Cap.º noueno. Compoem o P.º Jose a uida de Nossa Srã em verso e outras obras

[...]

[3.] <...> (p. 209) Outras muitas obras compos em diuersos tempos, por q. tinha para iso muita graça, e fasilidade, em todas as coatro línguas que sabia, latina portugueza, espanhola e brazilica. Mudaua cantigas profanas ao diuino, e fazia outras nouas, ha onrra de Ds e dos santos, q. se cantauão nas Igrejas e pellas ruas e praças, todas muy devotas com q. a gente se edeficaua, e mouia ha temor e amor de Ds.

[...]



## Cap.º quinze. Da morte e sepultura do Padre Joze

[...]

[3.] <...> (p. 224) Ho administrador [da "Villa do Esperito Santo"] com os clérigos e religiosos, lhe fizeram o ofício de nove lições, com toda a solenidade e muzica posível, e a o outro dia lhe cantarão a missa, <...>

## LIURO SEGUNDO

## Cap.º noueno. Das occupaões dos padres da Companhia q. residem com os Indios em suas aldeas

[...]

[2.] <...> (p. 244) ["Rozairo do nome de JESV"] A doutrina q. a todos se ensina são as orações, e parte do dialogo que contem a declaração dos artigos da fee, e apos isto se recolhem os meninos, para a escola cada hã a sua instancia hã a ler outros a cantar cantocham e canto dorgão, e outros a tanger frautas e charamelas para oficiarem as missas em dias de festas, e ornarem as prosições, na aldeas e na cidade, e em outros autos publicos, como quando se examinão na sala, os estudantes do curso para bachareis, e leuenceados, e quando tomão os grãos. As cinco oras da tarde se torna a tanger o sino ha doutrina, a que acode a gente que se acha pella aldeas, e se lhes ensina a doutrina com a outra parte do diálogo, que contem a declaração dos sacramentos, finalm.ª ha boca da noite saem os meninos em prosicam da porta da Igreja, atee a cruz, cantando algũas orações, e encomendando as almas do fogo do purgatorio.

[...]

## LIURO QUARTO | Dos milagres que De obrou pello Padre Jose de Anchieta

## Cap.º noueno e vltimo. Do resplendor e muzica do ceo.

[1.] <...> (p. 265) E tornando a trazer consigo a candeas, o deixarão ["a hã Irmda de Nossa Sra", na "fortaleza da Britioga, sutuada em hã das barras da Ilha de São Visente"], soo as escuras. e se recolheram na torre, aonde veuião com suas familias, sendo ja alta noite, e estando todos dormindo soo a mulher de Alfonso Gl'z estava esperta, a qual o acordou dizendo: sör, acorday e ouireis hã couza maravilhosa. Acordou levantouse abriu hã janella, da fortaleza e virão ambos com seus olhos ha Irmda, por entre as telhas e porta, e por cima dos frechães toda alumada com grande resplendor, que os pos em admiracão, e juntamente ouirão hã musica, tão suave que ho enleuou a elle e tirou de seu sentido, como em seu testemunho jura, e querendo deser abaixo, para uer aonde a muzica se dava, por lhe parecer q. ha ouia de longe, imaginando que seria, algũ nuio que viesse entrando pella barra, aquellas oras da noite, querendo deser como digo, se lhe arepiarão, os cabellos com tenor e lhe parecia que pegauão e tinhão mão delle, e assy não se atreueo a ir uer o que era; durou a claridade e muzica por bon espasso de tempo, de que ambos ficarão por estremo consolados. Vinda



a menha fizerão diligencia pello moradores da fortaleza, e por sua gente de serviso, se tevara alguém lume ha Igreja, e acharão que não, falarão então ao mesmo padre Jose, e tratando do resplendor e da muzica que ambos uirão, e ouvirão, ha resposta do padre foy obrigarlos como filhos seus esperituaes q. erão, não descobrisem, a ninguém o que virão, e ouvirão, daquella claridade, e muzica enquanto elle viuesse, o que elles pello amor e repeito que tinham ao padre, goardarão inteiramente, sem o descobrirem a pessoa viua, atee aquelle dia que erão tres de outubro de seiscentos e dous annos, em o qual dia sendo então morador, da cidade de São Sebastião Ryo de Janeiro, preguntando (p. 286) juridicamente, pello reuerendo padre Martin Fr'z, Vigario Jeral da mesma cidade, se sabia algũa couza da vida do padre Jose de Anchieta, jurou tudo ho assims dito, e acrescentou o dito Afonso Gl'z que lhe paresera, aquella muzica e resplendor couza do ceo, assy pello grande temor que em sy sentira, e juntamente muita consolação como por se uer o que era, e tambem como o mesmo padre querendo primeiro encobrir esta marauilha, e vendo que não podia, lhes mandou o tiuesem em segredo. <...>



## DIVERSOS

DOCUMENTO: CORRESPONDÊNCIA DE DIOGO BOTELHO, 1602-1603.

TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Publicadas na RINB vol. 73, 1910, parte I, esta coletânea recebe o título « Correspondência de Diogo Botelho (Governador do Estado do Brasil 1602-1603); Cópia paleographica extrahida de Torre do Tombo » e traz centenas de documentos, às pp. I-XXXIV e I-253.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista do Instituto Histórico Geographico Brasileiro, vol. 73, 1910, parte I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 327 pp.

[Certidão da Câmara da Vila de Olinda, de 15/03/1603]

[1.] <...> (p. 27) do que mandou fazer um auto e registra-lo na Camara e deitar bandos com caixas tangidas; <...>

[Certidão de Francisco Sotil de Siqueiraa, provedor mór dos defunctos, resíduos e órfãos, Bahia, 20/04/1608]

[1.] <...> (p. 35) e vindo a esta barra sete ou oito navios [*de Diogo Botelho, em Salvador em 1604, durante batalha com os holandeses*], estando senhor do mar, com uma tão poderosa armada, nenhum navio tomou, porque, em apparecendo, logo eram socorridos, e se lhes mettia infantaria dentro com bandeiras tendidas e tocando as caixas, sem o inimigo ousar de os investir, <...>

[...]

[Depoimento de Nicolao Soares, capitão da guarda do governador. Vila de Olinda, 09/09/1603]

[...]

[35.] (p. 114) Do [artigo] trinta e sete disse que era verdade que, quando o governador viera a esta capitania, achara estanque no Recife, nas tavernas, barcos e palhas, com que se queimavam as náos, e outras muitas cousas, e outrossi não consentiam que as justicas entrassem no dito Recife e fazer seus officios, pelo que mandara, por pregões publicos e caixas tocadas, que se não uzasse dos estanques e que as justicas fizessem seus officios livremente, do que se mandara fazer autos, a que se reportava; e al não disse 204.

[...]

204 . Esta informação sobre o artigo 37 é repetida no depoimento de LOPES BARRETO DA SILVA, na p. 130.



## PIERRE DU JARRIC

(1586 - 1617)

LIVRO: SEGUNDA PARTE DA HISTÓRIA DAS COISAS MEMORÁVEIS OCORRIDAS TANTO NAS ÍNDIAS ORIENTAIS QUANTO EM OUTROS PAÍSES DESCOBERTOS PELOS PORTUGUESES, (...) DESDE A ENTRADA DOS JESUÍTAS ATÉ O ANO DE 1600. Bordéu, Simon Millanges, 1610.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta Histoire de choses memorables foi publicada em três tomos, nos anos 1608, 1610 e 1614, o segundo deles, aqui utilizado, reeditado em 1611, também em francês.

EDIÇÃO UTILIZADA: Seconde Partie | DE L'HISTOIRE | des choses plus | memorables advenues | tant ez Indes Orientales, que | autres |  
païs de la descouverte | des Portugais, | En l'establissement et progres de la foy | Chrestienne et Catholique: | Et  
principalement de ce que les Religieux de la | Compagnie de Iesus y ont faict, & | enduré pour la mesme fin, | Depuis qu'ils y  
sont entrez | jusqu'à l'an 1600. | Dedée au Roy Tres-Chrestien | de France & de Navarre | Louis XIII. | Par le P. Pierre Du  
Jarric, Tolosain, | de la mesme Compaignie. | [grav.] | A Bourdeaux, par Simon Millanges Imprimeur | ordinaire du Roy. 1610.  
[27 x 17; 1 f. pr.; 4 ff. inu., 699p., 20 ff. inu.] [BIB: 15-c-18].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: FÉLIX CASTANHA.

OBSERVAÇÃO: A maioria das informações utilizadas por JARRIC foram compiladas das relações anuais de PEDRO GUERREIRO (cf. doc. 160).

## TEXTO FRANCÊS

## TRADUÇÃO

Livre Troisième DE  
L'HISTOIRE des Choses Plus  
Memorables, advenues tant és  
Indes Orientales, que  
autres païs de la  
descouverte des Portugais;  
et l'establissement &  
progres de la foy  
Chrestienne & Catholique:  
Et principalement de ce que  
les Religieux de la  
Compagnie de Iesus y ont  
faict, et enduré pour la  
mesme fin.

Comme ceux de la Compagnie  
de IESVS comencent de  
s'employer à la conversion  
des Brasiiliens, et deux  
d'iceux sont massacrez des  
barbares por ceste cause.  
CHAPITRE XXIII

Livro Terceiro da História  
das Coisas Mais Memoráveis,  
ocorridas tanto nas Índias  
Orientais, quanto em outros  
países das descobertas  
portuguesas. Do  
estabelecimento e progresso  
da fé cristã e católica, e  
principalmente do que os  
religiosos da Companhia de  
Jesus fizeram e suportaram  
pela mesma fidelidade.

Como os da Companhia de  
Jesus começam a se empenhar  
na conversão dos  
brasileiros, e como dois  
deles são massacrados pelos  
bárbaros por esta causa.  
CAPÍTULO XXIV.



[...]

[4.] (p. 270) Or il en y eust entr'autres vn de ceux, qui auoyent esté baptisez, lequel tout transporté de ioye s'en va trouuer les Peres, & leur faict entendre par signes & par parolles qu'il auoit eue certaine vision la nuict precedente, luy estant aduis qu'il auoit esté esteué au Ciel, ou il auoit receu (ce disoit-il) vn contentement indicible. Et il est croyable que nostre Seigneur voulust arrouser ceste nouuele plante de l'eau de ses consolations, pour la faire enraciner & croistre de plus en plus en la foy. Mas les autres estoyent si attachez à leurs banquetts cruels & inhumains, à l'irongnerie, aux dances, à l'impudicité & pluralité des femmes, qu'on ne les pouoit diuertir, ny retirer, qu'avec grande peine, de ces meschancetez: tellement que le travail qu'on employoit à cultiuer ceste barabare nation, estoit plus grand, que le fruit qu'on en recueillot. <...>

(p. 271) De là vint que ces barbares commencerent à prendre goust, & à s'affectionner aux choses de nostre sainte foy, si que plusieurs demanderent d'estre enroulez au nombre des Catechumenes, lesquels failoyent retenir les bois, les chalups, & les riages des noms sacrez de Iesvs, & de Marie, chantans avec vn singulier goust & plaisir, le Pater, l'Aue, le Credo, & les Credo, & les autres oraisons Chrestiennes. <...>

[...]

Trente-neuf Religieux de la Compagnie de Iesvs, avec le P. Ignace d'Azebedo leur Provincial, s'en allans au Brasil sont massacrez pour la foy Catholique, par Iacques Sore, & quelques autres Calvinistes partis de la Rochelle. Chapitre XXV.

[...]

<...> Entre autres, houve um deles [índios "brasileiros"] que foi batizado [antes de dezembro de 1554] o qual arrebatado de alegria vai encontrar seus pais, fazendo-os entender, por meio de sinais e palavras, que ele teve uma certa visão na noite precedente, sendo-lhe mostrado que elevou-se ao Céu, onde recebeu (assim falou) um contentamento indizível. E pode-se acreditar que Nosso Senhor desejou regar esta nova planta com a água de suas consolações, para lhe criar raízes e fazê-la crescer mais e mais na fé. Mas os outros estão tão presos aos seus cruéis e inumanos banquetes, à embriaguez, às danças, à impudicidade e à pluralidade de mulheres, que não se lhes pode desviar nem retirar de tais vícios, senão com grande custo, de maneira que o trabalho que se tem no cultivo desta nação é maior que o fruto que dela se recolhe. <...>

Disso procedeu que esses bárbaros começaram a tomar gosto e de afeiçoar ao grupo de catecúmenos, os quais faziam ecoar nos bosques, nas chalupas e nas margens os sagrados nomes de Jesus e de Maria, cantando com singular gosto e prazer o "Pater Noster", a "Ave Maria", o "Credo" e outras orações cristãs. <...>

[...]

Trinta e nove religiosos da Companhia de Jesus, com o P. Inácio de Azevedo, seu Provincial, indo para o Brasil, são massacrados pela fé católica, por Jacques Sore e outros calvinistas. CAPÍTULO XXV.



[...]

[4.] <...> (p. 282) Pour ayder les passagers gens du naire, il ordons, que tous les iours on enseignast publiquement la doctrine Chrestienne: & luy mesme le fit les premiers iours, de facon que pour le respect & l'affection qu'un chascun luy portoit, il n'y auoit personne qui n'y assistast, depuis le Capitaine & maistre du naire, iusques au moindre de tous les matelots; & vn chascun d'eux estoit bien aise d'estre interrogé, comme s'il eut esté vn petit enfant. Au soir on chantoit les Litanies en musique: car il y auoit de bons musiciens, & tous ceux du naire y assistoient, de mesme facon qu'à la doctrine Chrestienne. Les Dimanches & autres festes, le Pere faisoit dresser vn autel au plus haut du chasteau de la poupe, paré de beaux ornements: car il en auoit faict bonne provision. Il nettoit sur ledit autel, l'Image de nostre Dame, qu'il estoit possible, la Messe seiche, qu'on appelle, c'est à dire sans consacrer. Car il n'est pas loisible, suuant les loix de l'Eglise, de faire la consecration sur mer. Mais il faisoit chanter en musique, ce qu'on a accoustumé de dire tout haut, & sur la fin de la Messe, apres auoir quitté la chasuble, il faisoit vn petit sermon ou exhortation, qui estoit ordinairement de la charité, de laquelle son ame tout' embrasée.

[...]

De la fondation de quelques Colleges et maisons de la Compagnie de Iesvs au Brasil, et du fruit qui s'y est faict en general pour la conversion des Barbares. Chapitre XXVII.

[...]

[2.] <...> (p. 312) Car desia en plusieurs de leurs bourge, ils

[...]

<...> Para proteger os passageiros e outras pessoas do navio [um dos que integravam a frota de 3 navios que partiram de Lisboa para o Brasil em 5 de junho de 1570, com um total de 69 pessoas], ele [o P. Inácio de Azevedo] ordena que todos os dias se ensine publicamente a doutrina cristã. E ele mesmo o fez nos primeiros dias, de maneira que, pelo respeito e afeição que nele tinham todos, não houve ninguém que não o assistisse, desde o capitão e mestre do navio, até o mais baixo de todos os marujos. E cada um deles ficava bastante contente em ser interrogado, como se fosse uma pequena criança. À tarde se cantavam as ladainhas com música, pois que haviam bons músicos, e todos no navio os assistiam, da mesma forma que a doutrina cristã. Aos domingos e outras festas, o padre armava um altar na parte mais alta do castelo da pãpa, enfeitado com belos ornamentos, pois disso tinha feito boa provisão. Colocava sobre o dito altar a imagem de Nossa Senhora, que trouxe de Roma, cantando com toda a solenidade possível a "missa seca"<sup>200</sup>, como se diz, ou seja, sem consagração, pois que não é lícito, pelas leis da Igreja, realizar a consagração sobre o mar. Mas ele fazia com que se cantasse em música, onde se costuma dizer tudo alto, e ao fim da missa, após tirar seus paramentos, fazia um pequeno sermão de exortação, que era normalmente sobre a caridade, na qual sua alma ficava toda abrasada. <...>

[...]

Da fundação de alguns Colégios e Casas da Companhia de Jesus no Brasil, e do fruto que se teve em geral na conversão dos bárbaros. Capítulo XXVII.

[...]

<...> Como se queria em muitas de suas aldeias [fundadas entre



ont non seulement des Eglises  
basties: mais encore des  
Confrairies du S. Sacrement, &  
autres establies, ou ils font de  
fort belles & deuotes Processions,  
& tout plein d'autres actes de  
pieté. Leurs enfans officient és  
Messes, & les chantent en musique,  
tant de voix, que d'instruments, &  
apprennent la doctrine Chrestienne,  
& les lettres qu'on leur enseigne  
assés gentiment.

[...]

Do Colégio de Pernambuco et  
des Missions faictes aux  
Paraybas et Petigares.

[...]

[11.] <...> (p. 358) Car  
premierement les ieunes hommes  
alloient au deuant d'eux, sortans  
en plusieurs bandes des bois, ou ils  
s'estoient cachez, comme en  
embuscade, & sonnans de leurs  
fiffres & tambours fort gayement.  
<...>

[...]

1549 e 1600], eles têm não somente  
igrejas fortificadas, mas também  
Confrarias do S. Sacramento e  
outras estabelecidas, onde fazem  
muitas belas e devotas procissões,  
tudo repleto de outros atos de  
piedade. Seus filhos [dos índios]  
oficiam as missas e as cantam com  
música, tanto com vozes, quanto com  
instrumentos, aprendendo a doutrina  
cristã e as letras que se lhes  
ensina muito gentilmente.

[...]

Do Colégio de Pernambuco e  
das missões feitas entre os  
Paraibas e Potiguares.

[...]

<...> Pois primeiramente os  
jovens ["Potiguares, que são  
limitrofes dos Paraibas e habitam  
16 aldeias", observados em  
expedição de soldados com dois  
padres jesuitas, em 1585, durante  
guerra com os portugueses]  
marcharam diante deles, saídos em  
muitos bandos da mata, onde se  
escondiam, como em emboscada,  
tocando seus pifaros e tambores  
muito alegremente. <...>

[...]

205. RAPHAEL BUTEAU (Vocabulário português e latino, v. V, 1716, p. 530) esclarece o termo: « Missa seca. Aquella que  
algũas vezes diz o Sacerdote: ao mar sem consagrar, & sem secretas. Chãmolhe Missa navalis, ou Nautica. Missa seca também he  
aquella dos que aprendem a fazer Missa, instruíndose em todas as ceremonias deste sacrificio, sem chegar a consagrar. Os  
Autores Ecclesiasticos lhe chamão « Missa nicta ». Esta informação é confirmada por vários autores, destacando-se FERNANDO  
SILVA E LOPES (Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa, 1867, p. 891). A origem do nome missa seca está  
na ausência do vinho que, na consagração, seria transubstanciado no sangue de Jesus.



## [JÁCOME MONTEIRO]

(c. 1575 - após 1814)

DOCUMENTO: *Relação da Província do Brasil*, s.l., [1610].TEXTO: *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Vitae 153, ff. 54r-54v.

AUTOR E DATA: Segundo SERAFIM LEITE [citado abaixo, p. 380, nº II], « O Autor escrevia na Baía, antes de Abril de 1610, mês em que tentou regressar a Portugal; e, assistindo a uma cerimónia de Índios a si mesmo se identifica, nesta frase *meio Tupi, meio português*: "O Pai Jacome xerapi do Pai Guagu" (i. 36r) ["Padre Jacome do mesmo nome do Pai Grande"] ». No mesmo volume, LEITE transcreve outra informação que confirma a autoria e data do manuscrito, numa carta de JÁCOME MONTEIRO ao Padre Assistente, de Goa, de 28 de setembro de 1610, onde consta a frase (p. 380) « a informação do Brasil que enviei a V.ª M.ª ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este documento aparece publicado apenas em LEITE (1949), o qual faz preceder o texto de uma nota que, entre outras, contém a seguinte informação: « Esta Relação, não assinada, mas escrita em 1610 pelo P. Jácome Monteiro, secretário do Visitador Manuel de Lima, completa relações precedentes, de assuntos semelhantes, como as de Fernão Cardia, igualmente secretário do Visitador Cristovão de Gouveia. Redigiu-se quer *ex officio*, quer a rogos do assistente em Goa ou daquele Superior em Portugal ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de SERAFIM LEITE (v. VIII, 1949, p. 380) encontramos a informação: « Nasceu cerca de 1574 na Lousã, Bispado de Coimbra. Entrou na Companhia com 17 anos de idade. Mestre em Artes. Ensinou Latim 7 anos e foi Mestre de Novícios. Acompanhou ao Brasil o Visitador Geral P. Manuel de Lima em 1607. Fez a profissão solene na Baía a 29 de Junho de 1608, recebendo-a o mesmo Visitador. Concluída a visita, com ele voltou a Portugal e já ocupava o cargo de Reitor do Colégio de S. Antão, em Lisboa, em 1614. Excelente humanista, dotado de espírito crítico e observador ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Livraria Portugalis; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1949, v. 6, Apêndice: « Relação da Província do Brasil, 1610 (do P. Jácome Monteiro) », pp. 357-423.

TRANSCRIÇÃO: Assim informa LEITE na nota que precede o documento, p. 380: « Lê-se a Relação a forma gráfica actual, por ser documento relativamente longo, e pôr as letras secas e o abarço de descobrir abreviaturas antigas com que não está familiarizado e as que são fáceis os equívocos. (...) Como é da praxe, conserva-se o que toca à morfologia, *perá*, *polá*, etc. ».

## [2] [De Santos ao Rio de Janeiro]

[...]

[2.] (p. 396) Nestas Capitanias não vi cousa notável, salvo a barra de Santos a que chamam Britioga, corrupto vocébul, que o próprio é Biritioca, que na língua dos Brasis quer dizer Casa de Bugios. Está esta barra fechada com duas fortalezas, que a fazem mui defensável. Una delas está já arruinada, e nesta estava situada (p. 397) uma ermida de Nossa Senhora, em a qual, estando o nosso santo Anchieta em oração de noite, se viu nela um grande resplendor e ouviu música dos Anjos, como testemunharam pessoas que se acharam neste acontecimento.

[...]



## [8] [Reritiba e Goaraparim]

[1.] (p. 400) Dos Gaitacases à Capitania do Espírito Santo vão 30 léguas, no meio das quais está um rio chamado Reritiba, na língua da terra Rio das Ostras, por haver ali muitas e boas. Dele pera o Sul começa a Capitania de Pero de Gois, que foi a primeira povoação de Portuguezes nesta paragem. Junto a este rio está uma Aldeia de gentio, que temos a nosso cargo, e terá perto de três mil almas, aonde nos fizeram mil festas por mar e por terra, já a seu modo, já à portuguesa, esperando-nos uma légua antes da Aldeia, a qual toda estava de uma e outra banda, cercada de palmeiras que pera o dia se trouxeram, aonde os Principais Morubuxabas, vestidos ao natural, com os giolhos em terra, nos davam as boas vindas, acompanhados de colonins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. No princípio da Aldeia saiu o Morubuxaba o agü com uma cruz fermosa e bem enramada na mão, acompanhado de dous filhos seus, ricamente empenados, e fazendo uma arenga ou prática da entrega de sua Aldeia, meteu ao P. Visitador a cruz na mão e os meninos se botaram por terra, largando os arcos e frechas. E com notável devoção, entoando um Te Deum laudamus, nos fomos à Igreja, na qual se lhes fez uma prática por intérprete, que pera isso levávamos conosco. <...>

[...]

## [14] Relação do gentio do Brasil, e seus costumes

[...]

[7.] (p. 407) De maravilha se achará em entre eles que não seja cantor. Têm seus tiples, tenores, contrabaixos, contraaltos, e tocam qualquer tom, que lhe dão. <...>

[...]

## [18] De como os arnan cavaleiros

[1.] (p. 409) Um dos mores apetites, que tem esta nação, é a matança dos inimigos, pelo que fazem extremos, donde nasce meterem-se com facilidade em evidentes perigos de morte, à conta de serem havidos por esforçados, que entre eles é a suprema honra e felicidade, tomando novos nomes, conforme aos contrários natan, dos quais chegam alguns a ter cento e mais apelidos, e em os relatar são mui miudos, porque em todos os vinhos, que é a sua festa deste gentio, assi reccontam o modo (p. 410) com que os tais nomes alcançaram, com se aquella fora a primeira vez que a tal façanha acontecera; e daqui vem não haver criança que não saiba os nomes que cada um alcançou, matando os inimigos, e isto é o que cantam e contam. Contudo os cavaleiros nunca fazem menção dos seus nomes, senão quando há festa de vinhos, na qual se ouve só a prática da guerra, como mataram, como entraram na cerca dos inimigos, como lhe quebraram as cabeças. Assim que os vinhos são os memoriais e crônicas de suas façanhas.

[2.] As cerimônias que guardam, quando os arnan cavaleiros, são as seguintes. Aqueles que na guerra a primeira vez mataram inimigo, não entram logo na sua Aldeia, mas esperam em um tugupar, que é uma choupana que fazem pera o tal efeito, até se aprestarem os vinhos, no que se gastam 3, 4 dias, acabados eles, o vão buscar os velhos e mancebos, e o trazem com grande silêncio, mas contentes, sem bailarem nem tangerem; entrando pela Aldeia, saem-lhe as mulheres, casadas e noças, ao encontro, cantando cantigas, nas quais nomeiam muito a miudo o nome que o vencedor tomou no morto, e nesta forma o levam até o seu lanço, que é a casa em que ele mora, na qual o vinho



está a ponto em mui grandes potes; chegando o fazem estar em pé sem se assentar, e um dos principais, que é como seu padrinho, toma uma espada de pau mui galante, concertada de muita variedade de penas, e mete-lha na mão, o qual, movendo-a pera uma e outra parte, como quem esgrime, lha torna a tomar, e lha põem debaixo dos pés; depois lhe bota ao pescoço um grande colar de dentes de onças; tomam mais umas penas das asas das andorinhas e metem-lhas nas orelhas em lugar de arrecadas. Esta cerimónia acabada, vem uma sua irmã, e não-na havendo a parenta mais chegada, e dá-lhe uma facanhosa cuia de vinho, a qual bebe encostado sobre a espada, e acabado de a beber, dão todos juntos um medonho urro, e correm osinhos por todos, e com isto dão fim à armação do cavaleiro, que daquela hora por diante, de todos é havido por tal.

[...]

[19] Do costume que têm quando matam os inigos em seus terreiros

[...]

[2.] (p. 411) Feita esta cerimónia gastam dous anos em fazer roçarias de mantimento pera a festa, mudam a Aldeia, fazem casas de novo, as mulheres cozem muita louça na qual o hão-de cozinhar, e pera fazerem vinhos, e nisto gastam de ordinário um ano. Preparadas as cousas necessárias pera este auto, levam o contrario a um rio, no qual o lavam muito bem as mulheres, e um dos principais lhe faz uma fala em que lhe diz que se farte de ver o sol aquele dia, e que jamais o não verá, e que não é ele só o que morre, mas que já tem mortos muitos dos seus parentes, e que muitos mais hão de matar e comer. Acabado este arrezamento o trazem, cantando, ao seu terreiro da Aldeia, no meio da qual lhe têm feito uma casa, tiram-lhe as cordas, que trazia, e põe-lhe outras mui compridas, e mui galantes no feitio, nas quais gastam dous e tres anos; de comprimento têm 20, 30 braças, não nas vendem por nenhum preço. Preso com as tais cordas, metem ao que há-de morrer muitas frutas nas mãos pera que com elas atire a quem quizer, o que se faz com grande festa, a qual concluída, o atam com muitas voltas das cordas pola barriga, e nesta forma o deixam ficar uma noite com boa vigia; e succede fugirem muitos por estarem quase bebados e levados do sono e cansaço de bailar.

[3.] Depois tingem o que há-de ser matador de uma barro branco, a que chamam tabatinga, a qual cerimónia dizem eles que fazem pera que a alma do que ele há (p. 412) de matar não entre na sua; metem-lhe após isto uma espada na mão mui galante e empenada, e com ela na mão corre todas as casas, acompanhando de todos os moradores, os quais juntos vão bailando, com um bater de pés, bocas, e com uns urros e bater de armas, que é um espetáculo medonho, porque não há ferro velho que este dia não saia ao bailo; e nesta forma se vão acende está o que há-de morrer, e o matador lhe faz uma fala, dizendo amanhã te hei-de matar, e jámais não verás o sol, por isso se valente e esforçado, não morras como mesquinho, e procura de deixar de ti memória; e com isto acrescenta um motim, que é o seu bailo guerreiro, o qual faz com grande eficácia, e como cousa que lhe vai sua honra à vista de tanta gente. O dia seguinte, em saindo do sol, levam ao contrario a um terreiro, que têm no meio de suas casas, e será como as grandes praças e recios das cidades de Portugal. Aqui tomam os manobos as pontas das cordas por que está atado, no meio das quais ele fica, porque querendo arrematar pera uma banda, o puxem pera a contrária; aqui jogam com ele touro com grandes gritas e alaridos, até chegar o matador, que vem acompanhado dos mais esforçados da Aldeia, padrinhando-o alguns velhos, diante dos quais com a espada no ar vem bailando e saltando. Parando diante do que há de morrer, lhe fazem as ceremonias seguintes.



[4.] Toma um dos mais honrados a espada com ambas as mãos, e põem-na nos peitos do que há-de morrer, cruzada; e depois lha passa duas ou três vezes por baixo das pernas, e o mesmo fazem ao matador, o qual tomando-a nas mãos esgrime com ela sobre a cabeça do que há-de ser morto, e se o tal é animoso às vezes toma-lha, e dá-lhe com tanta ligeireza que o deixa morto, pera o qual efeito tem seus padrinhos, que em semelhantes sucessos lhe acodem, voltando, como disse, a espada, lhe dá com ela no toutiço, e dando com elle em terra lhe quebra a cabeça. Aham-se presentes as mães com os meninos, os quais se untam com os miolos e sangue do morto, e dizem como assim aquelle matou o inigo, assim eles quando homens matarão outros. Feito isto, ajuntam-se todos, assim homens como mulheres e crianças, e cercando o morto alevantam um choro espantoso, que dura com espaço; e isto fazem por memória e compaixão dos seus, que daquelle modo foram mortos. Depois tomam o morto, e chamuscam-no como porco, e o repartem, pera a qual repartição têm um velho muito pratico neste officio, que entre eles é a suma dignidade, o qual dá a cada um seu quinhão, ao qual cada um faz particular festa de vinhos. O matador, no mesmo ponto que o mata, se lança em uma rede que lhe têm a ponto na qual está por espaço de um mês sem fazer cousa alguma em penitência, comendo só farinha sem beber nem se tosquiar. O mes acabado, tosquiam-no com grandes festas de vinhos. A qual tosquia se faz nesta forma. Têm no meio da casa uma pedra sobre a qual o assentam, e ali, uns bailando e outros cantando, outros bebendo, lhe fazem este officio com muito tento e vagar, o qual acabado tingem-no todo de preto, e levam-no pelas casas e terreiros, e cada passo beben, e por fim o sarjam com bem de dores com as quais sarjaduras fica pintado, e redonho, porque nunca se lhe tiram, por lançarem nas feridas certos pós que tiram pera azul, os quais com o sangue fresco ficam eternos.

[...]

#### [21] Dos agouros da mulheres

[1.] <...> (p. 414) Em nascendo o menino, logo lhe fazem arco e frechas, e lhas de penduram no punhos da rede, em que dorme com alguns molhos de diversas ervas, que são os contrários que há-de matar. Juntamente em nascendo o menino, metem-no em um pote, e tengem-lhe com uns cascadeis pera que seja cantor.

#### [23] Do costume que guardam em seus bailos e cantos

[1.] (p. 415) Não têm mudanças algumas no bailar. Todo o seu está em contínuo bater de pés no chão ao som de um cabaço cheio de umas frutas pequenas e mui duras, de que eles fazem renais de contas mui galantes; e nunca bailam sem cantar; e com este canto e bater de chão vão em fileiras homens e mulheres, que estas de ordinário são triples, e os dextros nesta arte são entre eles mui prezados, tanto que se têm em seu poder algum contrario, bom cantor e inventor de trovas, que entre eles são raros, como a insignes na arte lhe dão a vida e o têm em muita conta só pela música, que é o único remédio com que alguns se livram de morrer no terreiro. Com os braços e corpos fazem alguns meneios ou momos de várias maneiras, em particular com a boca, olhos, rosto, o que é mais particular das mulheres, quando bailam sós, cujo canto difere muito do dos homens, assim na toada como na letra. O seu cantar é de ordinário de noite, porque com a quietação dela dizem se ouve muito longe. Além de alguma consonância que nas vozes se enxerga, e põem toda a força em a lançar, são mui importunos nestas músicas, porque começam umas vezes pela manhã, e levam uma e duas noites, 3 e 4, sem dormir quase nada, com cantar e bailar sem cessar; e posto que os ouvi



muitas vezes, o que sobretudo me pasmou foi ver 50 Índios remeiros, que nos traziam de S. Vicente, começarem a remar ao sol posto, e, juntamente a cantar e, sem interromperem do remo nem das vozes, levarem a noite toda em puro grito sem enlouquecer até às 9 horas do outro dia, em que aportamos em terra, que, se isto não fora, ainda agora me parece que cantaram: e a graça é que ordinariamente repetem a mesma cantiga, levando sempre a mesma toada, as quais eles compõem de qualquer sucesso em que se acham.

[2.] Assim que a 2ª bem-aventurança destes é serem cantores, pois a primeira é serem matadores.

[24] Do costume que têm em chorar os mortos, e de como os enterram

[...]

[2.] <...> (p. 416) No 2º dia depois do enterramento, cortam as mulheres os cabelos, os quais têm negros como corvos, e há muitas que depois que perdem o primeiro marido nunca mais casam, guardando continência, e assi nunca mais entram nas festas dosinhos nem em seus bailes e cantares. <...>

[...]



## HENRIQUE GOMES

(1555 - 1622)

DOCUMENTO: CARTA DO P. PROVINCIAL AO P. ASSISTENTE EM ROMA, ANTONIO DE MASCARENHAS. Braga, 16 de Junho de 1614.

TEXTOS: Rome, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras. E, ff. 167r-174r.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Publicada unicamente na KCJB de SERAFIM LEITE, v. 5, pp. 9-24 (1945); é importante por ser uma das poucas cartas jesuíticas em português publicadas do século XVII.

NOTA SOBRE O AUTOR: De acordo com SERAFIM LEITE (História da Companhia de Jesus no Brasil, v. VIII, 1949, p. 268), HENRIQUE GOMES « Nasceu em 1555 em Pinheiro de Azere (diocese de Santa Comba Dão). Entrou na Companhia em Évora, com 16 anos, em 1571. Embarcou para o Brasil em 1587 com o provincial Marçal Eslizarte, que o propôs em 1591 para Reitor de Pernambuco. Fez a profissão solene em Pernambuco a 1 de Janeiro de 1593. Veio a ocupar depois os cargos de Provincial a Índia (1617). Notavelmente caridoso e de estilo e trato afeito. Promoveu as Missões. Faleceu na Baía a 18 de Agosto de 1622 ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - História da Companhia de Jesus no Brasil, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livreria Portugalis, v. V, 1945. Cap. I, pp. 9-24.

[...]

4. - (p. 11) Não é menos o fervor que se enxerga em as doutrinas, as quais se fazem todos os domingos à tarde na nossa Igreja, depois de o Padre, que as tem a cargo, ir pelas ruas com os mestres e estudantes, ajuntando quantos podem; e, assim com isso, como com boas músicas, que sempre há, descantes, órgãos, e às vezes frautas e charamelas, há de ordinário grande concurso, e se enche a Igreja como para qualquer pregação. <...>

[...]

<...> (p. 12) Para se atalhar este mal [uma seca *mui extraordinária*] e desviar o golpe da divina justiça, se aplicaram muitos meios de orações, missas, comunhões, e outras boas obras, e entre as mais, muitas procissões de notável concurso de gente, e grande número de penitentes, que certo é para ver a facilidade com que nesta terra os homens se disciplinam, não só por toda a quaresma com disciplinas de sangue, mas ainda secas em a nossa Igreja, em os dois dias da semana que para isso se lhes abre, passando de ordinário o número de cento e cinquenta, cento e sessenta pessoas; e destas, a maior parte toma duas disciplinas, a primeira comum e a segunda com os cantores, que à primeira cantaram o Miserere; e todos assistem às práticas, que se lhes fazem às sextas-feiras. Mas tornando às nossas Procissões, foi entre as mais muito para ver, assim em concurso de gente com suas tochas e velas nas mãos, como em bom número de penitentes, que passariam de 60, a que fizeram os estudantes e confrades da Confraria de Nossa Senhora, cu, como lá lhe chamam, das 11.000 Virgens, Padroeira desta cidade. Coube aos nossos grande parte de tudo quanto se fez, não menos em penitentes e outras devoções, que em as pregações e particulares outras amonestações, com que a todos excitavam e principalmente a que tirassem a causa do mal, que eram pecados, de que se não colheu pouco fruto. E últimamente, querendo a Cidade, à imitação do cabido, que sua Procissão se terminasse com o Santíssimo Sacramento desencerrado, escolheram para isso a nossa Igreja, havendo (p. 13) (como alguns disseram) que quando o Senhor os não ouvisse por seus pecados, os ouviria pelo lugar em que o buscavam, e



merecimentos dos que ali o tinham e guardavam. Vieram para esse efeito os da Câmara propôr sua pretensão a este Colégio; fêz-se como pediram, mas diferiu-se contudo, o despacho da nossa e sua petição, ou porque assim o mereciam nossas culpas, ou por querer o Senhor mostrar-nos quanto devíamos estimar a protecção e amparo, que tem esta cidade, em suas Padroeiras, as 11.000 Virgens, em a véspera de cujo dia e festa, que a confraria lhes faz, foi servido começar a levantar o castigo, com boa cópia de água, e ainda que esta não durou mais que dois ou três dias foi mui grande alívio para toda a terra. Aqui era para ver a santa competência de a quem se devia atribuir a mercê; porém os mais dos votos tiveram por si os meninos de nossa Escola, que levados de uma santa inveja, não contentes de se acharem em todas as mais quizeram também por si fazer sua Procissão. Para isto se prepararam uns com suas velas metidas em lanternas de papel, postas em paus a modo de tochas, outros com cruces, e outras insígnias de penitentes, e todos descalços; junto mais de 150, nesta forma, começaram a entoar dois as ladainhas à porta da nossa Igreja, da banda de fora, e respondendo os mais, se foram pelas ruas principais da Cidade com edificação mui notável de quantos os viam, não sabendo se se espantasse mais da ordem e concerto com que iam, se da devoção que mostravam, e em especial um que no couce da procissão levava um crucifixo em as mãos, coberto com um véu, e acompanhado de duas tochas, representava a mais devota e bem composta figura, que com muitos ensaios se pudera pintar. Começou o acto com meninos, mas como se continuou, e voltaram por adonde saíram, podia-se ver o acompanhamento de gente que traziam após si, trocada já a música de cantochão em a de órgão, que alguns músicos bons cantavam movidos da devoção, que a todos fêz aquela vista, como lhe chamavam, de anjos. Nesta forma continuaram por muitos dias, indo umas vezes a uma Igreja, outras a outra; <...>

[...]

6. - <...> (p. 18) Este [*"pago", espécie de ponte de madeira*], de que falo, achei feito ou concertado de novo, e nêle muitos Índios da Aldeia vizinha [*à Bahia*], com um terno de charamelas em corpo, todos para nos passarem, e com seus arcos nas mãos, postos em ordem de guerra para nos acompanharem com fizeram no restante do caminho, suprindo à porfia com seus ombros em uma rede a falta de uma cavalgada, que a um dos companheiros, fraco e convalescente ainda de uma doença, tinha fugido. Perto já da Aldeia estava outra esquadra com tambor e bandeira; mais adiante nos esperavam os meninos e moços solteiros, a que chamam moços da escola, por todos aprenderem nela até serem casados. Estes costumam, em os recebimentos dos Provinciais e Visitadores, ir diante com danças por baixo de arcos triunfais, cobertos de ramos frescos até os meterem na Igreja, a qual achamos tão cheia de gente como em o mais solene dia de festa, e tal parecia este com a boa música do *Te Deum laudamus*, com das charamelas, frautas, etc. <...>

(p. 19) E tornando aos Índios desta Aldeia, se muito me consolaram com as mostras grandes do amor com que nos recebiam, muito mais o fizeram com as que depois deram da estima do que se lhes ensina de nossa fé, virtude e piedade cristã, porque sendo isto em conjunção da festa do Espírito Santo, orago da mesma Aldeia [*7º domingo após a páscoa de 1614*], foi para ver o fervor que em todos houve, e nenhum ficar sem que se confessasse, e commigassem os que a isso se admitem; <...> A festa se fêz com várias e bem ensaiadas danças de moços e meninos, com seus ditos em louvor do dia, duas pregaçãoes, uma em português, outra na língua brasil, vésperas e missa a dois coros, também cantada, tudo com seu baixão, sacabuxa<sup>206</sup>, frautas e charamelas, que dentro na cidade não sei se se fizera melhor.



206 - PAFRIMEL ELIENAU (Vocabulário português e latino, v. VII, 1720, p. 417) informa: « Sacabuxa, ou Sacobuxa. Instrumento musico, pneumatiko, de metal, na feyção de trombeta, excepto que se mais comprido, & se estende, & se encolhe em si mesmo, de cima para baixo. Chama-se assim, porque a cadaquer que não estivesse advertido, lhe pareceria, quando se alarga, que o sacão, ou tórdo do bucho. ... de instrumento muito usado na Alemanha, & serve de contrabaixo em todas as concertancias de instrumentos de assopro ». DORRINGS VIEIRA (Grande dicionário português, v. V, 1874, p. 367) acrescenta: « Espécie de trombeta, dividida pelo centro, quando a língua se cala peça que sobe e desce por ella para se fazer a differença de vozes que a musica pede ». e, segundo PEDRO SINZIS (Pelo mundo do som, 1959, p. 516), « é primitivo trombone de vara », informação confirmada por HÉLIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1984, p. 499). O instrumento era comum em Portugal e bastante citado na poesia quinhentista como em JERÓNIMO CORTE REAL (Naufrágio de Sepulveda, 1540, v. I, canto 4, p. 113): « Trebalhas, sacabuxas, atabeles, / Bailegas sencrosas, & as siluestres / Rades gaitas, tocadas jartadente / Forado sca, que os cabellos arrepta ». Contudo, esta foi a única referência à sacabuxa encontrada na documentação sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII e pode ter sido informação forjada pelo padre provincial.



## CLAUDE D'ABBEVILLE

( ? - 1632 )

LEIRO: HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO. Paris, François Huby, 1614.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: FLEGEN EIRMA DE MORAIS (Bibliographia Brasiliana, c. 1963, v. I, p. 5) aponta duas edições pelo mesmo impressor, no mesmo ano, desta obra, da qual utilizamos a segunda (que difere da primeira, sobretudo na correção de erros que anteriormente aparecem na errata). Segundo este historiador, « The Histoire de la mission seems to have been printed very quickly ("com rapidez extraordinária" says Francisco Leite de Faria 123) in order to take advantage of the presence in Paris of the six Indians from Maranhão, and the great curiosity they provoked among the people of Paris. The book was approved by the "Provincial des Capucins" on January 17, 1614, by the "Conseiller de la Mission des Indes Occidentales" on the 23d, and on the following day the "Privilege du Roy" was granted to François Huby, the printer. It appears that the first edition was soon out of print, and a second was printed. This was published with the misprints corrected, and a more extensive index was compiled and printed in 35 pp. in double cols. Nevertheless, it is possible that copies were made up with sheets of the first and second editions, as was usual in such cases ». A primeira tradução portuguesa leva o título História da missão dos R. P. Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças pelo padre Claudio d'Abbeville, traduzido e anotado pelo Dr. Cesar Augusto Marques. Maranhão, 1874 (8<sup>ma</sup>; vii, xvi, 456 pp.; 1 f. inv.; 3 op.). Em 1922 essa tradução é reproduzida, com notas de Eduardo Prado e prefácio de Capistrano de Abreu. A tradução para a edição de 1945 é de Sérgio Milliet, reproduzida em 1975 (Itatiaia-EDUP).

NOTA SOBRE O AUTOR: FLEGEN EIRMA DE MORAIS (Bibliographia Brasiliana, c. 1963, v. I, p. 7) informa: « The work by Father Claude d'Abbeville is a history of the mission, and that of Father Yves [d'Evreux] a book about Maranhão. They complement one another. The second was written as a continuation to the first, leaving out what had already been said. Father Claude did not stay long in Maranhão, only four months, but it was enough to observe nature and the Indians with marvelling eyes ».

EDIÇÃO UTILIZADA: Histoire | DE LA MISSION | Des Peres Capucins | en l'Isle de Maragnon et | terres circonvoisines | ou | est  
braiété des singularitez admirable et des | Mœurs merueilleuses des Indiens | habitants de ce pais. Avec les milieux | et  
aduis qui ont esté envoyez de nouue. | Par | Le R. P. Claude d'Abbeville | Predicateur Capucin. | Praedicabitur Euangelium |  
Regni In vniuerso orbe. Mat. 2. 4 | Avec priuilege du Roy | [gravés:] | A Paris | De l'imprimerie de François | Huby, rue St.  
Iacques à la Bible d'Or, | et en sa boutique au Palais en la galilé- | rie des Frisonniers. 1614. (18 x 10) 14, 365, 35 14.)  
[EIEB: LA-1-20]

TRADUÇÃO PORTUGUESA: ABBEVILLE, CLAUDE D' - História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. Apresentação de Mário Guimarães Ferri; [tradução de Sérgio Milliet; prefácio de Rodolfo Garcia]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 297 pp. (Série Reconquista do Brasil, v. 19).

## TEXTO FRANCÊS

DE NOSTRE EMBAR-quement, et  
des tourmentes que nous  
eusmes iusques en  
Angleterre. CHAPITRE II.

[1.] (f. 22r) ["Partement des  
Peres Capucins et autres, de  
Cancalle pour aller à Maragnan."]

## TRADUÇÃO

CAPÍTULO II De nosso  
embarque e das tormentas  
que sofremos até a  
Inglaterra.

(p. 26) A 19 de março de 1612,  
festa do bem-aventurado São José,  
espôso da sagrada Mãe de Nosso



LE Lundy dix-neufiesme | de Mars  
mil six cens douze, que l'Eglise  
celebre la feste du bien-heureux S.  
Joseph, Espoux de la Sacrée Mere de  
nostre Seigneur IESVS-CHRIST, nous  
fismes voile sous la cõduite de  
Dieu, de la Vierge Sacrée, & de  
nostre Seraphique P. S. FRANÇOIS, &  
partismes de la rade de Cancale à  
six heures & demie du matin, apres  
quelques canonades tirées, les  
trompettes sonnans pour saluer  
lebourg, & dire à Dieu à tous nous  
Amis qui estoient sur le bord de la  
Mer pour voir partir la flotte de  
nos trois vaisseaux. <...> (f. 22v)  
[*Prieres des PP. Capucins et de  
leur suite au cõmencement de leur  
navigation.*] Commenceans ainsi à  
voguer en Mer avec vne ioye &  
allegresse non pareille de toute la  
Compagnie, chacũ se prosterna à  
deux genoux inuoquant l'assistãce  
du saint Esprit, de la glorieuse  
VIERGE MARIE, & de nostre bon Pere  
saint FRANÇOIS, chantant le  
Benedictus dominus Deus Israel,  
avec les suffrages & Oraisons  
deuotes qui sont contenuës en  
l'Itinerarium du Breuiare Romain.  
[...]

DE NOSTRE ARRIVEE à  
l'Islette sainte Anne, de  
l'Anis qui en fust dõné aux  
Indiens de Maragnã: de la  
benedictiõ de l'Islette  
suscitee et cõme la Croix y  
fust plantée. CHAP. IX

[...]  
[5.] (f. 59r) [*Preparation  
de la Croix dãs l'Islette.*] Pendant que l'on faisoit cette  
embassade, nous estions demeurez au  
port de l'Islette avec nostre  
equipage, où nous attendions la  
resolution des Indiens; & faisions  
faire vne grande Croix (comme il  
est dit cy-dessus) laquelle estant  
paracheuée, chacun de nous mit pied  
à terre le Dimanche 28. de Iuillet.  
Après auoir faict l'eau beniste,  
l'on chanta le Veni Creator, sur la  
place où la Croix auoit esté  
construite; & de ce pas nous alâmes  
en procession iusques au lieu

Senhor Jesus Cristo, sob a protecao  
de Deus, da Virgem e de nosso  
seráfico São Francisco, partimos do  
porto de Cancale às seis e meia da  
manhã, após uma salva de tiros e  
alguns toques de trombeta como  
adeus aos nossos três navios. <...>  
E iniciando-se a navegação com  
grande e geral alegria, invocaram  
todos, de joelhos, a proteção do  
Espírito Santo, da gloriosa Virgem  
Maria e do nosso bom pai São  
Francisco, cantando o *Benedictus  
dominus Deus Israel*, com as preces  
e orações devotadas do *Itinerarium*  
do Breviário Romano.<sup>207</sup>

[...]

CAPÍTULO IX De nossa  
chegada à Ilha Pequena ou  
Santa Ana; do aviso dado  
aos índios do Maranhã; da  
bênção da ilha e de como  
nela se plantou a cruz.

[...]  
(p. 52) Enquanto se realizavam  
essas negociações, ficamos com a  
equipagem no porto da Ilha Pequena  
à espera da resolução dos índios.  
Terminada a grande cruz que  
mandáramos fazer, saltamos à terra  
no domingo, 28 de julho. Depois da  
bênção cantou-se o *Veni  
creator*<sup>208</sup> na praça em (p. 53)  
que a cruz fôra construída e fomos  
em procissão até o local onde devia  
ser plantada, numa iminência ou  
colina, distante do porto cerca de  
mil passos. Na procissão cantamos  
as ladainhas de Nossa Senhora. O  
sr. de Rasilly e todos os



auquel elle devoit estre palntée, qui estoit vne petite bute ou colline distante environ de mille pas dudit port, durant laquelle procession nous chantions les Litanies de la Vierge. Le Sieur de Rasilly & tous les Principaux de nostre equipage portoient la susdite Croix sur leurs espauls, avec vne tres-grande reuerence & deuotion, les yeux baignez de larmes, accompagnées d'une ioye & allegresse n'empareille. Si tost (f. 59v) que nous fusmes arriuez, on commença le Te Deum laudamus, à la fin duquel, la Croix fut beniste solennellement, ayant prealablement fait vne petite exhortation. [*Benediction de la Croix. L'Islette sainte Anne pourquoy ainsi nommée par le Sieur de Rasilly.*] L'Islette fut pareillement beniste & nommée par le Sieur de Rasilly l'Islette sainte ANNE, à cause que nous y estiõs arriuez le iour de sa feste & solennité; & incontinent la Croix y fut plantée, pèdant que le Sieur de la Ravardiere faisoit tirer de nos vaisseaux, force canonades en signe d'allegresse, & que nous autres chätions l'Hymne deuot, *Vexilla regis prodeunt*, c'est à dire les Estendars & enseignes de nostre Roy IESVS-CHRIST sont maintenant mises au iour & cõmencent à paroistre. [*La Croix plantée et adorée en l'Islette sainte Anne*] En fin estant esleuée, elle fut adorée de tous les Catholiques, avec autāt de deuotiõ & tẽdresse de coeur, que nous auõs de ioye & de contentement d'estre arriuez, & de voir les enseignes de IESVS-CHRIST si glorieusement arborées dans cette terre infidelle, qui iusques alors n'ayāt produit que des ronces & espines de malediction, devoit de là en auant produire & rapporter les doux fructs de la grace, par les merits de la Passion de (f. 60r) nostre Seigneur qui vit & regne avec le Pere & le Saint Esprit en l'eternité des siecles.

principais de nossa equipagem carregavam a cruz aos ombros com grande respeito e devoção, com os olhos cheios de lágrimas e tomados de alegria sem igual. Logo depois de chegarmos, iniciamos o Te-deum laudamus<sup>208</sup>, depois do que foi a cruz benzida com tãda solenidade e em seguida a uma pequena exortação. Benzenos também a Ilha Pequena a que o sr. de Rasilly batizou de Sant'Ana por aí termos chegado no dia de festa dessa santa. A seguir cantou-se a cruz, enquanto o sr. de la Ravardiere mandava dar salvas aos navios em demonstração de alegria e que nós cantávamos o hino *Vexilla Regis prodeunt*. Assim os estandartes e as insígnias de nosso Rei Jesus Cristo se achavam agora desfraldados ao vento. Finalmente, erguida a cruz, foi ela adorada por todos os católicos, com tanta devoção e ternura quanto era a nossa alegria por termos chegado e visto tão gloriosamente arvoradas as insígnias de Jesus Cristo nessa terra infiel que até então só tinha produzido cardos e espinhos de maldição, mas iria doravante produzir os doces frutos da graça pelos méritos da paixão de Nosso Senhor que vive e reina com o Pai e o Santo Espírito na eternidade dos séculos.



DE NOSTRE ENTREE en l'Isle  
de Maragnan, et de la  
disposition du fort. CHAP.  
X.

[...]

[8.] (f. 62v) [*"Comme les PP. Capucins furent repeus à Maragnã."*] AV sortir de nostre Canot, mettans pied à terre, le Sieur de Rasilly se prosterna à genoux avec tous les François, & apres nous estre saluez & embrassez, ie commençay à entonner le *Te Deum laudamus*, allans en procession avec cette belle compagnie Françoise qui marchoit en ordre, suivie d'une grande troupe d'Indiens. [*"Maragnan nouveau Royaume occupé premierement par les Capucins François, au nom de Jesus Christ."*] Chacun versoit des larmes en abondance, qui découloient le long de nostre face, pour la ioye & allegresse que nous voir les premiers iouissans de ce bon-heur, que d'entrer en assurance en cette terre infidelle, d'autant que nous prenions possession de ce nouveau Royaume, au nom du Roy des Roys le Redempteur du Monde nostre Sauveur IESVS CHRIST. Ce ne fut sans louer ce grand Dieu, (f. 63r) chantans à haute voix, des Cantiques de louanges parmy ces Peuples, qui iusques alors ayant esté rebelles à sa Divine Majesté, alloient processionnellement iubilans en leurs coeurs, de la veüe agreable des diuins rayons de la doctrine Evangelique, que le Sauveur du monde vray Soleil de Iustice, leur offroit si benignement.

[9.] [*"Le bon traitement que fait le Sieur du Manoir aux Capucins"*] LE *Te Deum laudamus*, & quelques autres deuotes oraisons acheuées, nous nous retirâmes tous quatre avec les Sieurs de Rasilly & de Pezieu, chez le Sieur du Manoir, lequel sur le soir, nous feit vn festin aussi magnifique que l'on scauroit faire en France, où il y auoit abondance de toutes sortes de gibier & autres viandes accommodées à la façon des François: <...>

[...]

CAPÍTULO X Da nossa entrada  
na ilha do Maranhão e da  
localização do forte

[...]

(p. 55) Ao descermos da canoa e pormos o pé na terra, ajoelhou-se o sr. de Rasilly e ajoelharam-se os outros franceses; e depois de nos têmos saúdado e abraçado, conecsi a entoar o *Te deum laudamus*, caminhando processionalmente com essa bela companhia francesa que marchava em formação seguida por grande multidão de índios; derramavam todos (p. 56) lágrimas de alegria pelo fato de sermos os primeiros a gozar dessa felicidade de entrar com confiança na terra dos infiéis, e a tomar posse desse novo reino, em nome do Rei dos Reis, do Redentor do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. E louuamos a grandeza de Deus entoando em altas vozes cânticos de louvores entre esses povos, até então rebeldes à Majestade Divina e que caminhavam em procissão, cheios de júbilo pela vista agradável dos divinos raios da doutrina evangélica que com tanta bondade lhes oferecia o salvador do mundo, sol verdadeiro de justiça.

Findos o *Te deum laudamus* e algumas outras orações devotas, retiramo-nos os quatro, juntamente com os sr. de Rasilly e de Pézieux, para a casa do sr. du Manoir onde nos foi oferecido um banquete tão magnifico quanto poderia ser em França e no qual havia grande abundância de toda espécie de caça e de carne, tudo preparado ao gosto francês; <...>

[...]



COMME LA CROIX fut plantée  
à Maragnan, et la terre  
beniste. CHAP. XIII.

[...]

[3.] <...> (f. 86v) [*Les  
ceremonies et procession solennelle  
à planter la Croix à Maragnan*] Nous  
autres quatre Religieux estant  
reuestus de nos surplis blancs nous  
sinuions la Croix par ordre: <...>

[4.] CEPENDANT nous  
commençâmes à chanter les Litanies  
de la Vierge MARIE, ainsi que nous  
auoins fait plantant la Croix en  
l'Islette sainte ANNE. Estans  
arriuez au fort, au lieu designé  
pour planter la Croix (laquelle  
estoit (f. 87r) fort grande, &  
toute preparée sur la place) l'un  
de nous entonna le *Te Deum  
laudamus*, que l'on continua avec  
quelques oraisons. <...>

[...]

[7.] <...> (f. 88r)  
[*Benediction et adoration de la  
Croix en l'Isle de Maragnan*.]  
Durant cette adoration, nous  
chantions l'Hymne *Vexilla Regis  
prodeunt*, que nous repetâmes  
plusieurs fois iusques au veset, *O  
Cruz ave spes vnica*. Et apres que  
les François eurent acheué, tous  
les Indiens l'adorerent aussi les  
uns apres les autres, avec une  
reuerence & modestie nonpareille.

[...]

[10.] (f. 89r) [*Indiens en  
plantant la Croix*] PENDANT que les  
Indiens esleuoient & plantoient si  
courageusement la Croix, nous  
estions tous prosternez à genouils,  
chantans *O cruz ave spes vnica, in  
hac triumph gloria*, & ce qui fuit,  
avec l'oraison à la fin que  
l'Eglise chante au iour de  
l'Exaltation de la sainte Croix:  
<...>

[...]

CAPÍTULO XIII De como se  
plantou a cruz no Maranhão  
e foi a terra benzida

[...]

<...> (p. 72) Nós outros,  
religiosos, acompanhamos a cruz em  
ordem, revestidos de sobrepelizes  
brancas. <...>

Enquanto isso, cantávamos as  
ladainhas da Virgem Maria como  
havianos feito ao chantarmos a cruz  
na Ilha Pequena ou de Santa Ana.  
Chegando ao Forte, lugar escolhido  
para plantar a cruz (que era muito  
grande e aí já se achava preparada)  
entou um de nós o *Te Deum Laudamus*  
a que se seguiram outras orações.  
<...>

[...]

<...> Durante a adoração da  
cruz, cantamos o hino *Vexilla Regis  
Prodeunt*, repetindo-o várias vezes  
até o versículo *O Cruz ave spes  
unica*. E ao terminarem os franceses  
a adoração, adoraram-na também os  
índios com grande humildade e  
respeito.

[...]

(f. 73) Enquanto os índios  
levantavam e chantavam  
corajosamente a cruz, nós,  
ajoelhados, cantávamos *O Cruz, ave  
spes unica, in hac triumph gloria*  
e o que se segue, com a oração  
final, cantado pela Igreja no dia  
da exaltação da cruz. <...>

[...]



[do f. 89v (Mv) da edição antiga (não consta da edição de 1975)]



LA VISITE QUE NOVS fismes  
aux villages de l'Isle de  
Maragnan. CHAP. XV.

[...]

[17.] (f. 88r) ["Premier  
enfant baptisé à Ianouaré."  
"Rauissement des Indiens en la

(p. 79) Depois de cantarmos um  
Veni Creator com outras orações  
devotas, batizamos essa criança



contèplation des belles ceremonies du Baptesme."] Et apres auoir chanté le Veni Creator avec d'autres Oraisons deuotes, nous baptisâmes cet enfant, qui estoit vne fille, laquelle fut nommée Marie, dont tous les Indiens furent si ioyeux & contents, & demeurent tellement ravis en admiration pour les belles ceremonies de ce baptesme, qu'ils disoient tous d'une commune voix, que c'estoit vne belle chose, d'estre fait enfant de Dieu; <...>

[...]

[19.] [3. visite, à Juniparan."] TANT que les enfans mesme du Principal, qui est le premier de tout le (f. 98v) pays, croyans que nous ne manquerions point, ils vindrent tous au dauant de nous, accompagnez de quelques autres Indiens. [Coment les enfans des Principal du Juniparan vont au deuant du sieur de Rasilly, et des Peres Capucins pour les receuoir."] A la rencontre, Ils commencerent aussi tost à nous embrasser & faire mille caresses, s'esiouyisans extremement de nostre venue; & nous conduirent avec vne allegresse & vn contentement nonpareil dans le village, où nous entrâmes tous de compagnie. Le trompette marchoit deuant & sonnoit comme il auoit de coustume à l'entrée de chacun village: <...>

[...]

COMME LES INDIENS bastirent vne Chappelle et planterent la Croix à Juniparan, principal village de l'Isle de Maragnan. CHAP. XVIII.

[...]

[14.] (f. 117r) [Comme la Croix fut beniste et plantee à Juniparan la veille de S. François."] SI bien que la lendemain matin troisieme iour d'octobre, veille de la feste de nostre Seraphique Pere, Saint FRANÇOIS, Iapy Quassou Principal de l'Isle, reuestu de sa casaque & estant assemblé au milieu de la

[filha de "uma india, de nome Tave Avaetê"] a que, por ser menina, chamaos Maria. Fica(p. 80)ram os índios tão satisfeitos e tão cheios de admiração diante das belas cerimônias do batismo, que nos afirmaram todos ser uma bela coisa tornar-se filho de Deus; <...>

Os filhos do principal, que é o primeiro de todo o país, certos de que não deixariam de vir, vieram ao nosso encontro com alguns índios e, apenas nos viram, começaram a abraçar-nos e fazer-nos mil agrados, alegrando-se extremamente com a nossa chegada; assim nos conduziram até a aldeia onde entramos todos juntos. O corneteiro ia à frente, tocando como costumava fazê-lo à entrada de cada aldeia; <...>

CAPÍTULO XVIII De como construíram os índios uma Capela em Junipará, principal aldeia da Ilha do Maranhão, e aí plantaram uma cruz.

[...]

(p. 92) Assim, na manhã seguinte, 3 de outubro [de 1612], véspera da festa de nosso pai seráfico São Francisco, Japi-açu, principal da Ilha, vestiu seu casaco e reuniu no centro da praça todos os principais e anciões, e também o povo todo de Junipará e das aldeias vizinhas que, ao saber da notícia, para aí se encaminhara.



place avec les Principaux & Anciens & tout le peuple de Iuniparan, sans ceux des autres villages circonvoisins, qui ayant entendu cette nouvelle estoient venus expres, le Sieur de Rasilly y estant present avec plusieurs François qui estoient pour lors à Iuniparan; le R. Pere Arsene & moy reuestus de nos surplis blancs, portans nos bastons & Croix (f. 117v) à la main, apres avoir chanté le *Veni Creator, Ave Maris stella*, & quelques autres Oraisons deuotes, ayant aussi fait l'eau beniste, nous commençâmes à faire la benediction de la Croix, ainsi que nous auions fait au fort de S. Luys.

[15.] [*"La Croix adorée par les Sauvages, et plantée à Iuniparan."*] LA benediction acheuée, nous commençâmes à l'adorer les uns apres les autres, chantans tousiours cependant l'Hymne *Vexilla regis prodeunt*. <...> (f. 118r) Et cependât que ces Indiens la plantoient eux memes, nous estions tous à genoux chantans, *O crux que spes unica*, nous resioüissans infiniment de cette si sainte action.

[...]

DE CE QVI SE PASSA en  
nostre visite à Carnaúpio,  
Itapary et Tymbohú. CHAP.  
XIX.

[...]

[2.] (f. 118v) [*"Assemblée des Indiens de Iuniparan pour entendre la doctrine Chrestienne."*] DVRENT nostre absence, tous les (f. 118r) soirs & matins, les Indiens de Iuniparan, s'assembloyent au son d'une espece de tabourin, appellé en leur langue *Ouarara*, que ledict Sebastian auoit inuentâ pour s'en seruir à faute de cloche.

[3.] [*"Industrie pour plus facilement enraindre la doctrine Chrestienne en la memoire des Indiens."*] ESTANS tous assemblez, il les menoit de compagnie droit au pied de la Croix, où les faisant mettre tous à genoux avec luy, les

Achava-se presente o sr. de Rasilly bem como inúmeros franceses que se encontravam em Junipará. O Reverendo Padre Arsênio e eu, revestidos de nossas sobrepelizes brancas, empunhamos nossos bordões com crucifixos e, depois de cantarmos o *Veni Creator, Ave Maris Stella* e outras orações devotas, e de benzermos a água, começamos a benzer a Cruz, tal qual fizéramos no Forte de São Luís.

Benzida a cruz, pusemos-nos a adorá-la, uns após outros, cantando sempre o hino *Vexilla Regis prodeunt*. <...> Enquanto os índios a erguiam, nós, ajoelhados, cantávamos o *O Crux, ave spes unica*, felizes infinitamente ante tão santa ação.

[...]

CAPÍTULO XIX Do que se  
passou na nossa visita a  
Carnaúpio, Itapari e Timbó

[...]

(p. 94) Durante a nossa ausência, pela manhã e pela tarde, reuniram-se os índios de Junipará ao som de uma espécie de tambor por eles chamado *uarará*, isto, instrumento inventado por Sebastião para substituir o sino.

Assim reunidos, ele os conduzia ao pé da cruz onde, ajoelhando-se todos, punham as mãos, fitavam a cruz e ouviam a oração dominical, dita por Sebastião em sua língua e repetida em cântico, palavra por palavra. E para que mais facilmente



mais loinctes & les yeux finchez sur la Croix, il commençoit l'oraison Dominicale en leur langue, qu'il leur faisoit dire mot à mot apres luy. Et pour leur faire retenir plus aisement, il trouua inuention de leur faire dire en chantant, avec l'Aue Maria, le Credo, les Commandemens de Dieu, de l'Eglise, & les sept Sacremens. Il faut que ie confesse que c'estoit vn chant si doux & si pitoyable, qu'il estoit impossible de l'entendre sans en ressentir ie ne sçay quoy d'esmotion.

[...]

COMME LES ESTENDIERS de la France furent plantez en l'Isle de Maragnan. CHAP. XXVII.

[...]

[3.] <...> (f. 160v) Et suivant la resolution qui fut là prise d'un commun consentemēt, le lendemain (iour de la Tous-Sainots,) toute la Compagnie Françoise qui estoit dispersée par les villages, fut assemblée, & estans Tous en arme, braues, & au meilleur equipage qu'il leur fut possible, s'En allerent avec les tambours & trompettes, Suivis de tous les Indiens, iusques aux logis des Sieurs Lieutenans Generaux pour Sa Majesté, querir le susdit Estendart de France, que les six susmentionnez Principaux du Pays portèrent, avec l'ordre qui s'en suit.

[4.] [ "L'ordre de la compagnie Françoise et des Indiens portans l'Estendart de France pour le planter à Maragnan." ] LES Tambours & trompettes sonnantes marchaient devant, avec la Compagnie Françoise en bonne conche, & en fort bel ordre: puis les six Principaux Indiens susdits suivoient, Reuestus de leurs casques bleus marquées de Croix blanches devant & derriere, portans le susdit Estendart de France sur leurs espaules. Les Sieurs de (f. 161r) Rasilly & de la Ravardiere Lieutenans Generaux, marchaient

os retivessem na memória, inventou Sebastião o expediente de fazê-los cantar, juntamente com a Ave Maria, o Credo, os Mandamentos de Deus e da Igreja e os Sete Sacramentos. Confesso que esse canto era tão suave e melancólico que se tornava difícil ouvi-lo sem experimentar uma estranha comoção <sup>244</sup>.

[...]

CAPÍTULO XXVII Como se ergueram na Ilha do Maranhão os estandartes de França.

[...]

<...> (p. 122) De acordo com a decisão tomada unanimemente, na manhã seguinte, dia de Todos os Santos, reuniu-se a Companhia Francesa que se achava dispersa pelas aldeias. Em seguida, armados e com garbo nos seus mais belos uniformes, marcharam os soldados ao som das cornetas e tambores e aguidos pelos índios, até a residência dos senhores loco-tenentes-generais de Sua Majestade, a fim de buscar o estandarte de França, que foi carregado pelos seis principais, na seguinte ordem: tambores e (p. 123) cornetas iam à frente seguidos pela companhia francesa bem fardada e em boa ordem; vinham depois os seis principais índios, vestidos com os seus casacos azuis com cruzes brancas na frente e nas costas e carregando aos ombros o estandarte. Os srs. de Rasilly e de la Ravardiere, loco-tenentes-generais, vinham atrás segurando as extremidades do estandarte e os acompanhavam todos os fidalgos franceses de nossa equipagem. Uma grande multidão de índios acorridos de todas as aldeias circunvizinhas fechava o cortejo. <...>



apres, tenans chacun d'une main, les bouts & extremittez d'iceluy, & estât Accompagnez de tous les Gentils-hommes François de nostre Equipage. Il y avoit en apres une grande multitude d'Indiens qui estoient accourus de tous les villages circonvoisins; <...>

[...]

[12.] (f. 163r) [*"Estendarts de France plantez à Maragnan par les Indiens mesme avec solennitez."*] A l'instant Ils planterent aux mesmes cet Estendart, & les Armes de la France: ce pendant on sonnoit les trompettes, l'on battoit les tambours, & si l'on tiroit force canonades & mousquetades, en signe de JOYE, & d'Allegresse, avec un grandissime contentement (f. 163v) des François, & de tous les Indiens.

[...]

LES LOIX FONDAMENTALES  
establies en l'Isle de  
Maragnan. CHAP. XXVIII.

DE PAR LE ROY

[...]

[3.] (f. 165v) Et Nous Daniel De la Touche, Chevalier, Seigneur de la Ravardiere, François de Rasily aussi Chevalier Seigneur dudit Lieu, et des Aunelles, faisant pour hant et Poissant Messire Nicolas de Harlay, Chevalier, Seigneur de Sancy, Baron de Molle, et de Grois-bois, Conseiller du Roy en ses Conseils d'Estat, et Priné, Lieutenants Generaux pour Sa Majesté aux Indes Occidentales.

[...]

[16.] (f. 168v) [*"Loix establies à Maragnan" (12ª lei)*] ORDONNONS que quiconque sera trouué en larcin, sera pour la premiere fois fouetté au pied de la potence à son de trompe, & servira un an entier d'esclave aux heures publiques: perdant pendant ce temps, toutes dignitez, salaires & proufits: & pour la seconde fois,

Assim dizendo, fincaram eles próprios o estandarte e as armas de França, enquanto soavam as cornetas e os tambores e se disparavam tiros de canhão e de mosquetes em sinal de alegria, entre o entusiasmo dos franceses e de todos os índios.

[...]

Capitulo XXVIII. Leis  
fundamentais decretadas na  
Ilha do Maranhão.

[...]

(p. 126) Em nome de Sua Magestade, nós, Daniel de la Touche, Cavaleiro e Senhor de la Ravardiere, Francisco de Rasily, também cavaleiro, senhor do dito lugar e de Aunelles, procurador do alto e poderoso senhor Nicolau de Harlay, cavaleiro, senhor de Sancy, Barão de Molle e de Grovois conselheiro de Estado e do Conselho Provado do Rei, loco-tenentes-generais de Sua Magestade nas Índias Occidentais, <...><sup>212</sup>

[...]

(p. 128) [12ª lei] Ordenamos que quem quer se encontre furtando seja, da primeira vez, açoitado ao pé da fôrça, ao som da corneta<sup>213</sup>, e sirva durante um ano nas obras públicas, com perda, nesse espaço de tempo, de todas as dignidades, salários e proveitos; da segunda vez seja o infrator enforcado. Em se tratando de criado



pendu & estranglé: & estant  
seruiteur domestique il sera pendu  
& estranglé dès le premier larcin.  
[...]

LES PRINCIPAUX VILLAGES de  
Comma. CHAP. XXXIV.

[...]  
[5.] (f. 118r) [*Les plus  
celebres villages de Comma et les  
noms des Principaux d'iceux avec  
leur signification.*] Le quatriesme  
s'appelle Couy-Ieup, qui signifie  
la courge accommodée. Le Principal  
se nomme Ingarobouy, c'est à dire  
le chantre bleu.

[...]  
[7.] Le sixiesme village se  
nomme Taeuonaio, c'est à dire le  
fruit noir. Le Principal se nomme  
Maracapou, qui signifie le son  
d'une sonnette.

[...]

DV TEINCT DES JNdians, de  
la façon de portier leurs  
cheveux, & comme ils se  
percent la leure & les  
surreilles. CHAP. XLV.

[...]  
[8.] (f. 268r) [*Costume des  
Maragnans à se percer la leure*] Ils ont une autre costume estrange  
de se percer la leure d'en bas.  
Quand leurs enfans viennent à  
l'age de quatre, cinq ou six ans,  
ils preparent un vin ou festin  
(qu'ils appellent Caouin) où ils  
convient tous les perens & amis de  
l'enfant auquel on doit percer la  
leure, ensemble tous les habitans  
du village & des lieux  
circonvoisins, & apres avoir bien  
Caouinné & dâcé deux ou trois iours  
selon leur costume, ils font venir  
le petit enfant apres luy avoir  
fait entendre que c'est pour luy  
percer la leure à ce qu'il foit un  
iour fort valeureux & grand  
guerrier, lequel tout encouragé  
pour telle raison, presente  
lebreuët & hardiment sa leure avec  
une allegresse & grand  
contentement: & lors celui qui est

domestico, seja já no primeiro  
roubo enforcado.  
[...]

CAPÍTULO XXXIV Aldeias  
principais de Comá.

[...]  
Chama-se a quarta Qui Ieup,  
cabaça preparada, e o principal  
Ingarobui<sup>214</sup>, cantor azul.

[...]  
(p. 150) Chama-se a sexta  
Taeuonajo, fruto negro, e o  
principal Maracapu<sup>215</sup>, o que  
quer dizer, son de um instrumento.  
[...]

CAPÍTULO XLV Da tez dos  
índios, de como trazem os  
cabelos e furam os lábios e  
orelhas.

[...]  
(p. 214) é-lhes peculiar também  
outro costume estranho: o de furar  
o lábio inferior. Al atingirem seus  
filhos a idade de quatro a seis  
anos, preparam os índios um festim  
(o cauin), para o qual convidam  
todos os parentes e amigos do  
menino, além de todos os habitantes  
da aldeia e circunvizinhanças.  
Depois de caunar bastante e de  
dançar durante três dias  
consecutivos, segundo seu costume,  
mandam vir o menino e dizem-lhe que  
vão furar o lábio para que se torne  
um guerreiro valente e prestigiado.  
A criança assim encorajada  
apresenta espontaneamente o lábio,  
com satisfação e decisão; pega-o  
então o índio incumbido de furá-lo  
e atravessa-o com um osso  
pontagudo fazendo um grande  
buraco. Se o menino grita ou chora,  
o que raramente acontece, dizem-lhe  
que não prestará pra nada, que será



deputé la prend & la perce avec vne petite (f. 268v) corne ou quelque os bien pointu & y fait vn grand trou. Que s'il aduient que le petit enfant crie (ce qui n'arriue guere) ou qu'il iette quelque larme pour la douleur qu'il ressent, ils disent qu'il ne vaudra rien, & qu'il ne sera iamais qu'un coüard & hōme sans courage. Que si au contraire il est ferme & constant (comme ordinairement ils sont) ils en tirent vn bon augure, & croient qu'en sa vie, il sera grand, braue & vaillant guerrier.  
[...]

DES COMPORTEMENTS et  
exercices des Maragnans.  
CHAP. L.

[...] [7.] (f. 298r) [*Commutation des marchandises vsitée entre les Maragnans sans vsage d'or ny d'argent monnoyé.*] Les Indiens donc ne scauent que c'est d'acheter ny de vendre pour amasser l'or & l'argent, dont ils n'ont aucun vsage. [*Aieposyh.*] Que si quelquefois ils vendent leurs esclaves & autres marchandises, comme ordinairement ils font aux François qui trafiquent parmy eux, ce n'est qu'en eschange d'autres choses auxquelles ils prennent plaisir, qu'ils appellent Aiepouih, pendre de pource.

[8.] [*Exercice des Maragnans*] C'est pour cela qu'ils menent vne vie ioyeuse & contente sans se soucier beaucoup de travailler. Aduenant qu'ils n'ayent point de guerre, ils passent vne partie de leurs temps en oysieté, & employent le reste à danser, Caouinner, chasser & pescher plustost pour desir qu'ils ayent d'amasser des richesses.

[9.] [*Danses fort frequentes entre les Maragnans.*] La danse est le premier & le princi-(f. 299v)pal exercice des Maragnans: lesquels sont à mon aduis les plus grands danseurs qu'on trouue sous le ciel: car il ne se passe iour qu'ils ne

sempre un covarde, un homme sem coragem. Se ao contrario, como ocorre comumente, se mostra corajoso e forte, tiram da cerimonia bom augúrio e afirmam que será mais tarde grande, bravo e valente guerreiro.

[...]

CAPÍTULO L Da conduta dos  
maranhenses e de seus  
exercícios

[...]

(p. 236) Não sabem, pois, os índios o que seja comprar e vender no intuito de juntar dinheiro, ouro ou prata, cujo valor desconhecem. Quando vendem seus escravos ou outros gêneros, o que costumam fazer com os franceses, que negociam com eles, fazem-no em troca de outras mercadorias que lhes agradam e dão a essa operação o nome de *ajenpuig*, receber trôco.

É por isso que vivem alegres e satisfeitos, sem pensar em trabalho. Quando não estão em guerra passam boa parte da vida no ócio, empregando o resto na dança, na cauinagem, na caça e na pesca, mais para alimentar-se e distrair-se do que para juntar riquezas.

A dança é o primeiro e principal exercício dos maranhenses que são, a meu ver, os maiores dançarinos deste mundo. Não se passa um só dia sem que para isso se reúnam nas suas aldeias, mas as danças entre esses selvagens não



s'assembliant en leurs villages pour ce subiet. [*"Dances des Haragnans moins perilleuses que celles de pardeça."*] Mais les danses ne sont si dissoluës entre ces Barbares comme elles sont entre les Chrestiens; d'autant que les filles & les femmes ne dansent iamais avec les hommes, si ce n'est quelquefois en Caouinant ou beuvant: encore se gardent-ils bien alors de beaucoup de folies, d'attraits & deshonestetez par trop ordinaires es danses de pardeça; car les femmes ne mettēt que la main sur les espaulles de leurs maris qui dansent, aussi ne voit on tant de scandales & de malheurs qui arriuent icy par les danses & balets pleins de lubricites & de dissolutions.

[10.] [*"La maniere des Haragnans en leurs danses."*] Quant à leur maniere de danser, elle est telle qu'ils ne font tant de mines & de folies, tant de sauts, tant de mignardises & destours: seulement ils se mettent tous en rond, fort pres les uns des autres, sans neantmoins se toucher ny s'entretenir aucunement, ne bougeant ordinairement d'une place: (f. 300r) de sorte qu'ils ne s'eschaussent gueres en dansant, & encore moins en sautant, si ce n'est au temps de leur Caouin, car lors ils vont dansant & sautant autour des loges de leurs villages.

[11.] Lors qu'ils dansent, ils ont coustumierement les deux bras pendans, & quelquefois la main droite vers le dos, se contentans de remuer seulement la jambe & le pied droit. Il est bien vray, que quelquefois ils s'approchent les uns des autres, & puis ils se retirent en arriere, tournant apres en rond, tousiours frappant du pied contre terre, mais ayant tournoyé trois ou quatre tours, chacun à la cadence se retrouve en sa place d'où il estoit party.

[12.] [*"Haraca, dont les Haragnans se seruent au lieu d'instruments pour danser."*] Ils ne se seruent d'autre instrument pour danser que du chant & de la voix, qui n'est pas moins estrange que

são tão vergonhosas como entre os cristãos. Rapanigas e mulheres não dançam nunca com os homens, a não ser durante a cauinagem; mesmo assim, estão longe as suas danças da loucura, da desonestidade e da licenciosidade comuns às nossas danças; as mulheres colocam somente as mãos sobre os ombros de seus maridos e porisso não se vêem aí os escândalos e as desgraças que aqui ocorrem nos bailes em virtude da lubricidade e da lascívia.

Dançam sem trejeitos, sem saltos, sem requebros e rodeios; colocam-se todos em circulo, muito perto uns dos outros, sem entretanto tocar nem falar; quase sem sair do lugar. Assim não se entusiasma demasiado durante a dança a não ser no tempo do cauin; então percorrem as aldeias dançando e saltando em torno de suas cabanas. Dançam em geral com os braços pendentes, as vezes com a mão direita nas costas e contentam-se com mover a perna e o pé direito. É verdade que não raro se aproximam uns dos outros, voltam, param e giram batendo sempre com o pé no chão; mas depois de três a quatro voltas regressa cada um em cadência ao lugar de onde saiu.

Para dançar usam apenas a cantoria. Seu instrumento é somente a voz, tão estranha aos que não estão acostumados. Para observar a cadência e marcar o compasso, usam um instrumento ou chocalho chamado



leur façon, à ceux qui n'ont accoustumé de les voir: & pour observer leurs cadences & tenir la mesure, ils portent à la main vn certain instrument ou hochet appellé *Maraca*, fait d'un fruit vn petit long en forme d'un moyen Melon, mais tout vny, qui croist en leur (f. 300v) país, dedans lequel ils mettent force petits grains noirs fort durs: & passent vn baston au trauers pour servir de mâche & poignée, qu'ils courent de fil de cotton & l'enrichissent es iours de leurs grands festins avec de belles plumes de diuerses couleurs; ayans à leurs iartieres des sonnettes de coques de fruicts. Ils sonnent ces *Maraca* ou hochets selon le chant de leurs chansons en guise de tambour de bisquaye.

[13.] [*Quelles sont les chansons des Maragnans.*] Il ne leur arrive iamais de chanter aucune chanson vilaine ou scandaleuse, comme l'on fait icy, avec par trop de licence, souuentefois au preiudice de l'honneur de Dieu, au detrimement de l'Eglise, au deshonneur du prochain, & à la corruption des bonnes moeurs, estant pleines de saletez, de detractiõs, & quelquefois remplies de blasphemies. Mais leurs chansons ne sont qu'à la loüange d'un Arbre, d'un Oyseau, d'un Poisson, d'un animal & autre chose semblable, sans aucunes paroles scandaleuses; & sur tout ils prennent plaisir à chanter chansons de leurs combats, de leurs victoires, de leurs triumphes, & autres exploits de guer-(f. 301r)re, dont ils se vantent à merueille, rapportant de tout à exalter & magnifier la vertu militaire; donnant des chants dieurs à toutes leurs chansons, avec vn refrain qu'ils repetent tous ensemble à la cadence & à la fin de chaque couplet.

[14.] Ils chantent fort bas au commencement de leurs danses; & petit à petit ils se mettent en haleine, esleuant leurs voix en telle sorte, qu'en la fin vous les entendez chanter de fort loin avec vn accord merueilleux,

*maracá*<sup>214</sup>; e feito de um fruto pequeno, alongado e semelhante a um melão de tamanho médio mas inteiramente liso; esse fruto cresce na região, e dentro dele colocam os índios inúmeros grãosinhos pretos e muito duros. Atravessam-no em seguida com um pedaço de pau para servir de cabo, que cobrem de fio de algodão e enfeitam, nos dias de festa, com lindas plumas de variadas cores; usam então em suas ligas chocalhos de outros frutos.

Com seus maracás ou chocalhos à guisa de tambores bisco, acompanham suas cantorias. Não lhes acontece jamais cantarem canções escandalosas ou torpes, como ocorre entre nós, onde certas canções cheias de licenciosidade se ouvem em detrimento da glória de Deus, da Igreja, da honra do próximo e dos bons costumes, pois são imundas, detratoras e não raro blasfematórias. Seus cantos são em louvor de uma árvore, de um pássaro, de um peixe ou de qualquer outro animal ou cousa e não contêm palavras escandalosas; mas, principalmente, cantam seus combates, suas vitórias, seus triunfos e outros feitos guerreiros, tudo no sentido de exaltar o valor militar. Cada canto tem sua melodia diferente e um estribilho que é repetido em coro ao fim de cada estrofe.

Cantam muito baixo a principio, mas pouco a pouco elevam a voz a ponto de no fim de suas danças serem ouvidos de muito longe e numa afinação tanto mais admirável quanto são numerosíssimos de costume.



principalement estant assemblez en grand nombre comme ils sont ordinairement.

[15.] [*Excez des Maragnans en leurs boissons.*] Que si ces Indiens sont grands danseurs, ils sont encore plus grands buveurs, bien est-il que ce n'est ordinairement, ains seulement es iours de leurs assemblées ioyeuses, cōme lors qu'ils assomēt quelques vns de leurs prisonniers pour les manger; quand ils deliberent de la guerre, ou qu'ils s'assemblent soit pour leur plaisir, soit pour adviser de quelques affaires de consequence, lesquelles ne seroient iamais bien faites, si auparavant ils n'auoient fait vn vin ou *Caouin* pour boire (f. 301v) & *Caouinner* tout le saoul.

[...]

[21.] (f. 303r) [*Le caouin préparé par les femmes.*] Voila comme les indiens font le *Caouin*: & quand ils tiennent quelque assemblée ioyeuse, ou qu'ils vouloient cy-deuant massacrer quelque prisonnier (selon qu'il a esté dit au chapit. precedent) les femmes le preparent quelques iours auparavant & en font quelquefois plus de quinze ou vingt des susdits grands vaisseaux tout pleins qu'elles arrangent enmy leurs loges.

[22.] [*Preparation des Maragnans pour assister à leur caouin.*] Ceux qui se doiuent trouver au festin s'assemblent tous au iour assigné: & le soir de deuant, ils se preparent se reuestans le plus souuent de leurs plumages de diuerses couleurs & avec leur *Maraca* à la main vont tout autour (f. 303v) des loges chantans, dansans & sautans toute la nuit sans aucun repos.

[23.] Cependant les femmes mettent vn peu de feu à l'entour des susdits vaisseaux pour chauffer vn petit le *Caouin*, qu'ils boient estant presque tiède; puis apres descouurant le premier vaisseau, remuent & troublent ce *Caouin*; commençant aussi tost à boire & *Caouinner* aussi bien les femmes que les hommes: les vns desquels (comme

Se esses indios são grandes dançarinos são ainda melhores bebedores; em verdade não costumam beber senão nos dias de reuniões festivas, como quando matam algum prisioneiro para comer, quando deliberam sobre a guerra, em suma quando se juntam por prazer ou para tratar de negócios importantes, os quais não seriam bem sucedidos se antes não preparassem o cauim e não cuidassem à vontade.

[...]

(p. 230) Assim preparam os indios seu cauim e quando se aprestam para alguma reunião solene, como já disse, fazem suas mulheres, dias antes, grande quantidade (quinze a vinte) desses vasilhames e os guardam em suas cabanas.

Os que devem comparecer ao festim reúnem-se todos no dia designado. Já na véspera, à noite, começam a preparar-se, vestindo seus mais belos adornos de penas de variadas cores e dançando em torno de suas casas, com seus maracás nas mãos cantando e pulando sem cessar.

Entrementes deitam as mulheres um pouco de fogo junto aos vasilhames, para esquentar o cauim que costumam beber morno; em seguida é aberto o primeiro pote e se inicia imediatamente a cerimônia da cauinagem, de que participam homens e mulheres. Os velhos ficam deitados ou sentados em suas redes de algodão, com o cachimbo na mão



les vieillards) sont assis ou couchés dans leurs lits de coton, avec le petunoir à la main s'entretenant de discours: les autres chantent, dandent & sautent avec leur Maraca: les femmes cependant tenant la main sur l'épaule de leurs maris, font par ensemble un tintamarre & un bruit incroyable.

[24.] [*Description des Maragnans en leur Caouin.*] Jamais je ne fus tant étonné qu'alors que j'entray dedans leurs loges où ils Caouinnoient, appercevant de prime face ces grands vaisseaux de terre environnez de feu & remplis de Caouin, qui fumoient comme des grandes marmites bouillantes: y ayant d'autre part un grand nombre de ces barbares tant hommes que femmes dont les (f. 304r) uns estoient tout nus, les autres toutes deschevelées & les autres reuestus de divers plumages bigarrez, les uns couchés, comme dit est, exallant la fumée du Petun par les narines & par la bouche, les autres dansans, sautans, chantans & crians, ayant tous la teste si bien coiffée & la ceruelle tellement timbrée de Caouin qu'ils rouilloient les yeux dans la teste, tant qu'il me sembloit à voir quelque symbole ou figure d'un petit Enfer. [*Exces des Maragnans en leur Caouin*] Et de fait si le Diable se deleste (à sa plus grande confusion) parmy les compagnies de Bacchus, & prend ses esbats au milieu des danses pour perdre les Ames, je ne doute pas qu'il ne recoive bien du contentement (non sans plus grande rage Diabolique) és assemblées de ce miserable peuple qui a tousiours esté sien comme barbares, cruels & yrongnes, ne prenant plaisir qu'à danser & Caouinner lors que l'occasion y eschet, quelquefois deux ou trois iours continuels sans cesser ny reposer ou dormir non plus la nuict que le iour, iusque à ce que toutes les cruches & vaisseaux soient vuides. Et (f. 304v) ce qui est de plus estrange, est qu'ils ne font que boire, & petuner à chasque fois

(p. 239) e conversam; outros cantam, dançam e saltam com seus maracás, e as mulheres os acompanham pondo as mãos nos ombros dos maridos; e todos juntos fazem um barulho ensurdecedor.

Nunca senti tamanho espanto como quando entrei numa dessas cabanas onde estava havendo uma cauinagem; no primeiro plano se achavam essas grandes vasilhames de barro cercados de fogo e com a bebida fumegando; mais adiante, inúmeros selvagens, homens e mulheres, alguns completamente nus, outros descabelados, outros ainda revestidos de penas multicores, uns deitados expirando a fumaça do tabaco pela boca e pelas narinas, outros dançando, saltando, cantando e gritando. E todos tinham a cabeça enfeitada e a razão tão perturbada pelo cauim que reviravam os olhos a ponto de parecer encontrar-me em presença de símbolos ou figuras infernais. E se na verdade o Diabo se deleita na companhia de Baco e busca por meio da dança perder as almas, há de por certo comprazer-se infinitamente nas reuniões desse miserável povo, que sempre lhe pertenceu pela barbárie, pela crueldade e embriaguez, e que somente encontra satisfação em dançar e cauinar quando se apresenta uma oportunidade, durante dois a três dias seguidos, sem repouso nem para dormir, até que todos os potes se esvaziem. E o que é mais estranho, bebem e fumam sem comer o que quer que seja. <...>

[...]



qu'ils boient, sans manger  
aucunement tout ce temps là.  
[...]

DE LA CROYANCE des Indiens  
Topinamba. CHAP. LII.

[...]  
[22.] (f. 328v) [*"Les Pagé  
bien venus et fort estimez entre  
les Topinamba."*] Aussi le peuple  
fait-il estat de ces Pagé; en  
quelque lieu qu'ils aillent, ils  
sont les bien venus; on les reçoit  
fort honorablement avec chansons,  
dances, Caouinnage & toutes autres  
cortisies dont l'on se peut  
adviser; tous ces pauvres Sauvages  
croyans que toutes choses leur  
doivent succeder à souhait quand ces  
Pagé leur sont amis; comme au  
contraire ils s'estiment malheureux  
(f. 327r) d'entrer en leur  
disgrace; si que tombant en quelque  
desarroy, & qu'ils soient menacez  
desdits Pagé, ils rapportent tout  
leur malheur à la prediction &  
divination d'iceux.

[23.] Le mestier de ces Pagé  
ne vaut plus quere de chose, &  
n'eust plus si grand' vogue depuis  
que nous fusmes arriuez en ce  
païs-là; d'autant qu'il se trouva  
vn certain garçon de nostre  
equipage, lequel se mesloit de  
jouer des gobelets & de plusieurs  
autres tours de passepasse. <...>

DU BAPTESME DES trois  
Indiens susdits CHAP. LIX.

[...]  
[6.] (f. 367r) [*"Le Baptesme  
des 3. Indiens dans l'Eglise des  
Peres Capucins de Paris."*; *"Iour du  
Baptesme des 3. Indiens."*] Le dieu  
de ce Baptesme estoit l'Eglise de  
nostre Couet des Peres Capucins aux  
faux-bourgs Saint Honoré lez  
Paris: Elle estoit parée & toute  
couverte de tapisseries de soye  
releuées d'or, sur lesquelles  
estoit effigée la vie du Glorieux  
Precurseur de IESVS-CHRIST saint  
JEAN BAPTISTE, pour respondre au  
iour de Sa Feste qui estoit le iour

CAPÍTULO LII Religião dos  
índios Tupinambás.

[...]  
(p. 254) Os índios, entretanto,  
apreciam esses pajés; tratam-nos  
bem em qualquer lugar que se  
encontrem. São honrosamente  
mencionados em seus cantos e bem  
acolhidos nas danças e cauinagens e  
em todas as cerimônias, pois todos  
acreditam que as cousas correm bem  
quando são amigos dos pajés e, ao  
contrário, muito mal se não os  
agradam. Se em alguma desgraça que  
lhes ocorra são ameaçados pelos  
pajés, atribuem à praga, daí por  
diante, todas as suas  
infelicidades.

Perdeu muita importância o  
ofício de pajé depois que chegamos  
ao país, tanto mais quanto em nossa  
companhia havia um jovem que sabia  
fazer peloticas com as mãos  
e muitas prestidigitações. <...>

[...]

CAPÍTULO LIX Do batismo dos  
três índios

[...]  
(p. 279) Batizaram-se os índios  
na Igreja de nosso Convento dos  
Padres Capuchinhos, no bairro de  
Saint-Honoré em Paris. Estava a  
Igreja ornamentada com cortinados  
de seda bordados a ouro, nos quais  
se estampava a vida do glorioso  
precursor de Nosso Senhor Jesus  
Cristo, São João Batista, pois  
estávamos a 24 de junho. <...>



(f. 367v) qu'on les baptisa à scauoir est le vingtquatrese de Iuin. <...>

[...]

[14.] (f. 368v) Cependant les Chappelles & musiques de leurs Maiestez ne cesserent iamais de louer Dieu tout long de ceste Sainte Action avec vne melodie nonpareille, & de voix & d'instrumens musicaux.

[15.] (f. 368v) MAIS il y sucit bien encore vn autre ressouuenance, non moins agreable à Dieu, qui retentissoit des coeurs, non plus felons ne barbares, mais deconnaires & doux: non plus de Loups rauissans & d'Antropophages ou Cannibales, mais bien ces nouueaux auertis, Qui tanquam Agni exultabant, comme dict le Sage, magnificantes te Domine qui liberasti illos [Sap. 19.]. Ils s'essioüissoient comme petits Agneaux, louant & magnifiant le Seigneur de la grace ineffable qui leur a fait, les deliurant du dur (f. 370r) esclavage du Diable, où ils auoient esté detenus iusques alors.

[16.] QUELS accords des loüanges enterieures de ces petites Ames tout nouuellement regeneeres, & lauees du Sang tres-precieux de cet Agneau Immaculé, des vœux qu'ils faisoient lors en la face de l'Eglise, de la pureté de leurs coeurs, & de l'amour ou de la charité que ce grand Dieu y auoit versé par son Saint Esprit au S. Sacrement de Baptisme? C'est ce qui rendoit vne douce harmonie infiniment plus agreable aux oreilles de sa diuine Maiesté, que tous les accords des plus douces voix & des meilleurs instrumens musicaux qui se puissent trouuer au Monde.

[...]

[28.] (f. 372v) APRES que le tout fut acheué, le plus ancien des trois, qui s'appelloit Itapoucou auant son Baptisme, remercia tres-humblement leurs Maiestez, de l'honneur & du bien qu'ils auoient receus, ayans esté faits Enfans de Dieu, les suppliant tres-humblement d'vser des memes faveurs enuers

[...]

(p. 280) Entremettes, enquanto ocorriam essas acontecimentos, não cessavam os coros de músicos de Sua Majestade de louvar a Deus, com harmonia incomparável de vozes e instrumentos, pela santa ação.

Mas havia ainda outra harmonia não menos agradável ao criador: a que se desprendia dos corações, não mais cruéis nem bárbaros, porém dóceis e bons: não mais de lobos furiosos, de antropófagos ou canibais, porém de novos convertidos, qui tanquam agni exultabant magnificantes te domine qui liberasti illos. Regozijavam-se como cordeirinhos essas selvagens, louvando e exaltando o Senhor pela graça inefável de tê-los libertado do cruel cativo do Diabo.

Essa harmonia de louvores íntimos dessas pequenas almas recém-regeneradas e lavadas no sangue precioso do cordeiro immaculado; essa harmonia dos votos que faziam, em face da Igreja, de pureza, de amor e de caridade; isso é que era infinitamente mais agradável e suave aos (p. 281) ouvidos da Divina Majestade do que todos os acantos das melhores vozes e dos melhores instrumentos musicais encontrados no mundo<sup>217</sup>.

[...]

(p. 282) Tudo terminado, Itapucu, o mais velho dos três, agradeceu humildemente a Suas Majestades a honra e os benefícios recebidos ao serem todos os três feitos filhos de Deus, e pediu repetidamente que prodigalizassem os mesmos favores aos seus compatriotas. Respondeu-lhe a Rainha que



ceux de leur patrie. Auquel la Reyne respondit qu'ils priassent Dieu pour le Roy son Fils & pour elle, & qu'elle auroit vn soin particulier d'iceux, leur promettant toute assistance en ce qui luy seroit possible.

[29.] A L'INSTANT leurs Maiestez se mettant à genoux, on commença à chanter le Te Deum laudamus en action de grace, en la fin duquel Monseigneur l'Euesque de Paris donna la Benediction.

COMME LES TROIS Indiens susdits furent menez en procession apres leur Baptisme: et de la Confirmation qui leur fut donnee. CHAP. LX.

[1.] (f. 373r) DAVANT que ces Ames se bellicieuses au monde s'estoiēt enrolées en l'Eglise, n'estoit-il pas raisonnable que leur courage genereux, qu'ils auoient tant employé au service du Diable, fut dressé & réglé au service de Dieu, & qu'ils commençassent à faire procession par action extérieure, d'une affection & d'un desir intérieur qu'ils auoient de suivre la Croix?

[2.] [*Processiō faicte aux filles de la Passion apres le Baptisme des Indiens.*] A ce subiect incontinent apres leur Baptisme, nous allâmes en procession, l'un des nostres portant la Croix, apres laquelle nous allions tous, chantans les Litanies de la Vierge.

[...]

[5.] (f. 344r) A l'instant que nous fusmes arrivez en cette Eglise, lesdites Religieuses commencerent à chanter le Te Deum laudamus, avec quelques autres oraisons à la fin. <...>

[...]

D'UN AVTRE INDIEN nommé Pyrauma baptisé en nostre Eglise, et appellé Louys François. CHAP. LXII.

orassent a Deus pelo Rei seu filho e por ela, pois d'elles, indios, ela cuidaria com carinho e toda a proteção possível.

Em seguida ajoelharam-se Suas Majestades. Entoou-se o Te Deum laudamus em ação de graças, e o sr. Bispo de Paris deu sua bênção.

CAPÍTULO LX De como, após o batismo, foram esses três indios conduzidos em procissão e da confirmação que lhes foi dada.

(p. 283) ESSAS almas, tão belicosas no mundo, ao se alistarem na Igreja precisavam razoavelmente ser encaminhadas para o serviço de Deus. Era justo que nesse serviço se aproveitasse a coragem generosa que haviam durante tanto tempo empregado em benefício do Diabo. Era justo que comesçassem a demonstrar por atos exteriores sua devoção e seu desejo interior de seguir a Cruz.

Porisso, logo depois do batismo, saímos em procissão. Um dos nossos carregava a Cruz e atrás vínhamos todos cantando as litanias da Virgem.

[...]

No momento em que entramos nessa igreja [de Santa Clara], começaram as religiosas a entoar o Te Deum laudamus e em seguida outras orações. <...>

[...]

CAPÍTULO LXII De outro indio chamado Piravá, batizado na nossa Igreja com o nome de Luis Francisco.



[...]

[3.] <...> (f. 378v) Et quand à la fin on chanta le Te Deum laudamus, il avoit les yeux tellement fichez vers le Ciel, que nos Peres, qui estoient là assistants, admiroient tous la singuliere deuotion d'iceluy.

[...]

[...]

<...> (p. 287) Não cessou jamais, durante a cerimônia, de contemplar o santo sacramento, principalmente ao dizer em sua língua o Padre Nosso, a Ave-Maria e o Credo. Quando, ao terminar a cerimônia, se cantou o Te Deum laudamus, tinha ele os olhos tão presos ao céu que muito se admiraram os nossos padres.

[...]

307. Essas cerimônias portuárias, com evocação de música e cânticos religiosos, provavelmente eram praticadas também no Brasil, já que era costume, tanto na partida quanto na chegada de navios, como mostra o seguinte trecho do capítulo LV de d'Abbeville (edição de 1614, ff. 334r-334v, § 2): « Nos savons porterent à la ville du Haur de Grace les premières nouvelles de nostre arrivée le Samedi seiziesme de Mars; car selon la bonne coustume des ports de Mer, institué pour obvier aux surprises des estrangers, nous saluames la ville; & pour action de grace envers celui qui nous avoit plus servy que le vent & par sa sainte grace nous avoit faict supporter l'incôstance de cet Element, nous chantames le Te Deum laudamus ». Taisas durante as viagens se entoavam cânticos religiosos, particularmente com o intuito de solicitar a proteção de Deus para eventuais situações de perigo, como é relatado no mesmo capítulo LV, onde os padres dirigiram à « Vierge Marie », por ocasião de um imminente naufrágio, « ses Litanies & autres Oraisons » (f. 335, § 8).

308. O sentido de 'evocação divina' atribuído ao cântico "Veni Creator" é bastante claro no seguinte fragmento do capítulo I do livro de d'Abbeville (edição de 1614, f. 17v, § 13): « LE Reverend Pere Leonard ayant receu la lettre de sa Majesté en fit faire la lecture le vingt troisieme jour d'Auril devant tous les Peres & freres de la Province de Paris, pour lors assemblez au Chapitre Provincial, lesquels furent tous d'avis, avant que cocider de ce negoce que l'on invoquerait le Saint Esprit chantant un Veni Creator, avec quelques suffrages à cet effect ».

309. Te deum laudamus é oração solene, feita com o fim primeiro de agradecer algo a Deus, como no fragmento transcrito na primeira nota desta tradução, também expresso na frase extraída do capítulo LV, por ocasião da chegada ao « Haur de Grace » (f. 337r, § 14, l. 16): « A l'entrée de l'Eglise on récita le Te Deum laudamus, pour action de grace ».

310. Nota-se RUIGLFO GARCIA (edição de 1972, p. 94, nota 1): « GUARARA - espécie de tamborim. - Guarará taabor, de onde provém o nome dos pontos celebrados pelas duas batalhas, que se feriram entre lusos-brasileiros e holandeses, em Pernambuco ». A. LEMOS BARROSA (Pequeno vocabulário tupi-português, 1935, p. 64) confirma a grafia guarará e traduz por "taabor". E mais: fazer LUIS GARCIA FERREIRA (Dicionário tupi-português, 1984, p. 134) e TELIXORO SAMPÃO (O tupi na geografia nacional, 1967, p. 233). Cf. também HÉLIO DE AGUIAR (Dicionário musical brasileiro, 1959, p. 249).



211 - YVES D'ÉVREUX + (Suite de l'histoire, 1613, parte II, cap. vii) imprimiu os textos lusos dessas orações, que talvez ter sido utilizados durante toda a permanência dos franceses no Maranhão (1612-1615).

212 - Na edição de 1975, p. 126: « Tendo, pois, este grande Deus tido como conveniente dar início ao conhecimento da verdadeira religião católica, apostólica e romana aos habitantes da Ilha do Maranhão e circunvizinhanças, julgou-se necessário decretarem-se leis fundamentais a serem observadas rigorosamente. E foram elas as que se seguem ».

213 - A tradução correta é *trompa*. Para PAPPEL JOUTARD (Vocabulário português e latino, v. 211, 1721, p. 307), "trompe" é sinónimo de "trompeta". Mas, como os instrumentos de sopro geralmente eram construídos em vários tamanhos, é possível que *trompa* fosse a designação para a mais grave das trombetas. MANUEL DE MEDEIROS + (Recuperação da cidade do Salvador, c. 1625, livro I, p. 400), fala de uma "trombetinha", que tocavam os soldados holandeses. BENTO TEIXEIRA (Prosopopéia, 1873, f. 73r) escreve, em 1601: "A fama espero dar tão viva trompa, | E a grandeza de vossos feitos cante, | O sol, a Ar, o fogo, Mar, e Terra, espante ».

214 - Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 146, nota 7): « MARACAPU - Principal... c'est à dire le chanteur bleu. - leve ser Guirabi, de guirã passaro, daí azul ou verde ».

215 - Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 150, nota 12): « MARACAPU - Principal... qui signifie le ser d'une sorcière. - Maracapu, de maracá (lire Maracá, nota 6, pag. 237) [aquí, próximo rofo] e pó ruído, rumor, barulho; ruído de maracá, como se traduz no texto ».

216 - Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 237, nota 4): « MARACA - instrument... fait d'un fruit. - Maracá, de abara forte, resistente, e cá casca, e cácoo, o envólucro ».

217 - A « Reception des Maragans dedis le Paure de Grace », em março de 1614, é narrada da seguinte forma (edição de 1614, f. 334v, cap. LV, § 13): « L'ordre de la reception fut ordonné par Monsieur le Curé de l'aditte ville, qui fit disposer une tapisserie au deuant de la maison du Gouverneur avec des carreaux dessus. On estara (f. 337r) conduict par la Procession generale, tant de nos Peres & autres Ecclesiastiques que de plusieurs confreres de la ville, nous adorames la Croix & de 13 fusées menes à la grande Eglise. Pendant laquelle procession rien ne fut oublié de tout ce qui peut releuer les Esprits des Chrestiens à la devotion. Les cloches, les orgues, les psalmodies & autres ceremonies du Clergé, qui tiennent à plusieurs les ames des vœux, & à tout le peuple des acclamations generales, les coups de canons mesme rendoient cette action la plus solennelle que faire se pouoit ».



## [DIOGO DE CAMPOS MORENO]

(1586 - entre 1617/1621)

DOCUMENTO: JORNADA DO MARANHÃO. [Da viagem do Maranhão a Lisboa, entre janeiro e março de 1615].

TEXTO: ALMEIDA, na edição de 1874 deste documento, dá apenas a seguinte notícia na « Prefação », à p. 157: « O manuscrito foi comunicado à Academia [Real das Sciencias de Lisboa] pelo seu Correspondente Joaquim José de Costa e Sá ». O título é indicado pelo mesmo editor na p. 153 como « Jornada Do Maranhão Por Diogo De Campos Moreno Sargento-Mór do Estado do Brasil », Na p. 160, já indica o título « Jornada do Maranhão Por Ordem de S. Magestade Fozta o Anno de 1614 ». O texto figura as pp. 159-265 da sua publicação.

AUTOR E DATA: No « Prefação » para a edição de 1874, ALMEIDA afirma às pp. 155-157: « Em quanto ao Autor, que a escrever não temos duvida em affirmar, que foi Diogo de Campos Moreno, Capitão e Sargento-Mór do Estado do Brasil, o qual acompanhou Jeronymo de Albuquerque naquella Conquista, não só em o seu posto de Sargento-Mór do Estado, mas como seu Adjunto e Collateral; e porrações, de que se serve o Governador Gaspar de Souza em a patente, que lhe passou em Olinda aos 30 de Jelho de 1614. ». E RODRIGUES (1979), indica no Livro 1, Cap. II, nº 3, p. 21: « Diogo de Campos Moreno escreveu a crônica da "Jornada do Maranhão" de janeiro a março de 1615, durante a viagem empreendida do Maranhão a Lisboa, a fim de levar à Espanha a notícia da trégua dos franceses no Maranhão ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo Rodrigues (supra cit.), p. 21, « A Jornada do Maranhão primeiro publicada em Lisboa, em 1617 [nota 19] e de D'ALMEIDA, t. 1, nº 4, 113. f], foi reproduzida por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, em 1874 [nota 20]: « Nas Memórias para o extinto Estado do Maranhão, Rio de Janeiro, Tipografia do Comércio, de Brito e Braga, 1874, 20 t., 156-265. »], e pelo Barão de Studart, em 1907 [nota 21]: « Revista do Instituto Cearense, t. 21, 206-330. »]. Em todas essas edições o texto aparece bastante viciado, conforme notou Capistrano de Abreu [nota 22]: « Prolegômenos ao livro V de História do Brasil de Frei Vicente do Salvador, 3ª ed., São Paulo, 1918, 431. f].

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: MORENO, DIOGO DE CAMPOS - Jornada Do Maranhão [Por Ordem De S. Magestade Fozta o Anno De 1614] Por Diogo de Campos Moreno Sargento-Mór do Estado do Brasil. IM: ALMEIDA, CÂNDIDO MENDES DE - MEMÓRIAS | Para A História | Do | Extinto Estado Do Maranhão | cujo Territorio Comprehende Hoje As Províncias Do | Maranhão, Piahy, Grão-Pará E Amazonas | Coligidas E Anotadas | Por | Cândido Mendes de Almeida | Rio De Janeiro (...) | 1874 (v. II, LXXII, 536, VIII pp.) [318B] (v-4).

[...]

[78.] (p. 186) Sabbado dia do beato Padre S. Francisco 4 de Outubro [de 1614], houve Missa solenne de canto de orgão, e frautas naquelles desertos de Jeruguaguará<sup>218</sup> com summa devoção, e grande alegria, em que commungou muita gente [dentre os soldados da "Jornada"]: <...>

[...]

[154.] (p. 208) E dando esta ordem, disse [o "Capitão-Mór" português, a 19 de novembro de 1614] ao Alferes Diogo da Costa, soldado velho, e de honra, natural das Ilhas: "V. m., se vá voando ao forte, e diga ao Capitão Gregório Fragozo, que com toda a sua companhia venha logo marchando pouco a pouco sem bandeira, e sem tocar caixa, e se ponha na retaguarda dos nossos Indios, e tanto que nos vir arremetter, entre pela praia de socorro com a sua arcabuzaria, para que os nossos Indios o sintão nas espaldas, e o inimigo (p. 210) se descomponha pela ilhargá." Ordenado assim o que convinha aguardando o sinal dos da montanha, saltou em terra de huma canôa hum Trombeta com as Armas Reaes de França bem concertado, e tocando, e chamando, se veio até que hum tambor dos Portuguezes com ordem do Sargento-Mór do



Estado o foi recolher, e vindo á sua presença lhe deu huma Carta em Francez do seu General ao qual em quanto se via, lhe mandou o Sargento-Mór tapar os olhos ao Trombeta, e pôr boa guarda, e lendo a Carta para si sómente vio, <...>

[...]

[251.] (p. 230) E com isto se chegarão á meza [o Sr. de la Ravardière e o Sargento Mór português, a 26 de novembro de 1614, em um navio francês], donde não faltou de comer, e musica naval bem concertada, mostrando na autoridade e no trato hum vestígio honrado, em que se enxergava despeza mais que ordinária.

[...]

[255.] Com isto despedindo-se [o "Sr. de la Ravardière", a 26 de novembro de 1614] com mil modos de cortezias, e signaes de amor, ao desazarrar do batel toda a Armada disparou a artilharia, com grande ruido de trombetas, e vozes a seu modo.

[...]

218. No 5. 15, p. 166 (edição de 1874), DIOGO DE CAMPOS MORENO diz que «Partindo Martin Soares, o dito Jeronymo d'Aribuquerque se foi ao Camuri [ao Saará o ano de 613], e não achando cômodo para povoar por ser toda a terra misera, secca, e sem agua para beber, se tornou atraz pouca de oito legoas á baía das Tartarugas chamada Peruquaquará, e alli assentou huma povoação; 3. Na nota 6. de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, mesma p., lê-se «Peruquaquará, hoje chamamos - Jericoacobra. Outros dizem - Jararicacara». FRANCISCO A. PEREIRA EM COSTA (Estado histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco, 1900, p. 6) desconta deste relato e ceia-nos o seguinte fragmento: «Já anteriormente, em 1614, haviam os padres franciscanos de Olinda, que acompanharam a expedição pernambucana destinada á conquista do Maranhão, levado consigo alguns músicos seus catecúmenos, e no dia em S. Francisco celebraram missa em Jararicacara, com canto de órgão e frutas, que pela primeira vez soaram naquelles desertos».



## YVES D'EVREUX

(1570 ? - 1630 ?)

LIVRO: CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DAS COISAS MEMORÁVEIS OCORRIDAS NO MARANHÃO NOS ANOS 1613 E 1614, SEGUNDO TRATADO (em sequência ao livro de Claude d'Abbeville). Paris, François Huby, 1615.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo Ferdinand Denis ("Introdução" à reedição de 1864, traduzida por CESAR AUGUSTO MORAES em 1874, pp. 33-34), « (...) Yves D'Evreux durante 15 anos não viu seu manuscrito, extraviado por sua infelicidade, que o feria completa e absolutamente. Enviado aos superiores da Ordem este livro, complemento do de Claudio d'Abbeville, foi destruído antes de haver aparecido. Impresso por Francisco Huby, em cujas oficinas já havia sido editada a obra do seu compatriota, foi inteiramente dilacerado. (...) Sabendo [Francisco de Razilly] que iria ser destruído o volume do Padre Yves d'Evreux, apesar de impresso inteiramente, foi à imprensa de Huby para ver se obtinha um exemplar (...) Mantém o alcaide [Razilly] imprimir o seu protesto em outra parte, e não nas oficinas da rua São Thiago, junto ao livro, encadernado com todo o livro, tendo na frente as armas da casa de França, e foi levado-o, não à Maria de Médicis, antiga protectora da Colônia do Maranhão, e sim a Luiz XIII. (...) O livro de Padre Yves, junto ao do Padre Elencio, foi posto nas estantes da Bibliotheca, e ali todos o deixaram em paz. Foi no tempo do digno Van-Fraet, no princípio de 1835, que o autor d'esta noticia [Ferdinand Denis] teve a felicidade de encontrá-lo ». MORAIS [c. 1983], v. 2, pp. 94E-95S, indica, porém, a existência de dois exemplares atualmente conhecidos deste livro. O primeiro, utilizado por F. Denis, na Bibliothèque Nationale de Paris (1946, Lf. 42822), tem páginas faltantes, entregue ao rei Luiz XIII por François de Razilly, e o segundo, bem mais completo, na New York Public Library. Duas outras cópias do livro de d'Evreux foram ainda referidas. Uma no convento da Piazza Barberini em Roma, desaparecida durante a chegada das tropas francesas em 1870 (talvez a mesma que um Ir. Court adquiriu em Paris, 1884, hoje em Nova York) e outra na biblioteca de Chartres, destruída em 1944 durante a guerra. A seguir, o título da edição antiga, dado por Morais à p. 949: *Suite de l'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan, les années 1613. & 1614. Second Traité. À Paris. De l'Imprimerie De François Huby, rue saint Jacques à la Bible d'Or, à En Sa boutique au Palais, en la galerie des prisonniers. MDCLV. [sic, 1615] Avec privilege Du Roy. [17 x 10; 2 ff. inva.] 364 pp. (no original: 364 ps.; 2 pls.)*

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRTO RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, livro II, cap. 1, n.º 5, p. 46) trata estas informações: « Frei Yves d'Evreux (1577-1630?) presidiu o grupo de capuchinhos que se uniram à aventura francesa no Maranhão, aqui se demorando dois anos. Escreveu a *Suite de l'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan, les années 1613 et 1615*, logo destruída "par fraude et rapetie, moyennant certains sommes de deniers entre les mains de François Huby, Imprimeur", salvando-se um exemplar utilizado, que serviu a Ferdinand Denis para publicar a *Voyage dans le Nord du Brésil*. Dez anos depois publicou César Augusto Moraes a tradução portuguesa do texto organizado por Ferdinand Denis. Conta este que François Huby tornou-se o instrumento mesquinho de uma ação política que tinha por fim evitar qualquer aborrecimento à Espanha, desde que foi feita, pelo casamento de Luiz XIII com uma princesa espanhola, a união das duas coroas. Assim, qualquer projeto de conquista na América deveria ser abandonado, e esquecida qualquer relação que descrevesse espreendimento anterior ou de época ».

BRANCO: O exemplar da New York Public Library possui, ao final, duas ilustrações, assinadas « P. Firars, ex. - Joachin Du vierl pinxit », com os títulos: 1) « Ce sont icy les vrais portraits des sauvages de l'isle de Maragnon appellez Topinanxus amenez au tres-Chrestien Roy de France et de Navarre par le S.<sup>r</sup> de Razilly en la presente année 1613. On voit representees les postures qu'ils tiennent et dansant. »; 2) « Portrait au naturel des barbares amenez en France du pais de Topinanxous, par le S.<sup>r</sup> de Razilly pour estre baptizés et convertiz à la foy de Jesus Christ et presentes à sa Ma.<sup>te</sup> en l'année presente 1613. ». As duas gravuras, reproduzidas por RUIZ BORDA DE MORAES (Bibliographia Brasileira, c. 1983, v. II, pp. 950-951) recebem do mesmo a seguinte referência (pp. 952-953): « Two engravings, described above, are bound up in it which were made in 1613 before the book was published in 1615. Only one other reproduction of these engravings is known, bound up in a copy of the *Geographie du Monde* by Arise Fournit, Rouen, 1633, in the Bibliothèque du Dépôt des Cartes de la Marine, in Paris. The existence of these engravings was made known by Charles de la Roncière (*Histoire de la Marine Française*, Paris, 1910, Vol. IV, p. 355, note 2). No other copy is known and due to their rarity and interest we reproduced them for the first time in the first edition of the *Bibliographia Brasileira*. We believed at that time that they belonged to Yves d'Evreux's book, a mistake corrected by Francisco Leite de Faria (*Os primeiros missionários do Maranhão*, Lisboa, Centr. de Est. Ultramarinos e as Col. Henriques, 1961, pp. 83-216). The author reproduces in this study another engraving also published in 1613 entitled, "Le



baptême de trois sauvages Tupinambos, qui furent baptisés en l'église des Capucins par monsieur l'Evêque de Paris & nommez par le Roy Louis treizième, le jour saint Jean Baptiste 1613' 3.

REEDICAO UTILIZADA: Voyage | Dans Le | MORD DU BRASIL | Fait Durant Les Années 1613 Et 1614 | Par Le | Père Yves D'Évreux, | Publié D'Après L'Exemplaire Unique Conservé | À La Bibliothèque Impériale De Paris. | Avec Une Introduction Et Des Notes | Par | M. Ferdinand Denis, | conservateur à la bibliothèque sainte Geneviève. | Leipzig & Paris, | Libraire A. Franck | Albert L. Heide. | 1854. [xviii, 436 pp.] (re página anterior) Bibliotheca | AEMERSON | Collection O'Quiragen | Incipit De Rares | Ser | L'Amérique. | [BIB31 LR-1-24]

TRADUÇÃO PORTUGUESA: Viagem ao Norte do Brasil pelo Padre Ivo d'Évreux. Tradução do Dr. Cesar Augusto Marques. Rio de Janeiro, Desoiterios Freitas Bastos & CIA, Livraria Leite Ribeiro, 1929. 442 pp. (Bibliotheca de Escriptores Maranhenses 17)

## TEXTO FRANÇAIS

## TRADUÇÃO

Suite de L'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan és années 1613 & 1614. PREMIER TRAICTE

Continuação da historia das coisas mais memoraveis acontecidas no Maranhão em 1613 e 1614. PRIMEIRO TRATADO

De la Preparation des Tapinambos, pour faire le Voyage des Amazonas. Chap. VII.

Capítulo VII Dos preparativos dos tupinambás para una viagem ao Amazonas.

[...]

[6.] (p. 22) [f. 21r]

Secondement les hōmes s'employēt à faire des canots, ou à refaire ceux qui estoient ja faicts, propres à telles affaires; Car il faut qu'ils soient longs & larges pour y cōtenir plusieurs personnes, & porter aussi leurs armes & leurs provisions, & neātmōins ce n'est qu'un arbre, Lequel apres qu'ils l'ont coupé par le pied, & bien estbranché, n'y laissant que le seul corps de l'arbre bien droit de bout à l'autre, ils fendent & leuent l'escoré avec quelque peu de la chair de l'arbre, environ la largeur & profondeur de demy-pied: ils mettent le feu dās ceste fente, avec des copeaux bien secs, qui bruslent à loisir le dedans de l'arbre, & à mesure qui le feu brusle, ils grattent le bruslé avec une tillle d'acier, & poursuivent ceste façon de faire i'uequ'à tant que tout l'arbre soit [f. 21v] creusé en dedās, ne laissant

[...]

(p. 80) Em segundo lugar empregam-se os homens em fazer canoas, ou concertar as que já possuem proprias para este fim, por que é necessario, que sejam compridas e largas para levarem muitas pessoas, suas armas e provisões, e contudo são feitas de uma arvore, cortada bem perto da raiz, sem galhos e ramos, ficando apenas o tronco bem direito em toda a sua extensão, e então tiram-lhe a casca, e racham-na dando-lhe meio pé de largura e profundidade: n'este caso lançam-lhe fogo n'essa fenda por meio de cavacos bem secos, e vão queimando pouco a pouco o interior do tronco, raspan com uma chapa de aço, e assim vão fazendo até que o tronco esteja todo cavado, deixando apenas duas pollegadas d'espessura, e depois com alavancas dão-lhe forma e largura: estas canoas conduzem as vezes 200 ou 300 pessoas<sup>249</sup> com as suas competentes munições. São



d'entier que deux doigts d'apoisseeur, puis avec leuiers lui dōnēt la forme & largeur, & ces canots de guerre sont quelquefois ca(p. 23)pables de porter deux ou trois cens personnes avec leurs provisions. Ils voguent à la rame par des ieunes hōmes forts & robustes, choisis pour cela, tenās chacun son aviron de 3. pieds de long, poussans l'eau en pique & non en trauers.

[...]

De la valeur & noeurs des  
Sauuages de Miary. Chap.  
XIII.

[...]

[8.] (p. 42) [f. 46v] LES Principaux, qui ordinairement tiennent table ouuerte, & pour cet effect doivent auoir vne grande estenduē de jardins, dressent un Caouin general, auquel ils conuient vn chacun, à la charge de couper ses iardins. Cela se faict avec grande allegresse en vne belle matinee ou deux, puis vont boire en la loge de celui qui les a mis en besogne, chacun [f. 47r] goustant au vin s'il est temps de boire, & au cas qu'ils le trouvent bon, le louēt grandemēt de sa force, & composent des chansons là dessus, qu'ils recitent en faisant le tour des loges au son du Maraca, prononçans telles ou semblables paroles; O le vin, le bon vin, nous en boirons à nostre aise, ô le vin, le bon vin, nous n'y trouuerons point de paresse: Ils appellent vn vin paresseux, qui n'a point de force pour les enuyrer incontinent, & qui ne les prouoque à vomissement, pour derechet boire d'autant: Les filles seruent à cet escot, on danse, on chante à plaisir, on ocuche ceux qui s'enuyrant soigneusement, il s'y fait rarement des querelles: mais ils sont joyeux & plaisans en leur vin, spécialement les femmes qui font mille singeries, dont elles prouoqueroient les plus tristes & espleurez à se débonder de rire. Pour moy ie confesse que iamais en

conduzidas por mancebos fortes e robustos, escolhidos de proposito, por meio de remos de pás de tres pés cada um, que cortam as agoas a pique e não de travessia.

[...]

Capítulo XIII Do valor e  
dos costumes dos selvagens  
do Miary [*rio Marim*].

[...]

(p. 96) Os principaes [destes "povos, antes de reunidos, chamados Tabajaras pelos Tupinambás"], que ordinariamente tem mesa franca para o que necessitam de roças maiores, preparam um Caouin geral, e como todos partilham d'elle, se incumbem de cuidar nas plantações, o que fazem com alegria n'uma ou duas manhās, e depois vão beber na casa d'aquelle para quem trabalharam, bebendo cada uma quando chega a sua vez, e (p. 97) quando o acham bom o gabam com todas as suas forças, compõem cantigas adequadas, que entoam ao redor da casa ao som do Maracá, pronunciando estas ou outras semelhantes palavras: "oh! o vinho, o bom vinho, nunca elle teve igual; oh! o vinho, o bom vinho, nós o beberemos á vontade, oh! o vinho, o bom vinho, n'elle não acharemos preguiça."

Chamam o vinho preguiçoso quando não tem força bastante para embriagá-los immediatamente, e que não lhes provocam o vomito por mais que bebam.

Tomam as raparigas parte n'esta festa, onde se dança e canta-se a fartar, deitam-se os que se embriagam logo e raras vezes apparecem questões: são alegres e agradaveis n'esta occasião, especialmente as mulheres, que fazem mil maraquices a ponto de provocarem grande hilaridade, até a individuos mais tristes e melancolicos. Por mim



sa vie ie n'ay en tant enuie de rire, que lors que ces femmes escrimeoient les vnes contre les autres, avec des gobelets de bois pleins de ce vin, beuvans [f. 47v] l'une à l'autre, faisant mille grimaces & démarches.

[...]

[10.] (p. 43) ILS ont aussi une coustume, que i'ay pareillement remarquée entre les Tapinambos, c'est, qu'ils portent des siflets ou flutes, faictes des os de jambes, cuisses & bras de leurs ennemis, qui rendent un son fort aigu & clair, & chantent sur icelles leurs notes ordinaires, spécialement quand ils sont en leurs Caouins, ou quand ils vont en guerre.

[...]

#### Des Loix de la Captivité. Chap. XV.

[...]

[3.] (p. 50) [f. 54v] Ce qui arriva sur le champ: car il pria le Sieur de Pezieux [f. 55r] de ne faire mourir l'esclave, sans seulement qu'il le mit au carcan, & qu'il luy fust permis de le fustiger à son plaisir; ouy ce dit le Sieur, à la charge que tu donneras quatre coups de corde à la femme, devant toutes les femmes qui sont icy au Fort, & ce au son de la trompette. <...>

[...]

#### Des autres Loix pour les Esclaves. Chap. XVI.

[...]

[8.] <...> (p. 55) [f. 58r] A ce propos ie demandois un iour à l'un des esclaves que i'avois, s'il ne se tenoit pas bien heureux d'estre avec moy. Premièrement pour ce que ie luy apprenois à craindre Dieu. 2. d'autant qu'il estoit assuré de n'estre jamais mangé, ains que quand il seroit Chrestien,

confesso, que nunca em minha vida me ri tanto como quando estas mulheres altercavam umas com as outras, empunhando copos de madeira cheios de vinho, bebendo ora um, ora outro, fazendo muitas macaquices e tregeitos.

[...]

Tambem tem por costume, que igualmente observei entre os tupinambás, o trazerem assobios e flautas, feitos dos ossos das pernas, coxas e braços de seus inimigos, dos quaes arrancam sons fortes, agudos e claros, e ao som d'elles entoam seus cantos usuaes, especialmente quando estão nos Caouins, ou quando vão a guerra.

[...]

#### Capitulo XV Leis do Captiveiro.

[...]

(p. 104) Conseguiu-o logo [o Sr. de Pezieux, com que o principal tupinambá Uyrapyran não matasse um escravo que seduziu sua mulher], porque elle [Uyrapyran] pediu ao Sr. de Pezieux, que não matasse o escravo, mas sim que o prendesse na goliinha, e que lhe fosse permitido açoitá-lo à vontade.

"Sim, disse-lhe o Sr. de Pezieux, com tanto que dês quatro açoites com cordas em tua mulher, diante de todas as mulheres, que se acharem no Forte [de São Luiz"], e ao som da corneta<sup>220</sup>."

[...]

#### Capitulo XVI Outras leis para os escravos.

[...]

(p. 107) Vem a proposito o contar que um dia perguntei a um (p. 108) dos escravos, que tinha em seu poder [na Ilha do Maranhão], sinão estava satisfeito vivendo comigo, não só porque lhe ensinei a tener a Deos, como também pela certeza, que tinha, de não ser comido, e que, quando christão,



on le feroit libre & demeuroit avec les Peres, ainsi que s'il estoit leur propre fils, il me fit ceste responce par mon Truchement, qu'à la verité il se tenoit bien fortuné d'estre tombé entre les mains des Peres, tant pour cognoistre Dieu que pour viure avec eux, neantmoins que pour l'autre chef, il ne se soucioit pas beaucoup d'estre mangé: car disoit-il, quand on est mort, on se sent plus rien, qu'ils mangent, ou qu'ils ne mangent point, c'est tout vn à celui qui est mort, ie me fusse fâché pourtant de mourir en non liot, & ne point mourir à la façõ [f. 59v] des Grâds au milieu des danses & des Caouins, & me vanger avant que mourir, de ceux qui m'eussent mangé.  
<...>

[...]

Combien les Sauvages sont misericordieux envers les criminels de cas fortuit & sans malice. Chap. XVII.

[...]

[3.] <...> (p. 58) [f. 62r] pour ce quelque temps apres, ce Principal faisant vn vin public, auquel il auoit inuité non seulement ceux de son propre village, mais aussi tous ceux des villages aux enuiron, Là tout le monde estant arriué, les danses, les chansons, les vins venus en leur ferueur, en sorte que plusieurs estoient yures, ses deux fils, dont i'ay parlé, se querelent, & celui qui auoit le tort, par incident, voulant coïter son plus ieune frere, contre qui il quereloit, se fourra vne troussé de fleches dans le ventre, duquel coup il tomba incontinent à la renuerse esuancui: on luy retira les fleches du ventre avec vne douleur excessive, ainsi que vous pouvez penser, & la douleur fist bientost passer le vin, lors la feste fut troublée, les chants tournerent en lamentations & harlemens, le vin en larmes, les danses en esgratignemens, & arrachement de cheueux, <...>

[...]

seria livre, morando com os padres como si fosse filho d'elles.

Pelo interprete respondeo-me juigar-se feliz por haver cahido nas mãos dos Padres, tanto por conhecer a Deus como por viver com elles, e si fosse para o poder de outro chefe, não estaria socegado e nem descansado de não se comido, porque, acrescentava elle, quando se morre, nada mais se sente, quer elles comam ou não, é o mesmo para o morto: amofinar-me-ia de morrer na minha cama, e não á maneira dos grandes no meio das danças e dos Caouins, afim de vinghar-me antes de morrer, dos que iriam comer-me.

[...]

Capítulo XVII Quanto são misericordiosos os selvagens para com os criminosos por acaso e sem malícia.

[...]

(p. 110) Pouco tempo depois, este Principal [Geropary, da aldeia Maicba, distante três léguas do Forte São Luiz] fez uma festa de vinho publicamente, e para isto convidou não só os habitantes de sua aldeia como também os da vizinhança.

Quando todos dançavam e cantavam, quando o vinho fervia e muitos já se achavam embriagados, seus dois filhos, de que já fallei, travaram-se de razões, e o autor da ques(p. 111)tão querendo agarrar seu irmão, por um acaso ferio-lhe no ventre com um punhado de flechas, que este trasia pelo que cahio logo banhado em sangue. Tiraram-se as flexas com muita dor, como bem se calcula, o soffrimento fez desaparecer o vinho, a festa ficou perturbada, as cantorias se mudaram em gritos e lamentos, o vinho em lagrimas, as dansas em espantamentos proprios e arrancamento de cabellos.

[...]



Qu'il est aisé de civiliser  
les Sauvages à la façon des  
Francois, & de leur  
apprendre les mestiers que  
nous avons en l'Europe.  
Chap. XVIII.

[...]

[3.] (p. 64) [f. 87v] LES  
Tapinambos depuis deux ans en ça  
que les Francoiis leur apprennent à  
oster leurs chappeaux & saluer le  
monde, à baiser les mains, faire la  
reuerence, donner le bon iour, dire  
Adieu, venir à l'Eglise, prendre de  
l'eau beniste, se mettre à genoux,  
joindre les mains, faire le signe  
de la Croix sur leur front &  
poitrine, frapper leur estomach  
deuant Dieu, escouter la Messe,  
entendre le sermon, quoy qu'ils n'y  
conçoient rien, porter des Agnus  
Dei, ayder au Prestre à dire la  
Messe, s'asseoir en table, mettre  
la seruiette deuant soy, lauer  
leurs mains, prendre la viande  
auecques trois doigts, la couper  
sur l'assiete, boire à la  
compagnie: bref faire toutes les  
autres honnestetez & ciuilitiez qui  
sont entre nous, s'y sont si bien  
aduancez, que vous diriez qu'ils  
ont esté nourris toute leur vie  
entre les Francoiis. <...>

[...]

Ordre et Respect que la  
Nature a mise entre les  
Sauuages, qui se garde  
inuiolablement par la  
ieunesse. Chap. XXI.

[...]

[7.] (p. 84) [f. 86v] Parmy  
les danses qui se font là, ces  
anciens & vieillards entonnent les  
chansons, & leur donnent la note,  
commençans d'une voix fort basse,  
mais grave, tousiours montant  
presque à la mesure de nostre  
musique. <...>

[...]

Capítulo XVIII Quanto é  
facil civilizar os  
selvagens á maneira dos  
francezes, e ensinar-lhes  
os officios, que tambe em  
França.

[...]

(p. 116) Aos Tupinambás, depois  
de dois annos de convivencia com os  
francezes, estes lhe ensinaram a  
tirar o chapéu, a saudar a todos, a  
beijar as mãos, a cumprimentar, a  
dar os bons dias, a dizer adeos, a  
ir á Igreja, a tomar agua benta, a  
ajoelhar-se, a pôr as mãos, a fazer  
o sinal da Cruz na testa e no  
peito, a bater no peito diante de  
Deos, a ouvir missa e sermão, ainda  
que nada d'isto comprehendam, a  
levar o Agnus Dei, a ajudar o  
sacerdote á missa, a assentar-se á  
mesa, a estender a toalha diante de  
si, a lavar suas mãos, a pegar na  
carne com tres dedos, a cortar-a no  
prato e a beber em commun, e breve  
farão todos os actos de civilidade  
e delicadesa, que se costuma a  
praticar entre nós, e já se acham  
tão adiantados a ponto de parecerem  
ter sempre vivido entre os  
franceses.

[...]

Capítulo XXI Ordem e  
respeito da natureza entre  
os selvagens, observada  
inviolavelmente pela  
mocidade.

[...]

(p. 133) No meio das danças [de  
cavinagem] entoa[m] [os velhos, ou  
"Thuyuae", 6ª classe de idade dos  
homens, de 40 anos até a morte] os  
cantos; dá[m]-lhe a nota,  
principiando pela mais baixa até a  
mais grave, crescendo gradualmente  
até chegar á força da nossa música.

[...]



Que le mesme ordre & respect se garde entre les filles & les femmes. Chap. XXII.

[...]

[9.] <...> (p. 81) [f. 82r] Je ne suis lassé dire que les Sauvages, par opinion superstitieuse tiennent, que les femmes ont bien de la peine, apres qu'elles sont [f. 82v] mortes, de trouver le lieu, où dansent leurs grands Peres, par delà les montagnes, & qu'une bonne part demeure par les chemins si tant est que quelques vnes s'y arrivent. <...>

[...]

De la mort et funerailles des Indiens. Chap. XXXI.

[...]

[4.] (p. 125) [f. 139v] BASTE comme ils sont aux abois de la mort, tous les parens s'assemblent, & generalmente tous leurs concitoyens qui environnent le lit du moribond, les parens tenans le lieu le plus proche du lit, & apres eux les vieillards & les vieilles & ainsi d'age en sage, personne ne dit mot, seulement ils regardent le mourant attentivement, debordant de leurs yeux des larmes continuelles, & aussi tost que la pauvre creature a rendu son esprit, vous entendez des hurlemens, cris & lamentations composez d'une musique si diuerse de voix fortes, aiguës, basses, enfantines & autres, qu'il est impossible que le coeur n'en soit (p. 125) attendry: quoy que vous reputiez toutes ces douleurs & pleurs sortir d'un coeur purement naturel, sans autre consideration du bien ou du mal, que peut encourir cet esprit sorty du corps mort.

[5.] APRES que se corps est bien pleuré le Principal de [f. 140r] la loge ou du village, où le Principal des Amis faict une grande harangue pleine d'emotion, se frappant souvent la poitrine & les cuisses, & en icelle il raconte les

Capítulo XXII A mesma ordem e respeito é observada entre as raparigas e as mulheres.

[...]

(p. 139) Os selvagens creem supersticiosamente terem as mulheres, depois de mortas, muita dificuldade de deparar com o (p. 139) lugar onde, além das montanhas, dançam seus ante-passados, e que muitas ficam pelos caminhos, se é que lá chegam.

[...]

Capítulo XXXI Da morte e dos funeraes dos indios.

[...]

(p. 166) Quando chega a hora da morte [do indio doente], reúnem-se todos os seus parentes, e geralmente todos os seus concidadãos, cercam-lhe o leito do moribundo, os parentes mais perto, depois os velhos e as velhas, e assim de idade em idade: não dizem uma só palavra, olham-no com toda a atenção, banham-se de lagrymas constantemente; mas apenas a pobre creatura exhala o ultimo suspiro, dão berros e gritos, fazem lamentações compostas por uma musica de vozes fortes, agudas, baixas, infantis, enfim de todo o genero, que infallivelmente enternece todos os corações, embora sejam naturaes todas essas dores e lagrymas, sem conhecimento do bem e do mal, que poderá gozar esse espirito desprendido do corpo morto.

Depois de muitas lamentações, o Principal da aldeia ou o Principal dos amigos fazia um grande discurso muito commovente, batendo muitas vezes no peito e nas coxas, e então contava as façanhas e promessas do morto, dizendo no fim - Ha quem



gestes & hauts faits du mort, disant à la fin de sa Harāgne: y a-il quelqu'un qui se plaigne de luy? N'a-t-il pas faict en sa vie ce qu'un fort & vaillant doit faire? <...>

[...]

[9.] (p. 128) [f. 142r] LA troisieme Histoire fut d'un petit enfant, en [f. 142v] uiron de deux ans, malade du flux de ventre, que ie baptisay avant de mourir, qui ne fut pas longtemps, car deux heures apres son Baptisme on me vint dire qu'il estoit trespassé. <...> (p. 129) à la façon des funeraillies que nous faisons en l'Europe: Nous vinsmes en la Chapelle de Saint Louis au Fort, où le corps reposa tandis que ie [f. 143r] disois les Oraisons ordonnees de l'Eglise à cet effet.

[10.] NOS vieilles nous suivirent de prez, & estans arriuees à la porte de l'Eglise, n'osans passer outre, commencerent à entonner une Musique si haute & si forte, que nous ne nous entendions pas l'un l'autre dans l'Eglise: <...>

De retour en l'Isle du sieur de la Ravardiere, & de quelques Principaux qui le suivirent. Chap. XXXII.

[...]

[9.] <...> (p. 133) [f. 147r] Aux uns il fist prendre en main des Courges, aux autres des Marnites, aux autres des Rondaches, aux autres des Espees & Foignards, aux autres des Arcs & Fleches & autres Instrumens dissemblables, & disposant les Joueurs de Maraca environ par dizaines, ils firent le tour des Loges des Tabaiars, puis vindrent en la Grāde Place du Fort, où nous estions, finir leur danse devant nous, laquelle tiroit fort sur (p. 134) la danse des Pantalons, s'avancans & cheminans peu à peu avecques mesure, frappans également tous ensemble la terre de leur pieds, & ce au ton de la voix, & du son du Maraca, qu'ils

d'elle se queixe? Não fez em sua vida o que faz um homem forte e valente?

[...]

(p. 168) Falleceu um menino com doença no ventre, de dois annos de idade, e duas horas depois de baptizado.

[...]

<...> (p. 169) fizemos o seo funeral à maneira da Europa, levando o seo corpo à capella do Forte de São Luiz, onde recitamos as orações prescriptas pela Igreja para esse fim.

Seguiram-nos as velhas de bem perto, e não se animando a entrar, começaram a entoar uma musica tão alta e forte, que não nos entendiamos dentro da Igreja.

[...]

Capitulo XXXII Do regresso à ilha do Sr. de la Ravardiere e de alguns principaes, que o seguiram.

[...]

(p. 172) A uns deo cabaças, panellas, e rodela [o principal "Arraia grande", dos "Caietés", quando de sua entrada na "praça de São Luiz"], e a outros espadas e punhaes, a estes arcos e flexas, e aquellas diferentes instrumentos, dividindo os tocadores de Maracá<sup>221</sup> pelas desenas, e assim percorreram a habitação dos Tabajaras, e (p. 173) depois foram à praça grande do Forte, onde estavam, e ahí acabaram suas danças, muito semelhantes a dos Pantalons, andando e fazendo medidas, batendo todos ao mesmo tempo com o pé em terra, ao som da voz e do Maracá, cujo compasso todos observavam entoando sempre os



gardoient tous en [f. 147v] mesme cadence, recitans vne chanson de victoire à la louange des François. Ils remuoient la teste de çà de là, & les mains aussi, avec tels gestes qu'ils eussent faict rire les pierres. Ceste façon de danser est appellee entre les Tapinambos Porasséu-tapoüi, c'est à dire, la danse des Tapouis par ce que la danse des Tapinambos est toute dissemblable: car elle se faict en rond, sans remuer de place. La danse finie, il nous vint saluer & puis s'alla reposer & manger en la loge qui luy estoit preparee.

Du voyage du Capitaine Maillar dans la terre ferme, en l'habitation d'un grand Barbier: Description de ceste terre, & des tromperies de ce grand Barbier. Chap. XXXIII.

[...]

[6.] (p. 137) [f. 150v] 2. Il institua vne danse ou procession generale, & faisoit porter à tous les Sauvages, tant hommes, femmes, qu'enfans, des branches de Palme piquante, surnommee Toucon, & elloient tout autour des loges chantans & dansans, & ce disoit-ol, pour exciter son esprit à envoyer les pluyes, (car en ceste annee elles [f. 151r] vindrent trop tard) apres la procession ils cauinoyent iusqu'au creuer. <...> 5. Il planta un May d'arbre, au milieu du village, chargé de coton, & apres auoir faict quelques tours & retours aux environs, il leur dit, qu'ils auroient ceste annee grande quantité de coton

[7.] (p. 138) OR pour toutes ces barbaries, la pluye ne venoit point, & ne cessoit iour & nuit de faire danser les Sauvages, crier le plus hant qu'ils pouuoient pour [f. 151v] reueiller son esprit ainsi

louvores aux françoises.

Mechiam em todos os sentidos a cabeça e as mãos, com taes gestos que faziam rir as pedras.

Chamam os Tupinambás a esta dança Porasséu-tapui, quer dizer, dança dos Tapuias, porque era outra a dança dos Tupinambás, sempre em roda e nunca mudando de lugar.

Acabada a dança, veio saudar-nos [Arraia grande], e foi comer e descansar na casa, que se lhe havia preparado.

Capítulo XXXIII Viagem do Capitão Maillar, pela terra firme á casa de um grande feiticeiro. Descrição d'esta terra e das zombarias d'elle.

[...]

(p. 175) Estabeleceo [um principal feiticeiro "vindo do Maranhão", "com 40 ou 50 selvagens", numa "localidade muito boa, distante 100 ou 150 legoas do Maranhão, na terra firme para as bandas do rio Meirim e longe d'elle 40 ou 50 legoas"] uma dança ou procissão geral fazendo com que todos os selvagens levassem na mão um ramo de palmeira espinhosa, chamada tucum, e assim andavam ao redor das casas, cantando e dansando, para animar, dizia elle, o seo espirito a mandar chuvas, então n'esse anno mui (p. 176) tardias: depois da procissão cauinavam (bebiam cauim) até cahir.

[...]

Plantou no centro d'aldeia uma arvore de maio, carregou-a de algodão, e depois de haver dado muitas voltas e vira voltas em redor, lhes prognosticou grande colheita n'esse anno.

Apezar de tudo isto não vindo a chuva, dia e noite fazia elle dansar e cantar os selvagens, gritando com quanta força tinham afin de despertar seo espirito, como faziam outr'ora os sacrificadores de Baal.



que iadis faisoient les  
sacrificateurs de Baal; nonobstant  
ces cris, la pluye ne venoit point.  
<...>

[...]

De la venue des Tremembais;  
comme on les poursuit, &  
de leurs habitations &  
façons de faire. Chap.  
XXXIV.

[...]

[3.] (p. 141) [f. 154v] NOS  
Sauvages trouuerent vn de leurs  
semblables encore vivant, qui  
s'estoit saué à la fuite dans les  
[f. 155r] bois, & caché dans vn  
arbre: mais entendant le son des  
Trompes de guerre, qui est vn grand  
bois creusé, ayant la gueule d'en  
bas & d'en haut à la façon d'une  
Trompette, il sortit tout defaict &  
sans figure d'homme, pour n'auoir  
rien mangé l'espace de huit iours,  
sinon des feuilles de l'arbre où il  
s'estoit caché, <...>

[4.] <...> Caruatapyran,  
m'apprit ce que ie ne scauoir pas,  
[f. 155v] touchant ces haches,  
faictes d'une pierre tres-dure, &  
taillees en forme de croissant: car  
il me dit, que (p. 142) les  
Tremembais auoient coustume tous  
les mois, au premier iour du  
Croissant, de veiller toute la  
nuict à faire ces haches, & ne  
cessoient qu'elles ne fussent  
parfaites, ayans ceste  
superstition, que portans ces  
haches en guerre, ils n'estoient  
iamais vaincus, ains reportoient la  
victoire de leurs ennemis: pendant  
qu'ils font ces haches, les femmes,  
filles & enfans sont dehors les  
Aicoupemes, dansant & chantant à la  
face du Croissant.

[...]

Com tudo isto não choveu.  
[...]

Capitulo XXXIV Da vinda  
dos Tremembés, como foram  
perseguidos, suas  
habitações, e procedimento.

[...]

(p. 179) Encontraram os nossos  
selvagens ["Tupinambás"] ainda vivo  
um dos seus, que fugio para o mato  
[depois de uma investida dos  
"Tremembés", aliados dos portugue-  
ses, em um "grande areal" cercado  
de mato por tres lados, no conti-  
nente], e escondendo-se no concavo  
de uma arvore; porem ouvindo o son  
das trompas<sup>222</sup> de guerra, que  
eram feitas de um grosso madeiro  
cavado, tendo as aberturas superior  
e inferior semelhantes á uma  
trombeta, sahio muito magro, e  
quase que sem figura humana por não  
ter comido durante oito dias senão  
folhas da arvore, onde escondeo-se:  
<...>

[...]

(p. 180) Caruatapyran ["um dos  
Principaes de Comã"] pegando um  
d'esses machados com que os  
"Tremembés" racharam as cabeças de  
"Tupinambás" e os deixaram sobre  
seus corpos], feito em forma de  
crescente, ensinou-me o que eu não  
sabia, dizendo-me terem os  
Tremembés o costume mensal de  
veiller toda a noite fazendo seus  
machados até ficarem perfeitos, em  
virtude da superstição, que  
nutriam, de que indo para a guerra  
armados com taes instrumentos nunca  
seriam vencidos, e sim sempre  
vencedores.

Em quanto os homens e as  
mulheres ["tremembés"] se  
entregavam a este trabalho,  
dançavam as moças e os meninos á  
frente das choupanas ao luar do  
crescente.

[...]



De la chasse des Rats,  
Fourmis & Lezards. Chap.  
XLIII.

[...]

[5.] (p. 175) [f. 195v] NOS Sauvages ne font pas la chasse à toute sorte de fourmis, ains seulement à celles qui sont grosses (p. 176) comme le pouce, apres lesquelles tout vn village sort, hommes, femmes, garçons & filles: & la premiers fois que ie leur vy faire ceste chasse, ie ne scauois que c'estoit, ny où ils alloient si vistes, tous abandonnans leurs [f. 186r] Loges pour courir apres ces fourmis volantes, lesquelles ils prenoient avec leurs mains & les nettoïët soigneusement dans vne courge, leur rōpans les aisles pour les fricasser, & les manger. Ils les prenent encore d'une autre façon, & sont les filles & les fēmes, lesquelles s'asseās à la bouche de leur cauerne, inuitent ces grosses fourmis à sortir par vne petite chanson, laquelle ie fis interpreter au Tuchemēt, & estoit telle: Venez mon amy, venez voir la belle, elle vous donnera des noisettes: & tousiours repliquoient cela, à mesure que les fourmis sortoient, lesquelles elles pernoient leur rompant les aisles & les pieds. Et quand elles estoient deux femmes en vn trou, elles recitoient l'une apres l'autre la chanson, & les fourmis qui sortoient de là, pendant la chanson, estoïët à celle qui chantoit: <...>

[...]

Instruction pour ceux qui  
nouuellement vont aux  
Indes. Chap. XLIX.

[...]

[4.] (p. 216) [f. 233r] LES marchandises necessaires pour les Sauvages desquelles vous aurez d'eux, soit viures, soit marchandises de leur Pays, soit esclaves pour vous servir & cultiuer vos iardins, sont celles-cy: Ayez force couteaux à

Capítulo XLIII Da caça dos  
ratos, das formigas e das  
lagartixas.

[...]

(p. 206) Caçam os selvagens somente as formigas grossas como o dedo polegar, para o que abala-se uma aldeia inteira de homens, mulheres, rapazes e raparigas.

A primeira vez que vi esta caçada, não sabia o que era, e nem onde hia tão apressada tanta gente deixando suas casas para correr após as formigas voadoras, as quaes agarram mettem-nas n'uma cabaça, tiram-lhes as azas para frital-as e comel-as.

Caçam-nas tambem por outra maneira, e são as raparigas e as mulheres que, sentando-se na bocca da caverna, convidam-nas a sair por meio de uma pequena cantoria, assim traduzida pelo meo interprete:

"Vinde, minha amiga, vinde ver a mulher formosa, ella vos dará avelans."

Repetiam isto á medida que iam sahindo, e que iam sendo agarradas, tirando-se-lhes as azas e os pés.

Quando eram duas as mulheres, cantava uma e depois outra, e as formigas que então saham, eram da cantora.

[...]

Capítulo XLIX Instrucção  
para os que vão pela  
primeira vez às Indias.

[...]

(p. 239) As mercadorias pelas quaes dos Indios obtereis em troca viveres e outros generos do paiz, e escravos para servir-vos e cultivar vossas roças, são as seguintes - facas de cabo de pau, de que usam os magarefes, e muito apetecidas pelos selvagens, muitas thespuras



manche de bois, desquel vsent les bouchers: car ce sont ceux qu'ayent plus les Sauvages. Prenez des oiseaux de malle en quantité, force peignes, miroirs, grains de verre de coupleur pers, qu'ils appellent rassade, serpes, haches, hansas, des chapeaux de petit pris, casaques, chenisoles, hauts de chausses de friperie, vieilles espées & harquebuses de peu de coust. Ils font grand estat de tout cecy, dont vous aurez moyen d'auoir des esclaves, & de bonnes marchandises d'iceux. N'oubliez aussi du drap pers & rouge, & du plus bas prix que vous [f. 233v] pourrez trouver: car ils ne font pas grande difference des estroffes, des pens d'oreilles, siflets, sonnettes, bagues de cuire doré, des hains à pescher, des grugeoires de laitton plates, longues d'un pied & larges de demy, ce sont denrées lesquelles ils ayment. <...>

[...]

Suite de l'Histoire des choses plus memorables aduenues en Maragnan, es années 1613 & 1614. SECOND TRAITE.

Des fruits de l'Euangile, qui tost parurent par le Baptisme de plusieurs enfans. Chap. I.

[...]

[6.] <...> (p. 232) [f. 247v] Leur Roy est puissant, qui les ayne, & nous assistera, tant qu'ils seront avec nous. Ah! que ne sommes nous plus ieunes, pour voir les choses grandes que feront les Pais en nostre terre! Car ils bastiront de pierre de grandes Eglises, comme sont celles de France. Ils apporteront de belles étofes, pour orner le lieu, où le Toupan descend. Ils feront venir des Miengarres, c'est à dire, des Chantres Musiciens, pour chanter les grandeurs du Toupan. <...>

de bolsa, muitos pentes, contas de vidro verde-gaio, a que chamam missangas, foices, machados, podões, chapeos de pouco valor, fraques, camisollas, calções de adellos, espadas velhas, e arcabuses de pouco preço.

Dão muito apreço a tudo isto, e assim tereis escravos e bons generos.

Não esqueçaes também pannos verdes-gaios, e vermelhos de pouco valor, porque não fazem grande differença dos estofos, rosetas, assobios, campainhas, aneis de cobre dourado, anzões, alicates de latão chatos, com um pé de comprimento e meio de largura, tudo isto por elles muito apreciado.

[...]

Continuação da historia das coisas mais memoraveis acontecidas no Maranhão em 1613 e 1614. SEGUNDO TRATADO

Capitulo I Dos fructos do Evangelho, que appareceram cedo pelo baptismo de muitos meninos.

[...]

(p. 251) Dizem-nos [os meninos indios catecúmenos] que seo Rei [o Deus cristão] é poderoso, que os ama, e nos ajudará em quanto elles estiverem conosco. Ah! porque não somos mais moços para ver as grandes coisas, que farão os Padres em nossas terras! Elles construirão com pedra grandes Igrejas como ha em França.

Trarão bellas estofos para ornar o lugar, onde desce Tupan. Mandarão buscar miengarres, isto é, musicos cantores<sup>223</sup> para entoarem as grandezas de Tupan.

[...]



Du Baptisme de plusieurs  
adults, spécialement d'un  
nommé Martin. Chap. III.

[...]

[B.] (p. 246) [f. 262r] IL  
arriva donc, que sans y penser, il  
vint avec plusieurs Sauvages, ses  
semblables, de Tapouytapere, en  
l'Isle de Maragnan pour nous voir,  
& les ceremonies avec lesquels nous  
servions le Toupou. <...>

[...]

[B.] (p. 247) [f. 262v] IL  
raconta depuis, & en voulut estre  
informé, comme il avoit pris garde  
à tous les gestes que j'avois  
faicts en la celebration de ce haut  
& profond mystere de la Messe, à  
sçavoir, comment, & pourquoy il se  
revestois d'une robe blanche, me  
ceignois d'une ceinture, mettois le  
Manipule en mon bras & l'Estolle en  
mon col: le m'approchois à la droite  
de l'Autel, où m'estois présenté un  
vaisseau plein d'eau, & du sel, sur  
lesquels ie prononçois des paroles,  
en faisant plusieurs signes de  
Croix: toute l'assistance des  
Francois levée de bout, laquelle me  
respondoit en chantant, & qu'ayant  
fait cecy, tenant en main une  
branche de palme, ie la trempois  
dans ce vaisseau, iettant sur  
l'Autel des gouttes d'eau, puis sur  
moy, & que me levant de là,  
j'allois asperger les Francoys,  
commençant aux Chefs jusques aux  
derniers qui estoient à la porte de  
l'Eglise: où les autres Sauvages nō  
Chrestiens s'approchoient pour en  
recevoir quelque goutte, estimans  
que cela leur servoit contre  
Geropary: Luy mesme descendit de  
dessus le banc (p. 248) & fendit la  
presse pour recevoir aussi sur luy  
quelque goutte d'Eau beniste: ce  
qui luy arriva.

[...]

Capítulo III Do baptismo  
de muitos adultos,  
especialmente de um chamado  
Martinho.

[...]

(p. 263) Aconteceu porém, que  
inesperadamente viesse [“um índio  
de Tapuitapera, principal n'uma  
aldeia antiga d'esta provincia,  
chamado Martim, sempre amigo dos  
francezes”, “tido outrora por  
afamado barbeiro ou feiticeiro”]  
com muitos selvagens, seus  
similhantes, de Tapuitapera para  
ver não só a nós como também as  
ceremonias, com que serviamos a  
Tupan.

[...]

(p. 264) Contou depois, como  
prestou attenção a todas as  
ceremonias, que fiz na celebração  
do alto e profundo mysterio da  
Missa, e desejou saber porque me  
revesti de alva branca, liquei a  
cintura, deitei o manipulo no  
braço, e a estolla no pescoço;  
aproximei-me à direita do altar,  
onde me apresentaram um vaso com  
agua e sal, sobre o qual pronunciei  
algumas palavras fazendo muitos  
signaes da Cruz; levantaram-se os  
francezes, me respondiam cantando,  
e tendo eu um ramo de palme na mão  
o mergulhei n'agua deitando algumas  
gottas no altar, depois sobre mim,  
e levantando-me fui aspergir os  
francezes começando pelos chefes e  
acabando pelos que estavam na porta  
da Igreja, chegando também para  
esse fim os selvagens não  
christãos, na convicção de que lhes  
serviria contra Jeropary, desceu  
elle mesmo do banco, rompeo a  
multidão para receber também  
algumas gottas d'agua benta, o que  
conseguiu.

[...]



Des Grands fruicts que fit  
cet homme Chrestien en  
L'instruction & conversion  
de ses semblables. Chap.  
III. [correto: capítulo IV]

[...]

[5.] <...> (p. 256) [f. 271v]  
cependant le nombre des Catecumenes  
s'augmentoit de iour en iour en  
Tapouitapere, si bien qu'il fallut  
que les R. P. Arsene Y allast pour  
en baptiser vn grand nombre que  
l'on ne pouoit refuser, tant pour  
le desir, qu'ils monstroient en  
auoir, que pour scauoir  
parfaictement ce que doit scauoir  
le Chrestien.

[6.] MARTIN auoit basti vne  
chappelle & vne loge tout aupres,  
au milieu de son village avec  
l'ayde des autres Chrestiens & des  
Sauages de son village: <...>

[7.] <...> (p. 257) [f. 272r]  
Ce nom fut de Pai-miry, le petit  
Pere, ou le Vicaire des Peres. Et à  
la verité il meritoit bien ce nom:  
car depuis qu'il fut Chrestien,  
l'on n'a iamais remarqué en luy  
aucune trace de vieil homme, c'est  
à dire, des coustumes mauuaises que  
les Sauages obseruent. Il estoit  
grave, modeste & peu parlant, &  
rarement pouoit-il estre incité à  
rire: Il s'absteniot de tout ce qui  
luy sembloit contrarier à la  
profession du Christianisme.

[8.] TEL estoit le Formulaire  
de vie qu'il gardoit & faisoit  
garder à tous les Chrestiens comme  
le plus ancien. I. Ils conuenoient  
tous ensemble soir & matin, en la  
Chappelle: lors vn d'entre eux, se  
leuoit debout, les autres demeurans  
à genoux, puis [f. 272v] hautement,  
il disoit en sa langue, Au nom du  
Pere, du Fils & du saint Esprit, &  
se marquoit le front du signe de la  
Croix, les yeux, la bouche, & la  
poitrine, ce que faisoient  
pareillement tous les autres, puis  
joignant les mains, les yeux vers  
l'Autel, il recitoit posement &  
distinctement l'Oraison Dominicale,  
le Symbole des Apostres; les  
Commandemens de Dieu, & ceux de  
l'Eglise. Cela finy, s'il y auoit

Capítulo IV Do que fez  
este christão [Martim] em  
benefício da instrução e  
conversão dos seus  
similhanes.

[...]

(p. 271) Augmentando-se  
diariamente o numero das  
catecumenos em Tapuitapera foi  
necessario ahi ir o Revd. padre  
Arsenio para baptisar muitos  
d'elles, dignos d'essa graça tanto  
pelo seu desejo, como pela sua  
instrução christã.

Tinha Martinho edificado uma  
Capella, e junto d'ella uma casa,  
no meio de sua aldeia, com o  
auxilio dos outros christãos e  
selvagens ahi residentes.

[...]

(p. 272) Chamaram-no Pai-miry,  
"Padre pequeno ou o vigário dos  
Padres", e na verdade bem merecia  
tal nome, porque desde que se fez  
christão nunca mais se descobrio  
n'elle vestigios do antigo homem,  
ou os maos costumes dos selvagens.  
Era grave, modesto, pouco fallador  
e raras vezes ria-se, e nada fazia  
que procedesse ser contrario ao  
christianismo.

Era este o regimen de vida que  
observava, e como mais velho fazia  
observar aos outros christãos:

19 Pela manhã e à tarde  
reuniam-se todos na Capella:  
levantava-se um d'elles,  
ajoelhavam-se outros, e depois  
dizia em seu idioma "em nome do  
Pai, do Filho, e do Espírito Santo"  
e fazia o signal da Cruz, na testa,  
na bocca e nos peitos, no que era  
pelos outros imitado; punha depois  
as mãos, fixava a vista no altar, e  
recitava pausada e distintamente o  
oração dominical, o symbolo dos  
Apostolos, os mandamentos de Deus e  
da Igreja, o que findo, si tinha  
alguma advertencia a fazer  
aproveitava a occasião, sinão,  
recolhia-se cada um à sua casa.



quelque avertissenēt à donner on le disoit, puis chacun s'en alloit à sa besogne.

[9.] (p. 258) 2. ILS vivoient en cōmun, lors qu'ils se trouvoient ensemble, apportās leurs pesches & chasses, pour estre également parties entr'eux, & au parauant que de manger le plus ancien d'entr'eux disoit en sa langue le *Benedicite*, faisant le signe de la Croix, sur soy & sur les viandes presentes, tous estoient leur chappeau, & faisoient le signe de la Croix sur eux, lors que celui qui benissoit la faisoit, & pas vn ne touchoit aux viandes, qu'elles ne fussent benistes. En mangeant ils ne contoient chose de risée ou mauuaise comme ont coustume de faire les *Tapinābos*, mais le plus ancien recitoit quelque chose de Dieu, & de la Religion.

[10.] [f. 273r] 3. ILS n'alloient aucunement aux *Caouins* & assemblees, selon la coustume des *Tapinambos*: c'estoit vn des points principaux que Martin François grauoit dans le cœur de ceux qu'il conuertissoit, à sçauoir, que les *Caouins* estoient inuentez par *Giropary*, pour semer discorde entre ces Barbares, & pour prouoquer ceux qui s'y trouuoient à toute sorte de mal, qu'il estoit impossible que ceux qui aymoient les *Caouins* aimassent Dieu, c'est pourquoy, disoit-il, quand ie m'apperceoy que quelques-uns de mes semblables se retirent des *Caouinages*, ne prens augure qu'ils seront bien tost Chrestiens, & ie les vay trouuer: mais ceux que ie voy aymer ce sabat, ie n'ay courage de m'adresser à eux. Ce qu'il dit est veritable, car c'est vn spectacle assez hideux de voir ces gens en telles assemblees, & semble plustost vn sabat de Sorciers, qu'une assemblee d'hommes. Ie m'y suis troué vne seule fois seulement pour en sçauoir parler, & iamais depuis ie n'y voulu retourner. Ie voyois d'un costé les vns couchés dans leur liet, vomissans à grande force les autres faisans des demarches, ayant perdu [f. 273v] le iugement à cause du vin, d'autres

29 Viviam em comum quando se achavam juntos, e para isso traziam o resultado de suas pescarias e caçadas para ver igualmente dividido entre elles, e antes de comenem, o mais velho recitava em sua linguagem o *Benedicite*, fazendo o signal da Cruz sobre si, e sobre as iguarias: tiravam todos o chapeo, faziam em si o mesmo signal e ninguém tocava na comida antes de abençoada.

Em quanto comiam não contavam coisas más ou que ex-(p. 273) citasse o riso, como fazem os *Tupinambás*; porem o mais velho dizia alguma coisa á respeito de Deos e a Religião.

30 Nunca iam aos *cauins* e reuniões, conforme costumavam os *Tupinambás*: era um dos pontos principaes, que Martinho Francisco gravava no coração dos convertidos, isto é, que os *cauins* eram inventados por *Jertpary* [entidade mitológica indigena, que os franceses associaram ao Demônio do cristianismo] para semear a discordia entre elles, e fazer com que praticassem toda a especie de males os que frequentassem, sendo impossível amar a Deos quem gostasse de *cauins*, porque, dizia elle, quando descubro, que alguns dos meos semelhantes se retiram das *cauinagens*, agouro que bem depressa serão Chrestãos e vou procural-os; mas não tenho animo para fazer o mesmo aos que frequentam tais orgias.

O que elle dizia era verdade por ser horrivel espectáculo ver essas gentes em reuniões, parecendo antes congresso nocturno de feiticeiros do que ajuntamento de homens.

Achei-me apenas uma só vez n'essas reuniões para d'ellas poder fallar, e nunca mais lá tornei.

Via aqui uns deitados em suas redes vomitando com muita força, outro caminhando ou marchando em diversos sentidos com o juizo



qui huoient, d'autres qui fesoient mille grimaces d'autres qui dansoient au son du Maraca, d'autres qui chantoient avec confusion de voix & de ton, d'autres qui beuvoient de grand courage, & petunoient pour se rendre (p. 259) bien tost yures, & le pis que ie trouuois en cela, c'estoit que les filles & les femmes y estoient peslemesle, ne persuadât qu'il est bien difficile que Bacchus soit sans Venus: Et à la mienne volonté que les François facent en ce point, ce que les Portugais ont faict, qu'ils deffendent aux Sauvages tous ces **Caouinages**: les Portugais ont recogneu depuis le temps qu'ils sont habitez aux Indes, qu'un des plus grands empeschemens de venir au Christianisme, ce sont ces assemblees diaboliques, desquelles aussi procedent presque toutes les discordes & vilennies qui sont entre ces Sauvages.

[11.] 4. CES nouveaux Chrestiens vont vestus le mieux qu'ils peuvent, & marchent de compagnie ensemble, ne portans ny flesches, ny arcs, sinon lors qu'ils vont à la chasse, ou à la pesche, ains se contentent de [f. 274r] porter un baston d'une sorte d'Ebene noire ou rouge, tellement qu'il est aisé de les distinguer d'avec les autres. Et quant ils vont par les villages de leur contree, s'il se trouue un Chrestien au village où ils abordent, ils se retirent chez luy, & se contentent de ce qu'il a faict prouision, viuans sobrement, comme il est bien seant & conuenable aux Chrestiens.

D'un indien condamné à la mort, lequel demanda le Baptisme auant que de mourir. Chap. V.

[...]

[6.] (p. 262) [f. 277v] CE pauvre condamné receut ses consolations de bon coeur & auant que marcher au supplice, il dist à toute la compagnie: Je m'en vay

perdido pelo vinho, ali outros gritando, fazendo mil trageitos, estes dançando ao som do maracá, aquelles bebendo com muito boa vontade, aquell'outros fumando para se embriagarem, e o que ainda é peor, é estarem mulheres e moças ali misturadas parecendo bem difficil a presença de Bacho sem Venus.

Por minha vontade os francezes deviam fazer o que fizeram os portuguezes, isto é, prohibir todas estas cauinagens; os portuguezes, depois que habitaram algum tempo na India, reconheceram, que um dos maiores embaraços para a propagação do christianismo eram essas reuniões diabolicas, de que procedem todas as discordias e desgraças entre os selvagens.

42 Vestem-se estes novos christãos o melhor que podem, caminham todos juntos, não trazem flechas e nem arcs, excepto quando vão à caça ou a pesca, contentando-se em trazer um cacete de uma especie de ebano, negro ou vermelho, com que se distinguem facilmente dos outros.

Quando vão a outras aldeias, si encontram algum christão, recolhem-se à casa d'elle, contentam-se com o que tem e virem sobriamente como tanto conuem a um christão.

Capitulo V De um Indio, Condemnado á morte, que pedio o baptismo antes de morrer.

[...]

(p. 276) Este infeliz condemnado recebeu as consolações de muito boa vontade, e antes de caminhar para o supplicio disse aos que o acompanhavam: "vou morrer,



mourir & vous perdray de veué, ie  
n'ay plus peur de Giropari, puis  
(p. 263) que ie suis enfant de  
Dieu: ie n'ay que faire de marchan-  
dise, ny de feu, ny de farine, ny  
d'eau, ny d'aucun ferrement pour  
mon voyage par delà les montagnes,  
où vous pensez que vos Peres  
dansent: mais donnez moy du Petun,  
à ce que ie meure allegrement la  
parole ferre, & sans peur, qui  
m'estouffe l'estomach. <...>

[...]

Formulaire de la Doctrine  
Chrestienne, laquelle les  
Catechumenes apprennent &  
recitoient par coeur, avant  
que d'estre baptisez Chap.  
VII.

[...]

DOCTRINE CHRESTIENNE en la  
langue des Topinambos & en  
Francois, & premierement  
l'Oraison Dominicale.

(p. 272) [f. 266v]

Ore-roue vuac peté couaré  
Nostre Pere és Cieux qui es.

Ynoe-tepoire derere-toico.  
Aduienne ton Royaume.  
Telé-mognan dereminotare yboipé  
[ vuacpe iémognan eaue.  
Soit faicte ta volonté en la terre  
[ comme aux Cieux.

(p. 273)

Oremiou-are aiedouare einé ioury  
[ oraue.  
Nostre pain quotidien donne  
[ aujourd'hui à nous.  
De-ieurou oré yangaypane resse.  
Pardonne nos offences.  
Ore recone-mossaré soupé ore-ieurou  
[ eaue.

[f. 267r]

Comme nous pardonnons à ceux qui  
[ nous ont offencés.  
Maar-ocar huné yepé tecomano-poupé.  
Et ne nous induits point en  
tentation.  
Oré pessuron peyepé mae ayue souy.  
Mais nous deliure du mal.  
Amen Iesu.

não mais os verei, não tenho mais  
medo de Jeropary pois sou filho de  
Deos, (p. 277) não tenho que  
prover-me de fogo, de farinha, de  
agua, e nem de ferramentas alguma  
para viajar além das montanhas,  
onde cuidaes que estão dançando  
vossos paes. Dae-me porem um pouco  
de Petun para que eu morra  
alegremente, com voz e sem medo."

[...]

Capitulo VII Formulario da  
doutrina christã, que  
aprendiam e recitavam de  
côr, antes de serem  
baptisados.

[...]

DOCTRINA CRISTA na lingua  
dos Tupinambás<sup>224</sup> e em  
francez, e em primeiro  
lugar a oração dominical

Ore-roue vuac peté cuare,  
Padre nosso, que estás no Deo,  
y noe-tepoire derere-toico  
sanctificado seja teu nome,  
to-ure de reigne  
venha nós o teu reino,  
teie-mognan dereminotare yboipé  
[ vaacpe iémognan eaue,  
seja feita a tua vontade assim na  
[ terra como no Deo,

oreremiu-areduare einé iury oraue,  
dae-nos hoje o pão quotidiano,  
de-eiuru oré yangaypane race,  
perdôa nossas offensas,  
ore recone-mogare supé ore-ieurou  
[ eaue

como nós perdoamos aos que nos  
[ offendem  
moar-ocar huné yepé tecomano-pupé  
não nos deixes cahir em tentação  
(p. 266)

oré pessuron peyepé mae ayue suy.  
mas livrae-nos do mal. Amen Jesus.



## La Salutation Angelique

Ave Maria gratia, Resse tonoussen  
[ vâe.  
Ie te saluë Marie, de grace pleine.  
Deyron yandé yaré-reco.  
Avec toy est le Seigneur.  
Ymonbeou Katou poïre aue edereico  
[ Kougnan souy.  
Beniste tu es entre les femmes.  
Ymonbeou Katou poïre aue  
[ demeinboïre IESVS.  
Benit est le fruit de ton ventre,  
[ IESVS.

## Oraison à la Vierge

Sancta Maria Toupem seu.  
[f. 287v]  
Sainte Marie mere de Dieu.  
Hé Toupem mongueta ore-yangaypau  
[vâe ressé.  
Prie Dieu pour nous pecheurs.  
Cohu yran ore-requi ore-roumené.  
Maintenant, & à l'heure de nostre  
[ mort.  
Amen Iesu.

## Le Symbole des Apostres.

Archiar Toupem.  
Ie croy en Dieu.  
Touue opap Katou mîeté tirouan.  
Pere tout puissant.  
Mognangare vuac.  
Createur du Ciel.  
Mognangare ybouy.  
Createur de la terre.  
IESVS CHRIST.  
Tayre oyepe vac.  
En IESVS CHRIST son fils unique.  
Ahe Sainct Esprit, demognan pîtan  
[ amo.  
Qui a esté du saint Esprit conceu.  
Ahé poïre oart Sainte Marie, Sony.  
Et nay de la Vierge Marie.  
Ponce Pilate Mouromichaue amoseico  
[ sericomano poïre aao.  
[f. 288r]  
Soubs Ponce Pilate President  
[ à souffert.

## SALUDAÇÃO ANGELICA.

Ave Maria, gratia, resse tonoussen  
[ vâe,  
Eu te saúdo Maria, de graça cheia,  
Deyron yandé yaré-reco  
o Senhor é contigo,  
ymonbeu katu poïre aue edereico  
[ kugnan suy  
benta és tu entre as mulheres,  
ymonbeu katu poïre aue demeinboïre  
[ Jesus.  
bento é o fruto do teu ventre,  
[ Jesus

## ORAÇÃO À VIRGEM.

Santa Maria Tupan seu  
Santa Maria Mãe de Deus  
hé Tupan ongueta ore Jangaypau  
[vâe ressé  
rogae a Deus por nós peccadores  
cohu yran ore-requi ore-rumeué  
agora, e na hora de nossa morte.  
[Amen Jesus.

## O SYMBOLO DOS APOSTOLOS.

Archiar Tupan  
Creio em Deus  
tuue opap katu mîeté tiruan  
padre nosso todo poderoso  
mognangare vuac  
creador do Ciel  
mognangare ybouy  
creador da terra  
(p. 287)  
Jesus-Christo tayre oyepe vac  
em Jesus Christo, seo filho unico  
ahe Sainct Esprit, demognan pîtan  
[ amo  
que foi concebido do Espirito Santo  
ahé poïre aart Sainct Marie, suy  
e nasceo da Virgem Maria  
Ponce Pilate muruichaue amoseico  
[ sericomano poïre amo  
pareceo sob poder de Ponceio  
[ Pilatos, presidente



Yiouca poïre amo youira.  
A esté trué sur le bois de la  
[ Croix.  
Ioasue ressé.  
Il est mort.  
Ymoiar ypoïre ytemin bouïre amo.  
Et a esté enseuely & enterré au  
[ Sepulchre.  
Coune ieune eune apeterpé.  
Est descendu aux Enfers.  
Ahé souï touriare massa poïre ressé  
[ coune omboueue souï. Secobé  
[ yereie-bouïre.  
Le tiers iour est resuscité des  
[ morts.

(p. 275)

Oié oupire vusopè.  
Est monté aux Cieux.  
Toupan toue opap-Katou nâetê  
[ tirouan mognangare Katou  
[ me cotu seua.  
De Dieu son Pere tout-puissant, il  
[ se pied à la dextre.  
Ahé souï touriné yocobé vâe omeno  
[ vae poïre paue reconognan.  
Et de là viendra les vifs & les  
[ morts iuger.  
Arobiar Sainet Esprit.  
Ie croy au sainet Esprit.  
Arobiar Sainte Eglise Catholique.  
Ie croy la Sainte Eglise  
Catholique.  
Arobiar Sainet tecokatou denosaoe  
[ moroupé.  
Ie croy des Saints la communion.  
Arobiar teco-engay paue ressé  
[ moroupé Toupan deûron.  
Ie croy des pechez la renission de  
[ Dieu.  
Arobiar asè-recobé ieboure.  
Ie croy la reserrection de la  
[ chair.  
Arobiar teicoubé  
[ opauerem-ein-rerecoe noume.  
Ie croy la vie eternelle.  
Amen Iesu.

### Les dix Commandemens de Dieu

1. Ymoeté yepé Toupan.  
1. Honore vn seul Dieu.  
2. Ayté creté netieune poïre renoy  
[ teigné.  
2. Tu ne prendras point le nom de  
[ ton Dieu en vain.

yíuca poire amo yuira  
morreo sobre o madeiro da Cruz  
  
ioasaue ressé  
morreo  
ymoiar ypoire ytemin buire amo  
foi amortalhado e enterrado no  
[ sepulchro  
ouue ieue eue apeterpé  
desceo aos infernos  
ahé sui tuiare massa poire ressé  
[ oue umbueue sui. Secobé  
[ yereie-buire  
ao terceiro dia resurpio dos mortos

oíé upire vuacpé  
subio ao Deo  
Tupan tuue opap-katu mleté tiruan  
[ moghangare katu aue cotu seu  
está assentado á direita de Deos,  
[ seo Pae Omnipotente  
ahé sui turiné ycobé vâle poire paúé  
[ reconognan  
de lá virá a julgar vivos e mortos.

Arobiar Sainct Esprit  
Creio no Espirito Santo  
Arobiar Saincte eglise catholique  
Creio na Santa Igreja Catholica,  
arobiar Saincte tecokatu demosao:  
[ corrupt ]

creio na Comunhão dos Santos  
arobiar teco-engay paue nassé  
[ morupé Tupan deuron  
creio na remissão dos peccados por  
[ Deos

arobiar asé-recobé iebure  
freio na ressurreição da carne

arobiar teiubé opauaaerem  
[ eim-rerecoe nuame  
creip na vida eterna. Amem Jesus.

## 06 DIEZ MANDAMENTOS 229

- 19 Ymoetê yopê Tupan  
I Honra um só Deus  
20 Autê eretê netieume poine renny  
[ teigné  
II Não jurarás em vão o nome de  
[ teu Deus.



3. Ynoeté Dimanche are  
[ maratecouare eum aue.  
[3.] [f. 289r] Honore & saintifie  
[ le Dimanche iour de repos.  
4. (p. 278) Y noëté derouue dessou  
[ eue.  
Honore ton Pere & ta Mere.  
5. Eparapiti humé.  
Tu ne tueras point.  
6. Eporopotare humé.  
Tu ne pailladeras point.  
7. Enonmaron humé.  
Tu ne déroberas point.  
8. Teremoen humé aua ressé.  
Tu ne diras point faux  
[ tesnoignage contre l'homme.  
8. Yemonmotare humé aua remerico  
[ ressé.  
Tu ne conuoiteras de l'homme la  
[ femme.  
10. Yemonmotare humé aua nae ressé.  
Tu ne conuoiteras point de  
[ l'homme chose qui  
[ luy appartienne.

#### Sommaire des Commandemens de Dieu.

1. Upap Katou maeté tirolan sosay  
[ osé Toupou rousouue.  
Sur toutes choses tu aymeras  
[ Dieu.  
2. Oie rousouue eané asé oua  
[ pichare rousouue.  
[f. 289r]  
Ayme ton prochain comme  
[ Toy-mesme.

#### Les Commandemens de la Sainte Eglise.

1. Are maratecouare eumé Messe  
[ rendoue.  
Escoute la Messe les iours des  
[ Festes.  
2. Sei hou iauion Yemonbeu.  
Tous les ans au moins vne fois  
[ tu diras tes pechez.  
3. Toupou rare Pacques iauion.  
Ton Dieu à Pasques tu prendras.

- 32 Ynoeté dimanche are maratecouare  
[ eum aue.  
III Honra e santifica o domingo,  
[ dia de repouso.  
42 Ynoeté derouue dessou eue.  
IV Honra teu pae e tua mãe.  
52 Eparapiti humé.  
V Tu não matarás.  
62 Eporopotare humé.  
VI Tu guardarás castidade.  
72 Enonmaron humé.  
VII Tu não furtarás.  
82 Teremoen humé aua ressé.  
VIII Tu não levantarás falso  
[ testemunho contra teu proximo.  
92 Yemonmotare humé aua remerico  
[ ressé.  
IX Tu não conhecerás a mulher de  
[ outrem.  
102 Yemonmotare humé aua nae ressé.  
X Tu não cobiçarás coisas  
[ alheias.

#### RESUMO DOS MANDAMENTOS DE DEUS.

- 12 Opap katu maeté tiruan sosay  
[ asé Tupan rousouué.  
Sobre todas as cousas amarás a  
[ Deos.  
22 Oie rousouue eané asé oua  
[ pichare rousouue.  
Ana teu proximo como a ti  
[ mesmo.

#### OS MANDAMENTOS DA SANTA IGREJA

- 12 Ave maratecouare eumé messe  
[ rendoue.  
Ouve missa nos dias de festa.  
22 Sei hu iauion yemonbeu.  
Todos os annos ao menos uma vez  
[ confessa teos peccados.  
32 Tupan rare pacques iauion.  
Teo Deos pela paschoa  
[ comungarás.



4. (p. 277) Iecouacoue iauion  
[ erecoucoume.  
Les ieunes tu garderas de  
[ Karesme & Vigile.  
5. Aiaion asé nãe moiaoc.  
Tu rendras les dismes.

## Les Sept Sacrements.

1. Iemongaraue.  
Baptisme  
2. Asé seuvap aua reou assou yendu  
[ Karaue non.  
[f. 280r]  
Receuras de la Saincte huyle au  
[ front par la main  
[ de l'Euesque.  
3. Asé-reon yanondé Toupem rare.  
Deuant mourir receuras le corps  
[ de Dieu.  
4. Asé-reon yanondé yendu Karaue  
[ rare.  
Auant mourir tu receuras  
[ l'huyle sacree.  
5. Dyekoacoue, Oyemoubeu.  
La Penitence & Confession.  
6. Oyemou-uaue.  
L'ordre  
7. Mendar.  
Mariage.

Quelle Croyance naturelle  
ont les Sauvages de Dieu,  
des Esprits & de l'Ame.  
Chap. VIII.

[...]

[8.] <...> (p. 263) [f. 265v]  
Quant aux Ames des bons, ils  
s'assurent qu'elles vont en un  
lieu de repos, où elles dansent à  
toujours sans manquer de chose  
aucune qui leur soit de besoin.  
<...>

- 42 Iecouacoue iauion erecoucoume.  
Tu gardaras jejuns pela  
[ quaresma e vigílias.  
52 Aiaion asé nãe moiaoc.  
Pagarás os dizimos.

## OS SETE SACRAMENTOS

- 10 Semongaraue.  
Baptismo.  
22 Asé seuvap aua reu assu yendu  
[ karaue non.  
Receberás na testa o santo oleo  
[ pela mão do Bispo.  
32 Asé-reon yanondé Tupan rare.  
Antes de morrer receberás o  
[ corpo de Deus.  
[42 Asé-reon yanondé yendu karaue  
[ rare.]  
[Depois de morrer receberás o  
[ óleo sagrado.]  
52 Dyekoacoue, oyemoubeu.  
Penitencia, confissão.  
62 Oyemou-uaue.  
Ordem.  
72 Mendar.  
Casamento

Capitulo VIII Qual a  
crença natural dos  
selvagens a respeito de  
Deos, dos espiritos e da  
alma.

[...]

(p. 294) Pensam, que as almas  
dos bons, vão para um lugar de  
repouso, onde dançam constantemente  
sem nada lhes faltar.

[...]



EXTRAIT ET TRES-FIDELK  
RAPPORT de six paires de  
lettres des Reuerens Peres  
Claude d'Abbeville et P.  
Arsene predicateurs  
Capucins, escrittes tant  
aux Peres de Paris de leur  
ordre, qu'autres personnes  
seculieres, dont il y en a  
quatre du R. P. Arsene, et  
vne du P. Claude, et vne  
comme des deux ensemble.

[...]

[4.] (p. 374) Le Dimanche  
ensuiuant nous meismes tous pié à  
terre, et en chantant le Te Deum  
laudamus, l'eau Beniste faiote, le  
Veni creator, les Litanies de nôtre  
Dame étant chantées, nous alames  
en procession depuis le lieu de  
nôtre descente iusques au lieu que  
nous auions designé pour y planter  
la Croix laquelle étoit portée par  
Monsieur de Rasily, et tous les  
principaux de nostre compagnie.  
<...>

[...]

Fidelíssima narração,  
extrahida de seis pares de  
cartas dos Revds. Padres  
Claudio d'Abbeville e  
Arsenio, Pregadores  
Capuchinhos, escriptas aos  
Padres da sua Ordem de  
Pariz, e a outras pessoas  
do seculo, sendo quatro do  
Rvd. Padre Arsenio, uma do  
Padre Claudio, e uma para  
duas pessoas. 226

[...]

(p. 373) No domingo seguinte  
[ao dia de "Santa Anna, Mãe da  
Sagrada Virgem Maria"] saltamos  
todos em terra [na ilha do  
Maranhão], levando agoa benta,  
cantando o Te Deum laudamus, o Veni  
Creator, a ladainha de Nossa  
Senhora<sup>227</sup>, e depois caminhamos  
em procissão desde o porto até ao  
lugar escolhido para levantar-se  
uma Cruz, a qual foi carregada pelo  
Sr. de Rasily e todos os Princi-  
pales da nossa Companhia<sup>228</sup>.

[...]



[GRAVURA I]



Ce sont les trois portraits des Rois de France, de la Reine, et du Dauphin, par le Sr. Charles, Roy de France et de Navarre par le Sr. de la Haye, del. par son ordre.



## [GRAVURA II]



219 . Nota de FERNANDO DENIS (edição de 1926, pp. 392-393, nota 14): « Gabriel Soares está aqui inteiramente de acordo com o nosso Missionário. ¶ Estas grandes canoas chamavam-se Maracatis, por causa do Maracá, que, como protector, trazia na



prá. Iga chamava-se uma canoa pequena, e Igaripé, uma canoa de cortiça ou casca de arvores, etc., etc. (Vide Ruiz de Montoya, Tesoro, na pag. 173). ». Não só MONTAYA, mas todos os tupinólogos consultados confirmam o significado que DENIS apresenta.

220 . A tradução correta é trombeta.

221 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, pp. 408-409, nota 52): « O Maracá era um instrumento symbolico, usado tanto nas festas religiosas como nas profanas. Thevet, o guarda das curiosidades do Rei, o descreveu muito bem em seus manuscritos, inéditos, e como sei que não será desagradavel para aqui transcrevo as suas palavras: ¶ "Tendo nos olhos um ou dois maracás, que é um fructo grande, de forma oval, semelhante ao ovo de abastruz, e da grossura de uma abobora, mais agradável á vista do que ao paladar, pelo que ninguém o come, fazem com elles muitos mysterios e superstições tão estravagantes como incríveis. Cavam o fructo, enchem-no de milho graúdo, amarram-no á ponta de uma haste, enfeitam-no com penas e enterrando a outra ponta, fica ella em pé. Cada casa tem um ou dois Maracás, que respeitam como si fosse Tupan, trazendo-o sempre na mão, quando dançam e fazendo chocalhar. ¶ Pensam que é Tupan que lhes falla" (Manuscrito de André Thevet, conservado na Bibliotheca Imperial de Paris.) ¶ Hans Staden e Lery, Raulon Baro escreveram largas paginas a respeito do Maracá, e o próprio Malherbe falla dos que ouviu em Paris por ocasião do baptismo de tres indios sendo padrinho Luiz XIII. ¶ Chegando a Paris, e residindo no Convento dos seus protectores, os indios revestidos dos seus bellos adornos, e com o maracá ao peito, excitaram muito enthusiasmo, a ponto de haver muita paixão pela sua dança e pela sua propria musica. ¶ Seria muito curioso si hoje se achasse a Sarabanda composta em honra delles pelo famoso Balthier. Malherbe escreveu ao celebre Peirese dizendo tê-la mandado a Marco Antonio "como excellente peça digna de ouvir-se" (Vide Correspondence, pag. 285, antiga edição.) ¶ Ainda, passamos 12 paginas Malherbe tractou de musica então em voga, e do seu actor, dizendo "ser Balthier considerado o primeiro no officio, ignorando porém si sahira bem, e si o gosto da Provincia se conformará com o da Corte." ¶ Não se contentaram sómente de propor cionar aos pobres selvagens distracções ligeiras, pois procuraram obrigal-os a residir em França. ¶ Diz a mesma pag. 275 "os Capuchinhos, para obsequiar os completamente estes pobres selvagens, resolveram algumas bestas a casarem-se com elles, e já deram começo á execução deste plano." ¶ Enquanto porém eram bem acolhidos os guerreiros do Maranhão, suas mulheres não gozavam iguaes favores. ¶ Uma certa Princesa cujo nome caíla e poíta, manifestando coizão singular, dizia "que para elles tinha muita satisfação de dar-lhes casa e comida, mas que as senhoras, suas mulheres, não podiam se sendo ..." bem se entendeis, e por isso não podia recebê-las em sua casa. ». MANUEL VIEIRA fez uma tentativa para encontrar essa sarabanda. Publicou a pesquisa em Marcos aculturativos na etnologia brasileira (1982, pp. 19-56).

222 . A tradução correta também é trombetas.

223 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, p. 424, nota 93): « O verbo cantar na linguagem tupy é *Nheengar*. *Na Nheengara* é um cantor propriamente dito ».

224 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, pp. 425-426, nota 98): « Não se tem procurado esclarecer por meio de uma discussão grammatical - esta parte do livro. ¶ Diferenças mui sensíveis, produzidas pelo tempo e sobre tudo pela pronuncia, fizeram este lugar para assim dizer indizível. Nada é mais difficil do que traduzir pelos caracteres de nossa escripta os sons das linguas indigenas. Essas inflexões tão delicadas, e ás vezes tão fugitivas, em sua apparente rudeza são difficilissimamente fixadas no papel. Notou Humboldt pertencerem ellas algumas vezes a certos caracteres physicos das raças. ¶ As nações europeas, as mais habituadas a estes estados, não percebiam da mesma fórma os sons, e nem os escreviam da mesma maneira: quando os portuguezes ouvem Oca, por exemplo, ou então, Toba, o francez percebe Oc e Tob, e quando aquelle ouve Murubixaba este percebe Muruvichavo. Deixa a diferença de ser grande quando são as palavras pronunciadas conforme o genio de cada lingua. ¶ A palavra Tupinaabás, como se acha escripta no principio desta nota, (Tupinambos) equivale absolutamente pelo seu na lingua portugueza á palavra Tupinaabus, como a pronunciavam os contemporâneos de Malherbe. ¶ Para a historia da linguística não é sem interesse esta curia doutrina christã, podendo ser comparada com certas obras do mesmo genero, escriptas por penha portugueza, estando neste caso, entre outras, os canticos religiosos em lingua tupy por Christovão Valente, os quaes iniciam no opusculo - *Uma fôrta brasileira*. Paris. Texcher, 1859. ¶ Não se pôde achar o livro que os contém, e talvez só exista na Bibliotheca Imperial. ¶ Reproduzimos aqui seu nome - *Catechismo brasileiro da doutrina christã*, com o ceremonial dos sacramentos e mais actos paroquias. Compuesto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado á luz pelo padre Dionisio de Araujo da mesma Companhia, eendado nesta segunda impressão pelo padre Bertholameu de Leon da mesma Companhia, Lisboa, na officina de Miguel Deslandes 1661, em 30 pequeno. A primeira edição foi em 1618. ¶ Si se quizesse, poder-se-ia completar este estudo comparativo procurando os seguintes manuscritos, citados por Barbosa Machado, e que seria curiosa si fossem publicados. ¶ Ludwig os omittiu em seu importante trabalho, completado por Mr. Trubener. O Padre João de Jesus explicação dos mysterios da fé. O Padre Manoel da Veiga Catechismo. F. Pedro de Santa Rosa Confessionario. André Thevet nos seus manuscritos conservados na Bibliotheca Imperial de Paris, dá o Pater e o Credo em lingua tupy, depois reproduções em sua grande *Cosmographie*. São preciosos estes dois documentos especialmente por sua antiquidade, pois datam de 1556. ¶ Entre os livros deste genero um dos mais modernos e dos mais carosos é o do Padre Marcos Antonio, intitulado: *Doctrina e perguntas dos mysterios principaes de nossa santa fé na lingua Brasileira*. Foi composto em 1750 e Ludwig menciona-o como fazendo parte das



collecções do British Museum ». Transcrevemos esta nota de FENIS por sua curiosidade. No entanto, grande parte dessas questões que lhe eram obscuras no século XIX, hoje já foram esclarecidas e, no decorrer das notas e cabeçalhos destas transcrições vão sendo solucionadas. Graças aos esforços de grandes tupinólogos, como PLÍNIO NUNES DA SILVA AROSA e CARLOS DRUMOND, já é possível conhecer melhor a pronúncia dessas orações.

225. Transcrevemos aqui também os « mandamentos de Ieós e da Igreja », cujo uso é indicado por D'EVREUX no capítulo III e por CLAUDE D'ABBEVILLE à (Histoire de la mission des peres capucins en l'Isle de Maragnan, 1614, cap. XII, § 3), existindo também documentação anterior comprovando que sob a tutela dos jesuítas portugueses, esses textos também eram cantados. Na carta ádua de 1583 ao P. Cláudio Acquariva, escrita da Bahia em 10 de janeiro de 1584, JOSÉ DE ANCHIETA diz dos meninos índios catequizados do Colégio da Bahia, « que completam o número de oitenta » (tradução do texto latino por HÉLIO ARRONDES VIEIRA): « Atraídos pelos padres, envidam grande esforço nas frequentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando ».

226. No « Discours et Congratulation à la France Sur l'arrivee des Peres Capucins en l'Inde nouvelle de l'Amerique Meridionale en la terre du Brasil », primeiro documento, D'EVREUX indica, no último parágrafo a natureza deste « extrait et tres-fidèle rapport » (edição de 1864, § 29, p. 370): « L'extrait qui suit, veus fera foy de cette verité, fait, et tiré de quatre lettres, que le P. Arsene va des quatre a escrit de ce pays là, une au R. P. Commissaire Provincial, une au R. P. Vicaire du couvent de Paris, et une à son frere, dont trois sont datées du 27 d'Aoust, et disent cecartage que se quatriesme du 20. Une du R. P. Claude à ses deux freres, Monsieur Foulos, et le P. Martial et une commune des deux audite Peres écrite à Monsieur Fermanet, et pour vous faire une histoire et narre agreable, et ne repeter les mesmes choses tout a esté compilé et mis en une seule lecture comme vous voirez, et tres-fidèlement avec leur paroles propres. (...) ».

227. RUAEL DA FONSECA à (Vida do veneravel Padre Belchior de Pontes, 1752, cap. III, § 4, p. 12) narra assim um episódio da vida desse padre no Brasil, em fins do séc. XVII: « Correo assustado o nosso estudante, e como nos casos repentinos sovente ocorre aquillo, em que [cada] hum tem formado habito, levantou a voz, e quando costumeo todos invocar o favor do Rey, invocou elle a Rainha dos Anjos, repetindo com descompassadas vozes a Ladainha da Senhora, que costumava rezar, dizendo Sancta Maria, Sancta Dei Genetrix. &c. ».

228. Este texto foi extraído do Discours et congratulation (Tournon, Claude Michel, 1612, p. 18) e também é encontrado no L'Arrivee des peres capucins (Paris, Jean Nigaut, 1613, pp. 5-6), de CLAUDE D'ABBEVILLE.



## FRANÇOIS PYRARD

(c. 1570 - 1621)

LIVRO: VIAGEM DE FRANÇOIS PYRARD, DE LAVAL. Paris, Samuel Thiboust, 1615.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBEN ROCHA DE MORAIS (Bibliographia Brasiliana, c. 1983, v. II, pp. 694-695) descreve, deste livro, as edições de 1611 (*Discours du Voyage des François aux Indes Orientales...*, Paris, David le Clerc), de 1615, considerada a melhor (*Voyage de François Pyrard de Laval...*, Paris, Samuel Thiboust e *Seconde Partie...*, idem), de 1615 (mesmo título, local e editor da edição de 1615, também em dois volumes), de 1679 (*Voyage de François Pyrard de Laval...*, Paris, Louis Billaine), de 1838 (*Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 2 volumes), 1887 (*The Voyage of François Pyrard de Laval...*, London, Hakluyt Society, 2 v.) e de 1944 (*Viagem de François Pyrard, de Laval...*, Porto, Livraria Civilização).

NOTA SOBRE O AUTOR: PYRARD viajou pelo mundo de 1601 a 1611, passando pelo Brasil em 1610 e chegando de volta em Paris no ano de 1611. Segundo MORAIS (c. 1983), v. II, pp. 694-695, « When he arrived in Paris, Pyrard related his adventures to "president" Pierre Jeanning, minister to the king of France, a wine counsellor who used to say that "one should obey slowly when the king commands in anger". Jeanning advised Pyrard to write and publish the story of his adventures. This he did, and in 1611 his work appeared entitled *Discours du Voyage des François aux Indes Orientales...* The publication drew attention to Pyrard, and a lawyer, Jerome Bignon, invited the adventurer to relate all his adventures to him "viva voce", taking notes of their conversations. ¶ These notes taken during the interviews were entrusted to Pierre Bergeron to be written up in book form. The result was published in 1615 entitled *Voyage de François Pyrard, de Laval...* (...) ¶ Pyrard was a simple and uneducated man, incapable of composing his own memoirs. Although there is no indication in the *Discours* as to who wrote it, it certainly was not Pyrard. But the writer of the *Discours* as well as Bergeron tried to maintain a certain simplicity and naiveté of style in accordance with Pyrard's narrative. Much in it must have been added by Bergeron, who was well-read as regards travel books ».

EDIÇÃO UTILIZADA: VOYAGE | de | FRANÇOIS PYRARD, | DE LAVAL, | Contenant sa navigation aux | Indes Orientales, Maldives, | Moluques, & au Bresil; & | les divers accidens qui luy sont arrivez en ce Voyage pen- | dant son sejour de dix ans dans ce Pais. | Avec une description exacte des mœurs, | Loix, Façons de faire, Police & Gouvernement du Trafic & Commerce | qui s'y | fait; des Animaux, Arbres, Fruits, et autres singularitez qui s'y | rencontrent. | DIVISE EN TROIS PARTIES. | Nouvelle | édition, revue, corrigée & augmentée de divers Traitez & | Relations curieuses. | Avec des Observations Geographiques sur le | present Voyage, qui contiennent | entr'autres, l'Estat present des Indes, ce que les Europeens y possèdent, les | diverses | Routes dont ils se servent pour y arriver, autres matieres. | Par le Sieur DU VAL, Geographe ordinaire du Roy. | A PARIS, | Chez Louis Billaine, en la grande Salle du Palais. | M. DC. LXXIX. [1679] [24 x 18; Parte I: 4 ff. inum.; 1 mapa; 327 pp.; parte II: 218 pp.; Parte III: 144 pp.; 12 ff. inum.; BIEB 5-c-2]

TRADUÇÃO PORTUGUESA: FRANÇOIS PYRARD - Viagem de François Pyrard, de Laval, contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais, ilhas de Maldiva, Maluco e ao Brasil, e os diferentes casos que lhe aconteceram ne essas viagens nos dez anos que andou nestes países (1601-1611) com a descrição exacta dos costumes, leis, usos, polícia e governo do trato e comércio, que neles há; dos animais, árvores, frutos e outras singularidades que ali se encontram. Versão Portuguesa correcta e anotada por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara; edição revista e atualizada por A. de Magalhães Basto. Porto, Livraria Civilização, 1944. [2 v.] v. 2, 345 pp. [Biblioteca Histórica Ultramarina, nº II-III]



## TEXTO FRANCÊS

CHAPITRE XXVI. Du Bresil,  
et des singularitez  
d'iceluy, et de ce qui y  
arriua pendant que  
l'Autheur y estoit.

[...]

[35.] (p. 210) ("II. Partie.,  
p. 104) [1. 11] [*Mangue la Bote  
Seigneur au Bresil.*] Comme  
i'estois en cette baye, ie  
rencontré encore vn François natif  
de Prouence près Marseille, qui  
estoit domestique d'un des plus  
grands Seigneurs de ce pais-là, que  
l'on appelloit *Mangue la bote*, qui  
estoit vn non que les Negres  
d'Angola luy auoient donné, qui  
veut dire *levaillant*, et grand  
Capitaine, à cause qu'il y auoit  
fait si vaillamment la guerre contre  
ces Negres, qu'il estoit fort  
redouté entr'eux, & on le tenoit  
riche de plus de trois cent mil  
écus; Il tiroit vn grand reuenu de  
plusieurs engins à sucre qu'il  
auoit. Ce François qui demouroit  
avec luy estoit Musicien, & ioieur  
d'instruments, & ce Seigneur  
l'auoit pris pour apprendre à vingt  
ou trente Esclaves, qui tous  
ensemble faisoient vn accord de  
voix & d'instruments dont ils  
iudoyent à toute heure. Ce Seigneur  
me pria & solicita fort de demeurer  
avec luy, & me promettoit cent écus  
d'appointement, & bien nourry,  
seulement pour commander certain  
nombre d'Esclaves à leur travail,  
Il me disoit aussi que dans vn an  
au plus tard, il s'en iroit en  
Portugal, comme de fait il faisoit  
faire vn fort beau & grand Nauire  
du Port de cinq cent tonneaux pour  
cet effet; [*Esure animaux.*] &  
faisoit recherche & ans de toutes  
les raretez tant d'animaux que de  
toutes autres choses rares qu'il  
pouoit trouuer, pour en faire vn  
present au Roy d'Espagne.  
Entr'autres, il auoit deux de cer  
animaux qu'ils appellent *Esure*, dont  
ie fais mention au traitté des  
animaux. Pour moy, i'eusse

## TRADUÇÃO

## Segunda Parte (Volume II)

CAPÍTULO XXVI Do Brasil e  
suas singularidades, e do  
que ali aconteceu enquanto  
o autor lá esteve.

[...]

(p. 236) Quando estava nesta  
baía [de Todos os Santos, entre  
c. 12 de agosto e 7 de outubro de  
1610] encontrei ainda um francês,  
natural de Provença perto de  
Marselha, que era servidor de um  
dos maiores senhores daquela terra,  
a que chamavam *Mangue la bote*,  
nome que os negros de Angola lhe  
havião dado e querê dizer o  
valeroso e grande capitão, porque  
havia sido ali vice-rei. Este  
senhor tinha feito tão  
valorosamente a guerra contra os  
negros, que era d'elles mui  
temido<sup>229</sup>. Passava por ter de seu  
cabedal mais de trezentos mil  
escudos e tirava grandes  
rendimentos de muitos engenhos de  
açúcar que possuía. Este francês,  
que estava em sua casa, era músico  
e tangedor de instrumentos; e  
servia-lhe para ensinar música a  
vinte ou trinta escravos, que todos  
juntos formavam uma consonância de  
vozes e instrumentos, que tangiam  
sem cessar.<sup>230</sup> Este senhor me  
rogou e solicitou muito para ficar  
com ele, e me prometia cem escudos  
de salário e boa comida, somente  
para governar certo número de  
escravos no trabalho. Dizia-me  
também que dentro de um ano, ao  
mais tardar, se iria para Portugal,  
e de feito estava fabricando um mui  
bon e grande navio de porte de  
quinhentas toneladas para esse fim;  
e andava buscando e recolhendo  
tãdas as raridades, assim de  
animais, como de outras coisas, que  
podia achar, para fazer delas  
presente a el-rei de Espanha. Entre  
outros tinha dois animais dos a que  
chamam *Zebras*, de que faço menção  
no tratado de animais. Eu teria de  
mui boa vontade aceitado as  
condições, que elle me offercia; mas



volontiers accepté la condition  
qu'il m'offroit, mais le mal est,  
que quand on est engagé avec eux, &  
qu'après l'on s'en veut reuenir,  
ils ne le veulent pas permettre.  
[...]

o mal é que quando se faz algum  
concerto com eles e que depois se  
quere desfazer, eles o não  
permitem.  
[...]

229. AFONSO D'ESCAVADILLE TALMAY (Música e pintura seiscentista em São Paulo, 1935, p. 11) faz o seguinte comentário acerca dessa passagem: « Refere-se Pyrard, segundo pensa Pedro Calmon, à banda de música do Bangala, o famoso personagem seiscentista de princípios do século, Baltazar de Aragão, cuja alcunha o navegante francês teria estropeado para Mangue-bota ». JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA ainda comentava, na tradução de 1944 (v. II, p. 237, nota 1): « Governador devia ser, e não vice-rei. Percorrendo nós, porém, o catálogo dos governadores de Angola daqueles tempos, a nenhum achamos aplicável o sobrenome Mangue la bota, sendo a João Furtado de Mendonça, que governou Angola desde 1594 a 1602. D. Francisco de Almeida, que governou pouco tempo em 1592, fugiu sim para o Brasil, mas não parece que lhe possa caber o título que Pyrard indica ». A dúvida sobre a identidade desse francês com o conhecido Baltazar de Aragão é sanada quando se consulta ANTÔNIO DE SANTA MARIA JARDONIZO « (Nova orbe seráfico brasílico, parte II, 1662, livro IV, cap. XVIII, p. 747), onde se lê: « e destes foi filha D. Maria de Araújo, que casou a primeira vez com Baltazar de Aragão, o Bangala, primeiro deste apelido na Bahia, donde foi governador interino, por morte de D. Diogo de Meneses. Governador Geral do estado pelos annos de 1613 ». TALMAY não indica a publicação de PEDRO CALMON que utilizou. Porém, no livro *Espírito da sociedade colonial*, deste último (1935, parte I, cap. IV, p. 63), há esta informação: « A primeira filarmônica que se formou na terra, toda de negros, foi a de Baltazar de Aragão. Adeiros, em 1610, ao viajante François de Pyrard ». De fato, PEDRO CALMON (*História do Brasil*, 1959, v. II, parte II, cap. II, item "O Bangala", p. 492 e, na 2ª edição, de 1963, *idem*, p. 490) identificou o personagem descrito por PYRARD, dedicando-lhe este trecho em sua *História do Brasil*: « Na ausência do governador, fazia-lhe as vezes Baltazar de Aragão, que de Angola trouxera a alcunha de o Bangala. Genro do opulento Francisco de Araújo, pessoa principal da cidade, aprestara um navio para voltar a Portugal. A notícia de que o inimigo rondava a barra, nêle se meteu para combatê-lo. Vestiu, porém, a sua armadura. E, assim, não pôde salvar-se, quando o temporal, lançado de través a embarcação, a virou em mar alto. Desapareceu com cerca de 200 companheiros de armas, tirados da melhor gente da terra ». Na nota 40 (p. 492), o historiador dá as informações que confirmam essa hipótese: « Em Angola havia perigosa passagem que se chamava Bangala Ambota, apelido de um conquistador, "o qual, conforme noticias, há seus descendentes em a cidade da Bahia", "ou este conquistador levou desta paragem", ANTÔNIO DE OLIVEIRA DE DUARTE, *História das Guerras Angolanas*, III, pág. 143, Lisboa, 1945. Manuel de Araújo de Aragão, no século seguinte, ainda tinha "por antonomásia o Bangala", carta de 1726, INACIO ACCIOLI, *Rev. Hist.*, VI, pág. 27. Perpetua-lhe a alcunha a rua, na Bahia, junto à igreja da Palha, possivelmente de sua estrada. Traduzimos: bangala (bordo), ambota (melhor), ou seja, o homem de boa bordado, fama que deixara na África (e não *mangue-la-bota*, como indevidamente escreveu PYRARD DE LAVAL, *Voyage*, pág. 563, Paris, 1615). Vid. sobre o étimo, Fr. BERNARDO MARIA DE CARVALHO, *Observações Gramaticais Sobre a Língua Banta*, pág. 143, 2ª ed., Lisboa, 1859. E Fr. VICENTE DO SALVADOR « - História do Brasil, 1918), pág. 462, com a anotação de CEFESTIANO [DE AROU]. Foi este cronista que por primeiro descreveu o episódio. Confirma-o a carta da Câmara da Bahia que achamos no Arq. Hist. Col., Lisboa; e devassa, *Liv. 18 do Gov.*, pág. 129 ». Por fim, o Frei VENÂNCIO MÚLLEVE, na edição de 1962 da *História do Brasil* de VICENTE DO SALVADOR « (1627), traz uma nota à p. 347 onde corrobora a identidade de Bangala. Os modernos compêndios de história da música brasileira não costumam dar o nome desse personagem, quando citam a passagem escrita por PYRARD, com é o caso de SAUND KIEFER (*História da música brasileira*, 39, 1982, p. 14), que transcreve informação de RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, p. 291). Baltazar de Aragão morreu a 24 de fevereiro de 1613, durante batalha naval com os franceses, ao se afundar a nau em que estava, a qual já estava sendo construída em 1610, quando PYRARD o visitou. Mas a 23 de fevereiro, segundo VICENTE DO SALVADOR « (op. cit., 1627, livro V, cap. VI, § 2), « Estando assim prestes aguardando os inimigos, soube que andavam na barra para a parte do morro de São Paulo seis naus francesas e, aprestando das portuguesas que estavam à cargo outras tantas, elle se embarcou em uma sua, que já tinha cento trezentas caixas de apúcar, levando consigo suas chameleas, baixelas de prata e as mais ricas alfaías de sua casa, porque determinava levar logo de lá e presa ao governador, que estava em Pernambuco ».

230. Se já sabemos quem era o senhor do engenho, o mesmo não pode ser dito com relação ao mestre francês e, muito menos, sobre os músicos e cantores. TALMAY e CALMON afirmam que a capela era constituída de negros. Aparentemente foi TALMAY o primeiro quem, no artigo *Na Bahia Colonial* (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 30, 1920, pp. 256-257), fez essa proposição, ao dizer que esse senhor « possuía uma banda de música de trinta figuras, todas negros escravos, cujo regente era um francês provençal. E como devesse ser melômano, queria que a logo instante tocasse a sua orquestra, a acompanhar ainda, um massa coral ». A frase de TALMAY ficou famosa, principalmente após lê-la repetido no seu artigo de 1935 e ter sido transcrita por RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, parte II, cap. VII, pp. 291-292). Não concordamos. Não haveria por que utilizar-se negros em serviços musicais, quando os índios catequizados da Companhia de Jesus já vinham sendo treinados nesse ofício há mais de 50 anos.



## SEBASTIANO BERETTARI

(1543 - 1622)

LIVRO: VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA. Lion, Jordão Cardoso, 1617.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Há duas edições latinas no mesmo ano, levando a primeira o seguinte título, segundo RUBEN BORBA DE MORAIS (Bibliographia brasiliensis, t. 1933, v. 1, p. 99): « Josephi Anchietae Societatis Iesu sacerdotis in Brasilia defuncti Vita. Ex iis, quae de eo Petrus Rotarijus Societatis Iesu praeses Provincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiomate collegit, aliisque monumentis fide dignis à Sebastiano Berettario ex eadem Societate descripta. Prodit nunc primum. Lugduni, Sumptibus Horati; Cardon M.DC.XVII [1617] [16 X 11; 3 ff. inum.; 277 pp.]. Após a segunda edição latina (1617) e a edição espanhola (1618), surgem outras três no século XVII, em francês (1619), em italiano (1621 e 1651) e uma no século XIX, em inglês (1849). Segundo MORAIS (op. cit.), « Berettario's life of Anchieta is based on the manuscript by Father Pedro Rodriguez, visiting Father to Angola and Brazil. This manuscript was unpublished at the time, but several copies were in circulation and served as the basis for all the biographies of Anchieta. Two of these manuscripts have been, one in the National Library in Lisbon and the other, less complete, at vora. The former was published in the An. da Bibl. Nec. do Rio, Vol. XIX (1907). ».

NOTA SOBRE O AUTOR: BERETTARI foi jesuíta e professor de Belas Letras em Roma. Nunca esteve no Brasil. Seu livro é importante pela divulgação da vida de ANCHIETA ainda no princípio do século XVII.

EDIÇÃO UTILIZADA: Vita R. P. JOSEPHI Anchietae Societatis Iesu Sacerdotis in Brasilia defuncti. Ex iis Quae De Eo Petrus Rotarijus Societatis Iesu Praeses Provincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiomate collegit, alijs Quae monumentis fide dignis à Sebastiano Berettario ex eadem Societate descripta. Prodit nunc primum in Germania [grav.] Coloniae Agrippinae, Apud Joannem Kirchovm. sub Monocroto. M. D. C. XVII. [1617] Peneiss. Superiorum et prius. [13 X 9; 1 f. inum.; 427 pp.; 1 f. inum. (paginação com erros)] [BIB: Lr-1-13].

TRADUÇÃO ESPANHOLA: Vida DEL PADRE Joseph de Anchieta de la Compañia de Iesus, y Provincial del Brasil. Traduzida de Latin en Castellano por el Padre Estevan de Paternina de la misma Compañia, y natural de Logroño. [grav.] Con Privilegio. En Salamanca, En la Esprenta de Antonia Ramirez viuda, Año 1618. [14 X 10; 8 ff. inum.; 434 pp.; 1 f. inum.] [BIB: Lr-1-14].

OBSERVAÇÃO: Não há relação precisa entre a divisão de "livros" das edições latina e espanhola.

## TEXTO LATINO

Vitae IOSEPHI ANCHIETAE e  
Societate Iesu Liber  
Primus.

[...]

[33.] <...> (p. 74) Et, ut  
erat studio ad rem diuinam  
promouendam indefesso, & studio  
par ingenium, industrieque

## TRADUÇÃO ESPANHOLA

LIBRO Primero de la Vida  
del Padre Joseph de Anchieta  
de la Compañia de Iesus.

CAPITULO VI. Llegado Joseph  
al Brasil enseña la lengua,  
y deprende la de la tierra.

[...]

(p. 50) Y como su cuydado de la  
honra de Dios era infatigable, y su  
ingenio igual a su cuydado, para  
hazer olvidar a los Christianos



suppetebat, ad auertēdos à lasciuīs  
cantonibus Christianos veteres,  
Neophytosq; & catechumenos incundo  
oblectamēto ad (p. 75) pietatem  
incitendos, contulit se ad pia  
conscribenda carmina. Erat ille  
linguarum quatuor, Latinae,  
Lusitanicae, Hispanicae, & Brasiliicae  
benè peritus. His omnibus se  
scribendis versibus multa cum  
industria exercuit. Res illi  
successit ad votum: nā & lasciuas  
cantionculas, quae vulgo  
canebantur, in pia cantica  
conuertit, & nouos ipse cantus, à  
se multa cum vetustate cōpositos,  
in usum induxit. Quae ita omnium  
magna gratia excipiebantur, vt iis  
interdiu, noctuque assidue plateae,  
viciq; personarent; in Ecclesia  
etiam inter catechistica cantica  
decantarentur. Quae res omne genus  
hominum tū nostratium, tū  
indigenarum as piè Deum venerandum  
excitabat. (...) (...)   
[...]

Vitae IOSEPHI ANchietae e  
Societate Iesv Liber  
Secvndvs.

antiguos, y modernos los Romances  
lasciuos, y entenderlos con gusto y  
suauidad a la virtud, compuso  
honestos y piadosos versos. Sabia  
muy bien quatro lenguas diferentes,  
Latina, Castellana, Por-(p.  
51)tuguesa; y Brasil, y en todas  
exercitò su ingenio, reduziendolas  
a metro. Respondio el sucesso a su  
desseo; porque conuirtio los  
Cantares deshonestos en canticos  
piadosos, introduziendo los que el  
con notable gracia auia compuesto.  
Recibianlos con tanto gusto, que de  
noche y de dia resonauan con ellos  
las plaças, y las calles, y en la  
Iglesia entre los canticos de la  
doctrina Christiana<sup>233</sup> se  
cantauan: incitando assi a todos  
los Christianos Brasiles, y  
Portugueses a las alabanzas, y a la  
reuerencia de Dios. (...) >

LIBRO Tercero de la Vida  
del Padre Joseph de Ancheta  
de la Compañia de Iesvs.

CAPITULO II. Las misiones  
que los Padres de la  
Compañia hazen en el  
Brasil, y el modo con que  
enseñan a los Indios.

[...]   
[34.] (...) (p. 162) Est in  
his instituendis certa descripta  
ratio. Menè cū prima luce signum  
datur ad salutationem Angelicam;  
haud ita multo post conueniunt ad  
Missae sacrū, sub sacrū Christianam  
doctrinam ipsorum lingua, & inter  
(p. 163) Catechismum solennes  
preces vna omnes edocentur; inde ad  
suum quisque opus dimittuntur.

> (...) (p. 156) Ay en  
doctrinarlos determinado ya este  
modo. Por la mañana quando la  
campana auisa, que se rezen las  
Auenarias, se junta todos a oyr  
Missa en la Iglesia. Despues della  
en su misma lengua se les enseña el  
Catechismo, y las oraciones  
comunes; y luego se despiden cada  
vno a su trabajo. Este estilo se  
guar(p. 157)da en todos los lugares  
donde se doctrinan Catechumenos, o  
Christianos, aun no bien enseñados  
en los misterios de la Fé. Pero  
dōde tiene casas la Compañia, y  
residen Padres della, con mas  
exercicios son cultiuados los  
Indios.



[35.] Hæc fere omnibus in locis, vbi aut Catechumeni, aut rudiores adhuc, Neophyti instituuntur. Quibus autem in locis Societatis Patres resident, & maior est vitæ cultus inductus, post salutationem Angelicam ante Missam pueri, puellæq; ad templi fores seorsim in choros distributi, assa voce alternatim rosarium decantant. Initium illo quasi prologo faciunt pueri: Benedictum & clarificatum sit sanctissimum nomen IESV. Quibus per antistrophæ puellæ respondent. Et sanctissimæ Virginis Mariæ matris eius, nunc, & semper. Amen. Inde alternantes cho-ri rosarian modulationem aggrediuntur: absoluta quaque decade, interponunt laudem: Gloria Patri. Decursa tota p̄tacontide, ad Missæ sacrosanctum sacrificium se vna cum aliis componunt. Hæc cum aliis in locis, tū præcipuè in vicis, qui ad coloniæ Spiritus sancti pertinent quotidiana sunt. Missæ brevis expli-(p. 164)catio sequitur Catechismi ipsorū lingua communis omnibus: quā breui absoluta discedūt reliqui pue ri ad scholas suas se recipiunt; & pro ætatis gradu alijlegendo, musicis aij exercentur, tū Gregoriano cantu, tum harmonico. Non pauci etiam maiores minoresque tibias, quæ flauta, & cerania vulgò nominant, ad symphoniam inflare assuescunt, quo deide artificio diebus festis Ecclesiæ sacra exequutio, & supplicationes, cum traducuntur, exornantur. Vespere porrò hora quinta pomeridiana, rursus dato signo ad Christianæ doctrinæ cōcionem euocantur; explicaturque iis pars altera Catechismi. Absoluto Catechismo, pueri supplicatione ab Ecclesia ad Crucem vsque non inde longè consecratam pio cum cantico procedunt, pro animalibus noxarum reliquias purgantibus supplicantes. <...>

[...]

Después que se tocan, y se rezan las Auenarias, antes de oyr Missa se juntan a la puerta de la Iglesia los muchachos, y muchachas Brasiles, y diuididos en dos ordenes cãta a coros en alta voz el Rosario de la VIRGEN<sup>232</sup>. Da principio al Rosario los muchachos diziendo. Bendito y glorificado sea el Sãtissimo nòbre de IESVS; y respòden las niñas, y el de la Santissima Virgen MARIA su madre, por siempre jamas amen. Y luego comiençan cantando su Rosario; despues de cada diez Auenarias, dicen el Gloria Patri; y acabado el Rosario entran en la Iglesia; y oyen con los demas la Missa. Hazese assi cada dia en todos los lugares nuestros; pero especialmente se vsa este exercicio en las aldeas de la Colonia des Espiritu Santo. (p. 156) Siguese a la Missa vna breue declaraciõ de la Doctrina Christiana, y concluyda esta vanse los otros Indios, y los niños se recogen a sus escuelas; donde segun la capacidad de su edad vnos leen, o escriue, otros depreden cãto, o el llano<sup>233</sup>, o el de organo. Muchos en vez de nuestros instrumentos musicos se adiestran a tocar sus flautas; y assi se celebran las Missas, y processiones con musica de voces, y de instrumentos. A las cinco d la tarde buelue la cãpana a llamar a los Indios ala explicaciõ de la Doctrina, y buelue a explicarse succintamete otra parte del Catechismo. Despues los niños ordenados en processiõ desde la Iglesia a vna Cruz leuãtada a amediana distãcia, van cantando a rogar por las almas q en el Purgatorio padecẽ.

[...]



Vitae IOSEPHI ANchietae e  
Societate Iesv. Liber  
Tertius.

[...]

[55.] (p. 264) [correcto: p. 264] PERFVNCTVS regendi munere Iosephus aliquandiu in Vincentiana sede: sed variae occasiones, seu Praesidium iussa modo huc, modo illuc hominem trahebāt. Venit aliquando ad dilectum sibi Maranosium gregem, qui circa Biritiocam confederant; de quibus videtur praecipua cura sollicitus fuisse, biduoque apud eos commoratus est: quo tempore petiit ab hospite, qui arcem tenebat, ut se noctu ex arce mitteret, cupere se noctem illam in Oratorio B. Virginis iuxta arcem sito transigere. Libenter ar-(p. 265)cis praefectus ei permisit, ipseque una cum Alfonso Gonzalo genero suo hominem eo deduxerunt, inde se in arcem receperunt, facem, qua ad nocturnum lumen usque essent, referentes, Iosepho ibi nocturnis in tenebris relicto. Intempesta nocte, cunctis quiescentibus, una Gonzali coniux vigilabat. Haec admirabili viso pernota, maritum ad eandem rem spectandam magno studio à somno excitat. Prospectant ambo per fenestram; sacellum vident admirabili splendore circumfusus: splendor à tegulis, valuis, culmine, fastigio, totaque porticu emicabat: concentum praeterea admirabili sono vocum non admodum longe audiebant. Que res magnan eos in admirationem, ad propè extasim abripuit. Voluit Gonzalus ex arce excendere, ut quid id esset, cognosceret; ratus, quoniam harmoniam sibi à longe exaudire videbatur, naum aliquam id noctis in portu inuehi. Verū cum descendere coepisset, capillus ei

LIBRO Quarto de la Vida del  
Padre Joseph de Anchieta de  
la Compañia de Iesvs.

CAPITULO III. Dexa Ioseph  
el Rectorado de san  
Vicente; y cuentanse cosas  
muy particulares suyas,  
mientras fue morador  
particular deste Colegio.

<...> (p. 269) Vino una vez a visitar la gente de los Maranosios, principal cuydado suyo, y muy queridos del, que auian hecho assiento en la jurisdiccion de san Vicente, vezinos al fuerte, que cierra, y guarda la entrada del puerto de la villa. Estubo entre ellos dos dias, y aposentauase en el mismo castillo; pero pidió al Alcayde una noche que le dexasse salir a un oratorio (p. 270) vezino, dedicado a la Virgen, porq queria passar en el aquella noche. Concedio el Alcayde con muy buena voluntad à Ioseph lo que pedia, y el y Alonso Gonzalez yerno suyo le acompañaron a la Iglesia, y se recogieron en el fuerte; dexando a Ioseph sin luz alguna, acompañado solamente de las tinieblas de la noche.

En el silencio della durmiendo todos velaua sola la muger de Gonzalo yerno del Alcayde. Esta movida de la vista de un extraño espectáculo, despertó a su marido, para que con ella gozasse del. Assomaronse ambos a una ventana, y vieron la capilla en que oraua Ioseph llena de soberana luz, que embiaua sus rayos por las vètanas, y puertas, y cercaua todo el edificio; y oyeron juntamente musica de acordadas, y admirables voces, que sonaua no lexos de los oyentes. Guiso Gonzalo baxar a aueriguar la causa, creyendo que alguna caue, segun la distan(p. 271)cia, a que se oyan las voces, entraua en el puerto con aquella armonia. Pero comenzando a baxar se le erizaron con subito temor los cabellos, y sintio detenerse con



prae horrore (p. 296) obrigit; sensuque se quasi invisibili manu retineri. Itaque eo spectaculo una cum coniuge diu potiti, mira ambo dulcedine perfusi sunt, cuius etiam memoriae iucundo sensu in multis postea dies recreabatur. Postero die, cum coniuge diluxisset, domesticos, reliquosque arcis vicinos, servitiaque percunctati, an aliquid luminis eorum aliquis in Oratoriū per noctem intulisset, comperiunt nihil quidquam horum factum esse. Ipsum denique Iosephū interrogant, unde tantum lumen ea nocte ē sacello effulsisset, Is initio contemptim tergiuersari, rem totam dissimulando obscurare: sed cum perspecta, & probata veritate teneretur graui contestatione, pro ea, quā spiritali Patri obedientiā deberēt, illis praecepit, ne quandiu viverent, cum villo mortalium ea de re verbum vllum facerent. Aliud nihil ex eius sermone expresserunt; quod illi pro ea reuerētia, qua Patrem prosequerentur, sanctē seruauerunt do-(p. 297)nec illo vita functo anno salutis millesimo sexcentesimo tertio. 5. Non. Octobris Gonzalus in vrbe S. Sebastiano ad sinum Ianuariensem à Vicario generali eius ciuitatis proferre iussus est, siquid memoria dignum de Iosepho sciret, iuratus totam eius rei seriem narravit, adiecitque se Musicam illam, harmoniam, splendoremque coelestem fuisse pro certo habere; <...>

[...]

Vitae IOSEPHI ANchetae e  
Societate Iesv Liber  
Qvintvs.

[...]

[23.] <...> (p. 414) [correcto:  
384] Eius corpus sacerdotali indutū  
ornatu, arca lignea inclusum, post  
biduum funebri pompa, indigenarum

inuisibile mano. Gozaron el, y su  
muger largo rato de aquella fiesta  
Celestial, recreadas sus almas con  
soberana dulcedumbre, la qual  
sentian despues por muchos dias  
siempre que les representaua la  
memoria aquel admirable  
espectaculo. Preguntaron el dia  
siguiente a todos los que viuian en  
el fuerte, si alguno auia dexado  
luz en la Capilla de nuestra Señora  
la noche antes y todos respondieron  
que no. Vltimamente quisieron saber  
de Ioseph, qual fue la causa de  
tanta luz en el oratorio de Virgen?  
El al principio no hazia caso, ni  
rostro a la pregunta, queriendo con  
dissimulació encubrir toda la cosa,  
pero apretado con la verdad vista,  
y atestiguada de los dos, les rogo  
con mucho afecto, y aun mando por  
obediencia que como (p. 272) a su  
confessor, y padre espiritual le  
deuian, que mientras à el le  
durasse la vida, a ninguno diessen  
noticia de parte alguna de aquel  
sucesso. No pudieron sacarle otra  
palabra, y respectando su  
mandamiento, como de padre suyo, le  
obedecieron; y guardaron fielmente  
secreto, hasta que despues de su  
muerte el año de 1603. a tres de  
Octubre, Alonso Gonzalo mandado del  
Prouisor en la Ciudad de san  
Sebastian, en la Colonia  
Ianuariense, que dicesse si sabia  
alguna cosa memorable de la vida  
des padre Ioseph de Ancheta; conto  
con juramento todo el caso passado.  
Y añadió, que se persuadia  
ciertamente que aquella luz, y  
armonia fue Celestial, <...>

[...]

LIBRO Qvinto de la Vida del  
Padre Ioseph de Ancheta de  
la Compañia de Iesvs.

CAPITULO VII. Exequias de  
Ioseph.

<...> (p. 404) Vistieron el  
cuerpo con insignias Sacerdotales,  
y cerrado en una arca (p. 405) de  
madera, en hombros de Brasiles fue



subcollatione ad oppidum Spiritum  
sanctum deportatum, prosequēte de  
Societate Ioannes Ferdinando cum  
sacerdotali stola linteato, &  
Peritibonorum magna multitudine cum  
funebri lamentatione, & precatōne.  
<...>

[...]

traydo al Espiritu santo con pompa  
funeral, dos dias despues [1] de  
junho de 1597] de su dichosa  
muerte. Venia acompañando al  
difunto el Padre Iuan Fernando de  
la Compañia vestido de Alba, y  
Estola, y grande multitud de  
vezinos de Peritua cantando  
funebremente. <...>

[...]

231. SIL VICENTE (Compilação de todas as obras, v. I, 1933, p. 101) traz, no « Auto dos Quatro Tempos », interessante intervenção do personagem "David", onde é patente a função da música na religião católica: « bendezid a Bicos, barones, e com canções ». E, no « Auto da Fé » (v. I, p. 75), o personagem "Fe" demonstra com clareza a centralização da prática musical na Igreja: « Fé é amar a Deus, só por ele, | quanto se pode amar, | por ser elle singular, | não por interesse deley; e se mais quereis saber, | crer na Madre Igreja santa, | e cantar o que ella canta | e querer o que ella quer ».

232. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VII, 1720, p. 378) informa: « Rosário. Cento & cincoenta contos à honra da Virgem nossa Sechoira, & coesem tres Terços, cada um de cinquenta Ave Marias, & cinco Padre nossos em cada Terço; no primeiro Terço se considerão os mysterios Gozosos, no segundo os Dolosos, no terceiro os Gloriosos ».

233. Canto llano equivale ao termo português canto chão. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 111) dá informações suficientes sobre esse tipo de "canto": « O canto chão, que também chamao canto firme, é coral, por se usar nos coros, he humo simples, & uniforme prolação na cantoria, sem variação alguma de tempo, demonstrado com algum caracter, ou figura simples, que os Musicos praticos chamao notas, as quaes nem se acrescentaõ, nem se diminuem de sua valia, porque nessa se põem o tempo inteiro, & indivisivel. O canto chão foi chamao por muito tempo Canto Gregoriano, pela muita noticia, que tinha delle, & pelo que havia aprendido; sendo Monje da Ordem de S. Bento o poeta em mayor perfeição, ao qual depois deitou o ultimo nome Paulo Diacono, & Guido Arelino, também Monjes de S. Bento. Na Igreja de S. Pedro de Roma se usa só o canto chão. Planus, et simplex canendi modus ». É usado, na documentação do período, em contraposição ao canto de órgão, a música vocal mensural e polifônica. Cf. F. J. FELIS (1853, p. 24), ISAAC MONTEN (Dicionário musical, 1904, p. 55), NÉZIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1957, p. 107) e JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (O ensino e prática da música nas séis de Portugal, 1985, cap. I, p. 33), entre outros.



## [AMBROSIO FERNANDES BRANDÃO]

(antes 1585 - após 1613)

ou

## [SIMÃO TRAVASSOS]

(c. 1543 - 1618)

DOCUMENTO: DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL. [Capitania de Paraíba (?), primeiro semestre de] 1618.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: As informações a seguir são de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1974, livro II, cap. I, nº 1, pp. 372-373): «A obra, escrita em 1618, provavelmente no primeiro semestre [(nota 2): «Eládio dos Santos Ramos, *A Autoria dos Diálogos das Grandezas do Brasil*, Recife, 1946, 17 »], é, como se vê, uma descrição da atualidade social e econômica do Brasil, sem outro objetivo que o de dizer aos contemporâneos as verdades, os merecimentos e os seus entusiasmos pela terra. Como descrição presente, ela se transforma numa crônica das mais fidede, que a historiografia não pode desconectar. ¶ O texto foi primeiramente encontrado na Biblioteca Nacional de Lisboa por Francisco Adolfo de Varnhagen; havia desaparecido quando o procurou João Francisco Lisboa. Apurou-se, então, que José Feliciano de Castilho o levava quando partira para o Brasil. E, com efeito, Castilho começou a publicar o documento no *Iris*, sem concluí-lo [(nota 3): «Os Diálogos saíram no gazeta *Iris*, II (1849), 107, 177, 218. »]. Mais tarde Varnhagen encontrou outra cópia na Biblioteca de Leide, oferecendo-a a José de Vasconcelos, que estampou o *Diálogo I* no *Jornal do Recife* e mais tarde confiou-a à Redação da Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, que a publicou de 1863 a 1867. Em 1886 José Higino Duarte Pereira trouxe da Holanda nova cópia [(nota 4): «Cerca de 26 de maio de 1886 transcrito in Adriaen van der Dussen. *Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses*, traduzido e anotado por José Antônio Gonçalves de Melo Neto, Rio, 1947, 147. »], que deve ter facilitado a última edição final da publicação que comemorara um lustro, declarando-se que a cópia do Instituto era incompleta [(nota 5): «*Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, tomos nº XXVIII, 3-80; XXX, 352-367; XXXI, 3-71; XXXII, 83-146; A advertência e o posfácio de Varnhagen aparecem nos nºs XXVIII e XXXI, 147-151, respectivamente, e a Apreciação crítica de Capistrano de Abreu na mesma RIAGP, LXIII, 559-572. »]. ¶ A publicação no *Diário Oficial* e posteriormente na série «História», da Biblioteca de Cultura Nacional da Academia Brasileira de Letras, deve-se a Capistrano de Abreu [(nota 6): «*Diário Oficial*, fevereiro a março de 1900. »]. Desde 1899 ele anunciava sua decisão de republicá-los e iniciava pesquisas e consultava amigos eruditos como Guilherme Studart, Mário de Azevedo e Oliveira Lima [(nota 7): «*Correspondência de Capistrano de Abreu*, preparada por José Honório Rodrigues, Inst. Nat. do Livro, Rio de Janeiro, 1954-56, I, 149, 150, 171, 204; III, 5. »], sobre o livro e seu autor. Em 1901, nas vésperas de publicar seu segundo artigo sobre os *Diálogos*, escrevia a Mário de Azevedo: «Hoje vou ler pela vez II os *Diálogos das Grandezas do Brasil* para sobre eles fazer a segunda e última parte da introdução. Já na Galvea estava acabado, e creio que não seria difícil achar entre os papéis para aqui trazidos o artigo completo ou quase. Prefiro, porém, começar de novo, mesmo porque quero encarar o assunto sob novo ponto de vista. Hoje seu principal objetivo será aplicar o método de Maine, descobrir a sensação original do autor» [(nota 8): «*Ibidem*, I, 204. O 19.º e 20.º artigos foram publicados no *Jornal do Comércio* de 24 de novembro de 1900 e 24 de setembro de 1901. O 20.º serviu de introdução à edição da Academia Brasileira de Letras. »]. Em 1922 solicitava de João Lúcio de Azevedo nova cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa [(nota 9): «*Correspondência*, II, 237. »] e o historiador português esclareceu: «Quanto aos *Diálogos das Grandezas* o caso é mais bocado. O que existe na Biblioteca Nacional é somente o *Diálogo Primeiro*, na cópia do Século XIX, o manuscrito tem a nota da mão de Studart, de que o mesmo fora publicado na *Revista do Instituto Pernambucano*. Isto não é verdade. O que saiu na *Revista* foi muito mais, creio que a obra toda, e portanto não foi a matéria extraída deste códice». E depois de contar o que se sabe sobre a vinca dos documentos com Castilho e sua publicação no *Iris* e na *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, declara não ter meios de satisfazer o pedido de Capistrano [(nota 10): «*Correspondência*, III, 245. »]. A publicação da Academia em 1930 teve, assim, de satisfazer-se com a cópia de Varnhagen, talvez corrigida na própria edição final *Revista* pelo de José Higino. A edição mais recente, com o nome de Ambrosio Fernandes Brandão, como autor, contém os mesmos trabalhos de Afrânio Peixoto, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, da edição da Academia, com uma nova apresentação de Jaime Cortesão e novas notas de Rodolfo Garcia [(nota 11): «*Edição dos Mundos*, R. Janeiro, 1943. Na folha de rosto desapareceu o nome de Capistrano de Abreu — embora sua introdução e notas, as mais importantes, façam parte do livro — e aparece o de Jaime Cortesão, cuja apresentação nada acrescenta de novo. »]. Outra edição foi feita, não citada por JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, com «Introdução de Capistrano de Abreu» e «Notas de Rodolfo Garcia» [Salvador, Livraria Progresso Editora, 1956, 328 pp. (Coleção de Estudos Brasileiros, Série Marajoara, nº 4)]. O texto dos



edições de 1930, [1943] e 1956 diferem apenas por detalhes ortográficos, e o diálogo sexto, que contém informações sobre música indígena, encontra-se, respectivamente, às pp. 261-265, 270-303 e 313-355.

**AUTOR:** São também de RODRIGUES (supra cit.), pp. 373-374 as observações que se seguem: « Os apógrafos de Lisboa e Leide eram anônimos e logo, com Varnhagen, iniciou-se o processo da crítica de atribuição. Pensava o grande historiador brasileiro que não podia ser Bento Teixeira, com sua senha Barroca Pachado, mas sim um Brandão, como conjecturava D. André Gonzalez de Barcia, anotador de Antonio Leon Pinelo no seu *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Neutica i Geografica* [(nota 12): « Madrid, 1737-1738, III, p. 1.714; nova edição, Washington, 1908. »], e essa opinião sustentou-se maiores argumentos [(nota 13): « José Honório Rodrigues, *Teoria de História do Brasil*, 4ª ed., 1978, 361-362. »]. Na correspondência com os amigos, como Stuart e Oliveira Lima, de volta de 1900, quando iniciara no *Diário Oficial* a publicação dos *Diálogos*, revela Capistrano de Abreu sua constante e progressiva confiança na atribuição a Ambrósio Fernandes Brandão. "Quem julga V. seja o autor do *Diálogos*", pergunta a Stuart. "Cada vez me convenço mais de que não é, não pode ser Bento Teixeira." E em 1900 escreve ao mesmo Stuart: "Pode ter sido Ambrósio Fernandes Brandão; mas, conquanto não haja documento que se possa opor a isto, não tenho com que ancorar a tese e portanto não me aventuro" [(nota 14): « Correspondência, ob. cit., I, 150, 175; 2ª ed., Rio, 1977, mesmas pp. »]. O mesmo afirma ainda em 1900 a Oliveira Lima, acrescentando apenas que teve "tendências de atribuir a autoria a Bento Lopes de Santiago mas também não é este", e lhe solicita que investigue no *British Museum* os papéis do Conde de Sabugal [(nota 15): « Correspondência, ob. cit., III, 5, 6, 8, 9, 15; 2ª ed., Rio, 1977, mesmas pp. »]. Coube realmente a Capistrano de Abreu levar adiante a crítica mostrando, no 2º artigo de 1901, que os *Diálogos* são trabalhos entre os interlocutores Alviaro e Brandão, o primeiro chegado há pouco na terra, ignorante e desapegado de suas coisas, e o segundo conhecedor entusiasta do país, personagem real e, implicitamente, o autor da obra. Se Brandão é Brandão e deste aos vários Brandões existentes chegou-se a Ambrósio Fernandes Brandão, que morava em 1583 em Pernambuco, em 1613 na Paraíba; aí possuía dois engenhos, e pedira uma sesmaria para a construção de um engenho. Saber-se, ainda, pelos documentos da Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia [1591-1593], que Ambrósio Fernandes Brandão era cristão-novo e foi denunciado perante a Mesa do Santo Ofício em 8 de outubro de 1591. Se Brandão é Ambrósio Fernandes Brandão, então Alviaro será Nunes Álvares, incluído na mesma denúncia. Este o resultado da pesquisa de Capistrano de Abreu, adiantada por Rodolfo Garcia, no aditamento à edição da Academia. A crítica de atribuição não parou aí. Em 1945 Eládio dos Santos Ramos discordou da tese defendida por Capistrano de Abreu e seguida por Rodolfo Garcia para sustentar que o autor é Siao Travassos, e insiste que escreveu o "Sumário das Armas" [(nota 16): « Vide José Honório Rodrigues, *Historiografia do Brasil, século XVI*, México, 1957, 55-56. »]. Argumenta Eládio Ramos: 1) que o autor pertence a uma ordem religiosa; 2) deve ser jesuíta, pelos seus conhecimentos religiosos, pelo estilo, e porque como procurador dos padres arrecadava os dízimos de açucar; 3) que Siao Travassos em 1583 era novo na terra, como Brandão, e entre 1583 e 1607, e, finalmente, falece em 1618, quando os *Diálogos* se concluíam. Nega também que os jocos pudessem revelar tantos conhecimentos religiosos. A crítica a este trabalho e o reforço documental, ainda não definitivo, mas quase decisivo a favor de Ambrósio Fernandes Brandão, foi feita por José Antônio Gonçalves de Melo Neto [(nota 17): « A Autoria dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* », comunicação apresentada ao Congresso de História Comemorativa do Tricentenário da Restauração de Pernambuco, 1954, a ser publicada nos seus Anais. Há várias referências às atividades açucareiras de A. F. Brandão no documento "Certidão de traslados do Livro de saídas e despachos de navios da Alfândega de Pernambuco" (II, 32, 6, 30 da E. N. do Rio de Janeiro), cópia do século XII do códice 642 da Coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa. »].

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** [ANÔNIMO] - *Diálogos Das Grandezas Do Brasil Pela Primeira Vez Tirados Em Livro com introdução De Capistrano de Abreu e notas De Rodolfo Garcia*. Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica, 1930. 315 pp. (Publicações da Academia Brasileira. Biblioteca de Cultura Nacional - Classics Brasileiros - II - História).

**OBSERVAÇÃO:** Os diálogos entre Brandão e Alviaro são sempre alternados, começando pelo primeiro. Anexa-se à transcrição o numeral, entre colchetes, que representa a posição da intervenção de cada personagem no « livro sexto ».

## DIALOGO SEXTO

### [43] Brandão

(p. 278) Pois assim passa; quando antes o querem matar no terreiro, o que fazem por este modo: mandam primeiramente ao tal captivo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto queira ou peça, em tanto que, se desejar a mulher do próprio principal, e a pedir, não se lhe nega, tudo isso para effeito de que se desmaleconize e vá engordando; e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenar em grande caninho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o caminho feito,



fazem sabedor ao preso de como já é chegado o tempo pera haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por debaixo dos braços, com lhe ficarem livres elles e as mãos; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas á corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festas o levam desta maneira pelo caminho que tenho dito, ao rio, dentro no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça; e como está lavado, o tornam a trazer pera a aldeia com os mesmos cantos, bailes e festas e alli, posto no terreiro, se chegam a elle seis ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas da corda, e a têm em teso, de modo que o desaventurado preso se não possa bolir, porque em o querendo fazer pera alguma das partes, o tiram pera outra, e desta maneira o têm em talas, (p. 280) até que entra o matador pelo terreiro muito arrogante, emplumado todo de pennas de varias côres e, com vagarosos passos, rodeado dos principaes cavalleiros, <...>

[44] Alviano

(p. 281) Bem mal se pôde julgar se a comem [a carne do cativo] por vingança, se por gosto.

[45] Brandônio

Por vingança se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alquidares e com grandes cantos e bailes andam á roda delles com umas cannas nas mãos, nas quaes trazem atados alguns anzoos que lançam sobre as tripas, fingindo com grandes risos que estão pescando dentro nellas.

[46] Alviano

Os dias passados, indo visitar um amigo meu á sua fazenda, me não deixaram dormir toda uma noite uns indios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

[47] Brandônio

Esse é o seu costume mais ordinario, porque pera effeito de se emborracharem, apparellham muitos vinhos que fazem do sumo de cannas de assucar, qu vão buscar pelos engenhos, e também de mel e de uma fruta que chamam cajú, e, juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse canto todo um dia e noite inteira, sem dormirem, bebendo sempre de ordinário muito vinho até cairem todos por terra sem accordo, e ás vezes saem também dalli alguns não pouco escalavrados.

[47] Alviano

(p. 282) E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

[48] Brandônio

Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz, e dizer o passaro está sobre a folha, ou a folha sobre a água, ou outra cousa



semelhante, e com isto vão continuando sempre, dizendo uns e respondendo outros, por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tiple, por alevantarem a voz mais delgada.

[48] Alviano

Custoso entretenimento, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despendarem tanto vinho; mas se acaso captivam algumas mulheres, folgára de saber se as matam também nesse terreiro, como os homens.

[58] Brandônio

(p. 287) Destes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por elle habita, sem terem commercio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos vivem já muito desviados de semelhantes costumes; porque sabem a doutrina e baptisam os filhos, com se casarem na forma do sagra-do concílio, e não têm mais de uma mulher, com andarem vestidos, e junta-mente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns delles destros no canto, e assim são bons charameleiros<sup>234</sup>, posto que sempre tiram á sua natural inclinação, como se vio em um caso, que succedeu os dias passados.

[58] Alviano

E que caso foi esse?

[59] Brandônio

Os Padres da Companhia ensinaram a um destes indios, por sentirem nelle habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pou-co de artes; mostrando-se elle em tudo mui agill e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuidou que ouvi dizer que também as de epistola e evangelho, pera o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do indio, obrigado de sua natural inclinação, amanheceu um dia despido, e se foi, com outros parentes seus pera o sertão, aonde exercitou seus barbaros costumes até a morte, não se alebrando dos bons que lhe haviam dado.

<sup>234</sup> - Charameleiro é o «tocado de charamelas», segundo RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. II, 1712, p. 277). Note-se o plural. FRANCISCO DUKE LANGE (As danças coletivas públicas no período colonial brasileiro e as danças das corporações de ofícios em Minas Gerais, 1969, p. 31-a), referindo-se aos charameleiros setecentistas, informa: «é erro atribuir aos choromelleiros o emprêgo do só instrumento, a charamella. Trata-se de denominação genérica, muito antiga, para um grupo de músicos profissionais que tocavam diversos instrumentos de sopro, um dos quais foi a charameia. E desta mesma existia um termo — soprano, contralto, tenor —, assim como encontramos nas flautas doces, a Blockflöte, com os seus quatro registros: soprano, contralto, tenor e baixo». A argumentação de LANGE concorda com a informação de ERNESTO VIEIRA (Dicionário Musical, Lisboa, E. Barreto Musical, 1890), citada por PEDRO GINZIS (Pelo mundo do som, 1956, p. 149), segundo o qual, haviam três tipos de charamelas: a "bastarda", a "média" e a "charamelinha". De fato, não são raras as referências a "terros de charamelas" no Brasil, anteriores a 1700, como em HENRIQUE BORGES & (carta de 16 de junho de 1614, f. 6), «muitos indios da Aldeia vizinha com um termo de charamelas em corpo», JOÃO FELIPE BERTENGER & (Orbeiza, de 25 de maio de 1698, livro IV, cap. XIV), «entre outros lá um tambor, um terço de charameleiros para tocarem pela madrugada, jantar e ceia» e RAFAEL DE JESUS & (Castrioto Joséfano, 1697, parte I, livro V, f. 3, p. 200), «comprava ao hereje permissões, e sustentava em sua casa capela de músicos escolhidos, e diversos termos de charamelas».



## ANTÔNIO DE ARAÚJO

(1566 - 1632)

LIVRO: CATECISMO NA LÍNGUA BRASÍLICA. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1618.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: São conhecidas três edições deste livro no século XVII (uma em 1618 e duas, pelo mesmo impressor, em 1686) e as reedições de 1898 (relativa a uma das edições de 1686) e 1952 (relativa à primeira edição). As cópias do século XVII, sobretudo da edição de 1618, são bastante raras. Na « Apresentação » do P. Leão Sarbosa para a edição de 1952 (pp. II-III), encontramos as seguintes informações: « Desde os primeiros tempos jesuítas se cuidou de traduzir para o tupi um resumo do catecismo cristão. Em São Vicente, o irmão Pero Correia, "o melhor língua do Brasil" (Nóbrega), escreveu a *Suma da Doutrina Cristã*. Na Bahia, em 1574, o Padre Leonardo do Vale, "príncipe dos línguas do Brasil", traduz a *Doutrina Cristã*, escrita em 1571 pelo P. Marcos Jorge na forma de perguntas e respostas; e também a preparação para a confissão, batismo e morte, além de um confessionário. Em 1575, a Congregação Provincial, na Bahia, pede a impressão da *Doutrina Cristã*. Em 1586, o P. Bouvier recomenda que se tenha no livro das casas a *Doutrina* e o *Diálogo*. Em 1592, a Congregação torna a solicitar a impressão da *Doutrina Cristã*, juntamente com a *Arte de Gramática* do P. José de Anchieta. O P. Marçal Belizarte sublinha: "Quarenta anos há que se compôs". Foi dada autorização para ambas as obras. A informação de Agostinho Ribeiro (setembro de 1594) refere-se a "Estes livros de Gramática e Diálogos, compostos pelo Padre José de Anchieta". A licença do Santo Ofício (Lisboa, 17 de dezembro de 1594) declara: "podem-se imprimir estes livros de Gramática e Diálogos..." De fato, em 1595 foi impressa a *Arte de Anchieta*, não porém os Diálogos. Só em 1618 saiu, por fim, um catecismo "composto a modo de Diálogos por Padres Doctos, bons línguas da Companhia de Jesus. Agora novamente concertado, ordenado, e acrescentado pelo Padre António d'Araújo Theologo da mesma Companhia". (p. VII) ». « Impresso em 1618, com os editamentos e correções do P. António de Araújo (1566-1632) e sob a sua direção, o primitivo núcleo da obra remonta aos primeiros anos da catequese jesuítica, havendo fundados motivos para crer que na sua composição e revisões intervieram, entre outros, os iniciais Pero Correia, Leonardo do Vale e José de Anchieta. » Em 1686, o P. Bartholomeu de Lello (1641-1715) fez segunda edição, corrigindo erros tipográficos da primeira, sistematizando a sua grafia, atualizando a língua, já ligeiramente alterada, tirando as frases para maior clareza ou elegância, e cancelando também algumas exortações (da autoria de Araújo), que lhe pareciam sobejas mesmo em um bom catecismo ». São estes os títulos das edições antigas, segundo fac-símiles das páginas de rosto que constam nas reedições. Primeira edição: Catecismo | NA LÍNGUA | Brasílica, No Oval | Se Contem A Suma | Da Doutrina Chris- | tã. Com tudo o que pertence aos | mysterios de nossa sancta Fé | e dos costumes. | Composto a modo de Dialogos por Padres | Doctos, et bons Línguas da Compa- | nhia de Iesv. | Agora novamente concertado, ordenado, e acrescentado pelo Padre | Antonio d'Araujo Theologo, | & língua da mesma | Companhia. | Com as licenças necessarias. | Em Lisboa por Pedro Crasbeeck. Ano 1618. | A custa dos Padres do Brasil. | 3<sup>tos</sup>: 16 ff. num.; 179 ff. rom.; 1 f. inus. | Segunda edição: Catecismo | BRASÍLICO | Da Doutrina Christã, | Com o Ceremonial dos Sacramentos, & | missi- | actos Parochiaes. | Composto | Por Padres Doctos da Companhia de | Jesus, | Aperfeiçoado, et dado a luz | Pelo Padre Antonio de Araujo | da mesma Companhia. | Emendado nesta segunda impressão | Pelo P. Bartholomeu de Lello | da mesma Companhia. | [grav.] | LISBOA. | Na Officina de Miguel Deslandes | M. DC. LXXXVI. | Com todas as Licenças necessarias [18 f. 13; 16 ff. inus.; 371 pp.; 4 ff. inus.].

NOTA SOBRE O AUTOR: De acordo com SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VIII, 1949, p. 60), ANTÔNIO DE ARAÚJO « Nasceu em 1566, na Ilha de S. Miguel, Açores. Filho de Joaquim de Araújo e D. Ana Pacheco. Entrou na Companhia na Baía em 1582. Mestre em Artes. Fez a profissão solene na Baía, recebendo-a o Visitador Manuel de Lima, a 25 de Março de 1608. Ensinou Humanidades e Teologia e foi Procurador do Colégio da Baía. Pregador. A vivacidade do seu espírito criou-lhe êmulos. Consagrou-se então ao trabalho com os Índios, cuja língua sabia e de que foi mestre com o seu famoso Catecismo. Superior nas Aldeias dos Índios. Em 1607 era o de S. Sebastião na Baía. Fez uma entrada à Serra do Orobó, sertão da Baía, outra no Sul aos Carijós dos Fatos onde ficou alguns anos Superior da missão, até 1628. Em 1631 residia no Colégio do Espírito Santo, e faleceu no ano seguinte, 1632, talvez no mesmo colégio. Homem de talento e virtude ».

REEDIÇÕES UTILIZADAS: [da primeira edição:] PADRE ANTÔNIO DE ARAÚJO - Catecismo Na Língua Brasílica. Reprodução fac-similar da 1ª edição (1618), com apresentação pelo P. e A. Leão Sarbosa, Professor de Língua Tupi na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952. (VII pp.; 16 ff. num.; 179 ff. rom. [Biblioteca da Língua Tupi, v. 1] [BIB: 498-463]).

[da segunda edição:] (ANTÔNIO DE ARAÚJO - ) Catecismo | BRASÍLICO | & | Doutrina Christã | Publicado De Novo | Por Julio Platzmann | Edição Facsimilar | Leipzig | E.G. Teubner | 1898. [15 ff. num.; 371 pp.; 4 ff. inus.] [BIB: 16-70].



## VERSÃO DE 1618

(f. 13r) IESVS. Livro  
Primeiro. DA DOCTRINA  
Christã. 235

## Capitvlo I

Do sinal da Sancta Cruz, et  
mais oraçoens.

Sancta Cruz  
Raangába recê,  
Oré pigcĩrõ yepé  
Tupã oré iar  
Oré amotaré imbãra  
çui,  
Tũba,  
Taĩra,  
Espirito Sancto  
Rera pupé.  
Amen IESV.

(f. 13v) Padre nõso

ORê rúb  
Igbácupe tecoár,  
Ymoetê pirano,  
Nde rera toicô  
Toũr nde Reino  
Tõnhẽmonhang  
Nderemĩnotara ibipe  
Igbácupe, ynhemonhangã yabê  
Orê remiu  
Ara yabiõ ndoãra  
Eĩneeng cori orêbe  
Nde nhĩrõ  
Oré angaipãba recê  
Orêbe  
Oré tebe cõmemoãçara çupe  
Oré nhĩrõ yabê  
Oré moarũ carumê yepé  
Tentaçãõ pupé:  
Oré pi cĩrõte yepé  
Nbaẽ aĩba çui.  
Amen IESV.

## VERSÃO DE 1686

(p. 1) Catecismo BRASÍLICO  
Da Doutrina Christãa, LIVRO I. Dos  
primeiros elementos da Fe Christãa,  
Summa dos mysterios, & doutrina  
Christãa. 236

## Oração do sinal da Cruz

SANTA Cruz  
rãangãba recê  
orepy cĩrõ iepé,  
Tupã ore iár,  
oré anotarẽymbãra  
çui.  
Tũba,  
Tãyra,  
Espirito Santo  
rẽra pupé.  
Amen.

(p. 1) Padre Nosso

O Ré rúb,  
ybákype tecoár,  
inõetê pyrano  
nde rẽra toicó:  
Toũr nde Reino:  
Tonhemonhang  
nderemĩnotãra yby-(f. 2)pe,  
ybákype inhemonhangã iabê:  
Orérẽbiũ  
ãra iabiõ ndoãra  
eĩnẽeng cori orẽbe:  
Ndenhĩrõ  
oré angaipãba recê  
orẽbe,  
oré rẽrecomemoãçara çupé  
orẽnhĩrõ iabê:  
Oremocarucãrumê iepé  
tentaçãõ pupé:  
Orepycyrõ iepé  
nbãẽ aĩba çui.  
Amen.



## Ave Maria.

**A**ve Maria  
 Graça rece tini cimbæ.  
 (f. 14r)  
 Ndeirũnãmo yande iãra recou;  
 Yemombeĩ catu piramo  
 Ereicò cunhã quĩ  
 Ymombẽũ catũ pirabẽ  
 Nde membĩra IESVS;  
 Sancta Maria Tupã ci  
 E Tupã mong etã,  
 Orẽ yangai pãbãẽ recẽ,  
 Cõir, irã,  
 Orẽ yequi-i  
 Orẽ rûnebẽno.  
 Amen IESV.

## Salve Rainha.

**S**alve Rainha  
 Moraucubãra ci  
 Tecõbe ceembãẽ:  
 Orẽ yerobia çãba.  
 Salve,  
 Ndẽbe  
 Oroça pũva puçãĩ,  
 Y peã piramo:  
 Eva membĩramo:  
 Nẽbe oronheang erur:  
 Ore poacẽmano,  
 (f. 14v)  
 Oroyã cẽgoabo  
 Ico igõĩ tigoãya yacogõba pupẽ;  
 Enẽĩ orerece yerureçar  
 Ebo ãĩndereçã y poraucubãribãẽ  
 Erobãc oreootĩ  
 Ae IESVS  
 Y mombẽũ catupĩra ndemembĩra;  
 Yoõ yo pea çagoẽra cicirẽ  
 Eoe piaũcaãr orẽbe  
 Nheraneĩn  
 Moraucub rerecõçar  
 Ceembãe Virgen Maria;  
 Etupã mong-etã orẽ recẽ:  
 Sancta maria Tupã ci;  
 Torẽ angã turãne  
 Christo remienoĩgoera recẽ  
 Ore yecõ çuba goana rĩ.  
 Amen IESV.

## Ave Maria.

**A**ve Maria,  
 graça recẽ tynycẽmbãẽ:  
 nde irũnãmo iãnde iãra recõu:  
 imombẽũ catũpyrano  
 ereicõ cunhã quĩ;  
 imombẽũ catũpyrabẽ  
 ndemembyara JESUS.  
 Santa Maria, Tupã cy,  
 etupã monghetã  
 orẽ iangaipãbãẽ recẽ  
 cõyr, irã,  
 orẽ iekyi  
 orẽ rûnebẽno.  
 Amen.

## Salve Rainha.

**S**alve Rainha,  
 moraucubãra cy,  
 tacobẽ, cẽẽimbãẽ,  
 orẽ ierobiaçãba,  
 salve.  
 Ndẽbe  
 oroçapucãpucãĩ  
 ipẽãpyrano  
 Eva membyrano.  
 Ndẽ be oronheangherũr  
 orepõa cẽmano,  
 oro iacẽguãbo  
 icõ ybytygoãia iacẽguãba pupẽ.  
 Enẽĩ ore recẽ ierureçar  
 eboĩĩ nde reçã poraucubãra  
 erobãc orẽ coty.  
 Aẽ JESUS  
 imombẽũ catũ pyra nde mẽbyra  
 icõ iepẽaçagoẽra cykirẽ  
 ecepiãc ucãr, orẽbe.  
 Nheranẽyn,  
 moraucub erereçar  
 (p. 3)  
 cẽembãẽ, Virgen Maria.  
 Etupã monghetã orẽ recẽ,  
 Santa Maria Tupã cy,  
 torẽ angaturãne  
 Christo remienoĩgoera recẽ  
 orẽ ie coçubagoãna rĩ.  
 Amen.



## Credo

**A** Robiar Tupã tûba  
 Opacátu mbae tetirua monhãga  
 Eycatûbae  
 Igbãca, Igbĩ monhangãra  
 Arobíar IESV Christo abé,  
 Tãira oyepêbae acé iãra:  
 Espirito Sancto y monhangãpe  
 (f. 15r)  
 Pitangamo onhemonhang-ibae puera  
 Ae bae cãr  
 Maria a babĩ cagoereima cui.  
 Poncio Pilato  
 Morôbixãbamo cecôreme  
 Cerecômenoãbĩramo cecou:  
 Ibĩra ioçaba recé  
 Y moiarĩ pĩroeramo cecou,  
 Y iuca pĩroeramo,  
 Y tinibĩroeramo.  
 Ogoegib Igbĩ a pĩteripe,  
 Āra moçapĩra pupê,  
 Omanôbae puera cui cecobê iebĩri  
 Oy eupir Igbãcupe,  
 Tupã tûba  
 Opacátu mbae tetirua monhãga  
 [ eicatubae  
 Ecatusba coti ceni  
 Ae cui tûri  
 Oicobêbae  
 Omanobae puera pabê  
 Recomonhangane.  
 Arobíar Espirito Sancto,  
 Arobíar Santa Igreja Catholica.  
 Arobíar Sanctos recôcatu  
 Yemoiãio iaõca  
 Arobíar tecó angaipaba rece  
 (f. 15v)  
 Moroupe tûpã nhirô  
 Arobíar acé recobê yebiraõ ama,  
 Arobíar tecobê opabaerameĩna.  
 Amen.

## Credo

**A** Robiar Tupã Tûba  
 opacátû mbãe tetirua monhanga  
 eicatûbae,  
 ybãca, yby abé monhangãra.  
 Arobiãr JESUS Christo abé  
 Tãyra oipêbae, acé iãra:  
 Espirito Santo imonhangãpe  
 pitangamo onhemonhangbãe poëra.  
 Aebãe cãr  
 Maria abãbycagoerëyma cui:  
 Poncio Pilato  
 morobixãbamo cecôreme  
 cerecomênoãbyramo cecou:  
 ybyrã ioçãba recé  
 imoiãripyramo cecou,  
 Ijucãpyramo,  
 itymĩnbyramo.  
 Ogoegyby yby apytêripe,  
 Āra moçapyra pupê,  
 omanôbae puera cui cecobê iébyri,  
 oieupir ybãkype,  
 Tupã Tûba  
 opacátû mbãe tetirua monhãga  
 [ eicatûbae  
 ecatusba coty ceni:  
 Āe cui tûri  
 oicobêbae,  
 omanôbae poëra pabê  
 recomonhangane.  
 Arobiãr Espirito Santo:  
 Arobiãr Santa Igreja Catholica:  
 Arobiãr Santos recôcatû  
 Yemoiãio iaõca:  
 Arobiãr tecó angaipãba recé  
 moroupe Tupã nhirô:  
 Arobiãr acé recobê iébyraõama:  
 Arobiãr tecobê opãbãeranëyma.  
 Amen.

225. É muito provável que toda esta « Suma dos mysterios, & doutrina Christã » fosse cantada ou recebesse melodia « cristã » para que os membros melhor pudessem decorá-las, como conta José de Anchieta (cf. nota 5 da documentação de Yves d'Evreux). Contida no « Livro Primeiro DA DOCTRINA Christã » (1ª edição, ff. 13r-20v, 2ª edição, pp. 1-12), devido à sua extensão apenas transcrevemos quatro de suas orações. No entanto, deixamos os títulos de todas as orações que integram este « Livro 1 », segundo a ortografia da primeira edição, numeradas para esse trabalho: [1] Do sinal da Santa Cruz, et suas orações; [2] Padre Nosso; [3] Ave Maria; [4] Salve Rainha; [5] Credo; [6] Artigos da Fê; [7] Erite; [8] Mandamentos da Ley de Deus; [9] Mandamentos da Santa Igreja; [10] Sacramentos; [11] Sete. | Santa Madre Igreja Sacramentos; [12] Peccados mortaes; [13] Virtudes contra estes; [14] Sete tecô cátu; [15] Obras de Misericórdia. | Quatorze acé abã rauçubãba; [16] Sete aba anga rece indora; [17] He ey; [18] Res amentarãcas; [19] Dões do Espirito Sancto; [20] Sete; [21] Virtudes Theologicas; [22] As Carceas; [23] Potencias daaa; [24] Cinco sentidos; [25] Noussinas; [26] Confissãõ geral.

226. Apenas a edição de 1618 apresenta as orações em verso. As orações da edição de 1682, apesar de apresentadas em prosa, seguem aqui a forma da primeira edição, para facilitar a comparação.



## CRISTÓVÃO VALENTE

(1566 - 1627)

DOCUMENTO: CANTIGAS NA LÍNGUA [TUPI] (POEMAS BRASÍLICOS), PARA OS MENINOS DA SANTA DOCTRINA. s.l., 1618 (ou antes).

TEXTO: Há duas versões dessas « cantigas », publicadas, respectivamente, nas edições de 1618 e 1686 do « Catecismo » de ANTÔNIO DE ARÁMINO (cf. referências bibliográficas no cabeçalho dos textos editados por ANTÔNIO DE ARÁMINO). Na edição de 1618 aparecem nos ff. 4r-7v, com o título (f. 4r) « CANTIGAS NA LÍNGUA, Para Os Meninos | da Santa Doctrina. | Feitas pelo Padre Christovão Valente Theo-|logo, e mestre da lingua ». Na edição de 1686 estão nos ff. 11jr-(6)r, levando o título (f. 11jr) « POEMAS BRASÍLICOS | Do Padre Christovão Valente, Theo-|logo da Companhia de JESUS, Emendados para os meninos cantarem | ao Santíssimo nome de JESUS ».

NATUREZA DO TEXTO: PLÍNIO AYROSA, na edição de 1941 das « cantigas », faz os seguintes comentários nas « Notas Prévias » à p. 10: « Os "Poemas Brasileiros", apesar da designação proposta, não passam de simples trações cristãs, postas em versos correntios "para os meninos cantarem ao Santíssimo nome de Jesus". Riscados à feição portuguesa, sem preciosismos de linguagem e sem altas qualidades literárias, denunciam desde logo as intensas catequizadoras de seu autor. ¶ Como documentos da primeira fase da cristianização do gentio brasileiro e como documentos linguísticos são, incontestavelmente, de grande valor ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Depois de editados nos livros de 1618 e 1686, FERDINAND DENIS inclui a segunda versão no seu « Une FÊTE BRÉSILIENNE | Calébrée A Rouen En 1550 | Suivie | D'Un Fragment Du XVI<sup>e</sup> Siècle Roulant Sur La Théologie | Des Anciens Peuples Du Brésil | et Des Poésies En Langue Tupique De Christovao Valente | Par | Ferdinand Denis | [grav.] : A Paris | J. Techener, Libraire | Place De La Colonnade Du Louvre, N<sup>o</sup> 20 | 1851 [pp. 96-103] [BIBES 12-c-12] ». PLÍNIO AYROSA estudou alguns desses « poemas » em artigos na Revista da Academia Paulista de Letras (Ano II, n<sup>o</sup> 7, 12/09/1939, p. 31; Ano II, n<sup>o</sup> 8, 12/12/1939, p. 24 e Ano III, n<sup>o</sup> 11, 12/09/1940, p. 36), posteriormente realizando transcrição e tradução integral, da maneira mais criteriosa possível no Poemas brasileiros do Pe. Cristóvão Valente, S.J., em 1941, reproduzidos na III parte da tradução portuguesa do livro de FERDINAND DENIS, Uma Festa Brasileira, de 1946.

NOTA SOBRE O AUTOR: BERNARDO LEITE (História da Companhia de Jesus no Brasil. v. II, 1950, p. 172) informa: « Nasceu em 1566 em Montemor o Novo, Alentejo. Foi enviado para o Brasil e entrou na Companhia em 1583, na Bahia, onde também fez a profissão solene a 25 de Março de 1606, recebendo-a o Visitador Manuel de Lima. Mestre de Gramática na Bahia, prefeito dos Estudos e da Congregação em Pernambuco, Superior de Ilhéus e de S. André de Góia. Exímio pregador e mestre da língua brasileira no Colégio da Bahia. Intrépido em acudir aos índios e homens de vida interior. Deixou alguns anos antes de morrer, na Bahia, em 1627 ».

REEDIÇÕES UTILIZADAS: Reproduzimos os textos originais das « cantigas », segundo as reimpressões do « Catecismo » de 1952 e 1696 (cf. cabeçalhos dos textos editados por ANTÔNIO DE ARÁMINO).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: 1) PLÍNIO AYROSA - Poemas brasileiros do Pe. Cristóvão Valente, S.J. (Notas e tradução). São Paulo, s. ed., 1941. 50 pp.

2) FERDINAND DENIS - Uma Festa Brasileira Com os Poemas Brasileiros do Pe. Cristóvão Valente, S.J. de Plínio Ayrosa. Rio de Janeiro, EPAGM, 1944. 192 pp. (Biblioteca Brasileira de Cultura n<sup>o</sup> IV) [III Parte: « Poemas Brasileiros do Padre Cristóvão Valente Theologo da Companhia de Jesus Emendados para os meninos cantarem », pp. 145-190].

NOTA SOBRE A TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO: Na edição de 1941, PLÍNIO AYROSA comenta (pp. 10-11): « Na transcrição dos versos, e nos comentários, serviam-nos do sistema ortográfico atualmente em uso pela Cadeira de lingua tupi-guarani de nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Extremamente simples e essencialmente fonético, parece-nos seros mais dentro os vários sugeridos



aqui e no Paraguai. Com exceção do sinal *ch*, que sempre representa o som do grupo *ch* português em *chave*, *chefe*; de *q*, que corresponde a *gu* das palavras *guerra*, *guitarra* e a *g* de *pato*, *gala*; do *j* que vale *dj*; do *h* idêntico a *nh*; do *r* que é sempre trando, mesmo no início dos vocábulos; do *s*, que soa como *ss* e *ç* portugueses; do *h*, levemente aspirado e do *y*, que representa o *i* gutural característico do tupi, todos os demais equivalem, com pequenas variantes, às letras do alfabeto português. A acentuação das palavras faz-se por meio do til ou do acento agudo; o primeiro, a indicar também a nasalidade da vogal à qual se superpõe e o segundo apenas a sílaba tônica. O som aberto do *e* ou *o*, raríssimo no tupi-guarani, não tem indicação gráfica especial. E, na p. 10: «A transcrição que estes fizemos, baseada em rápidas anotações léxicas e gramaticais, é simples tentativa de interpretação do pensamento indígena e cristão de um dos poucos missionários que nos legaram versos escritos em tupi-guarani da costa do Brasil». A única diferença que existe nas edições de 1941 e 1944, de PLÍNIO AYRESA, é o uso, na segunda, de alguns acentos graves no lugar de agudos, o que reproduzimos abaixo.

## VERSÃO DE 1618

## VERSÃO DE 1686 237

(f. 4v) Do nome santissimo de  
IESV.

IESV moro piciroána  
IESV tecô catú jara,  
IESV torib erecoára  
IESV xepoçang imána  
IESV xerenimotára.

Pay IESV xepoçanga  
Xe piá, xerecôbe,  
Xe peáúne yepé,  
E poré au çúbôc xeanga  
Tipiátã nde recê,

Nde morerecoár xerí,  
Nde poguirêpe xenonga  
Nde raquipoéra rupí  
Toçô xeanga yepí,  
Tecô catú mono onga.

(f. 4v) Xepiá xeanga ejár  
Nde mbaêramo tauyê,  
Xemoçpícic-yepé,  
Nde rauçûba aipotár  
çauçubí pira çocê.

Ociqui, yê nde çuí  
Anhangá nde moabâ etêbo,  
Ejorí ymocí quiyébo,  
Topicôúme ôca rupí  
Ore anga mongûêbo.

Orê re recoárete  
Nde pô pe orê angarûi.  
Orô yerobiá nde recê  
Orê rauçûbâ yepê  
Orê recôbê pûcûi.

(f. 11jr) IESU, moropycyroána,  
JESU, tecô catú iára,  
JESU, toryberecoára  
JESU, xe poçanga ymana  
JESU, xe remimotára.

Pái JESU, xepoçanga,  
Xe pyá, xe recobé,  
Xe pêá umé iepé,  
Eporauçuboc xe ánga,  
Tipyatã nde recé.

Nde po guyripe xe nónga  
Nde morerecoár xe ri,  
Toçó xe ánga iepí  
Tecô catú monçonga  
(f. 11jv) Nde rekypoéra rupí.

Xe pyá, xe ánga eiár  
Nde mbaêramo tauyé:  
Xe moçpyçyc iepé,  
Nde rauçûba aipotár  
Caucubipyra çocé.

Ocykyié nde çuí  
Anhángá nde moabâetêbo  
Eiorí emocykyiêbo,  
Toçó umé ôca rupí  
Ore ánga monghûêbo.

Nde pópe oré ánga rui,  
Oré rerecoáreté:  
Oroierobiá nde recé,  
Oré recobé pucuí  
Ore rauçubâ iepé.



OUTRA EM LOUVVOR da Virgem.

Note.

T'Upã cî angaturâma  
 Sancta Maria xejâra,  
 [f. 5r] Nde reçã porauçubâra  
 Xe recô catû angoâma  
 Xeanga remiecâra.

Volta.

Abã bicagoêreima  
 Caraibebê positâra,  
 Ighac pôra mbori pâra  
 Tecô tebê cabeîma  
 Anhanga monocembâra.

Enêimorererecoâra,  
 Ycô xenheëg, pašna  
 IESV robaquê moâma,  
 Tecô catû angagoâra  
 Tupã ci angaturâma.

Catunhê eierurêbo  
 Orêcatû angoâmari;  
 Eipeã yarupari  
 Coâra cui orêbo  
 Toro çone nde rupi.

Xeiequij xerûmecori  
 Eipeã serobajâra  
 Xeanga nde rauçupâra  
 [f. 5v] Eraçô ceroyeupî  
 Sancta Maria xejâra

Abápe nderenoi dâra  
 Ocô tenhê nde cui?  
 Tecô tenhê monhigara  
 Morê auçûba rerecoâra,  
 Nderê rapoana yepi.

Igbî pôra ai pô ey  
 Ceî jnhê nde reca çara  
 Apiâba bê monbegoâra  
 Oimochaî tâba rupi  
 Ndereçã porauçubâra.

Otî coâraci ocêma  
 Nde berâba roba quê  
 Yaci tatá cuépê é  
 Yohé nîmî nde coêma  
 Ara rorî pábété

A Virgem Santíssima Maria  
Mãe de Deus Senhora Nossa.

NOTE.

T'Upã cy angaturâma,  
 Santa Maria xe iâra,  
 Nde reçã porauçubâra  
 Xe recô catuãoâma  
 Xe ânga remiecâra.

(f. 111r) GLOSSA

A Babycagoérêyna,  
 Caraibebê positâra,  
 Yôacpôra mborypâra,  
 Tecôtebêçabêyna,  
 Anhanga monocenbara.

Enêi morerecoâra,  
 Icô xe nhêéng pašmã  
 JESUS robaké mōma,  
 Tecô catû angagoâra,  
 Tupã cy angaturâma.

Ereicatu xe pēabo  
 Anhanga recô cui:  
 Xe catû ãoēma rî  
 Enêi xemboguatâbo  
 Nde angaturâma rupi.

Xe iekyîne bê cori  
 Emocanhem xe râangâra:  
 Xe ânga nde rauçupâra  
 Eraçô cerôieupî,  
 Santa Maria xe iâra.

Abápe nde renoidâra  
 Ocô tenhê nde cui?  
 Enhemochaînan xe rî:  
 Moreauçûba rerecoâra  
 Nde rerapoâna iepi.

(f. 111v) Ybypôra aipó ei;  
 Ceyinhê nde recaçâra,  
 Apyâba abê monbegoâra  
 Oimochaî tâba rupi  
 Nde reçã porauçubâra.

Otî coaracy ocêma  
 Nde berâba robakê;  
 Iacy tatá cuêpe é  
 Inhenimi, nde coêma  
 Ara rorypâbeté.



Apiaba ndeiteê  
Oibamo ndemoána.  
Nei nei epuána  
Terei monbeú pabé  
Xerecô catú agoána.

[f. 6r] Paraná robaicatú  
Nde porcaugubára cíc-i  
Opabé tába mondíc-i  
Y xocê nde é catú  
Cô ára moápícic-i.

Coipô Anhangá picic-i  
Tecô catú potâçára  
Yorí xepicirôçára  
Nde angaturânanopic-i  
Xeanga remiecâra.

CVTRA DO ANJO da Guarda

Nota.

Peyorí apiâbetá  
Oyepê tiay moêté  
Yandé caraibebê

Volta.

Xeraroána igbac-igofára  
Caraibebê poranga,  
Eimboê catú xeanga  
[f. 6v] Toicuaab igbaca piára  
Tupána remimonhangá.

Nde yepí ore poçanga  
Nderecê orogoâta  
Tiâçapiár Vnê Anhangá  
Peyorí apiâbetá  
&c.

Tupã robaquê eicôbo  
Xe çui nde reciriqui  
Naxá nopia tític-i  
Anhangá xera pecôbo.

Ndeiteê noxí opôbo  
O âtápe xerejá:  
Nde recênho guitecôbo  
Acenoí apiâbetá  
Peyorí tiainoêtê  
Yandé caraibebê.

Apyâba deiteê  
Oybamo nde mófama:  
Nei, nêi epuâma  
Tereineéng opâbenhé  
Xe recô catú ãoána.

Tupã JESUS nde nembyra  
Oimöin çupí mbêé,  
Iangaipabâé deiteê  
Oceca eté nde poguyra  
Oiecoçurêynebé.

Xe angaipabórano abé  
Aipouçú eté eté xe iára,  
Iorí xe pycyrôçára  
Xe moiecoçub iepé,  
Xe ánga remiecâra.

[f. 5r] Ao Santo Anjo da  
Guarda

ESTRIBILHO.

P Eiorí apyâbetá,  
Oiepê tiainôetê  
Iandé Caráibebê.

Copla.

X E raroána ybakyguaára,  
Caráibebê poranga,  
Eimboê catú xe ánga,  
Toicûáb ybâca piâra.  
Xe rûba, xe rerecoára,

Nde recé nho taguatá  
Eipeá xe râangára,  
Peiorí, apyâbetá,  
Oiepê tiainôetê  
Iandé Caráibebê.

Tupã robaké eicôbo  
Xe çui derecyryki,  
Naxenopyá tytyki  
Anhângá xerspecôbo.

Deiteê moxy opôbo  
Oâtápe xe reia  
[f. 5v] Nde po çuyrpe xe moingôbo,  
Peierí apyâbetá, &c



Nde rauçúba poépica  
Xeretê, xéanga abê  
Oecó poxi reitica  
Oipotá catú nde ê.

[f. 7r] Tupã nhô mbaé ête;  
Anhanga tiaipeá  
Coir suyerámanhé  
Peiorí apaibetá  
Oyêpe tiaimoeté  
Yandé caraibebé

# OUTRA DO SANTÍSSIMO Sacramento

## Volta.

**M**lápê ibao igoára  
Abiá bebé remiú.  
Xeanga recó pucú.

Xe anbiáci poçanga  
Xerecô tebê rupiára  
Ece piao xe maraára  
Tere çauçubar xéanga  
Yorí xerecô monhanga.  
Miápe ibao-igoára  
Apiábebé remiú  
Xeanga recó pucú

[f. 7v] Xeanga taígaíba  
Xeretê yerobiácaba  
Toriba nhe monhangába  
Noroauçubára iba  
Ndenhê xereniêcára.  
Miápe ibao-igoára  
Apiábebé remiú  
Xe anga, &c

Miapé tecô bejára  
Tupá rauçupárape  
Ypoxí baê taçára  
Teô remiú pabê  
Oyepeniú pupê  
Ecepiac tecô parába  
Apiábebé remiú  
Xeanga recó pucú.

Xe irúnano menê  
Nde âme xe rauçubábo,  
Daëicatúí nhemonguyábo  
Tecô angaipába pupé.

Dotíi cerá acé  
Nará oicôbo ára ia.  
Oarôana robaké,  
Peiorí, payábetá, &c.

# Do Santíssimo Sacramento da Eucharistia.

## ESTRIBILHO.

**M** Yapé ybakygoára,  
Apyábebé remiú,  
Xe ánga recó pucú.

## Copla.

**X** E anbyacy poçanga,  
Xe recó tebê rupiára,  
Ecepiác xe maraára,  
Tereçauçubar xe ánga.  
Iorí xe recó monhanga,  
Myiapé ybakygoára,  
[f. 6r] Apyábebé remiú  
Xe ánga recó pucú

Xe ánga táygayba,  
Xe ánga ierobiácaba,  
Ybypôra moçaibába,  
Ybáca pôra roryba,  
Noroauçubára yba,  
Myiapé ybakygoára, &c.

Nde angaturâma rí  
Eiorí xe poresauçubôca  
Eipytybyrôc xe róca  
Nde pytaçaba iepí,  
Taguatá nho nde rupí,  
Myiapé ybakygoára, &c.

Iangarurâmbêé çupé  
Myiapé tecobé iára:  
Ipoxybâê taçára  
Têô oguár cioupé:  
Oiepe mbiú pupé  
Peccepiác tecoparába?  
Apyábebé remiú,  
Xe ánga recó pucú.



## RESTAURAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA DA VERSÃO DE 1686 230

## I - AO SANTÍSSIMO NOME DE JESUS

- 1 - Jesú, moropysyroána,
- 2 - Jesú, tekó katú iára,
- 3 - Jesú, toryberekoára,
- 4 - Jesú, che posánga ymana
- 5 - Jseu, che reminotára.
  
- 6 - Pai Jesú, che posánga,
- 7 - Che pyá, che rekobé,
- 8 - Che peá umé iepé,
- 9 - Eporausubók che ánga,
- 10 - Tipyatá nde resé.
  
- 11 - Nde po guýripe che nonga
- 12 - Nde morerekoár che ri,
- 13 - Tosó che ánga iepé
- 14 - Tekó katú mononga
- 15 - Nde rakypoéra rupí.
  
- 16 - Che pyá, che ánga eiár
- 17 - nde mbaéramo tauié:
- 18 - Che moapysýk iepé,
- 19 - Nde rausúba aipotár
- 20 - Sausubipýra sosé.
  
- 21 - Osykyié nde suí
- 22 - Añánga nde moabaetébo
- 23 - Eiorí emosykyébo,
- 24 - Tosó umé óka rupí
- 25 - Oré ánga monguébo.
  
- 26 - Nde pópe oré ánga rui,
- 27 - Oré rerekoareté:
- 28 - Orolerobiá nde resé,
- 29 - Oré rekobé pukuí
- 30 - Oré rausubá iepé.

Jesus, salvador!  
 Jesus, bemaventurado!  
 Jesus, fonte de alegria!  
 Jesus, meu remédio antigo!  
 Jesus, meu amado!

Pai Jesus, meu alívio,  
 Meu coração, minha vida,  
 Não me abandones tu!  
 Tem compaixão de minh'alma  
 Fortalecida por ti!

Pondo-me sob tuas mãos,  
 Tu velarás por mim...  
 Que vá minh'alma, de continuo,  
 Felicidades coligindo  
 Ao longo de tuas pegadas!

Toma meu coração e meu ser  
 Como se fossem emanações de ti;  
 Consola-me!...  
 Teu carinho eu só desejo,  
 Amado sobre todas as cousas.

Tendo receio de ti,  
 Respeitando-te o Satanaz,  
 Vem e faze com que, q' temer-te,  
 Ele não vá pelas choupanas  
 Nossas almas a afrouxar.

Em tuas mãos está nossa alma,  
 Mestre nosso verdadeiro!  
 Temos confiança em ti...  
 Que através de nossa vida  
 Tu sempre nos agasalhes!...

## II - À VIRGEM SANTÍSSIMA MARIA MÃE DE DEUS, SENHORA NOSSA

## Note.

- 1 - Tupã-sý angaturána,
- 2 - Santa Maria che iára,
- 3 - Nde resá porausubára
- 4 - Che rekó katuãoána
- 5 - Che ánga remiekára.

## Note

Misericordiosa Mãe de Deus,  
 Santa Maria, Senhora minha,  
 Teus olhares carinhosos  
 São delícias de minha vida,  
 Desejada de minh'alma!



## Glosa

- 6 - Ababykagoereýma,  
 7 - Karaibebé poaitára,  
 8 - Ybakpóra mborypára,  
 9 - Tekotebēsabeyma,  
 10 - Añánga momosembára.  
 11 - Eneĩ norerekoára,  
 12 - Ikó che ñeéng paáma  
 13 - Jesus robaké noáma,  
 14 - Tekó katú angagoára,  
 15 - Tupá-sý angaturána.  
 16 - Ereikatú che peábo  
 17 - Añánga rekó sui:  
 18 - Che katuáoma rí  
 19 - Eneĩ che mboguatábo  
 20 - Nde angaturána rupí.  
 21 - Che iekyíme be korí  
 22 - Emokañé che raangára:  
 23 - Che ánga nde rausupára  
 24 - Erasó seroieupí,  
 25 - Santa Maria che iára.  
 26 - Abápe nde renoindára  
 27 - Osó teñé nde sui?  
 28 - Eñemosainá che rí:  
 29 - Noreausóba rerekoára  
 30 - Nde réra poáma iepí.  
 31 - Ybypóra aipó ei;  
 32 - Seyiñé nde rekasára,  
 33 - Apuába abé monbegoára  
 34 - Oimosáí tába rupí  
 35 - Nde resá porausubára.  
 36 - Otí koarasý oséna  
 37 - Nde berába robaké;  
 38 - Iasy-tatá knépe é  
 39 - Iñemimí, nde koéna  
 40 - Ára rorý pabeté.  
 41 - Apyába deiteé  
 42 - Oýbamo nde moána:  
 43 - Neĩ, neĩ epuáma  
 44 - Tereineéng opabeñé  
 45 - Che rekó katuáoma.  
 46 - Tupá Jesus nde menbýra  
 47 - Oimoĩ supí mbaé,  
 48 - Iangaipábae deiteé  
 49 - Oseká eté nde poguýra  
 50 - Diekosureynebé.

## Glosa

Virgem,  
 Dos anjos alentadora,  
 Animadora dos bemaventurados,  
 Tranquila  
 Eliminadora do Demônio!

Eia, pois, protetora!  
 Aqui está a minha voz confusa  
 A face de Jesus a erguer-se;  
 Felicidade espiritual  
 Misericordiosa Mãe de Deus!

Possas tu ir me afastando  
 Da presença do Diabo,  
 Para que eu seja feliz.  
 Eis-me a vencer caminho  
 No rumo de tua bondade!

Logo mais, quando eu morrer,  
 Elide os meus pecados!  
 Minh'alma, de ti afeiçoada,  
 Fá-la com que se eleve,  
 Santa Maria, Senhora minha!

Qual dos teus recorrentes,  
 Parte desajustado de ti?!  
 põe-te de sobre-aviso por mim.  
 Fonte de caridade...  
 Teu nome seja sempre erguido,

Pelos pecadores, neste instante;  
 Confluam os que te buscam  
 E os varões também, que se  
 [ confessam,  
 Multiplicam pela aldeia  
 Teus olhares carinhosos.

Envergonha-se a alvorada  
 Em face de teu fulgor;  
 As estrelas, de outro lado,  
 Ocultam-se, a emergir de ti  
 Dias felizes para todos.

Os homens, por isso,  
 Erguem-se à tua aparição.  
 Eia, eia! levanta-te!  
 Para que dês a todos  
 As delícias de minha vida.

Deus Jesus, teu filho,  
 Dispõe as cousas com justiça  
 E, por isso, os pecadores  
 Buscam, em verdade, tua ajuda  
 Quando querem ser felizes.



- 51 - Che angaipábo ramo abé  
 52 - Aipousú eté eté che iára,  
 53 - Iorí che pysyrösára  
 54 - Che moiekosúb iepé.  
 55 - Che ánga remiekára.

### III - AO SANTO ANJO DA GUARDA.

#### Estrilho

- 1 - Peiorí, apyabetá,  
 2 - Oiepe tiaimoeté  
 3 - Iandé karaibebé.

#### Copla

- 4 - Che raröána ybakygüára  
 5 - Karaibebé porénga,  
 6 - Einboé katú che ánga.  
 7 - Toikuáb ybáka piára.  
 8 - Che rúba, che rerekoára,  
 9 - Nde resé ño taguatá  
 10 - Eipeá che raangára,  
 11 - Peiorí, apyabetá,  
 12 - Oiepe tiaimoeté  
 13 - Iandé karaibebé.  
 14 - Tupã robaké eikóbo  
 15 - Che suí deresyryki,  
 16 - Nachemopyá tytyki  
 17 - Añánga che rsepekóbo.  
 18 - Deité mochý osóbo  
 19 - Datápe che reia  
 20 - Nde pó guýpe che moingóbo  
 21 - Peiorí, apyabetá,  
 22 - Oiepe tiaimoeté  
 23 - Iandé karaibebé.  
 24 - Che irúnano nemé  
 25 - Nde áne che rausubébo,  
 26 - Daeikatúí ñenonguyábo  
 27 - Tekó angaipábo pupé.  
 28 - Dotíi serä asé  
 29 - Marä oikóbo ára iá  
 30 - Oaróana robaké,  
 31 - Peiorí, apyabetá,  
 32 - Oiepe tiaimoeté  
 33 - Iandé karaibebé.

Eu, também, quando peço,  
 Procuro ansioso minha Senhora...  
 Ven, minha salvadora,  
 Faze-me sempre feliz,  
 Desejada de minh'alma!

#### Estrilho

Vinde, vades!  
 Veneremos, reunidos,  
 O nosso Anjo-da-Guarda!

#### Copla

Meu protetor celeste,  
 Anjo-da-Guarda formoso,  
 Adextra bem a minh'alma  
 Para que ela me indique o rumo do  
 [ céu!

Meu pai, meu mestre,

Para ti somente eu caminho...  
 Afasta as minhas tentações!  
 Vinde, vades!  
 Veneremos, reunidos,  
 O nosso Anjo-da-Guarda!

Estando tu diante de Deus,  
 Não me deixes em abandono,  
 Não tomes meu coração precipite  
 Ao encontrar o Diabo em meu  
 [ caminho!

E indo assim o perverso,  
 Ao avançar possa acolher-me,  
 Retendo-me sob tuas mãos.  
 Vinde, vades!  
 Veneremos, reunidos,  
 O nosso Anjo-da-Guarda!

Tu sempre comigo,  
 Eu, à tua sombra a agasalhar-me,  
 Não é possível me rebaixe  
 Em vida pecaminosa...

Jamais se encorjonherá  
 Quem assim viver, todos os dias,  
 Em face de seu protetor.  
 Vinde, vades!  
 Veneremos, reunidos,  
 O nosso Anjo-da-Guarda!



IV - DO SANTÍSSIMO  
SACRAMENTO DA EUCARISTIA

Estrilho

- 1 - Miyapé ybakygoára,
- 2 - Apyabebé rembiú,
- 3 - Che ánga rekó pukú.

Copla.

- 4 - Che anbyasý posánga,
- 5 - Che rekó tebê rupiára,
- 6 - Esepiák che maraára,
- 7 - Teresausubár che ánga.
- 8 - Iorí che rekó moánga,
- 9 - Miyapé ybakygoára,
- 10 - Apyabebé rembiú,
- 11 - Che ánga rekó pukú.

- 12 - Che ánga taygayba
- 13 - Che ánga ierobiasába,
- 14 - Ybipóra moesainbába,
- 15 - Ybakapóra rorýba,
- 16 - Moreausubára ýba,
- 17 - Miyapé ybakygoára,
- 18 - Apyabebé rembiú,
- 19 - Che ánga rekó pukú.

- 20 - Nde angaturáma ri
- 21 - Eiorí che poreausubóka
- 22 - Eipytybyrók che róka
- 23 - Nde pytasába iepí
- 24 - Taguatá ño nde rupí
- 25 - Miyapé ybakygoára,
- 26 - Apyabebé rembiú,
- 27 - Che ánga rekó pukú.

- 28 - Iangaturémbar supé
- 29 - Nyiapé tekobé iára:
- 30 - Ipochybae tasára
- 31 - Teõ oguár cioupé:
- 32 - Oiepe rbiú pupé
- 33 - Pesepiák tekó parába?
- 34 - Miyapé ybakygoára,
- 35 - Apyabebé rembiú,
- 36 - Che ánga rekó pukú.

Estrilho

Pão celestial,  
Dos anjos alimento,  
Subsistência de minh'alma!

Copla.

Consolo de minha angústia,  
Inimigo de meus males,  
Vê tu minha agonia  
Para que minh'alma agasalhes!  
Ao meu ser vem dar alento,  
Pão celestial,  
Dos anjos alimento,  
Subsistência de minh'alma!

De minh'alma deligência,  
De minh'alma consolação,  
Bálsamo de pecadores,  
Delícia dos venturosos,  
Arrimo dos desgraçados,  
Pão celestial,  
Dos anjos alimento,  
Subsistência de minh'alma!

Pela tua benaventurança,  
Vem, e meu sofrimento  
Expulsa de meu lar,  
Teu pouso de sempre,  
Para que eu possa viver só por ti,  
Pão celestial,  
Dos anjos alimento,  
Subsistência de minh'alma!

Aos que são justos,  
Tu, pão! essência da vida!  
Os que aceitam o que é mau  
A morte os tome para si...  
E no alimento que é um apenas  
Vêdes ainda variedade?  
Pão celestial,  
Dos anjos alimento,  
Subsistência de minh'alma!

237. O espaçamento entre as estrofes aparece apenas na edição de 1618. A transcrição das cantigas da edição de 1665 segue a forma da primeira, para que se facilite a comparação entre ambas.

238. Na tradução de PLÍNIO AYROSA, de 1941, encontramos, à p. 13, a seguinte observação (entre parêntesis, precedendo a «transcrição integral»): «Os textos, transcritos em ortografia simplificada, são os que se encontram na 2ª ed. do "Catecismo Brasileiro", de 1686, reimpresso facsimilarmente, em 1876, por Jölio Platmann». AYROSA não comenta as sensíveis diferenças entre as suas versões dos «poemas brasileiros» e nem fornece tradução da versão de 1618.



## ANTÔNIO DE MATOS

(1561 - 1645)

**DOCUMENTO:** INFORMAÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS PADRES E IRMÃOS DO RIO DE JANEIRO PARA O PADRE ASSISTENTE DE PORTUGAL EM ROMA. Rio de Janeiro, março de 1619.

**TEXTOS:** *Archivum Romanum Societatis Iesu*, *Bras.* 3(1), ff. 195r-201v. O título, segundo LEITE [1938], v. 6, p. 568, que indica assinatura autógrafa ao final da carta, é o seguinte: « Informação das ocupações dos P.<sup>os</sup> e Irmãos do Rio de Janeiro. P.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Assistente de Portugal em Roma - 1619, 12. Via. De Antonio de Matos mandada para Roma pelo P. Simão Pinheiro Provincial do Brasil. Março de 1619 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** A « Informação » de Antonio de Matos aparece publicada apenas por LEITE [1938].

**NOTA SOBRE O AUTOR:** ANTÔNIO DE MATOS foi estudante do Colégio de S. Antônio (Portugal) e entrou na Companhia de Jesus em 1577. Foi professor e administrador, chegando ao Brasil em 1593, onde residiu até morrer. Esteve em Angola em c. 1604 e preso na Holanda entre 1624 e 1628.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** BERNARD LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Livraria Portugalisa, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, v. 6, Apêndice A, pp. 563-568: « Informação do Colégio do Rio de Janeiro pelo P. Antônio de Matos, 1619 ».

[...]

[7.] (p. 564) Nem ate agora disse mais q̃ o q̃ fazemos nas Cidades, villas, e povoaçoens povoadas de moradores portuguezes e naõ as que fazemos nas aldeas dos Indios Brazis, e nas missoins, a que a seus tempos somos mandados ao sertão, e outras terras mui remotas em demanda de gentio, q̃ venha viver nas aldeas, q̃ estão a sombra dos Portuguezes. E fallando destas Aldeas, temos nellas a cura spiritual, qual he a que tem o parochio de suas ovelhas. E tras consigo montes de occupaçoens a quem se determina fazer este off.<sup>o</sup> com a devida perfeição e principalmente entre gente de pouca capacidade qual he commum.<sup>te</sup> a do Brasil. Aqui entra a cathequizar os gentios que se convertẽ à nossa Sancta fe, e bautizar os inocentes, e adultos, e outras cousas mais commas q̃ pertencẽ ao off.<sup>o</sup> pastoral. Temos cuidado de os domesticar nos costumes naõ som.<sup>te</sup> Christãos senão tambem politicos para q̃ saibão viver em paz e quando for possivel sem queixa naõ somente entre si senão tambem com os vizinhos portuguezes, para que saibão promover o culto divino, e ajudar a celebrar os off.<sup>os</sup> divinos com canto de orgão e instrumentos musicos<sup>239</sup>, e com a devida decencia. <...>

[...]

239 . RAPHAEL BLUTEN: *Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 155) informa: « instrumento, ou instrumento musico. Qualquer organo, que serve de fazer harmonia, sem intervenção da voz. Organum, aptatum ad usus canendi. Senec. Philos. O mesmo Author fallando em musica diz, instrumentum. Quando se pôde duvidar em que instrumento se falla, melhor he dizer, Instrumentum musicum ». Cf. tambem LUIS DA CÂMARA CASTILHO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1968, pp. 336-338).



## CAMARISTAS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO

DOCUMENTO: CARTA A EL-REI DE PORTUGAL. São Luís, 9 de dezembro de 1619.

TEXTO: GUILHERME STUART, o único a publicar este documento, no mesmo volume que imprimiu a « História Portuguesa » de SEVERIM DE FARIA e 44 outros inéditos de sua coleção particular, não fornece indicações muito precisas sobre o manuscrito. A carta, redigida pelo escravidão da Câmara João Barbosa de Caldas, leva na edição de STUART o seguinte título: « 9 de Dezembro de 1619 - Carta dos Camaristas de S. Luiz do Maranhão a El-Rei narrando a instalação da primeira câmara no lugar e serviços que vai fazendo ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: MANUEL SEVERIM DE FARIA - *História Portuguesa e de Outras Províncias do Occidente Desde o Anno de 1610 Até o de 1640 da Felice Acclamação de El Rey Dom João 6.º Escrita em Trinta e Hũa Relações Por Manoel Severim de Faria Chantre de S. de Evora Copiada na parte que diz respeito ao Brasil, pela 1.ª vez publicado e anotado pelo Barão de Stuart. Com um Appendix de quarenta e quatro Documentos, inéditos, pertencentes à Coleção Stuart. Fortaleza, Typ. Stuart, 1903. Doc. 306 (Apêndice), pp. 185-196.*

[...]

[10.] (p. 193) E asy deve V. Magd. mandar pera a gente q' vier e qua está armas espingardas arcabuzes q' serven p.<sup>a</sup> as guerras destas partes E quanto mais pequenos e leves milhores cõ seus frascos e polvora e as mais monições especialmente quatro bandeiras e hoyto tambores e quatro venables e duas trombetas bastardas<sup>240</sup> q' tudo he pera o serviço de V. Magd. e pera lhe fazermos hua grande colonia nestas partes e esperamos em deos q' com seu devino favor e com o que de V. Magd. e sua real grandeza esperamos pedimos avemos n.<sup>co</sup> codo de por esta conquista em bom estado edefiquando nella hua nobre sidade em q' se faça hua famosa colonia de christandade em estas partes de muyto Rendim.<sup>co</sup> a fazenda de V. Real Magd.

[...]

240. RAPHAEL BLUTEM (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1721, p. 306) informa: « Trombeta bastarda. Instrumento de metal, a modo de trombeta ordinária, mas tem o cano mais estreito, & o som mais agudo ». Também sob a designação "bastarda", o mesmo autor (v. II, 1712, p. 64) acrescenta: « Trombeta Bastarda, ou Bastarda (sem mais nada.) He cujo som he hua misto entre o som forte, & grave da trombeta legitima, & o som delicado, & agudo do clarim ». ISAAC NEWTON (Dicionário musical, 1904, p. 290) é mais sucinto: « é aquella que tem um tubo mais estreito que a ordinaria, e dá som mais agudo ».



## MANUEL GOMES

(c. 1570 - 1648)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DA ILHA DE SÃO DOMINGOS, VENEZUELA, MARANHÃO E PARÁ (AO P. GERAL VITELLESCHI). Lisboa, 22 de Janeiro de 1621.

TEXTU: Arquivo Romanus Societatis Iesu, Bras. 8, fl. 334r-338r. Data (no final da carta): « 22 de Janeiro de 621 Collegio de S. Antão [Lisboa] ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este documento foi publicado apenas por LEITE (1938), sem maiores indicações sobre o original e outras versões existentes.

NOTA SOBRE O AUTOR: De acordo com SERAFIM LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Livraria Portugalis; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, v. 3, Apêndice B, pp. 427-431: « Manuel Gomes - Informação da ilha de S. Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará (1621) ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Livraria Portugalis; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, v. 3, Apêndice B, pp. 427-431: « Manuel Gomes - Informação da ilha de S. Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará (1621) ».

## [4] INFORMAÇÃO DA ILHA CHAMADA MARANHÃO

[1.] (p. 429) Ho que agora chamão Maranhão he huma ilha duas legoas da terra firme, a qual fazem os rios Muni, Itapurucu, e Meari, os quaes se aiuntão em hum, antes de esboquar no mar, deixando esta ilha no meyo, tem dezoito legoas de comprido, e cinco de largo e como esta na boca dos rios tem duas barras huma de maes de tres otra de maes de cinco, nesta ilha tinhão os francezes suas fortalezas daqui os lançamos tomandolhe a artilharia cõ todos os petrechos de guerra e fizemos tres fortalezas nesta ilha e terra firme nos ocupamos na salvação das almas, levantando cruces e igrejas cõ musica e charamelas<sup>241</sup> que eu levava, cantando aos dias santos e domingos nissas de canto de órgão<sup>242</sup> com os cantores Indios que do Brasyl levava, para afeioarmos os aninos dos Gentios a nossa Fee, e para verem a diferença que avia de nos aos hereies. Nos povos a que chegava mandava todos os dias fazer sinal cõ huã campainha pella manhã aiuntandosse na igreja, eu ou o Padre meu companheiro lhes ensinavamos as orações pregavamos dando noticia de Deus, do misterio da Santissima Trindade, da encarnação do Verbo Eterno, e dos maes milagres de nossa santa fe, repartindo o catecismo e instrução por dias logo se dizia huma missa.

[2.] A tarde mandava fazer o mesmo sinal e depois de lhe ensinar as orações continuavamos cõ o catecismo antes da noite se tornava a fazer o mesmo sinal, a que acodião os meninos, e saindo da igreja em procissão davão volta pello povo, cantando as orações, entoando hum de nossa casa ao qual seguião os maes, recolhendosse na igreja, se lhes contava laguna historia, isto tudo pella lingua Brasylica, curavamos aos doentes, aplicando as



mesinhas que a charidade nos ensinava, levava quatro sangradores e muitas vezes acontecia antes da missa mandar fazer vinte sangrias por aver huma doença perigosa, emfim eramos enfermeros. apos os remedios do corpo applicavamos os da alma, catequizando, bautizando, ajudando a bem morrer, levandoos a enterrar, dizendo-lhe respostas, e como as doensas forão muitas, padecemos muito trabalho, levantandonos da mesa a acudir aos doentes para que nos chamavão. Tres casos apontarei, deixando otros.

[3.] Estando hum dia levantando huã cruz que de ordinario passavão de sesenta palmos de comprimento, por aver naquellas partes maderos altissimos, cõ musica e charamellas, pregava o Padre companhero as mersês que o Senhor por meyo daquelle santissimo sinal nos fazia, disseme hum principal se he verdade isto que nos pregaes rogai a Deus dê saude a meu filho que esta mal, respondilhe fizesse elle a petição pois em sua povoação levantamos a cruz ao que tornou se vos não oasas a lho pedir, que o conheceis, como o farei eu que o não conhesso, rogeilhe nos pusessemos de Joelhos e repetisse o que eu dissesse. Fe-lo elle assi. Fizemos oração a Deus, ovio-o o Senhor e recolhendose em casa achou o filho são.

[...]

241. RAFAEL BUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 277) descreve a charamela: «Instrumento de assopro, a sodo de trombeta direita, sem voltas, de certas madeiras fortes. Guerea alguns, que Charamella, se derive do Grego Char, que val o mesmo, que alto; porque nos apulheiros da charamellas se occupam quasi todos os dedos de ambas as mãos. Para distinguir este instrumento de outros instrumentos de boca, que não são tão grandes, nem fazem tanto estrondo, eu lhe chamarei. Decumana tibia, ae. Fee.». DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. II, 1873, p. 196) parece se referir a outro tipo de charamela, pois o descreve como «Instrumento de musica pastoril, flauta delgada que tem o som de tiple muito agudo; e de pequenas dimensões; e o seu diapasão alto chega a duas oitavas». De fato, ERMESTO VIEIRA (*Dicionário Musical*, Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890), citado por PEDRO SINICÓ (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 149), informa haverem três tipos: a charamela "bastarda", a "mole" e a "charamelinha". MARCO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1985, p. 129) dá «Instrumento de sopro, pequena flauta delgada, sem chaves, de som muito agudo. O mesmo que pifano, pifaro [?], chorumeia, xorumeia, charumeia». TOMÁS BORRA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 306) acrescentam: «A charamela propriamente dita tinha, porém, uma característica muito especial e muito sua que convém mencionar, porque nunca a perdeu sendo quando de fato se calou, para ficar nos museus instrumentais: a cobertura da sua palheta por um tubo semelhante ao que tiveram os flautóides, impedindo-a por completo em contacto directo com os lábios do tocador. Este soprava no tubo condutor, e era pela força do ar expellido que o agente sonoro, posto a distância, ressoava sem suavidade nem doçura, mas com uma rudeza de timbres tal que afligia, arrepiando os ouvidos dos mais conformados com a inevitável aspereza de tão esquisita timbração. Os sucedâneos imediatos em função da clássica charamela (o oboé, o clarinete e o fagote) sem de longe lembram sequer a triste odisseia da sua amargurada vivandeira». Cf. também ISAC MENTON (op. cit., 1904, p. 65). RUI DE PINA (*Crônica de El-Rei D. João II*, 1950, cap. XLIX, p. 133), escrevendo em 1792, dá outra variante do termo, relatando uma cena portuguesa de 1491, onde houve «grande estrondo de bastardas, chorumeias, e muitos tiros de fogo». TOMÁS BORRA e FERNANDO LOPES BRAGA (op. cit., v. I, 1962, p. 470) informam que «André de Escobar, português do século XVI, escreveu um manuscrito hoje perdido, *Arte musica para tocar o instrumento da charamelinha*» e cito [idem, entre as pp. 388-389] uma gravura antiga, onde se vê uma charamela. O músico seiscentista português JAMILLÃO DE GÓIS & (*Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel*, 1536, v. II, parte III, p. 93) descreve seu uso já em 1513, na estraca de três embalsadores portugueses em Roma: «Primeiramente vinhão seis trombetas, e seis charamellas, e depois hum índio sobre hum fermoso cavallo». Cf. a GÓVARRA II.

242. MANUEL BONES II, aqui, com exatidão, as ocasiões em que eram celebradas missas de tanto de órgão: «as missas santos e anjinhos».



## MANUEL DA ILHA

DOCUMENTO: NARRATIVA DA CUSTÓDIA DE S. ANTÔNIO DO BRASIL, OU RELAÇÃO E NÚMERO DAS CASAS E DAS DOCTRINAS NELA EXISTENTES OUTRAS COISAS DIGNAS DE MEMÓRIA, ETC.. Convento de Santa Catarina de Carrota de Portugal, 30 de agosto de 1621.

TEXTO: Autógrafo em latim. Arquivo da Província Franciscana de S. Bregório de Festrana, Espanha, Registro de Curia Discalceatorum [...] et Recolitorum, n.º 52-A, tomo II, ff. 270r-312r [antes, riscado, ff. 54r-55r]. Do f. 302v, saltou-se para o f. 304r. O título que, segundo Ildefonso Silveira (cf. publicação utilizada, p. 10) «tem início numa folha e completa-se na seguinte, através de quase todo o manuscrito até f. 300r», é o seguinte: «Divi Antonii Brasiliæ Custodiarum enarratio seu relatio numerique domorum et doctrinarum quæ in illa sunt necnon aliarum rerum narrationis dignarum, etc.». Data (última frase do texto, f. 312r): «et memoria dignæ excerptis lingue, quæ mihi non parva negotii fecerunt illas investigando, ut hæc certa veræque relatione in lucem prodirent. In quarum fide et veritate propria manus subscribo in conventu Sanctæ Catharinæ a Carrota Portugalliarum, die trigesimæ augusti anni 1621. Fr. Emanuel Insulanus A.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A Narrativa, referente à «Custódia de Santo António», portanto, no período de 1584 a 1621, foi unicamente publicada por Ildefonso Silveira em 1975, criteriosamente transcrita e traduzida, com desdobramento de abreviaturas e numeração de parágrafos.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ MONTEIRO RODRIGUES (História da história do Brasil), 1979, livro VI, cap. 15, n.º 2, p. 340), «Frei Manuel Insulano (da Ilha) pregador e membro da Província de Santo António terminou sua Narrativa atestando que conforme a prescrição e ordem a ele dada pelo Frei Benigno de Gênova, ministro geral de toda a família franciscana, leu e extraiu todas as coisas dignas de memória e as relações sobre a custódia brasileira longa e cuidadosamente por ele procuradas e investigadas».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA (COM TRADUÇÃO PORTUGUESA): FREI MANUEL DA ILHA - Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil - 1584-1621. (Texto bilingue. Introdução, notas e tradução portuguesa por Frei Ildefonso Silveira, O.F.E.). Petrópolis, Vozes, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. 143 pp.

## TEXTO LATINO

[...]

51. <...> [f. 285r] (p. 65)  
custos frater Henricus cum ceteris  
religiosis, qui primo tunc in  
indiam orientatem navigavere,  
quoddam altare erexere prout melius  
potuerunt et rem divinam  
celebravit [f. 285v] et fuit  
celebrata; sed vix non erat  
confecta cum incolæ ethiopes magis  
ad rubeum colorem declinantes,  
nudi, suos arcus et sagittas in  
manibus gestantibus ut bruti et  
agrestes pervenire, admirati sua in  
regione videndo homines indutos, et  
non plus missæ ceremonias et  
musica instrumenta quibus  
celebrabatur. <...>

[...]

## TRADUÇÃO

[...]

<...> (p. 65) Frei Henrique  
celebrou a santa missa [em "Porto  
Seguro", a 19 de maio de 1500], que  
foi a primeira celebrada pelos  
Religiosos Menoritas em toda aquela  
província e região, até o momento  
inculta. Não findaram ainda a missa  
quando apareceram indígenas, de cor  
avermelhada, nus, brutos e  
agrestes, com arcos e flechas nas  
mãos, admirados de verem em suas  
terras homens vestidos e não menos  
de contemplar as cerimônias da  
missa e os instrumentos musicais  
que a solenizavam. <...>

[...]



71. [f. 283v] (p. 88) De  
Doctrina Sancti Michaelis de Igua.

Doctr. 2  
<...>

72. (p. 89) Ingressis tamen  
ad hos evangelicis praedicatoribus,  
paulatin eos ad orthodoxam fidem  
reducerunt, baptizantes illico  
infantes, parentes catechizantes,  
ut mos est, et omnes alios, qui  
noviter a montanis et memoribus  
ducti Spiritus Sancti impulsu  
veniunt. In quo opere maximum Deo  
obsequium praestant quoti(p. 90)die  
quatuor religiosi, qui semper illos  
in quodam receptu instar conventus  
comitantur, quem ipsi neophiti ex  
lignis et parietibus luteis cum  
quadam pergrandi ecclesia  
construxere. Et praeter fidei  
doctrinam, quam gentilibus illis  
communicant, etiam eorum filios in  
legendo et scribendo exercent; et  
illorum quam plurimi musicis  
artibus canendi et pulsandi omnia  
instrumenta, quibus diuersis festiuis  
rem divinam decantant, sunt periti.  
<...>

[...]

87. [f. 298r] (p. 108)  
Relatio Rituum et morum regionis  
Brasiliae.

[...]

<...> Habent inter se  
aliquos principales magis ad bellum  
quam ad pacem deputatos, quibus  
nullum solvunt tributum; sed solum  
eos invitant ad bibendum, cum  
habent aliisque leguminibus coctis  
et mansis (p. 109) per virginis et  
dilutis aqua, quousque fiat acetum,  
conficiunt. Non bibunt quando  
comedunt, sed cum saltant et  
canunt. <...>

[...]

(p. 88) A Doutrina de São  
Miguel de Igua.

2ª Doutrina  
[...]

(p. 89) Indo para lá ["São  
Miguel de Igua", na "Capitania da  
Paraíba", em fins do século XVI],  
os pregadores evangelicos [franciscanos]  
paulatinamente os conduziram  
[os "indígenas"] à verdadeira fé,  
batizando logo as crianças, cate-  
quizando os pais, como é costume, e  
todos aqueles que ultimamente  
vinham chegando das serras e matas,  
sob impulso do Espírito Santo.  
Nesse trabalho, quatro Religiosos  
prestam diaria(p. 90)mente a Deus o  
máximo obsequio; fazem sempre com-  
panhia aos índios num recinto seme-  
lhante a um convento que os mesmos  
construíram, com uma grande igreja  
de madeira e com paredes de barro.  
Além do catecismo que ministram aos  
indígenas, ensinam também aos  
filhos deles leitura e escrita.  
Muitos dentre eles são mestres em  
música tanto vocal como instrumen-  
tal, com o que nos dias de festa  
solenizam o culto divino. <...>

[...]

(p. 108) Relação dos ritos e  
costumes dos índios do Brasil.

[...]

<...> Entre se têm ["todo gen-  
tío da Província do Brasil"] alguns  
principais, "um capitão mais para a  
guerra que para a paz". "Porém nes-  
a estes, nem ao maioral pagam os  
outros algum tributo ou vassalagem  
mais que chamá-los quando têm vi-  
nhos, para os ajudarem a beber, ao  
que são muito dados, e os fazem de  
mel ou de frutas, de milho, bata-  
tas, e outros legumes, mastigados  
por donzelas e delidos em água até  
se azedar, e não bebem quando (p.  
109) correm, senão quando praticam,  
ou bailando ou cantando".<sup>243</sup>  
<...>

243. Nota de FLEFONSO SILVEIRA, nesta edição (nota 66, p. 146): «Em os n.ºs 87, 88, 89 nossa Narrativa depende da  
narrativa Crônica de Frei Vicente do Salvador, de 1628. Por isso, em vez de traduzir com próprias palavras o texto  
latino, colocamos entre aspas o texto de Frei Vicente do Salvador, repetido pelo mesmo na sua História do Brasil, Livro 1,  
cap. XII-IV 1.



**MANUEL DE ARAÚJO**  
(1590 - após 1639)

**DOCUMENTO:** EXTRATO DE ALGUMAS COISAS ESCRITAS DO BRASIL NO ANO DE 1621. s.l., 31 de dezembro de 1621.

**TEXTO:** Publicado nas pp. 119-136 de *Lettere Anue* (é o 49 documento), seu título encontra-se na p. 119 (114): « Estrato ; DI ALGUNE COSE | Scritte Dal Brasile | Nell' Anno MDCCXXI ». Na p. 136 (134) vem o autor, ao final da carta: « Per ordine del P. Rettore Ferdinando Cardin. | Michele Araujo. ». A data se encontra à última linha do texto, p. 136: « l'vltim di Decembre. 1621 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Esta carta também aparece na *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brasil, et es Indes Orientales...* (Paris, Sebastian Cramoisy, 1628).

**NOTA SOBRE O AUTOR:** SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VIII, 1950, p. 64) informa: « Nasceu em 1590 em Viana do Alentejo. Entrou na Companhia na Baía de 1608. Aprendeu a língua tupi, na fideia da Escada (Pernambuco), onde estava com o P. Luiz Figueira e, 1619. Voltou à Baía, onde em 1621 era Mestre de Humanidades. E em 1633, à data da invasão holandesa, residia, já Padre, no Colégio de Olinda. Deixou de pertencer à Companhia em 1639 ».

**EDIÇÃO UTILIZADA:** LETTERE | Anue | D'Étiopia, Malabar, | Brasil, E Goa. | Dell' Anno 1620. fin' al 1624. | Al Molto Reuer. in Christo | P. Mtio Vitelleschi | Preposito Generale della Com[panhia] di Gesu. | (grav.) | In Roma, Per Francesco Corbellotti. MDCCXVII. (1627) | Con Licenza de' Superiori. [16 X 10; 343 pp.] (BIB: JP-1-9).

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** PAULO CASTAGNA.

**TESTO ITALIANO**

**TRADUÇÃO**

[2] (p. 128) Collegio, e  
Residenza del Fiume  
Gennaro.

Colégio e Casa do Rio de  
Janeiro

[...]

[...]

[7.] (p. 130) La selua  
Goitaca, piena di barbari, e  
seluaggi, ha cominciato à rendere  
qualche frutto degno de' celesti  
giardini, mercè alla coltura  
incredibile de' nostri; tra l'altre  
opere, l'vna è, che richiesti d'  
nostri à dargli li bambini per  
battezzargli; n'offeriono tredici,  
de' quali abbelliti con l'acqua  
battesimale, vndici n'andarono al  
Cielo, ad intercedere per li loro  
genitori; per meglio addolcire  
questi ad offerirgli alla sacra  
fonte; determinarono li nostri di  
dare sepoltura à quei felici  
corpiciuoli, con funerale di  
qualche nostra; Per tanto due Padri  
con la Cotta in dosso, accompagnato

A selva goitacá, repleta de  
bárbaros e selvagens, começou a  
render algum fruto digno de jardins  
celestes, graças à incrível  
dedicação dos nossos. Entre outras  
obras, uma foi, a nosso pedido, o  
batismo dos meninos. Apresenta-  
ram-se-nos treze, dos quais,  
abençoados com a água batismal,  
onze se foram ao céu, a rogar por  
seus próprios pais, para melhor os  
mitigar, oferecendo-lhes a sacra  
fonte. Determinaram os nossos que  
se sepultassem aqueles felizes  
corpúsculos, com funerais de alguma  
nostra. Para tanto, dois padres com  
sobrepelizes às costas, acompa-  
nhados de muitos índios, com tochas  
acesas e ao som de sinos, com vozes



da molti Indiani, con tiaccole accese, à suono di campane, con voci di canto, gli condussero alla Chiesa. Stavano meravigliati li barbari, e rallegrati dal non più veduto spettacolo, si resero poi molto cortesi à simili rechiede. <...>

[8.] <...> (p. 131) Nel giorno poi della festa, egli stesso cantò il vespro solennemente, vi sù musica triplicata, stromenti varij, addobbi pretiosi, e con vna bellissima processione si terminò tutto; <...>

de canto os conduziram à igreja. Estavam maravilhados os bárbaros, alegrados pelo espetáculo nunca visto, voltando-se depois muito corteses a semelhantes convocatórias. <...>

<...> No dia seguinte à festa ["para a beatificação do B. P. Francisco Xavier"], ele mesmo cantou as vésperas solennemente, a 3 coros, instrumentos e ornamentos preciosos. Ecom uma bellissima procissão se terminou tudo. 244 <...>

244. Na *Histoire de ce qui s'est passé* (Paris, Sebastien Cramoisy, 1628, p. 164), este trecho vem escrito da seguinte maneira: « Le jour de la feste il officia à vespres, où il y eut vne musique excellente à trois chœurs de voix & d'instruments ».